Do Egito
Chamei
Meu Fílho



Z1^^G39-A1
son (noun)

Do Egito Chamei meu filho



Welington Corporation



CARPIDEIRAS EGÍPCIAS



Outros estudos e meditações

https://twitter.com/WelingtonCorp (LISTAGEM)

https://www.facebook.com/estudodecantares/

http://www.wellcorp.blogspot.com/

https://www.facebook.com/groups/1814989148826822/

https://plus.google.com/u/0/+WelingtonFerreira

(Vários trabalhos, diversas autores, disciplinasde de apoio ao estudo bíblico)

Trabalhos preferidos do autor, pelo autor:

https://welingtoncorporation.files.wordpress.com/2017/02/encantando-serpentes.pdf - *ENCANTANDO* SERPENTES

https://welingtoncorporation2.files.wordpress.com/2016/12/herc3b3i.pdf - *JESUS O MISTÉRIO DO HERÓI*

https://wellcorp.files.wordpress.com/2016/11/a-cruz.pdf - *O MISTÉRIO DA CRUZ*

https://drive.google.com/file/d/0By1iKlamoOu6eGtiZnFldnlPZHM/view - *ESTUDO COMPLETO DE CANTARES DE SALOMÃO*

https://welingtoncorporation2.files.wordpress.com/2016/11/jesus-atravc3a9s-do-espelho.pdf - *JESUS ATRAVÉS DO ESPELHO*

https://docs.google.com/document/d/1t5n-fHrY0A71TJr3aSvraWOVaWB6iPQpasUxOktyDXA/view
POR AMOR A GOMER

https://docs.google.com/document/d/18lWco_TlhUkyfYhgLDEDCycj4vd8YkhXVvnQuE6w5As/view
SOBRE O PRESENTE E A DÁDIVA

https://docs.google.com/document/d/1VMxApaRzdsdjImgK18HfaKpIsIcVJ9eqK6BvkyYmrfU/view
O MONO AWARE DA PALAVRA ESCRITA – O USO DA EMOÇÃO NAS ESCRITURAS PELO ESPÍRITO DE DEUS

https://docs.google.com/document/d/1h-K11jZKNT2d1D6xeepGQK6g1ljuBD2xKKWoaeUQcU8/view

O ASSOMBROSO E AS ESCRITURAS

https://docs.google.com/document/d/1F7vskrnZMcE0eB5_v9ZNIxvd7la5L8c9nAavQ4Ue1bE/view

ONDE HABITAM OS MONSTROS

https://docs.google.com/document/d/1w4RhxLZrj5XAbeaZkkLye9Tku06hiy9hZ0HtleAwWGc/view

Estudo sobre a Ceia de Cristo

https://docs.google.com/document/d/1e4NNiZv9ePi3XbrmFiBebO-ClUGzI_2LHw7x2KKqFE4/view

O livro de Ester

https://docs.google.com/document/d/1EbQEPj3SqfBA4nb5f6N2C95uS8-FoYbOeHqjnOQ_nQ4/view

Danças e adoração

https://docs.google.com/document/d/1ljscleSyAdfOSGwuznJvz5nDfduxMyOyBfvZLgsra0g/view

A perfeição de Cristo

https://docs.google.com/document/d/19DACLh-Oq1xaFNZbOTdTuohRzbWBYWawFguYdzjQw9Y/edit

Of course! Não podia faltar – a moça bebada de Apocalipse

https://drive.google.com/file/d/0B_fUj9Htg3KaeHVHc09sTmZwdzQ/view?usp=sharing

Sobre o Leviatã



INTRODUÇÃO I

Nós temos uma pequena noção do arcabouço egípcio das Escrituras. Não que as Escrituras se baseiem na cosmogonia ou se inspirem na teologia e mística do antigo Egito. Antes, porque Deus amou o Egito. E amou de tal maneira, que deu seu filho único, para resgatá-lo do *totemismo*, ou qualquer que seja o nome da realidade religiosa que deu origem ao politeísmo egípcio. A doutrina das Escrituras e sua pedagogia espiritual traçam paralelos com o mundo psicológico egípcio que a maioria dos leitores das Escrituras desconhece por completo. Esse estudo possui um caráter profético, apesar de beber abundantemente nas águas do Nilo, mas não se afoga nele. O Egito está presente em diversos momentos da história bíblica, é representado de diversas formas: literalmente, simbolicamente, espiritualmente, profeticamente. Da paixão de um faraó por Sarai, esposa de Abraão até ao instante em que os corpos de dois profetas são deixados a apodrecer a céu aberto numa cidade que espiritualmente é chamada por um anjo de "Egito" em Apocalipse; da saída do povo israelita sob jugo de outro faraó, até o instante em que José tem um sonho e emigra por cerca de 7 anos com Maria e Jesus recém-nascido para Menphis, no casamento de Salomão com uma princesa egípcia, seja na forma egípcia que dá aos seus poemas e provérbios, na forma egípcia que os salmos se apresentam, na exportação internacional de uma teologia, mítica e mágica que impactou a cultura dos povos asiáticos, indianos, orientais e africanos, assim como a sua base cientifica, linguística, cultural, condensada em "sabedoria egípcia" que impactou profundamente as civilizações que foram contemporâneas do Egito em seu apogeu.

Do "Egito chamei meu Filho" é uma aventura impressionante, que auxiliará os professores bíblicos a compreenderem profundas questões proféticas e espirituais sobre a pessoa de Cristo, como ele fosse observado aos olhos de um antigo sacerdote de Heliópolis, que ao contemplar toda a beleza espiritual de Jesus, toda a grandeza dos seus feitos, toda a dimensão de sua obra, ficasse para sempre, maravilhado.

INTRODUÇÃO II (DE JESUS ATRAVÉS DO ESPELHO) – QUE SE PRESTA BEM TAMBÉM PARA ESTE ESTUDO:

Há uma linguagem simbólica no inconsciente, os sonhos são a prova de que nós continuamente reinterpretamos a realidade, simplificando conceitos de modo simbólico. A alma humana possui uma esfera inalienável do lúdico, ela trata de muitos assuntos como se fosse uma atividade prazerosa, recreativa, é como a linguagem que associa coisas a sons e sinais gráficos que chamamos de letras, mas que podem ser representadas por pictogramas como o antigo egípcio ou como a língua chinesa. A mágica também trabalha condensando conceitos invisíveis, tais como a paixão, reduzindo a atos simbólicos tais como a poção do amor, porque compartilha da mesma natureza simbólica da linguagem humana. A consciência mágica, ou a interpretação mágica do universo é um fenômeno universal porque faz parte da psique humana. A criança se extasia diante do universo, ela se maravilha com a água, com o fogo, com o ruído dos animais da floresta, com as estrelas da imensidão, com a beleza do luar ou se assusta com a própria voz. Essa capacidade de "encantamento" faz parte do modo poético com que nossa alma percebe a vida, percebe a existência. O Espírito de Deus usará desta característica da alma humana, do desejo do fantástico, da necessidade de controlar o incontrolável (as forças da natureza) de enxergar o invisível (os poderes espirituais) e o desejo da mudar a própria sorte, dirigir o próprio destino para a felicidade (afastar a maldição, atrair a benção e a sorte), e todos os símbolos de realidade espiritual (transmutação, recriação, reconciliação, redenção, salvação, purificação, regeneração, renascimento) que são válidos e presentes no pensamento mágico - toda disciplina espiritual exercida na Igreja de Cristo – oração, intercessão, abstinência do pecado, pureza, santificação, comunhão, adoração, meditação, concentração, estudo, disciplina, memória, confiança, capacitação, exercício, repetição, controle - tem um análogo dentro do pensamento mágico. Um mago se sente em casa ao converte-se ao Evangelho, porque as práticas e disciplinas espirituais não estão distantes das coisas que estão sendo praticadas por milhares de sacerdotes e magos em milhares de religiões. Essa SIMILARIDADE não é coincidência. As práticas mágicas são, na maioria vãs, quando não prejudiciais aos praticantes. A maioria delas, senão todas, conduzem a espíritos malignos, associam-se a poderes espirituais, ligam o ser humano a invocação de forças ocultas que necessariamente manifestam o arcabouço de contrariedades, desgraças e coisas do gênero da estrutura invisível de Poderes, Potestades, Domínios e Soberanias. Porém a didática oculta nas coisas mágicas é ABUNDANTEMENTE utilizada nas Escrituras para falar ao coração do ser humano, esse sujeito ao mesmo tempo, religioso, lúdico e mágico. Todo o Velho Testamento BEBE até não se conter no imaginário mágico dos povos para que as sombras das realidades espirituais e os ensinos divinos contidos na Lei e nos Profetas encontre acesso aos corações dos povos. É tão envolvente a realidade mágica no ser humano que a CIENCIA hoje atua como se fosse ramo da mesma. A CIENCIA moderna odeia a DEUS ela anseia substitui-lo de modo absoluto, ela age no papel que a magia tinha nos velhos santuários, vindicar o papel humano e a vontade humana num mundo maldito, independente da

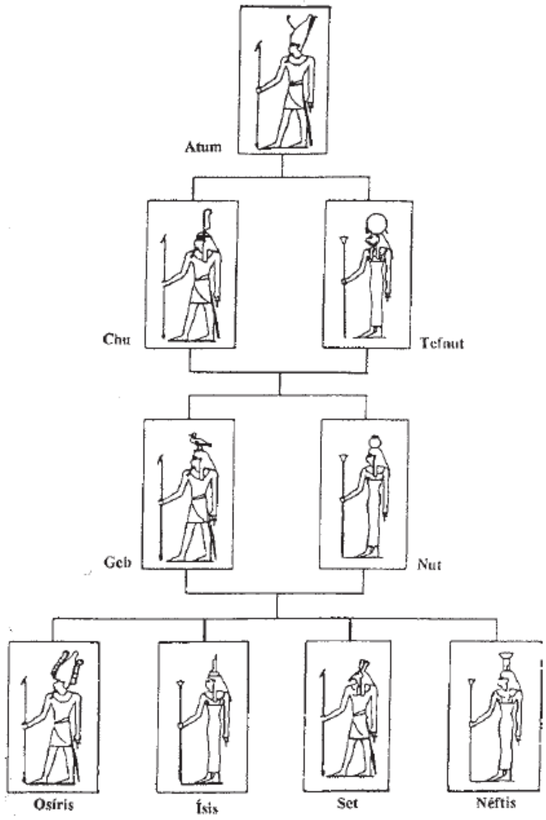
vontade dos deuses. São inúmeros os paralelos que poderíamos traçar entre a ortodoxia cientifica, a filosofia ou pensamento cientifico e o pensamento mágico. É nesse "mundo" de paralelos que o Espírito de Deus está interessado quando descreve atos proféticos nas Escrituras, e que fazem o Velho Testamento INTERESSANTISSIMO. O supremo pedagogo vai usar até a exaustão o pensamento mágico para ensinar ao mundo de outrora o significado e os paralelos das coisas espirituais verdadeiras, das coisas de real valor para a alma e a salvação humana, vai revelar a natureza escondida dos milagres, irá DESNUDAR a realidade, dura realidade, por detrás das cortinas espirituais, vai revelar os segredos das mágicas dos farsantes, em especial dos espíritos trambiqueiros, mentirosos, impostores, (dos que se diziam dono do mundo e senhores das gentes... só que não...)

Cada ato profético das Escrituras, e tudo que diz respeito a pessoa de Cristo possui uma mensagem celestial que se assemelha a uma doutrina mágica em alguma religião de mistério da antiguidade. A visão primitiva do mundo é essencialmente mágica e a apresentação do Messias para o mundo gentílico será deslumbrante em termos de mistérios absolutos e de saberes do inefável, agindo nas esferas espirituais e terrenas, para maravilhamento dos sacerdote-feiticeiros de toda a terra. Para que a doutrina de Cristo fosse mais sublime, mais poderosa e mais profunda que qualquer segredo arcano, visão espiritual ou sagrada dos povos de toda a terra.

CAPITULO I

As Escrituras dançam sobre uma extensa temática egípcia. A Palavra divina se assemelha para mim com uma moça egípcia. Como se uma dançarina de longa cabeleira negra de vestes ora festivas, ora trágicas, vestes de luto e vestes de festa, trajes cereimoniais ou vestes de casamento, tendo tamboris em suas mãos, se tornasse em poesia, em representação escrita. Como se ela, a bela dançarina egípcia, não nomeada, traduzisse suas contradições aparentes, as cenas descritivas que contrastam suavidade e melancolia com ruído de cascos de cavalos de guerra, o canto pastoril e os gritos de guerreiros, o perfume da rosa de Sarom e do bálsamo, o folguedo e o riso de festas regadas a vinho com os lamentos de velórios e cortejos fúnebres. A santidade absoluta de um Deus de justiça plena, morando transitoriamente numa tenda tecida em pele de cabra, caravaneando entre cidadelas do deserto e e fortalezas encravadas em montanhas, próximas a vilarejos de prostitutas cultuais, de cânticos profanos e lugares terríveis onde crianças eram assassinadas à deuses estranhos. A Palavra Escrita, poeticamente falando, me parece uma ode, a entoação de um cântico espiritual, mas na forma de um elaborado cântico egípcio. Assemelha-se a esta exímia dançarina egípcia, exercitando danças sagradas com requintados gestos rituais cada um com seu arcabouço de significados, ora a frente de homens que se consideravam deuses, ora diante do choro religioso diante de seus monstruosos túmulos, chorando abundantemente a morte dos mesmos homens... que se diziam deuses.

A Palavra de Cristo visita em Apocalipse a moça bêbada sentada numa besta escarlate, que embora se vista como babilônica, é somente uma vestimenta de seu extenso guarda-roupa, já é nas terras do Egito que nascerão os rituais do desejo, em templos cheios de imagens eróticas, de tal modo que parte das declarações que os mortos necessitam realizar diante do tribunal das deusas da antiguidade era a mentira idealizada: Eu nunca me masturbei nos templos dos meus deuses”



A *Pesedjet* de Iunu: presença significativa do critério numérico de base 2 (casais divinos).

Interessante frisar que a profecia bíblica "Faço justiça até a quarta geração..." está indiretamente fazendo referencia as quatro principais gerações de deuses egípcios, a famosa enéade. Ou seja, o Deus de Israel tinha poder suficiente para vindicar fazer algo hoje que ainda teria reflexo até a quarta geração na família de quem ele realizou o ato. Significava que se batesse em Atum, até a Neftis teria caído no chão.

Quando Abraão decide dizer que é irmão de Sara quando peregrina na terra do Egito, ele possui excelentes razões para faze-lo. A época é a da primeira dinastia, pouco após o período em que o Egito como conhecemos hoje ainda estava em formação. Abraão está num tempo onde existem dois soberanos que ostentam a coroa de Faraó, senhores das terras baixas e das altas, num tempo em que a religião de toda a terra ainda realiza abundantes sacrifícios humanos. As pinturas dessa época e mesmo de dinastias posteriores com de escravos sem cabeças não são meras ilustrações nas paredes de certos templos.

A profecia que dirá que Deus tirou sua videira do Egito e a replantou em Israel é de profundo significado. E é engraçada. Era o Egito a terra do melhor vinho produzido na antiguidade.

8 E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama **Sodoma e Egito**, onde o nosso Senhor também foi crucificado.

Apoc. 11.8

O futuro que aguarda a terra é bastante intenso. Uma das visões dadas por Jesus relata um evento futuro que envolve a guerra de um mundo, todo o mundo, contra duas pessoas. E não é o mundo que prevalece contra elas. E não são pessoas comuns. São profetas, semelhantes àqueles que lemos nos textos do Velho Testamento, robustecidos por uma dose de poder divino de dimensões desconhecidas pela humanidade, ao menos até aquele momento. E, como sempre, mal recebidos, maltratados, repudiados. Os poderes mundados, o sistema secular, o mundo que virá os rejeitou. Os poderes que governam a terra nessa época, os mandatários dos domínios humanos, não os querem ecutar e decidem assassiná-los. Como sempre. Só que dessa vez, algo dá errado. Muito errado. Normalmente a turba maldita sempre em maior número e armada até os dentes capturava, torturava e matava no menor tempo possível aos profetas enviados por Deus. Mas, no tempo do fim isso não será ssim tão fácil. Os dois profetas que virão a terra, ou que nela já estão, em algum lugar onde o tempo não passa como para nós, pessoas normais, são "osso-duro-de-roer". Estão debaixo de uma comissão divina que os impede de morrer até terminarem o que tem de realizar. E o mundo tentará ardentemente acabar com esse ministério profético. E usará de todos os recursos possíveis e imagináveis para fazer com que calem sua boca. Em vão. Por 1260 dias, quase 3 anos e meio, os rebeldes resistirão a tudo. Todos os exércitos da terra e todo seu armamento não será suficiente para feri-los. Ou ao menos, para exterminá-los. Até que FINALMENTE morrem em algum lugar da terra que ESPIRITUALMENTE é reconhecido por Deus como SODOMA e também como EGITO. A associação destas duas palavras, uma cidade cananita e um estado da antiguidade é deveras importante. Compreender a religiosidade egípcia e o comportamento dos sodomitas vai **esclarecer a junção dos termos**. E ajudar a interpretação da profecia.

Independente de qual seja a cidade onde um dia dois poderosos profetas, operadores de milagres, ungidos de Deus, morrerão, é importante frisar que o ódio que eles causaram é de tal monta que não serão enterrados. Ficaram expostos ao vitupério publico, e é de particular relevância que fiquem assim num lugar onde os rituais funerários eram a base de toda uma religião.

Há profunda relação aqui com o fato dos profetas serem tratados como ABOMINAÇÃO para o sacerdócio e a cultura egípcia da antiguidade. De eles não terem seus corpos preservados, porque assim jamais poderiam ressuscitar no mundo do amanhã, nos campos de juncos, nos campos elíseos, de não terem um enterro ou uma lembrança, ou um memorial com seus nomes escritos, assim sem a lembrança de seus nomes, não somente seriam esquecidos, mas, deixariam de existir, seriam apagados da eternidade. Não terem lamentação, não terem carpideiras, pranto, choro, para envergonhar a família que ainda existisse, para desonrar sua história de vida, para serem desconsiderados nos tribunais divinos. AO invés de pranto, houve festas, houve danças, foi festejada pelo mundo inteiro a morte dos dois. Essa cena dos profetas mortos em Apocalipse é cheia de ódio, vergonha, e significados espirituais a luz da teologia egípcia. O faraó dessa época futura ri, zomba, grita sua vitória sobre os céus, representado neste momento pelos dois profetas. Por pouco tempo. Toda sua ciência da escuridão, toda a sabedoria egípcia oculta na história, desaba com a ressurreição sem múmia, sem ritual, sem feitiço, sem sacerdote, sem memória, sem humanidade que de apoio, sem intercessão que de cobertura. Sem lágrimas foram desprezados e em meio a um terror absoluto receberam a ressurreição. Há uma outra situação implícita nisso. O choro das carpideiras egípcias visava impedir que o morto voltasse para atormentar os vivos como fantasmas amaldiçoados, demônios, espíritos malignos. E ali estavam eles, voltando dos mortos...sem carpideiras.

9	Quando **faraó** vos disser: Fazei milagres que vos acreditem, dirás a Arão: Toma o teu bordão e lança-o diante de Faraó; e o bordão se tornará em serpente.
10	Então, Moisés e Arão se chegaram a **faraó** e fizeram como o SENHOR lhes ordenara; lançou Arão o seu bordão diante de Faraó e diante dos seus oficiais, e ele se tornou em serpente.
11	**faraó**, porém, mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os sábios do Egito, fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas.
13	Todavia, o coração de **faraó** se endureceu, e não os ouviu, como o SENHOR tinha dito.

Quando os magos egípcios vêm a vara de Moisés transformada em serpentes, eles não se intimidam. Para o homem moderno essa seria um milagre risível, um truque de ilusionismo barato, imitado por gurus indianos e fruto de alguma técnica de segurar algum musculo da serpente para torna-la imóvel. E pelo que parece os magos do Egito dominavam bem a tal técnica. Só que Moisés não realizava um truque. Era real. Seu bastão era de madeira e ganhou vida ao tocar no chão, o que pouca gente para imaginar o que está envolvido na dita situação. As varas de Arão e de Moisés eram de madeira morta, espécies vegetais sem vida, transmutada num espécime animal, viva. Isso é impossível. Nem se os cajados fossem de galhos verdejantes, isso já seria algo inexplicável, insólito. Irreal. Os magos do Egito nem piscaram, repetiram o feito, ou realizaram um truque que simulava o assombroso, a magia divina, sem muita dificuldade e sem sustos. Até que seu mundo começou a virar do avesso através de um sinal de poderio que nós não reconhecemos, mas que eles enxergaram tão claramente quanto o sol. A vara que Arão jogou no chão, transformada em serpente, COMEU as varas ou cobras dos assustados magos.

"Quando o faraó lhes pedir que façam algum milagre, diga a Arão que tome a sua vara e a jogue diante do faraó; e ela se transformará numa serpente".

Moisés e Arão dirigiram-se ao faraó e fizeram como o Senhor tinha ordenado. Arão jogou a vara diante do faraó e seus conselheiros, e ela se transformou em serpente.

O faraó, porém, mandou chamar os sábios e feiticeiros; e também os magos do Egito fizeram a mesma coisa por meio das suas ciências ocultas.

Cada um deles jogou ao chão uma vara, e estas se transformaram em serpentes. Mas, a vara de Arão engoliu as varas deles.

Êxodo 7:9-12

É nesse momento que os magos enxergaram sua real situação e com que tipo de poder estavam lidando. Aquelas cobras que eles possuíam e arrastavam como se fossem bastões eram objetos mágicos, eram como amuletos, faziam parte do rol de coisas consagradas, rituais, pertenciam a um templo específico, consagradas a um tipo de divindade que também era representada por uma serpente. Basicamente, quem representava o lado oculto e poderoso das práticas de maldição e de invocação de sortilégios, maldições, imprecações e pragas do gênero. Arão pegou a cobra que engoliu animais consagrados a deuses malignos, e ela tornou-se novamente um pedaço vegetal sem vida. E as cobras mágicas, consagradas em rituais de mistério à vingativa e poderosa Meretseguer, guardiã da terra dos mortos, as raras serpentes que também representavam a Apep, personificação do caos no submundo e um inimigo jurado dos deuses (principalmente Rá), personificação do próprio caos, da destruição e do mal na mitologia faraônica, **sumiram... para sempre... sem deixar rastro algum.**

É também um sinal profético de indescritível terror para os magos, para os PERITOS EM ENCANTAMENTO.

Nos textos/feitiços das pirâmides há uma frase enigmática:

6. MOSTLY SERPENT CHARMS, UTTERANCES 226-243

Utterance 226.

225a. To say: One serpent is encircled by another serpent,

Diga: Uma serpente é cercada/entrelaçada por outra serpente.

Havia em antiquíssimos textos mágicos das pirâmides, anteriores ao tempo de Moisés, uma frase mágica que falava da luta entre duas serpentes, fazia parte de um encantamento para conceder ao morto poderes para enfrentar nos campos elíseos, ou nos lugares celestiais pós-morte, poderes que impediriam o morto de ressuscitar.

O primeiro milagre profético, por assim dizer, das Escrituras, é cheio de significados aos olhos de todo o panteão de magos e feiticeiros de toda a terra.

Antigos mesopotâmios e semitas acreditavam que as cobras eram imortais, porque eles poderiam infinitamente mudam a sua pele e aparecem sempre jovem, que aparece com uma roupagem nova a cada vez. Os sumérios adoravam um deus serpente ou deusa chamada ningishzida, um antepassado de Gilgamesh. Antes da chegada dos israelitas, cultos de serpentes estavam bem estabelecida em Canaã na Idade do Bronze, por arqueólogos foram descobertas serpentes como objetos de culto em várias cidades pré-israelitas em Canaã: em Megiddo,

Gezer, Hazor , e Siquém. Do Egito até a Africa, essa cena é de profundo impacto. Um sinal que mostra o domínio de Deus sobre todo o tipo de poder existente.

As cenas das Escrituras irão se desenvolver para impactar o pensamento mágico vigente. Pensamento que moldava a imaginação dos povos da antiguidade.

No Egito antigo a prática religiosa e a prática mágica se confundem de tal modo que todos suas construções funerárias, em especial as pirâmides e catacumbas, são cobertas de escrita mágica, que era a tentativa formalizada de alterar o destino do morto, através de textos mágicos que pudessem 'confundir' ou "apagar" previamente os pecados dos mortos antes que entrassem no mundo do além egípcio e tivessem que NECESSARIAMENTE passar pelo rito do julgamento, da pesagem do coração, conforme descrito no Livro dos Mortos.

A escrita na parede do salão de festas de Nabucodonosor e o significado delas é a estas práticas mágicas que estão sendo referenciadas. A ESCRITA MÁGICA nas pirâmides, que tinha o intuito de "influenciar" o julgamento das divindades, feita por mãos humanas e estampadas nos túmulos, em amuletos, papiros ou nas paredes, assim como impedir a volta do defunto em forma de demônio.

Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de ouro e de prata, que Nabucodonosor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, para que bebessem neles o rei, os seus príncipes, as suas mulheres e concubinas.

Então trouxeram os vasos de ouro, que foram tirados do templo da casa de Deus, que estava em Jerusalém, e beberam neles o rei, os seus príncipes, as suas mulheres e concubinas.

Beberam o vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira, e de pedra.

Na mesma hora apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo.

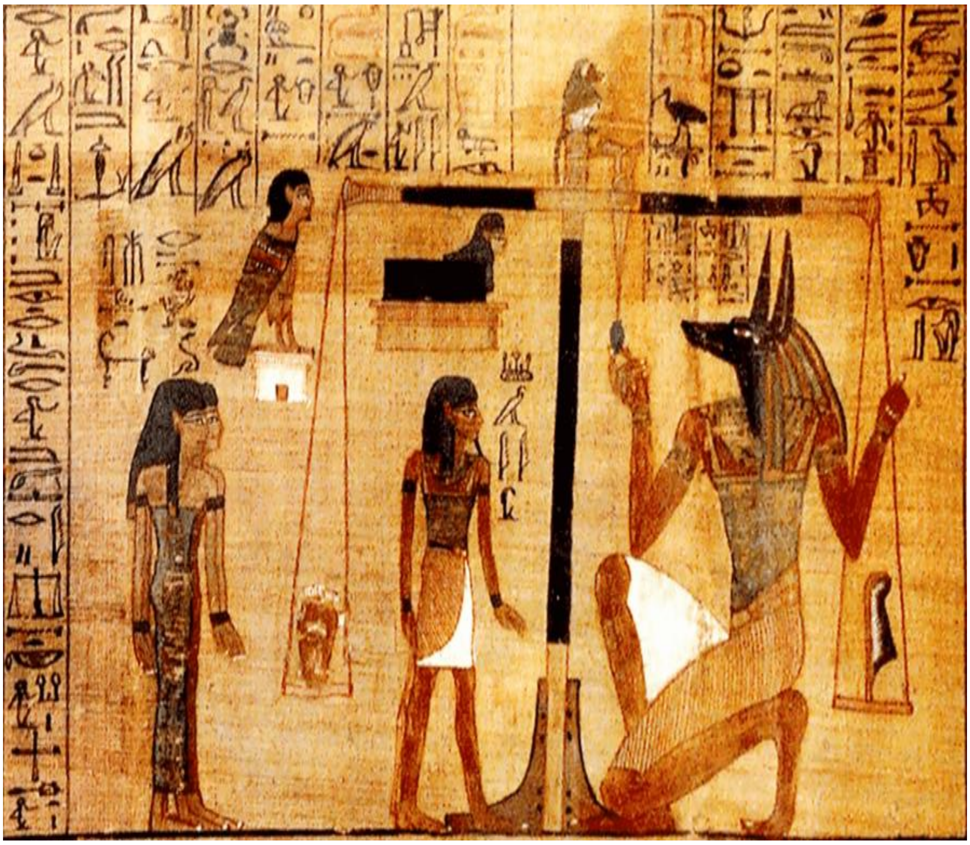
Daniel 5:2-5

O Espírito Santo inverte o papel das "escrita mágica". Será Deus que escreverá um edito celestial, não por mãos humanas, mas por meio de um anjo, as palavras que mudarão, não o julgamento dos deuses, antes o destino de um homem.

Então dele foi enviada aquela parte da mão, que escreveu este escrito. Este, pois, é o escrito que se escreveu: MENE, MENE, TEQUEL, UFARSIM. Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino, e o acabou. TEQUEL: Pesado foste na balança, e foste achado em falta. PERES: Dividido foi o teu reino, e dado aos medos e aos persas.

Daniel 5:24-28

Outra vez o Espírito de Deus concede uma FORMA mágica a uma profecia, extraindo a visão do julgamento dos oráculos egípcios, em particular do mais sagrado de todos eles, O LIVRO DOS MORTOS. A mais profunda convicção da religiosidade egípcia, o mais estabelecido na filosofia, sabedoria e mágico do Egito era a certeza de um julgamento da essência humana, após a sua morte, pelos seus deuses. Na religião egípcia, Maat ou Ma'at é a deusa da verdade, da justiça, da retidão e da ordem. É a deusa responsável pela manutenção da ordem cósmica e social, filha (ou mãe) de Rá e esposa de Toth. Ela é representada como uma jovem mulher ostentando uma pluma de avestruz na cabeça, a qual era pesada contra o coração (alma) do morto no julgamento de Osíris.



Uma seção do Livro dos mortos escrita em papiro e mostrando a "Pesagem do coração" em um tuat e usando a pena de Maat como peso na balança.

A PESAGEM DO CORAÇÃO

Psicostasia é o nome atribuído a uma cena comum representada no Livro dos Mortos que retrata a cerimónia de pesagem do coração do defunto no tribunal da deusa Maat.

De acordo com as crenças dos habitantes do Antigo Egipto, a morte física não era o fim da existência, existindo a possibilidade de uma vida no Além. Historicamente esta vida no Além esteve de início reservada ao rei, tendo a partir do Império Médio se alargado a toda a população. Contudo, para se poder aceder a esta vida era necessário ter levado uma vida de acordo com a Maet (ou Maat), conceito egípcio que traduz a ideia da ordem universal marcada pela justiça e pela harmonia.

A pesagem do coração acontecia na sala das Duas Maet (também designada como sala Duas Verdades ou sala das Duas Justiças), onde existia uma grande balança colocada num pedestal em cujo topo se encontrava um babuíno. Na sala estavam presentes Osíris, sentado no trono, e quarenta e dois juízes.

O defunto deveria realizar uma confissão - a chamada "confissão negativa", registrada no capítulo 125 do Livro dos Mortos - através da qual atestava que não tinha praticado o homicídio, cometido o adultério, maltratado animais, praticado o roubo, etc., num total de quarenta e duas declarações de inocência que anunciava a cada um dos juízes.

Enquanto isso, o coração era colocado num dos pratos e uma pena de avestruz (a representação da leveza ou do coração da deusa Maat) era colocada no outro prato. Se os dois pratos se equilibram o defunto está absolvido; em caso de ter mentido, o coração tornava-se pesado e seria condenado.

Os deuses Anúbis e Tot também estavam presentes sala cumprindo cada um com uma função. Anúbis regulava a balança, enquanto que Tot escrevia o resultado. Perto da balança encontra-se um monstro híbrido (parte crocodilo, parte pantera e parte hipopótamo), conhecido como Ammit ou a Grande Devoradora, pronto para engolir o coração do defunto caso este tivesse um peso excessivo. Uma vez aniquilado o coração não existiria a possibilidade de ressurreição.

“pesado fostes na balança e achado fostes em falta”

Naquela noite Belsazar morreria. E junto dele o império babilônico.

Os textos mágicos nas paredes tinham também a intenção de afastar ladrões de túmulos com requintadas maldições, temidas por muitos.

O texto “mágico” escrito com o dedo de Deus transformou a cidade inteira de Babilonica, num gigantesco túmulo.

CAPITULO III - O SERPENTÁRIO EGÍPCIO

O primeiro sinal milagroso mostrado pelo sacerdócio de Araão, junto como Moisés na frente dos magos de Faraó foi atirar o cajado no chão e ele ser transformado numa serpente. Normalmente compreendemos o símbolo da serpente como algo maligno. Símbolo da mentira, da sedução, da traição. Porém, em alguns poucos momentos o Espírito de Deus usou-se de um símbolo maldito para realizar algo extraordinariamente benigno. A cena em que a vara é transformada em cobra é uma cena de afronta a Uraeus a serpente sagrada do Egito. Havia pelo menos uns dois conselheiros egípcios presentes da apresentação do Reino de Deus ao obstinado faraó, quando o Senhor apresenta seu Plano de Salvação, seu Projeto de Libertação de seu povo, que eram sacerdotes de um "deus-serpente" ou "deusa-serpente"do Egito. A prova de pertencerem a um sacerdócio "serpentuário" é que imediatamente lançam seus "cajados" ou bastões mágicos no chão que também se transforma em cobras. O segundo momento em que uma "serpente" foi um símbolo de salvação foi quando Moisés fabrica uma serpente de bronze e a pendura num madeiro para curar os desobedientes e rebeldes atacados por incomum bando de serpentes mortais, no deserto. Quem somente OLHASSE para a serpente de bronze, ainda que a beira da morte após dezenas de picadas mortais, ficaria curado. Como não poderia deixar de ser, tomaram da PROFECIA, distorceram o sentido da operação milagrosa, batizaram a cobra de Neustã e a adoraram por CENTENAS DE ANOS. Mais ou menos uns 600 anos até que o rei Ezequias deu fim a festa sórdida:

A africa se tornará um dia a nação que mais idolatra a Serpente em várias religiões e vários sacerdócios, contaminada tanto pela tribo de Dã (leia Encantando Serpentes – Welington Corporation), como pela exportação da teologia egípcia.

A herança linguística, a nomeação de uma parte da África da antiguidade com o nome de Dã é uma evidencia considerável de que a tribo israelita tenha fixado um acampamento nessas terras em tempos imemoriais. A palavra Dã na África setentrional significava SERPENTE. Cremos que a adoração da serpente em Dahomé possui duas heranças, uma egípcia que influenciou profundamente a religião antiga dos povos africanos e uma segunda herança, hebraica, Danita, contida na palavra DAHOMÉ. Ela tem dois significados: Um está relacionado com certo Rei Ramilé que diz as lendas que se transformava em uma serpente e que morreu na "terra de Dã "Dan Imé" ou "Dahomé", ou seja: 1) *aquele que morreu na Terra da Serpente*. Segundo as pesquisas, o trono desse rei era sustentado por serpentes de cobre cujas cabeças formavam os pés que iam até a terra. Esse seria um dos significados encontrados: 2) Dan = "serpente sagrada" e Homé = "a terra de Dan", ou seja, Dahomé = "a terra da serpente sagrada".

No Egito, a serpente era venerada e encarregada de proteger locais e moradias. Cleópatra era uma sacerdotisa que venerava a serpente. Todos os seus pertences e adornos eram em formato de cobras e similares. Este ritual cresceu através do Rio Nilo para as diversas regiões africanas.

No Antigo Dahomé, esta adoração se intensificou e lá Dan, como é chamada a Serpente Sagrada, transformou-se no maior símbolo daquele povo, também sendo

chamado pelo nome de Vodun-Besen. Já os yorubás chamavam esta Divindade de Oxumarê ou a Cobra Arco-íris; e os Bantos, tinham uma Divindade similar chamada de Angôro.

Removeu os altares idólatras, quebrou as colunas sagradas e derrubou os postes sagrados. Despedaçou a serpente de bronze que Moisés havia feito, *pois* ***até àquela época os israelitas lhe queimavam incenso. Ela era chamada Neustã.*** *(2 Reis 18:3-4)*

O ser humano possui uma certa tendência a apostasia. Os danitas são a primeira tribo a apostatar da Lei, numa cena que é a soma de todas as coisas erradas que a igreja da antiga aliança poderia imaginar

CAPITULO IV- AS PRAGAS

A luz da antiga religião egípcia podemos agora compreender a profundidade das pragas divinas. A eneade de Heliópolis será desacreditada pelo Espírito de Deus e pela Profecia representada por Moisés. A história dos deuses egípcios conduziu a uma religião de prostituição cultual cujo modelo foi exportado para toda a terra. Seja nos Zigurates de Babilonia, nos cultos dos Amonitas, nos templos dos Moabitas, seja nas antigas religiões dos Vikings, dos Celtas, dos gregos ou Romanos, nas religiões politeitas árabes ou no hinduísmo, representado este fenômeno sórdido até hoje pelas Devadassis, prostitutas cultuais da India, seja nas religiões de matizes africanas também contaminadas pela enéade Egípcia, até as invocações de entidades como a Pomba-Gira no Brasil ou espírito de feiticeiras mortas em diversos países do mundo, o que foi traduzido são diferentes versões de fetiches diversos. Na história pouco conhecida das divindades egípcias há zoofilia, necrofilia, incesto, adultério, castração, homossexualismo, estupro, masturbação divina, assassinatos, mutilações, hemarfroditismo, bissexualismo. Um mundo de poderes imaginados sob a luz das paixões, desejos e da pecaminosidade humana. Quando Deus destitui, zomba, humilha e desacredita aos deuses totêmicos, esfinges, animais divinizados, sabe muito bem o que está fazendo. A ultima vez que a palavra Egito aparecer nas Escrituras, estará associado com a morte de profetas, e com a menção a cidade de SODOMA.

No capítulo 11 de Apocalipse:

E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco.

Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra. E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto. Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e têm **poder sobre as águas para convertê-las em sangue**, e para ferir a terra com **toda a sorte de pragas, todas quantas vezes quiserem.** E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará.

E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o nosso Senhor também foi crucificado.

Apocalipse 11:3-8

Logo após estes eventos finalmente surgirá no capítulo 13 de Apocalipse " a moça bêbada de Apocalipse" o poder espiritual que estava por detrás de toda a religião mentirosa da terra. Os deuses do Egito são somente uma figuração, uma representação, que "trabalham" de verdade para um outro empregador.

Era a deusa Isis que dava as cartas, por debaixo dos panos, por assim dizer. Na verdade foi ela que se tornou a PRINCIPAL figura religiosoa mundial, Inanna, Ishitar, a rainha do céu, a mãe divina, Afrodite, Diana dos Efésios, Khali, as deusas femininas de toda a terra, e mesmo a "mãe de Deus".

Não somente RELIGIOSA. O mistério que dominou o EGITO não possui somente um caráter religioso, possui um caráter PSICOLÓGICO. No tempo final é a FIGURA MÁXIMA representante da história humana. Infelizmente. Onipresente na dramaturgia, nos comerciais e no espírito de liberalidade sexual de nosso tempo.

Ao total são as nove principais divindades do Egito que estão ali representadas, na dimensão profética das pragas deflagradas por meio de Moisés. É na verdade um grande momento para a humanidade que não soube aproveitar. A próxima geração do faraó restaurou a glória inexistente dos deuses vencidos. E os sacerdotes abraçaram seu velho mundo espiritual em ruínas. E neles se cumpriu o livro de Romanos.

Romanos 1 20

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido observados claramente, podendo ser compreendidos por intermédio de tudo o que foi criado, de maneira que tais pessoas são indesculpáveis; 21porquanto, mesmo havendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças; ao contrário, seus pensamentos passaram a ser levianos, imprudentes, e o coração insensato deles tornou-se em trevas. 22E, proclamando-se a si mesmos como sábios, perderam completamente o bom senso

Mais uma vez, mesmo depois de ter testemunhado de modo dramático a diferença entre o mítico e o divino, entre o verdadeiro sobrenatural e o mágico, preferiaram este ultimo.

Peste Um:

O rio sagrado do Nilo transformou-se em sangue (7: 14-24)



A morte dos peixes no Nilo foi também um golpe contra a religião do Egito, pois certas espécies de peixes eram realmente veneradas e até mesmo mumificadas.



Em Esna, a pá dos arqueólogos descobriram múmias de peixes do gênero Latus niloticus, chamados pelos egípcios de aha. São animais azulados que podem atingir quase dois metros de comprimento. O processo de mumificação consistia em injetar carbonato de sódio e untar todo o corpo do bicho com uma mistura de lodo e sal.

Alguns peixes eram sagrados em determinadas localidades e não podiam ser ingeridos, enquanto que em outros locais podiam ser comidos livremente. Entretanto, o faraó e os sacerdotes não podiam comer peixe, identificado com o malévolo deus Seth, e nas cerimônias religiosas esse animal era considerado impuro.

O historiador grego Plutarco (c. 50 a 125 d.C.) nos conta que no 1.º mês do ano egípcio, chamado de thuthi, no 9.º dia, correspondente ao 27 de julho do nosso calendário, todos comiam, na porta de suas casas, um pescado assado. Os sacerdotes, porém, não o provavam e deixavam que seus peixes fossem inteiramente consumidos pelo fogo diante de suas moradias.

Nebeth-Het / Neftis, deusa dos rios também foi desmascarada.

Hapi, o deus egípcio foi desmascarado pelo DEUS dos hebreus, como um deus que não era poderoso, que nada podia fazer para tornar as águas limpas novamente.

"O Egito foi o dom do Nilo". Desde a antiguidade até o presente, o Nilo tem sido a força vital do Egito. Não há outro país nos tempos antigos ou modernos que tenha sido tão dependente de suas vias navegáveis como o antigo Egito. O transporte no Nilo levou à construção naval generalizada e ao desenvolvimento de portos. O comércio do mar através do Nilo forneceu muitos produtos importantes para o Egito.

O mais importante foi a vida agrícola que o Nilo trouxe para o Egito. O aumento anual e as inundações proporcionaram novos depósitos de solo fértil junto com a água para os campos circundantes. O Nile prolongou a vida agrícola a oito milhas de cada lado de seus leitos. O Nilo não só trouxe irrigação para culturas, mas também forneceu seus pântanos para pastagem e caça de caça selvagem tão frequentemente retratada em suas pinturas. O rio também continha uma riqueza de peixes que era básico para a dieta do egípcio. Além da vida do Nilo, havia nada além de deserto sem vida, e os egípcios sabiam que sem o Nilo, o Egito seria tão estéril quanto os desertos de cada lado e não haveria vida para eles.

Não só os deuses associados ao Nilo, mas também a fertilidade, a benção e a felicidade foram associados à fidelidade do rio.

"Salve a você, Oh Nilo, que as questões da terra e vem para manter o Egito vivo! ... Ele que aquece os prados que Recriaram, a fim de manter todos os filhos vivos. Aquele que faz beber o deserto e o lugar distante da água: esse é o seu orvalho vindo do céu ".

"Se ele é lento, então as narinas são impedidas e todo mundo é pobre. Se houver (assim) uma redução nas ofertas de comida dos deuses, então, milhões de homens perecem entre os mortais, a cobiça é praticada. Toda a terra está em fúria, e grandes e pequenas estão no bloco de execução (mas) as pessoas são diferentes quando se aproxima. Khnum o construiu. Quando ele sobe, então a terra é júbilo, então toda barriga é de alegria, toda espinha dorsal tira rir e cada dente está exposto. "

Acredita-se que Hapi seja o "espírito do Nilo" e sua "essência dinâmica".

"Ele tornou-se um parceiro dos grandes deuses originais que criaram o mundo e, finalmente, passou a ser considerado o criador e o fundidor de tudo dentro do universo. Nós o achamos creditado com os atributos de Nu, a massa primária de água, e isso, de fato, tornou-o um pai de Ra, que emergiu desse elemento. Hapi, de fato, manteve uma relação mais imediata com os egípcios do que quase qualquer outro deus no seu panteão. Sem o sol, o Egito teria sido mergulhado na escuridão, mas sem o Nilo, todas as criaturas vivas dentro de suas fronteiras certamente teriam perecido " .6

Muitos dos deuses do Egito também foram associados diretamente ou indiretamente com o Nilo e sua produtividade. O grande Khnum - Atum foi considerado o guardião das fontes do Nilo, bem como o criador de pessoas. Um dos maiores deuses reverenciados era Osiris, que era o deus do submundo. Os egípcios acreditavam que o rio Nilo era a corrente sanguínea.

Tauret era a deusa do hipopótamo do rio. Neith, a deusa guerreira eloquente teve um interesse especial no Lates, o maior peixe no Nilo. Hathor deveria proteger o Chromis, um peixe um pouco menor.

O deus Sepek assumiu a forma de um crocodilo. Em Tebas, havia um templo construído em sua honra, onde um crocodilo nadaria em uma bacia de água tirada do Nilo. Uma senhora de alto nível beberia reverência da mesma piscina em que o crocodilo estava. Os crocodilos comuns foram mumificados em todo o Egito e colocados em cavernas subterrâneas.

Ex. 7:19 afirma que a praga não foi apenas limitada ao Nilo, mas incluiu os ramos do Nilo e a água que havia sido armazenada. Isso afetaria a irrigação de suas colheitas, e as bactérias que viriam com o sangue teriam matado o peixe DIVINO também. O texto também nos diz que não havia água potável para os egípcios, exceto o que eles tinham que buscar.

Ex. 7:25 afirma que passaram sete dias de quando o Senhor bateu o Nilo até quando disse a Moisés e Aarão que fossem a Faraó com a segunda praga. Não está claro se esta declaração marca o fim da praga ou se ela também durou a seguinte praga; O texto parece sugerir o primeiro.

Os mágicos conseguiram imitar as pragas pelas artes secretas para satisfazer o faraó. O coração de Faraó foi endurecido por Yahweh para que ele não fosse afetado pela praga.

Peste Dois: Rãs na Terra (7: 25-8: 15)



A presença de sapos no Egito não era incomum porque eram comuns aos pântanos, retratados em inúmeras pinturas e inscrições egípcias. Para o egípcio, o sapo representava fecundidade, benção e garantia de uma colheita. A sacralidade e o significado do sapo são demonstrados pela descoberta de amuletos sob a forma de sapos.

A deusa Heqet, um sapo, era a esposa do grande deus Khnum ou Atum. Ela era o símbolo da ressurreição e do emblema da fertilidade e ajudava no parto (considere a ironia na afirmação de que os sapos invadiram o quarto do faraó e até saltaram em sua cama). Heqet foi um dos quatro deuses primitivos que personificaram a água primordial, o infinito, a escuridão e aquilo que está escondido. Naquela época primordial e mítica, o mal não existia e a abundância em todos os lugares reinava.

Em dezembro, o Nilo recuou do seu estágio de inundação, deixando para trás lagoas e pântanos, e o som de sapos preencheria o ar enquanto reivindicavam essas águas. Para o agricultor, esse som indicava que os deuses que controlavam o Nilo e tornaram a terra fértil completaram o trabalho. Isso demonstrou que Hapi era ativo porque ele era o único que controlava os depósitos de solo e as águas que tornaram a terra fértil, garantindo a próxima safra.

Quando a cheia do Nilo ia embora, deixava um solo fértil, pantanoso, úmido e cheio de rãs, rãs de uma tonalidade verde escura, e como eram milhares, o povo associou a sua presença a fertilidade. Muitos amuletos em forma de um sapo eram utilizados por egípcias que queriam dar proteção a seus bebês.

Uma de suas deusas chamava-se Heqet, e era associada a imagem dessas rãs, tendo corpo feminino e cabeça de rã, se supunha ter poder criador.

O sapo era um dos numerosos animais que não devia ser morto intencionalmente - mesmo o assassinato involuntário de um sapo foi frequentemente punido com a morte.

Javé tornou o sapo, que era visto como agradável e desejável para o egípcio, em algo repugnante e esmagador.

"Como uma manta de imundície, as monstruosidades úmidas e úmidas cobriram a terra, até que os homens ficaram doentes com o contínuo esmagamento da calçada horrível que foram forçados a caminhar. Se os pés de um homem deslizassem sobre a massa gordurosa de seus corpos esmagados, ele caiu em uma massa indescritivelmente ofensiva de impureza e, quando ele procurou água para se purificar, a água era tão sólida com sapos, ele não conseguiu limpar lá. "

Não só a peste fosse vista como os deuses contra eles, mas as pessoas foram forçadas a matar a encarnação do deus Heqt, simplesmente por causa do grande número que teria estado em pé. Da mesma forma, a conexão do sapo com o abastecimento de água, como a praga do sangue, teria continuado a roubá-los de sua água potável.

Os magos conseguiram reproduzir a produção de sapos; não está claro como eles conseguiram fazer isso. O que é claro é que eles não foram capazes de remover a praga. Faraó implorou Moisés e Arão para livrar a terra dos sapos. Moisés perguntou a Faraó para escolher o tempo para que a praga acabasse. Isso enfatiza o fato de que os magos nem conseguiram fazer isso. O Senhor endureceu o coração dos faraós e ele não os escutou depois de encontrar alívio da praga.

Peste Três: Poeira e Gnats (8: 16-19)



Ex. 8:16 diz que o pó da terra literalmente se tornou mosquito. O termo hebraico pode vir da palavra egípcia chenemes, que significa "mosquitos" ou "mosquitos". No entanto, era como o pó em número e tamanho.

Eles eram "... uma espécie de mosquitos, tão pequenos que não eram visíveis aos olhos, mas com uma picada que, segundo Philo e Origem, causa uma irritação mais dolorosa da pele. Eles até se arrastam nos olhos e no nariz, e depois da colheita eles se elevam em grandes enxames dos campos de arroz inundados. "

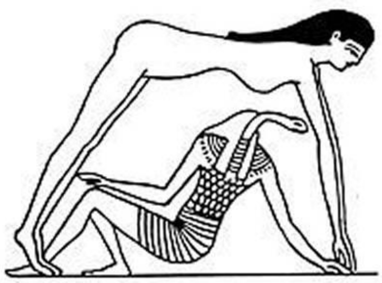
Não é claro contra quais divindades específicas que esta praga foi dirigida, mas pode ter sido dirigida para Geb, o grande deus da terra. Os egípcios deram oferendas a Geb pela generosidade do solo, mas era do "pó do solo" que essa praga se originou.

Thoth, era o deus a que se atribuía a sabedoria, magia e as práticas secretas. Se tinha algum deus capaz de fazer o mesmo que Moisés havia feito, – transformar o pó da terra em piolhos – devia ser este. Mas os sacerdotes de Thoth não conseguiram.

Thoth, segundo o egiptólogo Claude Traunecker, é representado como um homem com a cabeça de íbis. As pás dos arqueólogos geralmente encontram Thothsegurando um Ankh em uma das mãos e com uma lua sobre a cabeça. Este deus teria sido o escritor do Livro dos Mortos, um conjunto de textos

que ficavam junto dos sepultados como uma espécie de manual para ajudar os novos mortos nesse novo mundo.

Esse deus tem 3 variações conhecidas, Thoth para os egípcios; Hermes para os gregos e Mercúrio para os romanos. Fruto do Sincretismo religioso egípcio.



Contudo, desmoralizado com esta terceira praga foi Geb, o deus da terra com cabeça de serpente. Ele estimula o mundo material dos indivíduos e lhes assegura enterro no solo após a morte. Umedece o corpo humano na terra e o sela para a eternidade no túmulo. Sempre deitado sob a curva do corpo de sua mulher, Nut, ele é o responsável pela fertilidade e pelo sucesso nas colheitas. Deus tendo pego a terra, e transformado-a em piolhos/mosquitos, demonstrou a todos que sua força e poder passou por cima do deus egípcio da terra.

Segundo o CBA, *Kinnam*, deriva provavelmente da palavra egípcia *chenemes*, que significa "pernilongo" ou "mosquito". A tradução "piolhos" segue a opinião do historiador judeu Flávio Josefo e dos escritores talmúdicos, mas não tem base linguística. Os mosquitos egípcios, de tão pequenos, eram quase invisíveis a olho nu, mas tinham um ferrão, que de acordo com Filo e Orígenes, causavam uma irritação extremamente dolorosa na pele.

Mais dois deuses do panteão de deuses egípcios não conseguiram vencer o Deus verdadeiro. Não conseguiram sequer imitar a praga, quanto mais acabar com ela.

É muito possível que essa praga tenha sido concebido para humilhar o sacerdócio oficial. Os sacerdotes no Egito eram um grupo que devia ser considerado não apenas religiosamente, mas também economicamente e politicamente, pois controlavam as mentes e os corações das pessoas.

"Os sacerdotes no Egito foram conhecidos por sua pureza física. Os ritos diários foram realizados por um grupo de sacerdotes conhecidos como Uab ou "puros". **Sua pureza era basicamente física** e não espiritual. **Eles eram circuncidados**, rasparam o cabelo de suas cabeças e corpos, lavaram-se com freqüência e estavam vestidos com lindas roupas de linho. À luz disso, parece bastante duvidoso que o sacerdócio no Egito possa funcionar de forma muito eficaz, tendo sido poluído pela presença desses insetos. Eles, como seus adoradores, foram infligidos com a pestilência desta ocasião. Suas orações foram tornadas ineficazes por sua própria impureza pessoal com a presença de mosquitos em seus corpos. "

Isso seria significativo porque os sacerdotes não poderiam entrar no templo para rezar seus deuses pela libertação por causa de sua impureza física.

Ex. 8:17 afirma que os mosquitos irritaram o homem e a besta, e incluíram todo o Egito. Isso é significativo, uma vez que as duas pragas anteriores pareciam estar concentradas na capital e ao longo do Nilo e não eram um ataque direto contra os vivos causando dor. Os pequenos insetos estavam em grande número, e os egípcios dedicaram grande parte de seus esforços e recursos à construção de dispositivos para mantê-los longe, especialmente do faraó e dos sacerdotes.

Os magos tentaram duplicar a praga, mas não conseguiram. É claro que, a partir daqui, o Senhor não permitiria que eles tivessem qualquer poder de qualquer tipo. Ele os colocou no lugar deles. O Senhor endureceu o coração de Faraó e não o escutou.

Peste Quatro: moscas (voadoras) no Palácio Real (8: 20-32)

O texto aqui não usa a palavra "voadoras", sim, usa a palavra hebraica para "enxames". A idéia das moscas vem da representação da Septuaginta "mosca do cachorro", que pesa na tradução, pois aqueles que traduziram a Septuaginta moravam no Egito.

A mosca de cachorro sugando sangue (gadfly) causava grande aversão e pode ser responsável pela cegueira na terra. Pode também ser a mosca de Ichneumon, que deposita suas larvas sobre os seres vivos para que ele possa se alimentar. Os egípcios viram isso como a manifestação do deus Uatchit. Muitos outros insetos podem ter sido reverenciados da mesma maneira.

Também se sabe que a mosca, na mitologia egípcia, deu proteção contra doenças ou infortúnio. Os amuletos de pedra sob a forma de moscas estavam sendo feitos no Egito já em 3500 aC, aproximadamente. A mosca também foi retratada em vários artefatos rituais, incluindo as chamadas "varinhas mágicas", muitas vezes esculpidas no marfim do hipopótamo e provavelmente destinadas a proteger o proprietário de danos.

Há alguns estudiosos que não aceitam a representação da Septuaginta e pensam que a passagem implica o besouro do escaravelho, que era realmente um escaravelho. Enxames de escaravelhos, com mandíbulas que podiam ser vistas através da madeira, eram destrutivos e pior do que as térmitas. A deificação do escaravelho foi encontrada no criador e no rei deus Amon-Ra.

"Ra, o Criador Único era visível para o povo do Egito como o disco do sol, mas o conheciam em muitas outras formas. Ele poderia aparecer como um homem coroado, um falcão ou um homem com a cabeça de um falcão e, à medida que o besouro do escaravelho empurra uma bola redonda de esterco em frente a ele, os egípcios retrataram Ra como um escaravelho que empurra o sol pelo céu. " 10

No hebraico, a frase "enxame grave" fala de algo opressivo como um jugo. Também pode levar a idéia de números maciços ou abundância. Isso comunica a intensidade e a severidade da peste e que toda a terra está vivendo a ira de Javé.

Esta é a primeira praga em que afirma claramente que Israel seria intocado. Ex. 8:23 afirma que o Senhor colocaria uma "divisão" entre Seu povo e o povo do Egito.

Faraó caiu e disse a Moisés que poderia levar seu povo ao deserto e fazer sacrifícios a Javé. No entanto, quando a praga terminou, Faraó endureceu seu próprio coração e não soltou o povo.

Peste Cinco: Morte de Animais Domésticos (9: 1-7)

Já foi afirmado que os egípcios adoraram e deificaram quase todos os animais no Egito, então essa praga seria um ataque contra muitos deuses. No entanto, pode ser mais dirigido contra o touro, já que na seção anterior o Faraó mudou de idéia ao permitir que Israel fosse sacrificado.

Um grande número de touros e vacas foram considerados sagrados, e muitas áreas no Egito os escolheram como emblemas. Um templo foi descoberto em Memphis que continha o touro Apis, que era considerado o animal sagrado do deus Ptah. Só havia um touro ao mesmo tempo no templo, e foi identificado como uma divindade por vinte e oito marcas físicas. Foi alimentado com iguarias e entregou tantas novilhas quanto quisesse honrá-la. Em Memphis foram encontradas sessenta e quatro câmaras funerárias, cada uma contendo um touro Apis mumificado.

Hathor - a deusa do amor, da beleza e da alegria - **era representada por uma vaca, e muitas vezes era retratada como uma vaca que amamentava o faraó,** dando-lhe uma alimentação divina. Além dos deuses já mencionados, essa praga teria sido um insulto direto a Khnum, o deus do corvo e a Bast, a deusa do amor do gato. Mnevis, um touro sagrado, também foi adorado e foi associado ao deus Ra.

Todos os animais, os cavalos, os burros, os camelos, os rebanhos e rebanhos morreram. Isso foi investigado e confirmado pelos representantes do Faraó. Mais uma vez, Israel não foi afetado pela praga.

O coração do faraó permaneceu duro contra a praga anterior, onde endureceu seu próprio coração. Assim, ele não respondeu a Moisés e Aarão ao deixar ir Israel.



Esta 5ª praga afetou de forma especial a Hator (deusa-vaca, deusa celestial) e o deus touro Ápis (Hep), que era o mais venerado dos animais sagrados. Encarnava ao mesmo tempo o deus Osíris e Ptah. Em Mênfis, o culto existia desde a Iª dinastia, e em outras cidades, também era muito remoto. Simbolizava a força vital da natureza e sua força geradora.

Um boi vivo era divinizado.

Dizia a lenda que Ptáh engravidou uma vaca virgem e esta concebeu um touro preto, que tornou-se o porta-voz de Ptáh. Para entronizarem este boi, ele deveria ter certas características e ser nutrido unicamente por mulheres durante 40 dias. Aí então o animal era conduzido a Mênfis pelos sacerdotes em uma barca dourada no meio da multidão acolhedora. Ao morrer, era mumificado em um sarcófago e os rituais duravam até 60 dias.

Com a 5ª praga sobre os animais, Ápis aquele deus que simbolizava a força vital da natureza não conseguiu a libertação deles da mesma, e nem mesmo da morte; pior ainda: Ápis morreu!



WASHINGTON, DC – AUGUST 24, 2010: Uma múmia de um touro do Egito datando entre 500-300 A.C.

Peste Seis: Cinzas, Poeira e Fervas (9: 8-12)

O forno mencionado aqui pode ser um dos fornos utilizados pelos israelitas para assar os tijolos que foram forçados a fazer para o Faraó. Onde anteriormente o povo de Javé experimentou o sofrimento e a dor de sua escravidão, Yahweh agora tira a cinza do seu trabalho e faz com que ele se torne um sofrimento para os egípcios.

Sekhmet, uma deusa de cabeça de leão, tinha o poder de ambos criar epidemias e levá-los ao fim. Um sacerdócio especial chamado Sunu foi dedicado a ela. Os amuletos costumavam ser usados pelos egípcios para afastar o mal e a doença em suas vidas.

Serapis era o deus da cura, e Imhotep era o deus da medicina e o guardião das ciências curativas.

Como a praga dos mosquitos e das moscas, essa praga também afetaria a pureza dos sacerdotes e impediria que eles entrassem nos templos e rezassem para seus deuses.

Esta praga não só afetou todo o Egito, mas a gravidade dela é vista no Ex. 9: 9, onde as ferrugetas estavam se espalhando em "lâminas" e "feridas". Mesmo os magos estavam tão aleijados pela praga que, quando convocados, não podiam ir fisicamente ao palácio. O Senhor endureceu o coração dos faraós e não quis ouvir a Moisés.



Esta sexta praga, humilhou novamente Shu, deus egípcio que controlava o ar, e também a adoração concedida a espirito humano falecido, humilhando a reivindicação de divindade, a divinização de um grande homem do passado egípcio, Imhotep, o primeiro herói nacional, a quem se atribuía muitas obras: foi ele o construtor – projetista e coordenador de todos os trabalhos – da primeira pirâmide do Egito, a pirâmide escalonada de Djoser. Foi também escriba, vizir, sacerdote, arquiteto, filósofo, poeta, astrônomo e mago (a medicina e a magia eram praticadas em conjunto). Conhecido pelo nome grego de Asclépio,

ou Esculápio para os romanos é considerado por muitos o verdadeiro pai da medicina. Como era africano, perdeu o título para Hipócrates. A ele também se deve o hábito de orientar rigorosamente as pirâmides para o norte. Por tudo isso, ele tem sido considerado também o gênio criador da arquitetura.

 Um ser humano que no Período Tardio lhe era já prestado um culto em uma das capelas do complexo de Saqqara, local para onde afluíam os coxos de todo o país em busca de cura. Nunca pretendeu ser deus, mas no panteão egípcio, era considerado o deus da cura.

Abro um parágrafo para revelar um dos maiores processos de criação de deuses da antiguidade, a divinização de espíritos mortos, de ascendentes, homens importantes, guerreiros, heróis e antepassados. Quando mais famosos foram em vida, maior o risco de serem transformados em divindades protetoras após mortos.

Deus igualmente desafiou a deusa Ísis, senhora da medicina, deusa da cura e dos remédios...

Até aqui os magos egípcios estiveram presentes quando os milagres eram realizados, embora tivessem falhado algumas vezes em produzir sua contrafação.

Nesta ocasião a praga caiu sobre eles com tamanha severidade que não podiam continuar com o rei. Em vez disso, fugiram para suas casas, em busca de proteção e tratamento. Novamente houve clara distinção entre os egípcios e os hebreus. Nenhum poder mágico ou sobrenatural pôde protegê-los.

Nenhum dos deuses da saúde ou da cura livrou os egípcios da doença. Deus mostrou que Ele tem poder sobre a saúde e a doença.

Peste Sete: Salva e Fogo (9: 13-35)

Como faraó não deixava o povo de Deus sair livre do Egito, veio então a sétima praga. Ao Moisés estender a mão ao céu, caiu sobre todo o Egito, trovões, grandes pedras de granizo, e fogo (resultante dos trovões atingindo o solo, casas e tudo o mais), tudo misturado sobre a terra dos faraós, sobre homens, animais e plantas.

Somente na terra de Gósen não caiu nenhuma chuva de pedras. A tempestade de granizo por si só já é um milagre, em uma região potencialmente sem chuvas, granizo então, raramente era visto.



A forte saraivada envergonhou os deuses considerados como tendo controle sobre os elementos naturais, novamente um ataque a Ísis, deusa da água, vida, da natureza e da magia, pois o granizo matou tudo o que tocou, o deus Set, que entre outras coisas era o deus das tempestades, a deusa Nut, do céu e Osíris o deus do fogo.

A parte do norte do Egito recebe aproximadamente duas centímetros de chuva por ano, e na parte sul do Egito, a chuva é tão rara que às vezes não há chuvas em um ano inteiro. Ironicamente, quando algo vem do céu, ele vem destruir.

Como essa praga se originou do céu, teria sido um ataque contra a deusa do céu. Nut.

"Sua aparência mais geral, no entanto, é a de uma mulher descansando nas mãos e nos pés, seu corpo formando um arco, representando assim o céu. Seus membros tipificavam os quatro pilares em que o céu deveria descansar. Era suposto que originalmente estivesse reclinado em Geb, a Terra, quando Shu a criou dessa posição. " 11

Também os Egípcios consideravam que NUT era mãe de outros cinco deuses: Osiris, Hathor, Set, Isis e Nephthys.

Outros deuses eram Shu, o deus do vento, e Horus, o deus do céu do alto do Egito. A praga também teria sido direcionada para aqueles deuses que protegiam as culturas, como Isis e Seth.

Esta praga também teria danificado muitos dos monumentos que os egípcios estavam obcecados com a construção de honrar a glória dos deuses e do Faraó. Agora, aquelas imagens gloriosas que representavam seus deuses estavam sendo desfiguradas.

As únicas culturas que foram destruídas foram o linho e a cevada, o que indica que isso ocorreu no final de janeiro ou início de fevereiro. O granizo não afetaria apenas as culturas dos egípcios, mas também suas casas. Eles estavam confinados

em suas casas enquanto seus animais e colheitas sobreviventes estavam sendo destruídos.

O faraó não manda os magos, antes ele envia diretamente a Moisés e Aarão. Faraó afirma que ele é culpado e pede a Moisés para rezar a Yahweh para que a praga cesse. Depois que a praga termina, Yahweh endurece o coração de Faraó e mais uma vez resiste a Moisés e Aarão.

Peste oito: gafanhotos do leste (10: 1-20)

Na antiguidade, os gafanhotos podiam destruir o abastecimento de uma aldeia inteira em questão de minutos. Uma milha quadrada normalmente contém de 100.000.000 a 200.000.000 das criaturas. Nós sabemos de seus efeitos devastadores porque a história nos fornece inúmeros casos de tal.

"Ninguém que já viu o gafanhoto no trabalho acusa a conta bíblica da hipérbole. Em 1926 e 1927, pequenos enxames dos gafanhotos migratórios africanos foram vistos em uma área de 50 por 120 milhas nas planícies do rio Níger perto de Tombouctuk. No próximo ano, enxames invadiram o Senegal e a Serra Leoa. Em 1930, toda a África do Oeste estava fugindo das pragas com tudo o que era movível. Mas os gafanhotos não pareciam notar; os enxames chegaram a Cartum, a mais de 2.000 milhas a leste de Timbuktu, depois viraram o sul, espalhando-se pela Etiópia, Quênia, Congo Belga e em 1932, atingindo a exuberante fazenda de Angola e Rodésia. Antes que a praga finalmente esmagueu catorze anos depois que começou, afetou cinco milhões de milhas da África, uma área quase o dobro do tamanho dos Estados Unidos ". 12

No entanto, a praga dos gafanhotos que Yahweh enviou teria feito essa conta parecer uma peça de criança (Ex. 9:14).

Havia muitos deuses associados com as culturas do Egito, pois as culturas e o Nilo eram a fonte de toda a vida no país. Havia Nepri, o deus do grão; Ermutet, a deusa do parto e das culturas; Thermuthis, a deusa da fertilidade e a colheita; e Seth, outro deus das culturas.

Houve descobertas de muitos amuletos sob a forma de um gafanhoto que provavelmente eram usados pelos egípcios para afastar os enxames que estragariam suas colheitas.

Os gafanhotos eram tão numerosos que Ex. 10:15 diz que toda a terra estava escurecida. Os gafanhotos não acabariam de destruir as culturas, mas também as árvores e os frutos da terra.

Faraó enviou por Moisés e Arão em "pressa" e confessou que ele pecou contra o Senhor e Moisés e Arão e pediu perdão e que a praga cessasse. No entanto, o Senhor endureceu o coração de Faraó e ele não deixou Israel ir.

Peste nove: escuridão na terra (10: 21-29)

Amon-Ra (Amun-Re) era a principal divindade do Egito e o deus do sol que fazia parte da tríade muito importante das divindades, incluindo sua esposa Mut - a mãe divina, a rainha de todos os deuses e um bissexual representado pelo corpo de um mulher e cabeça de um abutre - e seu filho Khons, o deus da lua.

"A lua era um deus, talvez o mais antigo de todos os que eram adorados no Egito; mas na teologia oficial o maior dos deuses era o sol. Às vezes, era adorado como a divindade suprema Ra ou Re, o pai brilhante que fertilizava a Mãe Terra com raios de calor penetrante e luz; às vezes era um bezerro divino, nascido de novo a cada madrugada, navegando lentamente no céu em um barco celestial, e descendo para o oeste, à noite, como um velho varrendo para o túmulo. Ou o sol era o deus Horus, tomando a forma graciosa de um falcão, voando majestosamente através dos céus dia após dia como se fosse a supervisão de seu reino e se tornando um dos símbolos recorrentes da religião e da realeza egípcias. Sempre Ra, ou o sol, foi o Criador: em seu primeiro surgimento, vendo a terra deserta e desnuda, inundou-a com seus raios energizantes, e todos os seres vivos - vegetais, animais e humanos - surgiram de sua boca olhos e espalhados pelo mundo " 13.

O deus do sol Ra foi considerado uma grande benção para a terra por sua fidelidade ao proporcionar o calor e a luz do sol todos os dias sem falhas.

"Salve-te, lindo Rá do cotidiano, que nasce ao amanhecer sem cessar, Khepri cansando (ele mesmo) sem trabalho! Seus raios são (um) rosto, sem que alguém o conheça. O ouro fino não é como o brilho de você. Você que se construiu, fez o seu corpo, um formador que não estava formado; único em sua natureza, passando a eternidade, o distante, sob a orientação dos quais são milhões de maneiras, assim como o seu resplendor é como o brilho do céu e sua cor brilha mais do que a sua superfície ". 14

Na mitologia egípcia, Horus era o deus da luz que personificava o poder vivificante do Sol. Ele geralmente era representado como um homem com cabeça de falcão que usava um disco solar como uma coroa. Havia também o deus Ptah, aquele que criou a lua, o sol e a terra; Atum, o deus do pôr-do-sol; e Shu, o deus da luz solar e do ar. Khepre, que muitas vezes apareceu na forma do escaravelho, era uma forma de Ra.

A praga também teria sido um ataque direto contra o faraó, pois ele era a **representação divina do deus do sol Ra**. A escuridão cobriu a terra por três dias, e ninguém podia ver nada ou sair de suas casas. No entanto, onde Israel era, eles tinham luz!

Mesmo DEUS usando as forças da natureza, natureza esta que Ele criou, estas pragas se revelaram extremamente sobrenaturais, pois DEUS estava no controle

de todas, e os escravos hebreus não eram atingidos por elas.



O deus sol Rá, tinha sido o principal deus no Egito por séculos, e todo rei (faraó) chamava a si mesmo de “filho de Rá”. Na época de Moisés, esse deus era identificado com Amon e tinha o nome de Amon–Rá. Os maiores templos que o mundo já viram foram construídos em sua honra, e um deles, o grande templo em Karnak, no alto Egito, ainda é magnificente, mesmo em ruínas.



Outro deus era o disco-sol Aton, que poucas décadas depois do êxodo se tornou o deus supremo do sistema religioso egípcio.

Por ocasião da nona praga, a completa impotência desses deuses estava demonstrada claramente aos seus adoradores.

O faraó disse que permitiria que Moisés tomasse Israel e se sacrificasse, exceto que eles deveriam deixar seus animais para trás. Moisés declarou que eles precisam do gado para fazer sacrifícios. Mas o Senhor endureceu o coração de Faraó e ele não permitiu que eles fossem e dissessem a Moisés para deixar sua visão ou ele o mataria.

Praga Dez: morte do primogênito (12: 29-42)

Esta praga foi dirigida contra "todos os deuses do Egito" (Êxodo 12:12) e mostraria a incapacidade total dos deuses do Egito para proteger seus assuntos diante de uma tragédia incomparável.

Esta praga era potencialmente mais devastadora do que todas as outras pragas combinadas, pois o primogênito não era apenas o herdeiro de uma dupla porção da herança de seu pai, mas representava qualidades especiais de vida (Gênesis 49: 3). A lei da primogenitura decretou que o filho primogênito herdaria a maior parte de uma propriedade familiar quando o pai morresse. A morte do filho primogênito paralisaria uma família legal e emocionalmente.

Isso teria sido humilhante para Isis, a deusa alada da fertilidade; Meskhenet, a deusa que presidiu o nascimento de crianças; a Hathor, uma das sete deidades que participaram do nascimento de crianças; a Min, o deus da procriação; a Selket, o guardião da vida; e a Renenutet, a cobra-deusa e guardiã do faraó.

Não só isso é um ataque contra os deuses, mas também contra o faraó. Isso minou sua imortalidade por sua incapacidade de proteger seu filho, que era um deus também, e prejudicou sua capacidade de proporcionar unidade e proteção sobre a terra do Egito.

E destruiria a possibilidade da ressurreição do Faraó. O total impacto desta praga pode ser visto no ANEXO O HOMEM QUE QUERIA SER DEUS.

A palavra hebraica para a peste no Ex. 11: 1 descreve uma "marca" e vem da palavra raiz hebraica naga, que significa "tocar, alcançar ou atacar". Anteriormente, o Senhor não revelou quantas pragas haveria, e **agora o Senhor revela que essa será a último e que deixará uma marca no Egito.** Em Ps. 135: 8 e Ps. 136: 10 a morte do primogênito é a única praga mencionada, provavelmente porque essa praga causou uma ótima impressão nas gerações futuras.

Considerando que todas as outras pragas afetaram tudo ao redor, este foi selecionado para afetar apenas o filho primogênito de cada família. É interessante notar que mesmo a descendência dos animais está incluída nesta distinção.

Nas pragas anteriores, Israel foi deixado intacto como uma nação, mas agora o Senhor exigiu um ato de fé de sua parte para escapar do julgamento.

O próprio Faraó foi deixado sem herdeiro do trono; Isso seria devastador para um rei, especialmente aquele que era a representação do deus Ra.

"Após a morte de Thutmose III, seu filho, Amenhotep II, tomou o trono e governou por pelo menos vinte e seis anos. Este rei, de acordo com o início do êxodo, teria sido o faraó do êxodo e aquele que perdeu seu filho primogênito no julgamento final de Deus (Êxodo 12). Alguns viram um relacionamento entre a morte do filho primogênito de Amenhotep e a conhecida "Estela dos Sonhos" de Thutmose IV, seu filho e sucessor do trono. Neste documento, o deus Har-em-akht prometeu

o trono a Thutmose IV com a condição de restaurar a exposição da grande esfinge que, aparentemente, tinha sido amplamente coberta por areia deriva. É opinião que esta Estela dos Sonhos representa uma tentativa de legitimar seu direito ao trono, já que ele aparentemente não era o filho primogênito ".

Faraó deixou Israel ir sacrifício ao deus, mas não está claro se ele tinha a intenção de libertá-los e então mudou de opinião ou apenas deu-lhes permissão para ir e voltar e depois perseguiu-os porque fugiram. No entanto, o faraó mudou de opinião quando percebeu que perdeu uma força de trabalho tão grande, porque o Senhor endureceu seu coração, e então os perseguiu com seu exército.

As Pragas da DeCriação

Em Êxodo 7-12, Deus tomou a ordem de criação de Gênesis 1 e a inverteu, transformando essa ordem e estrutura em caos para julgar o Egito.

O que foi originalmente declarado bom em Gênesis 1 é agora uma maldição sobre os egípcios.

As pragas são um novo ataque aos deuses do Egito, uma vez que a eles foram creditados a criação da Terra e da humanidade. Agora, o verdadeiro Criador está desfazendo a criação antes deles para mostrar quem realmente tem o poder, como se dissesse: "Eu o trouxe para este mundo, e eu posso levá-lo para fora".

Um outro testemunho do poder divino e da proteção de Yahweh é o fato de que, através da destruição do Egito, Israel não é afetado. Israel experimenta a vida e a criação de Deus enquanto os egípcios sofrem ao redor deles. Eles serão então recriados para uma nova criação e nação através do êxodo e sua entrada na Terra Prometida.

A criação de Israel em uma nação

O êxodo é visto como um segundo ato de criação para Israel no Êxodo 13-15. A criação redentora de Israel no mar é lançada no mesmo estilo narrativo do relato original da criação em Gênesis 1.

O primeiro ato é que a divina coluna de fogo tira luz das trevas do Egito (Êx 13:21), como se viu no primeiro dia da criação (Gn 1: 1-5).

No mar, as águas estão divididas (Ex. 14:21), como visto no segundo dia da criação (Gênesis 1: 6-8), e a terra seca é revelada (Ex. 14:29) como visto no terceiro dia da criação (Gênesis 1: 9-13).

Deut. 32:11 discute o cuidado de Yahweh com Israel ao atravessar o mar e é comparado a uma águia passando por cima e protegendo o jovem.

A palavra hebraica rahap ("paira") é a mesma palavra usada em Gen. 1: 2, onde o Espírito de Deus estava "pairando" sobre a água.

O mar

O Senhor usa o caos do mar para julgar os egípcios (Isaías 51: 9-10), tal como fez nos dias de Noé (Gênesis 6: 11-21; 7: 17-24), e **então ele subjuga o caos para estabelecer o Seu novo povo, bem como Ele fez na criação do universo para Adão e Eva (Gen. 1-2; Ps. 74: 12-17; 89).**

Ex. 14:21 afirma que "o Senhor separou o mar por um forte vento oriental", e Ex. 15: 8 afirma: "pela explosão de suas narinas as águas foram empilhadas". Ex. 15:10 afirma: "voce soprou com tua respiração, e o mar os cobriu".

É pelo vento que o Senhor controla as águas do mar e o move como Ele deseja. Assim como o vento / espírito de Deus se moveu através do mar em Gn 1: 3 e Deus enviou o vento para fazer cair as águas após o dilúvio (Gn 8: 1), então também ele controla o mar furioso aqui dividindo-o e em seguida, fazendo com que eles devorem os egípcios.

O Javé agindo como um guerreiro divino que usa o mar para destruir seus inimigos é visto claramente no poema de Êxodo 15.

"O poema do Ex. 15 celebra o presente de Javé com seu povo e faz para eles como nenhum outro deus em qualquer lugar e em qualquer momento pode estar presente para fazer. Como tal, é uma espécie de resumo da base teológica de todo o livro do Êxodo " .17

Ps. 77: 13-20 f**ala do reinado de Javé sobre as águas enquanto eles tremem de medo ao Seu poder. Ele é visto como um guerreiro divino que atravessa o mar dividido (caos e mal) e leva o Seu povo com segurança.** É um salmo, 51: 9-10 também fala à derrota de Yahweh do mar no Exodo quando o autor clama a Ele para agir de novo como Ele fez naquele dia. Nos relatos históricos do Exodo, o mar é visto como uma ferramenta que o Senhor usa para destruir o Egito;

Na poesia, o mar é visto como representando o mal (Egito), que o Senhor derrota com sucesso para que Ele possa entregar o Seu povo.

CAPITULO – IV - A ISIS DE TODOS NÓS. A IMAGEM DE EVA TRANSFORMADA NO MAIOR ÍDOLO VIVO. ISIS, ISHTAR, INANA, AFRODITE, PERSEFONE, E AS DEUSAS DO AMOR DA ANTIGUIDADE

Tudo se inicia ali no Egito, as formas religiosas que dará origem às histórias românticas e sensuais das deusas, a adoração do espírito da feiticeira, da sacerdotisa, profetiza morta. O nascimento ou compartilhamento do romantismo trágico da religião egípcia originará inúmeras festividades, rituais e divindades, com as mesmas tragédias humanas, carentes, sensuais, cheias de desejo, buscando viver sua vida divina do jeito que conseguirem no meio de famílias degeneradas, cíumes, intrigas, assassinatos, incestos, estupros de toda sorte, que contaminarão as religiões sumerianas, africanas, o panteão grego e um dia estarão presentes até nas histórias do cântico sagrado indiano – os vedas.

O primeiro grande mistério por detrás das deusas da antiguidade é a figura mítica de Eva, transmutada em rainha celestial. Carregando um drama cósmico que será relido de modos assombrosos e fantásticos em cada nação diferente.

O segundo grande mistério é o da divinização do espírito dos mortos, que se transformarão em deuses e ganharão novas histórias no decorrer das gerações.

E o terceito mistério é o do surgimento da feitiçaria. Presente em todas as religiões da antiguidade. Com o surgimento da feitiçaria, o surgimento da feiticeira, que ao atingir o estado de sacerdotisa, ao morrer, tornou-se o protótipo de uma deusa antiga. Uma Eva demonizada. Uma Lilith, conforme as lendas do mundo antigo.

LILITH

O mito de Lilith (Hurwitz, 2006, p. 85-89) povoou o imaginário sumério babilônico antes dos tempos bíblicos e habita atual mente a subjetividade dos movimentos sociais ligados à libertação da mulher especialmente aqueles ligados aos movimentos feministas e de gênero. A palavra, que aparece em Isaias **34:14: " Os gatos selvagens conviverão aí com as hienas, os sátiros chamarão os seus companheiros. Ali descansará Lilith, e achará um pouso para si"**. Em português foi traduzida por lâmias, fantasmas e por vezes Lilith. No hebraico, derivado do aramaico lilitu que na Babilônia e na Assíria significa demônio feminino. A etimologia judaica derivou Lilith do aramaico layil, que significa 'noite' a lua 'negra' correspondente a lâmia grega.

A feitiçaria, o encantamento ou magia será exercido por sacerdotes e sacerdotisas, quando nos templos e por feiticeiros e feiticeiras quando não relacionada a eles. E através da feitiçaria houve uma união entre o espiritual e o erotismo, entre a perversão sexual e religião, entre a energia dos deuses e a energia da prostituição sagrada.
Na medida que esse estudo se aprofundar na COSMOGONIA erótica da antiguidade, esse conceito se tornaraá mais claro.

O contrate do amor de Cantares de Salomão com os hinos de adoração as deusas da antiguidade, é que é amor humano para pessoas existentes, misturado com amor divino, ambos reais. E as canções de amor as deusas eram desejo sexual disfarçado de adoração, cantos de paixão para produtos de ficção. As sacerdotisas as representavam de um modo lúdico, de modo teatral, fingindo receber um amor real que não existia, sendo veículo para beijos e carícias dirigidas não a elas, mas as deusas que representavam. A Sunamita de Cantares é real, é uma menina, amada por um um rei. O amor romântico de Cantares é a resposta do Espírito de Deus para as moças que viviam num mundo religioso de prostituição e engano.

Essa visão é bem aprofundada nos capítulos posteriores.

DO EGITO TIREI MEU FILHO. Um dos mais extensos e extraordinários estudos proféticos sobre Jesus e o Egito. Analisando a abrangência desta profecia, seus inúmeros significados e fantásticos desdobramentos. Uma meditação sobre o Egito da antiguidade, seu reflexo psicológico e espiritual do mundo moderno e uma constatação sobre a singularidade da pessoa de Cristo, como que...contemplado por um (abismado) sacerdote egípcio. Um estudo onde você é convidado a contemplar as Escrituras Sagradas, vestida com as vestes de uma dançarina egípcia, porém permanecendo em seu coração como de uma camponesa Israelita. Uma leitura que fará você entender porque Ísis foi desprezada no cenário do Êxodo, enfrentada no contexto de Israel e finalmente julgada, já com vestidos babilônicos, na profecia de Apocalipse. E compreender porque o Espírito de Deus tinha em seu coração uma caçadora de raposas. Não necessariamente nesta mesma ordem.

CAPITULO V - A RETIRADA DO CORAÇÃO DO FARAÓ, A SUBSTITUIÇÃO

O escaravelho-coração é tido como um dos amuletos funerários mais importantes que acompanhavam a múmia. Tal fato se dava porque a função desse amuleto **era de não deixar que o coração se levantasse contra seu dono** no momento da pesagem no Tribunal de Osíris. Destarte, o coração era tido como órgão mais importante do corpo humano, porque nele se encontrava a **sabedoria, os desejos, a dor, a raiva, ou seja, todos os sentimentos**. Os amuletos de escaravelho foram utilizados pelos egípcios desde o Período pré-dinástico, estes eram vistos como a simbologia do deus solar Khepri ( ) que significava ressurreição e renascimento, também identificado como o sol nascente. Ele pode ser representado como um escaravelho com o disco solar ou como um homem com cabeça de escaravelho. Por que ressurreição e renascimento? Porque os egípcios perceberam que esse inseto fazia uma bola de excrementos e a arrastava pelo deserto com o intuito de enterrá-la. Após 28 dias um novo escaravelho nascia. Fato que os levou a crer que os escaravelhos renasciam. Dessa forma, os amuletos de escaravelhos eram utilizados nos caixões, nas múmias e nas inscrições das tumbas egípcias para que garantissem o renascimento do morto. Sua função era não permitir que o coração do morto se levantasse contra seu dono durante o Tribunal de Osíris. Esse Tribunal consistia no local onde o coração era pesado na balança da verdade e da justiça, tendo como contrapeso a deusa Maat, representada por uma pena. Caso o coração fosse mais pesado que a pena, ele era devorado por Ammit (deusa híbrida de crocodilo-hipopótamo-leão), que espreitava ao lado da balança. Caso o coração do morto fosse devorado, seu nome sumiria por toda a eternidade. Isso para os egípcios antigos seria a morte realmente, momento em que a pessoa era completamente esquecida. Em contrapartida, se o coração fosse menos pesado ou de peso igual ao da pena, o morto teria o direito de ir para o Mundo Inferior. Contudo, para que o coração tivesse esse peso, contava-se com a ajuda o escaravelho-coração que possuía em sua base o Capítulo 30b do Livro dos Mortos. Todavia o amuleto poderia conter outros textos que indicassem esse desejo do morto em manter o seu coração leve.

Ezequiel 36

...25Então aspergirei água fresca e límpida, e ficareis purificados; **Eu mesmo vos purificarei de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos.** 26E vos darei um novo coração e derramarei um espírito novo dentro de cada um de vós; arrancarei de vós o coração de pedra e vos abençoarei com um coração de carne.

Quando lemos nas Escrituras a profecia de Ezequiel, estamos lendo uma das maiores preocupações do antigo faraó, um milagre que o Egito desconhecia. O da mudança de essência, da modificação do caráter. O milagre da REGENERAÇÃO. O faró conhecia sua PECAMINOSIDADE. E compreendia que no mais profundo do seu ser, seu coração, poderai traí-lo quando da época de seu julgamento celestial, revelando suas faltas, revelando seu verdadeiro caráter, já que sua mente não estaria em condições de resistir ao seu interior. Um egípcio lendo isso ficaria

maravilhado. Ele preferia arrancar seu coração e aprisionar em algum lugar remoto, do que ter a possibilidade de ser manifestado seus desejos mais íntimos. Ezequiel mostra um caminho mais excelente. Que só poderia ser cumprido após a ressurreição de Jesus.

CAPITULO VI – A CRUZ

A mais tremenda profecia bíblica diz respeito a cruz do calvário.

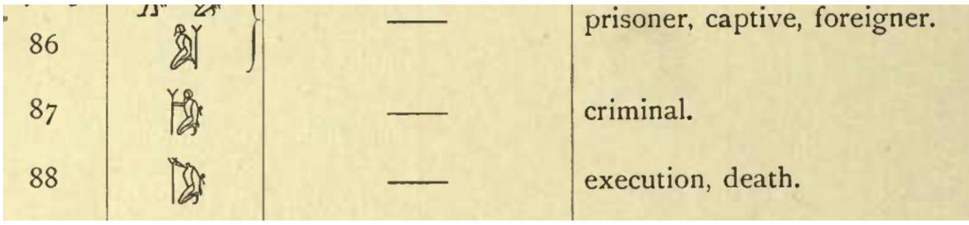
MALDITO O QUE FOR PENDURADO NUM MADEIRO.

A MALDIÇÃO DA CRUZ

Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e for morto, e **o pendurares num madeiro**, Deuteronômio 21:22

Cristo nos resgatou da maldição da lei, **fazendo-se maldição** por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro; Gálatas 3:13

A maldição da cruz é a profecia que diz respeito a expiação dos pecados da humanidade, que se cumpre através de pedaços de uma árvore cortada e montada em forma de uma cruz, a qual poderia ser feita de carvalho, sicômoro, cedro. Dentro da escrita sagrada dos egípcios, temos já firmada a idéia de transgressão, morte, juízo, crime e um madeiro. Os prisioneiros eram amarrados em troncos com uma derivação. E eram enforcados, ou tinham seus corpos pendurados em determinadas situações.



86		—	prisoner, captive, foreigner.
87		—	criminal.
88		—	execution, death.

BY (SIR) E A WALLIS BUDGE 1920

Os egípcios possuima um símbolo de ressurreição que era também uma cruz. O Ankh, (pronuncia-se "anrr") conhecida também como cruz ansata, era na escrita hieroglífica egípcia o símbolo da vida. Conhecido também como símbolo da vida eterna. Os egípcios usavam-na para indicar a vida após a morte.





A esperança da ressurreição do morto era simbolizada por uma cruz. A condenação de um criminoso e sua execução simbolizadas por um madeiro.

A deusa NUIT ou NUT se manifestava através do espírito de um SICOMORO.



O sicômoro era conhecido em Israel como Figueira Brava. Dava falsos figos, frutas amargas que não serviam para alimentação humana.

Era o “sicômoro-figueira” de Lucas 19:4. Esta árvore (*Ficus sycomorus*) tem frutos semelhantes aos da figueira comum, mas sua folhagem é semelhante à da amoreira. Atinge a altura de 10 a 15 m, é resistente, e pode atingir várias centenas de anos de vida. Dessemelhante da figueira comum, o sicômoro (sicômoro-figueira) é uma sempre-verde. Ao passo que suas folhas em forma de coração são menores que as da figueira, a folhagem é densa e ampla, e a árvore oferece uma boa sombra.

Quando Jesus amaldiçoa a figueira sem frutos, ou ela é um sicômoro, ou simboliza um sicômoro. E também amaldiçoa a árvore, ou a representação de uma árvore qualquer, da qual se construirá um pedaço da cruz do calvário.

Nuit está certamente representada ali, nessa cena da maldição da figueira, também. Está sendo formalmente rejeitada. O universo, o cosmos, as estrelas, a noite, passará. Será desfeito pela nova criação. Onde NUIT não estará presente.

Apocalipse 22. 1

1 Então vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra haviam passado; e o mar já não mais existia.

O cosmos, que NUIT egípcia representava, já não existirá mais.

4 Eles contemplarão a sua face, e o seu Nome estará sobre as frontes dos seus servos. 5 Assim, já não haverá noite, nem necessitarão eles da luz dos candelabros, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará, e eles reinarão para todo o sempre. Breve estas profecias ocorrerão

Então a cruz estava na cosmovisão egípcia, estava pretipificada, possuia uma SOMBRA, uma idéia, uma sugestão profética. Ou como eu ousadamente vou afirmar, um oráculo divino, o mais profundo de todos, perdido ali no meio da imaginação e ficção religiosa.

Os egípcios criam que “Regiões celestiais” na terra poderiam ser geradas com uso de amuletos especialmente preparados para isso, similar ao pensamento coreano da antiguidade, e a função milenar dos milhares de bandeiras ou flamulas com dizeres mágicos pendurados em centenas de templos xintoístas, taoístas e budistas. No Tibete essa função é exercida por quadros e pinturas, em determinados templos do Japão são figuras tais como dragões, leões e raposas que guardam os santuários, que protegem o conjunto religioso, magicamente.

Tudo que estiver no recinto ou área ficaria protegido pela flamula, bandeira, inscrição ou TATUAGEM.

A CRUZ DO CALVÁRIO aponta para ESSE DESÍGNIO. A cruz é um sinal de maldição que abençoa o mundo. Quem debaixo de sua sombra se abriga, quem estiver sob sua área de proteção, não teme as trevas, a maldição, o inferno.

Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.

1 Coríntios 1:18

A cruz do calvário já aparecia em sombra em muitas realidades espirituais dos povos. Incluindo em hierógrifos egípcios.

CAPITULO VII - CERIMÔNIA DE ABERTURA DA BOCA

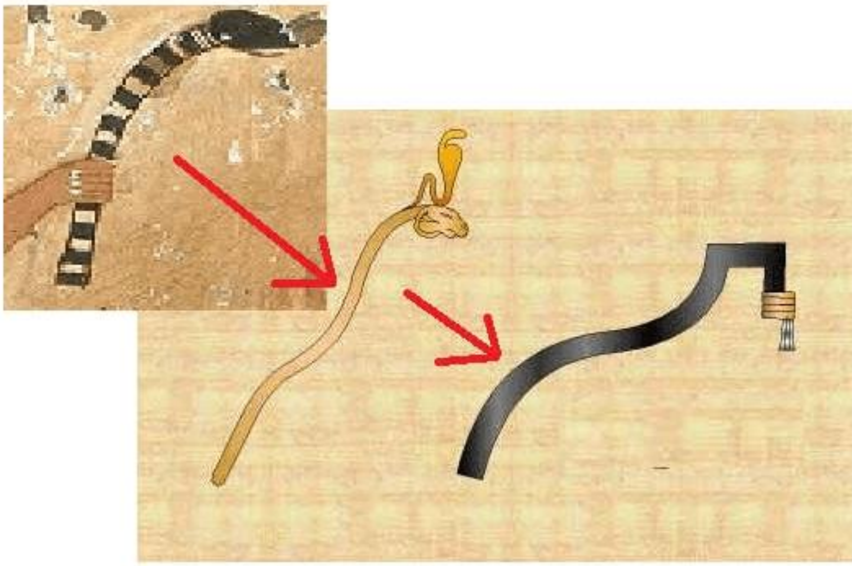
A cerimônia de Abertura da Boca (wpt-r ou wn-r) aparece em primeira vez no Texto das Pirâmides, descrevendo que em uma estátua do deus ou do faraó a vida era inserida. No entanto, a maioria dos remanescentes desse ritual é do Novo Império, que pode ser encontrado em papiros e paredes de tumbas. Esse cerimonial poderia ser feito na múmia, no caixão ou em estátuas que representavam o morto. Ann Macy Roth (1993) o ritual começa a ser feito em estátuas no Antigo Império, não anterior à 6ª dinastia. Onde ao invés de instrumentos eram utilizados próprios dedos do sacerdote. Para ela, esse cerimonial começou da observação de limpar a boca dos bebês após o nascimento. Por isso que a metáfora em dar vida ao morto por meio desse ritual seria de tocar os seus lábios. O ritual consistia em tocar a boca do morto com o pesesh-kef e recitando as seguintes palavras: "Oh N, eu consolidei sua mandíbula então ela nunca mais será dividida. Eu novamente abri a sua boca com o instrumento pesesh-kef, o qual é utilizado para abrir a boca de todos os deuses e todas as deusas." Contudo, esse ritual consistia em 75 atos separados e para realizá-los eram necessários instrumentos específicos — como o Setep feito em madeira e material metálico, o Pesesh-kef e o Enxó totalmente em madeira—óleos, ungüentos e cosméticos, que são os mesmos utilizados no processo de mumificação.





As Figuras acima mostram alguns modelos desse instrumento e na iconografia quando se mostra a Cerimônia de Abertura da Boca o Enxó está na mão de quem efetua o ritual. Todavia, Pesesh-kef é utilizado desde o Antigo Império





Evolução do símbolo do instrumento. Originalmente ele tinha o formato de uma COBRA.

O cerimonial era realizado pelo filho do morto ou por um sacerdote, no caso de sucessão real pelo próximo faraó. Há aqui mais uma demonstração da legitimação do cargo, onde Hórus faz a Cerimônia de Abertura da Boca em Osíris. A ritualística desse cerimonial mais uma vez esbarra no viés político-social egípcio, segundo o qual para a legitimação do poder e para que o novo faraó fosse reconhecido seria preciso realizar a Cerimônia de Abertura da Boca no faraó morto. Ou seja, a ideologia aqui aparece de uma maneira simbólica, mas com o intuito de colocar em ação uma troca de poder que nem sempre era sucessória consanguineamente. Um exemplo bastante conhecido desse ritual está na câmara funerária de Tutankhamun, faraó da 18ª dinastia, onde seu sucessor Ay realiza a cerimônia O ritual marcava a finalização do processo de mumificação e consistia em dar vida ao morto. Como o nome da cerimônia indica, ao abrir a boca do morto ele poderia novamente falar e comer. Todavia, como há o

toque em várias partes da múmia ou caixão não é somente a abertura da boca, como também dos olhos, orelhas, nariz e outras partes do corpo. Quando o morto tinha suas faculdades terrenas de volta ele poderia sustentar seu ka. No Texto dos Caixões (CT 65) aparece a cena onde Hórus e Ptah abrem a boca do morto, continuamente Ptah e Thoth fazem o ritual da transfiguração onde Thoth recoloca o coração no corpo do morto e proclama: "assim você se lembra do que esqueceu e pode comer pão como desejas." A continuação dessa tradição pode ser vista no Capítulo 23 Livro dos Mortos que trata especificamente desse ritual nas seguintes palavras (ANDREWS e FAULKNER, 1985, p.51): 51 Fórmula para abrir a boca de N Minha boca está aberta por Ptah e o que estava em minha boca foi liberado pelo meu deus local. Thoth veio de fato, cheio e equipado com mágica e os laços com Seth que estavam restritos em minha boca foram aliviados. Atum desviou-os e arremessou longe as restrições a Seth. Minha boca está aberta, minha boca está aberta e separada por Shu com seu arpão de ferro com o qual ele abre as bocas dos deuses. Eu sou Sakhmet, e sento ao lado dela que está no grande vento do céu; eu sou Órion o Grande que reside com as Almas de Heliópolis.

Tanto para alguma fórmula mágica ou qualquer palavra que pode ter sido expressada contra mim, os deuses irão se levantar contra elas, até mesmo a enéade inteira. A vinheta desse capítulo (Figura 7) traz o morto, no caso aqui Nakht (a quem pertence o Capítulo 23 citado), tendo o cerimonial realizado por um deus com cabeça de falcão que possui em sua mão um Enxó, que dá novamente ao morto todas as faculdades para que ele possa utilizá-las no Mundo Inferior.

Os amuletos poderiam ter inúmeras formas, variando de partes do corpo humano, de animais, adornos de deuses e símbolos da eternidade. O material com o qual esse era feito tinha um efeito tão significativo quanto a sua forma. Alguns amuletos por si só já exercem o seu poder, todavia, alguns precisam de apoio de textos. Como aqui se trata de amuletos funerários em uso a partir o Novo Império, o texto é o Livro dos Mortos. No entanto, não quer dizer que não eram utilizados anteriormente, somente que as fontes consultadas são dessa época. Os amuletos funerários eram colocados no corpo do morto para protegê-lo em sua jornada rumo ao Mundo Inferior. Um dos motivos pelo qual não podemos citar todos os amuletos é a sua grande quantidade. Em Dendera há uma listagem com 104 amuletos que deveriam ser colocados nas bandagens das múmias. Nesta lista os amuletos que mais aparecem são os escaravelhos e o olho-udjat, todavia ela não especifica o local na múmia. Destarte, na 26ª dinastia o número de amuletos diferenciados que existia chegava a 300. Com o advento da tecnologia e os estudos realizados por meio de raios-X e mais desenvolvidos hoje com o auxílio das tomografias computadorizadas, não se faz necessário desenrolar as múmias para que se possa ver a localização de seus amuletos. Como pode ser visto na múmia de Sha-Amun-en-su, onde está indicada a localização de seu escaravelho-coração. Os amuletos eram utilizados em vida e, posteriormente, colocados juntamente com o morto. Mas, no caso específico dos amuletos funerários que aparecem nas bandagens das múmias, eles protegiam partes específicas do corpo, como o amuleto do coração, o escaravelho-coração, pilar-djed, entre outros. Muitos amuletos simbolizavam os próprios hieróglifos, como a cruz-ankh que era a "vida", mas curiosamente, na listagem de Dendera não aparece esse símbolo. Como parte do equipamento funerário, esses amuletos davam proteção ao morto em sua jornada até o Mundo Inferior. No Livro dos Mortos há

capítulos específicos que falam como deve ser feito cada tipo de amuleto, com qual material e como eles aparecem em suas vinhetas. Quando colocado em lugar correto o amuleto se tornava extremamente poderoso e os que aparecem no Livro dos Mortos tinham seus locais específicos no pescoço do morto e em seu peito. A seguir se tem os principais amuletos encontrados em múmias.

No Antigo Império, os faraós eram os próprios deuses na terra. Contudo, no Novo Império eles eram os intermediadores dessa relação entre homem e natureza, homem e o cosmos. Os faraós eram uma personificação divina, Hórus habitando a terra, somente ele poderia se comunicar com os deuses, o que ocorria após a coroação. A sacralização aparecia nas regalias utilizadas pelo governante, como cetros, coroas e vestimentas. Destarte, o governante não poderia realizar todos os rituais e cultos e, para isso, ele nomeava os sacerdotes que fariam algumas de suas funções nos templos. Os sacerdotes ou vizires poderiam realizar essas funções de culto nos templos porque eles eram tidos como a personificação do faraó. Esses também desempenhavam funções administrativas, como a supervisão de construções de tumbas e templos e distribuição de bens. Apesar de ser um cargo apresentado como hereditário, eles só assumiriam tal posto se fossem nomeados pelo faraó.

Há um salmo bíblico em que DAVI pede de modo PROFÉTICO que seja o próprio Deus que realize algo semelhante ao ritual egípcio, só que com ele VIVO. Na poesia hebraica ficou a lembrança do ritual, como figura de expressão.



CAPITULO VIII – O NOME

O nome secreto – O NOME QUE NINGUÉM CONHECE

Os deuses não eram seres perfeitos e imutáveis. A aparência de um deus é inconstante e o seu nome não bastava para exprimir sua natureza. Ninguém poderia saber o nome secreto dos deuses porque aquele que detivesse esse conhecimento poderia utilizá-lo contra o deus e tornar-se mais poderoso. Todavia, invocar um deus contribuía para sua existência e subsistência. Eles envelheciam, padeciam de doenças e até morriam. Entretanto, esse tipo de representação é amplamente utilizado a partir do Período Raméssida. O mito do Nome Verdadeiro de Rê é uma clássica ilustração da imperfeição desses deuses, assim como mostra a importância dos nomes dos deuses. O mito consistia no ponto em que as pessoas e as divindades estavam ligadas ao deus criador identificado como Rê. Ele aparecia sob diversas formas e era conhecido por uma infinidade de nomes, mas nenhum desses era o seu verdadeiro nome. O verdadeiro nome desse deus ficava guardado em seu estômago para que ninguém pudesse usá-lo contra ele. Ísis conhecia tudo na terra e no divino, mas ela não sabia o nome de Rê e foi a única a desafiá-lo. A oportunidade para ela descobrir se deu quando o deus, já aparentando uma idade muito avançada, começa a babar. Com isso, ela pega um pouco de sua saliva e a mistura com terra moldando-a como uma cobra. Ela leva a cobra para um local onde Rê passava todos os dias, ele é mordido pela cobra e o veneno queima como fogo, fazendo o deus gritar e perturbando os outros deuses. No começo, ele não conseguia falar porque o veneno dominava seu corpo como uma inundação, mas depois ele explica aos seus seguidores que fora picado por uma criatura que não tivera sido criada por ele. O deus pede ajuda às outras entidades divinas e Ísis promete ao deus que destruiria essa criatura com seus poderes mágicos. Contudo, o deus não contava com um pedido de Ísis: ela diz que o ajudará se ele disser seu nome. Rê se descreve como aquele que criou o mundo físico, que causa a inundação do Nilo, que dividiu o ano em estações e termina dizendo que é chamado de Khepri no amanhecer, Rê ao meio dia e Atum no início da noite. Mas, nenhum desses é seu verdadeiro nome e a dor continua. Ísis insiste que somente poderá ajudar se ele disser seu verdadeiro nome. A dor aumenta a cada instante e o deus não resiste e sussurra seu nome no ouvido da deusa. Ele diz que quando chegar o momento oportuno que ela diga a Hórus o nome. A deusa então profere palavras mágicas e o veneno e a dor cessam. Eventualmente, Hórus, seu filho e governante do Egito, seria, juntamente com ela, os únicos a saberem o nome de Rê (PINCH, 2003, p.70)

A IMPORTANCIA DA MEMÓRIA DOS MORTOS – ATO DE NOMEAÇÃO

No tempo de Abidos, edificado por Seti I, na chamada Lista de Abidos (lista que enumera os nomes de 76 faraós egípcios, desde os primeiros tempos da história do Egipto, com Menés, o fundador da I dinastia, até ao próprio Seti I, em termos convencionais o segundo faraó da XIX dinastia), todos os nomes dos "faraós amarnianos" são omitidos, ou seja, tratados como se essas personagens históricas nunca tivessem existido. Para que a individualidade de um morto sobrevivesse junto dos vivos era necessária a existência de intensos laços afetivos e intersubjectivos, isto é, **o nome, para que estes se mantivessem vivos para lá da morte. Um defunto**

com nome tem a possibilidade de fazer um registo memorial para o futuro. Nada, nem mesmo a morte, nem outros nomes, podem apagar a memória, os traços, o rasto do sujeito. Perdido o nome, o defunto perde a memória. Dar um nome (a um filho, por exemplo) não era um ato de somenos importância e significação. Por vezes, implicava a consulta e a orientação divina acerca do nome ou nomes a atribuir. O nome dado a um filho refletia amiúde as circunstâncias que cercavam o seu nascimento ou os sentimentos nutridos por seu pai ou por sua mãe. Podiam surgir como combinações ou abreviações dos nomes divinos. Através de tais nomes, os pais expressavam a sua esperança do filho, da personalidade do filho, sintetizar o apreço e louvor para com tais seres divinos. **Tais nomes, geralmente, simbolizavam uma profunda experiência espiritual e um profundo desejo de união com o transcendente. Eram nomes místicos: constituíam-se como elos de ligação entre a realidade material, terrestre, efémera, e a realidade imaterial, celeste, imemorial.** Qual amuleto mágico simbolizavam o vínculo entre seres de planos e dimensões diferentes, reivindicando o ser humano a protecção e a orientação do ser divino, colocando-se, amistosa e voluntariamente, na sua dependência.

Falar ou agir «em nome» dessas entidades sobrenaturais ou ter o seu nome significava ser seu representante, seu delegado. É a faceta mística do nome. A alteração radical de uma maneira de ser e/ou estar, de uma cosmovisão, podiam levar a fenómenos de nomeação, mesmo de autonomeação, que consubstanciassem a própria alteração e a nova realidade partilhada pelo sujeito — tudo sempre sob o desejo de um profundo contacto com o sobrenatural, com o metafísico, com o transcendente. Sobre este aspecto particular dos nomes místicos ou teológicos não faltam exemplos na civilização egípcia, designadamente no nome dos faraós. Assim, podem destacar-se:

a) a inclusão do nome divino nos nomes pessoais humanos;

b) a alteração do nome pessoal como resultado de uma alteração de cosmovisão.

Em relação a esta primeira característica, há a destacar, a título de exemplo, a inclusão dos nomes de Ré, Amon e Montu (deuses solares) e de Tot (deus lunar) nos nomes dos faraós egípcios. O nome de Ré, atestando a importância do seu culto e do seu clero e também a origem heliopolitana dos faraós da V dinastia (local de adoração, por excelência, de Ré, surge, quase invariavelmente, na onomástica faraónica desta dinastia:

Sahuré, Neferirkaré, Chepseskaré, Neferefré, Niuserré, Djedkaré, além de serem considerados «filhos de Ré», incorporaram o nome do deus-solar nos seus nomes de nascimento e de coroação.

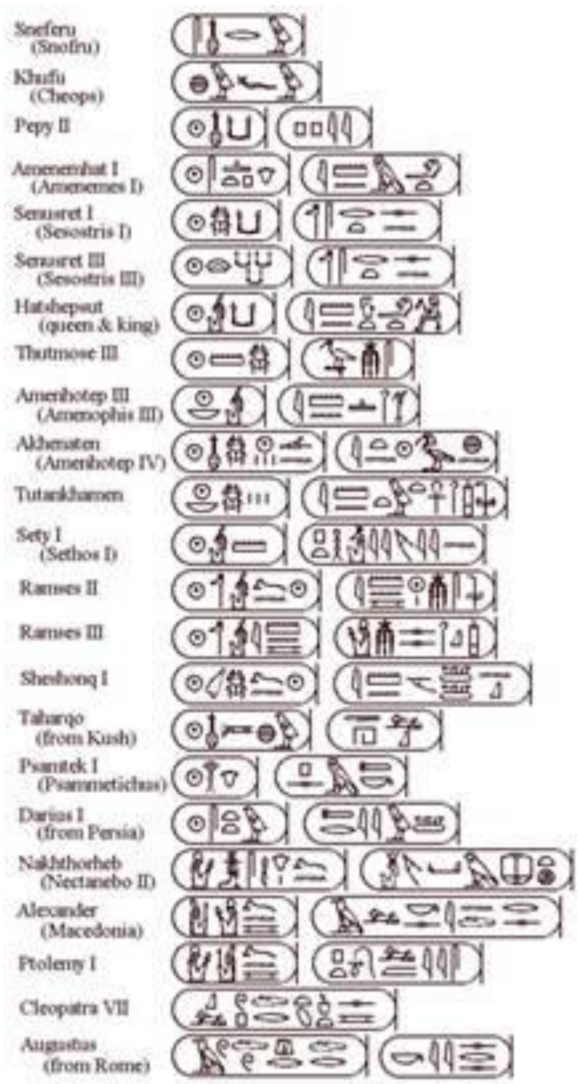
Esta nova sustentação do poder real da V dinastia fazia dos faraós não somente a encarnação de Hórus (como os seus Nomes de Hórus evocavam), mas também como descendentes, sucessores de Ré, o rei-deus que nos tempos imemoriais governara o Egipto, chegando inclusive a confundirem-se com ele. O nome liga a identidade individual a um afiliação socio-cultural. Estabelece, simultaneamente, a diferença e a pertença. Ser «filho de» é ser filho não só dos genitores carnais mas também descendente de antepassados, filho da própria sociedade. Pretende-se, assim, declarar a natureza divina do faraó. O mesmo se verifica com a família dosRaméssidas (da XIX e XX dinastias, Império Novo), cujo nome Ramesu significa «Ré criou-o». Em relação a Amon, é preciso referir os casos dos já mencionados primeiro

rei da XII dinastia, Amenemhat («Amon está no comando»), e do faraó da XVIII dinastia sob o qual se deu o retorno à adoração de Amon, Tutankhamon, «imagem viva de Amon». Lembremos que, inicialmente, como seguidor de Aton, o faraó recebera o nome de Tutankhaton, «imagem viva de Aton».

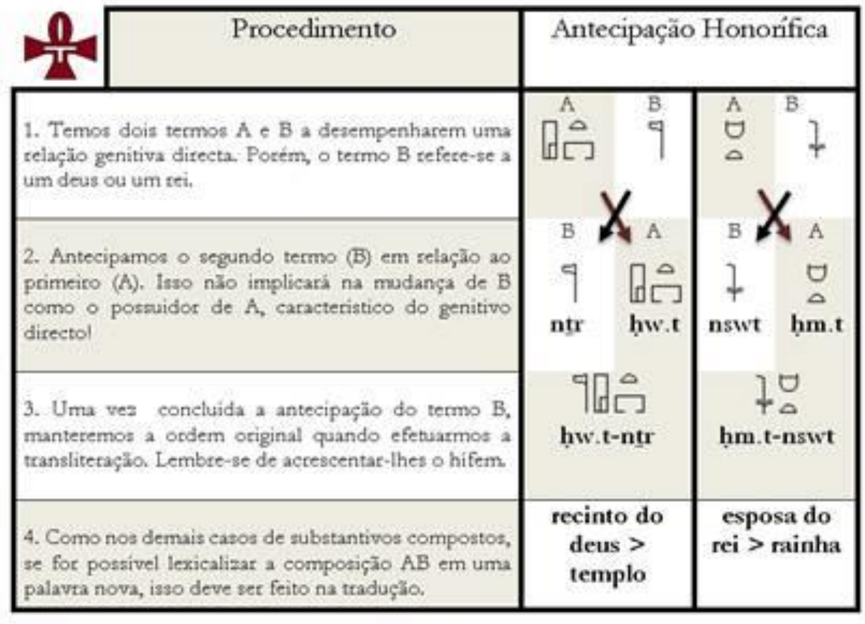
No caso de Montu, deus local de Hermontis, o seu nome foi adoptado por cinco reis da XI dinastia, originária precisamente de Hermontis, os Mentuhotep, cujo nome significa « Montu está satisfeito». Orientado para a essência do indivíduo, o Nome de Trono ou de Coroação dos faraós assumia-se como uma autêntica divisa heráldica, propondo uma «nova» realidade existencial, política e religiosa, para cada novo faraó.

O NOME DO FARAÓ

O nome do faraó surgia aos Egípcios como um assunto de extrema importância, sendo, inclusive, considerado sagrado de mais para ser escrito de forma vulgar, pelo que era inscrito numa cartela, **espécie de anel ovalado quer o distinguia e separava de todos os outros nomes**, afastando assim qualquer possibilidade de confusão ou equívoco.



Existia a regra da priorização, ou da transposição por dignidade/respeito do nome do faraó.



	Procedimento	Antecipação Honorífica	
	1. Temos dois termos A e B a desempenharem uma relação genitiva directa. Porém, o termo B refere-se a um deus ou um rei.	A B	A B
	2. Antecipamos o segundo termo (B) em relação ao primeiro (A). Isso não implicará na mudança de B como o possuidor de A, característico do genitivo directo!	B A nṯr ḥw.t	B A nswt ḥm.t
	3. Uma vez concluída a antecipação do termo B, manteremos a ordem original quando efetuarmos a transliteração. Lembre-se de acrescentar-lhes o hífem.	ḥw.t-nṯr	ḥm.t-nswt
	4. Como nos demais casos de substantivos compostos, se for possível lexicalizar a composição AB em uma palavra nova, isso deve ser feito na tradução.	recinto do deus > templo	esposa do rei > rainha

E ainda a inclusão do nome na divindade no nome do Faraó.

A crença na importância da preservação do nome nunca se modificou no Egipto antigo. Aos filhos competia a meritória obrigação de ajudar a manter a memória dos pais. Isso incluía, primariamente, cuidar do bom nome dos pais, fazê-lo resistir ao tempo. A negligência nesta tarefa significava o puro e simples esquecimento. Apagar o nome de um indivíduo equivalia à sua destruição no mundo dos vivos e no mundo do Além. Sem nome ninguém podia ser identificado e tratado correctamente no julgamento no mundo do Além. Destruir um nome (de forma objectiva: apagando-o das inscrições e anais; ou de forma subjectiva: denegrindo a reputação do sujeito) significava desprover o indivíduo da capacidade e durabilidade, de eternidade. Era impossibilitá-lo de ser registado nos livros de memória do deus da sabedoria e da escrita Tot, assistente de Osíris na cerimónia da ***psicostasia.*** Era retirá-lo da classificação que lhe dava consistência, razão de ser.

O que o faraó imagina a seu próprio respeito, Deus o realizou em Jesus.

"Por isso Deus o exaltou, soberanamente, e lhe outorgou o Nome que está acima de todos os nomes, para que ao Nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e debaixo da terra. E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor" (Fil 2,9-11).

"O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um Filho, e Lhe porás o nome de Jesus" (Lc 1, 30-31). E assim foi cumprido conforme a Lei de Moisés: "Completados que foram os oito dias, para ser circuncidado o menino, foi-Lhe posto o Nome de Jesus, como Lhe tinha chamado o anjo, antes de ser concebido no seio materno" (Lc 2,21).

O Nome de Jesus foi dado como revelação celestial; tanto assim que, o anjo Gabriel o confirma em sonho a São José: "Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo de seus pecados" (Mt 1, 20-21). Cabia ao pai, dar o nome para o filho no costume judaico, porém é o próprio Deus que nomeia a Cristo.

A autoridade concedida ao nome de Jesus é inimaginável. O faraó dominava sobre as duas terras, o alto e baixo Egito e lutava desesperadamente através de feitiços e encantamentos para que seu nome não fosse esquecido após sua morte, era escrito envolto num "escudo" para que pudesse ser preservado nas paredes dos túmulos, recebia por complemento o nome de uma divindade para que pudesse proclmara que tinha relação intima com os deuses, para que pudesse vindicar seu suposto direito heditário ao trono egípcio, para que figurasse com um parentesco inexistente de deuses que não existiam. E Cristo recebe não somente uma filiação divina, como seu nome é reconhecido na esfera humana, na esfera divina, pelos anjos e seres celestiais, assim como nas esferas da morte e da escuridão. O nome de Jesus tem poder, sozinho, sobre toda espécie de demônio e contra todo tipo de feitiço.

CAPITULO IX – O ALIMENTO

Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, **quem de mim se alimenta, também viverá por mim**. João 6.57

Jesus lança mão de um discurso espiritual de profundidade inusitada dias ao final de seu ministério.

48 Eu sou o pão da vida.

49 Vossos pais, no deserto, comeram o maná e morreram.

50 Este é o pão que desceu do céu, para que não morra todo aquele que dele comer.

51 Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo.

53 Então Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos.

54 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

55 Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida.

56 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

63 O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida.

Jesus é sacerdote e rei, rei transitório e rei eterno, é justo e justificador, é de ascendência divina, derrama sua vida divina, sofre a paixão da morte pelo indigno, pelo órfão, pelo escravo, a quem chama para participar de sua realeza, ressuscita com autoridade, torna-se sacrifício e oferenda eterna, oferece sua carne e sangue como alimento e bebida espirituais, ele é o rei que enferma, apesar de ser o príncipe herdeiro que é perfeito, ele é deposto pelos seus para ser coroado pela obediência, ele assume a postura de um bode expiatório, deixa-se enfermar, ainda que possua a natureza divina, ele cumpre o desígnio da morte da divindade, e realiza o impossível que é tornar os que dele participam, imortais.

Os povos da antiguidade criam que os mortos necessitavam de oferendas para continuara a viver, que a oferenda física, o bolo, o pão, o vinho, o arroz, a carne, depositada nos túmulos dos familiares era transformada em oferta espiritual da qual os espíritos dos ancestrais se alimentavam. Criam que os deuses verdadeiramente "comiam" a comida, oferendas, os banquetes divinos a eles oferecidos, que era mudado ou transportado espiritualmente ao mundo espiritual e era por eles comido.

O BANQUETE MÁGICO

Antes de prosseguir, milhares de 'banquetes' seriam realizados no mundo estranho de então. Dentre eles vamos as piores representações. Os oficiantes dos banquetes realizados em honra de Baal, Astaroth, Tamuz, El e outros vestiam-se a rigor. Possuíam vestes, treinamento, eram exímios cozinheiros. As refeições oferecidas eram reais, eram preparadas com carinho, com rituais, com temperos, com ingredientes muitas vezes EXCLUSIVOS. **Se pudesse diria que a culinária nasceu nos templos**. Os sacerdotes-cozinheiros ou as oficiantes das oferendas faziam 'banquete dos deuses' que significa mais ou menos o que compreendemos hoje em dia, uma comida sofisticada, pratos e iguarias preparados segundo receitas exclusivas que somente determinadas autoridades ou clérigos poderiam participar. Perceba a cena, os oficiantes com roupas exclusivas para o evento, usando recipientes separados para isso e a participação no ritual era algo permitido somente a determinada camada da nobreza, muitas vezes somente os reis participavam desta comilança ou banquete, que também era acompanhado de ritos musicais, danças, cantos e orações. Aquilo fortalecia a unidade entre os soberanos da antiguidade e seus deuses, como se somente aos reis em virtude de sua origem celestial fosse dado o direito de participar de tais banquetes. A reivindicação da realeza de muitos povos do oriente da antiguidade era fortalecida pelo direito que eles tinham ao banquete dos deuses. Tal prática adquiria um caráter místico maligno quando misturado com necromancia. Chegamos no banquete MÁGICO. Além do culto aos mortos, oferecido aos mortos, **havia o culto onde os mortos eram convidados a participar.** Em rituais de magia. Onde feiticeiros e magos invocavam poderes e forças do além, ingerindo drogas e ervas para conexão com o mundo dos mortos. Veremos essa cena pelo menos duas vezes nas Escrituras. Com Saul e a Pitonisa e com Balaão. Os profetas falam da 'oferta aos demonios'. Paulo fala sobre a participação da Igreja na festa pagã da deusa Diana e fala sobre 'comunhão entre a mesa de Cristo e a mesa dos demônios' que vai passar diretamente por esse aspecto dos banquetes religiosos da antiguidade. Invocação de poderes em um ambiente que lembra um BANQUETE. As primeiras manifestações espiritualistas que dão origem ao espiritismo moderno são ao redor de uma MESA DE JANTAR. Nos templos da antiguidade acontecia uma mistura de rituais que misturava o consumo de ervas, afrodisíacos, alimentos especiais e sexo. Algumas festividades ou banquetes eram não somente regados a vinhos misturados com especiarias. Estavam envolvidas em festas carnais, festas sensuais. Veremos uma destas festas acontecendo no Livro de Daniel, o sensual banquete de Belsazar. E no mais pérfido nível, temos os ritos que envolviam 'banquetes humanos' oferecidos as divindades. Foram esses tais 'banquetes' que queimaram crianças às divindades cananeias, em especial a Ball-Ecrom e a Tamuz, que culminaram com a expulsão sumária das sete antigas nações que habitavam a terra prometida.

A outra questão envolvia a oferta de alimentos aos mortos, que eram normalmente divinizados ou transformados em guardiões mágicos ou espirituais das famílias. Quanto maior a antiguidade do patriarca, maior sua autoridade espiritual, sua honra e no panteão de uma extensa linha de espíritos honrados através da Oferenda, que era não somente um ato de louvor ou respeito mas também uma premente

necessidade no mundo antigo. A oferenda aos mortos deveria ser realizada, acima de todas as coisas, porque eles necessitariam daquilo para continuar existindo, havia uma crença de que por transmutação, transubstanciação ou de outro modo, por espiritualização os alimentos eram realmente devorados pelas entidades, que sentiriam fome e degenerariam em formas malignas, em entidades do mal, spectros, sombras, demônios, se não recebessem suas oblações, oferendas e ofertas nos tempos devidos. O jantar dos mortos, o banquete dos mortos era a obrigação PRINCIPAL dos filhos primogênitos. Os cemitérios com parentes próximos jamais deveriam ficar em locais onde não fossem acessíveis, a noção de propriedade da antiguidade nasce da terra dos ancestrais, locais onde os antepassados estavam enterrados, que deveriam por direito mágico e religioso pertencer aos descendentes para que este pudesse realizar os ritos de oferenda de alimentos.

Todas essas cenas vão se somando para que possamos compreender o mundo espiritual, religioso e mágico de significados que envolvem a Ceia de Cristo, e a expressão de "alimentar-se dele". A ceia é um jantar de comunhão, possui a lembrança de coisas fatídicas, é ao mesmo tempo um anuncio profético da morte de Cristo, é uma referencia direta a oferenda aos mortos, que inclusive fou estabelecida como ORDENANÇA para lembrar de sua morte até que ele retorne, representando cabalmente a essência da oferenda aos espíritos dos antepassados, pois Jesus é o antepassado maior de toda a raça humana, pois Adão procede dele. Quanto mais antigo ao ancestral, mais divinizado ele se tornava, tal como os Voduns adorados pelas tribos africanas da costa cerde, e nas regiões de Benin, que invocam como deuses os patriarcas mortos que remontam de uma era imemorial Jesus atende perfeitamente a todos os pressupostos, sendo ele mesmo o mais antigo dos seres viventes, cujas saídas são desde a eternidade, atendendo o mesmo tempo a questão de parentesco, através do processo de filiação divina através da adoção, pelo qual somos feitos filhos de Deus, numa realidade espiritual que atende com folga a todas as premissas mágicas destas visões religiosas. A ceia é profunda em significados e paralelos ela é um banquete divino porque os que dela participam tem comunhão com divindade através de Cristo.

Os farós da antiguidade, no arcabouço mais antigo das crenças egípcias necessitava alimentar-se de ALMAS HUMANAS e mesmo DIVINAS para conseguir alcançar sua própria almejada RESSURREIÇÃO.

UM HINO TEOFÁGIGO NOS TEXTOS DAS PIRÂMIDES

Parede Leste da antecâmara do sarcófago da Pirâmide de Unas - Saqquara - aprox. 2350 A.C.

O primeiro Faraó a decorar uma pirâmide com fórmulas rituais foi o Faraó Unas (2378 – 2348 A.C.) ou Unis. As raras vogais não nos permitem saber com exatidão como as palavras eram pronunciadas, pelo que os egiptólogos criaram um modelo artificial de dizê-las, atribuindo "vogais" aos espaços entre consoantes... conscientes que são sons aproximados...

O Faraó Unas foi o último representante da V dinastia e, sua pirâmide em Saqqara, por fora quase completamente em ruínas, se localiza a cerca de 15 quilômetros das pirâmides de Gizé. O texto encontrado dentro deste túmulo ficou conhecido como o "Textos das Pirâmides", sendo este considerado o texto religioso extenso mais velho até hoje encontrado do Antigo Egito, não apenas uma cópia mais recente, mas o mais velho texto que sobreviveu até nós. O arcaísmo do texto é tal que permite aos egiptólogos admitir ser derivado ou conter traços talvez pré-históricos daquela cultura. Estamos falando daquele que ficou conhecido como o "Hino Canibal", pois nele o Faraó Unas se alimenta das essências, dos espíritos dos homens e dos Deuses.

Para os antigos egípcios, a palavra possuía valor mágico, atuando quando pronunciada ou escrita. Essa magia ajudava o morto no além. Entre esses textos, os mais antigos são os das pirâmides, que serviam para guiá-los ao paraíso.Entre as múltiplas formas que os compõem, figura o chamado "Hino Canibal", que só se encontrava nos textos das pirâmides de Unas e de Teti.

O conteúdo do "Hino Canibal"

O destino dos faraós do Antigo Império era a ascensão ao céu, que se fazia com um assalto ao paraíso dos deuses e, para ser realizada, era preciso recorrer a magia, a fim de ultrapassar todos os obstáculos que espreitavam o além. O corpo dos deuses era plenos de magia e, assim, para obter essa força mágica, tinham de "devorar" os deuses.

Esse canibalismo, praticado exclusivamente pelos faraós, foi considerado uma forma ritualística de se apoderar da força das divindades, já que, a força mágica que nelas existia, passava para o soberano e, graças a isso, ele se convertia também, em uma divindade.

Não há duvida de que "Hino Canibal" é imperativo, no texto, ordena-se às divindades que permitam a entrada do faraó no céu em troca de não serem devoradas por ele:

"Unas é quem come as suas magias,quem traga
os seus espíritos. Os grandes dentre eles são para o seu
desjejum,os médios,para o almoço,os pequenos,para o
jantar,os velhos e as velhas,para a sua lisonja. (...)
Unas alimenta-se dos pulmões dos que são sábios, e esta
Farto de viver de corações, bem como das suas magias. (...)
Ele alegra-se quando as suas magias estão no seu corpo.
Depois de ter tragado o saber de cada um dos deuses,
A dignidade de Unas não se separará dele.
A duração da vida de Unas é a eternidade, o seu limite
é a perpetuidade (...) é aqui que a alma dos deuses esta

no corpo de Unas (...) os seus espíritos estão em poder
de Unas. (...).É aqui que a alma dos deuses pertence a Unas."

Jesus é o cumprimento da proposta arrogante do pobre farão divino, Unis. Sua carne é verdadeira comida e o seu sangue, verdadeira bebida espiritual. Não é necessário alimentar-se de nenhuma divindade, espirito ou ser vivo, porque participar da essência de Cristo é mais poderoso que "comer" a enéade (os nove deuses primordiais do Egito) inteira. O faraó morto, de modo mágico ansiava fazer algo que se cumpre espiritualmente na pessoa de Cristo, concedendo o maior, o mais assombroso, o mais desejado de todos os anseios da humanidade. A Vida eterna.

CAPITULO X - O CAMINHO PARA EVITAÇÃO DA SEGUNDA MORTE EGÍPCIA

(Baseado em "Evitando a "Segunda Morte": a necessidadealimentar do morto para manter-se vivo no Egito Antigo *Avoiding the "Second Death": the necessity to feed the dead in order to maintain him alive in Ancient Egypt deCintia Alfieri Gama Rolland*[* *] Doutoranda em Religião Egípcia Antiga pela École Pratique des Hautes Études, Paris, financiada pelo CNPq, mestre em Arqueologia Egípcia pela UFRJ, integrante das missões arqueológicas de Tanis e Harwa. Pesquisadora dos laboratórios SESHAT (Museu Nacional –UFRJ) e TAPHOS (USP). E- mail: gamacintia@uol.com.br

Introdução

Tendo em vista todos os monumentos e registros egípcios referentes à morte, seria fácil pensar que este povo fosse tétrico, mas, na verdade, os egípcios antigos possuíam um grande amor à vida cotidiana e ao mundo terreno, o qual é constantemente representado em suas tumbas e se reflete no destino funerário que tem como ponto central a manutenção eterna da vida, com seus lados positivo e negativo.

Assim, há de se imaginar que o que era necessário em vida mantinha-se necessário no pós-vida, isto é, os alimentos que deviam ser ingeridos em vida para a manutenção da força física, no Além, também eram consumidos para a manutenção da integridade do corpo. Dito isso, para facilitarmos a compreensão da ação dos alimentos no pós-morte, faremos, inicialmente, uma apresentação de certos conceitos funerários egípcios, isto é, o que seria a morte, a vida e as manifestações dos destinos mortuários, dados essenciais para que o leitor possa compreender a parte final deste artigo, referente à manutenção da vida pela alimentação no pós-morte.

Relacionada aos ciclos da natureza - solar, agrícola e cheias do Nilo -, a morte se apresenta como inserida no grande esquema da criação e é vista como cíclica, sem ser uma mudança brusca. A morte não era vista como um fim, mas sim como uma etapa, um estado de transição que possibilita a entrada na outra vida, a vida e1t.erNna verdade, como é deixado claro em muitos textos funerários, o morto não parte deste mundo como morto, mas sim como vivo, como umSakhou glorificado.2

Num dos conceitos de além-vida a alma do morto deveria morar na tumba e receber as oferendas ali depositadas e, por meio da suas estatuetas beficiar-se delas. Após a XII dinastia, aparece uma teoria mais espiritual, acreditando-se que a alma partiria para o mundo de Osíris ao invés de ficar na terra, sendo obrigada a cumprir lá, em Imentet, o que se fazia na terra, mas agora eternamente. No que se refere à eternidade, é sabido que ela é mensurável e apresenta um início e um fim, sendo precisamente um milhão de an6o. sAlém disso, há dois conceitos que, por mais que não tenham como tradução precisa a palavra eternidade, referem-se ao tempo eterno, sendo assim considerados como duas formas de eternidade opostas e complementares entre sni:eheh– cíclica - edjet - eternidade linear. De acordo com a religião egípcia, pode-se perceber a existência de três mundos igualmente reais e relacionados entre si: o mundo dos vivos – terreno –, dos deuses - sobretudo celestial

– e dos mortos – ctônic.o. Desta tripla concepção do universo resultaria uma intervenção de um mundo no outro e a organização do cosmos para esse povo. Para não nos atermos ao cosmos e ao Além, devemos também explicitar como esse povo via o ser humano em vida, isto é, composto por sete elementos sendo quarto físicos10 e três espirituai1s1. Esses elementos apresentam-se unidos quando a pessoa está em vida e a morte nada mais é do que a separação dos mesmos. Daí, a tentativa de conservação dessa união por meio de rituais ou textos mágicos que visavam a manutenção das faculdades do morto, tais como a respiração, a utilização das pernas, a alimentação e a retomada de todas as atividades físicas possíveis em vida. Deve-se assinalar ainda que é com esse mesmo objetivo e crença numa vida após a morte que se faz necessária a preservação do nome e do corpo, ambos elementos físicos constituintes do ser humano necessários para a alimentação no pós-vida. Recusando a resignação, afirmando que a morte não é nada além de uma forma de vida, o morto tem como preocupação essencial evitar, a todo o custo, a destruição, o Ka ficaria na tumba, seria o Ba que sairia dela com o nascer do Sol, voltando de noite. Bonnet não define o que seria o Ka, mas constata que este é a soma de todas as forças físicas e psíquicas do homem, não se transformando após a morte, sendo no Ka que o homem continuaria a viver após a morte. com o fornecimento de alimentos no pós-vida e à memória do morto.

"segunda morte", inércia absoluta que proíbe toda a mobilidade em direção à outra realidade, que impede a continuação do que era feito em vida e, por conseguinte aniquila/mata o morto uma segunda vez.

Jacq, citando Leclant, distingue três formas de ressurreição:

1) "estelar – uma estrela dentre as imperecíveis que giram não longe do eixo polar sem nunca se cansar; solar – nas regiões privilegiadas do firmamento;
2) osiríaca – nas profundezas do mundo da noite e
3) Solar ou da germinação, sendo nesta última forma de vida que encontraremos a necessidade alimentar.

Se a livre circulação em todos os espaços é um ideal fundamental do morto "glorificado", é porque a viagem faz parte da ordem cósmica cuja permanência é uma das chaves da religião egípc1i5a. No contexto da religião funerária egípcia, podem-se distinguir três tipos de passagens ou viagens empreendidas pelo morto.

A primeira é uma viagem da cidade dos vivos para a necrópole, após o período de mumificação, em que há o deslocamento da casa do morto até o rio, sua travessia e o transporte para a zona das tumbas, onde são feitos os rituais.

A segunda viagem é a passagem entre a existência terrestre e a vida além-tumba, que é indissociável dos ritos praticados sobre a múmia, fazendo com que haja alterações no ser que está morto, que passa a ser um vivo no Além. Por fim, a terceira viagem composta pelas ações do morto no Além até atingir o seu destino no pós1-6v.idOas

textos funerários agiriam, sobretudo, nas duas últimas viagens, pautando os ritos, tornando eficaz o equipamento funerário e guiando o morto até seu destino funerário.

Podemos citar inúmeros destinos para a vida após a morte tais como o estelar, o solar ou mesmo um destino osiríaco. Uma das principais concepções seria a de que o duplo do morto, Ka, em egípcio antigo – um dos elementos espirituais constituintes do ser – continuaria, após a morte, a ter uma existência parecida com a terrena, havendo a necessidade de alimentos e até mesmo da realização de trabalhos.

Mesmo se as concepções com relação ao Além egípcio são diversas, a ideia de um Além como reflexo do próprio território egípcio parece ser uma forma de substrato de todas as imagens do pós vida, aparecendo em todos os textos referentes ao Além.

Para se apresentar um pano de fundo deste imaginário ligado ao destino do morto pode-se dizer que, de uma forma sintética, temos a união de certos aspectos tanto ligados ao Ocidente, domínio osiríaco subterrâneo, quanto ao ciclo solar, domínio de Rê celestial. Assim, após o falecimento, o morto sairia do domínio terrestre e entraria numa outra esfera de contato, um mundo próximo aos deuses e com características distintivas, sem deixar, ao mesmo tempo, de ser um reflexo da vida na terra. Este mundo é o Ocidente ou Am-duat, local onde o sol penetra toda noite após iluminar a terra, isto é realizar o seu ciclo diurno, levando durante as doze horas da noite a luz para este subterrâneo.

Tendo em vista esta sucinta apresentação do destino pós morte, faz-se necessário que haja um aprofundamento em dois aspectos do mundo funerário dessa cultura: o solar e o osiríaco.

O destino solar

Dentre as várias noções de Além, uma das mais importantes e difundidas refere-se ao ciclo do sol, presente desde Textos das Pirâmides mas descrita em detalhes nos textos do Novo Império: Livro do Am-duat,Livro das Cavernas, Livro do Dia, Livro da Noite, Livro dos Portões, Livro da TerreaLitania de Rê. Nesses textos, a viagem diária do sol, que se desenrolaria num barco navegando num rio celeste, nos é descrita em detalhes. Essa viagem levava 24 horas, sendo doze durante o dia e doze horas noturnas.

Nas primeiras doze horas, o sol estaria vivo e iluminaria a terra de dia, sendo que nas doze horas da noite, o sol, que morria todo o anoitecer no Ocidente, entraria no Mundo Inferior, local onde retomaria suas forças para renascer a cada manhã, no Oriente. Essa viagem solar é, assim, o princípio organizador e criador dos espaços do Além.

O Livro do Am-duat ou Câmara Secreta está dividido em doze horas da noite, que vão do pôr do sol à aurora. Na segunda hora desse livro (Fig. 01), o mundo subterrâneo é revelado aparecendo, antes de tudo, como uma região fértil dominada

por Urenes Nessa seção, mais precisamente no registro inferior, Rê atribui terra aos bem- aventurados, os quais têm espigas de trigo sobre as cabeças e nas mãos, mostrando uma das maneiras de assegurar a subsistência material dos mortos, isto é, pelo trabalho agrícola realizado pelos mesmos. (Deve-se esclarecer que, por mais que a pessoa morta saia deste mundo, ela ainda tem meios de interferir no mundo dos vivos; citem-se, aí, as cartas aos mortos.) Neste mundo há um Rio que correria no Mundo Inferior, um Nilo invertido, que, ao invés de estar sobre a terra, ficava no Mundo Inferior. Importante mencionar também que o aparecimento de espigas de trigo associa essa hora a Osíris, deus do ciclo agrícola cerealífero por excelência, que é uma metáfora do grão, estando intimamente relacionado à fertilidade e, portanto, ao ciclo de vida e morte representado pela agricultura.

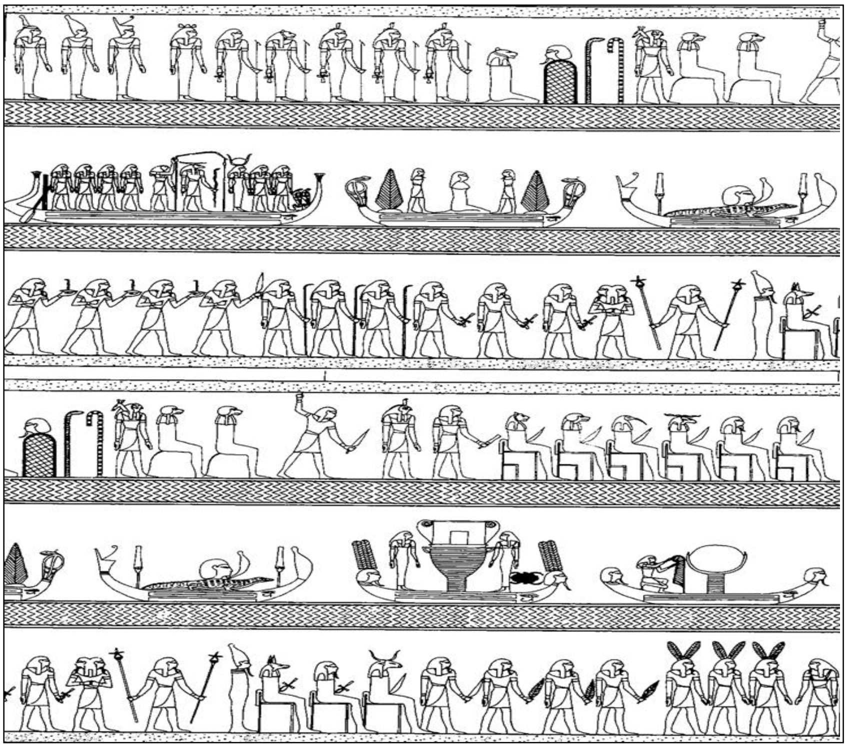


Fig.01: Livro do Am-dua,t segunda hora21

Essa referência à subsistência no Além promovida pelo sol no momento de atribuição dos terrenos para o trabalho agrícola dos mortos é bastante clara no registro inferior da sétima hora doLivro dos Portões (Fig. 2), em que se veem os finados com os instrumentos agrícolas associados à cultura de cereais.

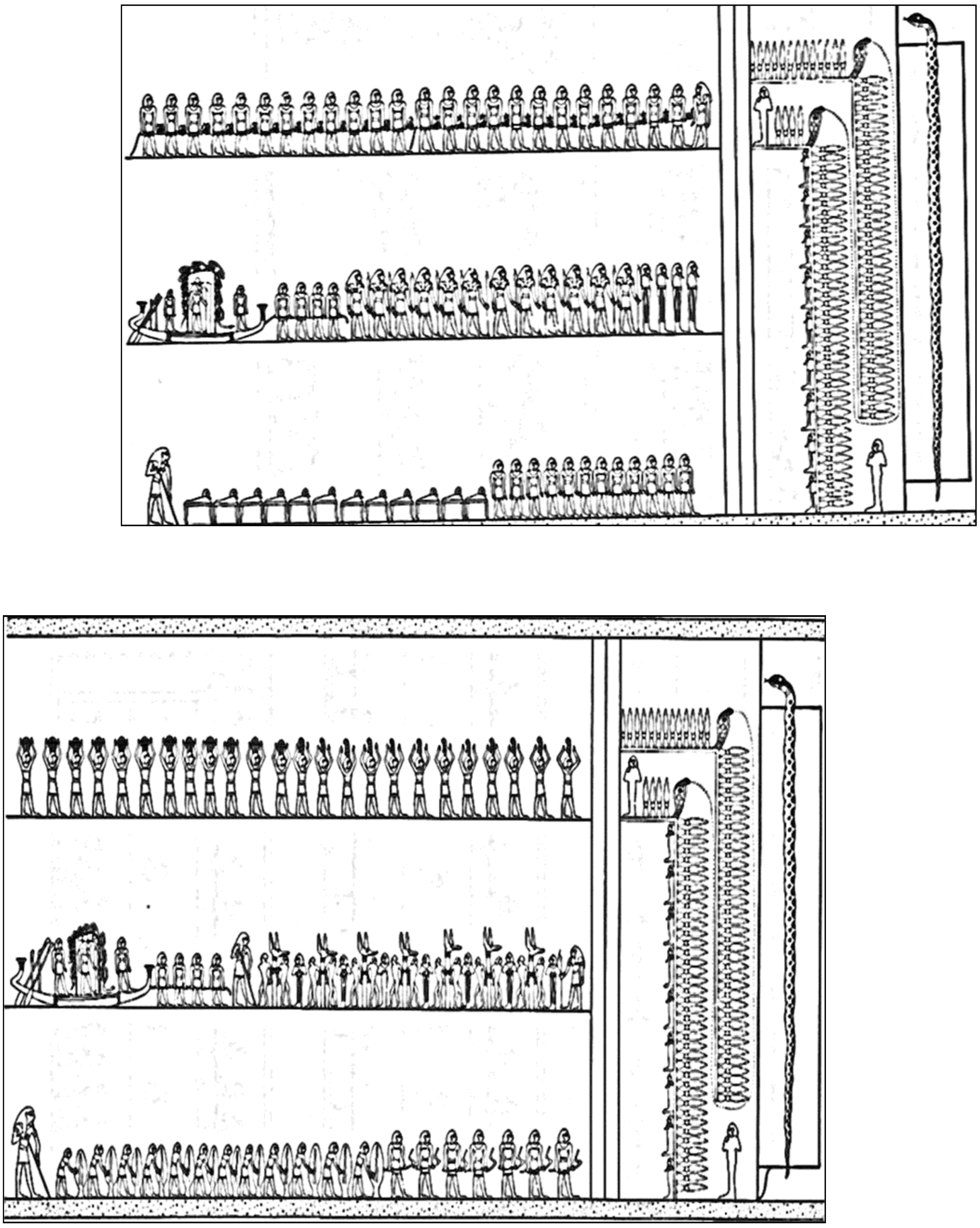


Fig. 02: Livro dos portões - sétima hora

O Livro dos Portões apresenta uma temática muito semelhante ao de Am-duat, estando dividido em doze seções, que aqui não representam mais o tempo, horas, mas sim um espaço delimitado por doze portas. Outra diferença é que o sol, em sua barca, é acompanhado apenas por dois deuses Sia e Heqa – “conhecimento” e “poder” –, estando envolvido pela serpentes que o protege. Na quarta hora desse livro, no registro mediano, Rê traz à vida as múmias que estão em seu sono eterno, aprovisionando-as para a vida eterna. Na oitava hora, após a destruição dos inimigos

do sol, a todos os bem-aventurados fica garantida uma vida no Além, sob a autoridade Mdeaât e com tudo o que lhes fosse necessário, o que faz com que as múmias representadas na oitava hora estejam em decúbito ventral, prontas para se levantarem (Fig. 03).

Fig. 3: Livro dos portõe,soitava hora23

Todos esses destinos cósmicos, representados pela viagem do sol, constroem-se por meio do ciclo diário solar, que requer uma morte – pôr do sol, seguida de um período de gestação e reconstrução – Mundo Inferior ou ventre de Nut, isto é, noite; seguido por um renascimento cíclico eterno, que será sempre acompanhado por uma perda de forças e novamente uma mo2r4t.eO que se objetiva com esse destino solar é a manutenção da vida no Além por meio de uma eternidade cíclica, que é reconstruída diariamente por meio da luz. Esta, ao passar pelo mundo dos vivos – terreno –, dá vida e ao passar pelo mundo dos mortos – inferior – faz os corpos reanimarem-se. Pode-se depreender então que, enquanto temos o Sol no Mundo dos vivos, é noite no mundo dos mortos e vice-versa, ou seja, são mundos paralelos e invertidos. Quando faz noite na terra, é apenas porque o sol "morreu" e foi viver no mundo ctônico onde ele ilumina e faz o mundo dos mortos funcionar. Destarte, a vida após a morte é como a vida terrena, apenas invertida: dormimos quando é dia na terra – sol ilumina os vivos – e trabalhamos quando é noite – sol ilumina os mortos.

O destino osiríaco

Desde o Antigo Império, mais precisamente noTsextos das Pirâmidedsas V e VI dinastias, encontram-se vestígios de uma mitologia de Osíris relacionada com o faraó morto. Tendo em vista que os Textos das Pirâmides existiam, sobretudo para garantir o futuro bem-aventurado do faraó, a presença de Osíris e sua relação com o rei morto denotam uma cumplicidade entre os dois personagens, no sentido em que ambos vencem a morte e tornam-se soberanos no Além, após o julgamento de Heliópolis. Essa relação pode ser vista claramente no encantamento 167 a-dTdeoxstos das Pirâmides

Recitação: Atum, este Osíris é teu filho, assim falou ele para brilhar e viver. Ele vive, este rei vive; ele não está morto, este rei não está morto. Ele não pereceu, este rei não pereceu. (Se) ele não durar, este rei não durará. Ele dura, este rei dura25.

Referindo-se ainda à preservação tanto de Osíris quanto do rei morto, há toda uma série de encantamentos doTextos das Pirâmides (364 a-b; 1683b-1685a; 835c) que tratam da questão da conservação do corpo, da "reconstrução" – representada pelo agrupamento dos ossos – e da sua manutenção, sendo preparado para o enterramento e mumificado. Ficando sob os cuidados e proteção de Ísis, Néftis e Geb, tendo as vísceras protegidas pelos quatro filhos de Hórus (Duamutef, Qebehsenuef, Hapi e Amset) e passando pelo ritual de Abertura da Boca realizado por Hórus ou

Anúbis, filhos de Osíris, de maneira que pela ação dos filhos o pai pudesse continuar a viver.

Como Osíris, os humanos deveriam morrer, mas também viver novamente com o seu corpo terreno e todas as características que tinham em vida, agindo tanto no Mundo Inferior como na terra. Para tanto, o corpo teria um papel fundamental para a ressurreição e conservação dos elementos imateriais e eternos do ser humano, pois ele é o repositório dos três elementos espirituais **ka, ba e akh** - o que faz com que seja necessária a sua preservação Por mais que o além-vida associado a Osíris não seja o mais antigo, nem o fundador de uma expectativa de vida póstuma, há algo de diferente na percepção de imortalidade associada a este deus, em comparação com a solar ou celestial. O ritual de Abertura da Boca, feito sobre a múmia ou esquife, tinha como objetivo permitir ao morto retomar as faculdades que tinha em vida; ele seria a restauração da capacidade física como a de um homem vivo após a reconstituição do corpo, momento em que os aspectos espirituais seriam reatribuídos ao morto para que este retomasse sua vida no Além, pela retomada de sua personalidade enquanto indivíduo.

Primeiramente, havia um conceito corpóreo de vida após a morte, isto é, enquanto no destino celeste o morto passa por transformações – falcão, escaravelho, ganso – no sistema osiríaco é o corpo do morto que se mantém e com o qual a vida após a morte prossegue.

Assim como Osíris foi capaz de se levantar de seu sono da morte, o rei morto poderá levantar e tomar posse do seu corpo novamente – com isso, a morte seria apenas um sono, sendo negada pela afirmação da vida, pela retomada das ações do corpo; o que é conseguido por rituais. Desse modo, como meio para atingir a eternidade no Além, os mortos identificavam-se com Osíris, que, no seu mito, teria vencido a morte, e o filho do morto deveria se identificar a Hórus, fazendo pelo seu pai o que este havia feito por Osíris, isto é, a mumificação, o ritual de abertura da boca e o culto póstumo com oferendas e homenagens à memória do finado.

Com essa perspectiva de continuidade da vida, todo o sistema de subsistência mortuária logo foi fortemente dominado pela crença osiríaca, mesmo nas tumbas em forma de pirâmide do Antigo Império, onde se vê um caráter extremamente solar. Isso porque Osíris morreu como um humano, na terra, e não como Rê, no céu. Os aspectos humanos de seu mito foram absorvidos pelas crenças funerárias, como o olho de Hórus, perdido durante o conflito com Seth, que é oferecido a Osíris, pelo qual há a regeneração deste deus, sendo, assim, um sacrifício do filho pelo pai, permitindo que este atinja umstatusde espírito "iluminado" no Além.

Esse sacrifício do olho de Hórus será ritualmente refeito, por meio das oferendas que serviam para a manutenção da vida no Além, o que pode ser facilmente verificado ao se observar que o termo "olho de Hórus" é empregado para definir qualquer tipo de oferenda. Na prática, as oferendas nunca deixaram de ser necessárias para garantir um bom destino no Além, no entanto, outras formas foram criadas para que este encargo não recaísse apenas sobre o filho do morto.

Por mais que se desejasse que as oferendas fossem feitas pelo filho mais velho, no caso da sua não existência ou por outras razões que impossibilitassem a realização do culto funerário pelo filho, havia a possibilidade de se passar os encargos para um grupo de sacerdotes especializados no culto aos mortos, uma instituição financiada pelo Estado faraônico que se ocuparia daqueles que gozavam dos favores reais e dos reis. Essa instituição entrará em crise e terminará sendo abolida com o colapso do Primeiro Período Intermediário.

Os destinos póstumos:

Como ocorre com Osíris, deus morto que deve deixar a mulher, o filho e este mundo, os mortos humanos também devem deixar a terra, mas eles "não vão como mortos, eles vão como vivos" Textos das Pirâmides), eles não têm uma vida no mundo dos mortos como espírito, eles acordam para uma vida nova, com plena possessão de corpo e espírito, assim como Osíris: "eles possuem seus corações, eles possuem seus espíritos, eles possuem suas bocas, eles possuem seus pés, eles possuem seus braços, eles possuem seus membros"

Voltemo-nos, então, após a apresentação dos aléms egípcios, à questão da produção agrícola e, portanto, de alimentos necessários à manutenção da "vida" do morto, analisando em detalhe os campos funerários.

Os Campos funerários

Como vimos, os textos funerários dão o pano de fundo para o que será o destino póstumo dos egípcios, que pode se manifestar de diversas maneiras, mas que mantém em si um vínculo com um panorama terreno, seja pela relação com os familiares, pelas passagens pela terra, pelas oferendas depositadas ou por encantamentos que visam proteger o morto de perigos da vida cotidiana, como as cobras e os escorpiões. Mesmo havendo acréscimos e mudanças nos textos funerários durante toda a história egípcia, pode-se perceber o recorrente aparecimento de Campos Celestes ligados ao Além. Campos estes que estão intimamente relacionados ao trabalho no pós-vida e ao destino do morto.

Deve-se assinalar ainda que os egípcios referem-se a estes campos por dois nomes: Campo de Juncos (sx-t iArw) e Campo de Oferendas (sx-t Htp), que tendem a se confundir no decorrer da história egípcia. De acordo com texto de W. os campos já estariam bem separados desde o Antigo Império, não podendo ser considerados como uma mesma localidade do universo funerário. Entretanto, ele acredita que esses campos teriam um aspecto primordialmente celeste, pertencentes aos domínios de Rê, sendo locais divinos em que apenas o rei teria acesso pelo fato de se unir ao sol em sua jornada e destino celestes.

Essa concepção celestial que se une ao Campo de Juncos seria sofrido uma intrusão osiríaca perceptível mais fortemente a partir do Médio Império desenvolvendo-se,

por conseguinte, no Novo Império, momento em que Coampo de Oferendas acaba por tornar-se mais presente na literatura funerária.

No Texto das Pirâmides o Campo de Juncoas parece no céu como uma ilha onde o morto é levado para purificar-se antes de unir-se a Rê, em sua barca. JáT, enxotsos dos Caixõese no Livro dos Mortos pode-se observar que Coampo de Juncoes/ou Campo de

Oferendasnão mais se relaciona a uma ideia de purificação, mas sim a uma espécie de ilha dos bem-aventurados em que o morto teria acesso aos alimentos.

Essa localidade conhecida pelos nomes de Campo de Juncos e/ou Campo de Oferenda, seria um ambiente onde o morto teria uma vida eterna utópica numa terra de plenitude. Essa visão de "paraíso" era modelada pelo Egito real em si, já que nas imagens do Campo de Oferendas vemos os campos com canais assim como no Egito dos vivos, sendo que, neste domínio, o morto teria as mesmas atividades que em vida: arar, plantar e colher, isto é, teria que trabalhar para ter o seu sustento. No entanto, essa duplicação dos campos no mundo dos mortos não é uma cópia exata do cenário agrícola terreno, pois, nos campos osiríacos, as pragas não existem e tudo é abundante, sendo, desta maneira, um Egito aprimorado.

O TRABALHO DO MORTO

Contudo, essa inspiração do Além na vida terrena apresenta seus pontos negativos, como a necessidade do trabalho, tanto para que o morto se alimente como para cumprir a corveia devida aos deuses. Enquanto em vida as pessoas estavam submetidas ao poder do rei e a este deviam uma corveia para a realização de trabalhos de interesse coletivo, tais como os trabalhos agrícolas, de irrigação e construção de canais. Após a morte, todos passam a ser súditos de Osíris, o primeiro rei mitológico do Egito, que exerce a função de soberano do mundo dos Ocidentais ou mortos; o que faz com que todos devam trabalhos ao deus, inclusive o próprio faraó, havendo a necessidade da criação de substitutos mágicos para a execução destas tarefas desprazerosas, que não condizem com um ideal de fartura e liberdade.

No encantamento 464 dos Textos dos Caixões são descritas inúmeras atividades que o morto deseja exercer nos Campos Celestes

"O Hetep, (seu) campo que você ama, a senhora dos dois ventos, que eu possa ser contente e poderoso ali, que eu possa comer e beber ali, que possa arar e remar ali, que eu possa fazer amor e acordar ali e que minha mágica ali seja poderosa".

O encantamento 467 do mesmo conjunto de textos, um dos mais elucidativos, mostra o que o morto tem por atividade nos Campos deO ferenda. Ele deve trazer comida para os "senhores", além de:

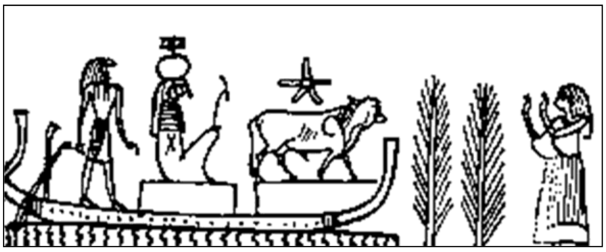
Comer minhas oferendas de comida e ter meus pedaços de carne escolhidos a minha disposição [...] vendo os campos, as cidades, e os distritos, arando e remando, vendo Rê, Osíris e Thot todo dia, tendo poder sobre as águas e os ventos, fazendo tudo o que desejar assim como aquele que vive na ilha flamejante. A vida vive em seu nariz

e então ele não pode perecer. Como aquele que está nos campos de Hetep, sua terra e suas oferendas estão ali para sempre e eternamente.

Percebe-se, então, pelos encantamentos citados, que, no Campo de Oferendas o morto seria contente e poderoso, comeria e beberia, araria e remaria, além de fazer amor e tudo o mais que ele gosta, já que o mal está afastado. Nesses campos nada mais ocorreria do que uma reprodução cotidiana da vida do morto, excluindo-se desta seus prováveis aspectos negativos.

No Livro dos Mortos principalmente nos capítulos 109 e 110 pode-se perceber dados referentes tanto aos Campos de junco quanto ao campo de oferendas. Comecemos pelo capítulo 109, "De como conhecer as almas do Leste". Capítulo de cunho solar e celeste que tem em sua vinheta Sóthis e o touro (Fig. 04), presentes desde o Antigo Império e relacionados com os campos. Na Recensão Saíta, a vinheta do Capítulo 109 altera-se consideravelmente e o deus Rê-Horakhty tem sobre o seu disco solar o emblema do ar, estando num barco prestes a navegar entre dois arbustos defronte dos quais o falecido ergue as mãos em adoração (Fig. 05).





Vinheta do capítulo 109, do papiro de Nu,

Museu Britânico nº10.477, folha 1328   Fig. 05: Vinheta do capítulo 10399

Há uma descrição do Campo de Junconso texto que segue a vinheta acima mencionada:

"Conheço os dois sicômoros de turquesa entre os quais se encontra Rê quando caminha a passos largos sobre os suportes de Shu na direção da porta do Senhor do Leste, através da qual sai Rê. Conheço ao Campo de Juncos de Rê, cujos muros são de ferro. A altura do trigo é ali de cinco côvados. das espigas de dois, e as hastes de três côvados. Ali a cevada tem [de altura] sete côvados, as espigas três, e as hastes quatro côvados. (Um côvado pequeno, isto é, a distância que vai do cotovelo ao final do polegar, representa uma medida convencionada em 45 cm. O côvado real é a distância que vai do cotovelo à ponta do dedo médio ou 52,3 cm. Como nessa parte

dLoivro dos Mortosfala-se apenas em côvado, faz-se uma referência ao côvado pequeno, o que faz com que as medidas, se transformadas no nosso sistema métrico sejam, respectivamente: trigo com 2,25 m de altura, espigas com 90 cm, hastes de 1,35 m, cevada com 3,15 m de altura, espigas com 1,35 m e hastes com 1,8 m.)

Percebe-se, pelo capítulo 109, o aspecto solarCdaompo de Junco, ssendo o local de saída da barca solar no leste/oriente; assim como fica clara sua característica agrícola, como sendo um verdadeiro campo de grandes dimensões. No capítulo seguinte do Livro dos Mortos- 110 - há uma vinheta que mostra o Campo de Oferendaosu sx-t Htp mantendo as características agrícolas, mas estando cercado e cortado por cursos d'água.

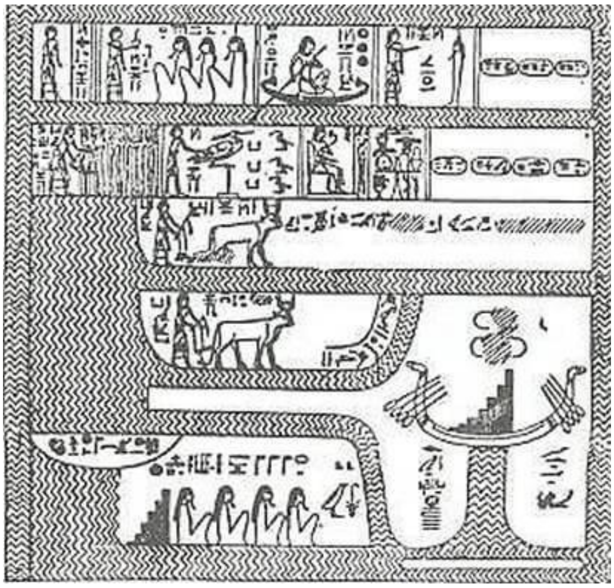


Fig. 06: Vinheta do capítulo 110 do papiro de Nebseni, Museu Britânico nº 9.900, folha 1472

Na vinheta do capitulo 110, acima (Fig. 06), há o arado com bois, um rio que tem mil medidas de comprimento, cuja largura não pode ser dita, e Nebseni, o defunto proprietário do papiro, aparece orando aos deusessdhe-t Htp, dizendo:

Homenagem a vós senhores da comida, vim em paz ao vosso campo para receber comida celestial. Consenti que eu venha ao Grande Deus diariamente e consenti que eu me aproxime das oferendas, ou seja, dos bolos, de cerveja, dos bois, dos patos e do pão, que são oferecidos ao seu duplo

Nebseni ora também para que:

Concedam a Osíris e toda a companhia dos deuses que moram sexm-t Htp oferendas de bolos, cerveja, bois, patos, pão e todas as boas coisas, roupas de linho e incenso todos os dias, e uma oferenda sobre o altar todos os dias, e o recebimento de bolos de várias espécies, leite, vinho e comida celestial, e o séquito do deus em sua saída

durante os festivais do setau, juntamente com os favorecidos do grande deus, ao duplo escriba Neni. Vale lembrar que o título do Capítulo 110 é: "Aqui começam os capítulos dos campos, e os capítulos de como sair à luz; de entrar no Mundo Inferior e dele sair; de chegar asx-t iArw; de estar emsx-t Htp, a cidade poderosa, senhora dos ventos; de ali ter poder; de ali receber a alma imortal; de ali arar; de ali colher; de ali comer; de ali beber; de ali fazer amor e de fazer tudo como faz um homem sobre a terra"

É nesse campo de Hetep ou de oferendas que o morto diz mais uma vez, como nos encantamentos do Textos dos Caixõ:es

> Torne-me uma alma imortal ali, faça amor ali, sejam minhas palavras poderosas ali, nunca me veja eu ali em estado de servidão, mas tenha ali a autoridade. [...] Torno-me ali uma alma imortal, como ali, semeio sementes ali, colho a messe ali, aro ali, estou ali em paz com deus Hetep. Eis que ali espalho sementes, ali navego por entre os lagos e saio para as cidades, Ó divino Hetep [...] concedei-me um suprimento transbordante da comida de que os *Ka*e as almas imortais vivem[46].

Assim, oCampo de Junco, sque, para Wiedemann, seria o destino do morto após o julgamento no tribunal de Osíris, seria representado como o delta egípcio, com um Nilo que formaria ilhotas onde viveriam os deuses e os mortos. Nesse local todos comeriam, beberiam e tudo o que seria feito na vida terrena seria realizado ali, inclusive o trabalho agrícola. Assim, a vida nesses campos seria como na terra, mas, numa tentativa de melhora desta situação, entram em cena os servidores funerários shobutis, que fazem o trabalho do morto em seu lugar após a morte, tema que discutiremos mais à frente.

Pode-se depreender, de um modo geral, que o objetivo presente é assegurar uma "vida" plena ao morto, com tudo o que ele deseja, havendo uma reprodução em grande escala dos atos realizados na vida terrena e do panorama geográfico observado no próprio Egito dos vivos. Esse fato vai ao encontro da ideia de continuidade da vida terrena mesmo após a morte, fazendo com que esse povo esteja não tanto preocupado com o mórbido da morte, mas sim com o prazer de viver a vida eternamente e que é representado pelo desejo incessante por comida expresso pelo morto, alimentação esta que nada mais é do que necessidade dos vivos. Assim, a vontade de continuar a viver é demonstrada pelo desejo de continuar a com49e.r

Hier.	Desc.	Det.	Hier.	Desc.	Det.
	Homem	Homem		Rolo de papiro	Conceitos abstractos
	Homem com a mão na boca	Actividade feita com a boca		Árvore	Vegetação, árvore
	Ancião	Ancião, nobre		Pele de mamífero	Animal
	Mulher	Mulher		Montanhas	Deserto, região, montanhas
	Criança	Criança, filho(a)		Encruzilhada	Cidade, civilização
	Deus	Divindade		Traço vertical	Leitura logográfica, o número 1

A alimentação no Além: a manutenção do Ka

Como pudemos ver neste longo preâmbulo sobre os destinos funerários egípcios, dentre diversas ideais há um retorno frequente à noção de Além como uma continuidade da vida, o que implica a manutenção de um dos elementos espirituais do ser humano, o Ka ou duplo. Essa manutenção, por ser uma continuidade da vida, resulta na necessidade de produção (trabalhos agrícolas) e consumo de alimentos mesmo após a morte, para que não aconteça o perecimento do ka, isto é a "segunda morte" ou morte em si, representada pela aniquilação ou fim.

Assim, a fim de adentrar no pós-vida, o defunto deve manter sua integridade, representada pelo seu nome e pelo seu corpo, dois dentre os 4 elementos materiais constituintes do ser vivo. Para tanto, os capítulos 21 ao 30 do Livro dos Mortos concernem a conservação dos meios do morto para que esse possa viver plenamente no Além, com todas as suas faculdades físicas. Assim, para que o morto tenha acesso à comida e ao uso de seus sentidos, a sua boca deve poder ser utilizada no Além, o que ocorre com um ritual descrito no capítulo 23 dLoivro dos Mortoschamado de "Abertura da Boca".

O RITUAL

De uma maneira resumida, esse ritual se realizava da seguinte maneira: o sacerdote semcomeçava pela purificação do morto por meio de abluções e libações com o vaso nemsete fumigações de incenso; em seguida, o sacerdote tocava as narinas e a boca do morto com a enxómshtywpara devolver-lhe o uso da boca e do nariz, ato que era repetido com outro instrumento chamado o "grande de magia "u,r-

hekau, em forma d*e serpente com cabeça de carneiro.* Isso feito, os cinco sentidos eram reativados no morto e ele estaria apto a respirar, comer e falar no Além, tendo suas faculdades devolvidas, isto é saindo do mundo dos vivos e entrando na necrópole como um vivo e não como um morto, já que todo o seu corpo funcionaria associado com o seu duplo, ka.

A realização do ritual nada mais é do que uma reativação do morto, que entra como vivo no mundo dos mortos e deve se manter assim se não desejar morrer mais uma vez, o que obriga este morto transformado em vivo a encontrar meios de se nutrir para evitar a "segunda morte". Os alimentos podem provir de diversas fontes: pelas oferendas alimentares depositadas nas capelas das tumbas; pelas imagens de alimentos desenhadas ou esculpidas na tumba, ativadas magicamente; por meio das mesas de oferendas; por meio de textos mágicos referentes ao recebimento de alimentos pelos mortos ou, ainda, pela produção alimentar feita pelo próprio defunto ou seu substituto nos campos do Além.

Idealmente, o alimento deveria ser depositado diante da estela porta-falsa, objeto de comunicação entre os dois mundos, pelos familiares do defunto, sobretudo pelo primogênito, sob a forma de oferendas. Entretanto, como problemas nesse abastecimento poderiam ocorrer por diversas razões, o morto preferia garantir seu pós-vida por meio de encantações descritas nos livros funerários que afirmam que esse terá alimentos e consumirá parte das oferendas feitas aos deuses e ao rei. Além disso, imagens de alimentos faziam parte da decoração da tumba e estas tornar-se-iam reais no mundo dos mortos, também por meios mágicos. O medo da falta de alimentos é real, pois condena o finado a passar fome eternamente, levando à "segunda morte" que deve ser evitada a todo custo.

Diversos textos funerários descrevem claramente essa necessidade alimentar e o medo da não obtenção dos nutrientes após a passagem do mundo dos vivos para o dos mortos. Esse medo é expresso em diversos encantamentos, dentre Textos das Pirâmides 210, 400 e 409 e o Texto dos Caixões 73, 184, 185, 188, 190, 1902, 216, 473 e 1011, textos anti-escatofágicos, que mostram o medo do morto de, por falta de alimentos, ter que consumir sua urina e suas fezes. Podemos citar em detalhe o encantamento CT 1011 ou **"Formula para não comer excrementos na necrópole":**

> A abominação é minha abominação! Não existe a possibilidade de que eu o coma! Os excrementos são minha abominação! Eu não os comerei! Os dejetos, não os comerei! [...] Eu quero viver de pão de espelta branco [...]. Eu quero viver das coisas doces saídas das quatro capelas e das estelas fronteiriças

No encantamento CT 184, pergunta-se claramente de quê o morto viverá no Além, já que não deseja comer seus excrementos: "Do que viveras tu, então? O que comerás tu? Disseram-me os deuses. Eu viverei de pão do campo das oferendas" No texto podemos observar claramente a necessidade alimentar do morto, visto que esse é inquerido pelos deuses que desejam saber como ele fará para se manter em vida, sendo que a resposta se remete a necessidade de oferendas funerárias.

Após todo esse percurso, é interessante notar a importância da realização de trabalhos tanto para conseguir alimentos quanto para suprir os deuses, o que é

extremamente desagradável, pois, se a morte é a vida eterna, isso também significa um trabalho eterno para conseguir alimentos e produzi-los. Entretanto, os egípcios criam uma solução mágica a esse problema, **shabtis** (Fig. 07), pequenas estatuetas na maioria dos casos dotadas de instrumentos agrícolas e inscritas com o capítulo 6 do Livro dos Mortos [52], referente ao trabalho no Além, o que faz com que elas ajam como substitutos do morto, realizando os trabalhos que este deveria executar no pós-vida. Essas estatuetas aparecem, então, associadas a três ideais básicas:



- Necessidade de alimento no Além por parte do morto, implicando um trabalho do mesmo.
- A imposição para que a comida seja produzida pelo próprio morto, isto é, a necessidade de um trabalho executado pelo morto, que gera um substituto que trabalhará em seu lugar.
- A fuga do trabalho por meio de um substituto, que incorpora ao mesmo tempo o proprietário e um servo, agindo como consumidor e produtor.

Fig. 07: Shabti de Thutankhamon, Museu do Cairo JE 60941; Carter 319j.

O papel do shabti como substituto do morto faz parte de um costume egípcio mais geral que pode ser chamado de substituição mágica. A substituição era realizada pelos egípcios em todos os âmbitos: uma pessoa designada para fazer uma tarefa poderia ser substituída por outra; no culto funerário, o filho mais velho poderia ser substituído pelo sacerdotesa-meref, a sacerdotesa-meref poderia tomar o lugar do sacerdote seme assim por diante. Uma das versões do capítulo 6 do Livro dos Mortos "Ó shabti de N, se eu for chamado, se eu for designado para fazer todos os trabalhos que habitualmente se fazem no Além, será tu a fazê-lo. Toma então o teu lugar para cultivar os campos, irrigar as plantações, transportar a terra de oriente para ocidente, respondendo: Aqui estou! Eu o farei."

No que se refere ao texto, o fato de o nome do morto estar inscrito nas estatuetas assegura que este artefato seja eficaz e um perpetuador da sua memória, agindo como um repositório para o seu *Ka* e mantendo sua vida no Além pelo impedimento da aniquilação. O *Ka* deverá ser mantido vivo pelos suprimentos produzidos por esses trabalhadores, trabalhos especificados dos shabtis, alimentos produzidos num destino osiríaco que reproduz o Egito dos vivos, composto por campos.

Além disso, os shabtis, ao agirem como trabalhadores, fazem com que os mortos fiquem livres das incumbências desse Além, semelhante e invertido à terra dos vivos, permitindo que estes tenham liberdade para ocupar todos os domínios que desejarem,

seja no céu com Rê, na terra com os seus familiares durante o dia ou de noite no Mundo Inferior, o que faz com que a morte não seja estática e, portanto, não seja um fim.

Não apenas na questão da produção alimentar, mas na do consumo, devemos sublinhar que os alimentos, preferivelmente trazidos sob a forma de oferendas pelos familiares, associam os mortos de duas maneiras ao universo dos vivos. Em primeiro lugar, pela manutenção da vida no Além por meio dos alimentos que mantêkmaoe o corpo ativos e "vivos" após a morte; em segundo, pela manutenção da memória do morto dentre seus familiares, inserindo-o na vida quotidiana dos vivos, o que faz com que o seu nome seja lembrado e, portanto, mantido em vida.

O alimento serve também, na necrópole, como meio de união entre os deuses e o finado, já que o último deseja poder participar, isto é, compartilhar as oferendas e os alimentos recebidos pelos deuses, o que faz com que, por meio do alimento, deuses e mortos façam parte do mesmo domínio funerário, da mesma forma que pela fórmula clássica de oferendas o que é ofertado ao rei é também ofertado aos privados.

Resumidamente e evidentemente passando por cima de conceitos mais complexos que não cabem ser explicados aqui, podemos afirmar que o alimento serve como um mediador entre dois mundos e, ao mesmo tempo, como um elemento de negação do afastamento real do morto da esfera dos vivos. A alimentação do elemento espiritual é a porta que faz com que o morto passe de um mundo para o outro, o que pode ser verificado pelas estelas de tipo porta falsa existentes na parte superior das tumbas egípcias. O alimento, para essa sociedade, não é apenas um elemento de sociabilidade e comensalidade, mas também um mediador e um mantenedor da ordem cósmica e da vida eterna. Continuamos vivos eternamente enquanto comermos para todo o sempre.

A MORTE SEGUNDO CRISTO

O reino dos mortos é desconhecido do homem, mas manifesto em toda sua extensão aos olhos de Jesus. O domínio da morte, suas regiões, o estado da alma, a influência da dimensão da morte no mundo dos vivos, está debaixo de sua autoridade; Esta revelação está no livro de Jó: A perdição e a morte dizem: Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama. Jó 28:22

A morte e tudo que ela é, a morte e tudo que ela representa, a morte e tudo que ela contém, está exposta, escancarada, visível, conhecida e dominada pela esfera dos poderes que residem em Jesus. Jesus é o poder absoluto e não questionado em toda a esfera da Criação e a extensão de seu domínio se estende além da dimensão dos mortos. Deus habita corporalmente a pessoa de Cristo. Todos os mistérios do universo são por ele conhecidos. No livro de Jó Deus questiona a um ser humano, e essa questão se estende a toda a humanidade em todos os tempos: "Ou descobriram-se-te as portas da morte, ou viste as portas da sombra da morte? Jó 38:17". Todo feiticeiro, todo bruxo, todo necromante, todo sacerdote que invoca para si domínio ou poder, conhecimento e revelação sobre os mistérios do além, sobre as leis que regem ou deixam de reger a esfera da morte, MENTE. Pois tal conhecimento não foi PERMITIDO a nenhum ser humano. Porque faz parte das coisas OCULTAS e ESCONDIDAS, faz parte das coisas que DEUS NÃO REVELOU AO SER HUMANO. De acordo com a pergunta que ele mesmo faz a humanidade

representada na pessoa de Jó. Pertencia a Deus, somente a Deus, e agora ao seu representante maior, o único sacerdote a quem foi dado o poder de representar ao ser humano diante dele, Cristo, o pleno conhecimento sobre as coisas da morte. "Das trevas descobre coisas profundas, e traz à luz a sombra da morte. Jó 12:22"

Jesus é ABSOLUTO em seu poder sobre as coisas da morte conforme declara o livro de Apocalipse: E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno. Apocalipse 1:18

Como ser humano, ele é o único homem que desceu até o mais distante da região da morte e retornou vivo de lá, para nos contar por EXPERIENCIA PESSOAL a todo o sentido que ela possui, toda a extensão de sua natureza, todo significado de sua existência.

Jesus domina sobre o reino dos mortos. Ele domina sobre o reino dos espíritos. E a ele, somente a ele, PERTENCEM OS MORTOS. João, em Apocalipse ao ver este amanhã contempla seres celestiais que chama de "anciãos" que celebram a pessoa de Cristo. E entoam uma canção, um CÂNTICO SAGRADO. E NESSE CÂNTICO os anciãos REVELAM - EM PARTE - A EXTENSÃO DO DOMÍNIO DE CRISTO SOBRE A ESFERA HUMANA:

"Apocalipse 5...9 e eles cantavam um cântico novo: "Tu és digno de tomar o livro e de abrir seus selos, porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação."

Ou seja, na separação por SUA EXCLUSIVA VONTADE de homens para participarem de seu sacerdócio, ou noutra parte das Escrituras quando diz:

"Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo" (1Tm 2:5-6)

Nessa escolha divina do representante dentre os seres humanos para ser MEDIADOR entre os homens e Deus.

Seja na abrangência de SUA MORTE E RESSURREIÇÃO – "pois se deu em PREÇO DE REDENÇÃO POR TODOS".

Por isso, em virtude disso, TODA e QUALQUER adoração aos mortos, toda oferta, toda oferenda, toda obrigação imposta por um espírito de antepassado, por ordem de um fantasma, por fruto de uma comunicação mediúnica, por conta de uma possessão espiritual é ato de REBELDIA E desobediência ao Senhor dos vivos e dos mortos.

Significa que, toda voz fantasmagórica, de origem de um morto, ou de vivos, contrária à voz de Jesus é de caráter mentiroso. Que toda ordem que venha de qualquer tipo de entidade, poder, espírito, demônio, criatura ou divindade, assim como qualquer exigência de qualquer poder espiritual que DESAFIE a vontade de CRISTO, está CONDENADA a anulação.

Nenhuma palavra, nenhuma ordem, vinda de alguma criatura espiritual possui AUTORIDADE sobre a AUTORIDADE de Cristo. Nenhuma voz espiritual é mais poderosa que Sua voz. É ORDENADO POR DEUS que todo ser vivo ou morto, de origem humana, ou mágica, ou espiritual se SUBMETA ao poder do Espírito de Deus. Nada que saia da boca de um espírito que invoque para si o STATUS QUO de morto, de guia espiritual ou de poder espiritual, tem qualquer valor DIANTE DA PRESENÇA, DO PODER, DA AUTORIDADE E DOS PODERES MANIFESTOS NA INVOCAÇÃO DO NOME DE JESUS.

Jesus domina sobre todas, exatamente sobre todas, taxativamente sobre todas as realidades espirituais.

Toda e qualquer religião que se baseia na invocação dos poderes dos mortos, que invoca sua proteção ou sua atuação, está em estado de insurreição, em estado de desobediência, em estado de desrespeito a pessoa de Cristo. Está agindo ilegitimamente, está exercendo poderes, forças ou domínio sobre pessoas as quais NÃO POSSUI DIREITO ALGUM de dominar (com auxílio espiritual concedido pela relação maldita). Nenhum poder, de esfera alguma, tem DIREITO ao domínio sobre quem se submete a AUTORIDADE DE JESUS.

Nenhum tipo de feitiçaria, nenhum tipo de ritual, nenhum tipo de MALDIÇÃO, NENHUM TIPO DE INVOCAÇÃO. Nenhum, absolutamente nenhum espírito em todo universo pode afrontar uma ordem dada por Jesus.

E nenhum ser pode invocar ou operar poder para destruição daqueles que OBEDECEM a voz de Jesus, daqueles que possuem o selo de seu ESPIRITO e buscam santificação.

Toda ordem espiritual dada por um homem, uma mulher, uma criança, um adolescente ou mesmo um ancião, com o coração cheio de fé, na presença e na unção do Espírito de Deus, de acordo com as Escrituras, será CUMPRIDA contra poderes celestiais de qualquer espécie, conduzindo à destruição de fortalezas espirituais, anulando pactos com poderes das trevas, anulando intenções malignas, anulando maldições, anulando oferendas a divindades COM intenção maligna, impedindo a influência de quaisquer tipos de espíritos invocados para dominação de terceiros.

Todo poder espiritual possui na IGREJA DE CRISTO EM EXERCÍCIO individualmente ou em grupo - na sinceridade, na adoração verdadeira, no amor não fingido, na intercessão, na confissão dos pecados, na busca da santificação, na manifestação dos dons espirituais, no exercício da autoridade espiritual em Cristo Jesus, na invocação do nome de Jesus, na comunhão com o Espírito de Deus - uma PORTA intransponível.

Jesus incorpora o incrível do mundo dos mortos egípcio. Ele é maior que Osíris, quem tem a chave da morte ele é o que age como Maat, a verdade, ele é que pesa seu coração, ele é o que VIVIVICA os mortos. Ele é aquele que dá TESTEMUNHO dos que lhes pertence, CONFESSANDO seu nome diante de seres celestiais, os anjos, uma ANTITESE do pensamento mágico egípcio. Não é necessária uma

confissão pos-mortem, ajuda de feitiços, oferendas ou coisas similares. Porque Jesus foi a OFERENDA perfeita, e é ele que doa sua vida para que o homem por ele possa viver.

O "morto em Cristo" não necessita temer um julgamento futuro! Porque já foi justificado em Cristo. Não há uma deusa da verdade aguardando o morto para julgá-lo. Porque a própria VERDADE é que acompanhará o ser humano redimido em sua elevação, no caminho para a casa do Pai.

Portanto, **agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus**, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.

Romanos 8:

Não é um campo de juncos, onde necessitará trabalhar para sempre, para ter que alimentar-se para sempre, para onde o ser humano redimido será recolhido. Não é para uma propriedade alheia, pertencente a enéade, onde o ressurreto egípcio continua a viver seu papel de servidão, como antes o fazia com faraó. O crente será chamado a casa do Pai, não para trabalhar, antes para descansar. Não necessita de shabtis ou ídolos que sejam com ele enterrados nos túmulos para trabalharem por ele no pós-vida. Porque, as promessas de Cristo conduzem a um lugar celestial mais excelente do que o campo de juncos.

E a vós, que sois atribulados, **descanso conosco**, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder,

2 Tessalonicenses 1:7

Não há um rio subterrâneo dentro das regiões da escuridão, um anti-Nilo, pelo qual os mortos terão que atravessar, quando o próprio deus-sol se apaga, onde suas divindades necessitavam morrer para poder entrar. Na terra que não necessita de sol, Deus próprio a ilumina. E é nela que corre perene não um Nilo divinizado, mas antes o próprio rio da vida.

E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

Apocalipse 21:23

Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo.

Salmos 46:4

O egípcio ansiava desesperadamente viver eternamente, ansiava vencer as limitações impostas pela velhice, pelo corpo. Sua teologia é fruto de seu medo, de

seu desespero, de sua indignação contra a morte. Há por todo o corpo das pirâmides feitiços a fim de proteger o morto, para que de algum modo ele possa continuar existindo nomundo do além. A morte era uma situação tão pavorosa, que alguns hinos falam dos que chegavam a beira dos campos de juncos, ainda envoltos na escuridão, ainda sem direito a entrar até que o barqueiro trouxesse a barca e finalmente as divindades lhe sorrissem.

Num dos hinos a uma "fusão" de entidades, Amon e Rá, Amon-Rá, o suplicante que estará duas vezes envolto em trevas, tanto no sacrcófago, quanto no reino da morte, intercede, DEPOIS DE MORTO, para que a divindade não permita que ele não DESPERTE, não permita que ele jamais sai do sarcófago, ficando preso em trevas até a sua inexistência, que quando seu corpo mumificado deixaria de existir.

- Tu resplandeces lá em baixo para o deus grande, / senhor da eternidade, regente de Iugueret. / Tu dás a luz aos que estão lá em baixo / e eles olham para a tua beleza. / Os habitantes das regiões subterrâneas, nas suas grutas, estendem os braços, louvando o teu ka. / Os habitantes do Ocidente ficam em alegria / Quando tu resplandeces para eles. / Os senhores da Duat têm o coração sereno.
- Quando tu iluminas o Ocidente. / Os seus olhos abrem-se à tua vista, / o seu coração rejubila quando eles te vêem / e o teu corpo dá alegria ao seu rosto.
- Tu escutas as súplicas daqueles que estão no sarcófago. / Quando tu te ergues, afastas o seu sofrimento. / E quando tu te deitas, tu acalmas os seus membros. / Eles adoram-te quando tu chegas junto deles. / Eles puxam a corda da proa da barca divina / quanto tu te deitas no horizonte de Manu.

Havia o temor de não ser ouvido, como num conto de terror, em ser deixado para trás. O suplicante então canta um hino onde imagina o instante de despertar, em que sai da escuridão, de um estado de perdição, para a possibilidade de viver novamente.

Isaías profetiza para o ser humano a resposta real à súplica do egípcio:

Para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os presos, e do cárcere os que jazem em trevas.

Isaías 42:7

E naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e dentre a escuridão e dentre as trevas os olhos dos cegos as verão.

Isaías 29:18

E ainda:

O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz.

Isaías 9:2

Esse contexto de operações milagrosas, de vivificação, estava do poder dos deuses fictícios.

A vida no além dos egípcios era uma vida imaginada. Uma vida sonhada, numa perspectiva humana. O céu dos egípcios é a terra onde viveram, sem a enfermidade. Sem fome. Já lhes bastava. Porém a proposta de Cristo é maior. De dimensões desconhecidas e envolta em mistério:

"Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam." 1 Coríntios 2:9

SEGUNDA MORTE E OCEANO PRIMORDIAL

APOCALIPSE 20 apresentará para nós novamente o conceito de segunda morte:

6 Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem **poder a segunda morte**; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos.

13 E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras.

14 E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte.

O conceito de segunda morte das Escrituras é similar ao egípcio. Destruição, aniquilação, inexistência. Diferente do conceito de tortura eterna concebido pela teologia da idade média. "morte e inferno" não são indivíduos ou seres, são similares a regiões, ou dimensões espirituais complexas. Lago de fogo e enxofre é como o mar primordial egípcio, só que em chamas.

O OCEANO PRIMORDIAL

O Princípio

1 No princípio Deus criou os céus e a terra.

2 Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

Por meio da tradição oral uma antiquíssima revelação foi sendo transmutada na mitologia dos povos da antiguidade. Como os Gregos e Indianos que criam na figura de um oceano primordial, os egípcios deram a este o significado de início de tudo. Chamavam-no de NUM, situado em um lugar cósmico, invisível, algo como um gigantesco lago, envolto em escuridão do qual nasceria sua primeira divindade, Atum. A deusa Heqet, um sapo, era a esposa do grande deus Khnum ou Atum. Ela era o símbolo da ressurreição e do emblema da fertilidade e ajudava

no parto (considere a ironia na afirmação de que os sapos invadiram o quarto do faraó e até saltaram em sua cama). Heqet foi um dos quatro deuses primitivos que personificaram a água primordial, o infinito, a escuridão e aquilo que está escondido. Naquela época primordial e mítica, o mal não existia e a abundância em todos os lugares reinava. Outro centro da religião egípcia era a cidade de Hermópolis, capital do nomo do Alto Egito. O clero de Hermópolis acreditava no mesmo principio de criação de Heliópolis. Atum havia criado tudo e também os deuses de Hermópolis. Seus deuses estavam agrupados em quatros pares de casais. Nun e Naunet, o caos, o oceano primordial; Heh e Hehet, o infinito; Kek e Kauket, as trevas; e por fim Amon e Amaunet, o oculto. Ou de outro modo, a enéade Heliopolitana, de Heliópolis, outra grande cidade egípcia, era formada pelos seguintes deuses que fazem parte do mito de criação do Mundo de Heliópolis: Atum, Shu, Tefnut, Geb, Nut, Osíris, Isis, Seth e Néftis. De acordo com diversos textos até hoje encontrados há várias versões de como o Mundo foi criado. Pode-se dizer que a mais comum é aquela em que o Grande deus Atum surge do Nun, o Oceano Primordial,

Assim se refere os textos sagrados sobre os mistérios do deus Atum:

" Salutamos a vós, Atum, Salutamos a vós, aquele que se torna si mesmo! Vós sois ao alto nome o altíssimo Vós tornais a si mesmo em vosso nome Khepri (aquele que se que torna a si mesmo)." .

Após ter conquistado o espírito da vida, Atum pensou e em seu coração as formas dos seres, que logo em seguida seriam criados. Estando sozinho envolvido ao oceano primordial, Atum teve em sua ação o ato da auto-procriação

Fayoum, El-Fayyum, Phiom ou Payomj significa lago ou mar por vezes refere-se a região o Oásis de Fayoum. Situado não muito longe do Cairo, na região do Lago Hoer is (ou Mer Wer, que, em egípcio significa "o Grande Canal"). Este lago foi, durante muito tempo conhecido com "Lago de Osiris" e, por causa da presença de crocodilos no lugar, o Deus Sober era, ali, adorado. Conta-se que o rei Menes de Menphis (Hanetho), unificador do Alto e do Baixo Egito, em uma viagem de caça teria sido atacado, próximo ao lago, por seus cães sendo salvo por um crocodilo. Em gratidão o rei Menes teria fundado a cidade de Shedet, conhecida pelos gregos como "Crocodilópolis". Os egípcios identificaram Fayoum com o Deus Num ou Atum (o oceano primordial, origem de toda a vida na mitologia antiga). É uma das mais prolificas regiões do Egito em termos de fósseis.

O limite da teologia egípcia, assim como a nossa é o mistério da existência divina, era-lhes impossível compreender a essência de um Deus não-criado, pre-existente e eterno, sem início e sem fim. Por isso deram ao mar primordial, essa função a de "gerar Deus".

Por isso também o Senhor rejeitará a sabedoria egípcia, que ao tentar solucionar o que está acima da capacidade humana de raciocínio, se perdeu dentro de sua ignorância, dando asas a imaginação e ficção religiosa, descaracterizando a beleza e profundidade da revelação divina original a que um dia tiveram acesso.

A teologia egípcia nos ajuda a compreender os símbolos de Apocalipse. O lago de fogo e enxofre é um oceano primordial, em chamas. Se foi nas águas primordiais que tudo teve início, logo será num oceano em chamas, que tudo que for rejeitado por Deus, terminará.

ANEXO CAPITULO X - LIVRO DOS MORTOS

O material do Livro dos Mortos continha uma série de orações e fórmulas mágicas, de caráter iniciático, para facilitar a viagem da alma para Além. Refletia as sínteses teológicas do Novo Império, governado simultaneamente por um soberano que era rei-soldado e rei-deus e por uma forte classe sacerdotal, e também marcado pelos aspectos arcaicos e populares da religiosidade egípcia.

Podemos depreender do pensamento religioso deste período transcrito no "Livro dos Mortos" que, para os egípcios, assim como para outros povos da antiguidade, a morte não efetuava apenas a separação entre corpo e alma, mas, acima de tudo, era a libertação de princípios físicos, mentais e espirituais que constituíam o homem durante a sua vida e após a sua morte. Vemos a descrição e divisão do homem em outros corpos imateriais. Estes princípios espirituais eram nove ao todo, embora a dificuldade em traduzir seu sentido verdadeiro acabe por levar a alguma indefinição sobre os seus sentidos de fato. São eles: (16)

1. O corpo físico, o Khat, passível de corrupção e decadência, devendo ser preservado pela mumificação. (Aquele a quem os vermes comem).

2. O duplo, o Ka, a individualidade e personalidade abstrata com a forma e os atributos do ser a quem pertencia. Embora pudesse vagar livremente, habitar uma estátua, era obrigado a comer e beber. Quando abandonado sem suprimentos podia deixar sua tumba e vagar como alma errante dando bastante dor de cabeça aos vivos. Esta seria a forma espiritual menos sutil, podendo aparecer aos vivos, falar aos videntes, enviar mensagens, receber os cultos e oferendas, podendo, mediante invocação, realizar determinados trabalhos. (Digamos que era o corpo sutil, a matéria do espírito)

3. A alma do coração, o Ba. Embora aparentemente continuasse a viver no túmulo, sua condição era representada na forma de um falcão, podendo voar até o fundo da tumba, levando ar alimentação ao corpo mumificado.

4. O coração, o Ab. A fonte da vida, do bem e do mal, devendo estar ritualisticamente preparado para ser examinado durante o Julgamento. Se ele não fosse cuidado poderia posicionar-se contra o morto em queixas, comprometendo o seu julgamento. Centro da vida pensante e espiritual, a "consciência", revelava tanto os vícios como as virtudes, algo assim como um corpo mental.

5. A sombra, o Khaibit. Não tinha uma definição muito clara, mas estava em conexão com a alma do coração e parecia alimentar-se das oferendas tumulares. Guardava o corpo emocional, os apegos, desejos e paixões que o morto tinha em vida. Para não incorrer no desagrado desta dimensão espiritual, eram feitas as oferendas que mitigassem e aplacassem os desejos, as carências e necessidades que o morto tinha um vida. Era um invólucro de forma espiritual.

6. A alma espiritual, o Khu. Um ser etéreo que habitava o corpo espiritual, indestrutível. Não era o espírito mas o espírito da alma, a centelha divina que fornecia energia e habitava a alma, representado em chama.

7. O corpo espiritual, o Sahu. Formava a habilitação da alma e provinha do corpo físico. Sua durabilidade e incorruptibilidade dependia das orações e dos cultos funerários. Unia todos os atributos mentais e espirituais do ser vivo, assim como um fluído que permeava e mantinha coesa a forma física, os sentimentos, os pensamentos e os desejos. Era o Sahu que, integrado ao Ka, realizava tarefas e recebia as oferendas.

8. O poder, o Seklem. Tratava-se da força vital, natural, cósmica, que morava no céu, entre os espíritos, e era o elemento de conexão entre a alma e o espírito, centro da vida pensante e espiritual e que mantinha o indivíduo ligado ao Universo, à natureza, ao ambiente, à Unidade. Era a vitalidade.

9. O nome, Rhem. Preservar o nome significava a conservação da existência espiritual. A preservação da memória dos mortos era a garantia da espiritualidade. Um dos maiores castigos que se podia infringir a uma pessoa já falecida era apagar o seu nome das estátuas, dos túmulos, condenando-o a uma morte definitiva pelo esquecimento. Isto porque, se o seu nome fosse retirado do culto aos mortos, o defunto nunca seria chamado para o julgamento, para a barca dos deuses, para as oferendas e rituais e para receber as homenagens dos descendentes e da posteridade (17).

O TRIBUNAL DOS MORTOS

Este era o momento mais temido: a pesagem das ações, o exame de consciência. Na representação mais tradicional do Novo Império, a sala de julgamento era denominada "A Sala das Duas Verdades". Osíris, hierático e impassível, presidia o julgamento sentado em seu trono, ladeado por Ísis e Néfis e secundado por catorze assessores. No meio a sala estava a balança, que podia ser ornamentada com a cabeça de M`aat, a Verdade ou a Ordem, a cabeça de Anúbis ou de Thot. O defunto apresentava-se com uma túnica de linho branco e era conduzido por Anúbis. Após saudar a todos presentes começava a pronunciar a declaração de inocência do cap. CXXV do Livro dos Mortos:

"1. Não fiz mal a ninguém. 2. Não prejudiquei uma família. 3. Não pratiquei mal algum em lugar sagrado. 4. Evitei as más companhias. 5. Não causei nenhum dano. 6. Não sobrecarreguei de trabalho os meus homens. 7. Não busquei honrarias. 8. Não maltratei os criados. 9. Não fiz pouco de deus. 10. Não me apoderei de propriedade alheia. 11. Não fiz o que os deuses não gostam. 12. Não falei mal de um criado a seu amo. 13. Não causei sofrimento a ninguém. 14. Não deixei ninguém passar fome. 15. Não fiz ninguém chorar. 16. Não matei. 17. Não obriguei ninguém a matar. 18. Não causei dor. 19. Não roubei oferendas do templo. 20. Não roubei o pão sagrado. 21. Não roubei o pão das oferendas. 22. Não forniquei. 23. Não me poluí no santuário do deus da cidade. 24. Não roubei

nas medidas. 25.Não roubei terras. 26. Não invadí propriedade alheia. 27. Não fraudei. 28. Não usei pesos falsos. 29. Não tirei o leite das crianças. 30. Não roubei gado. 31. Não prendi pássaros sagrados em armadilhas. 32. Não peguei peixes com armadilhas de peixes da mesma espécie. 33. Não detive os cursos de água. 34. Não cortei a margem do canal. 35.Não apaguei o fogo. 36. Não fraudei aos deuses as suas oferendas de comida. 37. Não roubei o gado sagrado. 38. Não repeli as manifestações de deus" (18).

Livro dos Mortos do Antigo Egito

Extratos do Papiro da Real Mãe Nezemt

As Confissões Negativas - Capitulo 25, prancha 5

1. Eu não cometi pecados

2. Eu não assaltei

3. Eu não roubei - Êxodo 20:15 Não deves furtar (Não roubaras)

4. Eu não agi com violência

5. Eu não matei seres humanos - Êxodo 20:13 Não deves assassinar (Não mataras)

6. Eu não roubei oferendas - Êxodo 20:15 Não deves furtar (Não roubaras)

7. Eu não causei destruição

8. Eu não pilhei a propriedade divina do templo

9. Eu não cometi falsidade

10. Eu não sequestrei grãos

11. Eu não amaldiçoei - Êxodo 20:16

12. Eu não transgredi

13. Eu não abati o rebanho divino do templo

14. Eu não fiz o mal

15. Eu não saqueei a terra cultivada - Êxodo 20:17

16. Eu não agi com luxuria

17. Eu não amaldiçoei ninguém

18. Eu não fiquei irado sem causa justa

19. Eu não dormi com o marido de nenhuma mulher - Êxodo 20:14

20. Eu não polui a mim mesmo

21. Eu não aterrorizei nenhum homem

22. Eu não pilhei - Êxodo 20:15

23. Eu não agi com raiva

24. Eu não me fiz de surdo ao ouvir palavras de justiça e verdade

25. Eu não aticei brigas - Êxodo 20:16

26. Eu não fiz ninguém chorar

27. Eu não forniquei - Êxodo 20:14

28. Eu não destruí meu coração

29. Eu não amaldiçoei ninguém - Êxodo 20:16

30. Eu não exagerei

31. Eu não realizei julgamentos precipitados - Êxodo 20:16

32. Eu não cortei a pele e pelos de animais divinos

33. Eu não elevei minha voz em conversas

34. Eu não cometi pecados e não procedi mal

35. Eu não amaldiçoei a realeza

36. Eu não desperdicei água

37. Eu não agi com arrogância

38. Eu não amaldiçoei divindades - Êxodo 20:7

39. Eu não agi com falso orgulho

40. Eu não agi com desdém

41. Eu não aumentei minhas riquezas exceto por meio de meus próprios recursos - Êxodo 20:15

42. Eu não desprezei o principio de minha cidade

O Livro Egípcio dos Mortos é uma coleção de feitiços que permitem a alma do falecido navegar na vida após a morte. O título famoso foi dado por estudiosos ocidentais quando trabalhavam no livro; o título real se traduziria como O Livro da Revelação Do Dia ou Feitiços Para Ir Além Do Dia. Embora esse conjunto de textos seja referido como "a Bíblia do Antigo Egito" - não existe tal coisa, e

embora as duas obras compartilhem a semelhança de ser compilações de textos antigos, escritos em momentos diferentes, eventualmente reunidos em forma de livro.

O Livro dos Mortos não foi codificado e não tem duas cópias exatamente iguais. Eles foram criados especificamente para cada indivíduo que poderia se dar ao luxo de comprar um, como uma espécie de manual para ajudá-los após a morte. O egiptólogo Geralidine Pinch explica que:

"O Livro Egípcio dos Mortos é um termo cunhado no século XIX para um corpo de textos conhecidos dos antigos egípcios como os feitiços para Indo adiante pelo dia. Após isso o Livro dos Mortos foi traduzido pela primeira vez por egiptólogos, ganhou um lugar no imaginário popular como a Bíblia dos antigos egípcios. A comparação é muito inapropriado. O Livro dos Mortos não era o livro sagrado central da religião egípcia. Foi apenas uma de uma série de manuais composto para ajudar os espíritos dos mortos elite para atingir e manter uma vida após a morte completa".

A vida após a morte foi considerada uma continuação da vida na Terra, e após ter passado por várias dificuldades, e pelo julgamento na Sala da Verdade, se veria um paraíso, que era um reflexo perfeito da vida na Terra. Após a alma ter sido justificada na Sala da Verdade, iria atravessar o Lago Lily para descansar no Campo dos Juncos onde se poderia encontrar tudo o que se tinha perdido na vida, e poderia apreciá-lo eternamente. A fim de chegar a esse paraíso, no entanto, era preciso saber para onde ir, como lidar com certos deuses, o que dizer em determinados momentos, e como se comportar na terra dos mortos, é por isso que se um manual de vida após a morte seria extremamente útil.

A História

O Livro dos Mortos se originou a partir de conceitos descritos em pinturas, e em inscrições em tumbas a partir da Terceira Dinastia do Egito (c 2670 -. 2613 AC). Pela dinastia 12 (1991-1802 AC) essas magias (ou feitiços), eram acompanhadas de ilustrações, e foram escritos em papiro e colocados em túmulos e sepulturas com os mortos. Sua finalidade, como o historiador Margaret Bunson explica, "era instruir o falecido sobre como superar os perigos da vida após a morte, permitindo-lhes assumir a forma de criaturas míticas, e lhes dar as senhas necessárias para admissão a determinadas fases do submundo". Eles também serviu, no entanto, para fornecer a alma o conhecimento prévio do que seria de esperar em cada etapa. Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

Em algum momento antes de 1600 AC os diferentes períodos foram divididos em capítulos e, no momento do Novo Reino (1570-1069 AC), o livro foi extremamente popular. Escribas que eram especialistas em feitiços seriam consultados para a moda da customização de livros para um indivíduo ou uma família. Bunson observa: "Essas magias e senhas não eram parte de um ritual, mas foram formados para o falecido, para ser recitado em sua vida após a morte". Se alguém estava doente, e temia que poderia morrer, eles iriam até um escriba e pediria para escrever um livro de feitiços para a vida futura. O escriba precisa saber que tipo de vida que a pessoa viveu, a fim de supor o tipo de viagem que poderia esperar após a morte; em seguida, os feitiços apropriados seriam escritos especificamente para esse indivíduo."



Livro dos Mortos de Tayesnakht

Antes do Novo Reino, O Livro dos Mortos estava disponível apenas para a realeza e elite. A popularidade do mito Osiris no período do Novo Reino, fazia as pessoas acreditaremm que os feitiços eram indispensáveis, porque Osíris era proeminente no julgamento da alma após a morte. À medida que mais e mais pessoas desejassem seu próprio Livro dos Mortos, escribas abrigava-os e o livro tornou-se apenas mais uma mercadoria produzida para venda. Da mesma forma que os editores no presente oferecem impressões por demanda de livros ou obras auto-publicadas, os escribas ofereciam diferentes "pacotes" para os clientes escolherem. Eles poderiam ter poucos ou muitos feitiços em seus livros, dependendo de quanto e como eles poderiam pagar. Bunson escreve: "O indivíduo pode decidir o número de capítulos a serem incluídos, os tipos de ilustrações, e a qualidade dos papiros usados. O indivíduo foi limitado apenas por seus recursos financeiros".

A partir do Novo Reino através da dinastia Ptolomaica (323-30 AC) O Livro dos Mortos foi produzido desta maneira. Ele continuou a variar na forma e tamanho até 650 AC, quando foi fixado em 190 feitiços uniformes, mas ainda assim, as pessoas podem adicionar ou subtrair o que quisessem do texto. Um Livro dos Mortos da dinastia Ptolomaica, que pertencia a uma mulher chamada Tentruty teve o Texto das Lamentações de Isis e Nephthys ligados a ele, o que nunca foi incluído como parte do Livro dos Mortos. Outros exemplares do livro continuaram a ser produzido com mais ou menos feitiços dependendo do que o comprador poderia pagar. No entanto, existe uma magia que cada cópia parece ter tido, foi Feitiço 125.

O FEITIÇO 125

Feitiço 125 é o mais conhecido de todos os textos do Livro dos Mortos. As pessoas que estão familiarizados com o livro, mas que têm uma menor familiaridade com a mitologia egípcia, sabe o feitiço, mesmo sem perceber.

Feitiço 125 descreve o julgamento do coração do falecido pelo deus Osíris, na Sala da Verdade, uma das imagens mais conhecidas do antigo Egito, embora o deus com suas escalas da verdade nunca é descrito no texto. Como era vital que a alma passasse no teste da pesagem do coração, a fim de ganhar o paraíso, saber o que dizer e como agir diante de Osíris, Thoth, Anubis, e os quarenta e dois juízes foi considerada a informação mais importante que o falecido poderia chegar com ela.



Livro dos Mortos de Tayesnakht

Quando uma pessoa morre, eles são guiados por Anubis para a Sala da Verdade (também conhecida como O Corredor de Duas Verdades), onde eles irão fazer a Confissão Negativa (também conhecida como A Declaração de Inocência). Esta foi uma lista de 42 pecados que a pessoa poderia dizer honestamente que eles nunca tinham cometido. Uma vez que a confissão negativa foi feita, Osíris, Thoth, Anubis, e os quarenta e dois juízes iriam conferir, se a confissão foi aceita, o coração do falecido foi então pesado na balança contra a pena branca de Ma'at, a pena da verdade. Se o coração foi encontrado para ser mais leve que a pena, a alma iria para o paraíso; se o coração estivesse mais pesado, ele seria jogado no chão, onde seria devorado pelo monstro deusa Ammut e a alma deixaria de existir.

O Feitiço 125 começa com uma introdução para o leitor (a alma): "O que deve ser

dito quando chegar a esta Sala da Justiça, purga [nome da pessoa] _____ de todo o mal que ele fez e vendo os rostos dos deuses." A magia começa então muito claramente dizendo a alma exatamente o que dizer quando encontrar Osíris:

"Saudações a você, Grande Deus, Senhor de Justiça! Eu vim para você, meu senhor, para você pode trazer-me para que eu possa ver a sua beleza, eu sei que você e eu sabemos seu nome, e sei os nomes dos quarenta e dois deuses daqueles que estão com você neste Sala da Justiça, que viveram aqueles que apreciaram o mal e que engoliram seu sangue naquele dia do acerto de contas de pessoas na presença de Wennefer [outro nome para Osíris]. Eis o duplo filho das cantoras; Senhor da Verdade é o seu nome. Eis que eu vim a ti, eu trouxe-lhe a verdade, eu tenho repelido a mentira para você. Eu não fiz a falsidade contra os homens, eu não empobreci meus companheiros, não tenho feito nada de errado no Lugar da Verdade, eu não aprendi o que não é..."

Após este prólogo, a alma em seguida fala a Confissão Negativa, e é questionada pelos deuses e os quarenta e dois juízes. Neste ponto, foi necessária certa informação muito específica, a fim de ser justificada pelos deuses. Uma, se precisava saber nomes diferentes dos deuses e ao que eles foram responsáveis, mas também se precisava saber detalhes como os nomes das portas do quarto e o piso que era preciso atravessar; e era precisava saber os nomes dos próprios pés. Como a alma respondeu a cada divindade com a resposta correta, eles iriam ouvir a resposta, "Você nos conhece; passe por nós" e poderia continuar. Em um ponto, a alma deve responder ao chão sobre os pés da alma:

"Eu não vou deixar que você pise em mim", diz o piso da Sala da Justiça.

"Por que não? Eu sou puro."

"Porque eu não sei os nomes de seus pés com os quais você pisa em mim. Diga seus nomes para mim."

"Imagem secreta de Rá é o nome do meu pé direito; 'Flor de Hathor' é o nome do meu pé esquerdo."

"Você nos conhece; entre por nós."

O feitiço conclui com o que a alma deve estar vestida quando atende o julgamento e como se deve recitar o feitiço:

O procedimento correto nesta Sala da Justiça: Um deve proferir este feitiço puro e limpo, e vestido com roupas brancas e sandálias, com o olho pintado de tinta preta e ungido com mirra. Não será oferecido a ele carne e aves, incenso, pão,

cerveja e ervas, quando você colocar este procedimento escrito em um chão limpo de ocre, coberto com terra sobre o qual nenhum suíno ou pequenos gados pisaram.

Após isso, o escriba que escreveu o feitiço felicita-se por um trabalho bem feito e garante o leitor que ele, o escrivão, irá florescer assim como seus filhos para sua parte por fornecer o feitiço. Ele vai fazer o bem, diz ele, quando ele próprio trata do julgamento e serão "se assegurara com os reis do Alto Egito e os reis de Baixo Egito, e ele estará na suíte de Osíris. Um milhão de vezes na verdade." Para fornecer o feitiço, o escriba precisa ser considerado parte do funcionamento interno da vida após a morte, e assim terá com certeza uma recepção favorável no submundo e passagem para o paraíso.



Livro dos Mortos de Aaneru

Para a pessoa média, até mesmo o rei, toda a experiência foi muito menos certa. Se um deles respondeu a todas estas perguntas corretamente, e tinha um coração mais leve que a pena da verdade, e se um conseguiu ser gentil com o grosseiro Divino Ferryman, que iria remar com as almas através do Lago Lily, iria encontrar a si mesmo no paraíso. O Campo Egípcio de Palhetas (às vezes chamado de Campo de Ofertas) foi exatamente o que se tinha deixado para trás na vida. Uma vez lá, a alma se reunia com entes queridos e até mesmo com animais de estimação. A alma veria uma imagem da casa que sempre conheceu com exatamente o mesmo quintal, mesmas árvores, mesmos pássaros cantando na noite ou de manhã, e isso iria ser apreciado por toda a eternidade na presença dos deuses.

Outros Feitiços e Equívocos

Havia um grande número de deslizes que a alma poderia cometer, no entanto, entre a chegada a Sala da Verdade e o percurso de barco para o paraíso. O Livro dos Mortos inclui feitiços para qualquer tipo de circunstância, mas não parece que um foi garantido para sobreviver a estas voltas e reviravoltas. O Egito tem uma longa história e, como em qualquer cultura, as crenças mudaram com o tempo, mudou de volta, e mudou novamente. E cada detalhe descrito acima foi incluído na visão de todas as épocas da história egípcia. Em alguns períodos, as modificações são menores, enquanto, em outros, a vida após a morte é vista como uma perigosa jornada em direção a um paraíso que é apenas temporário. Em alguns pontos na cultura o caminho para o paraíso era muito simples, após a alma ser justificada por Osíris, enquanto em outros, os crocodilos podem frustrar a alma, ou curvas na estrada revelam-se perigosas, ou demônios parecem enganar ou até mesmo atacar.

Nestes casos, a alma precisava de feitiços para sobreviver e alcançar o paraíso. Feitiços incluídos no livro incluem títulos como "Para Repelir Um Crococodilo Que Vem Para Devorar", "Para Conduzir Uma Cobra", "Para Não Ser Comido Por Uma Cobra No Reino da Morte", "Para Não Morrer Outra Vez No Reino Dos Mortos","Para Ser Transformado Em Um Falcão Divino","Para Ser Transformado Numa Lotus", "Para Ser Transformado Em Uma Fênix", e assim por diante. Os períodos de transformação tornaram-se conhecidos através de alusões populares para o livro, em produções de televisão e cinema que resultaram na compreensão equivocada de que O Livro dos Mortos é uma espécie de livro mágico do tipo de Harry Potter, e do tipo de trabalho que antigos egípcios utilizavam para rituais místicos. O Livro dos Mortos, como se referiu, nunca foi usado para transformações mágicas na terra; as magias só trabalhavam na vida após a morte. A alegação de que o Livro dos Mortos era algum tipo de texto de feiticeiro é tão errado e sem fundamento como a comparação com a Bíblia.



Livro dos Mortos de Tayesnakht

O Livro Egípcio dos Mortos também não é como o Livro Tibetano dos Mortos, embora essas duas obras são muitas vezes bem equiparadas. O Livro Tibetano dos Mortos (nome real, Bardo Thodol, em tradução livre "Grande Liberação Através da Audição"), é uma coleção de textos a serem lidos a uma pessoa que está morrendo ou morreu recentemente, e permite que a alma saiba o que está acontecendo passo passo. A semelhança partilhada com o trabalho egípcio, é que ele se destina a confortar a alma e conduzi-la para fora do corpo, e para a vida após a morte. O Livro Tibetano dos Mortos, é claro, lida com um sistema de cosmologia e crença completamente diferente, mas a diferença mais significativa é que ele é projetado para ser lido pelos vivos com os mortos; não é um manual para os mortos a ser recitado. Ambas as obras têm sofrido com os rótulos "Livro dos Mortos", que tanto atrai a atenção de quem acredita serem chaves para o conhecimento ou obras do diabo que devem ser evitadas; eles realmente não são.

Ambos os livros são construções culturais concebidas para tornar a morte uma experiência mais gerenciável.

Os feitiços em todo o Livro dos Mortos, não importam o que era, os textos foram escritos ou coletados, onde se prometeu uma continuação de sua existência após a morte. Assim como na vida, houve ensaios e havia voltas inesperadas no caminho, áreas e experiências que devem ser evitadas, amigos e aliados para cultivar, mas eventualmente, a alma poderia esperar ser recompensada por viver uma vida boa e virtuosa. Para aqueles deixados para trás na vida, os feitiços teriam sido interpretados como as pessoas nos dias de hoje que lêem horóscopos. Horóscopos não são escritos para enfatizar pontos ruins de uma pessoa, nem são lidos para se sentir mal sobre si mesmo. Da mesma forma, os feitiços foram construídos de forma que alguém ainda vivo poderia lê-los, pensar em seu amado em vida após a morte, e se sentir seguro de que eles tinham feito o seu caminho com segurança até o Campo de Junco.

CAPITULO XI O INICIO DA RELIGIÃO ANTIGA

Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.

E mudaram a glória do Deus incorruptível **em semelhança da imagem de homem corruptível**, e **de aves, e de quadrúpedes, e de répteis**. Por isso também Deus **os entregou às concupiscências de seus corações**, **à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si**; Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus **os abandonou às paixões infames**. Porque até **as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro**. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a **um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm**; Estando cheios de toda **a iniqüidade, fornicação, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade**;

Romanos 1:22-29

É assim que Paulo, pela sabedoria do Espírito de Deus, contemplou e resumiu a religião da antiguidade. Essa mistura de animismo, toteminismo, sexo sagrado, abuso sexual, homosexualismo e feitiçaria, agindo a maior parte dos sacerdócios instituídos em favor de práticas e propósitos nefastos, incluindo o sacrifício humano, o canibalismo, e a autoflagelação. O sentimento religioso é distinto da religião. Sempre existiu a busca verdadeira ao inefável, assim como sacerdócios, profetas, homens santos, e pessoas que desejaram de coração agradar ao Deus verdadeiro. Mas, a humanidade de um modo geral serviu a criaturas no lugar do Criador, e em nome de seu orgulho, para manutenção do status quo de teologias mórbidas e de gente insana, de imaginação infernal, alimentado por desejos e propósitos inumanos, cooperaram para a confusão religiosa antiga que gerou um mundo de terrores religiosos.

Os animais eram divinizados na antiguidade pela crença na transformação ou migração da alma. Acreditavam que um mago poderia guardar a alma ou parte espiritual fora do corpo em forma de uma árvore ou de animal, assim como que os espíritos dos ancestrais mais distantes, e divinizados, assumiriam no presente a forma de determinados animais sagrados.

Mas, toda história ruim tem um início. A história da religiosidade humana também tem um nome. Ninrode.

O Egito possui uma religião totemista, ou animista, onde os animais sagrados representam o espírito de divindades. Essa fusão de animais com divindades tem

uma sombra na divinização de caçadores. Os antigos egípcios, os grupos que formaram a nação egípcia a iniciam em religiões antiquíssimas, em conceitos religiosos que foram compartilhados por diversas civilizações. Esses conceitos envolvem os tempos citados na "tábua das nações" que está contida em Genesis, no inicio de formação da civilização humana e da divisão dos povos, raças tribos e nações.

RELAÇÃO COM NINRODE

Sendo a caça a ocupação precípua dos antepassados dos antigos egípcios, e seu meio de subsistência, os animais, como ocorria com o Nilo, começaram a ser divinizados, ou a representar deuses ou a ser mesmo consagrados a êles, acompanhando-os. Detalhes tirados à animalidade são encontradiços nas divindades egípcias. HERÓDOTO presenciou crocodilo (Sebek) ornado de jóias, sendo cultuado. Thot, tinha a cabeça de ibis, Sechmet, de leão, encimada por uma serpende, Hathor, de vaca, da qual Isis tinha os chifres, Horus, de falcão, Anubis, de chacal, Bestis, de gata, Nekhebt, de abutre. O boi Apis escolhido mediante ritual era consagrado a Osíris e seus restos depositados no Serapeum. O deus-carneiro Khnum era divindade criadora, em seu mister de oleiro, modelando as criaturas. "Este animal-homem criador, depõe CHALLAYE (op. cit. p. 32) lembra bem particularmente os mitos do totemismo". No pensamento de AMBROGIO DoNINI (Breve História das Religiões, Ed. Civ. Brasileira, 1965, p. 80), só o totemismo, com suas formas diferenciadas de culto dos animais, das árvores e dos fenômenos naturais, explica-nos as origens da religião no Egito".

O mais antigo relato da história humana, antes do surgimento das grandes civilizações nos conduz até Babel. A única pista que os historiadores possuem sobre a repartição humana é a famosa "tábua das nações" contida no livro de Genesis.

Nimrod (também grafado Ninrode ou Nemrod) é um personagem bíblico descrito como o primeiro poderoso na terra (Génesis 10:8; 1 Crónicas 1:10). Filho de Cuxe, que era filho de Cam, que era filho de Noé.

Os escritos rabínicos derivaram o nome Ninrode do verbo hebraico ma·rádh, que significa "rebelar". Assim, o Talmude Babilônico (Erubin 53a) declara: "Então, por que foi ele chamado de Ninrode? Porque incitou todo o mundo a se rebelar (himrid) contra a Sua soberania." — Encyclopedia of Biblical Interpretation (Enciclopédia de Interpretação Bíblica), de Menahem M. Kasher, Vol. II, 1955, p. 79.

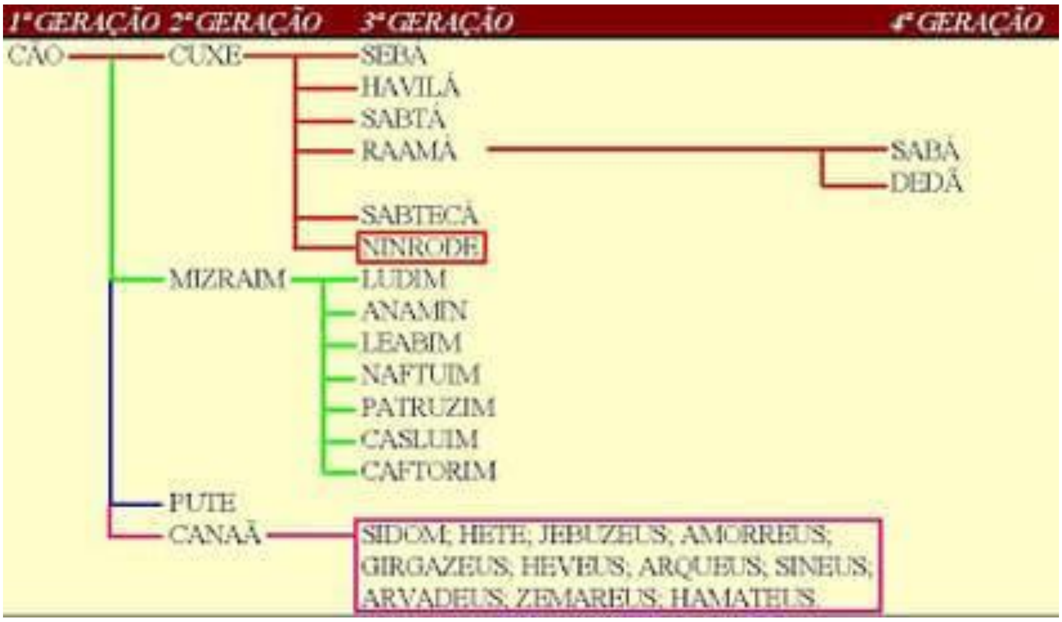
A respeito do nome, o orientalista E. F. C. Rosenmüller escreveu: "O nome Ninrode deriva de [ma·rádh], 'ele se rebelou', 'ele desertou', segundo o significado hebraico." Rosenmüller explica ainda que "os orientais têm o costume de se referir muitas vezes às pessoas de destaque por outro nome dado após a sua morte, e por isso às vezes há uma notável harmonia entre o nome e os atos da pessoa".

Segundo a Bíblia, o reinado de Nimrod incluía as cidades de Babel, Ereque, Acádia e Calné, todas na terra de Sinear ou Senaar (Gênesis 10:10). Foi, provavelmente, sob o seu comando que se iniciou a construção de Babel e da sua torre. Tal conclusão está de acordo com o conceito judaico tradicional.

Sobre este homem, Josefo historiador judeu escreveu com base na tradição oral sobre o antigo personagem:"Pouco a pouco, transformou o estado de coisas numa tirania, sustentando que a única maneira de afastar os homens do temor a Deus era fazê-los continuamente dependentes do seu próprio poder. Ele ameaçou vingar-se de Deus, se Este quisesse novamente inundar a terra; porque construiria uma torre mais alta do que poderia ser atingida pela água e vingaria a destruição dos seus antepassados. O povo estava ansioso de seguir este conselho, achando ser escravidão submeter-se a Deus; de modo que empreenderam construir a torre [...] e ela subiu com rapidez além de todas as expectativas." — Jewish Antiquities (Antiguidades Judaicas), I, 114, 115 (iv, 2, 3)

Parece que Nimrod estendeu o seu domínio ao território da Assíria e construiu ali "Nínive, e Reobote-Ir (Reobote (Bíblia), e Calá (Nimrud), e Resem, entre Nínive e Calá: esta é a grande cidade" (Génesis 10:11, 12 NM). Miquéias 5:6 informa: "Eles apascentarão a terra da Assíria pela espada e a terra de Nimrod pelo seu punhal" (BJ), o que parece associar a terra de Assur, em Génesis 10:11, com a Assíria. Visto que a Assíria evidentemente derivou seu nome de Assur, filho de Sem, Nimrod ou Ninrode, como neto de Cam, deve ter invadido território semita. Assim, parece que Nimrod começou a tornar-se um poderoso, ou herói, não só como caçador de animais, mas também como guerreiro, homem de agressão. (Génesis 10:8) A Cyclopædia de M'Clintock e Strong observa: "O que Ninrode fez ao sair no encalço como caçador era o primeiro indício do que conseguiu como conquistador. Pois a caça e o heroísmo, desde antigamente, estavam associados de modo especial e natural [...] Os monumentos assírios representam também muitas proezas na caça, e a palavra é muitas vezes empregada para indicar uma campanha. [...] A caça e a batalha, que no mesmo país, em tempos posteriores, estavam tão intimamente relacionadas, portanto, podem estar aqui virtualmente associadas ou identificadas. O significado, então, será que Ninrode foi o primeiro, depois do dilúvio, a fundar um reino, a unir os espalhados fragmentos do domínio patriarcal e a consolidá-los sob si próprio como único cabeça e senhor; e tudo isso em desafio a Deus, pois significava a intrusão violenta do poder camítico em território semítico." — 1894, Vol. VII, p. 109.

Os egípcios eram considerados como DESCENDENTES DE MIZRAIM.



Os filhos de Cão: Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã. 1 Crônicas 1:8 Um dos mais antigos relatos sobre os egípcios, fora do testemunhado nas pirâmides, se encontra nas Escrituras, no livro de Genesis:

E vendo os moradores da terra, os cananeus, o luto na eira de Atade, disseram: **É este o pranto grande dos egípcios. Por isso chamou-se-lhe Abel-Mizraim**, que está além do Jordão. Gênesis 50:11

Mizraim era sinônimo de EGITO

O Egito descendente de Cam ou Cão. E os reinos que serão os formadores da dinastia egípcia também são citados como ascendentes de Cão, resumindo.

Cuxe, filho de Cam. O Reino de Cuche, ao sul do Egito é conhecida, pelo menos, 1970 A.C., mas este nome também tem sido associado por alguns com os Cassitas que habitavam a região da Mesopotâmia Zagros [9], a cidade Suméria de Kish.

Seba, filho de Cuche. Tem sido relacionado com a Iêmen e a Eritreia

Havilá, filho de Cuche. Geralmente considerado como uma parte da Península Arábica, perto do Mar Vermelho.

Sabtá, filho de Cuche. Às vezes, relacionados com hadramitas (sua antiga capital sendo Saubata) no Iémen Oriental.

Raamá, filho de Cuche. Tem sido relacionado com Ramanitas mencionado por Estrabão no sudoeste da Península Arábica, e com uma cidade árabe de Regmah na cabeça do Golfo Pérsico.

Sebá, filho de Raamá. Tem sido relacionado com Sabeus e os povos de ambos os lados da parte mais estreita do Mar Vermelho, em ambos os Iémen do Sul / Saudita e Eritreia / Etiópia / Somália.

Dedã, filho de Raamá. Aparentemente, uma região da província Tabuk da Arábia Saudita.

Sabtecá, filho de Cuche. Possivelmente Sabaiticum Óstio, Sabaeans que vivem em torno de um porto específico na Eritreia.

Ninrode, filho de Cuche, também identificado como um poderoso caçador diante de Deus, e fundador da antiga Babel, Acádia , Suméria, as cidades e, possivelmente, na Assíria. O texto hebraico de Gênesis 10:11 conduziu a uma certa ambiguidade quanto à Assíria.

Mizraim, filho de Cam. Mizraim **é um nome para Alto e Baixo Egito e traduz literalmente como Ta-Wy no Antigo Egito ("As Duas Terras").** O objetivo em Mizraim representa o número dual. Da Língua árabe egípcia moderna referem-se a seu país como **Misr.**

Ludim, descendentes de Mizraim. Às vezes, considerado um erro de escriba para Líbios, uma referência ao Lebou do Leste da Líbia.

Anamim, descendentes de Mizraim. Há uma referência em uma inscrição assíria de tempo de Sargão II Anami, uma tribo localizada em Cirene (cidade), na Líbia.

Leabim, descendentes de Mizraim. Identificação incerta, possivelmente na Na-Ptah .

Naftuim, descendentes de Mizraim. Tem sido relacionado com Na-Ptah, a **forma egípcia de Mênfis** [10].

Pathrusim, descendentes de Mizraim. Possivelmente relacionados com palavra egípcia **Pa-To-Ris significado sulistas** .

Casluim (de quem vieram os filisteus), descendentes de Mizraim.

Caftorim, descendentes de Mizraim, associada Caftor, provavelmente em Creta, Chipre, ou ambos.

Pute, filho de Cam. Autoridades antigas são bastante universais na identificação de Pute com os líbios **(Lebu e Pitu), os primeiros vizinhos do Egito,** a oeste. (Embora as teorias mais recentes têm tentado contato com Phut [11] Fenícia, ou a Terra de Pute atualmente não identificado).

NINRODE descende de CUXE ou KUCH que dará origem a um reino, o reino de KUCH da qual provavelmente NINRODE foi uma figura história de singular importância.

O antigo reino de Kush (ou Cuche, ou ainda Cuxe) dominava uma região africana ao sul do Egito, na época chamada Núbia. Hoje a área faz parte do Sudão. A princípio uma colônia egípcia, Kush mais tarde veio a dominar o Egito e boa parte do vale do rio Nilo. Sua civilização reunia a cultura egípcia e a de outros povos africanos.

Os cuchitas, como seu povo era chamado, eram africanos negros, agricultores na maioria, embora houvesse também artesãos e mercadores. Às vezes os cuchitas capturavam pessoas de outros povos e as transformavam em escravos.

O reino de Kush era muito rico. Além de possuir minas de ouro e terras cultiváveis, ficava em uma ótima localização para comerciar com outros povos. Os cuchitas transportavam mercadorias pelo rio Nilo e também por estradas que levavam ao mar Vermelho. Eles vendiam ouro, incenso, marfim, ébano, óleos, penas de avestruz e pele de leopardo.

A Núbia originalmente era parte do Egito antigo. Durante o século XV a.C., o Egito dividiu a Núbia em duas partes. Kush era a parte sul.

Por volta do século XI a.C., o Egito enfraqueceu. No século VIII a.C., os cuchitas o conquistaram, mas não conseguiram dominá-lo por muito tempo. No século VII a.C., os assírios, da Ásia, os repeliram de volta à Núbia.

Kush tornou-se um reino menor do vale do Nilo e assim permaneceu durante quase mil anos. Por volta do ano 350 da era cristã, o reino de Aksum acabou por liquidá-lo.

O EGITO foi impactado cultural e religiosamente por KUSH. E nesse espaço de tempo impactado pela exaltação de caçadores e guerreiros a seres divinos e a posterior a animalização ou uma simbiose entre animais, e espíritos divinizados.

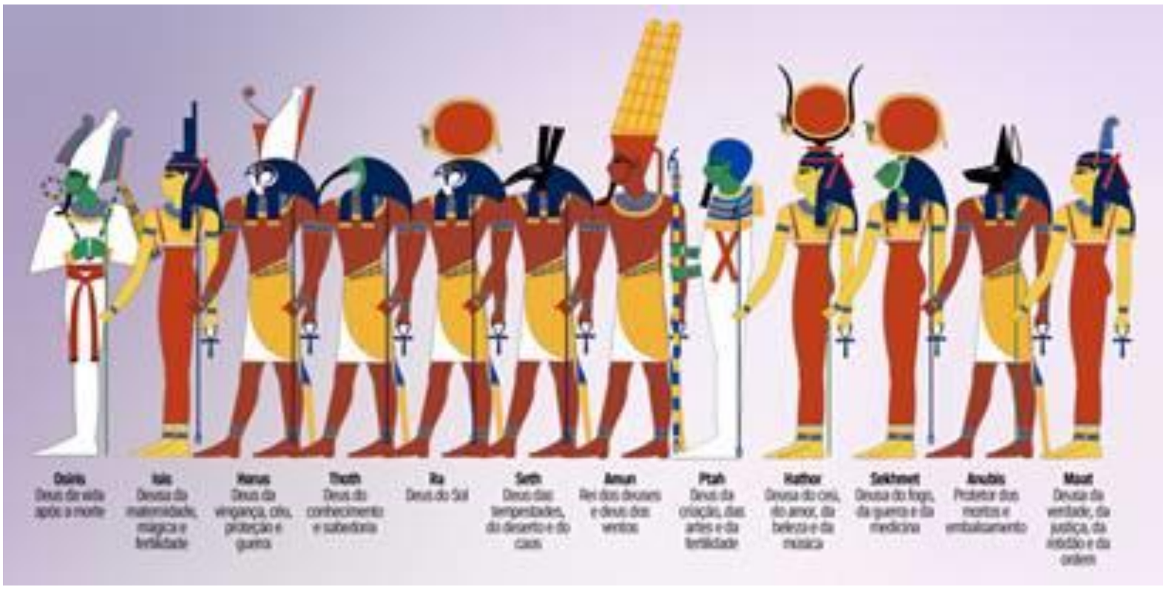
Os primeiros heróis humanos foram os caçadores. E depois os guerreiros. E sua "invencibilidade" ou proezas grandiosas lhe imputaram devoção religiosa. E depois lendas a respeito de seus feitos. Em algum instante da história o espírito dos mortos começou a ser invocado, reverenciado. Ao que parece, com o mesmo caráter de proteção. As histórias fantásticas de suas proezas quando vivos, impreganadas de imaginação humana, acrescido do maravilhoso de algum modo contaminou o mundo dos mortos. E ainda mortos, realizavam grandes proezas. Surgiam os deuses humanos. Uma mistura de ancestrais famosos honrados e sublimados, elevado a condição de seres sobrenaturais. A mairia dos deuses da antiguidade na verdade um dia habitaram a terra como seres humanos que foram divinizados e adorados depois de mortos, de inicio como espíritos protetores do clã, depois como divindades tutelares da cidade e finalmente num desenvolvimento teológico qualquer, tornaram-se os deuses supremos de uma civilização. Os deuses da antiguidade herdaram as falhas, as paixões, os desejos humanos numa dimensão sobrenatural. Eles possuíam fome, desejo sexual e agiam de modo impulsivo, algumas vezes em atos de fúria elevada ao status de calamidade humana.

A associação de homens a animais pode ter se desenvolvido a partir da crença na transmigração das almas. Em muitas culturas, as almas dos reis mortos transferem-se, ao que se acredita, para os animais, e, por vezes, reis vivos podem estar neles encarnados. Um vestígio dessa ideia sobrevive na heráldica europeia.

CAPITULO XII - TOTEMISMO E QUERUBINS

Os querubins das Escrituras, primeiramente representados como anjos sobre a arca do concerto e a posterior representados de um modo multidimensional, como a fusão de vários seres, reúnem em si as características de bezerro ou boi, águia, leão e homem; Essas quatro representações num corpo só abraçam a quatro divindades egípcias:

Além de uma inspiração espiritual não humana, proveniente de sonhos, visões, contato com um espíritos ou poderes espirituais, a origem da zoolatria egípcia, da identificação das suas divindades com os animais, sugere herança com um passado relativo a caça, uma herança tribal, regional, um amálgama entre o totemismo pleno (figuras em formas de animais, objetos em forma de animais adorados como divindades ou portadoras de poderes mágicos), unindo ao animismo, (a crença no poder sobrenatural de certas aves ou animais que eram considerados sagrados), e a adoração de ancestrais que de algum modo misturam sua essência, espíritos humanos e espíritos animais, tornando-se ESFINGES, ou GRIFOS. E revela que uma antiga tradição foi transmitida, ainda que em traços, ainda que só tenham sobrado dela, VESTIGIOS. Alguma coisa da tradição oral da família que deu origem as nações do mundo permaneceu em suas tradições. O primeiro "GRIFO" citado na história humana são anjos guardiães do caminho para a árvore da vida denominados Querubins. Porém alguma parte da história transmitida de geração em geração permaneceu.



A religião da antiguidade fundiu PRINCIPIOS ESPIRITUAIS VERDADEIROS com fantasia humana.

Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente.

O grande mistério do Egito ou Babilonia, é que realidades espirituais serão confundidas, e o que quer que DEUS tenha revelado aos homens da antiguidade se perdeu no bojo de suas interpretações erradas.

Seres múltiplos como QUERUBINS já haviam sido vistos pelos seres humanos desde o ÉDEN. Porém perdendo a características de mensageriros, de seres celestiais submissos à deidade, também foram ADORADOS COMO DEUSES.

O que nos leva a conclusão que os magos nunca souberam sobre o que estavam fazendo.

Querubins



Placa cananéia de marfim com querubim junto ao trono (Megiddo, século XI a.C.)



Querubim em placa de marfim fenícia (século IX a.C.), encontrada no palácio de Tiglath-Pileser III (744-727 a.C.) em Hadatu, provavelmente obtida de saque a Damasco em 796 a.C. A peça parece ter pertencido originalmente ao rei Hazael de Aram-Damasco (848-805 a.C.)



Lamassu do palácio de Ashurnasirpal II em Kalhu (883–859 a.C.)



Shedu em baixo-relevo do palácio de Sargão II em Dur Sharrukin (713–716 a.C.)



Querubim em iluminura da Bíblia Floreffe, século XII



Representação moderna de querubim, baseada na descrição de Ezequiel

Os querubins (do hebraico cherubim, singular cherub) são uma categoria de anjos da tradição judaico-cristã. O hebraico cherub parece ser cognato do assírio kuribu, do acadiano kuribu e do babilônio karabu. A palavra assíria significa "grande", "poderoso", enquanto os termos acadiano e babilônico significam "propício", "abençoado". Esses nomes foram freqüentemente usados para se referir aos shedu ou lamassu, espíritos que servem aos deuses e levam a eles as preces dos humanos. Representados com corpo de touro (shedu) ou leão (lamassu), cabeça humana e asas, que costumavam ser esculpidos como guardiões nas entradas de templos e palácios. Também foi sugerida uma relação etimológica com o grego grypos (grifo), animal mítico que na arte hitita era representado na postura de guardião e que os gregos imaginavam protegendo tesouros divinos ou puxando os carros dos deuses. Em Knossos, Creta, grifos flanqueavam o trono do rei e em Hagia Triada, um sarcófago os mostra puxando o carro de uma deusa.

As esfinges egípcias, com ou sem asas, desempenhavam papel semelhante. Na Fenícia e em Canaã, mais próximas do universo cultural dos antigos hebreus, esfinges aladas, claramente inspiradas na arte egípcia, desempenham papéis semelhantes. Uma placa cananéia de marfim encontrada em Megido mostram a figura de um rei sentado sobre um ser alado semelhante a uma esfinge, como na visão dos querubins por Ezequiel.

A primeira aparição dos querubins na Bíblia dá-se precisamente no papel de guardião do Éden, posto à entrada do jardim por Yahweh com uma espada flamejante para impedir a entrada de humanos. No Êxodo, aparecem como guardiões que protegem a Arca da Aliança com suas asas; no livro dos Reis, representados em painéis do templo ao lado de bois e leões e, no santuário, como um par de grandes estátuas em atitude semelhante à dos touros alados mesopotâmicos. Outras passagens assinalam que Yahweh senta ou monta sobre os querubins (livro de Samuel, Isaías), ou que estes puxam seu carro (Crônicas, Eclesiástico).

Mais tarde os querubins serão percebidos numa forma mais complexa, como foi registrada no primeiro capítulo do livro de Ezequiel, escrito no Exílio, quando os judeus viviam em meio à cultura babilônica:

E do meio dela saía a semelhança de quatro seres viventes (Chayot). E esta era a sua aparência: tinham a semelhança de homem. E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas. E os seus pés eram pés direitos; e as plantas dos seus pés como a planta do pé de uma bezerra, e luziam como a cor de cobre polido. E tinham mãos de homem debaixo das suas asas, aos quatro lados; e assim todos quatro tinham seus rostos e suas asas. Uniam-se as suas asas uma à outra; não se viravam quando andavam, e cada qual andava continuamente em frente. E a semelhança dos seus rostos era como o rosto de homem; e do lado direito todos os quatro tinham rosto de leão, e do lado esquerdo todos os quatro tinham rosto de boi; e também tinham rosto de águia todos os quatro. Assim eram os seus rostos. As suas asas estavam estendidas por cima; cada qual tinha duas asas juntas uma a outra, e duas cobriam os corpos deles.

A religião egípcia herda então um sacerdócio em que tradições espirituais da antiguidade associadas ao totemismo estarão presentes. E também incorpora o ASSOMBROSO dos povos, os vestígios espirituais de suas histórias fantásticas, e dos vestígios que eles guardaram de aparições e visões celestiais. O mundo espiritual foi lido de um modo degradado, numa dimensão carnal, coberto por grossa camada de imaginação humana. O éden está diluído nas muitas histórias, mas taõ diluído que não podemos enxergá-lo ou reconhece-lo mais.

Ninrode, animais fantásticos, querubins transformados em grifos e demônios consagrados como divindades, somado a um medo incomum da morte, a aspiração da vida eterna, e a invenção da arte mágica. No Egito nasce o amuleto, nasce a escrita mágica, nasce os camafeus ou objetos mágicos que substituem a oferenda. No Egito se inicia a necromancia. E a arte de encantamentos.

CAPITULO XIII – TOTEMISMO E QUERUBINS II

Há uma revelação sobre o mundo espiritual na imagem dos Querubins das Escrituras.

O que um egípcio leria, ou lembraria ao ver o querubin visto por Ezequiel?

A face de boi lembra ao deus Ápis que era adorado em Menphis como a reencarnação do deus Osíris e a deusa HAthor, representada em forma de vaca sagrada.

A face de Águia que faz referencia ao falcão, que representava ao deus Hórus, filho de Osíris e Isis.

A face de leão lembra a Mihos, antigo deus da guerra egípcio e a deusa Sekhmet.

E o homem, lembra ao próprio faraó, deus encarnado.

Ou seja, como se cada "divindade" egípcia adorada, fosse uma parte separada de um querubim. Entramos num outro nível de religiosidade. A inspiração profética, espiritual que gera a imagem dos deuses da antiguidade é uma mistura de duas coisas:

1) Imaginação humana;
2) Inspiração maligna

Por inspiração maligna vamos classificar todo processo revelacional de origem demoniaca. Ao conjunto de instruções, ordenaças, ritos, religiões e sabedoria que se origina nas trevas Paulo as classificou de dois modos:

1) Sabedoria deste mundo: (I Coríntios 3.19 Porquanto a sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus. Pois está escrito: "Ele apanha os sábios nas próprias artimanhas deles". 20 E mais: "O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são elucubrações vãs".)

2) Doutrina de demônios: (Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; I Timóteo 4:1)

Por "espírito enganador-mor" eu posso classificar a Satanás. O pior, o mais antigo de todos, o que provavelmente deu origem a todos os outros espíritos enganadores. E o profeta Isaías nos dá uma profecia contra um rei de uma cidade marítma, Tiro, que pode conter o mistério da essência espiritual de Satanás na época anterior a da humanidade:

"Tu eras **o querubim** ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas." Ezequiel 28:14

Possivelmente Satanás inspirou a religião egípcia de modo a GLORIFICAR o que ele um dia foi no passado distante, e determinou as características dos deuses egípcios de modo a exaltá-lo, a cada uma das suas dimensões.

Os críticos das Escrituras leem os seres sobrenaturais narrados nas Escrituras como uma fac-simle, uma fotocópia de ficções religiosas de antigas religiões. Ao lermos os relatos das mitologias de centenas de religiões em diversos lugares da terra chegaríamos a uma outra conclusão. Que elas possuem uma tradição comum, que as muitas histórias são desenvolvimento literário de uma história original. Que tais histórias, mitos, tradições possuem parentesco entre si. O que conduz diretamente a Genesis. A questão é que o relato bíblico dos querubins de Genesis 3 é anterior aos mais antigos escritos egípcios. A própria "gênese" da futura nação egípcia se encontra narrada nas Escrituras. Desde o ascendente, o "pai" dos futuros egípcios, até a terra de origem dos primeiros egípcios, Patros.

E antes das serpentes do Egito, a revelação divina já havia revelado a cobra que deu inicio ao serpentário.

CAPITULO XIV - UMA COSMOGONIA ERÓTICA

As Escrituras dividem a estrutura espiritual das crenças egípcias em quatro grandes áreas: Idolatria, Encantamento, Necromancia e Feitiçaria.

Isaías 19: 3. Os egípcios perderão a coragem; eu lhes destruirei a estratégia. Consultarão os seus ídolos, encantadores, necromantes e feiticeiros. - Almeida Século 21

Os textos seguintes vão aprofundar os aspectos da Prostituição cultual, cuja base religiosa e mágica é uma importação da assíria ou uma exportação egípcia. Na prostituição cultual estarão presentes os 4 aspectos, idolatria- identificação com a divindade; encantamento – as formulas mágicas, canções e danças sagradas; a necromancia – quando a sacerdotisa "profetizar" em nome de uma divindade morta (algumas das deusas sensuais eram deusas que habitavam o reino dos mortos, que haviam morrido ou descido ao além); e finalmente – feitiçaria. Quando as sacerdotisas amaldiçoassem em nome de suas divindades.

UMA COSMOGONIA ERÓTICA

Na literatura faraônica encontra-se um variado número de relatos, que tratam da cosmogonia egípcia antiga. Ela esta carregada de trechos eróticos, considerados normais ao povo que os escreviam e os imaginavam. Como se sabe, as pesquisas revelam que houve durante todo o período faraônico do Egito, vários centros religiosos, sendo que geralmente alguns predominavam sobre outros, havendo até disputas e a rivalidades entre essas regiões, pois a popularidade do culto de determinado deus garantia o poder do clero local.

A conseqüência da competição entre esses vários centros religiosos provocou uma variedade no tocante à forma de perceber a causa da origem do mundo. Existem fontes de cinco grandes interpretações para a explicação da origem do mundo, dos deuses e do homem. Mas não relato que chegaram até nós, existe um elo que os ligam, uma espécie de "espinha dorsal". Em todas existe um ser único causador da origem da vida. Alguns desses mitos estão. Justamente no momento da criação, os deuses egípcios se utilizavam como retratam as passagens de varias compilações sagradas, do recurso do ato sexual, seja ele pela masturbação ou pelo ato simples da copula. Os grandes centros religiosos foram Heliópolis, na qual a divindade patrona da cosmogonia era o deus Atum, que nos escritos menciona o ato da criação através da "masturbação". Esta interpretação será apresentada mais adiante neste capítulo. Outra importante região onde encontramos uma interpretação própria, para explicar a origem do universo foi à região de Elefantina. A Cidade tinha o deus Khnum, um deus com cabeça de carneiro. Segundo esta visão de cosmogonia, esta divindade também havia criado o universo e os seres humanos. A divindade Khnum tinha duas esposas, que eram Satet e Anuket, a primeira fortemente liga à fertilização; a segunda ligada às águas.

Percebemos que nos textos religiosos, que o deus Khnum (Atum) também tinha o desejo pelo ato sexual. A versão mitológica do centro religioso de Elefantina também continha em seus textos o ato sexual como fator preponderante na origem da vida, pois (O apetite pelo acasalamento era claramente evidente...) .

Outro centro da religião egípcia era a cidade de Hermópolis, capital do nomo do Alto Egito. O clero de Hermópolis acreditava no mesmo principio de criação de Heliópolis. Atum havia criado tudo e também os deuses de Hermópolis. Seus deuses estavam agrupados em quatros pares de casais. Nun e Naunet, o caos, o oceano primordial; Heh e Hehet, o infinito; Kek e Kauket, as trevas; e por fim Amon e Amaunet, o oculto. Novamente vão aparecer nas varias interpretações dos antigos egípcios a concepção de "dualidade", ou seja, outras divindades são criadas com sua "alma gêmea", para assim ser possível o ato da criação sagrada. Um dos mitos relata que a criação do universo por estas divindades de Hermópolis teria vindo de dentro da flor de lótus. O qual oito deuses teriam surgido através da fecundação feita pela "ejaculação" das divindades masculinas sobre esta flor.

Um deus desses deuses era o deus sol Ré ou Rá

O clero de Mênfis, a primeira capital do Egito, também possuiu uma interpretação sobre a origem do mundo, e de todos os seres. A visão de cosmogonia menfita tinha como deus criador do universo Ptah e sua esposa Sekhmet e seu primogênito Nefertem. Formando assim uma tríade familiar egípcia .

Este mito não nega a mitologia de Heliópolis, nos diz que foi Ptah, o grande deus criador de todas as coisas, inclusive fonte da criação de Atum, o deus criador para os habitantes de Heliópolis. Pois para os sacerdotes de Mênfis, Ptah havia criado Atum pelo coração e a língua, ou seja, os teólogos menfitas subordinaram o mito criador de Heliópolis a sua divindade tutelar, Ptah.

Uma outra visão para explicar a criação do mundo, foi a cosmogonia da antiga capital do Novo Império. A cidade de Tebas, que os antigos egípcios chamavam de Uaset. Com a elevação da cidade a capital do Egito, seu deus passou a ser a principal divindade egípcia. Nessa cidade Amon vai ser considerado o grande deus criador dos seres vivos. Amon também tinha sua tríade familiar, sua esposa Nut e seu filho Khonsu. Como dizem os textos sagrados tebanos: (Assim falou Amon - Ré, rei dos deuses, o grande Deus poderoso que foi o primeiro a manifestar sua existência...).

No culto do deus Amon, para ele que possuía uma esposa, que era representada por uma princesa real, as mulheres sacerdotisas deveriam se manter ritualmente puras, inclusive deveriam manter-se virgens. Popularmente conhecida como "a esposa de Amon". Ela realizava rituais em homenagens ao deus Amon, deveria manter o celibato até o fim de suas vidas, pois: (... voltada ao amor de sobrenatural do deus, de quem, mais que nunca, eram incumbidas de entreter os ardores para que a marcha do mundo prosseguisse...) .

Isto destaca mais um evidencia distorcida do caráter sagrado da sexualidade da antiguidade. Pois, para se tornar uma das esposas do deus Amon, era preciso se manter intocada pela união carnal, no mundo terrestre – O que traduzia uma falsa santidade. Um rito de celibato que não impedia nem o desejo, nem a união com quem representasse, ritualmente, a Amon. A virgindade era muitas vezes uma desculpa para outras formas sensuais de representar a união da divindade com a humanidade.

Dentre todos os mitos que tratavam do tema da origem do mundo, o que mais explicita o caráter da sexualidade no meio da sociedade dos deuses, é a Enéade de Heliópolis, a qual já foi apresentada neste. Assim inicia o mito: (Atum é o que veio à existência, o que se masturbou em Heliópolis. O que empunhou o seu membro pra criar o prazer.).

Com esse trecho, extraído dos textos das pirâmides, analisaremos a sexualidade dos "neteru" como eram denominados os deuses no Antigo Egito. A cosmogonia de Heliópolis é a que mais se trata da sexualidade dos deuses. Assim o estudo dos mitos relacionados a Heliópolis nos ajudará a uma maior compreensão a respeito da sexualidade entre as divindades. Por sua vez esses conhecimentos nos auxiliarão a compreender a sexualidade dos egípcios antigos. Sabemos que para se ter a mínima compreensão do cotidiano sexual de qualquer sociedade, é importante adquirir noções básicas de vários aspectos de sua cultura e religião. Em se tratando da sociedade do Egito Antigo, cultura e religião são completamente ligadas. Pois, como observou Heródoto: (De todas as nações do mundo, os egípcios são os mais felizes, os mais saudáveis e os mais religiosos.) .

Neste caso a religião do Antigo "Kemi", vai interferir diretamente na vida deste povo, pois os Antigos procuram representar na terra vários aspectos do mundo divino, conforme Araújo,

... No Egito, todas as ações das forças que governam e atuam nos céus foram transferidas para a terra... Mas deve-se dizer que todo o cosmo habita no [Egito] como em seu santuário. Para este povo tão religioso o mundo em que se vivia era uma replica em pequena escala das ações do mundo dos deuses. E assim todas as atitudes que os humanos faziam na terra eram julgadas no plano superior dos "neteru". O historiador Luis Manuel de Araújo vai descrever que, para os Antigos egípcios, antes do surgimento de todas as coisas, o mundo existia apenas em forma das águas primordiais, sem vida. Era a deusa Num.

A partir deste oceano primitivo, vai-se originar o deus Atum, que sozinho procria a si mesmo e outras divindades, saindo do estado inerte, era ainda sujeito subjetivo, passando para o estado cinético, vivo; tornando-se sujeito objeto do universo.

Assim se refere os textos sagrados sobre os mistérios do deus Atum:

" Salutamos a vós, Atum, Salutamos a vós, aquele que se torna si mesmo! Vós sois ao alto nome o altíssimo Vós tornais a si mesmo em vosso nome Khepri (aquele que se que torna a si mesmo)." .

Após ter conquistado o espírito da vida, Atum pensou e em seu coração as formas dos seres, que logo em seguida seriam criados. Estando sozinho envolvido ao oceano primordial, Atum teve em sua ação o ato da procriação. Esta divindade solitária colocaria a sua mão em seu falo, para em seguida praticar o ato da masturbação. Ele expeliu o próprio sêmen e depois o engoliu e colocou-o para fora, ou cuspindo ou escarrando na forma dos deuses Shu e Tefnut divindades do ar e da umidade respectivamente.

Shu e Tefnu são nomes que parecem onomatopeias egípcias, palavras que representam sonororidades, do ato de cuspir (shu) (tchuu) e escarrar (tefnu) (gulturais) (nesta ordem).

O papiro de Bremner-Rhind assim descreve a criação:

Concebi em meu coração, criei diversas formas de seres divinos, como as formas de meus filhos e dos filhos dos meus filhos... ;

Criei o desejo com minha mão; copulei com minha mão, expeli com minha boca. Cuspi Shu e cuspi Tefnut... ; Depois de me tornar um Neter (deus) havia (então) três neteru(deuses) além de mim... .

Shu é representado de modo masculino. Um filho divino



Tefnu é representada como uma divindade feminina. Uma filha divina.



São fragmentos extraídos do papiro que por sua vez são inspirados nos"textos das pirâmides". Ficando evidente, o ato sexual, pois nesse caso, o próprio deus fala que copulou com sua mão, fazendo assim a manipulação deu falo e depois deu a vida a outras divindades.

O relato da criação egípcia não é divulgado fora dos círculos acadêmicos. Porque é pornografia sagrada em versão tosca.

A historiografia tratará esse tema com cuidado, alguns especialistas do assunto tratarão do caráter dualista no contexto dos mitos da criação do mundo egípcio Antigo. Conforme Araújo a mão de Atum foi o principio feminino que possibilitou a cópula, propiciando a criação. Porém, em outra visão poderíamos dizer que, no momento do ato criacionista de Atum, a sua boca teria sido o princípio feminino. Pois através de sua boca a divindade Atum fez acontecer uma auto-fecundação, após o ato da masturbação, o deus colher certa quantidade de seu fluído sexual e o leva em direção a sua boca, o qual e engolido e posto para fora em forma de duas divindades. Outros especialistas do assunto como Eliade estudará o tema da bissexualidade de Atum, considerado que o demiurgo, aqui nesta visão vai ser entendido como o ser "o completo", ou "o grande ele–ela".

Ou seja, um deus hermafrodita.,

A dualidade, hermafroditismo, a bissexualidade, masturbação ao modelo atúnico e cópulas, estão presentes em varias divindades do mundo do Egito.

Vemos em fragmento de textos, que outros deuses são invocados pelos sacerdotes a fazerem ações tal como os deuses da criação. Como exemplo:

(O Nilo corre como seu suor vivo e fecunda os campos. Ele agita o seu falo para inundar as duas terras com aquilo que ele criou.)

Prosseguindo o estudo desse mito oriundo de Heliópolis, após terem nascido de Atum, os neteru (deuses) Shu e Tefnut (o primeiro era o deus ar e o segundo umidade), entram em ação de cópula.

Os dois realizam um ato de incesto.

Sabemos que os elementos ar e umidade são dois fatores de constituição da terra, nesse instante aparece nos relatos, que os dois procriaram outras formas de seres divinos. Aqui novamente o sexo vai ser um processo primordial para a origem da vida, como Shu relata a sua origem:

"Cresci em suas pernas, vim a existir em seus braços, criei o espaço em seu corpo." e "Não fui feito em um corpo, nem amalgamado em um ovo, nem concebido em um ventre, meu pai Atum escarrou-me num escarro de sua boca".

Estes novos seres viventes procriam, entre si, outro par de deuses, finalmente de Shu e Tefnut, nascem o deus Geb, o deus terra e sua irmã Nut, deusa céu, que, por conseguinte fora criados numa espécie de abraço "erótico", num coito envolvente, nasceram em pleno ato de cópula, só separado pelo seu pai Shu, o ar que separa o céu (firmamento) da terra.

A representação de Geb e Nut era erótica, representava dois amantes se desejando e separados para sempre.

Em alguns relatos da mitologia do Egito faraônico, como é notório que entre os divinos existia o incesto entre irmão, mas também a relatos de incesto de filho e mãe. Neste caso é para a garantia do poder:

Segundo um relato tardio, Shu, filho de Ra-Harakhty, reinava em Mênfis, mas após uma revolta retirou-se e subiu ao céu, deixando na terra sua companheira Tefnut à força". Por decência o gravador deixou em branco o nome do violador divino, mas tratava-se de Geb. Esse incesto provocaria catástrofes naturais, mas assegurou a legitimidade do poder de Geb. (naos de Ismailia).

Não só da disputa pelo poder se constituía o meio das divindades egípcias, existem outros relatos que ressaltam toda a trama e conflito, muitas vezes complexos, e novamente o ato sexual vai entrar em cena na mitologia egípcia antiga. Os mitos da época relatam que o senhor do universo proibiu a cópula entre os deuses, sendo assim, os deuses Geb e Nut se encontrava unidos desde o seu nascimento, em pleno ato sexual:



Nut - deusa do céu - corpo azul com estrelas douradas e prateadas

Geb - o Deus da terra - cor verde dos vegetais e marrom da lama fértil do Nilo

O céu é o corpo de Nut, arqueado de horizonte a horizonte. Geb é a terra, situado abaixo dela. Durante o dia, Nut e Geb estão separados, mas a cada noite Nut vem para baixo para encontrar Geb e isso faz com que a escuridão predomine. Se acontecem tempestades, durante o dia, acreditava-se que Nut tinha chegado mais perto da terra.

Geb também era considerado deus da morte, pois não deixava os maus espíritos subirem aos céus, para que eles não pudessem prejudicar Nut. Ele segurava os corpos dos mortos para que pudessem passar a eternidade, seguros em seus túmulos. Tinha as cores verdes representando a fertilidade e vida, e o preto representando a lama fértil do rio Nilo, sendo responsável pelas bem-sucedidas colheitas.

Geb e Nut, respectivamente deus-terra e deusa-céu, dotados de uma insaciável hipersexualidade ativa, em permanente abraço e copulação, uniram-se sexualmente sem conhecimento e autorização do seu avô, o deus-Sol Ré, ou do seu pai (Chu), ou mesmo contra as suas vontades, consoante as versões mitológicas e as representações iconográficas, o que provocou a sua ira ou o ciúme disfarçado", A punição divino-familiar não se fez esperar: a partir de então, passam a ter reconhecidos e assumidos problemas de relacionamento sexual, sendo brutal e irreversivelmente afastados (terra e céu), impedidos de se unir sexualmente, votados à esterilidade em todos os meses do ano, não obstante as fortes erecções de Geb-terra dirigidas à sempre inatingível Nut-céuê.





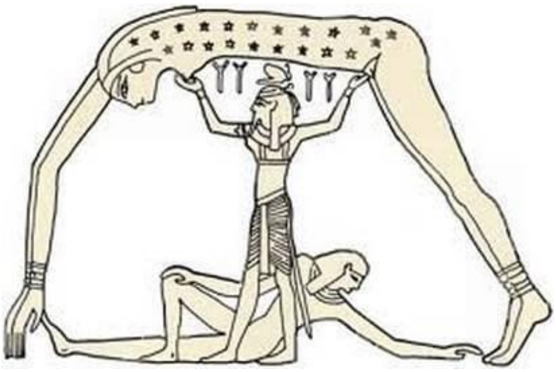
Nut ou Nuit era a deusa do céu e dos astros. Mãe do deus Sol, e deuses dos "Mitos de Osíris", amante do deus terra e protetora das almas no submundo.

É de NUIT que receberemos o nome NOITE.

Ela era representada por uma grande mulher nua com o corpo estrelado em uma posição de arco, também por uma grande vaca, ou por uma mulher na árvore do Sicômoro, jogando água purificadora sobre as almas.

Os mitos egípcios eram dinâmicos, e os deuses muitas vezes mudavam papel. A deusa Nuit era vista as vezes como mãe de Rá, deus sol, e outras como neta dele. A Nuit neta de Rá era mulher de Geb, deus da Terra. O Casal se amava tanto que se encontravam perpetuamente abraçados. Rá se aborreceu tanto com essa união entre eles, que ordenou que eles fossem separados, colocando Shu, deus do ar entre o casal de amantes.





Mas isso não foi o suficiente, temendo a usurpação de seu poder, Rá proibiu Nuit de ter filhos nos 360 dias do ano. Porém Thot, o deus da lua, conseguiu luz suficiente para que Nuit e Geb pudessem ter filhos somente nos 5 dias do ano conhecidos pelos egípcios como, os dias “epagomenais”. E em cada um desses dias Nuit pariu uma criança começando por Osiris, Horus (o senhor), Seth, Isis e Nephthis. Esses dias eram considerados dias dos aniversários dos deuses e eram comemorados no antigo Egito. Por isso na arte egípcia Nuit era retratada como uma mulher nua, sobre Geb com o pênis ereto , ou a cima de Geb, sendo separada por Shu. (Hill, 2015)

Obs: Algumas referências dizem que cada um desses dias era associado **com sorte ou azar**: Osiris – um dia de azar, Horus (o velho) – nem sorte nem azar, Seth dia de azar, Isis- “lindo festival do Céu e Terra”, Nephthis-dia de azar. (Nut, Nuit, n.d.)

Há mitos em que Nuit era mãe do deus sol diziam que seu corpo era coberto de estrelas. Todos os dias ela dava à luz ao seu filho Ra, o sol, que viaja pelo seu corpo durante o dia e era devorado por ela ao anoitecer, apenas para renascer novamente ao amanhecer.

Como outras deusas Celestes, Nuit também era retratada como uma grande vaca com um jarro de água, ou o arco solar na cabeça. Suas pernas eram o firmamento, sustentando o céu, mantendo a ordem, para que o sol, ou o caos, não se chocasse contra a terra, suas mãos e pés tocavam os 4 pontos cardiais no horizonte. Artefatos egípcios mostravam o corpo da grande deusa coberto (ou rodeado) de inscrições representando as constelações. (figure 4) (Hart, 2005)



O trovão era considerado a rizada de Nuit.

Como uma figura celestial e matriarcal, Nuit também era conhecida como a “Senhora do Sicômoro.”

Ela era a cuidadora das almas do submundo e era vista saindo do tronco da árvore do Sicômoro dando água e pão para os finados. Seu poder garantia que eles poderiam respirar, beber e comer no submundo.



Esta separação (H'Pl), que simboliza a criação do espaço e da atmosfera luminosa, necessárias ao aparecimento da vida e dos restantes elementos da criação, das forças cósmicas ao Homem, deixou Geb, compreensivelmente, inconsolável, ouvindo-se as suas lamentações de dia e de noite, um pouco por todo o lado, sob a forma do gretar da terra ou dos terremotos. O relevo da paisagem terrestre (montanhas, colinas, planícies) envolvente do Vale do Nilo era considerado pelos Egípcios como os ossos de Geb. Segundo algumas narrativas, os «problemas sexuais» foram o aguilhão que conduziu a «luta política» de Geb, espoliando o pai, Shu, do trono". Sobre a «vida sexual» de Geb e Nut e sobre as suas consequências, Plutarco registou o seguinte:

«Diz-se que Reia [Nut] teve relações com Cronos [Geb] e que o Sol [Ré], que o tinha descoberto, pronunciou esta imprecação contra ela: "Que ela não possa dar à luz nem durante o curso do mês, nem durante o do ano". Mas Herrnes [Tat] enamorado da Deusa, de quem também tinha obtido favores, jogou aos dados com a Lua e ganhou-lhe uma septuagésima segunda parte de cada um dos seus dias de luz, com a qual formou cinco dias, que acrescentou aos restantes trezentos e sessenta dias do ano. A esses cinco dias chamam os Egípcios **epagómenos** e celebram-nos como aniversário do nascimento dos deuses. Diz-se llue Osíris nasceu no primeiro dia C..). Ao segundo dia nasceu Haroéris, que se considera como Apolo, e a quem também chamam Hórus, o Antigo. Ao terceiro dia veio ao mundo Tifon [Set], nem a seu devido tempo nem pelo caminho normal, mas lançando-se através do flanco materno, que abriu e rasgou desferindo-lhe um golpe terrível. Ao quarto dia, nasceu Ísis nos pântanos. O quinto dia viu aparecer Néftis

Na quarta geração divina de Iunu (os heróis da famosa lenda osiriana), o jogo dos contrários sexuais é ampliado pelas dualidades entre os dois casais (incestuosos) que se formaram pelas suas próprias oposições internas. O casal divino de irmãos Osíris e Isis prefigura a linha da fertilidade, do poder fecundante e da legitimidade

(herança da vertente fértil existente em Nut) e caber-lhe-ia, em consonância, assegurar e transmitir a realeza legítima, sendo Ísis o protótipo do feminino e de rainha-mãe.

Na mesma ordem de ideias, os textos da Piramide, podem ser interpretados no âmbito da conduta sexual mais ou menos desenfreada e desregrada de Nut. Nut é descrita com o descobrindo os seus braços ao faraó defunto (<<Nut, Grande, descobre os seus braços para N.»). "Eu sou Nut, tragam até mim Osíris N. [o faraó rnorto]») e "Dêem-mo, para que eu o abrace» parecem retratar a deusa-céu, em contexto funerário, como tendo uma relação de grande intirnidade carnal com o faraó, guiando-o, amamentando-o, dando-lhe o seu coração, juntando os seus membros e acolhendo-o no seu corpo. "Alegra-te por me encontrares, pois fui recebido com a bainha do saiote que está sob o seu vestido») e "Nut, fecundei-te como Geb em teu nome de céu» denotam também indícios de uma relação carnal entre o faraó defunto e a deusa-céu. A intensa e desenfreada atividade sexual que a mitologia associou à filha de Shu suporta e enquadra estas referências da literatura funerária do Império Antigo, bem como da iconografia patente nos sarcófagos a partir do Império Novo, destinada a assegurar a vida celestial eterna do falecido.

Veja se você compreendeu direito o que está escrito acima. O faraó morto anseia ser revivido através de um ato sexual com a deusa. Por um ato de Necrofilia. A sexualidade se confundia com a magia e a religião.

Por isso está declarado na profecia bíblica:

Ezequiel 16: 24. Ainda edificaste um prostíbulo e fizeste altares em todas as praças. 25. Edificaste o teu altar em cada canto do caminho e fizeste abominável a tua beleza; e te oferecias a todo que passava, e multiplicaste as tuas prostituições. 26. **Também te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos, muito carnais**; e multiplicaste a tua prostituição para me provocar à ira.

O Senhor do universo proibiu-lhes qualquer relação sexual e quando soube que Nut estava grávida, ainda mais se tratando de quíntuplos, ordenou a Shu que separasse os amantes fogosos e decretou que Nut não poderia pôr no mundo nenhuma criança, durante nenhum dia do ano... Thot interveio... Dotou o ano de cinco dias suplementares... Foi assim que nasceram Osíris, Ísis, Seth e Néftis e Hórus.... Esta terceira geração de pares divinos, nesta etapa do mito, que acontecerá no plano terreno, serão os deuses de organização do plano divino. É o quarteto de deuses mais singulares em todo o Egito Antigo. Osíris, ou (Ausar); assim denominado pelos Antigos egípcios, sua irmã e esposa Ísis, ou (Auset), os outros dois irmãos que também formam o casal são; Seth, ou (Se)t; sua esposa e irmã Néftis, ou (Nebt-Het); sendo esta ultima de função mais apagada se comparada a sua irmã Ísis.

Porém *há relatos* de que Osíris teve um envolvimento secreto com uma outra deusa, a sua irmã Néftis, esposa de Seth, o estéril. E desta cópula nascera o deus Anúbis. Anúbis foi abandonado por sua mãe que temia a ira de Seth. A criança acabou sendo encontrada e cuidada por Ísis. Isso fez aumentar ainda mais a rivalidade que existia entre Osíris e Seth pelo poder no Egito. Outra característica que se pode nos perceber entre os primeiros casais divinos são os relatos de bigamia. Mas, a partir da terceira geração de deuses, e possível ver que quanto mais aumenta o numero de divindades, as tentações do mundo terreno se atrelam aos divinos, como é o caso de Seth, divindade criada para sua esposa Néftis.

Porém não foi o suficiente, Seth logo tratou de desposar outras "amantes"; eram Anat e Astarté. Osíris e Isis formaram o casal mais emblemático de todos os contos mitológicos espalhados pelo Egito Antigo. Existem vários relatos que contam o mito deste quarteto de divindades. Além dos relatos descritos pelos próprios egípcios, existem os escritos de Plutarco. Nestes relatos existe uma ordem semelhante, apenas divergindo no final da narrativa. Esta lenda inicia no momento da sua criação, do mundo, quando já no ventre, Osíris e Isis já se amavam. Ao nascerem Seth casou-se com Néftis e Osíris com Ísis, porém Osíris foi eleito rei da terra. Seth, sentido inveja do irmão tratou de pôr fim à vida de seu irmão, este foi colocado dentro de um caixão e jogado ao Nilo, mesmo assim Isis encontrou Osíris, mas Seth despedaça o corpo de seu irmão e o espalha por varias localidade do Egito.

Ísis procurou as partes do corpo de seu esposo por todo o reino, auxiliada por sua irmã Néftis a esposa de Seth. Neste ponto nos textos se contradizem, uns predizem que Isis teria concebido de Horus. Em outros relatos, a deusa Isis havia resgatado todas as partes do corpo de Osíris, menos o seu falo, o qual foi engolido por um peixe oxirrinco. A magia desta deusa lago substituiu o falo de Osíris, o que possibilitou que Hórus fosse concebido por Isis e Osíris.

Não foi tão simples como pode ser imagiunado. Osíris é reconstruído como uma frankstein misturado com uma múmia. Seus 14 pedaços ajuntados, ele é mumificado. Ainda é uma múmia quando Isis em forma de uma ave, usando um falo postiço, engravida do semi-morto Osíris.

Mais uma vez foi necessário um casal de divindades para procriarem outros seres. Mesmo existindo algumas divergências para com os relatos, este mito de Osíris e Isis retrata todas as contendas que envolviam a corte real do Egito Antigo. Todas as intrigas pelo poder, a necessidade para se estabelecer a hereditariedade da família real.

Fica claro em meio aos relatos, como já foi descrito no inicio deste capitulo, que o plano terrestre é uma representação em pequena escala do plano divino. Contudo o mundo terreno se espelha no mundo divino, mas a classe que mais seguirá essa regra será a da realeza egípcia, a qual tentava recriar os passos das realezas divinas. Assim como os deuses se casavam com seus primogênitos, os faraós do Egito faziam o mesmo, pois garantiam através do ato sexual a sucessão e perpetuação da família no comando do Egito.

A sucessão ao trono Egito fervorosamente existente durante o Egito Antigo, vai também aparecer em meio aos deuses. O primeiro mito que já foi descrito no parágrafo anterior, vai tratar justamente das disputas palacianas pelo poder, os deuses confabulavam entre si na busca pela autoridade do Egito. Outro mito que se semelha ao mundo das vicissitudes do mundo terreno e o mito que narra as contendas entre os deuses Seth e o filho de Isis e Osíris, Horus. Ele vai vingar a morte de seu pai, travando vários embates com Seth, para legitimar seu direito ao trono do Egito, pois ambos alegavam serem os legítimos herdeiros ao trono Egito, já que Osíris estaria reinado no submundo, tornando-se o deus dos mortos. Após varias disputas pelo trono sagrado do Egito. Seth convida Horus a ir a sua casa para fazerem as pazes:

Set a Hórus - Vem, passemos um dia feliz em minha casa. . Hórus a Set – Eu irei, eu irei. Ao anoitecer prepara-se uma cama para eles e deitam-se juntos. De noite Seth fica com o pênis ereto e penetra-o nas coxas de Hórus. Então Hórus põe suas mãos entre as coxas e colhe o esperma de Seth. Em seguida Hórus vai contar (o sucedido) à sua mãe Ísis.

Seth tentou abusar de Hórus!

Neste trecho do papiro de Chester Beatt, nos esclarece como tal situação era percebida na sociedade egípcia da Antiguidade. Trechos das confissões a deusa Maat no tribunal de Osiris deixam claro que os egípcios compreendiam o homoerotismo como pecado. Seguindo o papiro, Hórus vai a Ísis – Vem, minha mãe Ísis, vem e vê o que Set me fez! Ele abre a mão e mostra-lhe o esperma de Set. ela dá um grito, apanha sua faca, corta a mão (de Hórus) e lança-a na água. Então faz nova mão para ele. E ele pega uma porção de unguento perfumado e passa-o no pênis de Horus. Ela faz (assim) com que (o pênis) fique ereto, coloca-o sobre um pote e (ao ejacular) deixa seu esperma escorrer ali. Pela manhã Ísis vai com o esperma de Hórus à horta de Set.

A mãe de Horus o excita. Faz com que ele fique excitado e ejacule.

Em recente estudo da sociedade japonesa nas últimas duas décadas, observou-se que as práticas incestuosas no lar ainda estão muito vivas. Uma linha direta de aconselhamento em Tóquio recebeu centenas de ligações relacionadas ao incesto e descobriu que, além dos casos de incesto entre pai e filha, há uma proporção surpreendentemente grande de casos de incesto entre mães e filhos, maior do que em outros países. Isso tem sido atribuído a mães japonesas que dormem sozinhas com seus filhos enquanto seus maridos estão saindo de casados extraconjugais e levando a relações sexuais entre mãe e filho.

Na verdade, muitas vezes a razão que mães japonesas de determinados povoados alegaram ao fazerem sexo com seus filhos adolescentes é variada, uma delas é que elas querem ensinar a elas a maneira correta de se masturbar, assim como outras razões, como ajudá-las a se concentrar nos estudos ou desencorajá-las a ter sexo com adolescentes, oferecendo seus próprios corpos. Ao fazer isso, os

jovens japoneses crescem acreditando que esse comportamento é a norma e, portanto, têm maior probabilidade de perpetuar a “tradição” com seus próprios filhos. Parece que a história e as tradições deixaram sua marca neste aspecto. Incesto entre irmãos foi aceito no Japão antigo, assim como oferecimento de meninos e meninas a templos para serem usados sexualmente por sacerdotes e samurais. Desta forma, o incesto minimizou-se como ato moralmente errado.

PERCEBA, da antiguidade até a modernidade, há uma forte influencia da religião, magia, mitologia e religiosidade egípcia em variados comportamentos sexuais.

Agora nessa fase da mitologia “Das contendas de Horus e Set”, a mãe de Hórus sabendo do significado daquele ato, num eventual julgamento em um tribunal, tratou logo de fazer algo que invertesse aquela situação. Ísis foi logo ao servo de Set e perguntou-lhe qual era o legume que Set se alimentava, o hortelão disse que era a alface:

Então Ísis esparge o esperma de Hórus nele. (depois) Set chega, conforme sua rotina diária, e de habito como alface. Por isso ele fica grávido com o esperma de Hórus. Então Set procura Hórus.

Continuando o relato do papiro, que podemos compreender como era percebido o tratamento para com as ações de homoerotismo entre os deuses do Egito Antigo:

(Set a “Hórus) – vamos, apressemos-nos para que eu possa discutir contigo no tribunal!, Hórus a Set – Eu irei, eu irei.

Chegando ao tribunal, o mito contido no papiro de Chester Beatt, transmite a importância de no momento de um ato sexual entre dos seres de mesmo sexo, aquele que fez o papel do macho não seria tratado com repugnância. Mas para aquele que fez o papel de fêmea no coito homoerótico, no caso Egito Antigo era o que recebia o falo e o sêmen. Ficando assim grávido como uma fêmea.

E justamente sabendo disto que Set o utiliza contra Hórus. Porém como Ísis havia retirado o sêmen de Set em Hórus e feito com que Set engolisse os fluidos eróticos de Hórus. Set alegaria em vão que havia agido como macho para com Hórus. Hórus e Set chagam ao tribunal apresentando-se perante da “grande Enéada”: Enéada – falem!

Set – que a função de soberano, me seja dada, pois quanto a Hórus, que aqui está, agi como um homem com ele!.

Então a Enéada se alvoroça e (todos os deuses) cospem no rosto de Hórus. Mas Hórus ri-se deles e faz um juramento pelo deus. Hórus – O que Set diz e mentira. Que o esperma de Set seja chamado e veremos de onde responde. E depois que o meu (também) seja chamado e veremos de ponde responde. Na continuação desta narrativa, o deus Tot e chamado para verificar de onde respondem os semens de Hórus e de Set. O deste último responde das águas e enquanto do

primeiro fala de dentro da barriga de Set. Este pelo fato de ter agido tal como uma fêmea perderia a oportunidade de comandar o Egito.

O homoerotismo no Egito Antigo era percebido como algo pecaminoso, se não neste evento, num dos juramentos feito diante de Maat – no qual o defunto sustentaria que jamais teve relações com homem algum.

Aquele que tinha tomado atitude de fêmea não poderia reinar no Egito. E sabido que no Egito da época dos Faraós, o individuo para governa o "Kemi", deveria ser um macho ou pelo menos se comportar com tal para ter acesso ao trono real do Egito Antigo, alem de pertencer e ser primogênito da realeza dominante. Foi isso que aconteceu com a rainha Hatshepsut, da qual teve duas justificativas para com os sacerdotes, para poder governar o Egito durante o Novo Império.

Não só os mitos nos mostram um pouco da sexualidade que havia no Egito antigo. Também podemos ver o sexo nos poemas de amor, todos advindos no Novo Império. Esses poemas são carregados de romantismos e erotismo:

Vai para a morada de tua irmã e entra para sua sala de visitas
Semelhante a um jardim. Ela oferece canto e dança, vinho e cerveja,
(então) excita seu desejo E ganha-a para a noite.
Ela te dirá: toma-me em teus braços E quando o dia raiar farás o mesmo de novo!

Neste fragmento notamos forte presença de um erotismo, vemos que a música, a dança e a bebida fazem parte da sedução precursora no ato amoroso. E mostrando também que a literatura faraônica não e somente feita para idolatrar as divindades, e sim para enaltecer o amor e o sexo. Estes poemas irão mostrar um outro lado da sociedade egípcia antiga, nos revelando seu lado mais romântico e erótico. Aqui os egípcios nos apresentam seu lado sensível e poético. Nos mitos eles clamam aos deuses nos poemas eles nos mostram o amor que sentem um pelo outro. O sexo não e apenas sagrado e, mas também prazeroso e idealizado. A sexualidade do Egito faraônico também pode ser percebida através das iconografias como esta do Novo Império:

O papiro de turin nos proporciona um outro olhar sobre como eram percebidos as práticas sexuais no Egito antigo. Aqui vemos cenas de relações sexuais, imagens estas feitas nos padrões estéticos egípcios.

Uma análise mais atenta e aprofundada da abundantíssima iconografia, em múltiplos suportes, e dos vários relatos mitológicos de diferentes épocas chegados até nós, permite-nos, todavia, constatar que o sexo era uma necessidade básica dos deuses egípcios e os assuntos eróticos uma parte importante e integrante das suas existências. De facto, erotismo e sexualidade não eram, longe disso, assuntos e temas exclusivos dos humanos ou que implicassem apenas os seres humanos. Antes, como se percebe nessas fontes, de forma mais explícita ou implícita, o erotismo e a sexualidade implicavam também a esfera do sobrenatural, convocando

diretamente muitas e importantes divindades, masculinas e femininas, adultas ou jovens, desde alguns célebres demiurgos e deuses primordiais a outras divindades acessórias ou adjuvantes, pelo papel activo ou passivo que desempenhavam nos domínios da fertilidade, da procriação, do apoio às actividades e manifestações sensuais ou para-sensuais de outros deuses ou dos homens ou dos homens (sobretudo o faraó) em relação aos deuses. Sabemos que muitas das divindades do vasto panteão (como Hathor, Min, Bés, Meskhenet, Khnum, Heket, Bastet, Taueret, Banebdjedet, Ápis, Meruer ou Bukhis, por exemplo) denotam atitudes/competências e até áreas de supervisão que abrangem claramente o mundo das sensações, do erotismo e dos prazeres sexuais. As evocações dos poderes e das capacidades divinas ligadas ao domínio sexual reforçam o prestígio e a autoridade dessas divindades, que os antigos Egípcios conheciam como «Senhores do prazer sexual» (nbw´ndmndm) ou «Aqueles que amam o prazer sexual» (mrjw´ndmndm). Mas as representações plásticas e as expressões literárias disponíveis possuem amiúde significações e linhas de expressividade erótico-sexuais, directas ou subliminares, que é preciso entender de forma global e integrada, respeitando e atendendo ao plasma e ao contexto cultural no seio do qual a antiga civilização egípcia se movimentou, se quisermos realmente captar o seu mais profundo alcance e que são, em muitos casos, a razão de ser da sua própria produção. Fixemo-nos na teologia de Iunu/Heliópolis e no ciclo de Osíris e vejamos vários ambientes e várias situações de declarada manifestação da sexualidade e das capacidades eróticas das divindades egípcias.

O essencial do que sabemos sobre; este sistema procede dos Textos das Pirâmides, o que, desde logo, atesta a sua enorme antiguidade, devendo a sua fase mais tardia datar da V dinastia, Império Antigo, por volta do século XXIV a. C. 2O mito egípcio da criação (Weltschopflll/gJ **em Iunu**, Heliópolis ou Om pelas suas explícitas alusões, independentemente das variações ao tema e da forma e nome do deus solar directamente envolvido, remete-nos directamente para o campo da sexualidade e para aquilo que alguns chamaram de «teologia falocrática» tudo "comeeçou com a masturbação do criador solitário, o Sol sob a forma de Atum (lI 171):

«Atum é aquele que (uma vez) veio à existência, que se masturbou em Iunu. Agarrou o seu falo com a mão e provocou com ela o orgasmo e assim foram criados os irmãos-gémeos **Chu e Tefnur'».**

CAPITULO XV - SEXUALIDADE E SENSUALIDADE DOS DEUSES EGÍPCIOS

No III milênio a.C., no Egito, o faraó, identificado com Hórus, o rei-falcão, estabelece sua filiação divina, casando-se freqüentemente com a própria irmã, para evitar problemas de sucessão. A mulher egípcia tem a mesma força jurídica que o homem, o direito à herança e à posse de bens – o que se deve ao fato da terra pertencer ao rei e às castas superiores de sacerdotes e guerreiros, tendo a população em geral direito apenas a seu usufruto, assim, os bens transmitidos por herança têm pouco valor. A ausência de patrimônio privado confere então às mulheres a dignidade de uma pessoa, podendo ela casar-se livremente, tanto quando solteira, quanto quando viúva. E embora a poligamia seja usual, apenas uma mulher será tratada como esposa legítima, e as outras serão privadas de qualquer direito – mas todos os filhos serão tidos como legítimos. Contudo, a mulher egípcia só irá interferir na vida pública de modo secundário, pois embora possa desempenhar o papel de regente, tanto o faraó como os sacerdotes e guerreiros (segundo poder depois do faraó) serão sempre homens (Beauvoir, 2000, pp. 107-108). No início deste período (em torno de 3000 a.C.), na Babilônia (cidade da Suméria), os deuses agrários têm aspecto de homens. E da Mesopotâmia à Síria, um jovem deus agrário aparece associado ao casal divino, para depois ser absorvido pela figura do grande deus. A geração não pertence mais exclusivamente ao sexo feminino, mas necessita de um casal heterossexual para ocorrer. Nas representações do casal divino, o deus adquire cada vez mais importância e torna-se cada vez mais poderoso que sua consorte. Por volta de 2800 a.C., no Egito, surge o casal divino Osíris e Ísis. Osíris representa o espírito do grão e da água, e considera-se que ele (não Ísis) teria revelado aos seres humanos os segredos da agricultura e da irrigação. Ísis será a grande deusa da fertilidade universal (Badinter, 1986, pp. 79-81).

Em torno de 1600 a.C., inicia no Egito a construção dos hipogeus reais e das grandes famílias, na margem esquerda do Nilo. Homens e mulheres são separados na morte (Vale dos reis, Vale das rainhas), mas há pompa em ambas as construções. No 18 século XV a.C., uma regente, Hatshepsut, consegue manter-se no trono egípcio, em detrimento de seu enteado e sobrinho, Tutmés III, durante mais de vinte anos, ao proclamar-se filha carnal do deus Amon (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1998, vol. 9, p. 2030 e vol. 12, p. 29164). Também por esta época, as mulheres egípcias já têm a preocupação de evitar a concepção. Em tal caso, recomenda-se a aplicação, na região vaginal, de uma mistura de excrementos de crocodilo, mel, natro e alguma substância viscosa para dar liga (Beauvoir, 2000, p. 153).

Ainda na Idade do Bronze, a deusa egípcia Ísis funde-se na pessoa de Osíris, que passa a reinar sozinho. Entre os celtas, com a valorização do heroísmo guerreiro, há também uma desvalorização das deusas, que passam a ser ridicularizadas, ou mudam de sexo. Assim, o sol, que era uma potência feminina entre os celtas, passa a ser representado por um herói solar, um deus-sol que relega a deusa primitiva à representação da lua – astro de menor importância, frio, sem luz própria. As deusas

teriomórficas serão menosprezadas como tendo um substrato maligno, ou substituídas por deuses análogos (Badinter, 1986, pp. 98-99).

O desenho utilizado para representar o sol ainda hoje pelos astrólogos, onde um círculo pequeno está inserido dentro de um círculo maior, seria também um símbolo utilizado outrora para simbolizar o seio materno, fonte de vida, assim como o astro.

Mas, não somente o seio materno. Também o seio de uma divindade hipersexualizada.

Sexo e fantasias eróticas no ciclo de Osíris

A última geração divina de Iunu e a sua prole não subsistiram sem enfrentarem igualmente sérios e complicados problemas sexuais. Além dos manifestos casamentos incestuosos dos deuses e das deusas desta geração, a traição sexual, o adultério e a produção de filhos adulterinos integram o leque das condutas descritas nos relatos mitológicos para estas divindades.

a) Traição, Infidelidade, Morte e Vingança (o «affaire» entre Osíris e Néftis) Herdeira com Set da linha estéril, Néftis não tinha filhos, mas isso não a libertava, obviamente, dos seus desejos e das suas fantasias sexuais. Disfarçando-se estrategicamente de Ísis e embebedando Osíris, abriu o caminho para uma aventura erótica com o seu irmão, de numerosas consequências. Este «sexo em estado de embriaguez», uma cópula quase inconsciente, um autêntico adultério promíscuo, com a dupla traição inerente, gerou um filho adulterino (Anupu/Anúbis, «fruto da união ilegítima de Néftis com Osíris-") e um eloquente epíteto para Osíris (O touro das duas irmãs»!'). Quer Set quer Ísis, os cônjuges-irmãos traídos, viriam a ter conhecimento da ocorrência, embora com consequências bem distintas. Set e Ísis descobriram a traição pelo mesmo indício, um indício floral:

«O trevo-de-cheiro caído da coroa de Osíris, e abandonado no próprio local, deu a conhecer a Set o adultério da sua esposa-", «Ísis ficou a saber que Osíris, apaixonado, teve relações com Néftis, sua irmã, tomando-a equivocadamente por ela. Ao encontrar trevo-de-cheiro na coroa que Osíris deixou junto de Néftis, testemunho evidente da sua união, Ísis começou a procurar a criança, que a mãe, com receio de Set, abandonou assim que o deu à luz. Guiada por cães, encontrou-a depois de grandes e difíceis trabalhos. Encarregou-se da sua alimentação e esta criança, que tem o nome de Anúbis, transformou-se em seu acompanhante e guardião. Diz-se que estava destinado a proteger os deuses, da mesma maneira que os cães protegem os homens»:". Claramente perdoando a irmã e o marido, Ísis assume Anúbis e a sua criação

Quando Néftis gerou Anúbis, Ísis reconheceu a criança-" e este deus-menino clandestino e abandonado pela mãe é «reaproveitado- mitologicamente como responsável divino pela primeira mumificação (a do seu pai, Osíris) e modelo para a actuação dos futuros sacerdotes-mumifica dores humanos. Ao descobrir a traição e infidelidade da esposa com o irmão Osíris, Set, cheio de ciúmes e sedento de

vingança, começa a planear a sua morte que, com o auxílio de 72 conjurados, haveria de lograr:

«Durante a ausência de Osíris, Tífon [Se] não se atreveu (...), pois Ísis exercia estreita vigilância (...). Mas Tífon armou várias armadilhas à volta deste deus. Rodeou-se de 72 cúmplices (...). Tendo-se informado secreta mente do comprimento exacto do corpo de Osíris, Tífon mandou construir, de acordo com essas medidas, um soberbo sarcófago, ricamente decorado, que foi trazido para a sala do festim que ele dava. Todos os convidados olharam com admiração o esplêndido sarcófago. Então, Tífon prometeu, divertido, que o ofereceria àquele que, deitado nele, tivesse exactamente o seu tamanho. Todos os convidados tentaram a sua sorte, mas ele não se adequava ao tamanho de ninguém. Finalmente, foi a vez de Osíris, estendendo-se no fundo que era tão comprido como ele. Imediatamente os convidados acorreram para o fechar, pregando a tampa e selando-o com chumbo derretido. Uma vez terminada a operação, levaram o sarcófago para o rio, deixando-o à deriva até chegar ao mar (...). ...Set vingava-se assim do ultraje contra o seu leito. Na origem do seu acto de vingança estava a libidinosa união sexual de Néftis e Osíris: «Com efeito, diz-se que os seus ciúmes e animosidade o impulsionaram a cometer terríveis acções»", A ligação sexual dos polígamos deuses-irmãos estava agora, na concepção de Set, vingada com amorte de um dos envolvidos", «Ísis acabou por saber do funesto acontecimento e imersa em grande tristeza»:"partiu em busca do sarcófago com o corpo do marido-irmão. O relato de Plutarco diz-nos que Ísis encontraria o sarcófago no território de Biblos, uma cidade da Fenícia, 'junto de uma tamareira'. Depois de alguns episódios no palácio real de Biblos, Ísis acabaria por transportar de novo, cuidadosamente, de barco, o sarcófago-corpo de Osíris para o Egipto: «logo que tocou terra num lugar silencioso e desolado, tirou o cofre do navio, abriu-o e abraçou o corpo de Osíris, chorando amargamente sobre o seu corpo in erte. Nessa altura, a vigilância de Ísis de algum modo afrouxou»!'. No relato de Plutarco, esta quebra na vigilância revelar-se-ia fatal para Ísis, mas muito favorável a Set: «Ísis colocou o sarcófago de Osíris num lugar afastado da vista dos homens, mas Tífon [Set], uma noite em que foi caçar à luz da Lua, encontrou-o, e reconhecendo o corpo de Osíris, cortou-o em catorze pedaços que dispersou por todo O lado»?'.

A partir daqui inicia-se, em companhia da sua irmã Néftis, a busca do despedaçado corpo de Osíris por parte de Ísis que, para o efeito, tal como surge na narrativa plutarquiana", percorre todo o território egípcio, do Delta à Núbia: «Quando Ísis soube o que tinha acontecido, subiu para uma barca feita de papiro e percorreu os pântanos vizinhos à sua procura»:". A pouco e pouco, a lenta demanda vai dando resultados e todas as partes do corpo de Osíris são encontradas. «Todas» à exceção do falo de Osíris que Set, castigando particularmente a parte do corpo de Osíris que directamente o desonrara, deitara ao Nilo e que o peixe oxirinco comeu: «A única parte do corpo de Osíris que Ísis não conseguiu encontrar foi o membro viril, porque Tífon [Set] o arrancou e atirou ao rio, onde foi devorado", Perante a impossibilidade de reconstituir na íntegra o corpo do marido, uma vez que lhe faltava o original pénis, «para substituir o membro, Ísis fez uma imitação»:". Por artes mágicas, da argila fértil do Nilo, Ísis conseguir ultrapassar a perda do membro real, por um virtual, por um sucedâneo, um pénis artificial, um autêntico dildo,

godemiché ou olisbos. Com as suas poderosas habilidades mágicas, a deusa-viúva conseguiu devolver energia ao esposo (<<deuforça àquele que estava inerte», como diz um hino do Império NOVO e conceber dele um filho, cuja existência visava essencialmente vingar o pai e a mãe, «por terem sido tratados tão Indígnadamente". A cópula com Osíris morto, de falo artificial regenerado e erecto, em que Ísis assume, como mostram algumas representações íconográficas", a forma de uma ave (falcão-fémea) suspensa OU pousada, prefigura comportamentos sexuais pouco ortodoxos, aberrantes ou desviantes, que cabem nas hodiernas classificações de necrofilia (açõessexuais com cadáveres) e bestialidade ou zoofilia (atos sexuais com animais). Neste atípico coito divino. Osíris representa o elemento passivo e vulnerável (está morto) e Ísis, colocada sobre o marido e sobre o falo artificial, é o elemento activo e poderoso, que visa, a todo o custo, engendrar um filho que vingue a acção de Set. Como Ísis afirma: «Eu desempenhei o papel de um homem, apesar de ser uma mulher. O teu divino sémen penetrou no interior do meu corpo». O êxito da ação mágica de Ísis e da cópula especial e miraculosa com Osíris seria tal que conceberia dele um filho: «Ísis, com quem Osíris teve relações depois de morto, deu à luz, antes do tempo, uma criança (...) que recebeu o nome de Harpócrates [Haorpakhered, «Hórus crlançap.". Tratava-se de um ser excepcional, herdeiro do trono e futuro protótipo de todos os faraós. E Hórus nasceu e como Horsaiset (Horsiésis), «Hórus, filho de Ísis», foi amamentado pela mãe que, dessa forma, lhe foi transmitindo os seus próprios fluidos dívino-mágicos". A eficaz e atenta protecção da mãe na ilha flutuante de Khemmis, nos pântanos perto de Buto, no Delta, valeu a Hórus o epíteto de Horheriuadj, «Hórus que está sobre a sua planta de papiro». Muitos autores consideram esta ajuda-protecção de Ísis vital na luta pela posse do trono do Egipto no triunfo definitivo de Hórus na sua disputa legal com Set. É interessante notar que no texto As peregrinações de Ísis considera-se que o deus Set tem plena consciência do papel de apoio que Ísis representa para Hórus e que o seu domínio pode impedir a revolta de Hórus:

«Quando Ísis ficou à mercê de Set depois da morte do marido e irmão Osíris, foi forçada por Set a entrar numa casa de fiandeiras onde era mantida virtualmente prisioneira, a trabalhar para ele. Embora Set fizesse crer que a conservava ali para o seu próprio bem, as suas intenções não eram as mais honestas. Set percebia muito bem que a sua posição e o seu poder no futuro dependiam em grande medida de que ele pudesse impedir Hórus de chegar à idade adulta e reclamar o trono de seu pai Osíris, e, por isso permitia pouca liberdade a Ísis.».

Por fim, com o incentivo do deus-amigo, sempre disponível e empenhado, Tot, Ísis acabou por fugir da casa das fiandeiras, «acompanhada de sete escorpiões que deviam cobrir-lhe a retaguarda.v= Por entre episódios e perigos mais ou menos esperados, com a ajuda de divindades no auxílio à sua mãe (Hathor e Uadjit, por exemplo), Horpakhered (Harpócrates), «Hórus, criança», o filho póstumo de Osíris, lá foi crescendo - apesar do seu nascimento prematuro, de ser um filho engendrado por um pai morto, do controlo de Set e dos inevitáveis perigos que afectavam as crianças -, tornou-se adulto e acabou por disputar judicialmente o poder ao tios, com o objectivo de vingar Osíris (agora deus dos mortos no Além-túrnulo) e recuperar o trono do Egipto, a herança de seu pai.

A Contenda de Hórus e de Set: Exibicionismo e Voyeurismo (Hathor e RéHorakhti)

O triunfo de Hórus na disputa judicial não foi, porém, alcançado sem antes os deuses do tribunal divino terem oscilado ora a favor de Hórus ora de Set. Seriam justamente episódios, argumentos e provas de «carácter sexual» a decidir o processo e a levarem ao veredicto final favorável ao filho de Osíris e de Ísis. O próprio presidente do Tribunal, o deus Ré-Horakhti, inclinava-se claramente para as pretensões de Set, pretendendo atribuir-lhe as funções de faraó, considerando Hórus muito inexperiente para ocupar o trono do pai: «Teu corpo é fraco e a posição real é muito pesada para ti, moço inexperiente, que ainda tens um gosto mau na boca". Esta opinião do responsável de Iunu, hostil a Hórus, foi muito criticada pelos deuses-defensores da causa de Hórus e despoletou um interessante episódio do foro erótico. Vejamos o relato detalhado que A Contenda de Horus e Set, conhecida principalmente graças aos textos do pKahun VI e do pChester Beatty I (BM10681), (Os sete escorpiões venenosos de Ísis a que o mito alude eram Petet, Tjetet, Matet, Mesetet, Mesetetef, Tefenet e Befen)

"Em egípcio, não existia a palavra 'tio', sendo usada a expressão «irmão mais velho». Set e Hórus são vistos como irmãos rivais, nomeadamente no texto. O «gosto mau na boca» é uma referência directa ao odor do leite materno. Hórus étratado por Ré-Horakhti como um bebé. Chester Beatty I, Il, 2-12. A cópia contida neste papiro, oriunda de Tebas, talvez da necópole da margem ocidental do Nilo (como se conclui do seu curto colófon), de autor anónimo, é anterior ao reinado de Ramsés V (XX dinastia), século XII a. C, e, à excepção da sua primeira página, encontra-se em muito bom estado, conservando o conto quase na íntregra, do início ao fim. A história de Hórus e Set é denominada por Philippc Derchain de «pseudo-conto popular de conteúdo mitológico» Esse ataque zangou os outros deuses, e um deles, chamado Babai, começou a insultar o senhor do universo. "O teu santuário é desprezado!", exclamou, querendo dizer com isso que ninguém lhe dava mais qualquer atenção. Ré-Horakhti ficou profundamente magoado com a afronta e atirou-se ao chão, cheio de raiva, enquanto os outros deuses se voltavam contra Babai e o censuravam por ele ter sido tão rude: "Não podes continuar aqui. Cometeste um verdadeiro crime dizendo isso a Ré." Em vista disso, Babai teve de retirar-se, e Ré foi para ojardirn, a fim de pensar na afronta que sofrera. Os outros deuses recolheram-se às suas tendas, a fim de esperar que os ânimos se acalmassem. No fim, foi Hathor quem salvou a situação. Era uma bela deusa e conhecia as fraquezas do seu pai. Por isso, foi para o jardim, tirou as roupas e exibiu os seus encantos diante dele. Ré-Horakhti riu muito com isso e recuperou o seu bom humor. Saindo do jardim, convocou mais uma vez o conselho dos deuses e ordenou a Hórus e Set que defendessem pessoalmente os seus casos. " Babai (ou Babi/Baba/Bebon, Btb lwj), deus de Mendes, um dos deuses-juizes da Enéade", insolente e ingrato, ofende de forma grosseira o presidente do tribunal divino, Ré-Horakhti, que, ultrajado com o insulto público, em plena assembleia, se afasta sozinho para o jardim, irritado, entristecido e desanimado com as palavras do deus-babuíno que, de certa forma, punham em causa a sua existência e, sobretudo, a sua supremacia. Sem clima para continuarem, os trabalhos judiciais são interrompidos e caberá a Hathor providenciar a mudança de episódio. Uma outra leitura, coerente

com o desenrolar da acção, vê a atitude de Babai numa perspectiva essencialmente sexual, o que se ajusta e aplica bem às próprias características viris e à hiperactividade sexual de insaciável copulador, assumidas por este deus de falo erecto, o «touro dos babuínososê. No fundo, Babai teria acusado o deus-solar de falta de virilidade, o que muito irritou e desagradou ao juiz principal?'. Era preciso revigorar (em sentido físico e espiritual) o rei dos deuses. É então que entra em ação a deusa da sensualidade e do erotismo, Hathor.

Num gesto pleno de exibicionismo, conhecedora das «fraquezas do seu pai» (alusão ao pretenso voyeurismo de Ré-Horakhti), a bela deusa «tirou as roupas e exibiu os seus encantos diante dele». O sentido literal deste texto é «descobriu a sua vulva junto do seu rosto» A exposição dos genitais por Hathor, com a manifesta intenção de animar o deus-pai Ré - intenção, aliás, alcançada, como deixa entender a narrativa mítica - assume contornos de provocação e de excitação de sensações. Neste passo, o erotismo atinge o estatuto de narrativa. Não há, neste caso, uma relação incestuosa declarada ou consumada. Na economia da narrativa, sedução, erotismo e sensualidade assumem tonalidades pitorescas, quase humorísticas; Mas, o impúdico gesto de Hathor tem um significado simbólico maior. Hathor era deusa da fertilidade, pleta de atributos e de poderes regenerativos. O seu intencional ato exibicionista, conforme à sua natureza, procurava canalizar de imediato essa energia para o pai dos deuses que, à vista da anatomia feminina da deusa, se alegrou (Ré-Horakhti riu muito disso e recuperou o seu bom hurnor), recuperou o ânimo e recarregou/recuperou suas energias. Ao viril deus-babuíno é feita nos Textos das Pirãmides uma direta alusão ao seu falo, símbolo, de força, poder e fecundidade, que constitui o ferrolho das portas da Akhet para onde, segundo esses textos, os faraós ascendiam após a morte: «Retira-te falo de Babí! Que se abram os dois batentes do céu, que Unas abra os dois batentes do céu, na explosão de calor onde os deuses despejam a água» Outras alusões a Babi podem ser encontradas nos Textos dos Sarcófagos.

A visão dos genitais femininos de Hathor é, no âmbito da Contenda de Hórus e de Set, uma forma de transmitir energia criativa e de, assim, reordenar o Cosmos': «Saindo do jardim, [Ré] convocou mais uma vez o conselho dos deuses e ordenou a Hórus e Set que defendessem pessoalmente os seus casos.» Pelo erotismo, tudo volta à normalidade. E a luta continua.

A Contenda de Hôrus e Set: sedução e desejo (Ísis e Set).

Várias passagens dos Textos das Pirãmides descrevem a prolongada luta entre Hórus e os seus defensores e Set e os seus seguidores. O primeiro episódio desta luta num tempo primordial entre sobrinho e tio pelo trono do Egipto ficou marcado por mútuos. Sob a conotação erótica, a nudez de Hathor (como a de Nut a que aludimos) é uma poderosa afirmação de fertilidade, associada ao nascimento/renascimento do Sol. Rir é, neste sentido, uma forma de traduzir a excitação sexual do deus e o retorno/retomar da sua virilidade.

Um comportamento erótico similar ao de Hathor parece estar subjacente aos relatos de Heródoto e de Oiodoro da Sicília. Heródoto menciona que durante a

procissão anual em honra de Bastet (deusa-gata associada a Hathor e também deusa da fecundidade e da alegria), em Bubástis, as mulheres expunham quais Hathores, os seus genitais (Hdt. 2. 60). Oiodoro relata urna história semelhante de exposição dos genitais por mulheres em sinal de adoração ao boi Ápis, no seu templo (0.5.1,85,3) - vide Manniche. As terracotas helenísticas de Ísis-Afrodite e de Vénus levantando o vestido e mostrando a púbis inserem-se também na mesma prática.

Danos físicos: Set arrancou um olho a Hórus e este arrancou os testículos ao tio.

Em adição ao elemento astral, o mito reflecte o prolongamento da luta entre o Alto e o Baixo Egipto pelo domínio, historicamente terminada com a unificação das duas regiões num reino. No mito, o sempre disponível Tot sararia as feridas de ambos, providenciando adequados e funcionais substitutos"; A questão da mutilação dos olhos de Hórus é também um episódio de "A Contenda", É nele que ocorre a segunda intervenção da deusa Hathor que, como na primeira (em relação a Ré-Horakhti), restaura agora a vitalidade perdida do deus Hórus. Hathor desempenha em "A Contenda" o mesmo papel que Tot nos textos. Mas, os episódios do mito sucedem-se", Outra aventura da mesma narrativa, refere que, ciente da força e da influência de Ísis quer junto do filho quer sobre os deuses da Enéade, Set recusa-se a participar nos debates do tribunal «enquanto Ísis estivesse presente-". Os juizes mudam de lugar" (<<paraa ilha que está no meio da água»), recebendo o barqueiro divino Nemti ordens expressas para negar a passagem a Ísis ou a alguém que a ela se assemelhasse. Sempre ardilosa, a deusa disfarça-se de velha (ÚwI) e logra chegar ao novo local dos debates judiciais, depois de subornar o deus-barqueiro. O lascivo Set apercebeu-se da presença da mulher e a história reencontra a dimensão mágica e erótica sempre subjacente aos actos e às movimentações das divindades envolvidas: «Set olhou para Ísis quando esta se aproximava por entre as árvores. Mas Ísis, temendo ser reconhecida e querendo ao mesmo tempo enganá-lo, transformou-se como deus hieracomorfo do céu, personificando o próprio céu, os dois olhos de Hórus simbolizavam a Lua (olho esquerdo) e o Sol (olho direito). Se arrancou o olho esquerdo, aLI seja, a Lua, simbolizando assim o período de desaparecimento da Lua (cf. Sales, 1999, 162-163). A ablação dos testículos de Set simboliza obviamente o desaparecimento do seu poder sexual, da sua fertilidade. Mas a castração tem ainda uma significação maior: os testículos são um símbolo de poder; aquele que se vê privado deles assume uma posição inferior, inferiorizada. É visto como um dominado, um subalterno.

O olho-substituto providenciado por Tot era chamado udjat e era um poderoso arnuleto usado por vivos e mortos de que há inúmeros exemplares em praticamente todos os museus com colecções egípcias.

Uma mulher muito bela, como não poderia encontrar-se igual em qualquer ponto da terra. Logo que a viu, Set foi tomado de grande desejo e deixou a companhia de outros deuses, a fim de persegui-la. Então Set, aproximando-se de Ísis, que não era vista pelos outros deuses, colocou-se atrás de uma árvore e disse: "Aqui estou teu lado, bela mulher!", A beleza e a sedução são duas poderosas armas nas mãos de uma deusa, ainda mais se usadas por uma deusa manipuladora e ambiciosa. Set foi

tomado pelo desejo (he desired her most lecherously»'"). Ísis, tornada objecto de paixão do seu irmão, que resistiu como pôde ao seu assédio sexual (Aquiestou ao teu lado, bela mulher!) com uma história inventada de um vaqueiro falecido, do seu jovem filho e de um estranho em luta pela posse de um rebanho conseguiu levar o embevecido Set a (condenar as atitudes de um indivíduo que disputa o legítimo direito de um filho a herdar os bens de seu pai morto". Cego de desejo, Set condena-se a si próprio. Como "Isís lhe disse: "Com o teu próprio bom senso te julgaste!. «Violento e sensual, [Set] -'acabou por sucumbir à astúcia de Ísis.

A sexualidade de Set é algo «irregular», assumindo aspectos claramente bisexuais: a este episódio heterossexual com Ísis opor-se-a o episódio homossexual com Hórus. Também neste aspecto, Set é um perturbador da ordem estabelecida, pois não respeita a separação de sexos instituída por Atum. Neste passo do mito, há uma curiosa paronomásia entre «rebanho» e «função (real); dignidade» que foneticamente soavam da mesma forma, apenas se distinguindo na escrita pelos seus respectivos determlnativos.

A Contenda de Hôrus e Set; (tentativa) de violação homossexual (Set e Hórus]

O evento-chave da narrativa mitológica intitulada *A Contenda de Hórus e Set*, é a tentativa de violação de Hórus por parte do seu lascivo tio Set. Esta acção de cariz homossexual é perspectivada de forma muito negativa. O relato é o seguinte: «Setconvidou então Hórus para ir a sua casa, e o convite foiaceite.Quando a noite chegou, uma cama foi preparada e os dois deuses dormiram juntos. Durante a noite Set tentou violar Hórus mas este estava preparado, pegou o sémen de Set e correu para Ísis, dizendo: "Vê o que Set fez comigo!". Ísis ficou chocada e tirou imediatamente a faca, cortou a mão de Hórus e atirou-a para a água, substituindo-a por outra. Tomou então uma porção do sémen de Hórus" e levou-a para o jardim de Set. Procurando o seu jardineiro, perguntou-lhe quais as plantas que ele costumava comer. "De todas as plantas que crescem aqui, Set só come alface", disse o jardineiro. Quando o jardineiro lhe mostrou quais eram as plantas, Ísis espalhou nelas o sémen. Pouco depois, Set foi ao jardim, como fazia todos os dias, e comeu a alface, tal como dissera o homem. E Set engoliu sem saber o sémen de HóruS."S9 A análise do texto original e de várias traduções existentes deste episódio?" Permite perceber que se tratou de uma tentativa frustrada de penetração anal a tergo, com os dois deuses deitados em posição fetal, em que a astúcia do jovem Hórus (recolhendo, o sémen de Set - quando este se acomodou entre as suas coxas) embora não tenha impedido o orgasmo do seu tio-rival, impediu, pelo menos, que Ísis masturbou Hórus para este ejacular para um jarro: «A ação de Ísis, expressa em termos puramente sexuais, significa que o poder da realeza estava literalmente nas suas mãos. Apesar de Hórus ter o epíteto de nb hnu, «senhor do falo», quem domina é Ísis.

Os textos tardios desenvolveram esta temática," das relações amorosas e sexuais entre a deusa e o seu filho.

O atentado sexual perpretado por Set contra Hórus é também mencionado nos Textos das Pirãmidce e num documento do Império Médio (cf, Broze, 1996, 91).

Esta atuação de Hórus é particularmente descrita, evitando que a semente de Set penetrasse o seu corpo. E este fato é de capital importância para a avaliação das intenções de Set e para a posterior decisão do conselho dos deuses. O ato de sodornia forçada foi tentado «quando a noite chegou». A «noite» é aqui sinónimo de tempo de descanso, de libertação das obrigações quotidianas, mas támbém de inquietação, de mistério, de luxúria e de estratagema. O que o bissexual Set pretendia nessa «noite» era adquirir, através do sexo, poder sobre o seu jovem parceiro-adversário. A violação a concretizar-se permitiria a Set demonstrar incapacidade do sodornizado e humilhado Hórus para herdar o poder, ou seja, para apresentar a si mesmo como útil e possível candidato ao trono do Egipto' Hórus não hesitou em se queixar à sua mãe que, como menciona a narrativa que ficou chocada e tirou imediatamente a faca, cortou a mão de Hóms e atirou-a para a água, substituindo-a por outras, Ao lançar o sémen de Set para a água, privou-o do seu poder sexual, ou seja, simbolicamente, desempenhou um acto de castração". Ao utilizar o sémen ejaculado por Hórus para regar as alfaces que serviam de alimento a Set e, assim, obrigá-lo inadvertidamente a engolir a semente de Hórus, Ísis agiu decisivamente em favor do filho. Set, vítima do seu próprio desejo pelo prazer sensual, passou então a representar o humilhado e o dominado. Pouco tempo depois, Set sugeriu a Hórus que voltassem ao tribunal para defender a causa. Logo que os dois chegaram à presença dos deuses, Set começou a vangloriar-se das suas altas proezas e ganhou uma opinião favorável dos nove deuses. Mas Hórus riu alto e pediu aos deuses que chamassem os seus respectivos sémens para ver de onde os mesmos responderiam. Tot pôs a mãos sobre Hórus e invocou o sémen de Set; este respondeu dos pântanos... ara alguns autores, a cópula homossexual invocada pelo mito pode derivar de uma pérfida tradição ancestral, segundo a qual os vencedores sujeitavam sexualmente os vencidos. Este episódio em que Ísis corta a mão de Hórus encontra-se também no capitulo 113 do Livro dos Mortos (Ré disse então: "É tempo de colocar os peixes sob o domínio de Sobek, pois foi ele quem encontrou o braço de Hórus no País dos Peixes) e nos Textos dos Samífagos (CT, I1I,349-352).

Foi o volte-face na situação, perpretado pela mágica e protectora Ísis: impregnado com o esperma do sobrinho, Set foi, então, por sua vez, ridicularizado pelos deuses e Hórus adquiriu poder sobre ele. O acto homossexual de Set, uma clara ameaça à ordem estabelecida, susceptível de fazer regressar o caos, foi condenado pelo tribunal", E os deuses-juízes do tribunal divino foram sensíveis à sorte dos litigantes e, finalmente, decidiram entregar o trono do Egipto ao único dos deuses-candidatos capaz de assegurar uma dominação impoluta e, assim, suceder a Osíris. Tudo (a morte de Osíris) começara com um acto sexual e a solução passava também pela esfera do sexual. Ao mito da ressurreição de Osíris acrescentou-se o mito da família patrilinear, centrado na relação de Ísis e de Hórus, e da legitimidade monárquica. O episódio essencial é, de facto, o julgamento do tribunal divino, que decide sobre a legitimidade do nascimento de Hórus, depois concede-lhe o trono de seu pai de preferência ao seu tio, porque o filho deve suceder ao pai, decide a assembleia, que impõe entretanto ainda aos candidatos uma estranha competição, uma série de ordálias, recordação sem dúvida de uma época mais primitiva".

Ao reclamar os direitos de herança, a atitude de Hórus é encarada como a intenção de construir e manter o ordenado equilíbrio e ritmo do universo. Set surge em oposição dialéctica com a ordem e a força disciplinada. Ele é o adversário maior do direito patriarcal defendido pelos Egípcios na época histórica. É por isso que o seu mito faz dele o chefe dos assassinos de Osíris e um homossexual cujos actos são estéreis. É por isso que a tradição lhe associará os elementos da esterilidade (o 'deserto, a tempestade) e fará dele o adversário do direito patriarcal considerado como justo no Egipto na época histórica pelo menos e finalmente o tipo do deus dos estrangeiros, na época do imperialismo egípcio".

Irmã, esposa, viúva e mãe ideal, Ísis é a sustentadora primordial da vida e do poder de seu filho - Iset, em egípcio, significa, «Trono», justamente o hieróglifo que ostenta sobre a cabeça escondendo-o dos desígnios ameaçadores do tio-rival Set, protegendo-o dos perigos ameaçadores da infância '(doenças, animais perigosos, subnutrição, etc.) e fazendo dele um jovem forte, robusto e ardiloso, capaz de lutar pelos seus direitos (Ísis ativou o crescimento de Hórus, 'desenvolvendo as suas forças. Com o tempo, Hórus venceu Set.

«Hórus ergueu-se como rei, vida, prosperidade e saúde! A Enéade está em festa, o céu em alegria! Enfeitam-se com grinaldas vendo Hórus, filho de Ísis Erguendo-se como grande governante do Egipto. Os corações da Enéade exultam, Toda a terra rejubila quando eles vêem Hórus, o filho de Ísis, Tomando o lugar de seu pai, Osíris, senhor de Busíris. O sucesso do filho de Ísis e de Osíris no processo militar e judicial de possessão e assunção ao trono egípcio, no fundo, a razão de ser de toda a acção de Ísis (desde a demanda do corpo decepado de Osíris até à cópula de recortes necrófilos e zoófilos passando pela mágica reconstituição do corpo do marido e pelo fabrico de um fértil pénis artificial e terminada na estimulação-manipulação fálica do próprio filho) justifica também que tenha sido declarado Hórus Iun-Mutef, «O pilar de sua mãe». Hórus passou, então, a ser faraó do Egipto, recebendo os títulos de «Hórus, senhor das Duas Terras», Hor-paneb-tauí ('r-plnh-tJwy), e Horsamtaui/Horsomtus ('r-smitJwy), «Hórus unificador das Duas Terras». O seu reinado tornou-se naturalmente o arquétipo para todos os faraós reinantes, quais «Hórus vivos».

Na antiga mitologia egípcia, sexo e sagrado estão intimamente associados. O relevo conferido à actividade sexual do deus criador pelas fontes egípcias, independentemente da sua origem ou tipologia, é uma forma de explicar a origem da vida e das suas múltiplas formas e cambiantes. No âmbito do erotismo demiúrgico, sexualidade é vida. No sistema iuniano, a génese e a origem das componentes essenciais do Universo, a ordem cósmica (três primeiras gerações) e da ordem terrestre (quarta geração), são entendidas sob o prisma da latente e diversificada sexualidade das suas criaturas divinas. Os sacerdotes de Iunu não conseguiram escapar a narrativas mitológicas fortemente marcadas pela presença da actividade erótico-sexual das suas divindades. Muitos dos episódios mitológicos são explicados, solucionados e **enquadrados através de problemas, atitudes e ações de matriz sexual.** Da mesma forma, outros relatos não escamoteiam comportamentos sexuais, digamos menos «ortodoxos» (como sejam o caso das

perversões sexuais, como o exibicionismo ou exposição dos genitais, o voyeurismo, a necrofilia, a bestialidade ou zoofilia), e não hesitaram em transferi-los também para o mundo dos deuses. Obviamente que as histórias eróticas dos deuses e das deusas do antigo Egipto resultam dos hábitos e das concepções sobre sexo e erotismo que os antigos Egípcios advogavam e da carga positiva ou negativa que estes lhes atribuíam. Estudar os antigos deuses é, desta forma, estudar os antigos Egípcios. As sagradas fantasias eróticas dos antigos deuses egípcios, as suas práticas 'sexuais preferidas ou fantasiadas (a solitária auto-satisfação demiúrgica, as diversas áventuras, desejos e traumas sexuais ou as suas fracassadas tentativas de violação) suas necessidades e carências afectivo-sensoriais (a proibição de copularem, em sentido concreto ou mágico-simbólico em contexto religioso, revelam como o sexo, o mais poderoso símbolo de fecundidade, de dominação, era fulcral na(s) sua(s) existência(s).

CAPITULO XVI - SOBRE O TERMO QADESH

Essa palavra em demótico tem a mesma raiz em muitas línguas semitas, incluindo o hebraico. É a raiz da palavra CONSAGRADO ou SANTO

Qadash, o termo para santo no Velho Testamento, é usado mais de 600 vezes, de muitos modos

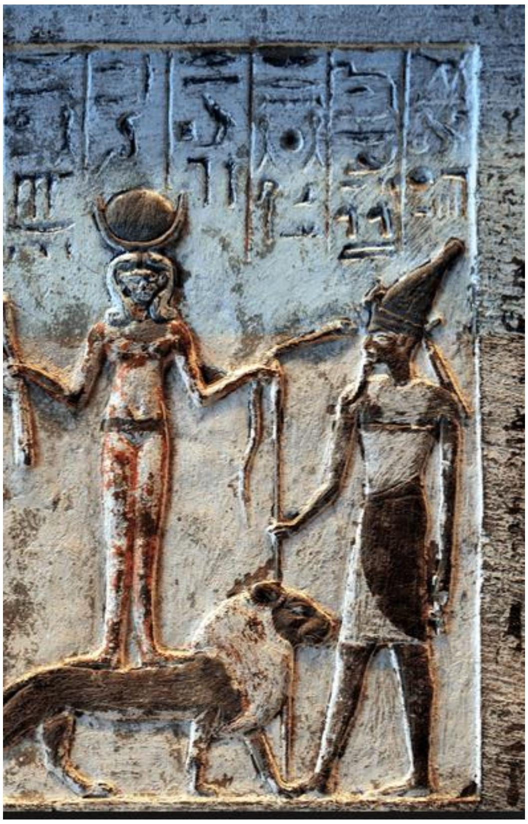
קֹדֶשׁ

Os escritores do Antigo Testamento usaram a palavra קֹדֶשׁ (kodesh), "separado", "santidade", "sacralidade", "posto à parte", vem do verbo קָדַשׁ (kadash) que significa "apartar", "celebrar", "consagrar", "dedicar", "purificar", "santificar". A palavra קֹדֶשׁ (kodesh) ocorre cerca de 470 vezes no AT.

Literalmente, *qadesh* (masculino) e *qdshah* (feminino), denotam **alguém que é sagrado ou consagrado**. *Qadesh* é usualmente traduzido como "sodomita", [33] relacionado com as práticas homossexuais e não relacionado com a cidade de Sodoma; o termo *qdshah* é normalmente traduzido como "prostituta" [34] ou "prostituta do templo". O autor argumenta que tais passagens bíblicas apresentadas anteriormente claramente ligam os *qdoshim* e as *qdshot* com a adoração de deuses detestados pelos seguidores de *Yahweh*, porém não comprovam nada sobre as suas atividades sexuais.

Em acádico, qadištu era uma sacerdotisa sagrada (que poderia ser ou não uma prostituta sagrada). Os funcionários do templo ugarítico incluíam os qdšm. Em Mênfis, um monumento erigido a Qudshu, uma deusa síria associada ao amor e à fertilidade, refere-se a ela como "a prostituta". Uma inscrição fenícia em Chipre, datada do IV século a.C, ao se referir a uma categoria de funcionário do templo que desempenhava um papel no serviço à deusa Astarte, identifica keleb como alguma espécie de funcionário religioso. No Egito existe uma placa da décima nona dinastia que mostra uma deusa, identificada como "*Qudšu*, a amada de *Ptah*", diante de um leão, segurando serpentes em ambas as mãos; uma estela similar, que diz "*Qudšu*, senhora do céu e senhora de todos os deuses", mostra a deusa diante de um leão, segurando uma serpente em sua mão esquerda. Estes registros sugerem que o leão deitado, a cobra segurada com a deusa pintada em uma placa da Winchester College collection, publicada por I. E. S. Edwards, apesar de ser identificada como uma deidade composta *Qudšu-Aštart-Anat*, é *Qudšu*, "a única sagrada" - e é bem **conhecida das fontes ugaríticas como um epíteto padrão de Asherah**. Numerosas outras representações, tanto egípcias quanto canaanitas, de uma deusa que sustenta cobras diante de um leão, enquanto não-escritas, presumivelmente também são pintadas como *Qudšul/Asherah*.

A figura abaixo é da representação egípcia da deusa da fertilidade, 2000 anos antes de Cristo.



(cortei a parte direita da figura porque tinha um sujeito nu 'feliz' demais com a deusa prostituta)

http://www.enenuru.net/sheshki/board/egypt/Qadesh_stele_upper_frame.jpg

Essa é uma representação canaanita, séculos após, 1300 anos antes de Cristo.



Estatueta de Astarte de 3400 anos de idade encontrada há 134 km de Jerusalém.



Qadesh (Qedesh, Cades, Qetesh, Qudshu), originalmente uma divindade semita cujo culto foi importado para o Egito durante o Império Novo. Ela era uma deusa da natureza, beleza e prazer sexual. Originalmente seu marido era o deus Reshep, uma divindade síria cuja adoração foi introduzida no Egito durante o Reino Médio. Quando seu culto se espalhou pelo Egito estava associado com o deus da fertilidade Min. Min e Reshep eram adorados como uma tríade com Qadesh no qual ela era ou a esposa de ambos os deuses ou a mulher do Reshpu e mãe de Min.

A MULHER SAGRADA

Expulsou da terra **as prostitutas (sagradas)** que **ainda restavam do tempo de seu pai**. **I Reis 22,47**

Não terás comércio com um animal, para te contaminares com ele. **Uma mulher não se prostituirá a um animal**: isso é uma abominação. **Levítico 18,23**

Até prostitutas (sagradas) houve na terra. Imitaram todas as abominações dos povos que o Senhor tinha expulsado de diante dos israelitas. I Reis 14,24

Qadesh foi originalmente descrita como uma mulher nua em pé na parte de trás de um leão (fora do Egito, por vezes, é um cavalo) com uma lua crescente em sua cabeça. Depois de sua adoção no panteão Egípicion ela foi mais comumente retratado vestindo a mantilha de Hathor ou um par de vacas chifres e um disco solar (também ligado com Hathor e o "olho ou Ra") e um vestido tight-fitting. Ela foi muitas vezes mostrada segurando cobras (pensado para representar genetália masculino) ou uma planta papiro (representando Reshep) na mão direita e flores de lótus (representando tanto genitália femininos ou Min) na mão esquerda.

O nome dela está intimamente relacionado com a palavra hebraica "qedesh". É frequentemente traduzido como "mulher santa" e refere-se às prostitutas sagradas do culto de Asherah conhecido como Quedeshot (a deusa da natureza semita que foi associado com Hathor no Egito). Na verdade, Qadesh às vezes é pensado como um aspecto de

Asherah, em vez de uma deusa distinta.

Não haverá prostituta [qdshah] dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita [qadesh] dentre os filhos de Israel. Não trarás salário de rameira [zonah] nem preço de cão [keleb] à casa do SENHOR, teu Deus, por qualquer voto; porque ambos estes são igualmente abominação [Tô`ëbâ] ao SENHOR, teu Deus. Deuteronômio 23:18-19

Porque também eles edificaram altos, e estátuas, e imagens de Asherah sobre todo o alto outeiro e debaixo de toda a árvore verde. Havia também sodomitas [qädëš] - forma singular qädëš cuja forma plural é qdoshim - na terra; fizeram conforme a todas as abominações dos povos que o SENHOR tinha expulsado de diante dos filhos de Israel. 1º Reis 14:23-24

Porque [Asa] tirou da terra os prostitutos cultuais [qdoshim] e removeu todos os ídolos que seus pais fizeram. 1º Reis 15:12

Também [Josafá] exterminou da terra os restantes dos prostitutos cultuais [qdoshim] que ficaram nos dias de Asa, seu pai. 1º Reis 22:47

Também [Josias] derribou as casas dos prostitutos cultuais [qdoshim] que estavam na Casa do SENHOR, em que as mulheres teciam casinhas para o ídolo do bosque [Asherah]. 2º Reis 23:7

Naditu

Apesar de Ishtar ser a deusa do amor e possuir vários amantes, ela não tinha filhos. **As hieródulas femininas que se autoconsagravam à deidade eram denominadas de *naditu*, estéril**,[78] devido às suas práticas sexuais que não resultavam na gravidez (como uma forma de imitação à deusa), já que, tanto a *naditu* quanto suas parceiras divinas, assim como seus equivalentes masculinos no sacerdócio, submetiam-se à penetração anal.

O termo kaleb – cão – então já dá uma pista do tipo de prática da prostituição cultual. As meninas VIRGENS permaneciam virgens, sem filhos, porque eram objeto de ato sexual que não as deflorava. Eram algumas delas, **prostitutas virgens**.

qadištu está, conseqüentemente, sob a mesma proibição de ter filhos, apesar de também poderem se casar. Casos como quando um homem pode tomar uma delas como sua esposa - "por ele tê-la amado, apesar dela ser uma hieródula" – não era nada incomum. Isto é tão significativo para elas (as hieródulas) que a grande deusa do amor (Ištar) de quem as hieródulas tomaram o seu nome *Ištaritu*, também era chamada *d[Ištar qà]-diš-ti ilani rabûli* ("a hieródula dos grandes deuses"), cuja ausência de filhos lhe permitia numerosas aventuras de amor.

Astour, estudioso de linguística assíria, percebe que parece que a maioria das

sacerdotisas e hieródulas (consagradas – do grego - hyeros- 'sagrado') viviam em edifícios especiais relacionados aos templos e chamados *gagú* (gá. g i 4 . a), mas elas também poderiam viver de maneira privada (Código de Hammurabi, parágrafo 110).[89] De acordo com as leis de Lipit-Ištar, parágrafo 22, "se o pai estiver vivo, sua filha, se ela for uma n i n . d i n g i r (=*entu*), uma lukur (=*naditu*), ou a n u . g i g (= *qadištu*), viverá em sua casa como uma herdeira."[90] Porém, a sacerdotisa ou hieródula, como afirmou o Código de Hammurabi,[91] **pode não ter herdeiros**; (parágrafos 178-181) e tudo termina com a afirmação: "a sua herança pertence aos seus irmãos". Astour afirma que apenas com uma autorização escrita pelo pai (encontrada no parágrafo 179; ao discorrer sobre a *naditu*, que era a mulher consagrada ao deus babilônico Marduk em uma situação na qual ela não possuía autorização escrita, encontrada no parágrafo 182), uma mulher consagrada poderia "dar a sua herança a quem sempre lhe agradou (pessoas que ela goste ou de sua confiança)"; porém, os seus herdeiros naturais (seus próprios filhos) não são mencionados. **A única alternativa para tal mulher "prover seu marido com crianças" é dá-lo a uma mulher escrava para "produzir crianças**" (parágrafos 144, 145, 146) – exatamente como no ato de uma mulher fisicamente estéril nas histórias patriarcais de Gênesis; ou o marido poderia tomar uma concubina adicional (šU.GE4-tum).[92]

Astour conclui que como a castração ou esterilização de mulheres era desconhecida e tecnicamente impossível na Antigüidade, as sacerdotisas ou hieródulas poderiam evitar a impregnação apenas **ao utilizar métodos não convencionais de penetração**.



Asherah, também conhecida como Astarte e Ashtoret, era uma das divindades femininas do panteão cananeu, que apesar de ser **muito instável em personalidade** e função, representava a mulher principal no culto da fertilidade. Ela **era retratada como uma cortesã sagrada, uma mulher grávida ou até mesmo como uma deusa da guerra, sedenta de sangue.**

Destaca-se que Asherah é a consorte de El, que participa de sua dignidade e é adorada como "a criadora dos deuses" – e pode interceder efetivamente diante de El a favor das outras deidades. A deusa mais parecia com uma matrona que passou da época da concepção e do parto e, mesmo com a polaridade freqüentemente encontrada na

natureza dos deuses cananeus, isto não impedia que ela fosse pintada ao dar à luz e ao amamentar.

A participação da Asherah como mulher principal no culto da fertilidade correspondia às forças da natureza que foram reativadas e que seria assegurada a desejada fertilidade do solo, dos animais e dos homens. O culto cananeu relacionado com a Asherah**, segundo era caracterizado pela prostituição dos deuses, pelas práticas homossexuais e por vários ritos orgíacos. a deusa Astarte corresponde à deusa babilônica Ishtar e é mencionada freqüentemente nos textos culturais e litúrgicos de Ugarit.** Nas escavações da cidade de Ugarit existem numerosas representações pictóricas de deidades femininas com pronunciados atributos sexuais e que, pelo menos uma parte delas, provavelmente representa Astarte, o que evidencia, a partir de tais descobertas, que **era admitida a difusão de muitos cultos das deusas-mães**

Inana era a deusa mais poderosa e ambiciosa do panteão sumeriano. Grande parte desta energia resultou de seu papel como a deusa do amor sexual e da fertilidade agrícola, a relação entre os dois era transmitida em metáforas que igualam o 'fazer amor' com o cultivo de plantas e **satisfação sexual** com o gado fecundo. Seu parceiro nestas celebrações era o pastor-deus Dumuzid, embora este papel masculino fosse muitas vezes tomadas pelo rei que estabelecia assim a sua responsabilidade pastoral para a seu rebanho (humano), proximidade com o divino, e contribuição para a agricultura, a base econômica na qual a civilização urbana foi baseado em Dumuzi e Enkimdu o pastor deus viés com sucesso com o agricultor, durante o afetos de Inana, com quem ela fora inicialmente ferida. O relacionamento entre Inanna e seu amante é comemorado com alegria e liricamente em canções com as jóias e numa canção de amor para Su-Suen. No entanto, a paixão pode ter mais de um objeto de desejo, já que 'emoções' assumem muitas formas, como a Canção bíblica de Cânticos nos lembra, **"o amor é tão forte como a morte** '.

RELIGIÃO DA ANTIGUIDADE.

Um hino dedicado à divindade, disponível no acervo do Corpo Eletrônico de Literatura Sumeriana, da Universidade de Oxford, traz as características associadas à noite e atribui à deusa a função do prostíbulo, eis o trecho:

(...) Como uma prostituta que você vai até a taberna (...). Quando os servos deixam os rebanhos soltos, e quando o gado e ovelhas são devolvidos ao curral e o aprisco, então, minha senhora, como os pobres sem nome, você veste apenas uma única peça de roupa. As pérolas de uma prostituta são colocadas em torno de seu pescoço, e você provavelmente solicita um homem na taverna.

(...) Inanna, você é a senhora de todos os poderes divinos, e nenhuma divindade pode competir com você. Aqui você pode habitar, Ninegala; deixeme falar de sua grandeza. À noite, quando as estrelas retornam juntas mais uma vez e quando Utu entra em seu quarto, quando no céu, Inana, você brilhar grandemente como fogo, e quando na Terra, Ninegala, você chiar como um alcão, então você ...... em jogo e dança!

O mito Inanna e Enki , por exemplo, aponta traços de seu aspecto erótico, nesse trecho do documento a deusa contempla seu poder feminino antes de seguir com seu plano de possuir as Medidas Sagradas:

(...) Ela colocou o Su-gura, a coroa deserto, em sua cabeça. ...... Quando ela foi até os campos do pastor, para o aprisco das ovelhas,...... seus órgãos genitais eram notáveis. ...... Seus órgãos genitais eram notáveis. Ela elogiou a si mesma, cheia de prazer pela sua vulva, ela elogiou a si mesma, cheia de prazer pela sua vulva. Ela olhou para ......, ela olhou para .....(...).45

A literatura dessa divindade era cheia de erotismo, de desejos velados ou explícitos, como esse trecho do mito A corte de Inanna e Dumuzi:

Ele esculpiu meus quadris com suas doces mãos,

O pastor Dumuzi encheu meu colo com creme e leite,
Ele acariciou meus pelos púbicos,
Ele aguou meu útero.
Ele tocou com suas mãos em minha sagrada vulva,
Ele alisou minha nau escura com seu creme,
Ele tocou minha nau estreita com seu leite,
Ele me acariciou-me no leito.
Então eu acariciei o alto sacerdote no leito,
Eu acariciei o fiel pastor Dumuzi,
Eu acariciei seus quadris, a força do pastoreio da terra,
Eu decretei um doce destino para ele.

Inanna foi, portanto, uma deusa ambígua, que acumulou poderes e funções, que rompeu com as esferas pré-estabelecidas do espaço masculino e do lugar para o feminino. Guendolyn Leick acredita que Inanna representava o erotismo presente na vida das cidades, "a qual se aparta do rigoroso controle social da sociedade tribal ou da aldeia. Ela frequentava tavernas e cervejarias, onde homens podiam encontrar mulheres solteiras e dela se dizia que vagava pelas ruas de Kulaba em busca de aventuras sexuais"

No trecho que segue, Inanna é chamada de senhora das mulheres, e louvada por sua olúpia e sedução, apontando não só para seu sentido erótico, mas também para sua personificação como doadora de vida:

Cantai a deusa, a mais augusta das deusas!
Glorifique-se a senhora dos povos, a maior entre os Igigu!

Cantai a Ishtar, a mais augusta da deusas!
Glorifique-se a senhora das mulheres, a maior entre os Igigu!
Ela que é toda alegria, está revestida de amor,
Está cheia de sedução, encanto e voluptuosidade.
Ishtar, que é toda alegria, está revestida de amor,
Está cheia de sedução, encanto e voluptuosidade.
Doces são seus lábios, sua boca é a vida.

Consequentemente o ‘fervor’ de Inana se estende além das fronteiras do amor sexual e seu **poder exultante manifesta-se em raiva e guerra**, sendo o sucesso militar um fator essencial para um governante da Mesopotâmia.

É relatado esse aspecto aterrorizante da deusa Inana em um hino à Inana. Em certo cantico "sua ira é aproveitada pelo rei contra seu inimigos’ em outro, ela ‘se volta contra a sacerdotisa En-Hedu-ana’. **Sexo e morte estão intimamente entrelaçados nas narrativas da ‘descida de Inana para o Submundo’** e no ‘sonho de Marduque’, cantos religiosos da suméria que estão inter-relacionados. Num certo poema Marduque está preocupado com a tentativa de Inana de **ampliar a sua governança para o Submundo**, contando com seu confinamento lá e que a liberação desta ‘terra sem retorno’ unicamente possa acontecer na condição de que ela seja substituída por outra divindade. (no final do cântico Marduque e sua irmã Gestin-ana tomam a governança do universo em alternância). Outro poema fornece uma visão diferente – com a captura de Marqduque por demônios do submundo. Estes textos sagrados exploram paralelos entre si. Por um lado, o que acontece com divindades e por outro, a fecundidade e ciclo das estações com as quais foram associados, sendo **o mundo humano retratado como um complemento indissociável com o divino**.

Evidências inscricionais também demonstram a associação da Asherah com serpentes, tais como os textos proto-Sinaíticos nos quais ela é chamada de "**Senhora da Serpente**". Eva em Gênesis 2:4b-3:24 **é a figura desmitologizada de Asherah**,[186] em **que Eva, como Asherah, representa fertilidade ("a mãe de todos os seres viventes**"; Gênesis 3:20). Significativamente, esta Asherah "semelhante a Eva" está associada com a serpente. **O culto de Ishtar, cujas origens são encontradas no culto sumério à deusa Inanna, possui paralelos próximos ao culto canaanita à deusa Asherah e ao culto egípcio a Ìsis.** Existem similaridades entre a profecia assíria e a profecia bíblica. A adoração de ‘Asherah na corte de Judá, para a maioria dos reis e rainhas davídicos estava relacionada ao Antigo Oriente Próximo, estando relacionados ao mito de Omphalos: forças ctonianas (Mitologia grega, diz-se dos deuses que residem nas cavidades da terra), a cobra sagrada, o rito solar, a prostituição masculina, e a bissexualidade. As representações de serpentes aparecem juntas com as da deusa Asherah em Ugarit, em Bethshan, em Beit Mirsim, em Hazor, bem como em muitos outros lugares da Síria e de Palestina.

A forma feminina de Asherah nela mesma, assim como sua similaridade na ortografia em um som para ‘Ashtart, a deusa-mãe, determinam uma concepção feminina.

O sacerdócio feminino na Suméria teve início com Sargão de Akkad e sua filha Enheduana como a primeira sacerdotisa, estando ligado à antiga adoração da Deusa-Mãe ou Deusa da Fertilidade como também era conhecida. Na Suméria esta deusa era conhecida pelos nomes de Inana e Ishtar.

Conta um mito sumeriano que Sargão teve um sonho onde é favorecido pela deusa Inana , tornando-se o governante e a partir deste momento passa a prestar culto a ela, através de Enheduana sua filha. A sacerdotisa passa a ser a representante de Inana na terra.

O poema a seguir assemelha-se a uma redação de diário e descreve a imagem que Enheduana tem da deusa Inana:

> Senhora de todas as essências, cheia de luz, boa mulher, vestida de esplendor, que possui o amor do céu e da terra, amiga de templo de An, tu usas adornos maravilhosos, tu desejas a tiara da alta sacerdotisa cujas mãos seguram as sete essências. (QUALLS-CORBETT, 1990, p.33)

Sargão ao unificar a parte sul da Mesopotâmia a região de Acádia (futura Babilônia) **passa a reconhecer Inana também por Ishtar**, nome que a deusa assume na Babilônia.

Com o tempo, essa deusa mãe da fertilidade ganharia vários nomes: **Inana** na antiga Suméria, Ishtar na Babilônia, Anat em Canaã, Ísis no Egito e Afrodite na Grécia

As sacerdotisas como seguidoras da Deusa a cultuavam em ritos de adoração que simbolizavam a fertilidade tanto do solo como da população. Os ritos eram realizados em templos altos conhecidos como Zigurats, que eram construções suntuosas que se assemelhavam a montanhas. As montanhas tinham grande importância entre os sumérios, pois representava um ponto de passagem ou transição de um mundo para o outro. (CARDOSO, 1999, p.93)

Uma das liturgias de Ras Shamra desse período traz um completo conteúdo do ritual do casamento sagrado no qual **as *qdshot*** funcionavam como as esposas de El

A descendência sagrada, cuja característica da ideologia do culto da fertilidade tem sido desenvolvida sobre a crença da propagação da vida humana e, sobre certas condições, supostamente poderia ser controlada pelos deuses, traria maior produtividade aos campos e grupos e ainda traria prosperidade ao grupo social. Esta idéia, traduzida na ação pela magia sincronizada, é ao menos um dos fatores fundamentais que ocasionaram a prevalência da prostituição sagrada. Brooks salienta que os prostitutos foram pessoas dedicadas aos deuses considerados oficiais de culto. Especialmente nos festivais, pelo laicado **sinceramente acreditar que a penetração nessas pessoas podia curar a esterilidade nos seres humanos, de animais e da terra, e que pela atual união com os representantes humanos da deidade, eles poderiam receber auxílio dos deuses que trariam prosperidade para a humanidade.**

Brooks propõe que uma imensa quantidade de evidências sobre o assunto tem sido coletada por diversos estudiosos da sociedade, tais como Westermarck, Sir James Fraser, Sumner, W. R. Smith, S. A. Cook, Marett e Malinowski. Os filhos dos que estavam unidos através do culto, seja por matrimônio regular, ou por matrimônio temporário, ou pelos excessos ocasionais de festivais importantes, eram considerados como as crianças dos deuses e desta forma, sagradas. Por isso, sua posição no grupo social era considerada única, exclusiva. A origem de muitos heróis, histórica ou mitológica, tradicionalmente reivindica essa natureza.

Porém, haverá uma 'contenção' destas numa casta para que jamais 'concorra' com a reivindicação real de descendência divina.

A "ausência de um pai" - o Código Deuteronômico demonstrou muita preocupação em

que o sentimento hebreu exige caridade para os "sem-pai", assim como para as viúvas bem como para o estrangeiro. Como também estas três classes são mencionadas como merecedora da justiça, da piedade e do socorro. Em Salmo 68:5, Yahweh é "o pai dos sem-pai". Muitas das crianças de culto foram provavelmente adotadas por causa da esterilidade do casal; acreditava-se que esta traria a boa sorte à família para ter uma descendência dos deuses – ou ainda porque o templo era incapaz de sustentá-las e, desta forma, os funcionários estimulavam a prática da adoção. Brooks considera que **o único caso específico de adoção na Bíblia Hebraica é o de Jefté** – não era esperado que ele herdasse a propriedade do seu pai como os outros irmãos. Assim, ele era o filho de uma *zonah* e seus irmãos o expulsaram, porque ele era "o filho de uma prostituta". Brooks enfatiza que Feigin demonstrou que Jefté tinha sido adotado e o versículo de Juízes 11:1 é traduzido da seguinte forma: "E Jefté, o gileadita, era um valioso guerreiro; mas era filho de uma mulher, uma prostituta, Gileade o adotou".[277] Entre os hebreus era usual dar nomes simbólicos para crianças nascidas sob os auspícios do culto; como por exemplo, as crianças de Oséias, a descendência da *'almah* em Isaías 7, a criança de Isaías pela "profetisa" e provavelmente Samuel.

Brooks continua a afirmar que a *zonah* é mais freqüentemente mencionada do que outras classes de mulheres, que tinham sido consideradas como ligadas ao culto da fertilidade. A raiz verbal é utilizada por toda a Bíblia Hebraica para expressar a propensão de Israel a adorar deidades estrangeiras; "Israel tem agido como uma prostituta" ou tem "corrido incessantemente atrás dos outros deuses".

A Bíblia Hebraica, dá maiores informações a respeito da *zonah* do que sobre qualquer outra classe das então chamadas mulheres sagradas. Elas recebiam pagamento (*ethnan*) dos seus patrões, que consistia em comida e roupas. Brooks corrobora que o *ethnan* era **análogo ao preço de uma noiva** e era uma das fontes de solução para o sustento do comércio local e de pessoas que viviam dentro destes recintos. Elas se ornavam deslumbrantemente com vestes escarlates, muitas jóias e cosméticos. (De acordo com Provérbios 7:10 e com a história de Tamar, elas poderiam ser reconhecidas pelos seus vestidos. Possivelmente o seu cantar atraía atenção, e possuíam uma marca especial na testa que as diferenciava das outras. Elas eram encontradas pelas calçadas "em todos os vales altos e debaixo das árvores verdes", pelos utensílios e no chão trilhado. Viviam pelos portões da cidade (Tamar, Ezequiel 16:25 e Provérbios 7:12 Jeremias 2 20 Ezequiel 16 23 Oséias 9:1) (Rahab) ou nas suas próprias casas. Elas às vezes se casavam (Gomer), apesar do marido da *zonah* ser condenado em Oséias 2: 4, Ezequiel 16:1

O véu feito por Tamar tende a provar que a *zonah* era uma prostituta sagrada. O véu significava que a mulher pertencia a algum homem como esposa ou filha. O Código Assírio estipula severas penalidades impostas a certas classes de mulheres que não punham o véu em suas cabeças quando estavam nas ruas. A filha não deve apenas cobrir a face com o véu, mas a cabeça inteira escondida com drapejamento. A mulher casada e possivelmente a *sugêtim* ou concubina deveriam ter suas cabeças cobertas; a mulher cativa, a *qadištu* casada e a mulher impura deveriam ser veladas. Brooks declara que o Código especificamente afirma que a *Harimtu*, **uma prostituta secular, deveria estar sem o véu**

e ter a cabeça descoberta, a *qadištu* não casada deveria ter a cabeça descoberta e a garota escrava deveria estar sem o véu. Jastrow, M.. "*Veiling in Ancient Assyria*".Revue Archeologique Série 5, XIV, 1921, 209 ff., afirmou que o Código Assírio indica que a intenção original do velar a face erma para significar que a mulher pertencia a um homem. **A prostituta sagrada como uma possessão de uma deidade** era sem sombra de dúvida comumente velada no Oriente Próximo. **"Você tem a testa de uma prostituta e você não apagará para a sua vergonha**" O que distingue a característica, não é indicado em nenhum lugar da Bíblia Hebraica**. As devotas de Ishtar foram às vezes marcadas na testa ou na mão com o sinal de uma estrela**. Sobre a *shirkuti* babilônica, discutida por Dougherty, (Yale Oriental Series, Researches, Vol 2) tudo indica que ela tenha recebido esta marca. Elas foram dedicadas à deidade e definitivamente ligadas com o templo, mas não há nada que indica que elas foram prostitutas sagradas**. Uma é lembrada de Isaías 44:5 "Outra escreverá na sua mão, 'do Senhor'."** Meek, The American Journal of Semitic Languages and Literatures, Apr., 1923., XXXIX, 10 diz que **o tatuar nas mãos e no corpo do noivo em Cântico 5: 14 faz lembrar o fato de que os sacerdotes de Adonis semelhantemente tatuavam a si mesmos nas mãos.**

A Grande Deusa, **inicialmente conhecida como Inana**, mais tarde como Ishtar, dominava todo o berço da civilização no antigo Médio Oriente desde o início da História até cerca de 3.000 a.C.; e por todo o lado onde era adorada, a prostituição sagrada era um ponto fulcral do ritual sagrado. A **própria deusa Ishtar era identificada como prostituta**, e estando os templos (que ainda eram centros do poder religioso, político e económico na Mesopotâmia) cheios de sacerdotisas-prostitutas, o estatuto das prostitutas era elevado. Os diversos graus de sacerdotisas-prostitutas estavam bem documentados pelos babilónios (aproximadamente 2.400 a.C.), que registaram que as sacerdotisas da deusa Ishtar do grau mais elevado, **as entu, deveriam estar ao mesmo nível dos mais altos sacerdotes**. Tínhamos então **as entu e as naditu** inquestionavelmente sacerdotisas de mais elevado grau; abaixo delas existiam **as qadishtu** (à letra: mulheres sagradas) e as **ishtaritu**, cujas vidas e trabalho eram especialmente dedicados a prestar serviço à deusa Ishtar. Havia ainda uma classe de mulheres chamadas de harimtu, que alguns historiadores descrevem como prostitutas semi-seculares; o que provavelmente significa que trabalhavam tanto no interior dos templos como nas ruas. As harimtu que trabalhavam fora dos templos foram as primeiras prostitutas de rua da História, operando como independentes e numa base comercial. Ainda assim persistia a ligação entre sexo e religião, uma vez que as prostitutas de rua continuavam a ser vistas como mulheres sagradas, protegidas por Ishtar, e os seus rendimentos vinham sob a forma de oferendas em nome da deusa (Roberts, 1996).


APOLO





Zigurate de Ur dos caldeus.



Torre da mesquita de Samarra – influencia da arquitetura Babilonica.

A Prostituição Sagrada ou *Hierà Porneía* era um fenômeno religioso, restrito aos templos e locais sagrados, como forma de culto a Afrodite, deusa grega da paixão. Através de relações sexuais com as *hierodoúlai* (servas sagradas), em honra à divindade e mediante a pagamento, gregos e viajantes buscavam o prazer e contato com o transcendental. Acreditava-se que elas eram esposas dos deuses e, portanto poderiam lhes conceder bênçãos, proporcionar fertilidade e prosperidade, além de poder interpretar as vontades divinas. Na Grécia, conforme registros históricos, haviam centros de prostituição sagrada nas cidades de Corinto, Pafos e Ámato, em Chipre.

Não raro, garotas começavam a se prostituir já aos doze anos, sacrificando a sua virgindade em forma de louvor e devoção, buscando serem agraciadas pela deusa. Algumas vezes,

inclusive, a prostituição sagrada era uma forma de se obter dinheiro para o dote do casamento

Havia também a crença de que Afrodite encarnava nessas mulheres e, desta forma, ocorreria uma junção do físico com o espiritual, provocando um sentimento misto de desejo e respeito nos homens e proporcionando um bem-estar que não era sentido fora desses templos:

Essa crença é base também nas Devassis acima de 44 anos que visitam fiéis em suas causas e agindo como médiuns ou intermediárias da divindade.

O desejo sexual é profundamente intensificado pelo mundo espiritual. Temos as antigas religiões eróticas para nos lembrar dessa realidade.

Nos vales e pelas estradas de Israel os moradores cravavam postes ídolos, de madeira ou pedra, que eram postes com inscrições sagradas e partes esculpidas ou adornadas de divindades. Estes postes assumiam outras formas menos idôneas em milhares de locais.



Grande parte da religião da antiguidade era erótica, significava a existência de prostitutos e prostitutas cultuais que ofereciam-se em cerimoniais que envolviam atos sexuais explícitos. A prostituição ocorria porque a pratica de sexo com os sacerdotes ou sacerdotisas do templo gerava a obrigação de ofertas que eram depositadas nos templos e utilizadas pelo sacerdócio daquele determinado templo, Começamos a visualizar a parte oculta, nefasta e absurda, a história que estava por detrás de todas as peças erguidas em milhares de locais. Por milhares de anos. Parte dos postes ídolos tinha forma fálica. Há uma triste lembrança deste fato numa visão dada a Ezequiel.

*3 Ele estendeu o que parecia um braço e pegou-me pelo cabelo. O Espírito levantou-me entre a terra e o céu e, em visões de Deus, ele me levou a Jerusalém, à entrada da porta do norte do pátio interno, onde estava colocado **a imagem que provoca ciúmes de** Deus. Ez 8.3*

A imagem de ciúmes seria ou uma representação fálica ou uma imagem de uma divindade canaanita, possivelmente Aserá, que era uma deusa da fertilidade, com imensos seios

CAPITULO XVII – COMO O MUNDO É REPRESENTADO PELO EGITO

“O mundo” é um termo bíblico que é usado por Jesus para se referir a sociedade humana, muitas vezes, absolutamente corrompida.

João 7:7

“O mundo não vos pode odiar, mas ele me odeia a mim, porquanto dele testifico que as suas obras são más. ”

Embora se refira também ao planeta como um todo, sua biologia e geografia, espiritualmente falando, o termo “mundo” refere-se ao sistema mundano, aos valores e crenças, aos costumes e atos humanos, numa sociedade que é envolvida por práticas mágicas e míticas, onde habita a injustiça, a devassidão, a maldade humana exercida em todo seu vasto repertório, a escravidão e o amor desenfreado ao dinheiro.

Em contraste com os valores deste mundo, Jesus nos apresenta uma ordem superior, que possui um SABEDORIA diferente.

I Coríntios 2:6

Todavia falamos sabedoria entre os perfeitos; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam;

A partir da interpretação espiritual do Êxodo, da libertação de Israel através de Moisés da escravidão egípcia, o termo Egito será interpretado, pela Igreja de Cristo como uma representação do mundo. O livro de Hebreus revelará que Moisés realizou uma difícil escolha, permanecer como filho da realeza egípcia ou assumir sua condição de origem estrangeira de um povo escravizado, viver a mentira e ocultar sua identidade e se tornar o próximo faraó, ou expor sua condição e arriscar perder tudo, até mesmo a vida. E na louca escolha que fez, encontrou-se com Deus no monte Sinai.

Hebreus 11:26

Tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito; porque tinha em vista a recompensa.

O Egito é “muito mais mundo” do que podemos imaginar. Ele é representado no dia a dia em que vivemos, na cultura, nas relações internacionais, na origem e desenvolvimento de inúmeras religiões da antiguidade, muitas destes presentes até os dias atuais, estando configurado em práticas funerárias, ritos mortuários, nos conceitos sobre a morte, no medo dos fantasmas, nas artes de amuletos e talismãs, em práticas divinatórias, de misticismo e magia, estando difuso até na etnografia na linguística e até no desenvolvimento matemático das nações.

Por 549 vezes o termo “Egito” aparecerá nas Escrituras, 296 vezes o termo “faraó” será encontrado na bíblia. O Egito estará presente em “Bereshit”, “no princípio” o livro de Genesis até o final da revelação do cânon bíblico, no livro de Apocalipse

do Novo Testamento, que significa em grego revelação, sendo citado pelo menos em 33 livros do conjunto de 66 livros que formam as Escrituras.

Muitos atos proféticos e operações espirituais que acontecem na terra moderna estão relacionados ao mundo do antigo Egito. O Egito representa o mundo espiritual terreno. Talvez em virtude disso, muitas profecias estão repletas de significados, de conteúdo, de representações e simbolismos que só podem ser apreendidos à luz da cultura egípcia. Como se Deus permanecesse falando hoje aos sacerdotes egípcios do passado. Como se os faraós permanecessem vivos. Como se o Egito da antiguidade, em seu apogeu, estivesse ainda erguido e em plena operação.

O *evangelho* do Egito antigo é uma síntese da religião da antiguidade, cuja base era o desejo sexual elevado a categoria do sagrado. O desejo sexual dos deuses e deusas insaciáveis imitava as paixões humanas, os desejos e fantasias eróticas, os dramas sexuais representados em cenas de incesto, sedução, abusos, adultérios, fornicações, amores probidos e toda espécie de estratagemas relacionados ao romance e ao desejo. Os romances proibidos dos deuses e deusas terminava algumas vezes em homicídios, em mortes e lamentações. A vida e a morte se relacionavam como o desejo sexual, e as forças dos cosmos, incluindo a fertilidade da terra, dos animais e da humanidade se fundiam, gerando cultos de caráter erótico, onde as forças que constituem o cosmos se relacionavam também com a força dos desejos humanos, principalmente a força do desejo compartilhada entre os homens e os deuses. Nas mitologias dos povos antigos há dezenas de histórias românticas e eróticas, tragédias humanas

O universo espiritual compõe um mistério. Um grandioso mistério no qual os magos do Egito resolveram tentar entrar sem o apoio de gente especializada. O nome desse tipo de pessoa é denominado nas Escrituras de profeta.

O Egito será um dia colocado contra a parede, ele e toda sua ortodoxia, toda sua cosmogonia, toda sua cosmovisão, toda sua teologia. Seus mitos, suas crenças, seus rituais, seus valores espirituais e principalmente, seu arcabouço mágico.

Quando Moisés se manifestar ao Egito estará sob à serviço de Cristo. Será seu precursor para demonstrar ao Egito uma parte dos verdadeiros mistérios divinos. Poder divino contra poder mágico. Sabdeoria de Deus contra Sabedoria egípcia. Mistérios divinos contra aqueles que se diziam detentores de conhecimentos espirituais inalcançáveis, inefáveis. Os magos se diziam conhecedores de nomes divinos ocultos à humanidade, dos quais somente sua tradição hermética, fechada, exclusiva havia recebido diretamente dos deuses tutelates egípcios.

Jesus será então um gigantesco contraste. Por isso assim se expressa o apóstolo: "Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória." (I Tim 3.16).

O Egito representa de modo extraordinário a civilização humana e seu universo de contradições. Sua mitologia e mágica influenciarão diversas religiões e culturas.

A religião egípcia possui vários estágios, assim como o desenvolvimento de sua civilização. A antiguidade egípcia é de caráter macabro, compartilhando antigas práticas mágicas que ficaram lembradas ou tipificadas em vários hinos antigos. O pre-Egito ou o Egito pre-dinástico, conheceu práticas como sacrifício humano e até canibalismo ritual. Algumas pirâmides compartilham figuras de escarvos, prisioneiros decapitados, que foram usados como oferendas ou ofertas de consagração dos túmulos, tempos e obeliscos sagrados. Há iconografias onde são mostrados corpos sem cabeça e também foram encontrados corpos desses "sacrifícios humanos" decapitados. Existe outra prova indireta deste inicio macabro de religiosidade que reemete a época de Abraão, compartilhado pelos povos da mesopotamia. As navegações egípcias, israelitas, fenícias, gregas e chinesas cruzaram os mares. Os antigos habitantes das américas podem ter se originado ou se misturado a sobreviventes de antigas expedições destes povos que chegaram em épocas diferentes aos continetes. As similaridades entre as culturas astecas, maias a arquitetura, costumes, templos, construções egípcias é impressionante. As tradições de mumificação dos povos peruanos, as tradições de canibalismo das tribos indígenas brasileiras, mais as diversas similaridades linguísticas ao antigo egípcio, os artefatos peruanos com similaridades aos artefatos chineses, apontam para um compartilhamento de saberes de épocas distintas de várias culturas.

CAPITULO XVIII - ASSIMILAÇÃO GREGA DA RELIGIÃO EGÍPCIA

Ao longo de grande parte do Livro II de suas Histórias, Heródoto frequentemente faz comparações entre divindades egípcias e gregas e chega a identificar os deuses egípcios com uma contraparte grega. Ao se referir ao templo de uma divindade egípcia em uma cidade egípcia, Heródoto geralmente chama a divindade por um nome grego. Quando realmente usa o nome egípcio, ele também tende a fornecer o equivalente grego.

Zeus tebano

Uma das divindades mais mencionadas no relato de Heródoto sobre o Egito é "Zeus Tebano". Heródoto deixa bem claro que Zeus é conhecido como Amon entre os egípcios. Ele relata um mito que ouviu dos egípcios em Tebas, o centro de culto do deus de cabeça de carneiro Amun, onde Heracles 3 tenta convencer Zeus a revelar sua verdadeira forma para ele, mas Zeus resiste e inventa um meio pelo qual em torno da questão. Zeus descasca um carneiro e corta sua cabeça;

depois, segurando a cabeça diante dele e cobrindo-se com o velo, ele se mostrou a Heracles. Esta história explica porque os egípcios representam Zeus com uma cabeça de carneiro - uma prática que se estendeu aos amonianos, que são uma colônia conjunta de egípcios e etíopes ... Até onde eu posso ver, os amonianos também levaram o nome deles a circunstância; para Amun é o nome egípcio de Zeus.

Depois de um longo relato da prática egípcia de sacrifício de touros, Heródoto menciona que "as estátuas de Isis mostram uma figura feminina com chifres de vaca, como as representações gregas de Io". Ele não especificamente iguala Io a Isis nesta passagem ou em qualquer outro lugar no texto, mas talvez esteja recorrendo ao seu conhecimento das lendárias aventuras de Io como motivo para postular a similaridade entre ela e as imagens de Ísis. Segundo o mito grego, Io veio a ser reverenciado no Egito como Ísis. Heródoto coloca seu esforço simplesmente em afirmar características representacionais bovinas semelhantes às deusas. O valor específico dessa passagem é que Heródoto demonstra uma metodologia possível para associar divindades egípcias com as dos gregos. Uma associação ou equação é feita aqui com base em uma aparência antropomórfica similar das divindades, mas esta não é a única razão por trás da equação das duas deusas (ou deusa Ísis e heroína Io). Examinando de perto o simbolismo e as lendas das duas figuras, vemos um elemento iconográfico e mítico mais comum, que, na tradição estreita de Io , parece ter sido o motivo de sua equação entre os gregos.

Duas frases da passagem acima podem nos ajudar a discernir como Heródoto concebeu a relação entre deuses egípcios e gregos. Heródoto explica por que "os

egípcios representam Zeus com a cabeça de um carneiro". Ele não afirma que os egípcios representam seu "Zeus" ou seu deus principal com uma cabeça de carneiro, mas especificamente iguala Zeus com o deus com cabeça de carneiro de Tebas, Amon. Além disso, Heródoto afirma que "Amun é o nome egípcio de Zeus". Novamente, encontramos uma equivalência direta entre as identidades de Zeus e Amun, em vez de uma mera semelhança. Enquanto Heródoto identifica claramente Zeus com Amon, no entanto, as numerosas aparições de seu nome no contexto oferecem poucas evidências para sugerir por que as duas divindades foram consideradas uma sob nomes diferentes. Ele reconhece a diferença na representação de Zeus / Amon entre os gregos e egípcios e não oferece nenhuma explicação plausível para a equação dos dois.

Heródoto tira grande proveito da oportunidade de reprimir sua crença de que os gregos adotaram muitas características e figuras do panteão egípcio:

" Que Heródoto afirma a probabilidade de que os "nomes de quase todos os deuses vieram da Grécia para o Egito" não é surpreendente, pois a tradição grega considerava o Egito uma das civilizações mais antigas do mundo e muitas vezes atribuía a eles a origem de muitos elementos culturais e tecnológicos.

Osiris e Dionísio

Uma das associações mais curiosas de um deus egípcio com um deus grego encontrado em Heródoto é a de Osíris com Dionísio. O que possuiria os gregos para identificar o deus egípcio dos mortos e da vida após a morte com seu deus do vinho, devaneios intoxicados e fertilidade? Como é de se esperar, Heródoto oferece pouco que possa sugerir um possível motivo para sua associação. Uma correlação entre os dois deuses é um domínio comum sobre a fertilidade. Dionísio era o deus do vinho e também a videira, a planta da qual o vinho era produzido. Incorporando seu domínio sobre os efeitos intoxicantes do vinho, Dioniso também presidiu ritos místicos de êxtase e sexualidade sem controle. Além da morte e da vida após a morte, outra esfera sobre a qual Osíris tem influência divina é a fertilidade agrária. Esse aspecto de seu culto provavelmente está ligado à sua origem antiga como uma divindade agrícola ctônica que supervisiona o crescimento das plantações e talvez se afilie à inundação do vale do Nilo com seu rico solo de aluvião negro. Osiris é freqüentemente representado com pele verde ou negra, simbolizando vegetação exuberante ou o solo fértil depositado pelo dilúvio anual do Nilo. Sua associação com a morte e a ressurreição na vida após a morte provavelmente ocorreu quando o culto se espalhou pelo Egito e foi sincretizado com outras tradições religiosas. Os aspectos funerários e de fertilidade de Osíris são mesclados perfeitamente no chamado leito de Osíris encontrado em apenas alguns túmulos egípcios do Novo Reino (1550-1070 aC). Esta moldura de madeira formada na forma de Osíris em envoltórios de múmia com coroa real estava cheia de sedimentos aluviais e semeada com sementes de cevada. O crescimento das sementes da figura do falecido simboliza a ressurreição de Osíris e estreitamente vinculado ao aspecto da fertilidade agrária de seu culto

primitivo. Apesar das naturezas aparentemente não relacionadas iniciais de Dionísio e Osíris, um aspecto similar de fertilidade pode ter induzido os gregos a identificar essas divindades como uma só.

Um exame mais detalhado dos mitos e cultos de Osíris e Dionísio revela uma série de semelhanças adicionais. Ambos os deuses, por exemplo, possuem mitos semelhantes de um duplo nascimento. Dionísio era filho de Zeus e sua amante mortal, Semele. Enquanto carregava o Dionísio não nascido, Semele desejou ver a plena majestade de seu amado Zeus, mas ao ver o brilho do raio ao redor de Zeus, ela queimou. Zeus arrancou o prematuro Dionísio do ventre de Semele e costurou o bebê em sua coxa. Zeus carregou Dionísio em sua coxa até o termo, altura em que nasceu o deus infantil "nascido duas vezes", emergindo de um "útero" uma segunda vez. O aspecto nascido duas vezes de Osíris é encontrado em sua ressurreição das magias de sua esposa e irmã Isis após sua traição e assassinato por seu irmão Set. Buscando o trono do Egito para si mesmo, o ímpio Set enganou Osiris em um banquete para deitar em um peito lindamente adornado. Set e seus conspiradores pregaram Osiris no peito, derramaram um ponto de ebulição sobre ele e o deixaram à deriva no Nilo. Ísis procurou em todo o Egito pelo baú contendo Osíris e encontrou-o no tronco de uma árvore. Ela abriu o baú e lamentou o corpo do marido, mas logo escondeu o peito e saiu em saudade de seu filho Horus. Set descobriu o peito ricamente adornado, rasgou o corpo de Osíris em vários pedaços e espalhou as partes por todo o Egito. Ao ouvir isso, Ísis viajou por todo o Egito, coletando e remontando os pedaços de seu marido - todos, exceto o falo, que foi consumido pelos peixes do Nilo, de modo que Ísis formou um falo artificial do lodo do Nilo. Na forma de um papagaio, Isis então acasalou com o defunto Osíris e concebeu o deus Hórus. Hórus derrubou Set e se tornou a divindade do Egito, enquanto Osiris passou a se tornar o governante do submundo.

O mito da ressurreição de Osíris demonstra claramente a origem e o significado das imagens fálicas no culto de Osíris. Simbólico da ressurreição e do papel de Osíris como uma divindade da fertilidade, o falo faz aparições em oferendas votivas, festivais e procissão ritual. Em uma rara exceção à sua restrição auto-imposta de descrever os mitos e rituais da religião egípcia, Heródoto oferece um relato detalhado de um festival de Osíris e compara os rituais de culto e as procissões rituais dos dois deuses, com atenção particular ao fálico. e imagens sexuais. Heródoto explica brevemente a prática egípcia de sacrificar um porco na véspera do festival de Osíris e prossegue:

De outras formas, o método egípcio de celebrar o festival de Dionísio [Osíris] é muito parecido com o grego, exceto que os egípcios não têm dança corânica. Em vez do falo, eles têm fantoches, uns dezoito centímetros de altura; os órgãos genitais dessas figuras são quase tão grandes quanto o resto dos corpos, e são

puxados para cima e para baixo por cordas enquanto as mulheres os carregam pelas aldeias. Flautas lideram a procissão, e as mulheres seguem um hino a Dionísio. Há uma lenda religiosa para explicar o tamanho dos órgãos genitais e o fato de que eles são a única parte do corpo da marionete que é movida. Agora tenho uma idéia de que Melampus, o filho de Amythaon, sabia tudo sobre essa cerimônia; pois foi ele quem introduziu o nome de Dionísio na Grécia, juntamente com o sacrifício em sua honra e a procissão fálica. ... e de Melampus os gregos aprenderam os ritos que eles agora realizam.

Como Osíris e Dionísio são divindades de fertilidade masculina, a imagem fálica é proeminente nos cultos e mitos de ambos. No festival da Dionísia, para o qual Heródoto está fazendo a comparação acima, no entanto, o simbolismo fálico procura enfatizar o aspecto erótico da genitália, muitas vezes ao ponto de um grotesco burlesco e excitação sexual por si só, em vez de procriação.

Talvez o paralelo mais marcante entre as tradições míticas de Osíris e Dioniso é que ambos compartilham um mito similar de desmembramento e ressurreição. Nós já exploramos o relato egípcio da traição e assassinato de Osíris pelas mãos de seu ciumento irmão Set, que furiosamente desmembra seu corpo e espalha as partes por todo o Egito. Ísis então remonta Osíris, salvando o falo perdido, que ela expulsa da lama do Nilo, restaurando-o assim à integridade e ressuscitando-o como o deus morto-vivo do submundo. Encontramos seu paralelo mítico entre o secreto culto secreto dos órficos do Dionísio Chtônico,

Órficos – (que diz respeito aos dogmas, mistérios, princípios filosófico-religiosos, e aos poemas atribuídos a Orfeu, personagem mitológico e célebre aedo da era pré-homérica.)

Chtônico – Nome dado a quaisquer divindades do mundo inferior ou reino dos mortos.

conhecido especialmente através da posterior compilação chamada de Rapsódias. *Nesse caos*, Zeus estupra sua mãe, Rhea-Demeter, e os pais Perséfone, a quem ele estupra, por sua vez, na forma de uma serpente e de Dionísio. Para a criança Dioniso, Zeus então lega o governo do mundo e o coloca em seu trono. Hera envia os Titãs para distrair a criança com brinquedos, o mais sedutor que ele considera um espelho. Enquanto Dionísio olha para a sua imagem no espelho, os Titãs atacam-no, arrastando-o do trono e cortando-o em numerosos pedaços, que eles então preparam e consomem de uma forma sacrificial antitética. Como os Titãs consomem o corpo de Dioniso, salve o coração, que está oculto e poupado, Zeus lança um raio para destruir os assassinos. De seus restos carbonizados se ergue a raça dos homens e dos remanescentes coletados de Dionísio, o deus é reagrupado e renascido.

Os mitos de desmembramento egípcio e grego envolvem uma contaminação do ser físico e da santidade divina da divindade e uma eventual ressurreição. Assim como Osíris experimenta pela primeira vez a morte, desmembramento, mumificação e ressurreição como uma forma de transformação sacrificial para se

tornar o deus da vida após a morte, o desmembramento e preparação de Dionísio espelha fortemente a tradição sacrificial normal. Da mesma forma, ambas as tradições cultuais oferecem um relato antropogênico. No mito de Dionísio, da carne carbonizada dos Titãs, mais evocativa da queima de um sacrifício, brota a humanidade. Na tradição egípcia de Osíris, o Reino do Meio (2040-1640 aC) "Coffin Texts", uma série de feitiços para a vida após a morte escritos no caixão do falecido, contém passagens que igualam a ressurreição do falecido com o surgimento da cevada. corpo de Osíris. Embora não indique uma criação direta e original da humanidade a partir do corpo de Osíris, essa associação sugere uma qualidade antropogênica ou regenerativa ao aspecto de fertilidade e ressurreição de Osíris. Do corpo morto de Osíris surge o recém-renascido falecido egípcio.

Eles também me disseram que os egípcios primeiro usaram os nomes dos doze deuses, que os gregos tomaram deles, e foram os primeiros a atribuir altares, imagens e templos aos deuses e a esculpir figuras em pedra. [15]

Os nomes de quase todos os deuses chegaram à Grécia do Egito. Sei das perguntas que fiz que vieram do exterior, e parece mais provável que fosse do Egito, pois os nomes de todos os deuses eram conhecidos no Egito desde o início dos tempos, com a exceção de Poseidon e os Dioscuri - e também de Hera, Hestia, Themis, as Graças e as Nereidas. Eu tenho a autoridade dos próprios egípcios para dizer isso."

Vestígios de envolvimento greco-arcaico e clássico em instituições e práticas religiosas egípcias podem ser reunidos em vários locais egípcios e gregos ao longo do Vale do Nilo e Delta. Provas valiosas para uma identificação grega e sua participação na religião egípcia podem ser obtidas de várias figuras votivas de bronze com inscrições gregas dedicatórias gregas descobertas no Baixo Egito.

Um exemplo é o da figura de Ísis com o bebê Hórus, muito familiar ao Egito Embora a proveniência desta estátua seja desconhecida, uma análise da inscrição sugere um dialeto jônico arcaico e data a figura por volta de 500 aC. O uso desse tipo de estátua egípcia popular pode indicar que a figura foi comprada de um estoque de itens semelhantes criados especificamente para dedicação em um templo egípcio próximo. A inscrição foi então, sem dúvida, feita sob encomenda para o adorador, pois diz: "Pythermos, filho de Neilon, me ofereceu uma estátua de Ísis." O fato de a inscrição estar em grego obviamente sugere que um viajante grego ou expatriados visitaram e fizeram oferendas em um templo egípcio.

APIS E A VACA SAGRADA

Nesse antigo culto animal, os bois Apis *serviam* como Ba (Ba- o espírito ou manifestação física) do deus egípcio Ptah, deus-chefe da cidade de Memphis. Acredita-se que o nome grego "Panepi" deriva da frase egípcia ba Pth, o "Espírito de Ptah", mas Panepi não é atestado como um deus em outra parte da evidência literária. Heródoto descreve a natureza mística do nascimento de Ptah. Escolhiam

um boi vivo para representar Apis, que os sacerdotes sacralizavam, dizendo que que nascera "magicamente" através de "um flash de luz que desce sobre uma "vaca do céu" (Hathor), e isso faz com que ela receba Apis" e a mãe vaca, que também seria adorada, "nunca mais é capaz de ter outro [bezerro]." Após a morte do touro Apis, ele se identifica com Osíris, deus dos mortos e do submundo. Por causa da natureza divina do nascimento do touro e sua afiliação com Osíris, a mãe do touro, portanto, passa a ser identificada com Ísis, deusa da maternidade e feiticeira cuja magia ressuscitou o falecido Osíris.

O Período Saite egípcio (cerca de 664-525 aC) experimenta um aumento profundo na popularidade dos cultos de animais, com atenção interessante sendo dada às mães dos touros Apis. A partir do 37º ano de reinado de Amasis (reinou 570-526 aC) em diante, vemos a mumificação ritual das chamadas "Mães de Apis" e o enterro em suas próprias catacumbas no cemitério de animais sagrados na necrópole real em Saqqara. Este é também o período durante o qual vemos fortes relações políticas, econômicas e militares entre a Grécia e o Egito e uma próspera presença grega no delta egípcio em Naukratis. Como observado acima, a estátua votiva de bronze de Apis foi encontrada em "um sítio grego no Delta", que podemos assumir como sendo Naukratis. Parece razoável, então, suspeitar que os gregos no Egito testemunharam essa nova atenção que os egípcios deram à "Mãe de Apis".

Mas ficamos imaginando que negócio um grego teria dedicado uma oferenda votiva do touro Apis na colônia grega de Naukratis. Não há evidência de um templo ou santuário do culto Apis em Naukratis, ou de Ptah (cujo Ba, o Apis representado), ou Hefesto, o equivalente grego de Ptah. Como vimos acima, a "Mãe de Apis" era associado com Isis. Não há evidências que sugiram a existência de um templo para Ísis ou quaisquer outros templos egípcios em Naukratis, nem há evidências de um templo grego para Deméter, a quem Heródoto equivale a Ísis. Há evidências que sugerem, no entanto, que o Templo de Afrodite em Naukratis pode ter recebido ofertas votivas relacionadas a Ísis.

As escavações dentro do Templo de Afrodite em Naukratis por WMF Petrie e EA Gardner revelaram uma figura votiva de uma mulher sentada com uma criança indicativa de um estilo egípcio grego. Esta figura imediatamente faz lembrar o tipo de estátua egípcia extremamente popular. Isis com a criança Horus (mais tarde conhecida como Harpokrates). Os gregos certamente estavam bastante familiarizados com esse tipo de estátua, como fica evidente na estátua de bronze e Ísis de Horus, anteriormente discutida, oferecida por um grego em um templo egípcio.

Ofertas votivas adicionais encontradas no Templo de Afrodite em Naukratis também ecoam o elemento da maternidade. Uma série de pequenas figuras de pedra, de uma mulher nua reclinada em um sofá ou cama são exemplos do estilo "egípcinizador" local de figuras gregas em Naukratis. Alguns exemplos desta série datam de tão logo Século VI aC e parece que a fabricação desse tipo de estátua greco-egípcia continua num estilo iconográfico e representacional mais ou menos inalterado por muitos séculos. Encontramos um tipo de estatueta semelhante de

uma mulher nua reclinada em uma cama entre estatuária egípcia nativa. A forte similaridade do motivo sugere a adoção desse tipo de estatuária egípcia pelos gregos em Naukratis para uso em seu próprio contexto religioso. Um grande número de exemplos vem da aldeia de Deir el-Medina, do Novo Império Egípcio, entre as residências de operários que trabalham nos túmulos reais e nos templos mortuários. Muitas das figuras de Deir el-Medina são decoradas com desenhos pintados ou crianças nuas ao lado da mulher reclinada. Em geral, as figuras são associadas a Hathor, a deusa da sexualidade e identificadas com a Afrodite grega, o que justifica sua presença no Templo de Afrodite em Naukratis. Em alguns exemplos de Deir el-Medina, as pernas das camas em que a mulher ou o par se reclinam são apresentadas na forma de Bes, o grotesco deus anão egípcio da sexualidade e do parto. A figura infantil ao lado da mulher adulta enfatiza ainda mais o parto e a maternidade do objeto, o significado simbólico e mágico.

Para resumir as evidências, vemos no Templo de Afrodite em Naukratis a presença de figuras votivas da mãe e do tipo de criança comumente associadas a Isis e à criança Horus. Além disso, vemos a presença de nus femininos reclinados, reminiscentes do tipo Deir el-Medina. Esta evidência parece indicar a possibilidade que Afrodite em Naukratis pode ter possuído um aspecto de maternidade ao seu culto além dos aspectos tradicionais de amor e erotismo sexual ou que o seu templo agia como uma espécie de casa substituta de adoração para outras deusas não representadas em Naukratis.

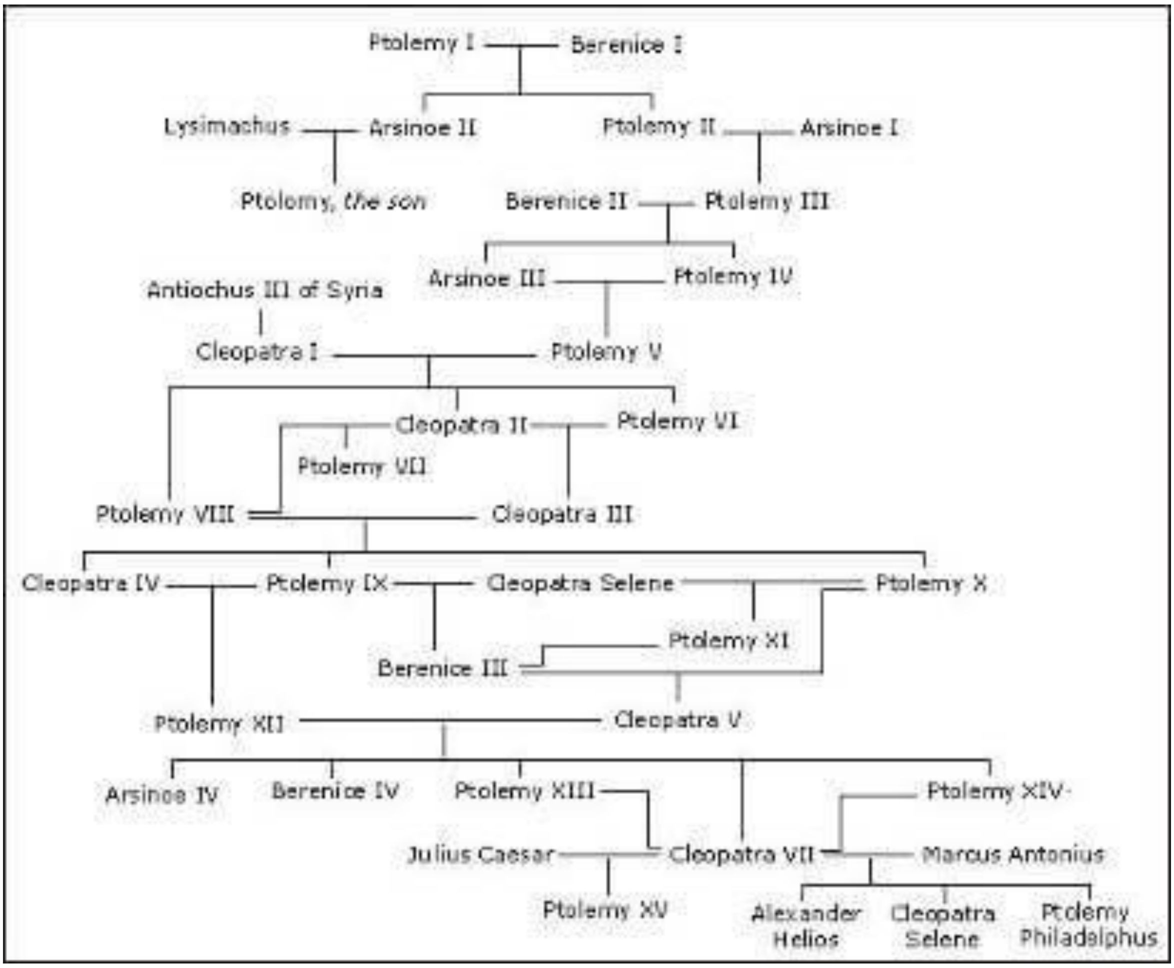
Parece plausível, então, que uma oferenda votiva do touro Apis, encontrada em "um sítio grego no Delta", pudesse ter sido dedicada ao Templo de Afrodite. Vemos agora que o Templo de Afrodite recebeu oferendas associadas a Ísis e que Ísis foi identificada como mãe do touro Apis e esposa de Osíris (o próprio touro Apis). Além disso, Afrodite é a esposa de Hefesto, que foi identificada com o egípcio Ptah, e o touro Apis funcionou como o Ba (ou manifestação física) de Ptah. A miríade de conexões faz com que o Templo de Afrodite seja o local mais provável para a dedicação da estátua de Apis.

Um exemplo final e muito significativo de uma figurinha de bronze dedicada por um orador grego em um templo egípcio é a de um Osiris sentado com uma coroa de disco lunar de Saqqara (fig. 5) .69 Uma análise da inscrição dedicatória grega desta figura sugere uma data provável em 400 a 70 a.C. O caráter verdadeiramente notável deste objeto é revelado por sua inscrição: "Zenes, filho de Theodotos, fez [esta] estátua de Selene, deu vida." A inscrição incorpora hieróglifos gregos e egípcios, saltando de uma língua para outra como apropriado para o epíteto real e divino egípcio comum "vida dada" (di ankh). Isto pode indicar que os gregos não só estavam se tornando confortáveis com a língua egípcia em geral, mas também estavam familiarizados com o uso de epítetos divinos e reais específicos, enquanto procuravam incorporá-los em sua observância religiosa.

Tabela 1. Divindades egípcias com equivalentes gregos mencionadas por Heródoto (adaptadas da tabela em Linforth 6-7).

Divindade egípcia	Divindade grega	Localização em Heródoto
Ptah	Hefesto	II.3.1, 112.1
Hórus	Apolo	II.144.2
Osiris	Dionísio	II.42.2, 144.2
Ísis	Demeter (Io)	II.59.2 (II.41.2)
Set / Apophis	Typhon	II.144.2, 156.4
Bubastis (Bast)	Artemis	II.137.5
Neith	Athena	II.28.1, 59.3
Amun	Zeus	II.42
Hathor	Afrodite	II.42
Khonsu (?)	Herakles	II.42
Minuto	Panela	II.46.4
Apis	Epaphus	II.153.1

Os gregos dominaram através da dinastia ptolomeica, descendentes de Ptolomeu general de Alexandre, ao Egito por cerca de 270 anos.



A dinastia ptolemaica (ou ptolomaica) foi uma dinastia macedónia que governou o Egito de 305 a 30 a.C.. Recebe a designação devido ao facto dos seus soberanos terem assumido o nome Ptolomeu (ou Ptolemeu, do grego Ptolemaios). É também

conhecida como dinastia lágida em função do nome do pai do fundador da dinastia. Ptolomeu foi um dos generais de Alexandre Magno.

Nessa época há um inusitado sincretismo religios, com a fusão de elementos gregos e egípcios. O impacto da religião egípcia é tão grande que até mesmo Roma teria templos dedicados a deusa Isis.

CAPITULO XIX - DO EGITO CHAMEI MEU FILHO

A fuga de Jesus para o Egito, levado por seus pais, José e Maria, ocorreu, logo após a visita dos três reis magos. Herodes tentou enganá-los para descobrir o lugar onde Jesus nasceu, e para posteriormente vir a matá-lo.

Conforme ocorrido no nascimento de Jesus, José foi avisado em um sonho, e toda a família do Salvador fugiu apressadamente para o Egito. Apesar da maior parte da liturgia bíblica, e até mesmo dos mandamentos que Deus deu ao Seu povo Israel, ser relacionada com a libertação dos Hebreus do Egito, aquele país foi local de refúgio para os Israelitas por várias vezes.

É curioso saber que José e Maria, e mais agora o ainda bebê Jesus (com aproximadamente dois anos), tenham feito a rota de fuga para o Egito, justamente o mesmo que havia ocorrido com os patriarcas Abraão e Jacó, o que posteriormente deu origem ao povo de Israel (nesta época, a nação israelita era ainda *"uma criança"*).

Agora, o Messias, o rei de Israel, Jesus Cristo, ainda uma criança, toma a mesma trajetória dos seus antepassados, buscando refúgio no Egito, para depois de lá sair.

Logo nos vem a lembrança, um outro José, e um outro sonho. Por um sonho interpretado por José o Egito seria salvo. E a salvação do Egito preservaria muitas nações da fome, incluindo o clã que daria origem a Israel. Por um segundo sonho, o Salvador do mundo, seria salvo, e através de sua preservação muitas nações receberiam a condição de sobreviver.

Há uma impressionante profecia em que Oséias 11:1-2: "Quando Israel era menino, eu o amei, e do **Egito chamei o meu filho**. Mas, quanto mais eu o chamava, mais eles se afastavam de mim. Eles ofereceram sacrifícios aos baalins e queimaram incenso os ídolos esculpidos."

A primeira rota para o Egito seria partindo das montanhas da Judéia, de jumentinho, como é amplamente encontrado nas ilustrações e desenhos que retratam a fuga para o Egito. Levaria no mínimo duas semanas para percorrer toda a distância entre os dois países.

E eles poderiam ter descido da região das montanhas centrais de Israel, indo para a planície costeira, ao encontro do "caminho do mar", uma rota muito bem estabelecida, que os Romanos chamavam de Via Mares. Esta rota descia até o Egito.

Outra rota seria pelo deserto. Eles teriam que descer até a cidade de Eilat, no Golfo de Ácaba, às margens do Mar Vermelho, para encontrar o chamado "caminho do rei", que era uma "estrada" ou via, que vinha do planalto da Jordânia, e depois atravessar a Península do monte Sinai. Essa rota era muito longa e perigosa, por isso provavelmente eles não fariam.

Então, em Mateus 2:14-15, nós vemos que o evangelista faz uma conexão entre o texto do Profeta Oseias 11:1, e a fuga de Jesus para o Egito

Mateus 2:15 diz: "...onde ficou até a morte de Herodes. E assim se cumpriu – pleroo (completou) o que o Senhor tinha dito pelo profeta: "Do Egito chamei o meu filho".

Em ambos os textos, da Peshita aramaica e no Grego em Mateus 2:15 são usadas as palavras "d'net'male", no aramaico, e "pleroo", no grego, que significam: "tornar-se pleno, completar, cumprir, preencher, encher algo em um sentido absoluto..." Em Mateus 2:15, comumente traduz-se como "cumprir": "...E assim se 'cumpriu' o que o Senhor tinha dito pelo profeta...". Porém, vemos textos, tanto no grego quanto no aramaico, em que as palavras das respectivas línguas ("d'net'male"no aramaico, e "pleroo" no grego) também têm o sentido de "completar"; por exemplo: "Estas coisas vos tenho falado a vós, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa (obs: completa – "d'net'male" no aramaico, e "pleroo" no grego)." (João 15:11)

E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito. E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho. Mateus 2:14,15

E agora vamos ver o texto de Oseias:

Quando Israel era menino, eu o amei; e **do Egito chamei a meu filho**. Oséias 11:1

Como podemos ver, ao comparar os dois versos, alguns vão estranhar (principalmente os Judeus Ortodoxos), que Mateus esteja usando a metade de um texto que se refere ao povo de Israel, quando ainda estava na escravidão do Egito.

Vamos ver mais um texto que atribui a Israel, o título de filho de Deus:

Então dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. E eu te tenho dito: Deixa ir o meu filho, para que me sirva; mas tu recusaste deixá-lo ir; eis que eu matarei a teu filho, o teu primogênito. Êxodo 4:22,23

Jesus, alegoricamente é semelhante a Israel

Ambos impactaram profundamente o mundo inteiro;

Ambos tiveram um nascimento miraculoso (de uma mulher estéril, Sara, e de uma virgem, Maria);

Ambos foram levados para o Egito, na infância, no início de suas histórias;

Ambos foram para o Egito para preservar suas vidas;

Ambos foram chamados para saírem do Egito;

Ambos são rejeitados pelos homens;

Ambos sofreram tentativas de morte, ou destruição:

Então Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém

Mateus 2:16

Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz:
Em Ramá se ouviu uma voz, Lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, E não quer ser consolada, porque já não existem.
Mateus 2:17,18

Raquel chorando por seus filhos

Esta passagem é uma profecia do livro de Jeremias 31:14-15. O sentido literal deste texto se refere a Raquel chorando pelos seus filhos, que aqui é o reino do Norte, também chamado de reino de Israel. Depois que Salomão morreu e seu filho Roboão assumiu em seu lugar, o reino foi dividido em duas partes.

Duas tribos e meia (Judá, Simeão e metade de Benjamim), formaram o Reino do Sul, chamado de Reino de Judá. As dez tribos e mais a outra metade de Benjamim formaram um segundo reino, o Reino do Norte, ou o Reino de Israel.

Em aproximadamente 722 antes de Cristo, os Assírios invadiram o Reino do Norte e os levaram cativos. Por isso, novamente Mateus está usando o nível de interpretação de textos Hebraicos chamado de **Derash**, que é **o nível alegórico**.

Na alegoria de Mateus, Herodes vem a se tornar como Salmanasar, o rei da Assíria que ordenou a invasão do Reino do Norte de Israel e a morte dos Israelitas. Os "filhos de Raquel" são os meninos inocentes que o rei Herodes mandou que fossem mortos.

Essa alegoria é ainda mais intensificada pelo fato de Jesus ter nascido em Belém, e o túmulo de Raquel está bem próximo a este lugar.

O cenário resumido é que o Messias, o Príncipe da Paz, nascido em Belém da Judéia, de uma virgem, de modo sobrenatural, tem o anuncio de seu nascimento por uma estrela, sinal celestial que era identificado como o presságio de um nascimento de um rei. Para os faraós as estrelas representavam divindades, incluindo antigos faraós que atingiram o status de divindades.

No caso, de um grandioso rei. Esse sinal é reconhecido por três reis que também eram magos, que interpretam esse sinal como nascimento de um grande rei. O faraó era o maior sacerdote do Egito, e embora não exercesse como profissão, era de sua responsabilidade o comando de toda ordem mágica (os ministérios de magia e sabedoria, e ele mesmo representava o poder mágico num nível cósmico. A cerimônia da

Jesus já nasce odiado, o regente da região, Herodes deseja saber onde nasceu o tal rei, para matá-lo. Jesus será resguardado **por dois sonhos**. Um concedido aos visitantes que eram magos, mandando se afastarem de Herodes e outro concedido ao José, enviando-o até o Egito.

A cena é profética e familiar. Ela imeditamente ligaria Moisés a Cristo. Na época do nascimento de Moisés o faraó da época manda matar as crianças hebreias. E por um milagre ele é enviado a casa do faraó, recebido através das águas do rio Nilo e adotado por uma princesa egípcia. Por uma DESOBEDIENTE princesa egípcia. Ela sabia que a criança não era egípcia. Sabia que a ordem de seu pai era explicita contra os escravos e ainda assim, adota e cuida da criança. A possibilidade é de que o faraó morreu ou estava enfermo A princesa egípcia é uma rebelde. E justamente essa característica de rebeldia que ajudará a identifica-la na história egípcia.

CAPITULO XX - CANDIDATA A MÃE ADOTIVA DE MOISÉS: HATSHEPSUT

Era a quinta governante egípcia da XVIII Dinastia, filha de Tutmosis I e da rainha Ahmose. Hatshepsut casou-se com seu meio-irmão, Tutmosis II. Quando Tutmosis II morreu, em 1479 a.C., seu filho, Tutmosis III, foi nomeado para o trono. Mas Hatshepsut tornou-se regente porque o herdeiro era criança. Os dois governaram juntos até 1473 a.C., quando Hatshepsut declarou-se Faraó.Hatshepsut morreu em 1458 a.C. Hatshepsut foi enterrada no vale das Rainhas em Luxor - Egito. O Templo de Hatshepsut foi projetado pelo arquiteto do reino, Senen-Mut. A construção é composta de três terraços, cujas paredes são adornadas com belos relevos. Algumas dessas obras ainda estão conservadas em suas cores originais.

Hatshepsut tomava as decisões por Tutmés III, mas o pequeno faraó era responsável pela realização dos cultos as divindades. No sétimo ano do reinado de seu meio-irmão, Hatshepsut adota o nome Maatkare e considera-se soberana do Egito, adotando os atributos e faraônicos como títulos, nomes, cetros, barba postiça, tanga curta e cauda de touro, além de unificar as duas coroas. Segundo Mokhtar (2010:57), Hatshepsut "declarou publicamente ser filha do deus nacional Amon-Rá, que se apresentara à sua mãe como Tutmés I." Nos templos de Deir el-Bahari e de Amon-Rá ela consolidou seu poder real através de sua paternidade espiritual diante das pessoas mais importantes do Egito, pois Amon-Rá lhe teria confiado o Egito pelo consentimento dos deuses, assim como seu pai carnal lhe teria escolhido herdeira do trono. Hatshepsut passa a governar o Egito, deixando de ser regente para transformar-se em faraó. Contudo, ela não substituiu Tutmés III, havendo na época algo inédito: o poder nas mãos de dois reis. Muitos escritores atuais a chamam de usurpadora por causa da tomada do poder. Porém, ao contrário do que se pensa, Hatshepsut não excluiu o rei da história, e em quase todas as imagens produzidas em monumentos o mesmo aparece junto com ela. O calendário egípcio, não obstante, atualizado desde a ascensão de Tutmés III (no antigo Egito iniciava-se a contagem do calendário a partir do zero a cada novo reinado), não foi anulado, prosseguindo a contagem com o reinado dos dois faraós conjuntamente. Maruéjol (2007) acredita que ela estivesse preparando o futuro rei para assumir o trono sozinho no futuro. Não se pode descartar, no entanto, o fato de que após sua morte, Tutmés III procurou apagar seu nome da história, possivelmente por vingança.

CAPITULO XXI - VISÃO PROFÉTICA I - JESUS E O “EGITO PROFÉTICO”

Jesus se expressa e se insere em diversas realidades espirituais transcendentes. Ele representa a apogeu da profecia divina e da espiritualidade, possuindo características que envolvem sua história, seu ministério, sua doutrina e tudo escrito a seu respeito, mesmo antes que NASCESSE. As Escrituras manifestam o mistério de Cristo que se define deste a eternidade passada e presente na boca dos profetas, nas canções, revelações, sonhos, nos sinais, prodígios e maravilhas contidos nas Escrituras, seja no teor dos acontecimentos, seja na formação do canon onde o espírito de Deus cuidou até da forma, do estilo, da métrica, da sonoridade das palvras bíblicas. A revelação das Escrituras é multidimensional, abrangendo tipificações, símiles, parábolas e mesmo acontecimentos. Cristo é manifesto nas Escrituras de um modo espetacularmente abrangente, onde a pedagogia de Deus se transfigura em palavras, em visões, em sons, em estruturas literárias e linguísticas tomando emprestado significados de aspectos muito além da cultura judaica. “Do Senhor é o mundo e a sua Plenitude” é bordão usado até as raias do inacreditável nas Escrituras. O evangelho de Cristo é internacional, é atemporal. O Egito das Escrituras é o mundo inteiro.

O Egito está presente na PROFUNDIDADE DA PROFECIA, porque representa realidades míticas, espirituais, psicológicas e proféticas que abraçam o mundo, da antiguidade até o amanhã da sociedade moderna. De Genesis a Apocalipse.

E por isso as Escrituras que são judaicas e ao mesmo tempo uma revelação a todas as nações, se reveste de formas egípcias. E por isso o ministério de Cristo é fortemente impregnado de realidades espirituais que fazem referencia a coisas egípcias.

Proclus (410-485 d.C), um neo-platonista tardio aceitou que “a Geometria foi descoberta primeiro entre os egípcios” e que tinha sido trazida para a Grécia pelo semi-fictício Tales. Aristóteles também observou que “as artes matemáticas foram fundadas no Egito”, 2000 anos antes do seu próprio século IV a.C. Quando Cagliostro se propôs a enganar a Europa do século XVIII encheu suas salas de sessões espíritas com estátuas de Isis, Anúbis e outros deuses de civilizações antigas. Seus servidores se vestiam como escravos egípcios e hieróglifos estavam desenhados nas paredes.

Para citar um exemplo, o desenvolvimento mítico-religioso dos povos – até os tempos modernos - segue até a exaustão práticas do antigo Egito. Seja na magia. Seja na ressignificação, na contextrualização do simbólico, no temor da morte e na busca de uma solução para o post morten, seja no caráter supersticioso, nas crenças nos fantasmas, no medo dos demônios, nas conjurações para afastar o mal, na divinização dos espíritos mortos, na idolatria por pessoas vivas, seja no caráter da sexualidade assumido pelas deidades do antigo Egito que representam ideais até da moderna propaganda, ou certos ideais de emponderamento feminino – que traduzem um discurso falacioso para exibição descarada dos

atributos femininos sem qualquer pudor, seja na hipersexualização da sociedade e em seus desvios para toda ordem de desvário sexual. Os clipes musicais modernos, o tema dissimulado e descrado de realitys shows é a tradução moderna, contemporânea dos contos eróticos das antigas divindades do Egito.

Diariamente as mídias são invadidas por comerciais onde "o sexo é vida" como tratamento de impotência do Boston Medical Group.



Várias gerações foram treinadas, condicionadas a ver propagandas de cerveja com mulheres seminuas, situações em que o erotismo é o eixo central do contexto, tendo como pano de fundo determinada marca de cerveja.

Historicamente as imagens femininas foram associadas ao desejo, nas artes visuais, mesmo quando apenas mostrava partes do seu corpo. Os nus das pinturas europeias expunham a mulher ao desejo do espectador, assim como a propaganda na atualidade. As vanguardas artísticas trouxeram um desvelamento do corpo de forma diferente da Renascença, Barroco, Neoclassicismo ou Romantismo, incluindo o nu artístico e erotizado. O cinema criou mitos

cinematográficos durante as décadas de 20 e 30 por meio de imagens de mulheres ousadas, o teatro e a dança popularizam os "movimentos corporais" e as roupas mais ousadas, na indústria da moda surgem os desfiles e as modelos. O homem moderno passa a despir-se ou mostrar o corpo com mais frequência.

O erotismo relaciona-se com o explicito, desenvolvido e preciso, e tem intenção meramente exibicionista. Já a sensualidade não possui a ligação de mostrar claramente, dando ao expectador somente o vislumbre. O erotismo apela sempre para o sentido consciente, não permitindo possíveis dúvidas; a sensualidade encobre a vulgaridade disseminada no erotismo, convida à fantasia. Para Morin (1997):

O consumo esta relacionado a uma promessa de bem-estar, por uma garantia da negação do destino trágico do ser humano, que é a finitude. Contra essa dor subjetiva, o consumismo convida para o entorpecimento da impulsividade e o erotismo se presta a esse papel de objeto-fetiche da sociedade de consumo. As mercadorias vêm carregadas de um erotismo imaginário, de um suplemento erótico dotado de imagens e de imaginação, que se adapta ao erotismo vivido no cotidiano dos indivíduos. Nos anúncios o erotismo entra no circuito econômico, pois as mercadorias para serem vendidas e atingir o público alvo, devem fazer uso desse mecanismo de persuasão sempre que necessário.

O dinheiro sempre insaciável se dirige ao Eros, sempre subnutrido, para estimular o desejo, o prazer, e o gozo, chamados e entregues pelos produtos lançados no mercado. O erotismo entra triunfalmente no circuito econômico dotado de poderes e envolve fortemente a civilização ocidental (MORIN, 1997, p.120). No Brasil imagens femininas foram exploradas, desde o primeiro anúncio da "Cerveja Cascatinha", de 1900, que utilizava dez mulheres e cada uma delas indicava uma letra da palavra Cascatinha com o slogan, "A cerveja Nacional – a melhor cerveja" O anúncio da Fidalga, cujo slogan "A Cerveja da Moda", mostrava uma mulher vestida, roupas longas e recatada, apontava para o produto, associava a cerveja a um público mais de seleto. As embalagens de cigarros "Yolanda" de 1915, com uma imagem feminina em pose erótica, o seio à mostra e coberta apenas com um véu transparente. Essas imagens faziam o público masculino delirar. (DEL PRIORI, 1998, p 230).

Os anúncios fixam contornos identitários e dizem "como devemos ser", "quem somos", "como somos" na vida cotidiana, propondo, trocas de comportamentos. A publicidade, para Sant`Anna, é : "uma técnica de comunicação de massa, com a finalidade de fornecer informações, desenvolver atitudes e provocar ações benéficas para os anunciantes, geralmente para vender produtos ou serviços" (1998, p. 76). Trabalha com sonhos, na esfera do onírico indo ao encontro dos desejos do receptor. As imagens dos anúncios sugerem a possibilidade de satisfação dos desejos de sua vida cotidiana, com a determinação de disseminar informações, ideias e conhecer os produtos e serviços à sua disposição. Os mecanismos utilizados são os da "persuasão emotiva" e do "racional (ideológico)", colocado no imaginário do consumidor por meio do conceito de "marca". A sedução do consumidor ocorre pelo despertar da "necessidade" de

descobrir o que não foi satisfeito, nas frustrações cotidianas; buscando realizar sedutoramente os desejos ocultos dos consumidores. O erotismo por meio da imagem feminina, está nos anúncios, na televisão, e atualmente na mídia "on line". Está presente na Internet, onde homens e mulheres buscam satisfazer seus desejos não apenas "olhando anúncios", mas interagindo por meio das salas de bate – papo, onde se trocam carícias, transformando-se num local onde muitas pessoas se encontram à procura de sonhos e desejos (COBRA, 2002, p. 127). A mercantilização do erotismo veio com a indústria cultural, que é fruto do desenvolvimento capitalista, que utiliza o desejo e o sonho como seu principal ingrediente. À medida que a comunicação utiliza homens e mulheres em situações sedutoras e eróticas, está se "sexualizando, ou seja, estimulando o sujeito a ter ideias de consumir determinado produto ou serviço como num ato de reforço para a conquista do parceiro ou da parceira". É por isso que as imagens eróticas aparecem em todas as situações nos meios de comunicação.

Morin afirma que: "o novo ídolo da cultura de massa: não é a deusa nua das religiões antigas, não é a *Madonna de corpo dissimulado de religiosidade católica*, mas sim, a mulher seminua, em pudor impudico, a provocadora permanente" (1997, p. 122.). Com a efetivação da mídia eletrônica alternativa, por meio do sistema de TV a cabo, e com o crescimento do poder econômico feminino nos anos 90, propiciado pela entrada mais efetiva das mulheres em instâncias de maior poder de decisão no mercado de trabalho, as empresas publicitárias consideram relevante apresentar a imagem feminina nos anúncios com uma função mais adequada a essa "nova mulher", ou seja, passaram a tratá-las na propaganda mais próximas ao seu cotidiano.

A realidade espiritual subjacente ao consumismo erótico moderno era somente a base cosmológica do antigo EGITO.

O desejo sexual elevado a categoria de razão da existência humana, traduzido como fonte da energia divina, como necessidade fundamental para estabelecer os mais preferidos ideais da sociedade, a virilidade e a fertilidade.

A religião da antiguidade é hoje o modo de vida da sociedade moderna.

O caráter espiritual do mundo antigo, que joje é tido como MITOLÓGICO, tornou-se o caráter PSICOLÓGICO da sociedade contemporânea.

No século XX, grupos conhecidos como keméticos (KMT — um dos nomes do Egito que significa terra negra) iniciaram a busca pela antiga religião pretendendo recuperá-la. Estariam eles tentando reviver essa religião? Ainda é cedo para dizer, mas muitos dos antigos ritos não chegaram até nós e, portanto, esse "reviver" possui lacunas. Assim, quando nos deparamos com tais situações, classificamos como egiptomania a reutilização de elementos da civilização egípcia em outro contexto, ou como Egiptosofia a reutilização desse conhecimento "mágico-

religioso" nas práticas modernas. Talvez em um futuro próximo possamos responder à questão de se é possível ou não reviver a religião dos egípcios antigos. Enquanto isso, formas de reutilização dessas crenças continuam aparecendo de tempos em tempos. A fascinação pelo Egito antigo só tem crescido.

CAPITULO XXII- VISÃO PROFÉTICA II

O Espirito de Deus *dançará* sobre os símbolos do antigo Egito. Esse é o resumo deste livro.

Quando Sunamita dançar diante do rei Salomão, o fará dentro do contexto de uma belíssima poesia cuja estrutura é dos antigos poemas de amor egípcio. E na canção de Cantares, ela estará poeticamente dançando diante das demais princesas e concumbinas de Salomão, na dança de Maanaim. E certamente ali estaria revoltada e exaltadíssima e morta de cúmes, uma princesa egípcia, uma das primeiras esposas políticas ou de arranjo de Salomão. Do inicio da poesia cantada a uma israelita até seu final Salomão tomará de empréstimo a todos os preciosos bens e valores egípcios, incluindo a liteira e os cavalos de Faraó para elogiar a Sunamita, numa declaração de amor que certamente uma moça egípcia daria um rim para ter ouvido da boca de seus namorados. Quando Salomão compara Sunamita as éguas de faraó, estabelece um vínculo poético e profético com profundas e caras representações às dinastias egípcias de todas as eras.

Jesus será tudo aquilo que nenhum faraó jamais alcançaria. Realizará todos os feitos imaginários e realizará literalmente todos os atos mágicos, míticos e religiosos imputados aso farós da antiguidade. Os faraós ansiavam a eternidade mais que outra coisa qualquer. E ele ressuscitaria com ajuda de outros por meio de rituais mágicos para encontrar-se com um juízo divino no qual mentiria desesperadamente, para conseguir o direito de um dia se tornar uma estrela na vastidão celestial. A preservação do corpo pela mumificação era parte preciosa do processo, pois sem o corpo ele não poderia acordar no reino do além. O coração do faró era substituído por um escaravelho-coração, um amuleto, para evitar que seu próprio coração se levantasse, revoltado contra ele, o contradizendo diante do tribunal de Osíris. Jesus não necessita de substituir seu coração por nada, pois seu espírito é perfeito. Não necessitava de aprovação de ninguém porque já tinha alcançado a perfeição espiritual e a aprovação divina ainda no início de sue ministério quando a voz divina declara: este é meu filho amado, a ele escutei". O faraó assumia uma identidade divina que jamais possuiu, acrescia nomes das divindades tutelares para exaltar sua pessoa, para ratificar sua ascendência divina, falsa, enquanto Jesus trazia desde nascimento a grandeza e a honra divina, a verdadeira natureza da divindade, porque o verbo se fizera carne, e habitava entre nós. Os atos de faraó representavam domínio sobre a natureza e o caos, repetia rituais todos os anos como se por sua causa exclusiva o Nilo produzisse as cheias, em celebrações de auto-glorificação como se dominasse sobre o caos como Deus. Contudo é Jesus que ordena: Mar, aquieta-te! Vento, cala-te!" e estes lhe obedecem. Jesus demonstrou em vida o poder representado de modo fictício, mítico e teatral por faraó, personificando em verdade aquilo que era somente uma ilusão de grandeza egípcia. Os atos de faró o tornavam escravo de sua religião, pois já que não possuia a perfeição moral ou espiritual a representava através de atos cerimoniais. A religião transformou em alegoria o que para ela era impossível realizar, o aperfeiçoamento do espírito humano. Os cerimoniais realizados meticulosamente, concediam aos seus realizadores a

aceitação divina. Vários reis da antiguidade eram vigiados de dia e de noite, seus atos eram representativos, suas roupas possuíam cores e padrões imutáveis, seus passos eram contados, suas palavras e a atos controlados por sacerdotes. Faraó significava palácio. E ele era na verdade um escravo de sua própria condição e casa. Era um prisioneiro do palácio. Jesus também teria seus atos medidos, não pela religião, mas pelo Espírito de Deus. Cada palavra, cada gesto era fruto de uma antiga profecia, suas palavras não eram mantras ou escritos de livros mágicos, mas provinham do p´roprio Deus. Não havia um script escrito, mas cada ato e palavra eram cheios de significados e refletiam uma solenidade tremenda porque o evangelho na boca de Cristo mudava o universo inteiro. O faró imaginava poder controlar poderes espirituais, mas foi Jesus que manifestou na terra a verdadeira Autoridade sobre os espíritos. O faraó e a religião egípcia ansiavam a possibilidade de voltar a viver espiritualmente dentro do reino dos mortos através de artes mágicas e rituais que poderiam despertar o morto no outro mundo. Mumificado o faró dependia da intervenção de um filho que lhe abrisse a boca por meio de um instrumento para ter voz, para abrir seus olhos no mundo espiritual. Para isso não poderia perder seus ossos, não poderia reviver, ainda que num universo paralelo, sem a intervenção mágica e humana. O cerimonial da abertura da boca na terra, dentro do túmulo que era a pirâmide, deitado e amarrado no sarcófago era a possibilidade de retornar a viver, mesmo que uma outra vida. Jesus não teve seus ossos tocados. Não teve um cerimonial de enterro. E não necessitou que abrissem sua boca para ter voz em outro mundo. Porque ele mesmo abriu sua boca no meio do mundo humano, e proclamou segredos inauditos de um lugar celestial. E não necessitou que houvesse intervenção humana em sua morte, pois acima de tudo que uma religião ou mago egípcio poderia esperar, ele voltou por seu próprio poder do reino dos mortos ao terceiro dia. E voltou de um modo tão definitivo que a morte nunca mais poderá tocá-lo. Quando Jesus pede peixe e come após sua ressurreição, quando lhe dão um favo de mel e ceia na frente de seus discípulos vai de encontro a aspiração de uma vida no além na qual os egípcios, nos campos elíseos poderiam voltar a respirar e a comer.

A morte de um soberano do Egito ou de oficiais gerava os mais extraordinários ritos funerários. Dezenas de carpideiras, jovens e adolescentes choravam a morte do faraó, com gritos, com canções fúnebres, com representações de dor e morte que possuima três funções, evitar que o defunto sentindo-se abandonado voltasse a assombrar os vivos, demonstrar afeto público diante de toda a comunidade e demonstrar apreço ao morto, dentro da esfera celestial, para que comovossem os deuses demostrando a perda de uma grande figura humana, pedindo deste modo, misericórdia para este no futuro julgamento divino.

Jesus também será seguido de carpideiras. Mas, ele não permite que elas continuem seu trabalho de dores porque bem sabe que ressuscitará. E seu trabalho será em vão. E durante a morte de Cristo, a própria natureza agira como sua CARPIDEIRA CÓSMICA. Os céus ficarão de luto, as trevas tomarão conta do mundo durante o instante de sua morte. A própria terra tremerá quando o herói falecer, se contorcerá e romperá sepulcros. Sua vida é semente que trará a luz a

Nova Criação, Jesus transtorna a existência dos poderes. Faró é tido como o grande guerreiro, nos túmulos estão exaltadas para sua memória as grandiosas batalhas. Suas derrotas, porém, não são nomeadas. Jesus então também vencerá. Vencerá a maior guerra de todas, a da salvação humana, contra o pior inimigo de todos, o reino das trevas e até mesmo a própria morte será vencida no dia de sua ressurreição. Os faraós necessitavam de feitiços, conjurações e mágicas para proteção de suas almas. Eles criam no poder mágico da Palavra. Imaginavam o poder criador da palavra de seus deuses. A palavra de Jesus é o que basta, não necessitando de feitiços pois ele mesmo é a fonte de todo o poder, sendo ele UNGIDO, tem autoridade sobre poderes, sobre enfermidades e sobre todas as coisas. Os antigos egípcios imaginavam que se conhecessem os nomes secretos de suas divindades, coisa que só determinados sacerdócios ou deidades tinham acesso, poderiam controlar os deuses. Em Apocalipse é Jesus que declara que por sua própria vontade e como recompensa manifestaria algo que até este momento não sabíamos da existência, um nome que ele possui e não temos ciencia. Jesus declara a si mesmo como portador de um nome secreto, a similaridade das deidades do Egito. Mas, seu nome público é suficiente para manifestar toda sua autoridade. Os faraós colocavam o nome de suas divindades em seus nomes, para enaltecerem a si mesmos, para legitimarem-se como divinos, como parentes da divindade tutelar vigente.

Porém, é Deus que nos adota e nos torna co-herdeiros com Cristo, nos tornando espiritualmente parte de sua família, nos concedendo um sobrenome celestial.

As bênçãos de seu pai são superiores
às bênçãos dos montes antigos,
às delícias das colinas eternas.
Que todas essas bênçãos repousem
sobre a cabeça de José,
sobre a fronte daquele que foi separado
de entre os seus irmãos.
Gênesis 49:26

O que a religião egípcia representava como anseio humano, é concedido gratuitamente á Igreja de Cristo por vontade de Deus.

O Nilo era a fonte da vida para o Egito, Cristo é a fonte da vida para o mundo inteiro, e a partir dele, da fé nele, rios de água viva fluem do interior de quem nele crê. Seu poder nos faz Nilos.

Os egípcios chamavam seus hieróglifos de "palavras de Deus" e reservavam o seu uso para fins de exaltá-los, como se comunicar com divindades e os espíritos dos mortos por meio de textos funerários. Cada palavra hieroglífica representava um objeto específico e encarnava a essência do objeto, reconhecendo-o como divinamente feito e pertencente dentro do grande cosmos. Através de atos de ritual sacerdotal, como a queima de incenso, o sacerdote autorizava que espíritos e divindades lessem os hieróglifos decorados nas superfícies dos templos. Em textos funerários do início e após a XII dinastia, os egípcios acreditavam que

desfigurar, e até mesmo omitir certos hieróglifos, trazia consequências, boas ou más, para o ocupante falecido de um túmulo cujo espírito contava com os textos como uma fonte de alimento na vida após a morte. Mutilando o hieróglifo de uma cobra venenosa, ou outro animal perigoso, removia-se uma ameaça potencial. No entanto, a remoção de todas as instâncias dos hieróglifos que representam o nome de uma pessoa falecida privaria a alma dele ou dela da capacidade de ler os textos funerários e condená-la a uma existência inanimada.

Jesus nos manifestará a palavra da vida. Sua palavra é espírito e Vida, sua palavra é aquela que VIVIFICA o ser humano porque suas palavras são verdadeiramente revelação divina, são palavras do próprio Deus Vivo. Porém os paralelos com as Escrituras são muito mais abundantes do que uma primeira leitura pode revelar. Jesus é como um hierógrifo que sai de uma parede, ele é a representação mais perfeita da divindade tanto que é denominado em Apocalipse de "a Palavra de Deus". Os discípulos dizem que suas mãos tocaram na "Palavra da Vida".

I Jo 1. 2 O QUE era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e o que nossas mãos tocaram da Palavra da vida, 2 (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada).

A mágica do Egito, fruto da ficção religiosa, do misticismo e da revelação de entidades espirituais, se baseava na "escrita mágica". Os hierógrifos não tinham somente o caráter linguístico, embora também fossem usados de modo secular, como uma língua moderna. Sua origem é sacerdotal, sua essência a magia, seu caráter religioso, sua função ritualística, sua razão maior de ser, a comunicação com o mundo do além, sua finalidade a proteção, ou a maldição. O Egito profetizava pela escrita faraônica, ou pelos hierógrifos.

Quando Jesus anuncia a essência verdadeira da Palavra divina, vai confrontar todos os conceitos filosóficos, mágicos e espirituais contidos nos hierógrifos.

Confronta sua transitoriedade com a eternidade da palavra de Deus, que é sobretudo, SUA PALAVRA:

"*O céu* e a *terra passarão*, mas as minhas palavras jamais *passarão*"

O egípcio imagina que ter seu nome apagado da parede de um túmulo o destina ao nada, a desintegração.

Essa função pertence a escrita sagrada de um livro muito superior a da sabedoria egípcia, o livro da VIDA, cujo poder de escrever ou apagar mais uma vez é delegado ao Senhor Jesus:

O vencedor será igualmente vestido de branco. J**amais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai** e dos seus anjos. Apocalipse 3:5

O egípcio imaginava oferecer, em parte, como oferenda ou alimento, as palavras tumulares, os textos das pirâmides e dos sarcófagos como arte mágica para alimentar, sustentar ou evitar o retorno em forma maligna de um morto.

Jesus confronta tal pensamento quando afirma que:

Disse Jesus: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra.

João 4:34

Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. João 6:55

Um morto egípcio necessitava sustento de palavras mágicas para continuar sendo sustentado na caminhada no mundo do além. Tanto os vivos como os mortos egípcios necessitavam de uma cobertura de palavras mágicas, feitiços, conjurações, maldições, encantamentos para serem protegido dos poderes de espíritos malignos e da ira das suas próprias divindades inconstantes. O favor de Hathor hoje poderia ser a desgraça do amanhecer. A graça de Isis transformada numa tempestade de dor.

Jesus é um mix, concentra em si o fato de ser o autor, o escritor, a divindade, a oferta, a manifestação viva da VERDADEIRA palavra escrita de Deus, sendo ele cumprimento das profecias antigas, sendo ele mesmo alimento espiritual para todos os que nele creem. Sendo ele mesmo uma manifestação incondicional e perene de Favor divino imutável. Sendo ele mesmo um ato mágico e profético que anula todas as maldições.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo.

Efésios 1:3

CAPITULO XXIII - AS VESTES EGÍPCIAS DAS ESCRITURAS HEBRAICAS

A Sabedoria da Antiguidade era como uma disciplina acadêmica moderna, tomando na maioria das vezes uma forma de tradição oral. Porém deixou-nos um legado escrito em vários idiomas da antiguidade. A sabedoria era um conjunto de aforismos, meditações, provérbios, comentários que foram os precurssores da escola de filosofia grega. É nas fontes da sabedoria dos povos que os gregos bebem até gerar seu modo critico de ver o mundo. A bíblia possui gêneros literários herdados de diversas fontes, pois a sabedoria antiga era composta em diversos modelos literários, próxima da linguagem pedagógica dos libros atuas do ensino de crianças. Os povos aprendiam e metitavam nas coisas espirituais, nos costumes, nos hábitos, nas tradições herdadas, nas questões comportamentais através de histórias, contos, anedotas, comparações, poesias, canções, provérbios e mesmo romances. A bíblia compartilha dessa diversidade onde manifesta a profecia em cânticos, anedotas, canções de vendedores de água, gritos de vigias noturnos, deboches, lamentações, zombarias, poesias, tragédias, relatos, crônicas, ofícios, editos reais, provérbios, aforismos, conselhos, profecias, mandamentos, reclamações, provocações, ritos, descrições, listas, até mesmo fórmulas mágicas. Nós leremos a palavra divina manifesta de inúmeras formas, com diversas entonações e cenários externos, com um arcabouço cultural gentio, babilônico, grego, romano, assírio, africano e também egípcio. Deus traduz sua visão sobre as coisas usando elementos que são naturais, perceptíveis, facilmente reconhecíveis por vários povos e por muitas nações. E dentro dessas vestimentas, ora gregas, ora árabes, ora caldéia; como nosso foco é o Egito, veremos as Escrituras RICAMENTE ADORNADA de indumentária egípcia. Repleta de adornos literários e culturais egípcios.

Há um desdobramento lúdico na profecia das Escrituras. Por lúdico nós tomamos emprestado todas as brinaceiras, jogos, relações humanas como Zombaria, os rituais, as festividades, as danças, e mesmo a conquista, o romance, e até estratégias de guerra. O lúdico está presente nas batalhas, nas guerras, no Direito, e até na mágica. Qualquer comportamento teatral é lúdico na sua essência. O lúdico é a capacidade da criança, mesmo do adulto criar um mundo de regras, um universo onde o jogo e suas relações que só existe durante um tempo determinado, o domínio da brincadeira, ou da representação. Não é possível o ser humano viver sem o lúdico, porque ele é algo, meio que indefinido, uma dimensão da alma, uma capacidade ou propriedade da mente/inteligência, que não é exclusividade humana, limitado nos animais (todos os animais brincam), que faz com que interpretemos símbolos, figuras, conceitos, abstrações. É como a mente humana lida com certas informações, a matemática, a física, a própria linguagem humana é um jogo em que sons ganham vestimentas de traços, ideogramas, símbolos. Nós vemos uma palavra escrita e através da imaginação, a transformamos em sonoridade. O lúdico, então, é a capacidade de representarmos o tecido da realidade de um modo resumido, o jogo é um pequeno cosmos, onde estão presentes de modo resumido coisas maiores, e profundas, a vida, a morte, a derrota, a vitória, a honra, a vergonha, o princípio, o

fim, a conquista, a perda, o esforço, o premio, a alegria ou o sofrimento. A glória ou o fracasso.

E o Espírito de Deus usa esse recurso no arcabouço literário das Escrituras, até as raias do absurdo.

Não vou classificar (se é tragédia, comédia, conto, aforismo, anedota, zombaria, conto maravilhoso, literatura de "assombroso", discurso mágico, oráculo, tratado, provérvio, máxima, lei, código, costume, romance, crônica, cantiga, lamento, etc, I d´ont had time) as cenas. Contudo, vou tentar (a síntese nunca foi meu ponto forte) resumir essa visão egípcia das Escrituras neste capítulo.

O faraó, desde que confundem seu cargo com o palácio em que morava (faraó era o nome antigo do palácio onde morava o regente do antigo Egito), é um escravo de suas tradições, preso a uma infinidade de rituais. Ele é uma espécie de deus-homem, e seu papel é dar ordem na ordem das coisas. O cosmos, por assim dizer, depende de seus atos. O Nilo, feito das lágrimas de Isís, era convocado as cheias que nutriam os campos de trigo, arroz e cevada através de um rito anual presidido pelo faraó. O mundo egípcio dependia, literalmente, dele. Porém o farão era somente humano. Como tal se apaixonava, como tal padecia e tinha um medo monstruoso da morte e do amanhã. Mais propriamente do amanhã do que da morte. A honra buscada pelos gregos que queriam ser imortalizados em poemas homéricos talvez fosse só uma sombra da preocupação em manter o nome vivo contra as águas do esquecimento, ter uma imagem que permanecesse na história, até para que ele, depois de morto, ter a possibilidade de continuar sua história. Os túmulos elevados a quintessência do escalabro, de gigantismo inédito e que inspirou outros tantos mausoléus pelo mundo afora, tinham uma função escatológica, eram memorial para choro eterno, deviam servir de futuros templos para os novos deuses, que seriam os faráos transformados em estrelas no azul de Nut, deusa que representava a noite e os céus estrelados, a constelação feito "gente" da antiguidade. Mais do que um PopStar da atualidade, ser estrela a brilhar nos céus, era uma meta que exigia um célebre esforço pós-morte, além da ajuda de uma carpideira eterna, ou que durasse o suficiente para que o recém, chegado aos campos elíseos egípcios pudessem ser julgados e se possível absolvidos no tribunal de Osiris. Era por isso que havia tanto feitiço escrito nas paredes dos túmulos, e a razão do choro incessante de um grupo original – o das carpideiras – profissão que nasce justamente no Egito.

Quando Jacó morre há certamente uma ciumeira incontinenti no coração da família real egípcia. O choro pela morte de Jacó é de tal monta que se tornou célebre. É um momento de dor que deixou para sempre na imaginação dos futuros regentes das duas terras aquilo que se devia esperar pela morte de um representante divino.

Como dito antes, o mais poderoso dos homens, temia a morte, o esquecimento, a morte depois da morte, a SEGUNDA MORTE, que seria quando deixaria

finalmente de existir. Era tanto desejo de existir que o egípcio contava pelo menos 9 partes que compunham a essência espiritual humana. Não duas e nem três, antes nove. Outro contraponto que talvez não seja sem referencia que o Espírito de Deus concede 9 DONS ESPIRITUAIS. Mas, como dito o faraó se apaixonava. As mulheres egípcias eram de beleza extraordinária, que o diga Marco Aurélio e toda trabalheira para conquistar Cleópatra. A maquiagem nasce ou se firma como arte no Egito. Os corações dos adolescentes egípcios eram romantizados, desde muito jovens. Os templos eram recheados de imagnes cujo erotismo era tamanho que uma das declarações que o morto deveria expressar no tribunal da morte é que "não cometi nenhum ato abominável ou vergonhoso dentro do templo dos meus deuses" e que na verdade escondia o fato de que muitos destes adolescentes se masturbaram pela primeira vez em suas vidas diantes da iconogravura erótica ao extremo do antigo Egito. As histórias das divindades eram de sexo, traição, tragédia e morte, não necessariamente dentro desta ordem, e os cânticos que inspirariam os romances dos Vedas indianos, que hoje são conhecidos de modo modernizados através do cinema de Bolliwood, cantavam romances e eram realizados com ajuda de danças com pouca roupa de sacerdotisas que inventaram passos ousados e acrobáticos, ainda representados nas paredes de templos, e ainda presentes como tradições nas danças do ventre e similares. Diga-se de passagem que a dança dos sete véus era uma teatralização de um evento que envolvia a strip-tease de Isis, que em busca de resgatar do reino da morte seu amado Osíris vai obedecendo às divindades que ordenam que a cada passo se desfaça de uma das partes de suas vestes, que no total somam sete. Não recordo se ainda sobrou ao menos seu colar, ao chegar no fundo do abismo. Esse erotismo exarcebado ia até mesmo aos enterros. O que era terrível para alguns, para os jovens, nem tanto assim. As antigas carpideiras, normalmente o grupo das mais jovens, realizava sua triste cantoria e a seus atos fúnebres com os seios à mostra.



Fig. 8. Outro grupo de carpideiras: mãos sobre a cabeça, desalinho das vestes, pés descalçados, seios nus, cabelos atados, lágrimas abundantes. Vinheta do Papiro de Ani (BM EA 10470.6), XIX Dinastia.

Ou seja, não é necessário dizer que ao redor do grupo de mulheres chorando, havia sempre um grupo de adolescentes, *chorando mais alto ainda*. Então quando lemos nas Escrituras que um faraó se apaixona por Sara, e que ele a introduz no palácio, não estamos distantes da realidade. O rei se apaixonou pela

camponesa. Só que ela era a mulher de um profeta. Essa realidade de folhetim era próxima à de todas as eras. Não é sem razão que a mulher do eunuco e capitão do exército de faraó se aproxima do jovem israelita. A mulher casada vivia envolta num mundo de romance e sensualidade *espiritual*. Se ela era uma sacerdotisa, então conhecia de cor os cânticos de Isís, que um dia inspirariam os de Inaana, Ishitar, Afrodite, e todas as demais. E ainda tinha o fato de ser uma esposa insatisfeita sexualemente. Pelo fato de viver numa sociedade carnal (fato reclamado numa profecia em Ezequiel). José disse não, pela sua posição, pela sua lealdade ao seu senhorio. Por causa do temor divino. Potifar deriva de Ptah, deus da sabedoria egípcio. Após a libertação, ele receberá como esposa a filha de um sacerdote, Potifera. São variações do mesmo nome em egípcio.

"E nasceram a José dois filhos (antes que viesse um ano de fome), que lhe deu Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om"

A esposa de um guereiro o trai e a filha de um sacerdote o consola.

Seu nome era Azenate. Significa "aquela que salva".

Ainda que considerado de natureza divina, o faraó, por sua natureza humana, estava suieito à morte. Porisso existia um ritual, originado nos tempos pré-históricos e que perdurou até o Período Ptolomaico (304 a 30 a.C.), cujo objetivo era a de renovar a força do rei. Conhecido como festival Heb-Sed, *ou Festa da cauda, era celebrado, teoricamente, após os trinta primeiros anos de re*inado e a seguir em intervalos variáveis a cada três ou quatro anos. Nessa festividade, dramática e sombria, o rei passava por um sacrifício simbólico e público de morte e depois renascia para assegurar a fertilidade da terra. Por esse ritual se regenerava a força física e mágica do rei envelhecido, força com a qual ele poderia ainda, e por mais outro longo período, exercer seu papel de criador, como acontecia quando subiu ao trono. Tratava se de um ritual altamente significativo para os egípcios, como atesta sua representação nos templos funerários reais desde o tempo do faraó Djoser (c 2630 a 2611 a.C.) até o Império Novo (a, 1550 a 1070 a. C.) e o elevado número de tais festas que a tradicão nos transmitiu. Em essência a festa consistia de procissões e cortejos diversos dos quais o faraó e seu séquito participavam, visitando os santuários do país. Os relevos mostram cenas nas quais o soberano, já rejuvenescido, acolhe e recebe as honenagens de delegações vindas de todos os cantos do Egito. Também se executavam determinados ritos que deviam atestar o novo domínio do rei sobre o mundo. Entre eles destacavam-se o lançamento de flechas nas quatro direções do céu e a corrida ritual do rei, paramentado com as insignias da soberania, rito pelo qual o feraó demonstrava a recuperação da sua força. O faraó já praticara essa maratona durante a cerimônia de sua entronização e agora repetia o exercicio. A corrida do rei acontecia num local apropriado, construído ao redorde seus edificios funerários. Ao público presente era, assim, revelada a força física do rei e sua habilidade para governar usando suas capacidades corporais e mentais. Entre as cenas mais conhecidas dessa festividade estão as do faraó Djoser correndo ao redor de seu complexo mortuário.

Podemos exemplificar a necessidade faraônica da relação de proximidade entre divindade e poder. Nas campanhas do faraó Kamés contra os hicsos (reis pastores vindos da Palestina), o rei egípcio os repeliu conforme as ordens do deus Amon, que era considerado "famoso" por seus conselhos. Outro caso interessante é o da rainha e faraó Hatshepsut (1473 – 1458 a.C.), que imortalizou uma das formas utilizadas para estabelecer a sua legitimidade no trono. Em seu templo mortuário em Deir-el-Bahari, ela ordenou que fosse descrito o seu nascimento divino por desejo do deus Amon. Segundo a história, o deus toma a forma do faraó Tutmés I (seu pai) e faz amor com a rainha Ahmés (sua mãe), concebendo, assim, Hatshepsut de forma divina. Amon-Ra então diz que essa filha de seu corpo será a legítima governante do reino. A experiência de Hatshepsut nos permite dizer que o acesso de mulheres à posição de faraó era possível. Entretanto o cargo tinha caráter masculino, provavelmente em função das práticas mágicas e religiosas que envolviam tal posição

As carpideiras da antiguidade, como apontado em um excelente estudo do egiptólogo José das Candeias Sales no tratado "AS CARPIDEIRAS RITUAIS EGÍPCIAS: ENTRE A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES E A ENCENAÇÃO PÚBLICA. A IMPORTÂNCIA DAS LAMENTAÇÕES FÚNEBRES"

Tinham tripla função:

1) Eu choro convulsive apontava para o público a perda de um regente querido, que merecia ser dignificado e honrado mesmo após sua morte;
2) Seu lamento fúnebre cerimonial era uma apresentação póstuma às divindades como prova de que o mundo humano perdera uma grande pessoa, que as divindades pudessem ser misericódiosas e aceitá-lo, já que em vida foi muito amado. Era um clamor pela misericórdia futura.
3) E um terceiro e nefasto propósito. Acalmar o morto. Apaziguá-lo, para que não ficasse envergonhado por não ter apreço ao morrer, por desconsiderado e resolver voltar como um demônio ou entidade maligna, um esectro ou fantasma amaldiçoado a comunidade ingrata que não teve afeição ao grande legado que o regente/faraó/sacerdote/oficial ou general havia deixado. O morto deveria parir tranquilo, para que não voltasse para se vingar. Esse processo deveria ter continuidade nos rituais futuros. Lançada aqui a base da oferenda, dos amanjares aos mortos, das oferendas volitivas que estariam presentes em inúmeras religiões e que ainda fazem parte dos costumes fúnebres de muitos povos, com especial ênfase na cultura asiática. Ao ler a "A cidade Antiga" de Fustel de Colanges, nós teremos a noção da importância para o mundo antigo da oferenda aos mortos: (Da cidade Antiga) - Essas crenças logo deram lugar a regras de conduta. Desde que o morto tinha necessidade de alimento e de bebida, pensou-se que era dever dos vivos satisfazer às suas necessidades. O cuidado de levar alimentos aos mortos não foi abandonado ao capricho, ou aos sentimentos mutáveis dos homens; era obrigatório. Estabeleceu-se desse modo uma verdadeira religião da morte, Os gregos de boa mente davam aos mortos o nome de deuses subterrâneos. Em Ésquilo um filho invoca deste modo o pai morto: "Ó tu, que és um deus sob a terra." — Eurípides diz, falando de Alceste: "Junto a seu túmulo o viandante há de

parar, e dizer: Esta é agora uma divindade feliz." — Os romanos davam aos mortos o nome de deuses manes: "Prestai aos deuses manes as honras que lhes são devidas — diz Cícero — pois são homens que deixaram de viver; reverenciai-os como criaturas divinas." Os túmulos eram os templos dessas divindades. Assim exibiam eles, em latim e em grego, a inscrição sacramental: Dis Manibus, theõis ethoníois. — Era lá que o deus permanecia sepultado: Manesque sepulti — diz Virgílio. Diante do túmulo havia um altar para os sacrifícios, como diante do túmulo dos deuses. Encontramos o culto dos mortos entre os helenos, entre os latinos, entre os sabinos e entre os etruscos; encontramo-lo também entre os árias da Índia, como mencionam os hinos do Rig-Veda. Os livros das Leis de Manu falam desse culto como do mais antigo entre os homens. Esse culto era idêntico tanto na Índia quanto na Grécia e na Itália. O hindu devia oferecer aos manes a refeição chamada sraddha: "Que o chefe da casa faça o sraddha com arroz, leite, raízes, frutos, a fim de atrair sobre si a proteção dos manes". — O hindu acreditava que no momento em que oferecia esse banquete fúnebre, os manes dos antepassados vinham sentar-se a seu lado, e recebiam os alimentos que lhes eram oferecidos. Acreditava também que esse banquete proporcionava grande alegria aos mortos: "Quando o sraddha é oferecido de acordo com o ritual, os antepassados daquele que oferece o banquete experimentam uma satisfação inalterável. Os gregos e romanos tinham exatamente as mesmas opiniões. Se deixassem de oferecer aos mortos o banquete fúnebre, logo estes saíam de seus túmulos, e, como sombras errantes, ouviam-nos gemer na noite silenciosa. Censuravam os vivos por sua impiedosa negligência; procuravam então castigá-los, mandavam-lhes doenças, ou castigavam-lhes as terras com a esterilidade. Enfim, não davam descanso aos vivos até o dia em que voltassem a oferecer-lhes o banquete fúnebre. O sacrifício, a oferta de alimentos e a libação levavam-nos de volta ao túmulo, e proporcionavam-lhes o repouso e atributos divinos. O homem assim estava em paz com eles. Se o morto esquecido era criatura malfazeja, o honrado era um deus tutelar, que amava aqueles que lhe ofereciam alimentos. Para protegê-los, continuava a tomar parte nos negócios humanos, desempenhando muitas vezes a sua parte. Embora morto, sabia ser forte e ativo. Dirigiam-lhe orações, pedindo-lhe favores e auxílio. Quando encontravam um túmulo, detinham-se e diziam: "Tu, que és um deus sobre a terra, sê-me propício" Essas almas humanas, divinizadas pela morte, eram as que os gregos chamavam de demônios ou de heróis. Os latinos chamavam-nas de lares, manes ou gênios, — "Nossos antepassados acreditaram — diz Apuléio — que os manes, quando maus, deviam ser chamados de larvas, e de lares quando eram benfazejos e propícios." — Lemos em outro lugar: "Gênio ou lar, trata-se do mesmo ser; assim o creram nossos antepassados." — E em Cícero: "Aqueles que os gregos chamam demônios nós chamamos lares."

Percebe-se então a necessidade do choro das carpideiras e a posterior a necessidade dos banquetes dos mortos.

São duas faces de uma mesma história sinistra.

A religião de todos os povos bebeu abundamentemente nas águas doutrinároas da religiosidade egípcia. As carpideiras do Egito eram instituídas a partir de uma lenda, da mitologia egípcia.

A importância funcional e ritual das lamentações públicas das carpideiras e dos carpideiros egípcios é sublinhada pelo arquétipo simbólico-mitológico da lenda osiriana, em que as irmãs divinas Ísis e Néftis passam pela experiência da separação de Osíris, induzindo uma demanda pelo ser amado e lamentando-se, por fm, sobre o seu corpo recuperado. Ísis («a grande carpideira») e Néftis («a carpideira menor»), sempre representadas nas extremidades do sarcófago de Osíris, lugares canónicos que a iconografa respeitou (Ísis aos pés do defunto e Néftis à cabeceira), demonstraram a eficácia performativa dos seus gestos e da sua mágica energia ao conseguirem um milagroso renascimento de Osíris no mundo do Além. A morte de Osíris marcou ideologicamente a irrupção da morte no mundo e instituiu-se como modelo para o lamento fúnebre. A morte de Osíris implicou um grave desequilíbrio cósmico, constituindo uma ruptura na ordenada marcha do universo que se tornava necessário solucionar. A sua morte lançou o mundo na tristeza, numa dor que atingiu deuses, homens e animais. O ritual dos seus funerais irá assumir e consumir essa tristeza, reservando para a dupla Ísis-Néftis um lugar insubstituível. A evolução religiosa egípcia **fez do morto vulgar um Osíris divino**, necessitando, por isso, do mesmo zelo e cuidado das lamentações fúnebres, neste caso de grupos de organizadas carpideiras.

As Escrituras hebraicas não somente usam expressões e vocábulos emprestados da cultura egípcia. Após a mais terrível praga quando finalmente o faraó reconhece a soberania do Deus a quem Moisés anunciava, Moisés pede que os egípcios ofereçam jóias e ouro.

Exodo 12

35 Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme à palavra de Moisés, e pediram aos egípcios jóias de prata, e jóias de ouro, e roupas.

36 E o Senhor deu ao povo graça aos olhos dos egípcios, e estes lhe davam o que pediam; e despojaram aos egípcios.

E então as mulheres israelitas ganham milhares de brincos, anéis, pulseiras, colares e jóias de todo tipo. Não somente jóias como roupas, adereços. Pintura, perfumes, acessórios de beleza. Cordões de ouro, enfeites de prata.

Isso simboliza que a riqueza espiritual egípcia, o que havia de bom, o que era aproveitável, o que era valioso, o que era aceitável pelo Espirito da sabedoria, da filosofia e das práticas e culturais que poderiam ser santificadas foram usadas pelo Espírito para composição das Escrituras. As jóias que as moças israelitas receberam representava uma sombra, onde o Espírito de Deus separaria o jio do trigo, o espiritual do carnal, o verdadeiro contido, fosse nas formas de expressão religiosa,

fosse nas formas de adoração, seja na expressão literária, e as usaria até de modo profético.

Em primeiro lugar ele, o Espírito de Deus, arrancou os ídolos, eliminou as práticas de sexo sagrado, ele eliminou o contexto de feitiçaria, ele destituiu os animais de suas vestes mágicas, ele proibiu a necromancia e a prática espírita. Tirou a morte do centro da existência humana pela revelação do tabernáculo.

Mas, permitiu que as Escrituras tivessem a beleza de uma princesa egípcia.

Os provérbios possuem a idêntica forma dos ditos de sabedoria egípcia da antiguidade. O hebraico possui também em sua poesia dezenas de profecias onde o Espírito de Deus faz algo que a escrita sacerdotal e mágica egípcia era mestre em realizar: O uso de expressões e nomes com sons parecidos. A paranomásia não é figura de estilo original da língua portuguesa. É recurso estilístico usado comumente nas línguas orientais, e tem sua herança na linguagem faraônica, ou nos hierógrifos. As canções de amor egípcias são a forma que Salomão se apoiará para tecer o Cantico dos Canticos. E sua poesia usa sonoridades semelhantes de palavras, assonâncias em hebraico que seriam semelhantes as do egípcio antigo nos hinos de Amon Ra. Cantares terá várias brincadeiras, várias cenas que irão de encontro ao cenário egípcio, relendo seus sonhos, usando imagens que não são estranhas ao mundo egípcio, mas de um modo absolutamente novo. Há um momento em que o Espírito de Deus através de Salomão brinca com o conceito de "feitiço" ou "encantamento" quando Salomão afirma que foi "capturado' por uma conta, uma pérola mágica do colar de Sunamita...uma alusão as práticas de encantamento mágico e de pedras que eram usadas em feitiços antigos para obter o amor, que certamente nasceu no Egito antigo. Na poesia de Cantares há um instante em que Sunamita cantará diante de uma extasiada plateia, na dança de Maanaim. Cre-se que Cantares foi escrito na juventude de Salomão. A quantidade de "concumbinas" que ele fornece na poesia dá uma pista, ele ainda estava no ínicio da formação do seu vasto harém real. Um dos primeiros casamentos é justamente com a filha de um faraó. Quando Sunamita dançar e encantar ao rei, o fará diante das rainhas e comcumbinas. E certamente significa...que ela estará encantando a Salomão diante da princesa egípcia. A poesia nos leva a visão de um imenso salão e ali sentada ao lado de Salomão a bela princesa egípcia sendo PRETERIDA pela caçadora de raposinhas. Os salmos de Davi são cheios de expressões que não eram estranhas aos adoradores dos deuses egípcios. Não somente expressões, como a arte do canto. Os deuses egípcios eram festejados ou adorados através de um intenso e complexo ministério de musica. Os ídolos eram vestidos, perfumados e UNGIDOS com óleos especiais, e diante deles haviam performances de dançarinas, cânticos elaborados e instrumentistas com diversos instrumentos, alguns documentados em pinturas funerárias. Em um dos hinos de Amon-Ra existe até a figura do recitar em prosa, e do contracanto. Os salmos de Davi ganham a estrutura egípcia, o modo como são descritos os instrumentos e instruções decomo serem cantados, no original em hebraico, fato comum na ortodoxia egípcia. Eles possuíam hinos, que eram cantados por mestres de musica, por grupos de cantoras e cantores, onde havia um procedimento de canto. E as expressões de exaltação que

o Espírito coloca na boca de Davi é de poesia e identidade semelhantes aos dados há algumas divindades. Os salmos RETOMAM o louvor e adoração devida ao Deus verdadeiro. Deus reclama pa si uma profunda adoração dada a deuses que não eram deuses!

Deus está na congregação dos poderosos; julga no meio dos deuses.

Salmos 82:1 Com deuses estranhos o provocaram a zelos; com abominações o irritaram.

Significa que exaltavam aos deuses da antiguidade dando a eles uma glória que não lhes pertencia. Mas, poucos tem a noção da PROFUNDIDADE da adoração dada aos falsos deuses e deusas, a Osíris, Isis Ra ou Amon. Ou a fusão deles. A teologia egípcia ia modificandos-se no decorrer dos anos e são eles mesmos que dão inicio ao sincretismo religioso, com a fusão de deuses, com assimilação de atributos das divindades anteriores por umnovo panteão, dependendo da cidade estado da época, Menphis, Heliópolis ou Tebas.

Nos textos de hinos de adoração, a maioria a Amon Rá, uma fusão de deuses, podemos ver o caráter que marcaria os salmos das Escrituras:

Ele diz em tua presença que tu lhe concedes todo o bem, que tu o salvas de todo o mal e de todos os danos
e que eles não te aconteçam, eternamente.

Tu és o deus que veio à existência pela primeira vez, quando nenhum deus tinha ainda vindo à existência, quando não tinha ainda sido inventado o nome de coisa alguma.

Tu és o senhor da terra inteira.

cujo nome está escondido mais do que as suas origens, chefe supremo que brilha pelos seus dois olhos, poder venerável,

O seu lápis-lazúli está em volta
tendo o nome daquele que repele o mal.

Tu és aquele que fizeste os deuses.
A tua forma está sobre ele, vida e prosperidade (?). Ele jamais morrerá, eternamente

(O hino do Papiro de Berlim 3055, que se conserva no Museu Egípcio de Berlim,)

É o deus majestoso, o senhor de todos os deuses, Amon-Rá,

Todos os seres vieram à existência
quando o seu ser começou a existir.

Não existe nada que não esteja nele.

Deus divino que se fez a si próprio,
que fez o céu e a terra, segundo o seu desejo,

As Duas Terras tremem quando ouvem o seu nome venerável

Leão feroz, cujos olhos divinos queimam,
senhor da chama contra os seus inimigos.

O céu e a terra são penetrados pela sua perfeição luminosa, rei beneficente, infatigável, pontual, no nascer como no deitar. Os homens saíram dos seus olhos divinos;
os deuses, das palavras da sua boca

[deus] de braço poderoso que combate os seus inimigos

Deuses e deusas curvam-se ante o seu poder,
devido ao seu prestígio.
Vindo no princípio, ele realizou o fim.

As suas decisões não são titubeantes,
estáveis são as suas palavras, eficientes, as suas ordens,

e duplica os anos daqueles que merecem o seu favor.

O que se encontra em cima e o que se encontra em baixo foram feitos por ele.
Ele é aquele que se produz para além de si mesmo.
O seu oráculo é firme, as suas ordens são sublimes,
os seus planos nunca falham.

Aqueles que estão estendidos erguem-se para o ver;
os seus gritos de alegria circulam de boca em boca.

Deus único que se fez em milhões [de formas]

(trechos de louvor a Amon que consta na introdução ao decreto feito para a sacerdotisa Nesikhonsu)

O sacerdócio egípcio adorava seres que não existiam, que possuíam mitologias de tremenda sexualidade, uma cosmogonia erótica, numa mistura de religião e mágica, encantamentos e necromancia, concedendo a eles atributos que somente Deus é portador. Tudo que era teologicamente aceitável na doutrina egípcia, só possui pleno cumprimento na pessoa de Cristo.

Os feitos gloriosos de suas divindades de ficção mostram a corrupção da adoração divina, onde há uma substituição de Deus por representações que ele rejeita de modo formidável através das pragas enviadas por Moisés. Porque no meio de uma

devoção profunda a poderes terrenos, a deuses carnais, a estátuas e ídolos de construção humana, havia uma construção assombrada, tétrica, mortal. Um mundo de práticas nefastas, um mundo espiritual torto, aleijado, mentiroso e muitas vezes cruel. As práticas de feitiços nos túmulos eram feitas para enganar suas divindades. Eles viviam um mundo de ocultismo baseado em mitologias sexuais que gerariam a prostituição sagrada na terra inteira. Do Egito seria exportado os cultos ofídicos e os serpentários mágicos para a terra toda, como os templos das serpentes que ainda existem, com sacerdócios em plena operação na India, na Tailandia, na China e na Africa. È da cosmovisão egípcia que uma divindade se manifestava de milhões de formas que os VEDAS iram permera sua idolatria, transformando a India moderna numa civilização onde a religião conduz a adoração de uma infinidade de deuses. Partindo da mesma filosofia, do mesmo raciocínio que moldou os alicerces da teologia egípcia, conduzindo a mesma escravidão a milhões de espíritos malignos de toda sorte.

> *Deuteronômio 32:16*
>
> *Louvai ao Deus dos deuses; porque a sua benignidade dura para sempre.*
>
> *Salmos 136:2*
>
> *Entre os deuses não há semelhante a ti, Senhor, nem há obras como as tuas.*
>
> *Salmos 86:8*
>
> *Porque grande é o Senhor, e digno de louvor, mais temível do que todos os deuses.*
>
> *Salmos 96:4*
>
> *Por isso também os salmos possuem PROPOSITADAMENTE uma "roupagem" egípcia. Pois o Espírito Santo possui ciúmes da humanidade. A adoração verdadeira pertence a ele. Ele é quem possui todos os atributos atribuídos a deuses mortos, literalmente mortos (na mitologia egípcia haviam divindades que havima morrido) que necessitavam ser carregadas.*

Faltaria tempo para aprofundar a relação que existe, onde o Espírito toma nas mãos o pensamento egípcio e o transforma, e usando suas figuras ensina a realidade espiritual, de modo CORRETO.

Incluindo para tal o livro de Apocalipse. Um dos grandes mistérios de Apocalipse é que ele possui a sombra do mundo da antiguidade e em especial do mundo Egípcio, falando da realidade do mundo espiritual de um modo próximo ao pensamento mágico dos povos da antiguidade. O mundo de demônios revelado em Apocalipse, nosso mundo tenebroso, é exatamente como as culturas orientais, em especial a asiática, compreende as relações entre seres humanos e a realidade espiritual. A teologia moderna não sabe transitar entre a ternura do evangelho e a desgraceira do mundo espiritual. Quer descansar placidamente nas palavras do sermão do monte, banhar-se nas águas límpidas da epístola de Colossenses, maravilhar-se com a ternura do evangelho de João, com a beleza das epistolas de

João. Porém não há como transitar na realidade que nos cerca sem encararmos um mundo absurdamente mitológico, absurdamente assombroso para não falar assombrado, repleto, cheio de estruturas espirituais, a maioria delas por nós desconhecidas. Nós não conheceremos amanhã, as vésperas do armagedom o mundo de poderes espirituais declarados em Apocalipse. Não. Nós já vivemos nele. Os poderes presentes no antigo Egito ainda estão perambulando nesta terra.

O Apocalipse declara o submundo, declara as trevas, manifesta o que parece estar escondido, mas é a REALIDADE deste mundo que vivemos. Deste nosso Egito cotidiano.

CAPITULO XXIV - O MITO DE OSÍRIS E ISIS

Osíris (Ausar em egípcio) era um deus da mitologia egípcia, associado à vegetação e a vida no Além. Oriundo de Busíris, no Baixo Egito, Osíris foi um dos deuses mais populares do Antigo Egito, cujo culto remontava às épocas remotas da história egípcia e que continuou até à era Greco-Romana, quando o Egito perdeu a sua independência política. Marido de Ísis e pai de Hórus, era ele quem julgava os mortos na "Sala das Duas Verdades", onde se procedia à pesagem do coração ou psicostasia. Osíris, é sem dúvida o deus mais conhecido do Antigo Egito, devido ao grande número de templos que lhe foram dedicados por todo o país; porém, os seus começos foram os de qualquer divindade local e é também um deus que julgava a alma dos egípcios se eles iam para o paraíso (lugar onde só há fartura). Possivelmente para os seus primeiros adoradores, Osíris era apenas a encarnação das forças da terra e das plantas. Os agricultores faziam estatuetas de Osíris com terra e um sabugo de milho e enterravam nas plantações. À medida que o seu culto se foi difundindo por todo o espaço do Egito, Osíris enriqueceu-se com os atributos das divindades que suplantava, até que, por fim substituiu a religião solar. Por outro lado, a mitologia engendrou uma lenda em torno de Osíris, que foi recolhida fielmente por alguns escritores gregos, como Plutarco. A dupla imagem que de ambas as fontes chegou até nós deste deus, cuja cabeça aparece coberta com a mitra branca, é a de um ser bondoso que sofre uma morte cruel e que por ela assegura a vida e a felicidade eterna a todos os seus protegidos, bem como a de uma divindade que encarna a terra egipcia e a sua vegetação, destruída pelo sol e a seca, mas sempre ressurgida pelas águas do Nilo. Segundo Diodoro Sículo, os primeiros egípcios, logo que surgiram, olharam para o céu e ficaram com temor do Universo, e imaginaram dois deuses eternos, o Sol e a Lua, respectivamente Osíris e Ísis. Osíris significa muitos-olhos, um significado apropriado para representar os raios do Sol, que vêem tudo, tanto a terra quanto o mar. Os mitógrafos gregos, ainda segundo Diodoro Sículo, identificaram Osíris com Dionísio e com a estrela Sirius; Diodoro cita poemas de Eumolpo e Orfeu identificando Dionísio com a estrela Sirius. Segundo alguns, Osíris era representado com uma capa de estrelas, imitando o céu estrelado. O mito de Osíris é conhecido graças a várias fontes, sendo a principal o relato de Plutarco (século I) De Iside et Osiride (Sobre Ísis e Osíris). Alguns textos egípcios, como os Textos das Pirâmides, os Textos dos Sarcófagos e Livro dos Mortos, narram vários elementos do mito, mas de uma forma fragmentária e desconexa.

Osíris é apresentado como filho de Geb e Nut, tendo como irmãos Ísis, Néftis e Set. É portanto um dos membros da **Enéade de Heliópolis.** Ísis não era apenas sua irmã, mas também a sua esposa.

Osíris governou a terra (o Egito), tendo ensinado aos seres humanos as técnicas necessárias à civilização, como a agricultura e a domesticação de animais. Foi uma era de prosperidade, que contudo chegaria ao fim.

O irmão de Osíris, Set, governava apenas o deserto, situação que não lhe agradava. Movido pela inveja, ele decide engendrar um plano para matar o irmão. Auxiliado

por setenta e dois conspiradores, Set convidou Osíris para um banquete. No decurso do banquete, Set apresentou um magnífico sarcófago que prometeu entregar a quem nela coubesse. Os convidados tentaram ganhar a caixa, mas ninguém coube nela, dado que Set a tinha preparado para as medidas de Osíris. Convidado por Set, Osíris entra na caixa. É então que os conspiradores a trancam e atiram-na para o rio Nilo. A corrente do rio arrasta a caixa até ao mar Mediterrâneo, acabando por atingir Biblos (Fenícia).

Ísis, desesperada com o sucedido, parte à procura do marido, procurando obter todo o tipo de informações dos encontrados pelo caminho. Chegada a Biblos, Ísis descobre que a caixa ficou inscrustrada numa árvore que tinha, entretanto, sido cortada para fazer uma coluna no palácio real. Com a ajuda da rainha, Ísis corta a coluna e consegue regressar ao Egito com o corpo do amado, que esconde numa plantação de papiros.

Contudo, Set encontra a caixa e furioso decide esquartejar Osíris em catorze pedaços o corpo que espalha por todo o Egito; Quanto ao significado destes números, deve referir-se que o catorze é número de dias que decorre entre a lua cheia e a lua nova e o quarenta era o número de províncias (ou nomos) em que o Egipto se encontrava dividido.

Ísis, auxiliada pela sua irmã Néftis, partiu à procura das partes do corpo de Osíris. Conseguiu reunir todas, com excepção do pénis, **que teria sido devorado por um ou três peixes, conforme a versão.** Para suprir a falta deste, Ísis criou **um falo artificial com caules vegetais.** Ísis, Néftis e Anúbis procedem então à prática da primeira mumificação. Ísis transforma-se em seguida num milhafre (ave egípcia) que graças ao bater das suas asas sobre o corpo de Osíris cria uma espécie de ar mágico que acaba por ressuscitá-lo; ainda **sob a forma de ave, Ísis une-se sexualmente a Osíris** e desta cópula resulta um filho, o deus Hórus.

Alguns detalhes nefastos:

1) Osíris ainda é uma MUMIA.
2) O sujeito ainda continuou castrado, para copular com a múmia foi usado um falo artificial que foi cravado no sarcófago
3) Isís ainda está em forma de AVE, praticando então um ato que literalmente simbolizaria uma mistura de zoofilia com necrofilia.

Foi *ela quem fez da morte brotar a vida*. Nesse sentido, a figuração cosmogênica de ISIS é que ela concebeu sem penetração masculina, é Mãe Virgem. Assim, ela repetiu Atum, ao poder gerar sem necessitar de um outro, por isso, diz ela: "Desempenhei o papel de homem, embora seja mulher" (JACQ, 2000,p.27).

Ísis deu à luz este filho numa ilha do Delta, escondida de Seth. A partir de então, **Osíris passou a governar apenas o mundo dos mortos**. Quanto ao seu filho, conseguiu derrubar Seth e passou a reinar sobre a terra.

ISIS é representada à procura de Osíris, seu irmão-esposo defunto, que ressucita com seu sopro; ou aleitando seu filho Hórus; ou acompanhando ritos funerários.

Ísis protege os mortos debaixo de suas asas e ressucita-os. Parece ter simbolizado, de início, a deusa do lar, por sua fidelidade e devotamento. Mas, depois de ter roubado, segundo uma lenda, o nome secreto do deus supremo, o Re, seu poder se estendeu sobre o universo, como poder divino. Todo ser vivo é uma gota do sangue de ísis. com efeito, tanto no Oriente Médio quanto na Grécia e em Roma, e em toda a bacia do Mediterrâneo, Ísis foi adorada como a deusa suprema e universal.

"eu sou a mãe e a natureza inteira, senhora de todos os elementos, origem e princípio dos séculos, divindade suprema, rainha da alma dos mortos, primeira entre todos os habitantes do céu, os sopros salutares do mare, os silêncios desolados dos infernos, sou eu quem tudo governa segundo a minha vontade" [citado por Serge Sauneron em Dictionaire de la civilisation égyptienne, Pari

ISIS e ROMA

Originalmente, a grande deusa Mãe para os egípcios era conhecida por Aset. Posteriormente, foi chamada de Ísis pelos gregos, sendo sob este nome que seu culto difundiu-se para fora das localidades egípcias. A etimologia do nome "Ísis" foi analisada por Jorge Fallorca e apresentada em nota em uma tradução da obra Ísis e Osíris de Plutarco.

A palavra "Ísis" seria derivada de certos tempos do verbo grego eidenai, tomados do antigo verbo isemi, sob o significado de saber. Por isso o templo de Ísis foi chamado por Plutarco de Iseión, "a casa onde podemos adquirir a ciência do ser" (Plut. 2). A figura de Ísis aparece na língua hierogrífica com o trono em hieróglifo na cabeça ou sentada, segurando a criança Hórus, de forma que seu corpo está em formato de um trono. O caráter teocêntrico desta sociedade também deve ser destacado, uma vez que o Faraó era considerado uma autoridade investida com poderes divinos, desde as primeiras dinastias, sendo encarregado de fazer reinar a justiça e o bem-estar na terra, idéia que mais tarde seria apropriada pelos imperadores romanos.

Isis é uma divindade que se coloca entre o céu e a terra, entre a natureza celestial (luz) e a natureza terrena (trevas), pois no panteão egípcio, ela não pertence aos reinos mais elevados, mas ao reino sutil, intermediário, o mundo dos espíritos, a atmosfera, o vasto mar em que o mundo temporal foi precipitado

O culto de Ísis obteve muito sucesso no mundo helenístico, ao lado de diversas outras divindades, que atraíram a atenção para a religiosidade egípcia. A cidade de Alexandria é aqui destacada por ser uma cidade tipicamente grega em solo egípcio. Neste lugar houve uma troca cultural significativa, não somente entre os gregos e egípcios, mas também entre os diversos povos que passavam por seu porto. Alexandre, o Grande, conquistou o Egito em 332 a.C, além de diversas outras localidades, construindo diversas cidades sob o nome de Alexandria e impondo um militarismo que proporcionou as bases da civilização helenística. Em contato com os egípcios, respeitou os cultos desses deuses egípcios e reconheceu-se como filho

de Amon e sucessor dos Faraós. Em 332 a.C. fundou a cidade de Alexandria, no Egito, que viria a converter-se em um dos grandes centros culturais da antiguidade. Os egípcios acolheram Alexandre com entusiasmo, sendo respeitado não simplesmente como um conquistador, mas como um libertador que apareceu para pôr fim ao domínio persa.

O culto à Ísis difundiu-se além das fronteiras do Egito e se alastrou por todas as partes do Império Romano. Na península Itálica, a fé nessa deusa egípcia era uma força dominante. Em Pompeia, evidências arqueológicas revelam que Ísis desempenhava um papel importante. Em Roma, templos e obeliscos foram erguidos em sua homenagem. Na Grécia Antiga, os tradicionais centros de culto em Delos, Delfos e Elêusis foram retomados por seguidores de Ísis, e isso ocorreu no norte da Grécia e também em Atenas. Inscrições mostram que Ísis possuía seguidores na Gália, na Espanha, na Alemanha, na Arábia Saudita, na Ásia Menor, em Portugal, na Irlanda e na Grã-Bretanha.

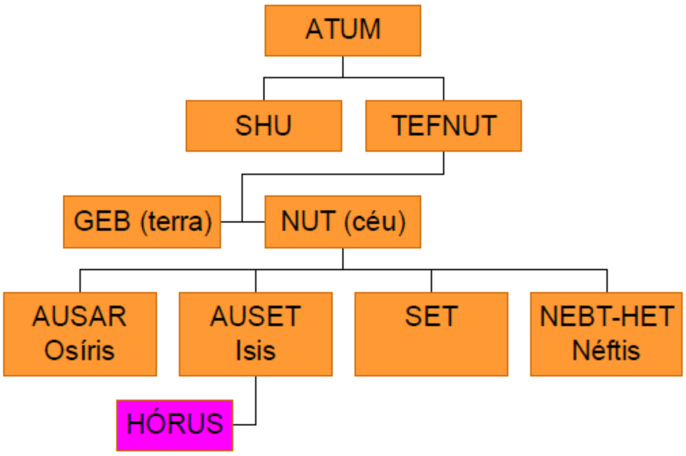
A morte e o renascimento de Osíris eram revividos anualmente em rituais e o Egito preserva uma cerimônia denominada Noite das Lágrimas, lembrando as lágrimas de Ísis durante a busca de seu amado Osíris. Ela ocorre em junho, portanto é conhecida como Festival Junino de Lelat-al-Nuktah. Nessa tradição, mantida pelo povo árabe, revive-se o enlace de Geb e Nut, ou seja, da Terra e do Firmamento, e o surgimento de sua descendência, que inclui Ísis e Osíris, além de seus irmãos, que assim totalizam nove deuses, a famosa Enéada, que teve seu princípio com a Divindade criadora originária.

Para descrever o mito de Isis, resolvemos começar detalhando sua origem, baseados nos registros de Plutarco, colhidos entre os egípcios. Tudo inicia com *Atum*, o Princípio Criador, Senhor do Universo, autocriado, que cuspiu, gerando um casal, irmãos gêmeos *Shu* e *Tefnut*.

Estes, deram **origem a *Nut* (o céu) e a *Geb* (a terra)**, que eram apaixonados entre si, apesar de serem irmão e irmã. Sendo assim, *Atum* ordenou que fossem separados (para sempre), proibindo-lhes qualquer união sexual, mas sua ligação era tamanha, que desobedeceram a ordenança e *Nut* ficou grávida de quatro gêmeos: ***Ausar* (Osíris), *Auset* (Isis), *Set* (Seth) e *Neb-Het* (Néftis)**. *Ausar* (lua minguante e lua crescente, representa a natureza cíclica do universo) **casou-se com *Auset*** e tornou-se rei da terra, primeiro faraó do Egito, visto ser *Auset* (assento, trono, autoridade) a herdeira legitima, o trono físico real.

Set casou-se com Néftis, mas como era estéril não teve filho. Tendo inveja de seu irmão Ausar o odiou por sua popularidade, então resolveu matá-lo, arranjou uma briga e assassinou-o traiçoeiramente. Depois de mata-lo cortou o corpo de Ausar em quatorze
8

pedaços, um para cada noite de lua minguante, e espalhou-o por todo Egito. Morto Osíris/Ausar, Set tornou-se rei do Egito e governou como um tirano.



Quadro 2 Organograma do desenvolvimento dos nove neteru e a primeira criação

Juntos, Ísis e Osíris simbolizavam a realeza do Egito. Ela representava o trono no qual despontava o poder real do marido. O culto desta deusa foi de grande importância na Antiguidade, especialmente no Império Romano, no qual ela obteve muitos discípulos como Senhora da Lua e Mãe do Sol, rainha da Terra e das estrelas, deusa mãe do amor e da magia, perdurando o seu culto até à supressão do paganismo na Era Cristã. Hoje a arqueologia comprova este fato, e é possível encontrar vestígios de templos e monumentos piramidais em todas as partes de Roma.

O projeto ambicioso de Alexandre de unir o Ocidente ao Oriente começou a desmoronar após sua morte, quando o Império que havia edificado foi dividido entre seus generais, cabendo ao Egito a dinastia Ptolomaica, que permaneceu no poder por 300 anos, até que a Rainha Cleópatra VII perdeu o poder para os romanos. A Rainha, na tentativa semelhante de estabelecer uma união entre o Ocidente e o Oriente, firmou alianças com o romano Júlio César e, posteriormente, com Marco Antônio. Na ambição de legitimar seu poder, Cleópatra intitulou-se como a "Nova Ísis", acreditando ser a encarnação da deusa, incorporando sua divindade e todas as suas características. A própria imagem da Rainha foi associada à deusa, aparecendo com as mesmas vestes e posições com seu filho; Júlio César e Marco Antônio são representados como Osíris

No interior da religião egípcia as histórias de divindades e heróis constituem modelos para o comportamento humano. Os mitos não possuem tempos específicos, uma vez que o tempo era cíclico para os povos mais antigos e tais mitos eram revividos todos os anos, a partir dos rituais. Existem diferentes versões do mito de Ísis e Osíris e podem ser explicadas pelas várias localidades e períodos por onde o mito foi transmitido. Uma destas versões foi registrada pelo grego Plutarco (45-120 d.C.), na obra Ísis e Osíris. A obra teria sido escrita quando visitou a cidade de Alexandria e tomou conhecimento das fontes por volta de 100 d.C. Segundo o autor, o culto de Ísis e Osíris era um culto de mistério, exigindo uma iniciação e o segredo por parte dos fiéis. Este mito tinha como característica assegurar a

fertilidade de todo o Egito e rituais eram executados para que sempre o mito fosse revivido. A metáfora coloca Osíris como o solo fértil, igual a terra Geb (divindade masculina), e Ísis como a Deusa Mãe, o Céu Nut (divindade feminina).

Um dos festivais mais importantes, para não dizer o mais importante, era a comemoração da chegada do Ano-Novo egípcio, correspondendo no calendário gregoriano ao mês de julho. Era a representação da criação da terra, o momento em que começava a vida, quando se deixou o estado de caos; era a renovação do ano, marcava o ciclo agrícola, iniciando a estação do cultivo, onde o faraó conduzia um rito demonstrando o poder humano que lhe foi atribuído pelas divindades. Portanto, o festival celebrava a renovação em todos os níveis, temporal e espiritual, astronômico e agrícola, individual e coletivo. Sendo um festival que celebrava o início, ocorria na estação das cheias do Nilo, marcando a nova vida que se inicia, com a esperança no ano frutífero. Com a proximidade da época das inundações, os egípcios perceberam o surgimento da estrela Sírio, denominada de Sopdet, "Spdt", que significa "a chegada da deusa", a quem associavam a Ísis.

Os gregos chamavam a estrela Sírio de Sótis, significando "a alma de Ísis". Assim, a contagem do ano começava com o surgimento desta estrela. O sistema faz sentido, quando o Ano-Novo indicava o início de um novo ciclo agrícola. Quando a estrela surgia, o Nilo transbordava e a terra seca era fertilizada novamente. Diversas pirâmides foram alinhadas de forma a canalizar a luz de Sírio (Ísis) e Órion (Osíris), isso porque havia uma conexão entre a estrela Sírio e a renovação dos mortos. A estrela Sótis ("Alpha Virginis"), e a constelação que modernamente corresponde aproximadamente à de Virgo, surge no Firmamento acima do horizonte em uma época do ano associada à colheita de trigo e grãos e, desse modo, ficou associada a divindades da fertilidade, como Hathor. Ísis viria a ser associada a esses astros devido à posterior fusão de seus atributos com os de Hathor. Ísis também assimilou atributos de Sopdet, deusa da mitologia egípcia descrita como uma mulher com uma estrela de cinco pontas sobre a cabeça, que foi a deificação de Sothis, a estrela considerada por quase todos os egiptólogos como a Sirius. O nome Sopdet significa "Ela quem é", uma referência ao brilho de Sirius, que é a estrela mais brilhante no céu noturno. Logo após Sirius aparecer no céu de julho, o rio Nilo começa seu ano de inundação, e assim os antigos egípcios ligaram os dois fenômenos. Consequentemente, Sopdet foi identificada como uma deusa da fertilidade do solo, que foi trazida a ele por inundações do Nilo. Outras fontes indicam que o surgimento de Sirius no firmamento significava o advento de um novo ano e que os antigos egípcios acreditaram que as cheias anuais do rio Nilo ocorriam por causa das lágrimas de tristeza de Ísis pela morte de seu marido Osíris. O mito sobre Ísis, de grande importância nas crenças religiosas egípcias, retrata-a como uma linda mulher, de longos cabelos negros, pele morena, olhos brilhantes como duas contas de ônix, usando um vestido ricamente bordado com esmeraldas e rubis, adornada com uma tiara e várias pulseiras de ouro, e coroada com o hieróglifo que significava "trono". Embora Ísis fosse considerada como mãe universal, ela era venerada como protetora das mulheres em particular. Sendo aquela que dá a vida, que preside a vida e a morte, ela era protetora das mulheres durante o parto e confortava aquelas que perdiam seus entes queridos.

E m Ísis as mulheres encontravam o apoio e a inspiração para prosseguirem suas vidas. Ísis proclamava ser, em hinos antigos, a deusa das mulheres e dotava suas seguidoras de poderes iguais aos do homem.

O MITO - Ísis é a primeira filha de Geb (deus egípcio da t e r r a) e Nu t (de u s a do firmamento), esposa de seu irmão Osíris e mãe de Hórus (deus dos céus, inebriado de energia solar, cuja designação na língua egípcia era Horu-sa-Aset, que significa exatamente Hórus, Filho de Ísis), com os quais integra a principal tríade (Ísis, Osíris, Hórus) da religião do antigo Egito. O outro irmão, Seth, responsável pelos desertos, se transforma no principal inimigo do casal. Seth invejava profundamente Osíris, que tinha como missão governar a terra, mais especificamente o Egito, e assim tinha a oportunidade de transmitir aos homens conhecimentos preciosos sobre agricultura e trato com os animais. Segundo a mitologia egípcia, Osíris é traído por Seth, morto e esquartejado por esta divindade que é associada à essência do mal. Ísis, desesperada, procurou e conseguiu reunir todas as partes do corpo que tinham sido despedaçadas e espalhadas por todo o Egito por Seth e, por meio de suas habilidades mágicas e de seu poder da cura, recompõe o corpo do amado Osíris, com exceção do genital masculino, trocado por um órgão de ouro. Após isto, ela consegue procriar com o corpo de Osíris, gerando o filho solar Hórus, e manteve o corpo recomposto do marido para proteger Hórus enquanto criança, para que ele crescesse e então tivesse direito a reivindicar o trono usurpado por seu tio Seth, a quem ele mata. Após ter assimilado muitos dos papéis da deusa Hathor, a cobertura de cabeça de Ísis passa a ser a de Hathor: os cornos de uma vaca, com o disco solar inscrito entre eles. Às vezes, também representada como uma vaca, ou uma cabeça de vaca. Frequentemente, porém, era retratada com o seu filho pequeno, Hórus (o faraó), com uma coroa e um abutre. Também foi representada ou como um abutre pairando sobre o corpo de Osíris, ou com Osíris morto em seu colo enquanto o trazia de volta à vida por meio de artes mágicas. Literalmente, o seu nome significa "Ela do trono". A sua cobertura original para a cabeça foi um trono. Como personificação do trono, ela foi uma representação importante do poder do faraó, assim como o faraó foi representado como seu filho, que se sentou no trono que ela forneceu. Na maioria das vezes, Ísis é retratada segurando apenas o símbolo Ankh, cruz ansata, que na escrita hieroglífica egípcia era o símbolo da vida, conhecido também como símbolo da vida eterna. Os egípcios usavam-na para indicar a vida após a morte. Entretanto, no período final de sua história, as imagens mostram-na com itens geralmente associados apenas a Hathor: o sistro sagrado e o colar símbolo de fertilidade “menat”. O sistro é um instrumento de percussão que produz um som de chocalho. O instrumento já existia na Suméria do ano 2500 a.C. No Antigo Egito recebia o nome de sechechet e era utilizado por mulheres da nobreza e pelas sacerdotisas. Geralmente feito em bronze, também existiam exemplares em madeira e em faiança, uma espécie de cerâmica branca. Os sistros estavam particularmente associados ao culto da deusa Hathor, mas poderiam também ser empregados no de Ísis.



Agitando-se o sistro pelo cabo produzia-se um som agudo e prolongado, muito apropriado para acompanhar ou ritmar o canto. Acreditava-se que o sistro tivesse virtudes de apaziguamento, aliviasse as mulheres no parto, afastasse os malefícios e abrandasse os modos das pessoas. Eram sempre tocados em momentos de alto significado religioso como, por exemplo, quando chegavam os que estavam de luto, quando o faraó e a rainha apareciam, quando as cantoras começavam a cantar. As sacerdotisas de Hátor e as de Bastet costumavam agitá-los como parte dos rituais que realizavam e, ao que parece, supunha-se que eles estimulavam a fecundidade. A própria forma do instrumento tinha conotações com a junção das energias masculina e feminina: sua parte superior continha as sementes ou címbalos, simbolizando o ventre da mulher e o cabo alongado simbolizava o falo do homem. Quando o culto de Ísis se difundiu na bacia do Mediterrâneo, o sistro tornou-se um instrumento popular entre os romanos. O menat é um misto de instrumento musical e colar. Eram largos e pesados colares feitos com pérolas ou contas coloridas de cerâmica, pedra dura ou metal precioso, montadas em semicírculo formando um grande crescente. A borda externa podia ou não ser guarnecida por pingentes. Eram dotados de longos contrapesos, os quais equilibravam seu peso considerável quando eram colocados no dorso do portador. Ao serem agitados nas festividades O menat também era empunhado e agitado principalmente pelas sacerdotisas, que podiam usar o colar no pescoço ou, levando-o nas mãos, apresentá-lo à pessoa a

quem desejasse oferecer boas vibrações. Diversos estudiosos concordam que o menat simbolizava prazer e júbilo, tanto do ponto de vista da fertilidade, quanto da perspectiva da satisfação sexual. As suas fileiras de contas e o contrapeso de aparência fálica parecem combinar os princípios feminino e masculino em ação. Ele evocava a união de Ísis e Osíris na criação de Hórus e, ao ser oferecido aos mortos, o instrumento permitia a revitalização deles no outro mundo.

Por fim, na mitologia egípcia, Hórus (ou Horusa-Aset, Heru-sa-Aset, Her'ur, Hrw, Hr ou Hor-Hekenu) é segunda pessoa da divina família egípcia, composta por Osíris, o pai; Hórus, o filho e Ísis, a mãe. Hórus tinha cabeça de falcão e os olhos representavam o Sol e a Lua. Matou Seth, tanto por vingança pela morte do pai, Osíris, como pela disputa do comando do Egito. Após derrotar Seth, tornou-se o rei dos vivos no Egito. Perdeu um olho lutando com Seth, e o Olho de Hórus, anteriormente chamado de Olho de Rá, que simbolizava o poder real, foi um dos amuletos mais usados no Egito em todas as épocas. Depois da recuperação, Hórus conseguiu organizar novos combates que o levaram à vitória decisiva sobre Seth. O olho que Hórus feriu (o olho esquerdo) é o olho da Lua, o outro é o olho do Sol. Esta é uma explicação dos egípcios para as fases da lua, que seria o olho ferido de Hórus. O Olho de Hórus, um dos amuletos mais importantes no Egito Antigo, tornou-se um importante símbolo de poder também conhecido como udyat e significa poder e proteção e era usado como representação de força, vigor, segurança e saúde.

Durante o Ano-Novo, o faraó, os sacerdotes e as sacerdotisas encenavam as histórias sagradas da origem do mundo, considerando a Grande Cheia, a ressurreição de Osíris, o nascimento de Hórus e a exaltação de Ísis como a Rainha Salvadora. Portanto, este festival marca três eventos que estão ligados à deusa Ísis: a chegada do Ano-Novo, o solstício de verão e o início da inundação.

No dia cinco de março, estação da semeadura, era comemorado o festival “Ísis

abençoa as frotas”. Os barcos eram muito utilizados pelos antigos, como meio de transporte necessário para ligar as cidades. Além disso, a terra dos mortos era feita à imagem do Egito, portanto, após a morte, acreditavam que a passagem para o outro mundo era feita também com barcos, incluindo a passagem do mito onde Ísis utilizou o barco para trazer para casa o corpo de Osíris. Tal festival obteve um enorme sucesso no mundo greco-romano, chamado de Navigium Isidis. Ísis também era a responsável pelos ventos, portanto decidia quais eram os melhores momentos para as navegações.

Os diversos festivais estavam inseridos em um calendário solar de 360 dias – 12 meses com 30 dias cada. Percebendo que o calendário não equivale ao ano solar, os egípcios logo descobriram que precisavam de um décimo terceiro mês mais curto, de cinco dias. Com isso, foram criados os cinco dias Epagomenos, quando nasceram os grandes deuses e deusas: Osíris, Hórus, Tífon, Ísis e Néftis,

correspondendo aos dias entre 14 e 18 de julho. De acordo com Plutarco (Plut. 12), a deusa Reia teve relações com Cronos e o Sol, ao descobrir, proibiu a deusa de dar à luz durante o curso do ano. Foi o deus Hermes quem conseguiu criar os cinco dias Epagomenos, para que Reia pudesse ter seus filhos. O aniversário de Ísis era comemorado no dia 17 de julho, não por acaso coincidindo com o aparecimento da estrela Sírio, época das inundações do Nilo e chegada do Ano-Novo egípcio. Esse dia celebra a natividade da Mãe do herói, o nascimento da heroína e a Rainha Salvadora do céu. A deusa Ísis egípcia foi cultuada como tal entre os gregos, mas também foi associada a diversas outras divindades. Como deusa da fertilidade, foi associada à deusa grega Deméter; como deusa do amor, foi associada à Afrodite; como deusa dos animais, a Ártemis e assim com inúmeras outras, modificando sua forma de representação. Ao lado do culto de Ísis, encontramos o culto de seu consorte Osíris, também com notável importância entre os ocidentais. Segundo Pierre Lévêque (1987, p.153), a divindade Sarápis é uma criação de Ptolomeu I, na tentativa bem sucedida de estabelecer uma divindade que tivesse um ponto em comum entre as divindades egípcias e gregas, que fosse protetor de Alexandria e, ao mesmo tempo, fosse cultuado pelos gregos. A nova divindade foi uma junção entre o touro Ápis e Osíris, divindades egípcias, sob a imagem de um homem maduro, com cabeleira e barba, com o dorso nu, lembrando o deus grego Zeus. Por outro lado, no período imperial, encontramos a simpatia de muitos imperadores pela deusa, muitas vezes por interesses políticos. Otávio Augusto (27 a.C.-14d.C.), com a política da pax deorum apenas facilitou a difusão dos cultos isíacos; Tibério (14-37) utilizou a cultura egípcia a seu favor, associando sua imagem a Sarápis e talvez tenha mandado construir um dos templos de Ísis. Calígula (37-41) teria sido um iniciado nos mistérios, construído o templo da deusa no Campus Martius e inserido o festival em honra à deusa no calendário romano (Takács, 1995, p.90-91). No Império de Cláudio (41-54), o culto de Ísis apenas foi tolerado, embora tenha associado sua imagem a Osíris, como regrador da sociedade. No período de Nero (54-68), difundiu-se a filosofia Alexandrina e com esta a religião isíaca (Takács, 1995, p.80,90-91). Sob o governo dos flavianos, com Galba (68-69), Vespasiano (69-79), Tito (79-81), Domiciano (81-96) e Nerva (96-98) o Império passou por diversas dificuldades econômicas e políticas, neste momento, os imperadores continuaram a identificar sua forma de reinar com as divindades Ísis e Sarápis, no interesse político de manter a semelhança com os Faraós, com seu poder de cunho divino.

Isis será relida, transportada oralmente para os sumérios e cananeus. Seu nome em egípcio é Aset, que se transformára na língua semita em Astarte e Inanna. A história de Osíris e Isís na versão babilônica ganha novos contornos.

A instabilidade e a arbitrariedade dos deuses sumérios aparecem no mito de uma das deusas, Inanna: ela era a mais popular das antigas deidades caldéias. Representava o poder de atração sexual e o prazer carnal que procede dela. Seu apetite sexual era insaciável e seus relacionamentos com os homens, de curta duração. Era também a deusa da guerra e padroeira de governos dinásticos, divindade cultuada nas cidades de Uruk e Agadé. Seu mito constitui uma das mais significativas criações do mundo antigo. Por isso, descrevo-o rapidamente: começa quando Inanna casa-se com Dumuzi e faz a ele declarações de amor. Todavia,

Inanna resolveu descer aos Infernos com o objetivo de suplantar sua irmã Ereshkigal. Sua intenção era a de ser não só a soberana do Reino do Alto, mas também soberana do Mundo Inferior. Após penetrar no palácio de sua irmã e perder suas roupas e adornos, chega despida de todo e qualquer poder à presença de Ereshkigal. Esta lança sobre a irmã um "olhar de morte" e seu corpo torna-se inerte. Após ser retirada do Mundo Inferior, os Sete Juízes do Inferno dizem para ela: "Quem é que, após ter descido ao Inferno, conseguiu deixá-lo sem nada sofrer? Se Inanna quiser subir novamente, precisará fornecer um substituto." Ao retornar à superfície escoltada por uma tropa de demônios, Inanna descobriu que Dumuzi, ao invés de se lamentar, estava sentado em seu trono, ricamente vestido e satisfeito — talvez por se considerar o único soberano cidade. Inanna olhou para ele fixamente com seu olhar de morte e pronunciou uma só palavra: a palavra desespero. E somente um grito: o grito de condenação — é este, disse aos demônios, podem levá-lo. Dumuzi suplica diante de seu sogro - o deus sol Utu — que o transforme numa serpente para que tenha condições de fugir e se esconder na casa de sua irmã — Geshtinanna. Mas mesmo no esforço de se esconder, acaba por ser encontrado pelos demônios, sendo preso, torturado e levado ao Inferno. Em seu epílogo, provavelmente, Ereshkigal, comovida pelas lágrimas de Dumuzi, suavizou seu triste destino decidindo que ele ficaria somente a metade do ano no Mundo Inferior e que sua irmã, Geshtinanna, o substituiria durante a outra metade.

"Duas Deusas Viúvas" são Isis e Nepthys, tanbém conhecida sob o nome de "Deusa Maat (ou, verdade e justiça): Interessante que segundo a mitologia suméria as Deusas Innana e Belit choram a morte de Dumuzi aquela é sua esposa e esta sua irma: Dumuzi é o que desce ao reino dos mortos, numa clara associagão entre Innana Isis, Belit-Nephyts e Dumuzi-Osiris. Innana veio a ser conhecida, posteriormente como Isthar. Alguns autores atribuem a Ninlil esposa de Enlil) o nome de Belit, uma deusa ligada a fatalidade fate) e ao destino (destiny)

Fayoum, El-Fayyum, Phiom ou Payomj significa lago ou mar por vezes refere-se a região o Oásis de Fayoum. Situado não muito longe do Cairo, na região do Lago Hoer is (ou Mer Wer, que, em egípcio significa "o Grande Canal"). Este lago foi, durante muito tempo conhecido com "Lago de Osiris" e, por causa da presença de crocodilos no lugar, o Deus Sober era, ali, adorado. Conta-se que o rei Menes de Menphis (Hanetho), unificador do Alto e do Baixo Egito, em uma viagem de caça teria sido atacado, próximo ao lago, por seus caes sendo salvo por um crocodilo, e gratidão O Rei Menes teria fundado a cidade de Shedet, conhecida pelos gregos como "Crocodilópolis". Os egípcios identificaram Fayoum com o Deus Num ou Atum (o oceano primordial, origem de toda a vida na mitologia antiga). É uma das mais prolificas regiões do Egito em termos de fósseis.

Na mitologia egípcia, o Deus "Hu? (HW) é a deificação da primeira palavra, a palavra da criaçao que o Deus Atum ou Num teria pronunciado neste momento. Observe se que a palavra HU"com a letra "h" aspirada (tal como na palavra inglesa horse) imita o Som de um sopro, de uma respiração (exalacão). Assim, mediante cada uma dessas respirações Hu era colocado na corrente da vida, ocasiao em que surgia a criação. A primeira respiração teria criado a "Alma de Osiris" ou Soul of Osiris sendo

o Sol a sua última criaçao, por isso que se diz que "Hu é a Palavra de Deus, o primeiro e os últimos suspiros (Hu Hu)" o Deus Hu representa o poder e a autoridade da palavra falada. Antigas tradicões egípcia dizem que o Criador e Deus-Sol (Rá) evoluiu a partir das águas primordiais do Egito; tendo ganho a vida. Rá criou o ar (Shu) e a umidade (Tefnut), em seguida criou Geb Deus da Terra) e Nut (Deusa do Céu); os homens e as mulheres mortais teriam sido criados a partir das lágrimas, em seguida, de seu Hu e Sia os quais representavam o poder criador dos deuses". Hu e Sia (ou Esye) eram uma personificação Deus

Há escassa, porém sólida, evidência na literatura e arte egípcia à prática de leitura oral de textos para o público. [71] A palavra de desempenho oral "recitar" (šdj) era geralmente associada com biografias, cartas e feitiços. "Cantando" (ḥsj) era para canções de louvor ou de amor, lamentos funerários, e certas magias. Discursos como a Profecia de Neferti sugerem que as composições que foram feitas eram para leitura oral entre os encontros da elite.[72] No primeiro milênio a.C., o ciclo de contos demótico centrou-se nos feitos de Petiese, as histórias começam com a frase "A voz que está diante do Faraó", o que indica que um falante e audiência estavam envolvidos na leitura do texto.[73] A plateia imaginária de altos funcionários do governo e membros da corte real são mencionados em alguns textos, mas um público mais amplo e não-alfabetizado pode ter estado envolvido. Por exemplo, uma estela funerária de Sesóstris I (r. 1 971–1 926 a.C.) menciona explicitamente pessoas que se reuniram e ouviram um escriba que "proclama" as inscrições na estela em voz alta.[74]

A literatura também servia para propósitos religiosos. Começando com os Textos das Pirâmides do Império Antigo, obras de literatura funerária escritas nas paredes de tumbas, e, mais tarde, sarcófagos, e papiros colocados dentro de túmulos, foram projetados para proteger e nutrir almas em sua vida após a morte. Isto incluiu o uso de feitiços mágicos, encantamentos e hinos líricos. Cópias de textos literários não-funerários encontrados em túmulos não reais sugerem que os mortos poderiam se divertir na vida após a morte através da leitura desses textos didáticos e contos narrativos.

Abrirei a minha boca em mistérios, proclamarei enigmas ocultos desde a criação. Jesus é o apogeu do ministério profético. Ele também conta histórias, parábolas e enigmas, ele discursa, prega, profetiza, declara em voz audível como um narrador egípcio, os mistérios do reino.

CAPITULO XXV - O HOMEM QUE QUERIA SER DEUS

Um estudo sobre o significado das pragas e o impacto da morte dos primogênitos sobre um homem que se imaginava Deus.



"não percebes que o Egito está arruinado?"

WELINGTON JOSÉ FERREIRA

Somos tão presunçosos que desejaríamos ser conhecidos em todo o mundo... E tão vaidosos que a estima de cinco ou seis pessoas que nos rodeiam, nos alegra e nos satisfaz.

Blaise Pascal

Momentos antes da Oitava Praga.

3 Dirigiram-se, pois, Moisés e Arão ao faraó e lhe disseram: "Assim diz o Senhor, o Deus dos hebreus: 'Até quando você se recusará a humilhar-se perante mim? Deixe ir o meu povo, para que me preste culto.

4 Se você não quiser deixá-lo ir, farei vir gafanhotos sobre o seu território amanhã.

5 Eles cobrirão a face da terra até não se poder enxergar o solo. Devorarão o pouco que ainda lhes restou da tempestade de granizo e todas as árvores que estiverem brotando nos campos.

6 Encherão os seus palácios e as casas de todos os seus conselheiros e de todos os egípcios: algo que os seus pais e os seus antepassados jamais viram, desde o dia em que se fixaram nesta terra até o dia de hoje' ". A seguir Moisés virou as costas e saiu da presença do faraó.

7 Os conselheiros do faraó lhe disseram: "Até quando este homem será uma ameaça para nós? Deixa os homens irem prestar culto ao Senhor, o Deus deles. Não percebes que o Egito está arruinado?"

A histórias das dez pragas é uma narrativa conhecida a milênios. A cerca de 3500 anos pelo menos. *Let my people go*. Essa foi a ordem que ecoou várias vezes pela boca do recém-empossado profeta Moisés aos ouvidos incrédulos e na alma teimosa de um dos mais poderosos homens que a terra de outrora contemplou

Este texto não vai se aprofundar no significado individual de cada uma das manifestações fantásticas que aconteceram naqueles dias, nem procurar uma possibilidade natural para os acontecimentos registrados no Livro de Êxodo.

Antes irá meditar sobre a intransigência humana diante do desconhecido. Vai ponderar sobre o que está por detrás da mais intrigante recusa, da mais imponderável resistência, que levou um homem a dizimar sua história, atormentar seu povo e extinguir seus recursos, à reconsiderar sua situação diante do imponderável.

Esse texto tem início na oitava praga.

A história humana demonstra momentos da tremenda vaidade humana. Hitler diante da iminente derrota diante das forças aliadas envia para a morte milhares de alemães no cerco de Berlim, em nome de sua loucura. Jung interpretou o nacional socialismo, o comunismo e outros "ismos", em geral como fenômenos patológicos, de identidade. Uma irrupção do inconsciente coletivo. "Wotan" havia tomado posse da alma do povo alemão. E quem é Wotan? O deus pagão dos germânicos, "um deus das tempestades e da efervescência, desencadeia paixões e apetites combativos". Num ensaio publicado em 1936, Jung traça o paralelo entre Wotan redivivo e o fenômeno nazista.

No livro "Por Dentro do III Reich" de Albert Speer um especialista em aviação tece o seguinte relato sobre a intransigência de Hitler:

"À medida que a situação piorava, Hitler foi ficando mais inacessível a todo argumento oposto às suas opiniões, tornando-se mais autoritário do que tinha sido até então. Isso teve consequências importantíssimas no campo técnico, daí decorrendo ter-se inutilizado a mais valiosa das nossas "armas maravilhosas": o Me-

262, nosso avião de caça mais moderno, com velocidade superior a oitocentos quilômetros por hora e capacidade de ascensão superior a todos os aparelhos inimigos".

"Já em 1941, apenas como arquiteto, eu testemunhara o ruído ensurdecedor de um motor a jato, durante a visita que fiz à fábrica de aviões desse tipo, Heinkel, em Rostock. O aparelho estava em experiência. Seu construtor, o Professor Ernst Heinkel, insistiu naquela época no aproveitamento daquele invento revolucionário. Durante a reunião em que se tratou de armamentos, em setembro de 1943, no campo de provas da Luftwaffe, em Rechlin, Milch entregou-me, sem pronunciar uma palavra, um telegrama que recebera na ocasião. O telegrama transmitia uma ordem de Hitler no sentido de paralisar os preparativos feitos para o fabrico em série do Me-262. Sem dúvida, decidimos não dar atenção àquela ordem, mas os trabalhos não puderam ser feitos com a pressa necessária".

"Três meses depois, em 7 de janeiro de 1944, Milch e eu recebemos, ordem para nos apresentarmos no quartel-general. Essa ordem fora motivada pelo recorte de um jornal inglês em que se noticiava a próxima conclusão dos ensaios britânicos com os aviões a jato. Hitler, impaciente, exigiu que, no menor prazo possível, fabricássemos um grande número desses aparelhos. Entretanto, como já tínhamos abandonado os trabalhos preparatórios anteriores, só pudemos prometer para julho de 1944 a entrega de sessenta unidades mensais. De acordo com nossos cálculos, depois de janeiro de 1945 seriam fabricados duzentos e dez aparelhos por mês".

"No decurso da reunião, Hitler deu a entender que cogitava de empregar como bombardeiro rápido o avião fabricado para atuar como caça. Os especialistas da Luftwaffe viram-se ludibriados. Supunham, entretanto que mediante argumentos de peso iriam alterar as intenções de Hitler. Mas houve o contrário disso: Hitler, teimosamente, mandou que se tirassem as armas de bordo dos aviões para aumentar-se o peso da carga de bombas. Sua opinião era que os aviões a jato não tinham necessidade de defesa, porquanto, tendo velocidade superior, os caças inimigos não os alcançariam. Muito desconfiado ainda com a nova invenção, determinou, para proteger o sistema de propulsão dos aparelhos, que estes fossem empregados, por algum tempo, em rumo vertical e a grande altura, tendo-se em conta uma diminuição da velocidade para redução dos esforços a que pudesse estar submetido o sistema, ainda não posto em prova".

Ricardo Lavecchia escreve que "Com uma carga de bombas de quinhentos quilos e um primitivo dispositivo de pontaria, o efeito desses pequenos bombardeiros foi ridiculamente insignificante. No entanto, se tivesse sido empregado como caça, aquele aparelho, por suas qualidades superiores, abateria

os quadrimotores norte-americanos que despejavam milhares de toneladas de explosivos sobre as cidades alemãs. Nos últimos dias de junho de 1944, Goering e eu tentamos, mais uma vez em vão, mudar o pensamento de Hitler. Pilotos de caça tinham experimentado os novos aparelhos e pediam que fossem utilizados contra as frotas de aviões de bombardeio norte-americanos. Hitler não fez caso das nossas palavras. Baseava sobre qualquer ponto seus argumentos irreflexivos e opinava que a velocidade nas evoluções e a rapidez na mudança de altitude exporiam os pilotos a esforços físicos consideravelmente maiores do que os atuais. Ora, ainda segundo Hitler, precisamente a maior velocidade dos novos caças redundaria para eles em desvantagem, no combate aéreo, porquanto os caças inimigos poderiam manobrar melhor, graças à sua menor velocidade. O fato de os novos aparelhos poderem voar a maior altura do que os caças de escolta americanos, e por sua maior velocidade poderem atacar os lentos grupos norte-americanos de bombardeio, não impressionou Hitler. Quanto mais insistíamos, mais ele permanecia emperrado em suas ideias. Quando muito, para consolar-nos, prometeu-nos que em futuro distante ordenaria um emprego parcial daqueles aparelhos em missões de caça".

"Todos aqueles que, de certo modo, tinham autoridade para tratar com Hitler desse assunto tentaram mudar a opinião dele, devido à nossa desesperadora situação aérea: Jodl, Guderian, Model, Sepp Dietrich e, naturalmente, os principais generais da Luftwaffe pronunciaram-se insistentemente contra a decisão de Hitler. O Führer assim demonstrava que todos os pronunciamentos daqueles oficiais desvalorizavam, de certo modo, os conhecimentos militares dele e a sua compreensão da técnica. Quando chegou o outono de 1944, livrou-se afinal, conforme seu estilo pessoal, de todas as discussões e da crescente insegurança a respeito, proibindo que daquela época em diante tocassem no assunto com ele".

"Quando eu disse por telefone ao General Kreipe, chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, o que eu pretendia expor a Hitler, em meu relatório de meados de setembro, a respeito dos aviões a jato, o general, insistentemente, aconselhou-me a não fazer nenhuma alusão a respeito. Hitler perderia por completo o domínio de si mesmo e eu provocaria a maior entre todas as dificuldades somente com a menção do Me-262. Apesar da advertência do general, eu insisti com Hitler, explicando-lhe que o emprego do avião fabricado para caça como bombardeiro carecia de sentido, sendo totalmente errôneo, dada nossa situação militar. Acrescentei que era a opinião dos chefes militares da Aviação e também dos oficiais do Exército. "Hitler não fez caso das minhas ponderações e retirei-me ao setor da minha jurisdição, pois, na realidade, a questão do emprego de aviões incumbia-me tão pouco quanto a da escolha do tipo de avião que se deveria fabricar".

O relato anterior é uma ode à loucura de Hitler. Sua intransigência foi certamente a maior causa da derrota dos soldados alemães na Segunda Guerra mundial.

Há uma coisa em comum nos déspotas, ditadores, agentes totalitários, diretores de instituições, presidentes de corporações, e muitos homens em posição de poder, diluído em algum grau, a questão central que concedia certa legitimidade aos principados da antiguidade, o complexo de divindade. Os reis da antiguidade se entendiam como descendentes dos deuses, suas famílias eram separadas para reinar entre as demais famílias por que tinham essa herança divina. Assim se consideravam os babilônicos, os assírios, dezenas de governantes da antiguidade em diversas civilizações. Posteriormente essa ascendência divina fora substituída pela escolha divina, pela representação onde os reis eram separados por uma escolha fruto de um oráculo, uma visão, algo reconhecido como sinal divino. Como que dotados de humanidade, ou melhor, do pior que a humanidade tem para oferecer. Interpretavam os deuses, a que serviam, como seres dotados de vontade e de caprichos, retratando suas paixões e seus desejos em seres dotados de poderes ilimitados. Nos dias atuais o totalitarismo, o poder decisório numa única pessoa que estabelece pela sua única vontade o destino de muitos possui outras ideologias, jurídicas, administrativas, financeiras, filosóficas, políticas, corporativas, que lhes concedem a base de pensamento, mas os homens continuam atuando do mesmo modo, como se fossem deuses da antiguidade, em determinadas situações. No uso do poder com base em seus caprichos, desprezam o bom senso, as normas sociais, as leis.

Essa tendência humana, mórbida, ao domínio, com base em pensamentos distorcidos, contaminou várias áreas do conhecimento humano criando aberrações como a eugenia.

A eugenia é a tentativa de "divinização", se não de um homem, quem sabe, de uma raça...

Criar raças híbridas de animais era algo a que o biólogo russo Ilia Ivanov já estava habituado. Uma criatura com as características da zebra e do burro, e outra que juntava a vaca ao bisonte, era este o seu currículo em inícios do século XX. Para ser ainda mais audaz, quis misturar o ser humano com o seu parente mais próximo – o chimpanzé. Quando, em 1924, a revolução bolchevique comemorava o seu décimo aniversário, o investigador propôs aos líderes da União Soviética passar da teoria à prática. Bastava uma considerável soma de dinheiro, um punhado de primatas e algumas mulheres férteis para que as experiências começassem. Apesar de a maior parte dos cientistas russos reprovarem as suas intenções, Ivanov recebeu o financiamento para desenvolver as suas tenebrosas ideias.

Em 1926, os planos do "Frankenstein Vermelho" (o novo epíteto de Ivanov) deixaram de ser segredo, com a imprensa ocidental a interrogar-se, numa mescla de espanto e choque, sobre o que estariam os soviéticos a tramar.

Segundo o regime de Hitler, em 60 anos a população alemã passaria a ser constituída, por 80% de indivíduos "socialmente inferiores". Para evitar tal situação a solução passava por impedir que procriassem.

Para o investigador russo, gerar um bebé meio humano, meio macaco, seria a prova irrefutável de que Charles Darwin tinha razão quando defendeu que o ser humano descende de primatas. Na mente dos bolcheviques, seria um golpe certeiro na religião, ridicularizando o mito de que a humanidade era fruto de divindades.

Ao mesmo tempo, a investigação integrava-se num vasto plano que visava mudar a sociedade, em direção à utopia socialista. Para os intelectuais bolcheviques, só a ciência seria capaz de transformar radicalmente as pessoas. Desenvolvendo técnicas como a inseminação artificial, acreditavam ser possível escolher certas características, eliminando outras como a competitividade, a ganância e o desejo de propriedade. Numa época de efervescência revolucionária, nada tinha limites.

Ivanov viajou até à Guiné, em África, onde desenvolveu vários testes em chimpanzés. Apesar de ter inseminado sémen humano em chimpanzés fêmeas, a tentativa redundou num fracasso, pois nenhum dos primatas conseguiu fecundar.

Frustrado, o "Frankenstein Vermelho" voltou à pátria russa, disposto a recorrer ao igualmente bizarro plano B: **usar os espermatozóides de chimpanzés em fêmeas humanas.** Cinco mulheres ofereceram-se a Ivanov como cobaias (*o que duvido muito*), mas eis que tudo voltou à estaca zero quando o único chimpanzé fértil que Ivanov tinha morreu subitamente.

Quem não perdoou o fracasso foi Stalin. O cientista tornou-se numa das vítimas das famosas purgas do líder soviético, acabando por morrer exilado num dos cantos remotos da URSS, em 1932.

E pasmem, para muitos cientistas ocidentais da época, ***o insucesso de Ivanov foi um alívio***, uma vez que impossibilitou Stalin de possuir um formidável e obediente exército de homens-macaco.

A ciência, *consciente de seu poder semi-divino*, cria na possibilidade de mudar a natureza, a qual não conhece, a qual não domina, a qual não compreende senão superficialmente.

Eugenia made in USA

Do outro lado do Oceano Pacífico, nos EUA, a Eugenia teve também teve os seus defensores. Os cientistas estavam sobretudo preocupados em limpar a raça humana de qualquer "poluição genética". Bastava impedir que os cidadãos "menos aptos" tivessem filhos, nem que para isso tivessem de os esterilizar.

Esta seleção reprodutiva, aplicada para preservar certos grupos humanos, ou algumas das suas características, ficou conhecida como "eugenia" (do greco "eugénés", que significa "bem nascido"), com a sua prática a ser defendida em finais do século XIX pelo antropólogo britânico Francis Galton. Todavia, esta ideia jamais

foi aplicada, a nível legislativo, em terras de *Sua Majestade*. Simplesmente, a tradição democrática no Reino Unido parecia demasiado forte para tamanho "*nonsense*". Era o poder político a opor-se aos cientistas.

Mas o "disparate" pareceu não encontrar uma oposição tão veemente nos EUA, onde encontrou ecos legislativos. De tal modo que até **a poderosa família Rockefeller** sustentou, financeiramente, institutos científicos que apoiavam a prática da eugenia.

Um dos primeiros promotores da eugenia em terras do Tio Sam foi o pai do telefone, o inventor Alexander Bell. Enquanto vendia o seu aparelho pelo país, Bell dedicou-se a estudar a taxa de surdez no território americano, concluindo que a deficiência se transmitia de pais para filhos. A sua solução para o problema consistia em proibir o casamento entre pessoas surdas.

Talvez esta conclusão se devesse ao medo de Bell de que o seu invento não fosse apreciado por todos, mas a verdade é que idéias como a sua começaram a ganhar mais ouvintes.

Em 1896, surgiram as primeiras leis que proibiam o casamento de quem fosse "epiléptico, imbecil ou de espírito fraco". Entretanto, **doenças como a esquizofrenia e a desordem bipolar foram diagnosticadas como hereditárias**, promovendo a idéia de que era necessário impedir a sua passagem às gerações seguintes.

O devaneio extremou-se quando a ***esterilização*** forçada dos indivíduos com estes sintomas **foi legalizada em 1907**, no estado do Indiana. Uma trintena de outros estados seguiu o exemplo.

O passo seguinte foi a segregação racial, com base no argumento de que os cidadãos "inaptos" (como passaram a ser denominados), vinham da classe social mais pobre, constituída em grande parte pela população negra e imigrantes.

A miscigenação entre brancos e negros foi proibida nalguns estados, enquanto uma hierarquia de nacionalidades passou a guiar a entrada de estrangeiros no país. Os mais desejáveis vinham do Norte da Europa, enquanto quem era da zona mediterrânica, ou da Ásia, arriscava-se a ter que apanhar o barco de regresso a casa.

Influenciado com o que estava a ser feito além Atlântico, **Adolph Hitler** decidiu importar o modelo para a Alemanha Nazi. A diferença consistiu na sua massificação.

Mais de 400 mil alemães foram esterilizados, seguindo-se a eutanásia forçada de dezenas de milhares de idosos e doentes crónicos. A "ciência racial" acabou por atingir uma escala macabra com o eclodir da Segunda Guerra Mundial, através do genocídio de cerca de 17 milhões de judeus, eslavos, ciganos, homossexuais, entre outros. O *Holocausto*, o símbolo maior deste período negro da história da civilização humana, ganhou assim forma.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e a denúncia pública da barbárie Nazi, a eugenia caiu em desgraça, com a comunidade científica a opor-se-lhe frontalmente. Todavia, a esterilização forçada ainda se manteve até à década de 70, do século passado, em países como os EUA e a Suécia.

A idéia de "purificar a raça humana" acabou por se tornar num sinônimo de abominação, com a ciência a protagonizar um dos seus maiores momentos de desacerto. Era a prova de que nem todo o (suposto) progresso científico pode ser aceite como uma evolução social.

Com o descrédito da eugenia, muitas publicações científicas que abordavam o tema da genética tiveram de mudar de nome, adotando um que fosse politicamente correta.

A Eugenia é a tentativa humana da genética de realizar por si mesma o papel que não lhe pertence. Essa arte de ostentar o status de divino, independência para decidir o que é devido, arbitrar e realizar de acordo com a vontade humana aquilo que TRANSCENDE ao homem manifesta-se na civilização de diferentes formas. E em alguns momentos de um modo terrível, seja na esfera política, seja na esfera social.

Desde a aurora dos tempos o homem procura meios para agir como se fosse um deus no meio dos homens. E se impossível for dada as circunstancias culturais, de impor-se desta maneira sobre uma comunidade, ao menos sobre algumas pessoas. A mulher, sempre estigmatizada na maioria das ditas civilizações, é uma das vítimas mais atacadas de um sistema em que homens recebem o poder da vida e da morte, agindo como senhores do destino, e capacitados até por tradições jurídicas, legitimados por uma jurisprudência torpe qualquer. Omo na história de Aisha.

A revista Time, deu destaque à trágica história de Aisha, uma jovem afegã, de 18 anos, a quem foram cortadas as orelhas e o nariz por não respeitar as regras talibãs e ter fugido da casa da família do marido.

Ela tinha apenas 8 anos quando foi prometida em casamento, uma cerimônia destinada a resolver uma briga entre clãs num dos lugares mais primitivos do mundo, o montanhoso interior do Afeganistão. Quando ela completou 16 anos Bibi Aisha foi mandada para a família do marido. Sem conhecer ao marido... Segundo ela, estava combatendo no Paquistão, como militante do Talisbã. Ele só retornou ao saber que Bibi Aisha havia fugido, por conta dos maus-tratos que sofria nas mãos, do sogro e dos cunhados. E foi ele, seu marido e um de seus cunhados que realizaram o terrível plano para, segundo a sua visão religiosa distorcida, viesse a resgatar a honra da família.

O homem não pertence a si mesmo. E nem é dono do destino de outros seres humanos. Na verdade, não os seres humanos são donos, sequer, de seus próprios corpos. A vida pertence a Deus. E o corpo que envolve essa vida pertence, igualmente, a Deus.

Ao assumir em suas mãos a vida e a morte de seu semelhante o homem advoga para si um direito que não lhe assiste.

Ele se *autodiviniza.*

Ele reclama para si COMPETENCIA (juridicamente falando) que não lhe foi outorgada. Na verdade, o que faz é usar o que lhe é propício, do seu arcabouço cultural ou religioso, cientifico ou filosófico como veículo de seu ódio.

Grécia

Os herdeiros das conquistas de Alexandre o Grande, para se firmarem como governantes sobre muitos países conquistados necessitavam a anuência do sacerdócio vigente. Mais que isso, até. **Necessitavam LEGITIMAR o seu domínio através de rituais e formalidades que os declarassem como divinos**.

Uma vez que a classe sacerdotal estava inserida em todos os setores da administração da terra do Egito, financeiros e militares, não era possível

empreender uma tentativa macedônica ou nativa em demarcar áreas de influências "justas".

Alexandre buscou "emoldurar" e não destruir os sacerdócios egípcios, embora não se encerrasse aí a questão. Após a conquista do Egito, Alexandre seguiu de Mênfis para o Templo de Amon do oásis de Siwa, na fronteira ocidental, onde o Oráculo **o proclamou "Filho de Amon"**. Com a manutenção das cerimônias de coroação em Mênfis, segundo as tradições egípcias, com o reconhecimento dos oráculos locais e com a aceitação de elementos da última casa real nativa em seu exército, Alexandre repetiu no Egito uma política interna que seria amplamente seguida por seus sucessores: legitimar-se no poder tornando-se simultânea-mente faraó para egípcios e basileu para os gregos.

Os reinos helenísticos dos Selêucidas e dos Ptolomeus tinham durante muitos anos, **elevado os seus monarcas à posição de divindade** e tinham-lhes aplicado títulos tais como Senhor (Kyrios), Salvador (Soter), ou *Divindade Manifesta* (Epiphanes).

Roma

A concentração das funções executivas do estado romano na pessoa de um homem tinha-o munido de poderes sem precedentes na história do mundo.

O culto do imperador não foi estabelecido arbitrariamente. Desenvolveu-se gradualmente da crescente atribuição de horas sobre-humanas ao imperador e do desejo de centralizar nele a obediência do povo. Júlio César foi, depois da sua morte, chamado Divus Julius. Desde o tempo de Augusto, todos os imperadores eram divinizados na sua morte por voto do Senado, posto que alguns não tomassem a honra muito a sério. Calígula ordenou que fosse erigida a sua estátua no templo de Jerusalém, mas como era considerado geralmente um louco, não pôde este seu ato ser considerado como representando a política geral dos imperadores. Até o tempo de Domiciano, no fim do primeiro século, nenhum imperador tentou forçar os seus súditos a prestar-lhe culto.

Caligula (Caio Julio Cesar Germanico Caligula): 37-41 d.C. Caligula significa: "botinhas". No ano 39 d.C., Calígula desenvolveu muitas mudanças muito controvertidas no seu governo que fizeram da religião um importante elemento do seu papel político. Se auto investiu de divindade, promulgando um decreto de que sua estátua fosse erigida em todos os templos do império romano. Calígula começou a realizar as suas aparições públicas vestido do deus ou semideus, como: Hercules, Mercúrio, Vênus, Apolo. **Referia-se a si mesmo como um deus quando comparecia perante os senadores** e ocasionalmente aparecia nos documentos públicos com o nome de Júpiter. **Erigiu três (3) templos dedicados a si mesmo**: Dois em Roma e um (01) em Mileto (província da Ásia).

No Fórum, o templo de Castor e Polux foi vinculado diretamente à residência no Palatino e *dedicado a Calígula*.

Foi nesta época que começou a aparecer perante o povo como deus. A política religiosa deste imperador rompia totalmente com o de seus antecessores. Segundo Diao Cassio (155-229 d.C.), historiador romano, os imperadores podiam ser

adorados no oriente, enquanto os imperadores mortos podiam ser adorados em Roma.

Calígula foi muito além ao obrigar o Senado e o povo a render-lhe culto em vida.

Não se contentava com as grandes honras, que se costumavam a dar aos homens, mas podia aspirar as que se davam aos deuses e, diz-se que para se justificar de tal grande pretensão, assim raciocinava: "Como aqueles que conduzem manadas de bois, rebanhos de carneiros e cabras, não são nem bois, nem carneiros, nem bodes, mas homens de uma natureza infinitamente mais digna e superior a dos animais, assim do mesmo modo, os que governam a todos os homens, a todas as criaturas do mundo, merecem ser considerados como sendo mais que simples homens e devem ser tido por deuses". Passou a se igualar as divindades romanas, como os deuses Baco, Hercules, Castor e Polux (dois filhos de Júpiter), Tritão, Anfiauro, Marte, etc.

Zombava de seus oráculos e de suas cerimonias e as tirava deles, para atribui-las a si mesmo. Realizava em honra própria muitos jogos de competição: hipismo, corridas de bigas, combates de gladiadores, etc.

Chegou a participar nos combates "arranjados" de gladiadores.

O Imperador Adriano (117-138 d.C.) se esforçou para ganhar a admiração do povo com doações, diversos jogos e combates de gladiadores no anfiteatro. Frequentador diário da Palestra, recinto tipicamente no estilo grego, onde realizavam-se competições atléticas, instituiu jogos periódicos em honra ao jovem atleta grego Apoximenos Antinous, vencedor do pugilismo nas olimpíadas de 332 a.C., símbolo da harmonia e força física, eternizado em estatua de bronze pelo escultor grego Lisipo (370-318 a.C.).

Adriano em sua visita a Bitinia (norte da Asia Menor, hoje Turquia), conheceu um jovem chamado Antinoo (110/112-130 d.C.) e levou-o consigo para Roma, tornando-o uma espécie de "pajem" ou "garoto de estimação", em razão de sua grande beleza. Segundo o Bispo Clemente de Alexandria (150-215 d.C.), o relacionamento entre ambos era sexual, comparado ao relacionamento do deus Zeus com Ganimedes. Adriano era 34 anos mais velho que Antinoo (um adolescente), enquadrando-se na relação homossexual existente na Grecia clássica. Em outubro de 130 d.C., durante uma visita ao Egito, Antinoo morreu afogado no rio Nilo, sendo as circunstancias não terem sido esclarecidas ate hoje. Semanas apos o ocorrido, o Imperador decretou a sua divinização. Ordenou a construção de uma nova cidade perto do local de sua morte, Antinopolis (= cidade de Antinoo) em sua homenagem, no alto Egito. A divindade protetora desta cidade era um deus sincrético**, resultado da fusão de Antinoo com Osíris**.

Por todo o império foram erguidas estatuas deste jovem e na parte oriental, levantaram-se templos ao falecido. Foi dado o nome Antinoo a uma estrela e o imperador escreveu um epitáfio (frase de homenagem) dedicado ao jovem, que mandou gravar num obelisco, que se encontra hoje nos jardins do Pincio em Roma.

Segundo o historiador Pausanias (180-115 a.C.), seu templo em Mantineia (cidade situada na Arcadia, sul da Grécia), era o mais novo da cidade. Em sua honra, foram celebrados rituais religiosos todo ano e jogos a cada 4 anos: combates de gladiadores, corridas de cavalos, corridas de bigas, etc No ginásio de Mantineia, havia estatuas de Antinoo. Os retratos de Antinoo eram feitos de forma que ele se parecesse com o deus Dionísio.

Século XVII

Para atingir um status divino que não possui o homem lança mãos de artifícios. Uma destes é o auto engrandecimento, basicamente, tagarelar a respeito de sua própria glória. A palavra glória diz respeito a atos de grandeza que imortalizam ou engrandecem a pessoa que os realizou. No século XVII há uma grande relação entre arte e poder. Luís XIV (1638-1715) e seus conselheiros preocupavam-se muito com a imagem real, por isso recorreram a todas as formas de representações para aumentar a sua glória. Segundo Peter Burke,

“Os escritos do período não deixam dúvida acerca da importância da reputação ou glória de reis ou nobres semelhantes”. No século XVII, o que realmente significava esta glória tão almejada pela realeza e nobres? De acordo com este autor, “num dicionário do período, glória distinguia-se de louvor porque ‘o louvor é dado por indivíduos e a glória por todo o mundo’. [La louange se donne par les particuliers, ET la gloire par le général du monde]”. (BURKE, 1994, pp. 14, 16-17). Conforme lembra Peter Burke, “Glória era uma palavra-chave da época. Sua importância foi sublinhada nas Mémoires de Luís. Mademoiselle de Scudéry ganhou uma medalha da Academia Francesa por seu ensaio sobre o tema. A personificação da Glória aparecia em peças teatrais, em balés e em monumentos públicos. Há uma Fonte da Glória nos jardins de Versalhes” (BURKE, 1994, p. 17).

Egito

Retornando no tempo até o Egito antigo, do ponto de vista oficial — nos ensina o egiptólogo John Baines — a sociedade era constituída pelos deuses, pelo faraó e pela humanidade. Mas a humanidade está ausente da maioria dos registros pictóricos oficiais, que representam a história e a religião como a interação entre os deuses e o faraó. Essa frase nos dá uma boa ideia de como deveria se estruturar na cabeça de um egípcio antigo o seu relacionamento na vida em grupo e a importância que dava ao rei. A verdade é que existia uma série de regras que ditavam como determinadas figuras podiam ou não ser representadas. Nos períodos mais antigos não era permitido, por exemplo, que um indivíduo particular e um deus fossem representados juntos e também não se permitia que as pessoas comuns fossem representadas no interior dos templos. Além disso, Baines ainda nos conta que o rei atua como mediador — em certos casos o único — entre o deus e os homens. Representa os homens junto dos deuses e os deuses junto dos homens, sendo também o exemplar vivo do deus criador na Terra e reinterpreta o papel deste ao estabelecer a ordem no caos. Na figura acima vemos Ramsés III (c. 1194 a 1163 a.C.) abraçando a deusa Ísis em condição de igualdade com ela, como se um deus também fosse.

Competia aos faraós zelarem pelo bem-estar do povo e, ao longo da história egípcia, eles assim o fizeram e tomaram para si as preocupações da população. Uma das principais tarefas que cabia ao faraó para proteger a nação, numa terra sem chuva, era **a de manter o controle sobre o Nilo**. Então, anualmente, **ele realizava cerimônias destinadas a garantir que as águas do rio subissem com regularidade infalível** e fossem usadas adequadamente. Portanto, **havia uma íntima conexão entre o faraó e o Nilo**, do qual dependia a prosperidade do país.

Até Akhenaton (c. 1353 a 1335 a.C.), o adorador monoteísta do Sol, era saudado como um Nilo que flui diariamente dando vida ao Egito. Para reforçar seu poderio junto às massas, os reis procuravam identificar-se com os deuses. Às vezes se auto divinizaram e, nesses casos, se faziam representar no seu aspecto normal apresentando oferendas aos seus alter egos divinos, como o fizeram, por exemplo, Amenófis III (c. 1391 a 1353 a.C.) e Ramsés II (c. 1290 a 1224 a.C.). Por outro lado, também ocorria de um faraó ser divinizado após a morte, mas o fato nesse caso era devido mais aos feitos do rei do que ao entendimento de que ele fosse um deus verdadeiro. Em síntese, o faraó, em virtude de seu cargo, era encarado como um ser à parte e seu papel como deus ou como homem era diferente de acordo com o contexto em que atuasse.

Em verdade, quando a unidade política do Egito se firmou, durante a III dinastia (c. 2649 a 2575 a.C.) e a dinastia seguinte (c. 2575 a 2465 a.C.), a estabilidade foi alcançada com a ajuda de um novo dogma segundo o **qual o rei era considerado sobre-humano, verdadeiro deus a reinar sobre os homens**. Ao que

tudo indica, esse foi um dogma elaborado no decorrer das primeiras dinastias visando consolidar um único poder sobre os territórios do Norte e do sul. Acredita-se que essa idéia dogmática já fincara suas raízes no passado pré-histórico e que estivera presente por muito tempo como conceito vagamente formulado. Usando tal conceito e detalhando sua aplicação, as primeiras dinastias obtiveram sua formal aceitação e sancionaram um governo emergente. Poder-se-ia dizer — escreveu A. Abu Bakr, ex-professor da Universidade do Cairo — que **a partir da III dinastia o chefe do Estado não era um egípcio do norte ou do sul, mas um deus**. Como tal, acreditava-se que **o espírito de Hórus nele penetrava quando era coroado** e com ele permanecia para guiá-lo nas sendas da deusa Maat, ou seja, nos caminhos da verdade. **Após sua morte o faraó residiria junto com os demais deuses e se identificaria tanto com o deus-Sol** (Hórus ou Rá) quanto com Osíris e, então, poderia guiar seus sucessores. A tradição também atesta, várias vezes, que houve dinastias de deuses que reinaram como faraós nos primeiros tempos e que o prolongamento histórico dessa situação foi o surgimento dos reis terrestres, herdeiros divinos estabelecidos e protegidos pelas divindades. A maior delas, Hórus, se fazia então presente encarnado no faraó. Dentro desse enfoque, afirma o egiptólogo americano John A. Wilson, o pequeno faraó que se sentava no trono do Egito não era um ser humano e transitório, mas o mesmo "bom deus" que havia sido desde o princípio e que seria eternamente.

De acordo com essa dogmática teoria, o faraó era o responsável por todas as atividades do país. **E era, ainda, o sumo sacerdote de todos os deuses**, devendo servir-lhes, diariamente, em todos os templos. Sendo fisicamente impossível realizar todas as tarefas a ele conferidas, nomeava representantes que as executavam: ministros, funcionários provinciais, generais, sacerdotes, etc. Ainda em teoria, seu poder era absoluto. Na prática, esclarece Abu Bakr, ele era a personificação de crenças e práticas muito antigas que se desenvolveram progressivamente com o passar dos anos. **Na realidade, a vida dos reis era tão codificada que estes não podiam passear ou banhar-se sem submeter-se ao cerimonial estabelecido para cada um desses atos, regulado por ritos e obrigações.**

No que se refere às obrigações religiosas, chegou-se a um ponto tal que o rei passou a ser visto como o oficiante supremo dos ritos, ou mesmo o único sacerdote. Só ele tinha o direito legítimo de realizar o culto e foi por isso que, no início do Império Médio (c. 2040 a.C.), recebeu o título **de Senhor do Ritual**. Os sacerdotes espalhados por todos os templos egípcios agiam simplesmente como representantes do rei e dele recebiam suas missões. Quer se tratasse do culto diário ou daqueles dos dias festivos, os atos rituais como as oferendas, as procissões, etc., realizados nos inumeráveis santuários do país, tinham por única função a manutenção da ordem universal, que a deusa Maat simbolizava.

Como, talvez, o simples fato de sentar-se ao trono não fosse suficiente para explicar a natureza divina do rei, lendas foram sendo criadas. **Uma delas relata como os primeiros três faraós da V dinastia (c. 2465 a 2323 a.C.) nasceram da esposa de um mero sacerdote, concebidos pelo próprio Rá, o deus-Sol.**

Essa ficção sobre o nascimento do rei se manteve ao longo de toda a história do antigo Egito e em vários templos as paredes exibem esse casamento divino. **O deus-Sol toma a forma do faraó e insufla na rainha principal o sopro divino mantendo o símbolo da vida junto de suas narinas e como resultado de tal união nasce o herdeiro do trono.** A mais célebre versão desse mito está representada nas paredes do templo funerário da rainha Hatshepsut (c. 1473 a 1458 a.C.), da XVIII dinastia (c. 1550 a 1307 a.C.). Até os nomes dos faraós são alterados em função dessas crenças. Antes da V dinastia os nomes dos faraós como, por exemplo, Djoser, Snefru, Khufu, não incluíam o nome do deus-Sol. A partir da V dinastia tornou-se comum que os reis tivessem nomes relacionados a Rá: Sahure, Neferirkare, Neuserre, etc. Foi também nessa época que a relação filial do faraó com o deus-Sol foi reafirmada com a inclusão no nome faraônico do título de filho de Rá agregado ao nome pessoal do rei, aquele que ele recebia ao nascer. Assim se expressava clara e enfaticamente — escreveu John A. Wilson — que o faraó havia nascido como filho físico de Rá, conferindo-lhe desse modo direito legítimo de reinar no Egito.

A coroação, por sua vez, acreditava-se, embora terrenamente conduzida por cortesãos responsáveis pelas insígnias reais, ocorria no céu e era executada pelos deuses. Também isso é mostrado em muitos templos. O faraó Tutmósis III (c. 1479 a 1425 a.C.), por exemplo, declarou que foi Amon de Tebas que o reconheceu como seu filho quando ele, ainda menino, servia no templo de Karnak. Em consequência disso, ele alçou voo como um falcão divino até o céu e foi coroado pelo deus-Sol. De fato o que aconteceu foi que seu pai terreno, Tutmósis II (c. 1492 a 1479 a.C.), colocou sobre sua cabeça a coroa de co-regente no santuário do templo. A coroação do rei ocorria, no início da inundação, em uma época anunciada pelo surgimento de uma brilhante estrela: Sirius. Esse era um momento auspicioso para que, concomitantemente, um novo faraó e um novo Egito emergissem da antiga terra submersa nas águas caóticas da inundação.

Como a função síntese do faraó era a de manter a ordem universal, o advento de cada rei era encarado como uma recriação do velho universo dentro dos padrões primevos, os quais haviam sido mantidos intactos desde os tempos em que os deuses governavam a terra, mas que com a morte do rei precedente estavam sendo engolfados pelo caos. A coroação do soberano tomada por todos, pelo menos ficticiamente, como dia de **Ano Novo do ano civil em curso, produzia a vitória sobre o caos**. De novo acontecia a reunião das Duas Terras e a ordem se restabelecia. Foi esse idéia que fêz com que o fundador da XII dinastia, Amenemhet I (1991 a 1962 a.C.), se intitulasse ***Aquele que renova o nascimento***, ou seja, a criação do universo. *No dia da coroação, um filho e encarnação dos deuses ascendia ao trono de seus ancestrais* e ao morrer e ser assimilado a Osíris, o deus dos mortos, seu filho reinaria em seu lugar. Dessa maneira, o Egito estaria eternamente sob o comando benéfico de um deus. E não se tratava apenas de um soberano para o Egito, mas para todo o trajeto percorrido pelo disco solar.

Na verdade, as nações vizinhas reconheciam que um governante divino de um país tão rico, tão unificado e tão poderoso quanto o Egito era um verdadeiro deus. *Quando o faraó ascendia ao trono, elas lhe enviavam riquíssimos presentes e pediam suas bênçãos.* Em certa pintura mural, por exemplo, do túmulo de Sobek-hotpe, vemos uma delegação Síria trazendo ricos presentes para o faraó na sua coroação.

Os líderes, com roupas ricamente ornamentadas, caem ao chão e cheiram a terra, antes que o novo rei-deus suba ao trono, para rogar suas bênçãos. Seus presentes são vasos de ouro e prata, um recipiente de marfim cheio de precioso óleo e uma vasilha em forma de cabeça de águia de desenho micênico. Cenas como esta também podiam mostrar contingentes da Núbia e ocasionalmente das Ilhas do Grande Verde, ou seja, do Mediterrâneo.

É óbvio que interessava ao faraó como pessoa fazer crer que ele possuía o apoio dos deuses, pois desta maneira ninguém poderia depô-lo sob pena de incorrer na ira divina. Apenas se ele perdesse o favor dos deuses, caso em que não mais seria divino, poderia, então, ser deposto. **Sendo assim, ele mesmo proclamava que era um Hórus** — salienta John A. Wilson — um deus dos espaços remotos, do céu, como um falcão. Ele mesmo proclamava que era "as Duas Damas"; ou seja, **que sua natureza incorporava as essências das duas deusas que dominavam respectivamente no Alto e no Baixo Egito.** Essas duas coisas desvinculavam-no de qualquer lugar em particular da terra egípcia e, ao mesmo tempo, enraizavam-no nas duas regiões do país. Finalmente, com a V dinastia, se declarou filho divino do deus-Sol Rá, o deus supremo.

A aceitação pelo povo egípcio do dogma da divindade do rei pode ser explicada pela sua própria psicologia. É ainda John A. Wilson que nos esclarece que **eles não traçavam limites intransponíveis entre os diferentes estados do ser: humano e animal, vivo e morto, humano e divino**. Eles não viam diferenças essenciais nas substâncias dos diversos componentes do universo. Os vários fenômenos existenciais tangíveis e visíveis só eram diferentes na superfície, mas, na essência, eram da mesma substância e todos combinados em um grande espectro e mesclados sem limites precisos. Os egípcios não estabeleciam categorias independentes para fenômenos diferentes e passavam comodamente do humano ao divino e aceitavam o dogma de que o faraó, que vivia entre os homens como se fosse de carne e sangue mortais, na realidade era um deus que lhes dava a graça de residir na terra para governar o Egito. Portanto, podemos acreditar que o dogma da realeza divina era algo que os egípcios aceitavam de forma simples e natural.

O faraó não só era um rei-deus — os egípcios acreditavam nisso —, como também era **responsável por manter equilibrada a balança da deusa Maat, divindade incumbida de manter a ordem e evitar o caos**, o qual estava sempre aguardando uma oportunidade para engolfar o mundo. Enquanto o rei e seus súditos honrassem os deuses e obedecessem às leis decretadas pelas divindades, a balança seria

mantida em equilíbrio e tudo correria bem. Se o faraó falhasse, todo o mundo sofreria e cairia em um inimaginável estado de anarquia.

Ninguém gosta de ser comandado por um dirigente fraco e, assim, gradualmente, a *ideia* da realeza divina foi se fortalecendo. Todos os egípcios aceitaram como verdadeira a afirmativa de que a força intelectual do rei vinha do suporte dos deuses e que enquanto esse respaldo fosse mantido nada poderia afetar o país. Uma vez que isso se perdesse, entretanto, o reino cairia em tumulto até que um novo rei forte, que tivesse o apoio divino, assumisse o trono. A importância disso foi reconhecida por todos os faraós até a época romana e cada novo rei perpetuou o mito da realeza divina como meio de legitimar seu direito ao trono. Portanto, esse conceito da divindade do rei foi de fundamental importância para a continuidade da realeza e a manutenção da ordem civil no Egito. Os sacerdotes tiveram importante papel nesse processo. A eles interessava mais dar suporte ao rei, o qual, em contrapartida, lhes dava suporte também, do que assumir a responsabilidade e serem acusados de não estarem agradando aos deuses quando as coisas eventualmente saíssem erradas.

Em que pese tudo o que vimos até aqui, não existia um culto ao rei vivo comparável ao culto aos deuses, a não ser os diversos atos de culto com os quais eram honradas as estátuas do monarca. Elas eram produzidas por ordem do soberano por razões propagandísticas e colocadas em pontos estratégicos de grande movimentação popular como, por exemplo, portas de templos ou postos de fronteira. Assim elas poderiam ser cultuadas pela devoção do povo em geral. No reinado de Ramsés II (c. 1290 a 1224 a.C.) o papel de mediadora que a estátua desempenhava entre os fiéis e o rei-deus ficou patenteado de forma bastante clara. Dessa época foram conservadas inumeráveis estelas nas quais estão registrados pedidos de ajuda na solução de problemas, dirigidos às estátuas colossais do faraó colocadas diante de sua residência no delta do Nilo.

Se deuses eram em vida, mais deuses seriam os faraós após a morte. Assim como governava enquanto vivo, **o rei morto também governava no mundo subterrâneo**, *a maior das cidades,* como a chamavam os egípcios, mas agora mantendo um outro tipo de relação com o deus do além-túmulo, Osíris. O faraó torna-se Osíris e passa a ser, daí em diante, o mestre do mundo dos mortos. Entretanto, os Textos das Pirâmides nos dão outra imagem do além-túmulo, centrada no deus solar Rá e em sua viagem na barca celestial. O rei defunto, que segundo uma velha doutrina voava para o céu após a morte, passava a acompanhar a barca solar e inundava de vida e de luz o mundo dos mortos, como Rá o fazia em sua viagem noturna. Essas duas concepções, aparentemente contraditórias, eram, para os egípcios, como em vários outros casos, estados complementares de uma mesma situação. Já que o faraó era um deus, ficava claro que grande parte de seu poderio advinha de sua comunhão com os demais deuses. Ao lado, por exemplo, vemos uma imagem que apresenta Ramsés III (c. 1194 a 1163 a.C.) sendo enlaçado pela deusa Ísis, o que demonstra igualdade entre ambos. Portanto, as soluções dos grandes problemas nacionais passavam, inevitavelmente, pelos aconselhamentos e determinações das divindades. Mas, para tanto era imprescindível que o faraó as consultasse. Para o período anterior ao Império Novo não ficaram registrados os

meios pelos quais o rei consultava os deuses. Mas sabemos que durante aquele período houve alguns mecanismos consagrados para o recebimento das ordens divinas. Através do sonho, por exemplo, Tutmósis IV recebeu orientação para desenterrar a esfinge. Mas, a forma mais comum consistia na consulta direta feita pelo faraó ao deus, quer estivesse este no santuário do templo ou em um santuário portátil em procissão. Em tais momentos o deus concedia a graça de manifestar sua vontade mediante um oráculo.

Foi dessa maneira que Amon-Rá, instalado em seu sacrário de Karnak, ordenou a Hatshepsut (c. 1473 a 1458 a.C.) que enviasse uma expedição comercial à terra de Punt. Antes do reinado de Akhenaton (c. 1353 a 1335 a.C.) os oráculos só eram consultados em ocasiões especiais como, por exemplo, quando um novo soberano fosse assumir o poder ou quando se planejava uma expedição ao exterior. Ao término daquele reinado, a jurisprudência começou a ser influenciada por decisões emitidas por oráculos.

(Fonte: http://www.fascinioegito.sh06.com/faraintro.htm)

No Antigo Egito, Rá, o deus Sol, era visto como o criador do Sol e do Egito. Portanto, Rá foi o primeiro rei do Egito. O Sol era visto como uma força viva e o deus era concebido como o próprio Sol, na forma de um disco. *As lendas contam que Rá abriu mão do governo do Egito, entregando-o a outros deuses, em primeiro lugar a Hórus, que encarnava, segundo se acreditava, no faraó***.** Esta transferência de poder não só colocou o faraó na esfera divina, como também o igualou aos outros deuses.

Os faraós ao morrerem, eram substituídos por seus filhos. Hórus sempre sucedia a Osíris e este desaparecia do cenário terrestre, num sentido figurado. Em Mênfis, a capital no Antigo Império, os faraós passaram a ser influenciados pelo culto solar e o resultado foi a fusão do deus-celeste Hórus com o deus-Sol Rá.

Na época da Quinta Dinastia, o faraó, agora identificado com Hórus, passou a ser o Filho de Rá. Nos primórdios da história egípcia, foi desenvolvido o conceito de que a mais pura forma do deus-Sol não era Hórus de cabeça de falcão, mas o orbe físico do próprio Sol, que era chamado de Aton; assim, Rá e Aton passaram a ser considerados como a mesma forma do Sol. O símbolo para este, naquele período específico, era um homem com cabeça de falcão e coroado pelo disco solar, cercado pelo Uraeus.

Posteriormente, de acordo com as representações encontradas no templo de Edfu, Hórus conquistou o mundo para Rá. Ele vencera o inimigo, que era nada mais, nada menos que Seth. Rá era basicamente o deus dos vivos, enquanto que Osíris era essencialmente o deus dos mortos. O faraó vivo era considerado a encarnação do grande deus Hórus que, ao morrer, se tornava Osíris, como soberano do além, considerando-se igual ao Deus. Ao suceder o faraó, o filho passava a ser o novo Hórus. O faraó morreria, mas seu filho, o novo Hórus, reinaria em seu lugar. A vitória do deus-Sol era proclamada todas as manhãs e isto era um lembrete diário do triunfo do bem sobre o mal através de Hórus. Durante mais de 3.000 anos, os soberanos de 27 dinastias foram considerados herdeiros de Hórus.

Hórus era um símbolo da realeza divina e o protetor do faraó reinante. No decorrer da história do Egito, Hórus foi pessoalmente identificado com o faraó, talvez porque o falcão podia voar através dos céus a grandes alturas e vigiar o império. Hórus era o protetor da monarquia. O faraó, desde o Antigo Império, era considerado como a encarnação de Hórus. O faraó atuava na esfera da harmonia entre o Céu e a Terra. Era ele quem zelava pela prosperidade e bem-estar do país. São frequentes as cenas em que Hórus aparece junto do faraó como iguais, pois o faraó era representante de Hórus na Terra, sua imagem, reflexo e encarnação. Um exemplo disso, é que uma das mais famosas cenas de Hórus é a escultura existente no Museu do Cairo, de um

falcão pousado no trono atrás da cabeça do faraó Kéfren (2520 a 2494 a.C.), o construtor da segunda pirâmide de Gizé. O falcão abraça o faraó com suas asas para voar com ele rumo aos céus.

Hórus foi reconhecido como deus supremo e chegou a ser considerado o espírito vivificador do faraó (ka). Dessa forma, o faraó recebeu o título de "grande deus". Nos textos funerários, o "grande deus" era concebido como Osíris (pois ele era o deus dos mortos). Hórus, o faraó, poderia ser proclamado filho de vários deuses. Assim, o faraó também aparece como filho de Osíris, identificado com o soberano morto. A relação de Hórus com Osíris é a de herdeiro e sucessor da linhagem real legítima. Ísis era o trono divinizado, aquele que o faraó recebia quando se tornava governante. Os egípcios se referiam ao trono como "mãe de Hórus", o soberano reinante. Quando se dava ênfase à Divindade do faraó, este era "Hórus, filho de Hathor", para expressar que era filho de Céu.

Houve também um faraó chamado Hórus, assim os sacerdotes substituíram Atom por Hórus, que passou a ser o deus que se criou e criou os outros e tudo mais, e que era encarnado na figura do faraó. (Vê-se que em esoterismo, o Olho de Hórus, o Sol e a figura do Faraó, têm o mesmo significado, a crença na existência de Deus).

O Nome Hórus do Faraó

A partir da V Dinastia, por volta de 2500 a.C., na época do Antigo Império**, os faraós passaram a adotar cinco nomes**. Os 5 títulos reais configuram o nome do faraó e estão documentados por quase todos os soberanos egípcios, desde o Médio Império até o final do período Helenístico Ptolomaico. Esses títulos representavam uma evidente declaração da origem Divina do faraó. **Os cinco títulos reais consistiam em quatro nomes que eram dados ao faraó quando este subia ao trono e um quinto nome que era escolhido quando do nascimento do futuro rei.** Ou seja, além do nome que lhe tinha sido dado quando nasceu, **o faraó assumia mais quatro nomes ao se tornar soberano**. **Três desses nomes se referem ao papel do rei como um deus**. Dois deles dão ênfase à divisão do Egito em duas terras, ambas sob o controle do rei.

O nome que se segue a cada título varia de faraó para faraó. Cada um define uma encarnação particular de Hórus. **Todo faraó, ao reinar, usava o nome de "Hórus" como o primeiro dos seus títulos e seu trono era "o trono de Hórus".**

O título de "Hórus" é o mais antigo do protocolo real, que já aparece antes da unificação do Egito. **O título era uma afirmação da natureza Divina do monarca**. O título de Hórus era o favorito do faraó, pelo qual ele se identificava como o sucessor do grande deus que outrora governara a Terra.

O "nome Hórus", desde os reis pré-dinásticos, era escrito dentro de um "serekh", um retângulo que representava a fachada do palácio real, encimado pelo deus falcão Hórus. Ele aparece inclusive nas tumbas mais antigas feitas de adobe. Isso representa a crença de que o rei era o deus Hórus em forma humana na Terra.

Os egípcios acreditavam que Osíris havia sido rei do Egito antes de morrer, portanto seu filho Hórus herdou seu reino. Os primeiros monarcas do Antigo Egito usavam apenas este nome. Depois, foi acrescentado o título "nebty", em homenagem as

deusas protetoras do Alto e do Baixo Egito (Nekbet, a deusa–abutre e Wadjt, a deusa-serpente). Significava que o faraó controlava as duas partes do país, pois juntas elas representavam a força unificadora das Duas Terras.

O terceiro título era o de “Falcão Dourado” ou “Hórus de Ouro” (Hor Nebu), cuja simbologia declarava: "Bendito em anos quem faz tudo viver". Representava uma espécie de poder glorioso e impetuoso. O ouro era de grande importância para os egípcios, pois o consideravam como a pele de Rá, ou seja, era a pele do próprio Sol e seu brilho justificava a semelhança. Quando se adornava com ouro, o faraó era revestido da luz que iluminava a Terra. O próprio metal o divinizava; ele era o “Hórus de Ouro”. Outro título que o faráo adotava era o de “Filho de Rá”. Como tal, o faraó expressava sua divina filiação com o deus-Sol.

As origens do nome “Hórus Dourado” podem ser seguidas nas inscrições reais da primeira e terceira dinastia e também na Pedra de Palermo. Era simplesmente inscrita com o hieróglifo que significava ouro. A interpretação deste nome não é clara; para alguns significa a vitória de Hórus sobre Seth, enquanto que outros relacionam-no com a crença na eternidade do faraó. Quando foi introduzida no período dinástico antigo, simbolizava a divindade do faraó (o ouro era considerado eterno e se acreditava que a pele dos deuses era de ouro; o ouro portanto, era a representação da divindade). O ouro também simbolizava o Sol nascente.

Pela metade do Médio Império, o nome Hórus, o título Nebty e o nome Hórus Dourado já não eram usados tão comumente quanto os dois últimos, o nome de trono e o nome de nascimento. O quarto título, o “Nesu-biti”, significa “o que pertence ao junco e à abelha”, os quais são símbolos do Alto e Baixo Egito. Significava o direito que o faraó tinha sobre as duas metades de seu reino. A esse título segue o “prenomen”, o de “Filho de Rá”, que é o nome que o faraó adotava quando subia ao trono. O quinto título é o “nomen”, ou seja o nome de nascimento do faraó.

O Serekh



É um retângulo estilizado que contém o nome Hórus dos faraós. É dividido em dois compartimentos: o de baixo representa a vista frontal do palácio e o de cima representa uma vista do pátio do palácio. Era, em geral encimado pelo falcão, que representa o deus Hórus, patrono da monarquia, embora dois dos reis da segunda dinastia (Peribsen e Khasekhemwy) tenham incluído o deus Seth ou trocado o deus.

Os modernos historiadores se referem aos faraós do Egito por seus nomes e para distinguir aqueles que possuem o mesmo nome, colocam um algarismo romano. O Serekh foi usado, especialmente nos tempos pré-dinásticos e durante as primeiras três dinastias, depois foi substituído pelo cartucho.

Saindo do Egito. Visitando ao homem moderno.

Na esteira de se tornar glorioso, único, maior, capaz em por si mesmo, a homem anulou até mesmo a idéia divina, ele decidiu “matar a Deus”.

O niilismo contemporâneo

A origem dos males espirituais que assolam o homem atual consiste no fato de que a cultura contemporânea está desprovida do sentido daqueles grandes valores que, nos tempos antigos e medievos – e também nos primeiros séculos da era moderna, renascentista, constituíam fundamentos essenciais de referência e, em ampla medida, impossíveis de se renunciar no pensamento e na vida. Esse fenômeno é o niilismo. Talvez uma das maiores contribuições do pensamento de Nietzsche para o entendimento do homem contemporâneo, foi a explicação do fenômeno do niilismo como elemento que assola a sua condição existencial e ontológica. Isto é, um homem sem Deus, sem metafísica, sem postulados éticos perenes. Um homem nu e sozinho.

Ensimesmado nas suas circunstâncias corpóreas, nas suas necessidades mais comezinhas de subsistência física. Um aglomerado de moléculas explicadas pela química, física e a biologia. Foi para esse "novo homem" cujo estado psicológico doente e sem sentido que Nietzsche apontou.

Nietzsche resumiu a essência do niilismo, em sentido geral, na fórmula "Deus está morto". Sua morte é o evento fundamental da modernidade e traz em seu bojo a desvalorização dos valores hegemônicos da tradição que forneciam ao homem um sentido ao mundo. A falta, o vácuo de sentido – a queda dos valores cosmológicos – que adveio com a "morte de Deus" produziram o niilismo tipificado por Nietzsche como de "estado psicológico37". Este consistiria num estado de desvalorização que ascende para a consciência mediante três formas que combinam entre si: finalidade, unidade e verdade. Em estado psicológico é, o niilismo, a consciência de penoso e lento processo de desvalorização que culmina nesse sentimento individual de ausência de sentido. Destarte, a confiança numa ordenação ético-moral do mundo, num progresso moral em direção a uma finalidade distante (telos), numa reunião da multiplicidade, numa unidade, perderam seu valor. O Direito moderno é pensado e feito para esse homem. O legislador preocupa-se com seu trabalho, sua subsistência, sua barriga, sua saúde, a educação de seus filhos; preocupa-se com as tragédias e dramas de sua vida. O Estado moderno ampliou de tal forma suas atribuições que, para suprir o vazio desse homem reduzido à sua corporeidade, passou a preenchê-lo com uma nova doutrina moral e existencial: a do "politicamente correto"; a da "inclusão"; a das "políticas públicas". Parece não existir mais escolha moral para o homem. Ele não tem mais o direito de ter preconceitos, opiniões, de praguejar, de fumar, de beber, de ser avarento e perdulário. Tudo lhe é dado pronto pelo "Estado bedel"39. Até a sua vida futura e as suas gerações vindouras é tutelada a priori por um credo anímico-ambientalista que lhe põe em grau inferior ao da natureza.

A vida já lhe vem tipificada por leis que são chocadas num viveiro legislativo que não deixa interstícios de escolha. A codificação racional-legal (projeto iluminista) que dirige as vontades humanas lhe retira a autonomia de sua vontade, lhe retira a

dignidade. E paradoxalmente esse projeto é executado em nome do princípio da "dignidade humana" que se acha estampado em quase todas as constituições modernas, cânone indiscutível da religião civil.

O Direito moderno parece ser feito não para "Homens" e sim para "máquinas orgânicas falantes" vazias de qualquer consciência e valor transcendente. Os valores são dados pelo Estado-Deus hegeliano, pelo Leviatã hobbesiano, através de sua abundante legislação.

Se a anulação de Deus não fosse o suficiente, por outro lado, a sociologia verifica o surgimento da DIVINIZAÇÂO da vontade pública.

Durante os primórdios do iluminismo Rousseau conseguiu guindar a opinião pública, a vontade do povo ao nível do sagrado. A sacralização da "volonté générale" se tornou um dogma praticamente inquebrável da política e da construção do Direito contemporâneo. Tudo é feito em nome da vontade geral e tudo é feito para atendê-la. Albert Camus discorre magistralmente acerca do fenômeno de mistificação da vontade geral:

"Fica claro que, com o Contrato social, assistimos ao nascimento de uma mística, já que a vontade geral é postulada como o próprio Deus. "Cada um de nós, diz Rousseau, "coloca a sua pessoa e todo o seu poder sob a suprema direção da vontade geral, e recebemos no nosso corpo cada indivíduo, como parte indivisível do todo. Essa pessoa política, que se tornou soberana, é também definida como pessoa divina. Tem aliás todos os atributos da pessoa divina. Ela é efetivamente infalível, já que o soberano não pode querer o abuso. (...) Ela é também inalienável, indivisível e, finalmente, visa até mesmo resolver o grande problema teológico, a contradição entre a onipotência e a inocência divinas. A vontade geral é realmente coercitiva; seu poder não tem limites. "Mas o castigo que imporá a quem recusar-lhe obediência não é mais que uma forma de forçá-lo a ser livre". A deificação se completa quando Rousseau, separando o soberano de suas próprias origens, chega a distinguir a vontade geral da vontade de todos. (...) A vontade geral é em primeiro lugar a expressão da razão universal, que é categórica. Nasceu o novo Deus. "

Camus enfatiza ainda que o Contrato Social está repleto de palavras como "absoluto", "sagrado", "inviolável" e reafirma que o corpo político definido como tal, cuja lei é um mandamento sagrado, não é mais que um produto de substituição [um ersatz] do corpo místico da cristandade temporal. O Contrato social se constitui uma descrição de uma religião civil e faz de seu autor um evangelista da "boa nova" que fundamentará os textos constitucionais sagrados das sociedades contemporâneas. Rousseau, segundo Camus, foi na verdade o primeiro "teólogo" a instituir a profissão de fé civil do Estado moderno. Interessante analisar os desdobramentos, dois séculos depois, desse fenômeno de sacralização da vontade geral. Um deles é o tão ventilado princípio da supremacia do interesse público, tão comum no Direito Administrativo. Em nome desse tal "interesse público" o administrador faz qualquer coisa e justifica seus atos discricionários. De outro turno, também há o Ministério Público – novo tipo de corpo sacerdotal da religião civil – que atua como fiscal desse interesse público e em nome dele age e acusa indivíduos e instituições. O ato de improbidade administrativa é um novo tipo de "sacrilégio"

para o qual há inclusive um rol de penitências sendo que a maior delas é perda da função pública e a suspensão dos direitos políticos. Ou seja, trata-se de uma forma de excomunhão civil.

(EXTRAIDO DO TEXTO: A DIVINIZAÇÃO DO ESTADO MODERNO E A CRENÇA NA SOCIEDADE RACIONAL E PERFEITA: UMA CONSEQÜÊNCIA DO ILUMINISMO Paulo Henrique Vieira da Costa)

Paulo Henrique tece um profundo comentário sobre a divinização do Estado, quando este passa a ocupar as funções que antes eram de escopo religioso. A teocracia foi substituída por arranjos onde o rei da antiguidade dispunha de privilégios divinos, ostentando uma ascendência divina. Com o acréscimo de um pouco de filosofia Deus é abstraído da esfera de Poder concedendo-se ao Estado, lentamente, um papel que o torna senhor e dono, senão das individualidades, ao menos da vida, num nível mórbido, dos que ficam sob seu domínio, circundado pelos limites que o território lhe concede. Com base em tudo que foi escrito até aqui...

Os conselheiros do faraó lhe disseram: "Até quando este homem será uma ameaça para nós? Deixa os homens irem prestar culto ao Senhor, o Deus deles. Não percebes que o Egito está arruinado?" Podemos começar a entender a rejeição tão profunda, a desgraça psicológica que conduziu ao Faraó a confiar na última pessoa da terra no qual ele poderia se escorar naquele momento. Nele mesmo. Aquele judeu marginal, escravo fugido, estrangeiro sem nome ousava desafiar ao "Senhor dos rituais", ao filho do Sol, ao escolhido por Hórus, aquele que ligava as duas terras, ao sumo-sacerdote separado e ordenado entre os deuses e os homens, ao homem-divino, ao detentor da verdade suprema, ao supremo soberano do alto e baixo Egito?

Por sua benção se estabelecia as cheias do Nilo e os povos vinham de longe com oferendas curvar-se, sim, vinham os príncipes das nações prestar-lhe homenagens, e esse sujeito sem-nome, ousava enfrentar a quem tinha o domínio do mundo dos vivos e os poderes da magia oriundo do mundo dos mortos? Ele que era o detentor dos 5 nomes sagrados, ele o regente do universo, ele que tinha imagens suas retratadas como guerreiro nas paredes de vários templos, sempre em posição de vitória.

Ele que nas iconografias era pintado semelhante aos deuses, tanto na postura, nas dimensões quanto aos adereços. Ele o portador das duas coroas, Hedjet consagrada a deusa Nekhbet, que o protegia desde o nascimento e outra Uadjit, consagrada a deusa Amonet, esposa de Amon, a portadora do Poder, do Intangível e do oculto. Os faraós consideravam-se homens que compartilhavam da essência do divino, e *sabiam* muito bem disso. Diante do rei o súdito tinha de prostar-se no chão lê-se numa inscrição "estendi-me sobre meu ventre e perdi os sentidos diante dele", e também "os governantes de Medja, Irtjet e Uauat beijaram a terra e aclamaram grandemente" ou dobrar-se respei-tosamente conselheiros "curvados sobre seus ventres diante de Sua Majestade" Sofreria punição quem tocasse, mesmo involuntariamente, na pessoa do rei, e este fato era tão extraordinário que mereceu o registro na tumba do sacerdote Ra-ur, que viveu durante a quinta dinastia. Certa vez ele participava de uma cerimônia na qual estava presente o faraó Nefer-ir-ka-Ra e de repente a maça do rei tocou por acaso em sua perna, mas o soberano interveio a seu favor e ordenou: "Minha Majestade deseja que ele passe muito bem, de modo que nada de mau lhe aconteça!". 2 1 Beijar o pé do faraó, portanto, seria considerado suprema honraria, sinal de grande prestígio, como sucedeu com Ptah-nash, vizir do mesmo Nefer-ir-ka-Ra: "Quando Sua Majestade viu que beijaria a terra, Sua Majestade disse:

- Não beijes a terra, beija meu pé". Ao ouvirem isso, "os filhos do rei e os cortesãos que estavam no palácio tremeram de medo" (Pobres Faraós divinos – Emanuel Araújo)

E quando Moisés fica de pé diante dele é importante ter em mente esses fatos para compreendermos o tamanho da afronta cometida. Os escravos *apiru*, ou hebreus, ousaram emitir UMA ORDEM contra o mais poderoso dos homens.

A maior façanha da vida de um Faraó seria manter a regularidade da cheia do rio Nilo. Os rituais fantásticos que se seguiam, quando o faraó invocava seu grande poder e demonstrava seu domínio sobre a ordem reuniam uma incontável multidão. Quando o Nilo foi ferido na primeira praga seu domínio fora colocado em xeque. Cada praga vai tornando cada vez mais claro sua condição de humanidade e a distância entre a lenda criada a seu respeito e a dura realidade. Nunca a humanidade havia visto uma coisa como esta. Nós lemos sobre as pragas, mas não temos noção clara de como dentro de um mundo absurdamente mágico, absolutamente místico, completamente religioso; ciente da existência de uma realidade espiritual, elas refletem Poder. Para nós elas são fantásticas, mas para os egípcios elas reverberavam de modo inequívoco ao sobrenatural. O terror se alastrava nos corações e a cada movimento daquele "deus" desconhecido, daquela dimensão de poderes imaginados, a cada movimento daquela mão invisível. Todos temem o que não podem ver. Se tais fatos ocorressem hoje não haveria a comoção que aconteceu naquela época. Porém o mundo de hoje teme outras coisas, possui outros pavores. Por anos os americanos construíram abrigos anti nuclear na época da guerra-fria. As mudanças climáticas e mesmo mudanças cosmológicas trazem apreensão a muitos. O Apocalipse fala-nos de dias futuros onde o movimento divino na terra causará o terror numa dimensão que o homem moderno desconhece. Os reflexos dos acontecimentos sobrepujaram todos os recursos da religião e da ciência daqueles dias. Os magos eram sábios, escribas, doutores reúnem-se e tomam uma atitude nova diante da potestade do faraó. Eles mostram de modo claro sua completa reprovação a sua atitude de arrogância diante de tudo que estava acontecendo. Pela primeira vez todo um conselho real, todo o sacerdócio de uma nação, vai até um soberano e o enfrenta. E dele discorda veementemente. E jogam em seu rosto as consequências visíveis de seus atos. O Egito da antiguidade jazia destruído diante do inominável. As plantações estavam queimadas. O rio de onde dependiam para renovação das colheitas, contaminado. Os animais dos campos haviam morrido. O Faraó dominava agora sobre uma nação empobrecida.

Alguns dias antes deste momento os que realizavam rituais e que invocavam poderes mágicos por nós desconhecidos, que se inspiravam em magias de livros que não chegaram até nós, reconheciam, que estava além de tudo o que conheciam, de tudo que haviam experimentado, as coisas que estavam ali acontecendo. Mestres na arte da adivinhação, ou do engano, com artimanhas oriundas de alquimia e truques de mágica, unidos aos matemáticos, aos astrônomos e linguistas tinham uma só expressão sobre o que estava acontecendo:

- Isto é o *dedo de Deus*.

O respeito aos magos no antigo Egito é muito grande. Ele é um misto de Engenheiro, médico, matemático e sacerdote. No texto conhecido como Profecias de Neférti (Museu do Ermitage, n° 1.116 B), 1 8 um Faraó de nome Senéfru chama

os membros de seu conselho de "companheiros" e um sacerdote de "meu amigo", pedindo-lhe para narrar algo que o distraísse; além disso, o próprio faraó "em seguida estendeu sua mão para a caixa com o necessário para a escrita e tirou um rolo de papiro e uma paleta, e começou a escrever as palavras do sacerdote-leitor Neférti.

Mas o que era nu e patente diante dos olhos de todos era invisível aos olhos de Faraó. Ele abraçou seu orgulho mesmo diante de evidencias contrárias, deixou de lado a racionalidade, os conselhos e o conhecimento de sua própria humanidade em nome do que criam a seu respeito, em nome do que imaginaram a seu respeito. Diante de seus olhos estavam estampadas centenas de imagens que os arqueólogos só conheceram desgastadas pelo tempo, vívidas, brilhantes e multicoloridas em todas elas a representação de sua glória, do seu poder e de sua vitória.

Que venham os gafanhotos.

E os gafanhotos vieram.

Uma praga de gafanhotos com cerca de 100 toneladas e 30 km de extensão por 2,5 km de largura atingiu 2 milhões de hectares de lavoura no Mato Grosso do Sul em 1992. Em março de 2013 uma nuvem com 30 milhões de gafanhotos atacou o Cairo no Egito. Em 1955, uma nuvem de gafanhotos migratórios de 250 km de comprimento e 20 km de largura atacou o S do Marrocos. Em 2013 ao todo, 2.213 hectares, quase metade de toda área afetada pelas enxurradas em Manica, de culturas diversas, sobretudo milho e feijões, foram destruídos pelas pragas, que atingiram os distritos de Tambara e Macossa (norte), Chimoio (centro) e Machaze (sul) na ilha de Madagascar. Um Enorme enxame que atingiu o seu pico em 1875 devastou vastas zonas na fronteira americana. Contendo aproximadamente 3,5 triliões de gafanhotos e ocupando uma área de cerca de 513,000 quilómetros quadrados, foi o maior enxame estudado até os dias de hoje. Podemos ter uma noção do que ocorreu na nona praga nos dias do Egito.

Ao ver os gafanhotos o próprio coração do faraó estremeceu. A terra escureceu. E pela primeira vez desde que o processo de libertação de Israel teve início, e num ato inimaginado até então, o homem que se considerava a encarnação terrena de Rá, o filho do sol, reconheceu-se como pecador. Moisés orou mais uma vez e os gafanhotos foram levados, trilhões talvez, arrastados para longe num único dia.

Ao ver o sol nascendo mais uma vez, diante de dois dos maiores sinais já presenciados pelo ser humano, a invocação de imediata do maior enxame de gafanhotos já visto pelo homem e a retirada imediata deles das terras de uma nação, o faraó deixará de lado suas promessas, largará de mão seu arrependimento, e abraçando-se em SI MESMO ele simplesmente desprezará a manifestação divina.

As lendas dizem que ele é filho do sol. Talvez por vê-lo brilhar novamente reacendeu nele a antiga disposição de crer nas mesmas mentiras de sempre.

Mas, o sol seria envergonhado um pouco depois. Não nos é descrito nas Escrituras o que os sacerdotes e magos faziam. De algum modo rituais magníficos eram

realizados para que o faraó pudesse legitimar sua confiança em sua própria divindade.

Então, os céus se escureceram ao meio dia. *E as trevas tomaram conta do trono do rei sol*. E por três dias inteiros milhões de pessoas permaneceram na mais densa escuridão. Cegas. Absolutamente despidas da luz. E mesmo que acendessem tochas, aquilo que as envolvia não permitia que pudessem ver.

E por fim, *o dono de tudo*, concedeu a Moisés a concessão do que ele solicitava. Concessão parcial. Ao conceder parte do que Moisés solicitava por intermédio divino o faraó criava uma reserva de autoridade para si mesmo. Era ainda um deus negociando com outra divindade. Ele, ainda que acuado, permitia, e se não fosse sua soberana vontade, se não fosse segundo sua ORDENAÇÃO, eles não sairiam dali. Ainda queria negociar sua honra, ainda queria manter sua posição, ainda reclamava para si sua divindade. Havia o risco de que os hebreus não retornassem e raciocinando ele compreende que os hebreus não têm como ir muito longe dar culto aquele poder terrível, se não tivessem suas provisões. Tentara garantir-se ainda mais nos momentos anteriores segurando as crianças, antes da oitava praga mas falhara miseravelmente.

Sua oferta parecia-lhe razoável. Mas ele não estava em posição de negociar. E Deus queria deixar isso de modo bem claro. Moisés vira para ele e diz que não. Não aceita tal proposição. Tudo que pertence aos israelitas irá com eles. Tudo, absolutamente tudo. Nada restará, nenhuma garantia, nenhum carneiro, nem uma pequena ave ficará. Isso não é uma negociação.

Let my people go. É uma ORDEM e você deve CURVAR-SE, obedecer sem reservas. Significa que o deus de todo o Egito, o senhor do ritual, o senhor das duas terras e o DONO DA VERDADE terá que fazer exatamente tudo que lhe foi ordenado, terá que SUBMETER-SE.

Deixar de lado sua deidade.

Um dos conceitos filosóficos e espirituais vigente na mentalidade egípcia era um conceito denominado MAAT. Verdade. Maat era uma antiquíssima divindade que estabelecia o juízo, a verdade, o principio absoluto. Representava ao *dharma*, segundo o hinduísmo.

A verdade do universo era emitida pela boca do faraó, seu julgamento era perfeito e a justiça em toda a terra do Egito, a integridade, a sabedoria e a ordem que estabelecia e guiava as almas sai da boca do faraó.

Obedecer a palavra profética e ao Senhor significava renunciar a Maat. A verdade diante de seus olhos e provada de modo sobrenatural e terrível não prevalecia sobre a "verdade" sobrepujada de sua religiosidade morta, inútil, incapaz de lidar com aquela situação. **A Maat de Moisés era maior que a sua Maat.**

E isso não poderia ser.

Então o faraó lança seu último desafio. **Não irá prestar obediência a ninguém se não a ele mesmo *senhor de todas as realidades*.**

Ameaça a Moisés de morrer. O expulsa definitivamente de sua presença.

- Vai-te daqui, e livra-te que eu te veja novamente! gritou para Moisés.

Se tornares a vir ver-me, você morre!

Moisés: - Pois saiba. Nunca mais te verei.

Foi a resposta.

Assegurar para o faraó ou para a rainha uma vida feliz no além-túmulo, era o objetivo pretendido pelos textos das pirâmides. Os egípcios acreditavam que a palavra escrita tinha um poderio mágico capaz de fazer com que a sua simples presença fosse suficiente para tornar realidade o pensamento que ela expressava. Acreditavam também que a palavra falada possuía o mesmo poderio, desde que proferida por um indivíduo devidamente qualificado. Nesse caso, entretanto, ficava-se na dependência da boa vontade ou da diligência de outras pessoas.

Os Textos das Pirâmides, considerados o mais antigo conjunto de escritos religiosos do mundo, são constituídos por 759 fórmulas mágicas, hinos, rituais e listas de oferendas mescladas com histórias mitológicas. Os faraós aspiravam juntar-se *às indestrutíveis*, nome dado às estrelas circumpolares que nunca desaparecem do horizonte. Para alcançar tal intento eles tinham que usar magia e esses textos os ajudavam a encontrar a fórmula correta. Algumas dessas fórmulas deveriam, além disso, ser lidas nos funerais dos reis. Nenhuma pirâmide contém o conjunto completo dos 2291 parágrafos que formam os Textos das Pirâmides.

Muitos dos textos descrevem a viagem do faraó com destino ao mundo situado no céu além do horizonte oriental e suas atividades ao chegar lá. Embora o rei pudesse contar com alguma ajuda dos deuses nessa jornada, o fato de estar armado com o mágico poder das palavras lhe assegurava sair-se vitorioso dos vários obstáculos. Além disso, com a ajuda dos textos assegurava a sua associação com o deus-Sol em sua viagem diária através do céu. Coleções de hinos em louvor aos deuses e de preces em favor do rei morto também fazem parte da coletânea de textos.

Nesses antigos e misteriosos escritos, grande parte das sentenças são mágicas. Recitá-las colocaria a alma do faraó em situação de se defender no além-túmulo e de afirmar seus direitos. Existem também algumas passagens dramáticas consagradas à imortalidade do rei, representado unido ao deus-Sol, do qual ele era na terra o filho e representante. Um dos textos afirma categórico:

O rei não está morto, ele se tornou um ser que, como o sol da manhã, se eleva a leste atrás do horizonte. Ele repousa da vida a oeste, como o sol ao se deitar, mas a aurora o reencontrará a leste. Disseste que ele morreu? Não, ele não morre. Ele é o sol, ele vive eternamente. Oh sublime entre as estrelas imperecíveis, tu não perecerás. Os homens tombam e seus nomes desaparecem, mas Rá toma o rei pela mão e o conduz para o céu a fim de que ele não morra sobre a terra entre os homens.

Este rei foi para longe de vós, oh mortais. Ele não é mais da terra, mas sim do céu. Como uma nuvem, ele voa em direção ao céu; ele se eleva ao céu como o gavião e suas plumas são similares às do ganso selvagem. Ele se lança para o céu

como uma cegonha, ele beija o céu como um falcão, ele salta em direção ao céu como uma rã. Ele sobe em direção aos céus. Ele sobe em direção aos céus sobre o vento, sobre o vento. As nuvens do céu estão carregadas dele, ele sobe numa nuvem de chuva.

Ele é uma chama que se eleva nas asas do vento em direção aos confins do firmamento. As escadas do céu descem diante dele para que ele possa subir. Oh deus, sustentai o rei em vossos braços! Elevai-o, levantai-o em direção ao céu. Em direção ao céu! Em direção ao céu! Em direção ao grande trono de Rá no meio dos deuses. Os portões do céu se abrem, os portões do céu se escancaram. Oh Rá, teu filho veio a ti. Apertai-o contra o peito, estreitai-o em teus braços! Oh Rei, oh Puríssimo, toma teu lugar na barca do sol e navega pelo céu! Navega com as estrelas imperecíveis, navega com os astros que não se cansam jamais!

Embora o mais antigo conjunto de textos das pirâmides encontrado pelos arqueólogos esteja datado do final da V dinastia (c. de 2350 a.C.), já que foram descobertos na câmara e antecâmara da pirâmide de Wenis (c. 2356 a 2323 a.C.)

O faraó construía pirâmides gigantescas na medida em que a vida após morte influenciava a sua cultura e o seu pensamento. O título "senhor de duas Terras" era bem significativo, porque fazia alusão a um segundo mundo, mundo no qual teria que vencer muitas batalhas para atingir o objetivo de sua existência, tornar-se uma estrela similar as estrelas visíveis das constelações observadas desde a antiguidade. As pirâmides eram alinhadas conforme a posição das estrelas, na câmara mortuária de Ramsés pode ser ver os cinco planetas visíveis a olho nu e Orion e Sirius.

Para que o faraó se tornasse uma estrela na constelação de Nut (deusa celestial) após a sua morte, ele precisaria dos vivos. O Livro dos mortos narra as fórmulas mágicas e as situações em que o morto deveria justificar-se para passar as fases e perigos que aguardavam ao faraó na dimensão da morte. Mas o corpo para o egípcio estava espiritualmente ligado a essência que iria transpor os domínios da morte. O egípcio dividia a essência de vida do ser humano em nove partes. Duas dessas partes, similares a alma e espírito ultrapassariam as barreiras da morte em direção ao lar dos imortais.

Mas a noite chegara para o homem que se considerava o sol.

Abertura de boca

A Decima praga seria o golpe final na condição divina do Faraó.

A morte dos primogênitos significava para o faraó o final de sua condição de ascender ao lugar glorioso. Ele necessitaria que seu herdeiro realizasse em seu corpo a cerimonia da abertura da boca para que a sua essência espiritual pudesse dialogar com as divindades. Era o instante em que o morto seria "acordado" no mundo dos mortos, ou acordaria do sono da morte para poder iniciar sua vida no outro mundo. Este ritual denominava-se *uep-rá* em egípcio. A existência deste ritual é comprovada desde a época do Império Antigo, tendo sido realizado até ao período romano. Os Textos das Pirâmides, que são os textos de caráter funerário mais antigo entre os Egípcios, já apresentavam várias fórmulas a serem recitadas pelos sacerdotes durante esta cerimônia. A partir do Império Novo o ritual começou a ser realizado sobre os caixões das múmias. O ritual era bastante elaborado, podendo durar vários dias caso se realizasse num defunto oriundo da classe abastada. Era conduzido pelo sacerdote e pelo filho mais velho do falecido. Consistia basicamente em tocar com determinados objetos na boca e nos olhos da estátua ou do caixão com o objetivo de permitir com que o morto pudesse comer

e beber. Um desses objetos, que apresentava a forma de peixe numa das pontas, era denominado de Pesechkef; outro era o Setep, uma enxada de carpintaria. Os sacerdotes começavam por purificar a múmia (que era colocada sobre um monte de terra), usando incenso ou natrão. As facas faziam um corte simbólico sobre os olhos e a boca do caixão ou estátua.

Um boi era morto na ocasião e a pata anterior direita era oferecida à múmia. Uma representação famosa do ritual encontra-se na câmara funerária de Tutankhamon, no Vale dos Reis, na qual o sucessor do faraó, Ai, vestido com pele de leopardo, procede à realização do ritual sobre Tutankhamon. Ilustração do Livro dos Mortos de Hunefer, na qual a sua múmia, segurada por Anúbis, recebe o ritual da abertura da boca praticado por sacerdotes. No PAPIRO DE HUNEFER o capítulo da abertura da boca da estátua do escriba real Hunefer, amado de Osíris.

A cerimônia de abertura da boca era realizada antes da múmia ser sepultada. O sumo sacerdote tocava a boca do sarcófago com o instrumento conhecido como "Nu", proferindo os encantamentos descritos no livro dos mortos. Isso garantia que o morto tivesse seus sentidos de volta, isto é, ele poderia ver, ouvir e até mesmo comer de novo. Com seu rosto voltado para o Sul, sobre uma montanha de areia, ele olha para trás. Dizer que o falecido "olha para trás" significa que ele está "contemplando as ações que cometeu durante a vida".

A meia-noite do dia em que o faraó expulsou a Moisés do palácio acontecerá a morte de todos os primogênitos do Egito. De homens e de animais. *O filho do faraó morreu no mesmo instante da morte do mais pobre dos egípcios. E o que lhe ocorre, ocorre com o menor dos animais.* Os egípcios participam da mesma tragédia de seu soberano, de seu deus vivo. E assim também os sacerdotes. E os mágicos. E os escribas.

Creio que nessa época somente o filho do faraó tinha autoridade espiritual para realizar o ato cerimonial que acordaria seu pai no mundo dos mortos. Os hebreus escravizados trabalhavam em edifícios funerários, em gigantescas pirâmides, pirâmide preparada para receber o corpo de faraó. Só que já não havia mais para ele um caminho para seguir no reino dos mortos. Porque sem seu filho, ele jamais iria despertar.

E somente assim o faraó compreendeu que estava diante de um poder além de sua imaginação, senhor da vida e também senhor dos mortos. Estava diante de um poder que era capaz de impedir até mesmo a sua futura ressurreição. E neste instante, ele desistiu e obedeceu.

Uma última instancia de vaidade humana ainda acontecerá após a saída do povo do Egito.

As pinturas em todos os palácios e templos evocavam a figura do faraó guerreiro.

Do faraó, poderoso nas batalhas.

Ao compreender que a fuga dos escravos é inevitável faraó tentará resgatar seu status divino pela última vez. No campo de batalha. O orgulho o levará a lutar contra quem já demonstrou que tem poder sobre a vida e sobre a morte, sobre o

presente e sobre o povir. A economia do pais está destruída. O povo aterrorizado. O Egito desmoralizado. Toda a terra do Egito chora os seus mortos, há enterros em todos os lugares. Sem dar ouvido a toda desgraça que já criou por causa de sua teimosia, sem considerar sequer o tempo devido para os rituais funerários de seu próprio filho, ele segue para tentar pela derradeira vez alcançar sua posição idealizada.

Por isso não se assusta com os raios e fogo que queima diante de seus olhos por toda a noite. Sua obstinação sem limites o levou a completa loucura. Quando finalmente alcança ao povo de Israel ele contempla o maior e mais poderosa operação milagrosa já contemplada pelo ser humano. Paredes de água se elevam a dezenas de metros no mar Vermelho. Não há poder em faraó para lutar contra tamanho poder.

Mas ele ainda assim desgraça, uma vez mais, o mais poderoso grupo militar vivo até aquela época.

Como um general ensandecido ele comanda suas tropas e vai a frente delas lutando conscientemente contra poderes sobre-naturais.

E finalmente Moisés abaixa seu braço direito.

E um tosco cajado que alguém havia lhe dado no monte de um antigo monte de nome Horebe.

E nada mais.

Welington José Ferreira

CAPITULO XXVI - O EGITO NA ETNOGRAFIA DOS POVOS

Há duas profecias que falam que haveria contato entre as culturas distantes e o mundo egípcio, uma de dispersão e outra de conversão:

Ezequiel 30: 23. Espalharei os egípcios entre as nações e os dispersarei pelas terras. - Almeida Século 21

Ezequiel 29: 14. E restaurarei os egípcios do cativeiro, e os farei voltar à terra de Patros, à sua terra natal; e ali serão um reino humilde; - Almeida Século 21

Para entender como esse "êxodo" egípcio influenciaria as nações podemos exemplificar do seguinte modo:

CHINA- PERU



As semelhanças na arte antiga e artefatos encontrados na China e no Peru levaram alguns estudiosos a sugerir um antigo vínculo entre as duas culturas. Agora, um cientista chinês realizará ensaios genéticos de restos de antigos chineses e peruanos para determinar se a América do Sul foi visitada pelas pessoas da Dinastia Shang a partir de cerca de 1.000 aC.

A Dinastia Shang entrou em colapso em torno de 1046 aC. Os estudiosos estão dizendo que o povo chinês fez contato com os povos indígenas das Américas em torno de então, muito antes dos europeus chegarem em 1492 dC, ou antes, quando os vikings podem ter atingido a terra no extremo norte da América do Norte em torno de 1000 dC.

Os estudiosos chineses dizem que um link vale a pena explorar porque é possível reconhecer a influência chinesa e até mesmo personagens em geoglifos antigos, cerâmica, artefatos, tapetes e roupas de antigos Mochica, Nazca, Paracas e Inca americanos, diz um artigo em El Comercio.



Left: Feline vessel (Moche culture, 100 – 800 AD, Peru). Right: Feline vessel (Warring States Period, 481 - 221 BC, China)

Criaturas com características de pássaro, cobra e gato foram encontradas retratadas em artefatos de Shang, a antiga cultura chinesa de Sanxingdui e artefatos pré-Inca.

Na cultura Chavín do Peru "muitas das imagens aparentemente religiosas envolvem uma criatura com uma combinação de características humanas, de gato, pássaros e cobras. A maioria tem colmilhos e parecem estar grudando e ferozes ", diz um artigo sobre o GaleGroup.com.



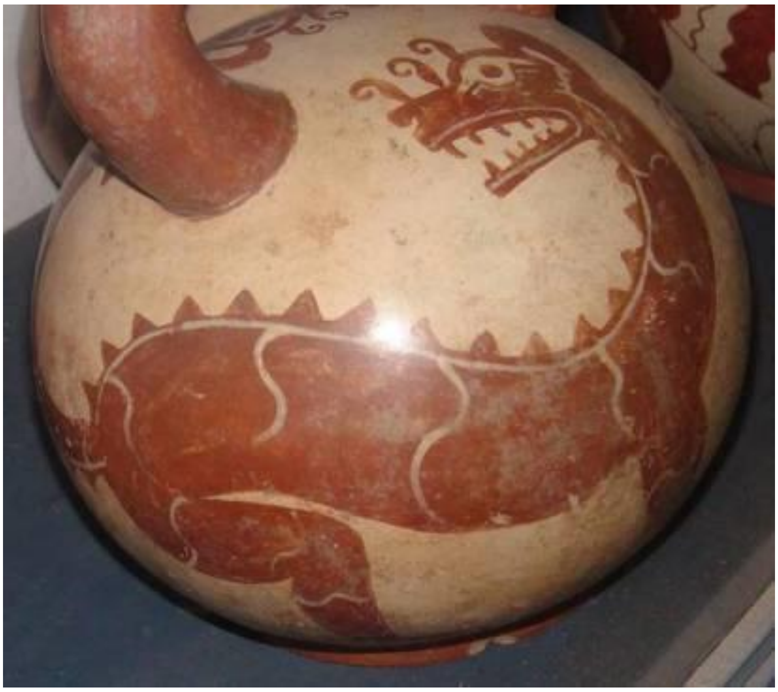
Feline with snake tail gripping a trophy head in its paws. Ceramic, Moche culture, 100-700 AD, from Huaca de Tantalluc, Peru. (Wikimedia Commons)

Uma criatura que parece uma mistura de dragão, fênix e cobra é encontrada em vasos de bronze dos povos Shang e Sanxingdui.

"Dizem que, quando a Dinastia Shang entrou em colapso, o príncipe da dinastia, o Príncipe Yin, deixou a China e dirigiu-se para o leste com seu exército. Os especialistas chineses afirmam que este grupo é a faísca que inflamou tantas culturas das Américas, incluindo Chavín e Mochica do Peru ", diz outro artigo, no Peru, esta semana. Especialistas chineses dizem que o fim da dinastia Shang correspondeu ao tempo dos primórdios das culturas e civilizações meso-americanas.

Outros estudiosos colocaram um link entre as culturas antigas na China e o que é agora a América do Sul. Wang Dayou e Song Baozhong estão estudando este campo há 20 anos. Um foco particular é a cultura Chavin. Em 2006, visitaram o Peru, o Equador e a Bolívia para retraçar "a jornada de Yin para o Oriente".

Os especialistas chineses afirmam que alguns povos da América do Sul desenvolveram suas culturas através da influência chinesa, uma reivindicação que pode não ser bem recebida pelas culturas dos nativos americanos, que se orgulham de pensar nas pessoas que chegaram nas Américas nos tempos pré-históricos e depois desenvolvidas de forma independente e culturas e civilizações altamente evoluídas.



Moche Pot with dragon depiction, similar to those seen in ancient Chinese art, Larco Museum, Peru (genesispark.com)

Mas alguns especialistas chineses dizem que clãs que desenvolveram culturas do México e do Peru são descendentes diretos do Shang, também conhecido como a Dinastia Yin. A última etapa da dinastia Shang pode ter coincidido no tempo com

a primeira etapa da cultura Chavin, diz El Comercio. Eles dizem que pode ter havido outros contatos entre os povos dos dois continentes depois que o povo Shang supostamente primeiro fez o seu caminho para o Peru.

A civilização Shang foi altamente avançada. Os reis Shang nomearam governadores locais e houve uma classe de nobres. O trabalho principal do povo era na agricultura, diz a enciclopédia Britannica. As pessoas de Shang possuíam instrumentos musicais, casas de acervo e barragens, cerâmica avançada, metalurgia de bronze, escultura de jade, carruagens, esculturas e pinturas, enterros elaborados e textos de imagem gráfica, idiogramas e fonogramas.

"A história da escrita na China começou no Shang", disse o cientista chinês Tang Jigen a El Comercio. "Os ossos do oráculo são evidência de que este é um dos sistemas mais antigos do mundo da escrita". Foram encontradas inscrições em ossos de animais e conchas de tartaruga , às vezes com uma escova. As culturas da antiga América do Sul foram igualmente avançadas, embora a evidência de sistemas de escrita não tenha sido encontrada para todos eles.

Tang está com a Academia de Ciências Sociais. Ele diz que sua instituição vai financiar testes genéticos, e pode ser realizada por laboratórios nos Estados Unidos ou no Canadá. Uma ligação entre os povos do Novo Mundo e a China só pode ser estabelecida definitivamente através de testes genéticos, diz Tang.

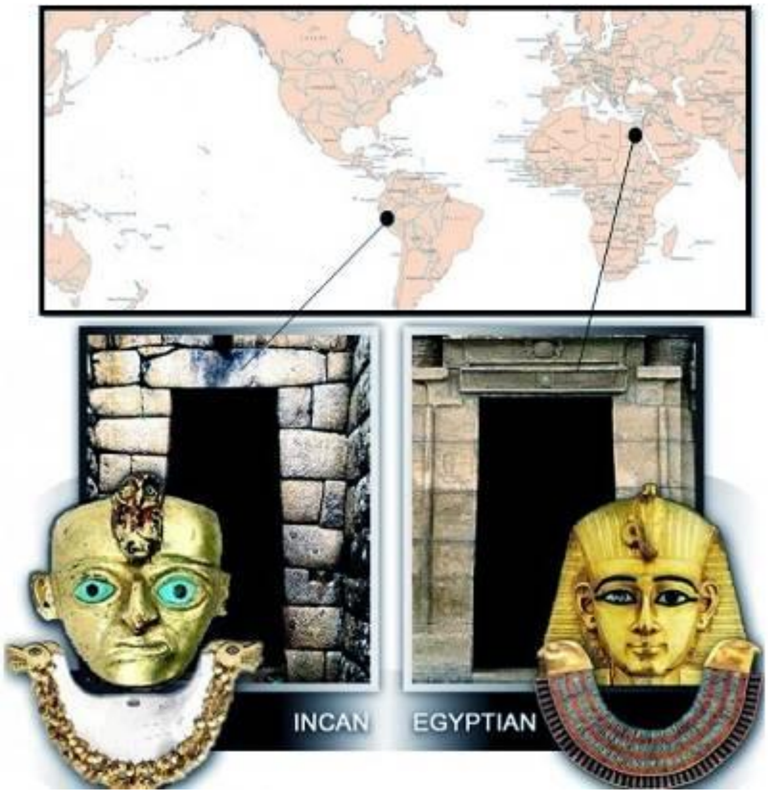
Imagem em destaque: Gold Mochica Headdress (1 - 700 AD) que representa uma deidade felina com presas e ornamentos condor. Crédito: Lyndsay Ruell (Wikimedia Commons).

A migração de egípcios pelo mundo, de acordo com a profecia bíblica, o impacta culturalmente de modo similar a imigração chinesa no Peru da Antiguidade.

As conexões surpreendentes entre os Incas, os Astecas e as culturas egípcias de autoria de Richard Cassaro também apontam para a interação egípcia com muitas nações.



Os antigos egípcios (em África) e os antigos pre-Incas/Incas (na América do Sul) se desenvolveram em lados opostos do globo e possuíam o mesmo corpo impressionantemente semelhante de arte antiga, arquitetura, simbolismo, mitologia e religião.



1. PIRÂMIDES



Tanto os egípcios como INCAS ANTIGOS / Pre-incas construíram pirâmides de pedra, construindo pirâmides no deserto ao longo dos rios e alinhado-as com os pontos cardeais. Sendo ambas, gigantescos mausoléus. O alinhamento com pontos cardeais e estrelas significa profundo conhececimento de astronomia, ciência da qual os egípcios foram um dos povos mais desenvolvidos da antiguidade. Os gregos e babilônicos herdaram dos egípcios a ciência astronômica. (como pode ser verificado no Anexo O Zodíaco de Dendara)

2. MUMIAS



Ambos, Incas e egípcio mumificaram seus mortos, com processos e tecnologia similares, ritos funerários que traduzem o mesmo desejo egípcio de vida para além da morte. Múmias foram enterrados dentro de pirâmides Incas, muitas vezes com oferendas de alimentos e pertences pessoais.

3. MUMIAS com os braços cruzados



Tanto os egípcios e INCAS / Pre-incas cruzavam os braços de seus mortos mumificados.

4. MÁSCARAS DE OURO FUNERAL



Tanto os egípcios e Pre-incas ... Colocavam máscaras de ouro sob o rosto de seus mortos

5. COLARES ANIMAIS antitética



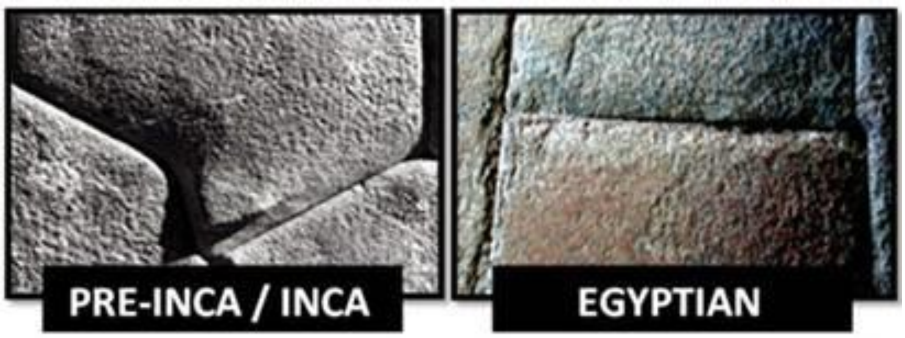
Também adornado seus mortos com colares de ouro cujas extremidades são formadas por cabeças de animais gêmeas voltadas para fora,

6. Ambos possuima uma alvenaria de pedra similar.



Construído cantaria semelhante podendo se ver até mesmo o detalhe de protuberâncias ou "solavancos" nas pedras (ver detalhes). Isso denota um mesmo padrão de engenharia da antiguidade. Essa marcação era um marco da construção, um símbolo de alguma norma de construção egípcia.

7. Precisão no corte das pedras



Os Incas criaram cortes na pedra com tanta precisão em sua alvenaria, que mesmo um pedaço de papel mal podia caber entre pedras, com um padrão de origem egípcia.

8. PORTAS TRAPEZOIDAL



Tanto os egípcios como os INCAS ANTIGOS construíram portas trapezoidais,



Tanto os egípcios como os antigos Incas enfeitavam com serpentes as portas de seus templos.

9. CRANIOS ALONGADOS



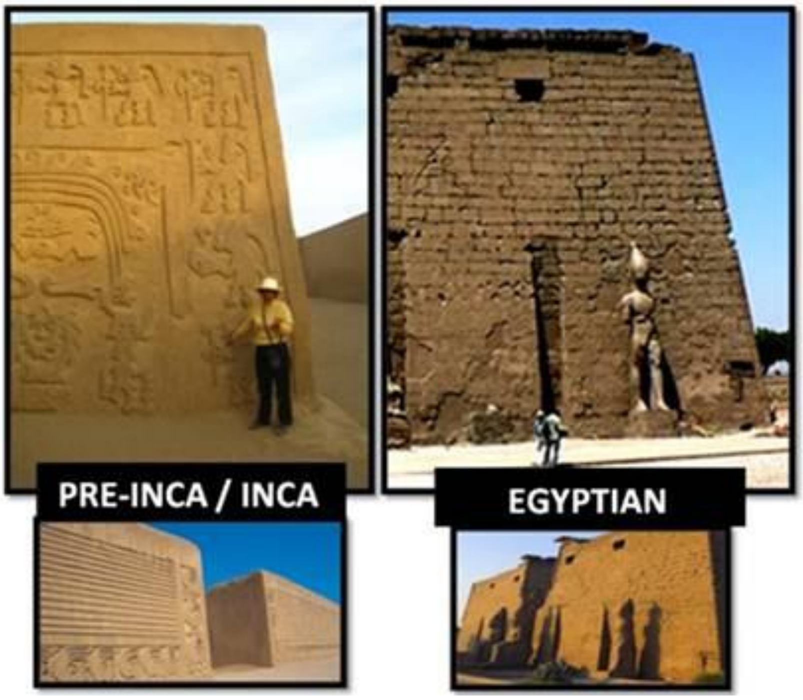
Ambos os povos realizaram em parte de sua história o alongamento do crânios de seus filhos

10. OBELISCOS (com hierógrifos)



Construíram ambos a obeliscos sagrados com escrita hierógrifa.

11. SEMELHANÇA DE TEMPLOS

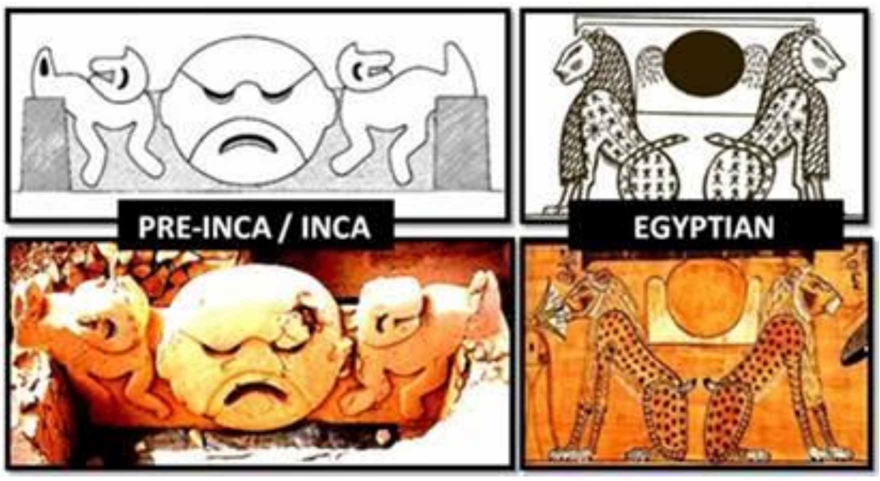


12. RELIGIÃO SOLAR



Tanto os egípcios como os Incas possuíam simbolismos solar, adoração do sol ou representação divina através do sol, como parte de sua religião. No Egito, a divindade solar era denominada Ra, no Peru a divindade solar era Inti

13. SIMBOLISMO SOLAR e de ANIMAIS EM PARALELO



Tanto os egípcios como Pre-Incas ... usaram divindades animais em poses simétricas, flanqueando um emblema central solar.

14. USO DA SERPENTE NA TESTA

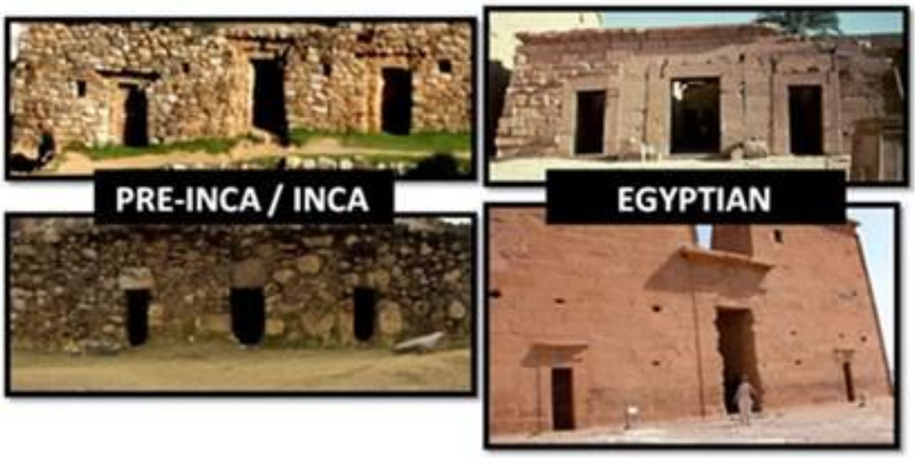


Tanto os egípcios e INCAS ANTIGOS demonstravam uma equivalência de sacerdócio da serpente.

15. Simetria no corte de entradas especiais nos templos



16. "TRIPTYCH" templos possuindo três portas



17. Fechos de metal



Tanto os egípcios e INCAS ANTIGOS / possuíam pedras esculpidas que eram fortemente ligadas e equipadas em conjunto com o uso de grampos metálicos.

18. Iconografia similar identificando divindades diferentes.



19. Detalhes estruturais de edifícios similares em ambas as culturas.



20. CAIXÕES com *motivo* semelhante, ambos com cabeças, ou mascaras mortuárias.



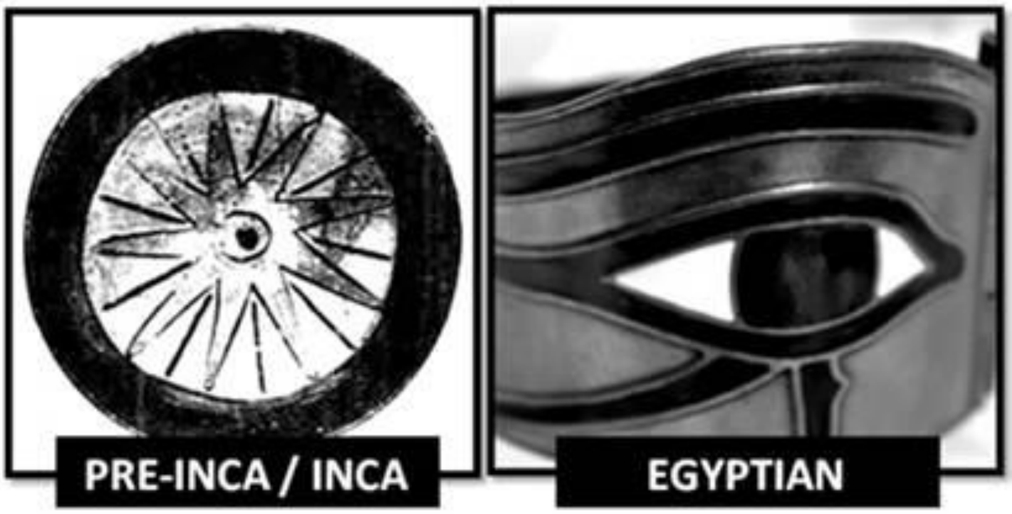
21. TERCEIRO OLHO DO CÍRCULO SOLAR NA TESTA



22. IMAGEM SOLAR ASSOCIADA COM CÍRCULO DE OLHO NA CABEÇA



23. SÍMBOLOS que representam o olho de Hórus, e o disco solar como um olho, ambos associados ao sol.



24. ARQUITETURA usando MEGALÍTICOS, blocos de pedra gigantes e cortados.



25. Barcos de junco



26. DEIDADES FLUTUANTES



Tanto os egípcios e INCAS ANTIGOS / Pre-incas ... haviam representado divindades flutuantes.

Tanto os egípcios e INCAS ANTIGOS / Pre-incas ... representado símbolos fálicos e associada com estes símbolos de fertilidade.

27. Representação de ESPIRAIS



29. Arquitetura Elaborada de templos, similares em ambas as culturas



30. Serpentes em duplas similar em ambas as culturas. As serpentes dos Incas foram transformadas em algum momento em “dragões chineses”.



31. Arte simétrica, em alto relevo.



33. (CIRCULO com um PONTO no CENTRO)



Tanto os egípcios e INCAS ANTIGOS / Pre-incas ... retratavam suas divindades solares como um círculo com um ponto no meio.

CAPITULO XXVII ETNOGRAFIA EGÍPCIA BRASILEIRA

Isaías 19: 8. E os pescadores gemerão, todos os que lançam anzol ao Nilo lamentarão, e os que estendem rede sobre as águas desfalecerão. - Almeida Século 21

BRASILEIROS – a partir de Francisco Adolfo historiador brasileiro – 1876

"Todas as induções, porém, que oferecemos em um trabalho especial nos levam a acreditar que os Tupis procediam, como os Guanches das Canarias, de povos navegadores do Mediterraneo, que aqui haviam aportado. Com as Canarias deve até haver sido frequente a navegação desde o norte da Africa, visto que está hoje provado que a lingua dos Guanches tinha muito de berberesca e egipcio-antigo. Entretanto, essa navegação, provavelmente em virtude de frequentes invasões dos povos de uma ou outra parte, ou de ambas, se havia quase perdido; e as ditas ilhas tiveram ele ser de novo descobertas; fato que se repetiu depois com a Groenlandia, cuja navegação, que existira com o norte da Europa, chegara a interromper-se. As principais caracteristicas que nos podem indicar a época das relações dessas ilhas com os navegadores do Mediterraneo, são:

1.° A falta completa do ferro, e o uso de machados e mais instrumentos de pedra polida, analogos' aos que ainda na Europa se encontram nas excavações;

2.° O desconhecimento de moedas cunhadas, para o trato reciproco;

3.° O pintarem-se e riscarem-se os habitantes com o corpo de vermelho e diversas outras cores;

4.° O conhecimento da ceramica. Todos esses caracteristicos eram identicos na America; e não somente esses, que consideramos em separado por atenção à cronologia, como os seguintes;

1. **Os cantares monotonos tristes, e as danças em circulo, em uma fila**

2. **As festas *guactivas* ou bacanais**;

3. As **ideas de fatalismo e desprezo da morte, a resignação e impassibilidade aparente no sofrimento, e o valor para se mutilarem a si proprios**;

4.° As manufaturas de esteiras, redes, cestos e anzóis de espinhas e de osso;

5.° O costume de fisgar o peixe com dardos, e das *osteiras* ou montões de ostras e cascas dos mariscos, que deixavam nas praias, nas epócas do ano em que os apanhavam;

6.° O uso de farinha feita de raiz do feto canario (Pteris aquilina), cuja idéa não cleixa da ter analogia com a da yuca ou mandioca;

7,° O costume de soltar gritos e urros, como os antigos, nos ataques, sempre intentados por surpresa e em ciladas

8. O fato de suas mumias serem postadas de cócaras. Manifesta a existencia, de antigas relações quase históricas entre povos do Mediterraneo **as Canarias, ilhas de que até. Ptolomeu e Plinio fazem menção**, nomeando várias delas. Nada mais natural do que conceber, naqueles tempos da navegação antiga, ocorressem frequentes desgarramentos de alguns barcos, que fossem parar, uns nas costas do Mexico, outros nas praias do Yucatan e na região central da America do Sul, finalmente outros aportaram nas costas do Brasil e das Antilhas.

Destes ultimos, os navegadores primitivos que aqui aportaram, conheciam já o uso do arco e da frecha, o fabrico das bebidas fermentadas e uso de venenos, assim como a arte ceramica, possuindo conhecimento rudimentar de agricultura. Atestam isso os instrumentos de pedra polida, o uso de fogo para vários misteres, esses saberes provieram dos nossos índios ***Tupi*** **"os da primordial geração", segundo a significação desta palavra.**

O fato de se chamaram tambem *Caibs* ou *Cays,* de se denominarem *CaYYós* (Carioes escreve o cronista Herrera) os que se achavam na vanguarda da emigração, no sul do Brazil, e de designarem, como honra, com esse nome, aos Europeus que depois aqui apartavam como amigos, (donde proveio *Carioyoca)* nos deu as suspeitas de que os primitivos imigrantes teriam este nome.

E hoje temos quase a convicção de que houve efetivamente para o Brasil uma grande emigração dos próprios Carios da Asia Menor, efetuada talvez depois da queda de Tróia. Havendo eles estado, nesta guerra tremenda de dez anos entre a Europa e a Asia, contra os Gregos, e havendo ficado vitoriosos os Gregos e senhores dos mares, é mais que passivel que os mesmos Carios em suas colonias ao oeste de Africa se julgassem ao abrigo das crueldades que nesses tempos se praticavam com os prisioneiros de guerra, e que não se reduziam só á escravidão, mas ao sacrificio de muitos e á amputação das mãos e do proprio *phallus*. Sendo assim porventura preferiram confiar-se a esse elemento que lhes era tão familiar, e se lançaram ao oceano á aventura ... A fórma das canoas de guerra dos Tupis, semelhantes às antigas **pentecontores**, o uso das outras canoas de *peripeĺs,* analogas, como dissemos, ás de papyros dos Egypcios, as pequenas canoinhas tbás, nome que tambem se encontrava no egypcio, sob a fórma de *báa* e *uáa;* o uso do maracá, antigo *sisttirn;* as superstições por aves noturnas; o fato de serem curandeiros todos os seus sacerdotes; **o uso da circuncisão**; que hoje temos averiguado que bavia chegado até aos proprios Guaranis do Paraguay, e **finalmente certa semelhança entre o tupi e o egipcio antigo,** não só nas fórmas gramaticaiss, como especialmente em um grande nu mero de palavras (ás vezes até identícas), e significando objectos de uma natureza primitiva e não susceptíveis de sofrer a concorrencia de synonimos, tais como os com que designavam o sol, o fogo, a terra, o campo, a argila, o ouro (nas .Antilhas), a agua,

o caminho, o cão, a formiga, a arvore, a folha, o espinho, a frécha, e outros, fazem-nos crer que eram de raça aparentada com os Egypcios os ascendentes dos nossos Tupis. Muito dos verbos da língua Tupi tem tambem significação identica. Semelhantes eram os nomes para designar pai e chefe (em tupi *cháb);* a palavra *taí* nas duas linguas designava "filho", só na acepção de "gerado" e finalmente encontramos até que um adverbio de tres silabas, (em tupi *tequenó,* em egypcio *tekennu)* tinha a mesma signifição de "eis-aqui". - Por estas analogias e por outras que novos estudos farão aparecer (esse desejo não se concretizou) em maior número, inclinamos-nos a concluir que, em todo caso, os Tupis descenderiam de um povo do antigo Continente aparentado com os antigos Egypcios. Comprendo que os Carios não eram gregos, (sabemo-lo por um verso da Ilíada, dando á lingua o epiteto de bárbaro, o que é confirmado pelo testemunho de Strabo quando assegura que **os mesmos Carios haviam introduzido na própria lingua muitos vocabulos gregos**; sendo admiravel que também alguns se diria terem passado ao tupi onde parecem proceder do grego as palavras ***catú,*** **bom,** ***cunhã,*** **mulher,** ***oea,*** **habitação**. De **origem grega parecem tambem os cantos beroicos dos Caribes**) e *eudinos* de oficio analogo aos hinos dos Cretenses, a cujo serviço haviam estado algum dia os Carios" (Visconde de Porto Seguro - **Varnhagen**, Francisco Adolfo de, 1816-1878)

CAPITULO XXVIII - INFLUENCIA RELIGIOSA DO EGITO NA INDIA

Os estudiosos ocidentais inventaram o termo "henoteísmo" para descrever como qualquer um dos muitos Deuses Védicos poderia representar todos os Deuses (uma situação que prevalece entre os Deuses Purânicos também). Devemos notar que eles usaram o mesmo termo para a antiga religião egípcia que tinha uma visão similar **da multiplicidade na unidade entre seus muitos deuses**. Os Deuses Védicos e Egípcios do Sol seguem o mesmo modelo de henoteísmo, sendo o Deus Único na essência e muitos Deuses diferentes em função.

Muitos símbolos são comuns ao antigo Egito e Índia, incluindo a adoração dos reis Sol e do próprio Sol, o touro sagrado, o falcão ou o falcão e a busca da imortalidade como o principal objetivo da vida. De fato, o ritual védico do Yajur Veda reflete um espírito semelhante ao Livro dos Mortos egípcio. Como o Védico, os egípcios não só tinham um amor de magia e ocultismo, mas com seus símbolos como a cobra na coroa da cabeça, sugerem um conhecimento de Yoga também. Contudo, tais conexões foram ignoradas porque são baseadas em termos culturais e não linguísticos.

A cultura egípcia resistiu antes de 3000 aC até a era cristã primitiva. **Isis e Osíris foram adorados em Roma**, bem como no Antigo Reino do Egito. Da mesma forma, as divindades védicas não precisam ser limitadas às eras posteriores em que ainda são mencionadas. Sua adoração poderia facilmente estender de volta à data de 3000 aC que comumente encontramos em textos purânicos como marcando o início do Kali Yuga.

O registro arqueológico da Índia é de uma civilização monumental que persistiu a partir de 3000 aC, se não antes, não só na era antiga tardia, como o Egito, mas com uma continuidade modificada até os dias atuais. **Na Índia hoje encontramos os mesmos tipos de rituais e cultos no templo ainda sendo praticados como ocorreu uma vez no antigo Egito e Babilônia**. Que este tipo de civilização espiritual antiga tenha sobrevivido apenas na Índia sugere quão profundamente assentado e original deve ter sido no país. Enquanto a Índia antiga não deixou monumentos como as pirâmides do Egito, deixou grandes restos urbanos e sua grande literatura védica, suas pirâmides da mente. Conectando a monumental literatura espiritual dos Vedas, não só com a grande civilização urbana da Índia antiga, mas com um modelo semelhante de civilização espiritual como o antigo Egito, nos fornecerá uma melhor abordagem aos Vedas que podem ajudar a desvendar seus segredos espirituais. Através dos Vedas podemos recuperar a herança espiritual de todo o mundo antigo que pode nos ajudar a ir além da cultura materialista atual e dos muitos problemas que ela continua a nos trazer.

CAPITULO XIX - REIS AFRICANOS ANTIGOS DE INDIA

De Dr. Clyde Winters

Os etíopes tiveram relações muito íntimas com os índianos. Na verdade, na Antiguidade, os etíopes governavam grande parte da Índia. Estes etíopes foram chamados de Naga. Foi o Naga que criou o sânscrito.

Uma leitura da antiga literatura dravídica que remonta a 500 aC, nos dá informações consideráveis sobre os Naga. Na tradição indiana o Naga ganhou a Índia central do Villavar (arqueiros) e Minavar (pescadores).

Os Naga eram grandes marinheiros que governavam grande parte da Índia, Sri Lanka e Birmânia. Para os arianos eles descreveram como meio homem e cobra. Os tâmiles os conheciam como pessoas guerreiras que usavam o arco e o laço. A menção mais antiga dos Naga, aparecem no Ramayana, eles também são mencionados no Mahabharata. No Mahabharata descobrimos que o Naga tinha a capital no Dekkan, e outras cidades se espalharam entre o Jumna eo Ganges já em 1300 aC. O clássico dravídico, o Chilappathikaran deixou claro que o primeiro grande reino da Índia era Naganadu.

Os Naga provavelmente vieram de Kush-Punt / Etiópia. Os Puntites eram os maiores marinheiros do mundo antigo. Nas inscrições egípcias há menção dos portos de Puntite de Outculit, Hamesu e Tekaru, que corresponde a Adulis, Hamasen e Tigre.

Em texto sumério, afirma-se que os Puntites negociavam com o povo do Vale do Indo ou Dilmun. De acordo com S.N. Kramer em Os Sumérios, parte de Punt foi provavelmente chamado Meluhha, e Dilmun foi provavelmente o antigo nome do Vale do Indo. (Hoje alguns estudiosos sustentam que Omã, onde não encontramos cidades antigas foi Dilmun eo Vale do Indo pode ter sido Meluhha). Antigas tradições etíopes apoiam a regra de Puntites ou etíopes da Índia. No Kebra Nagast, encontramos a menção dos reis de Arwe que governaram a Índia. O fundador da dinastia foi Za Besi Angabo. Esta dinastia de acordo com o Kebra Nagast começou por volta de 1370 aC. Estes governantes da Índia e Etiópia foram chamados Nagas. O Kebra Nagast afirma que "a rainha Makeda" tinha servos e comerciantes; Eles comercializaram com ela no mar e em terra nas Índias e Assuão ". Também diz que seu filho Ebna Hakim ou Menelik I, fez uma campanha no Mar da Índia; O rei da Índia fez presentes e doações e prostrou-se diante dele ". Diz-se também que Menalik governou um império que se estendeu dos rios do Egito (Nilo Azul) para o oeste e de Shoa sul para a Índia oriental ", de acordo com o Kebra Nagast. A identificação Kebra Nagast de um índio oriental. O Naga, corresponde às colônias de Naga no Dekkan, e no leste costa entre os rios Kaviri e Vaigai.

A presença de Meluhhaites / Puntites em India pode explicar a tradição grega de Kushitass que governam India até o Ganges. Também explicaria as tradições arianas de Mlechchas (nome sânscrito para alguns dos povos não-arianos) como um dos grupos aborígenes da Índia. Muitos estudiosos associam o nome

Mlechchas a Meluhha. As tribos Naga principais eram Maravar, Eyinar, Oliyar, Oviyar, Aru-Valur e Parathavar. Os Nagas resistiram à invansão dos Cholas. No Kalittokai IV, 1-5, os Naga são descritos como sendo "de membros fortes e tigres de aparência feroz usando cabelos longos e enrolados". Os reis Naga do Sri Lanka são mencionados no Mahawanso, e são Dravidians, como testemunhado pelos nomes destas pessoas: Naganathan, Nagaratnam, Nagaraja e etc.

O maior presente do Naga para a Índia foi o sistema de escrita: Nagari. Nagari é o nome para as letras em sânscrito. Mais de cem anos atrás, Sir William Jones, apontou que a antiga escrita etíope e sânscrita são uma e a mesma coisa.

William Jones, explicou que a origem etíope do sânscrito foi apoiada pelo fato de que ambos os sistemas de escrita da esquerda para a direita e as vogais foram anexadas às consoantes. Hoje os estudiosos eurocêntricos ensinam que os índianos ensinaram a escrever aos etíopes, mas o nome Nagari para o sânscrito trai a origem da Etiópia desta forma de escrita. Além disso, é interessante notar que as vogais sânscritas: a, aa, ', I, u, e, o, virama etc., estão na mesma ordem que Geez. O script etíope influenciou muitos outros sistemas de escrita. Y.M. Kobishnor, na História da Unesco da África, afirma que o etíope foi usado como modelo para a escrita armênia, assim como muitos dos escritos transcaucásicos. A literatura dravídica indica que os Naga podem ter introduzido a adoração de Kali, a Serpente, Murugan eo Sol ou Krishna. É interessante notar que um deus chamado Murugan é adorado por muitas pessoas na África Oriental.

É interessante que Krishna, que estava associado com o Sol, significa Negro, isso é análogo ao significado de Khons dos Kushitas. Homer, descreveu Hercules da seguinte maneira: "Negro, ele ficou de pé como a noite, retesou seu arco, e subiu em sua seta para voar". Esta menção de flechas identifica os Kushitas como guerreiros que usam o arco, uma arma comum do Kush.

Hathor era representada por uma vaca sagrada. Milhares de anos depois o hinduísmo continuaria a considera a vaca como animal sagrado.

CAPITULO XXX RELIGIÕES AFRICANAS INFLUENCIADAS PELA RELIGIÃO EGÍPCIA

Há evidência da poderosa influência da religião egípcia antiga em muitas religiões africanas pode ser resumida sob os seguintes títulos:

A. Linguagem
B. Idéias Religiosas
C. Práticas Religiosas
D. Mutilações Corporais
E. Ritos Funerários
F. Conhecimento
G. Práticas Sociais
H. Names
I. Números Sagrados
J. Vestimentas
K. Hieróglifos e emblemas

LÍNGUA

A estrutura da língua egípcia e algumas línguas da África Ocidental, como o iorubá, são semelhantes. Por meio da similaridade de palavras-raiz, combinações de palavras-raiz para formar palavras compostas e uma única palavra usada para uma variedade de significados, todas são usadas para mostrar comunhão com a antiga língua egípcia.
As palavras do oeste africano derivadas do egípcio antigo são numerosas; se estas forem retiradas das línguas, apenas uma estrutura ininteligível será deixada.

Também pode ser feita referência ao termo Orisa, Orise, como Lisa, Leza, Arusi, Aruosa ou Alusi, cujo uso é generalizado na África Ocidental e na África Oriental como o nome da Deidade Suprema, ou de um ídolo. A palavra é derivada de Horu-sa-Ast, A seguinte passagem escrita por Lord Raglan e lidando com a difusão das religiões ilustra o que queremos dizer:
Encontramos na maior parte do mundo termos religiosos com uma ampla distribuição. Tais são "deus" e suas formas relacionadas no norte da Europa, terras de língua semítica, "jok" na África Central, "atua" na Polinésia. Há muitas outras palavras que têm uma conotação religiosa e que, na mesma ou em outras formas semelhantes, cobrem centenas ou mesmo milhares de milhas. Como não pode ser um instinto que faz com que algumas pessoas chamem um deus divino e outros chamem-lhe el, segue-se que todos os que usam um desses termos devem ter derivado suas idéias do sobrenatural, vocabulário ou termos religiosos. de uma fonte comum, um ancestral comum de todas essas palavras similadas.
A fraseologia religiosa da África Ocidental está profundamente impregnada pela fraseologia egípcia antiga. O vocabulário existe em partes da África Ocidental e é

semelhante ou idêntico ao do Antigo Egito: daí a inferência irresistível de uma conexão próxima entre as partes da África Ocidental e o Egito Antigo. Orisa, por exemplo, é um termo religioso amplamente distribuído ao longo de milhares de quilômetros na África Ocidental e na África Oriental, sendo sua fonte de difusão a forma do Egito Antigo de Osíris.

IDÉIAS RELIGIOSAS

(i) As idéias religiosas gerais dos antigos egípcios sobreviveram na África Ocidental. Uma divindade suprema é reconhecida, mas a adoração é dada às divindades e ancestrais locais.
(ii) Os grandes deuses do antigo Egito. Os grandes deuses sobreviveram na África Ocidental nominalmente ou através de seus atributos ou ambos. Referência especial pode ser feita a Osiris, Ra, Amen, Ptah, Min e Horus. Inumeras visões das religiões da África Oriental e Ocidental.
(iii) Idéias relacionadas à divindade dos reis. Como as referências ao Sed Festival são vistas na África Oriental e Ocidental.
(iv) Idéias relacionadas à vida futura, ao julgamento após a morte. e a prática de fazer provisão terrena para as exigências dos mortos no próximo mundo é reconhecida em vários lugares. Particular atenção deve ser dada às doutrinas do Ka e do Khu.
(v) Idéias **relacionadas ao porco** e outros animais sagrados, a observância de festivais, a importância da dança, a proeminência dada ao canto e a eficácia das oferendas sugerem conexões. A sobrevivência do Rei Mock do Egito Antigo também sugeriu conexões.

O DEUS PORCO

Segundo algumas tradições, o deus Min, mais associado à cidade de Coptos no Alto Egito, nasceu de uma porca branca. Em um encanto contra picada de cobra, ele é descrito como filho "da porca branca de Heliópolis / Iunu", que é uma forma da deusa Ísis.

O deus Set aparece como um porco com cerdas eretas nos Anais do Rei Sahure da quinta dinastia da Pedra de Palermo. A passagem é traduzida no volume de Marshall Clagetts da seguinte forma: "A primeira ocorrência de ir para o sul e inventariar a casa de Horus-Set". A nota que o acompanha indica que não se trata de uma certa representação, pois, em vez de um sinal de falcão para Hórus, há uma coruja, e o sinal para Set é presumivelmente um porco, embora também se assemelhe a um tamanduá. Se a tradução se refere a uma Casa de Horus-Set, talvez neste momento Set não foi considerado "mal".

Começando no Terceiro Período Intermediário, estatuetas e amuletos de uma porca enraizada cuidando de sua ninhada eram populares, representando a deusa do céu Nut.



Por outro lado, os feitiços nos Textos do Caixão e no Livro do Que Vem por Dia (Livro dos Mortos) mostram Set se transformando em um javali, levando alguns estudiosos a especularem que a conexão dos porcos com o "mal" constitui a verdadeira base de seu pequena uso no consumo de alimentos e em oferendas no templo.

O deus Set, associado ao porco na iconografia, foi no período tardio e na era helenística no Egito o "maligno" assassino do deus Osíris e o adversário do deus Hórus. No entanto, Seti eu tinha sido talvez um sacerdote de Set certamente seu nome significava "Homem de Set", e ele não era considerado um rei do mal. Set também continuou a ser adorado em Ombos e Tanis e outros locais.

Porcos no antigo Egito

A questão de saber se o porco era tabu torna-se mais obscuro, talvez, quando se considera que o animal desempenhou um papel na medicina. O papiro Ebers lista humor de "olhos de porco" para ser injetado no ouvido para curar a cegueira. Outra prescrição para os olhos incluía o sangue de porcos. Porcos e outros ingredientes foram esmagados e enfaixados em partes infectadas do corpo para expelir exsudações, talvez uma referência a pus ou eczema. Vísceras de porcos, incluindo o cérebro, eram um ingrediente de outra cura para combater uma forma de câncer.

(vi) Os Capítulos sobre Magia na África Ocidental mostram quão estreitamente relacionadas às Idéias e Práticas Mágicas no Egito Antigo são as da África Ocidental. A semelhança e identidade dos amuletos foram anotados. O amuleto do descanso de cabeça no Antigo Egito sobreviveu no Sika Gua, "O Banco Dourado" dos Ashantis e outros emblemas na África Ocidental. A distinção entre

Heka como Magia Branca e Hekat como Magia Negra sobrevive na África Ocidental.

Particular atenção deve ser dada ao fato de que algumas das idéias mencionadas acima não existiam nos períodos pré-dinásticos e que a adoração dos diferentes deuses que ganharam destaque durante os respectivos períodos dinásticos sobreviveu na África Ocidental. Khnum, por exemplo, era provavelmente uma divindade pré-dinástica, mas foi durante o período dinástico que a concepção dele como oleiro surgiu, e as velhas idéias associadas a ele se perderam antes dos tempos ptolomaicos. Khnum é conhecido pelos africanos ocidentais apenas como um "deus criador, um oleiro".

PRÁTICAS RELIGIOSAS

A sobrevivência das práticas religiosas é outro indicador. Essas práticas se concentram em torno

(a) locais de culto,
(b) serviços em bosques e santuários,
c) lustrações,
(d) uso de música,
(e) treinamento para o sacerdócio,
(f) sacerdotes e suas funções,
(g) objetos dedicados, e
(h) oráculos.

Aqui, novamente, pode ser observado que práticas distintas dos tempos dinásticos, tais como as formas de treinar candidatos para o sacerdócio e a realização de peças misteriosas em Abydos, sobrevivem na África Ocidental. Como o uso de vestes a partir de peles de leopardos.

MUTILAÇÕES FÍSICAS

As mutilações corporais são as seguintes:
A. Circuncisão: Os antigos egípcios atribuem grande importância a este rito, especialmente entre os sacerdotes.
B. Excisão. Este rito também foi praticado pelos antigos egípcios. Perfuração de orelhas e nariz e tatuagem. Estas práticas começaram durante o período pré-histórico e foram mantidas durante uma grande parte dos tempos dinásticos.
C. Fazer a barba. Esta foi uma das restrições impostas aos sacerdotes. Todas essas práticas sobrevivem na África Ocidental.

Práticas Funerárias
Os antigos rituais funerários egípcios sobrevivem na África Ocidental. Começando pelo rito pré-histórico de desmembrar ou desfazer o corpo, para a prática de

remoção do crânio ou do coração e depois para a prática da mumificação, cujos vestígios sobrevivem na prática de embrulhar cadáveres como múmias na antiguidade. Os ritos egípcios sobrevivem em seus diferentes estágios.

CONHECIMENTO

Houve sobrevivência da cerâmica, do trabalho com vidro e esmalte, do trabalho com pedras e do trabalho de metal, parecendo-se muito com os trabalhos artísticos dos egípcios dinásticos.
A medição do tempo na África Ocidental é também baseada em idéias egípcias. A semana de quatro dias e suas extensões - a semana de oito dias ou a semana de dezesseis dias - são baseadas em idéias egípcias.
A semana de sete dias é uma sobrevivência de cada seção do udjat (odjo-t) ou o período da lua cheia, consistindo de duas seções, cada uma com sete dias.
Os sistemas de numeração da África Ocidental e os nomes dos números fornecem suas próprias evidências em apoio à teoria do contato com o Egito Antigo.

PRÁTICAS SOCIAIS

As práticas sociais relativas às saudações, respeito pelos mais velhos, importância dos juramentos, observância da moderação e outras observadas na África Ocidental são semelhantes às do Egito Antigo. Várias máximas morais sobreviveram que são claramente derivadas do Egito Antigo.
Nomes

(a) A importância dos nomes, como parte integrante da existência humana, é a mesma na África Ocidental como no antigo Egito.
(b) Os nomes das divindades egípcias que sobrevivem na África Ocidental são numerosos, incluindo SOB-KU que sobrevive como o nome de uma tribo, isto é, SOBO, no sul da Nigéria. Como o nome da divindade MIN presente no nome de duas tribos, isto é MINA em Togo-terra e Dahomey, e IGBO-MINA em Yorubaland e HA-OIRI-T, Osiris, sobrevive como A-WO-RI, o nome de uma tribo em terra Yoruba, U PTAH, "A alma viva de Ptah" sobrevive em Yorubaland como JAKUTA. E está na etmologia de ADUMU como nome da suprema deidade dos Ijaws no sul da Nigéria.
c) Nomes de animais. O.J. Lucas designa no livro "A Religião dos Yorubas" uma lista contendo trinta nomes de animais que são derivados de palavras egípcias antigas.
(d) Nomes de lugares. Uma lista seleta dos nomes egípcios antigos de lugares que sobreviveram na África Ocidental do Egito também é dada em no livro de O.J. Lucas.

NUMEROS SAGRADOS

Os números sagrados no Egito Antigo eram '' 3, 4, 7, 9, 27, 42, 75, 77, 110, etc.

Assim, temos referencias literárias, mitológicas, das ciências e até mágicas com esses números sagrados: 3- três deuses, a tríade), as três divisões do mundo, céu, céu e Tuat; 4 - Os quatro filhos de Hórus, *quatro quartos do mundo, quatro chamas ardentes* ... quatro degraus, quatro portas do céu, quatro lemes do céu, quatro vasos de sangue, quatro vasos de leite; 7- sete Arits (frações matemática egípcia), sete falcões, sete cabeças da Serpente, os sete escorpiões de Isis, os sete espíritos, 9 - os nove deuses agrupados, nove chefes, nove mutchis (cargos especiais), nove nações que usam o arco, 27 - vinte e sete deuses (três agrupamentos de divindades principais 9 x 3), 42- quarenta e dois nomes, quarenta e dois assessores, 42 confissões (livro dos mortos); 75- Setenta e cinco Orações para Ra; setenta e sete em papiros mágicos; cento e dez anos o limite da vida de um homem.

Quase todos os números acima são sagrados na África Ocidental. Segundo o Dr. Parrinder,

"Três e seus múltiplos e sete são geralmente sagrados. Em Porto Novo, durante os ritos fúnebres, um cadáver masculino é colocado nove vezes a sepultura antes do descanso final, uma mulher é colocada sete vezes; durante nove noites depois de um incêndio um cadáver é mantido no limiar da câmara fúnebre, ou sete noites para uma mulher. O mesmo motivo nove-sete é observado em ritos de infância e na remoção do crânio. A crença é atual entre os homens de Yoruba que as mulheres possuem sete pares de costelas e os homens nove. A estes acrescentamos costumes mágicos como uma semana de quatro dias dedicadas a ovelha, pelos iorubá e pelos lbo; temos a semana de sete dias dos Ashanti, temos os quarenta e dois dias constituindo um período cerimonial de Adae, a expressão iorubá meje-meje "sete-sete" e outros exemplos de números sagrados. Há uma expressão: "as três e as quatro fórmulas".

É digno de nota que todos esses números são considerados sagrados pelos egípcios dinásticos; não há evidência de que eles estavam confinados ao período pré-dinástico ou que todos os números sagrados existiam naquele período. Muitos dos números (por exemplo, os quarenta e dois avaliadores) referem-se a idéias que foram desenvolvidas apenas durante o período dinástico.

Vestimentas

Chama-se atenção para a semelhança das vestimentas dos sacerdotes no Egito Antigo com a usada pelos sacerdotes na África Ocidental. No antigo Egito, o sumo sacerdote costumava usar a pele de uma pantera (leopardo negro). Na África Ocidental, o sumo sacerdote e outros sacerdotes usam a pele de um leopardo.

Alguns dos egípcios pré-dinásticos, e até alguns egípcios dinásticos em determinadas ocasiões, ficavam nus.

As crianças africanas de muitas comunidades até uma certa idade, ficam nuas. Todos estes costumes sobrevivem na África Ocidental, bem como alguns dos tipos de roupas usadas no Egito Antigo

HIERÓGLIFOS

Hieróglifos e emblemas usados pelos egípcios pré-dinásticos e pelos egípcios dinásticos sobrevivem na África Ocidental.

A evidências demonstram a marca da cultura egípcia antiga na cultura da África Ocidental. Esse fato dissipa a névoa espessa em torno da origem de vários nomes da África Ocidental, como Fanti, Asanti, Foil, Yoruba Salug, que até agora foram descritos como de origem desconhecidas. Lança luz sobre várias palavras da África Ocidental descritas até agora como inexplicáveis. Isso levou à "decifração" dos hieróglifos na África Ocidental.

" O lema egípcio "Vida, Saúde, Bem-Estar" ou "Vida, Saúde, Força" sobrevive na fraseologia religiosa da África Ocidental e exerce não menos influência sobre os africanos ocidentais do que sobre os antigos egípcios. A idéia de vida e a palavra expressiva dela figuram proeminentemente na concepção religiosa da África Ocidental. A visão metafísica da África Ocidental é idêntica à dos antigos egípcios.

CAPITULO XXXI - PALAVRAS EGÍPCIAS EMPRESTADAS ÀS ESCRITURAS

Palavras egípcias emprestadas à Bíblia hebraica têm sido reconhecidas há muito tempo; vários nomes, títulos e conceitos na Bíblia hebraica também foram atribuídos a origens ou influência egípcias. O grau mais forte de relação é percebido na área de literatura de sabedoria (especialmente provérbios e literaturas instrucionais), mas a relação também foi postulada nos gêneros de hinos e canções, e na propaganda política. Influências egípcias nas instituições religiosas de Israel também foram reivindicadas, especialmente no templo e culto de Jerusalém, mas também no conceito do Deus de Israel. No entanto, essas influências egípcias em Israel provavelmente foram mediadas pelos fenícios e refletiram a emulação anterior dos costumes e hábitos egípcios pelas elites cananeias durante o controle Raméssida da Palestina.

Empréstimos egípcios nas narrativas do Êxodo e do Território As narrativas de êxodo e deserto (ou seja, Exodus-Numbers) contêm 27 credenciamentos egípcios diferentes, compreendendo principalmente terminologia para realia e cultura material (ver tabela 1). 10 No total, existem 381 no total

Table 1. Egyptian Loanwords in the Exodus and Wilderness Narratives

Loanword	*Egyptian Donor Term*	*Occurrences*
אַבְנֵט sash, wrap	*bndw*	8×
אַחְלָמָה red jasper	*ḥnm.t*	2×
אֵיפָה *ephah* -measure	*ỉp.t*	6×
בַּד pole	*bdꜣ*	32×
בַּד linen	*bdꜣ*	10×
גָּבִיעַ cup, candleholder	*qbḥw*	8×
גֹּמֶא reed plant	*qmꜣ* (cf. *gmy*)	1×
הִין *hin*-measure	*hnw*	17×
זֶפֶת pitch	*sft* (cf. *sfṯ*)	1×
זֶרֶת hand-span	*ḏr.t*	4×
חַרְטֹם magician	*ḥr-tp* (cf. *ḥry-tp*)	7×
חוֹתָם seal, signet ring	*ḫtm*	6×
טַבַּעַת seal, ring	*ḏbꜥ.t*	42×
יְאֹר Nile river, river	*ỉrw* (cf. *ỉtrw*)	25×
לֶשֶׁם feldspar, amazonite	*nšm.t*	2×
נֹפֶךְ turquoise	*mfk.t* (cf. *mfkꜣ .t*, *mfꜣ k.t*)	2×
סוּף reed plant	*ṯwf* (cf. *ṯwfy*)	11×
פְּאֵר headwrap	*pyr* (cf. *pry*)	1×
פַּח metal plating	*pḫꜣ*	2×
פִּטְדָה peridot	**pꜣ -ḏd*	2×
פַּרְעֹה Pharaoh	*pr-ꜥꜣ*	115×
צִי river-boat	*ḏꜣ y*	1×
שִׁטָּה acacia wood	*šnd.t* (cf. *šnḏ.t*, *šnt.t*)	26×
שֵׁשׁ Egyptian linen	*šs*	33×
תֵּבָה box	*db.t*, *tb.t* (cf. *ḏbꜣ .t*, *tbỉ*)	2×
תַּחְרָא leather vest	*dḥr*	2×
תַּחַשׁ Egyptian leather	*tḥs* (cf. *ṯḥs*)	13×

Outside the exodus and wilderness narratives (i.e., outside Exodus– Numbers), the Hebrew Bible contains 51 different Egyptian loanwords (see table 2). [11] Altogether, there are 450 total occurrences of Egyptian loanwords in the Hebrew Bible outside the exodus and wilderness traditions

Table 2. Egyptian Loanwords in the Remainder of the Hebrew Bible

Loanword		*Egyptian Donor Term*	*Occurrences*
אַבְנֵט	sash, wrap	*bndw*	1×
אַבְרֵךְ	pay attention!	*ỉb-r.k*	1×
°אָח	brazier	*ꜥḫ*	3×
°אָחוּ	reed plants	*ꜣḫw*	3×
°אֵטוּן	fine linen	*ỉdmỉ*	1×
אֵיפָה	*ephah*-measure	*ỉp.t*	34×
°בַּד	pole	*bdꜣ*	7×
°בַּד	linen	*bdꜣ*	13×
בַּהַט	Nubian stone	*bht* (cf. *ỉbhty*)	1×
בַּחַן	tower, watchtower	*bḫn*	2×
בֹּחַן	greywacke	*bḫn*	1×
גָּבִיעַ	cup, candleholder	*qbḥw*	6×
גֹּמֶא	reed plant	*qmꜣ* (cf. *gmy*)	3×
°דְּיוֹ	ink	*ry.t*	1×
הָבְנִים	African blackwood	*hbn* (cf. *hbny*)	1×
°הִין	*hin*-measure	*hnw*	6×
זֶפֶת	pitch	*sft* (cf. *sfṯ*)	2×
זֶרֶת	hand-span	*ḏr.t*	3×
חַרְטֹם	magician (Hebrew)	*ḥr-tp* (cf. *ḥry-tp*)	4×
חַרְטֹם	magician (Aramaic)	*ḥr-tp* (cf. *ḥry-tp*)	5×
°חֹרִי	cake	*ḥr.t*	1×
חוֹתָם	seal, signet ring	*ḫtm*	8×
טַבַּעַת	seal, ring	*ḏbꜥ.t*	8×
טֶנֶא	produce basket	*dnỉ.t*	4×
°יְאֹר	Nile River, river	*ỉtrw* (cf. *ỉtrw*)	39×
°כְּלִי	ship[a]	*qr, qwr, kr, kwr* (cf. *krr*)	1×
מֶשִׁי	fine garment	*msy*	2×
נֵחַ	power, strength	*nḫt*	1×

Table 2. Egyptian Loanwords in the Remainder of the Hebrew Bible (*cont.*)

Loanword		*Egyptian Donor Term*	*Occurrences*
סוּף	reed plant	*ṯwf* (cf. *ṯwfy*)	17×
עָרָה	reed plant	*ʿr*	1×
פְּאֵר	headwrap	*pry, pyr*	6×
פַּח	trap	*pẖꜣ*	24×
פִּטְדָה	peridot	**pꜣ -ḏd*	2×
פַּרְעֹה	Pharaoh	*pr-ʿꜣ*	159×
צִי	river-boat	*ḏꜣ y*	3×
קַב	*qab*-measure	*qb* (cf. *qby*)	1×
קִיקָיוֹן	castor-oil plant	*kꜣ kꜣ , kyky*	5×
קַלַּחַת	cooking pot	*qrḥ.t*	2×
קֶסֶת	scribal palette	*gstỉ*	3×
קוֹף	African monkey	*gwf, gỉf, gf, gꜣ f*	2×
שְׂכִית	ship[b]	*skty*	1×
שׁוֹשַׁן	Egyptian lotus	*ššn, sšn* (cf. *sššn*)	17×
שִׁטָּה	acacia wood	*šnd.t* (cf. *šnḏ.t, šnt.t*)	2×
שֶׁנְהַבִּים	ivory	*ꜣ bw*	2×
שֵׁשׁ	Egyptian alabaster	*šs*	4×
שֵׁשׁ	Egyptian linen	*šs*	4×
תֵּבָה	box	*db.t, tb.t* (cf. *ḏbꜣ .t, tbỉ*)	26×
תַּחַשׁ	Egyptian leather	*tḥs* (cf. *ṯḥs*)	1×
תֻּכִּי	African ape	*tꜣ -ky.t*	2×

É geralmente aceito que alguns dos textos da Bíblia hebraica têm precedentes nas religiões e mitologias antigas do Oriente Próximo (Idade do Bronze), especialmente a Mesopotâmia (ver Panbabilonismo), mas em menor grau também o Antigo Egito. Por exemplo, o material do Livro dos Provérbios deriva diretamente da Instrução de Amenemope.

O nome hebraico para o Egito é Mitzrayim**. O nome é incomum porque o sufixo yim implica um plural**. A forma singular seria Mitzar. Os próprios antigos egípcios se referiam à sua terra no plural, Tawy, que significa "Duas Terras". O Egito foi composto por duas terras. Havia o Alto Egito para o sul e o Baixo Egito para o norte. Às vezes, as duas terras tinham reis diferentes e às vezes as duas terras estavam unidas. O nome de Tawy, Two Lands, se referia a um Egito unido. O nome do plural em hebraico meramente reflete o nome egípcio plural como foi chamado durante a decimo-oitava Dinastia.

CAPITULO XXXII - AS EVIDENCIAS CULTURAIS E LINGUÍSTICAS DA VERACIDADE DOS RELATOS BÍBLICOS – JOSÉ NO EGITO.

" E venderam a José aos ismaelitas por 20 peças de prata, e trouxeram José para o Egito" (Gênesis 37:28). Nos tempos antigos, assim como nos nossos dias, os preços aumentaram lentamente, mas aumentaram ao longo do tempo. Na antiga Ur, cerca de 2000 aC, um escravo custaria 10-15 peças de prata (shekels). Durante o reinado da dinastia Hammurabi, o preço aumentou ligeiramente, para cerca de 20 peças de prata. Por um tempo, o preço de um escravo permaneceu bastante estável, mas no último quarto do segundo milênio aC, o preço subiu até 30 shekels. Durante o primeiro quarto do Império Assírio, um escravo saudável poderia buscar 50 a 60 peças de prata e, no meio do primeiro milênio, o preço de um escravo subiu para mais de 100 siclos. [3] Quando a Torá nos diz que Joseph foi vendido por 20 peças de prata, foi um reflexo exato do preço de um escravo em Canaã / Egito nesse período de tempo, cerca de 1500 aC de acordo com nossa cronologia bíblica.

A Torá (Gênesis 37:36) nos diz que o nome do escravo de José era Potifar. Mais tarde, nos diz que o nome da esposa de José era Asenath (Gênesis 41:45). Estes eram de fato nomes egípcios em uso no Egito durante o tempo de Joseph, embora fossem bastante incomuns e depois caíram em desuso. Autor (es) bíblico (s) "não ciente desses nomes antigos obscuros nunca poderia ter usado eles. [4].

A Torá nos diz que José era o superintendente da propriedade de Potifar. Há muitos títulos possíveis que se pode dar ao escravo ou servo principal. A Torá escolheu chamar Joseph o " Sobre a casa " (Gênesis 39: 4). O Papiro Brooklyn 53.1446 refere-se a um escravo principal e dá seu título apropriado como aquele que estava "sobre a casa". [5] Vemos que a Torá está usando a expressão exata que os egípcios contemporâneos usaram para o capataz dos servos e escravos .

- " E o mestre de José tomou-o e colocou-o na prisão, um lugar onde os prisioneiros do rei foram confinados " (Gênesis 39:20). Devido às falsas acusações da esposa de Potifar, Joseph foi levado para uma prisão. O conceito de prisão não foi generalizado no mundo antigo da era bíblica inicial. Na própria Torá, não encontramos qualquer menção de que a prisão seja uma forma de punição. Nós achamos que o filho de Shelomith, que amaldiçoou a Deus, ficou preso, mas isso só aconteceu até que a punição correta pudesse ser determinada. A detenção real não foi uma punição. No mundo antigo, os condenados por crimes eram geralmente mortos, torturados, mutilados ou feitos para compensar monetariamente. O conceito de prisão era quase inaudito. O Egito foi uma das poucas exceções para ter prisões. Muitas das fortalezas isoladas que guardavam as fronteiras do antigo Egito também serviram como prisões reais. [6]

5. " Então Faraó enviou e chamou José, e eles o levaram apressadamente para fora do calabouço, e ele se afastou, mudou a roupa e entrou para Faraó ". (Gênesis 41:14) Joseph, conhecido por ser um intérprete dos sonhos, foi levado para fora

da prisão para ser trazido diante do faraó para interpretar o sonho do faraó. Mas primeiro, José teve que se barbear para tornar-se mais apresentável ao rei.

Ao longo do antigo Oriente Médio, as barbas foram consideradas a norma, especialmente entre os "asiáticos", como os israelitas. Na verdade, mais longa e mais barba a barba, maior a admiração. O povo comum tinha barbas cortadas e aparadas. O rei foi retratado com uma barba longa e enrolada. A exceção a esta regra foi no Egito. Os egípcios raramente são retratados com barbas e aquelas poucas vezes que são retratados com os cabelos faciais, geralmente é o faraó e nenhum dos seus súditos. Nas representações egípcias de túmulos e templos, os inimigos são frequentemente retratados com barbas. O (s) autor (es) bíblico (s) parece ser muito consciente de que a etiqueta egípcia adequada exigia que José tivesse que se barbear antes de entrar na presença do faraó, ao contrário de qualquer outro lugar no mundo antigo.

Faraó teve um sonho em que "... eis que eu estava de pé na margem do rio. E eis que veio do rio sete vacas, gemeas e lindas, e se alimentaram na grama de junco. E eis que, Outras sete vacas vieram atrás deles, escaldantes e muito magras e magras, como nunca vi em toda a terra do Egito por maldade. E as vacas magras e magras comeram as sete primeiras vacas gordo. E quando as comeram não se sabia que os tinham comido, mas ainda eram inferiores como antes "(Gênesis 41: 18-21).

Joseph interpretou o sonho para ser um sinal do destino que estava no Egito. Haveria sete anos de colheita abundante. Aqueles anos seriam seguidos por sete anos de fome. A fome seria tão grave que as pessoas não poderiam recordar os anos de abundância. Embora Faraó tenha consultado seus sábios sobre o significado do sonho, eles não poderiam explicar isso de forma a satisfazer o faraó. Por que o faraó achou a interpretação de José aceitável? Por que isso soava verdadeiro?

Na mitologia egípcia, a deusa do destino era Hathor, a deusa da vaca. Os antigos egípcios acreditavam que, no nascimento de uma criança, Hathor apareceria em todas as suas sete formas e decretaria o destino do recém-nascido. [7] Quando o faraó viu sete vacas em seus sonhos, ele sabia que era um presságio do futuro do Egito, mas ele não sabia o que era isso até que Joseph interpretou o sonho. Se o (s) autor (es) bíblico (s) inventou essa história mil anos depois, teria sido verdadeiramente surpreendente que eles estivessem atentos a esse pouco conhecido tidbit da mitologia egípcia antiga.

7. " E o faraó tirou o anel da sua mão, e colocou-o sobre a mão de José, e vestiu-o com roupas de linho fino, e colocou uma ganga de ouro sobre o pescoço " (Gênesis 41:42). Joseph aconselhou o faraó a armazenar uma porção da colheita em celeiros durante os anos de abundância para ser usado durante os anos de fome. Faraó reconheceu a sabedoria de José e fez dele o vice-rei. Esta investidura de poder foi formalizada de três maneiras: 1) José recebeu o anel do faraó, 2) José estava vestido com roupa de linho fino e 3) um colar de ouro estava colocado ao redor do pescoço de José.

O simbolismo de um rei que retira seu anel e coloca-o sobre a mão de outro é bem conhecido como uma investidura de autoridade e poder no mundo antigo.8 Um vizir que recebeu o anel de sinete do faraó era conhecido oficialmente como The Royal Seal Bearer . [9] O uso de roupas de linho fino, tão magro como semi-transparente, parece ter sido um sinal de realeza e grande prestígio no antigo Egito. Os príncipes e as princesas e os membros da sua família são frequentemente retratados com roupas de roupa semi-transparentes. A colocação de uma gola de ouro ao redor do pescoço é um costume egípcio excepcionalmente antigo chamado a atribuição do Ouro de Louvor. [10]

Há duas representações bem conhecidas desta cerimônia. O primeiro mostra Pharaoh Seti, sentado no seu trono, sob um dossel ornamentado. Diante dele, dois criados colocam uma gola de ouro ao redor do pescoço de um padre. A segunda descrição mostra Akhenaton e sua rainha de pé em sua varanda lançando coleiras de ouro para um dos deuses. Embora existam quase 40 representações conhecidas e referências escritas à cerimônia de investidura, nenhuma pré-data da Décima Oitava Dinastia. [11] A história de Joseph ocorreu durante a Dinastia XVIII. Por volta de 1550-1300 aC

8. " E Faraó ordenou a todo o seu povo, dizendo: Todo filho que nascer, você lançará no rio, e toda a sua filha viverá " (Êxodo 1:22).

Uma das coisas que frustraram os estudiosos bíblicos é que o infame faraó nunca é chamado pelo seu nome; ele é simplesmente chamado de faraó. Não temos como identificar qual faraó foi, baseado unicamente no texto bíblico. No entanto, referindo-se ao governante simplesmente como "o faraó" era a prática aceita no antigo Egito. As gravuras do túmulo e as missivas do governo muitas vezes se referem ao rei simplesmente como "Faraó". Esta prática continuou até cerca de 1000 aC [12] Depois desse tempo, o faraó seria referido pelo nome. Os críticos da Bíblia certamente devem achar surpreendente que o "autor (es) bíblico" tenha consciência disso.

9. O pai de José, Jacó, foi derribado de Canaã para o Egito. Depois de muitos anos, Jacob morreu. "E José ordenou a seus servos, os médicos, que estumpassem seu pai ... " (Gênesis 50: 2)

O embalsamado era uma prática única para o Egito. Existem apenas mummies egípcias; não há Canaanite, Babylonian, Assyrian, ou qualquer outra múmia.

11. "... mas Deus me fez (José) pai para Faraó, e senhor de toda a sua casa, e um governante em toda a terra do Egito (Gênesis 45: 8)".

José, na qualidade de conselheiro do rei, se chama "Pai para o Faraó" (Gênesis 45: 8). Este título era, de fato, o próprio título dado aos conselheiros reais no antigo Egito. [13] 12. " E o rei do Egito falou às parteiras hebreas, e o nome de um era Shifrah (Êxodo 1:15)" O início do livro do Êxodo faz referência à parteira hebraica, Shifrah A papiro (Papiro Brooklyn 35.1446) lista os nomes de mais de 40 escravas semitas. Uma dessas escravas foi chamada Shifrah. Claramente, era um nome

autêntico da era. 13 e 14. " Vá e pegue a palmeira onde você pode encontrá-lo, mas não diminua do seu trabalho nada ". (Êxodo 5:11)

O faraó ordenou a seus mestres e seus subordinados que não fornecessem aos escravos israelitas a palha necessária para fazer os tijolos. Os escravos teriam que encontrar e cortar a palha e ainda fornecer o número necessário de tijolos.

O verso está nos dizendo duas coisas que não são amplamente conhecidas. Primeiro, essa palha foi usada na fabricação de tijolos no antigo Egito. Esta não era a prática na Mesopotâmia, onde era utilizada argila cozida, sem palha. Na terra de Canaã, a pedra, e não o tijolo, era o material de construção primário. Somente no Egito havia tijolos de barro e palha. *A argila misturada com palha resulta em tijolos que são três vezes mais fortes do que aqueles feitos sem palha porque os fluidos na palha liberam ácido húmico e endurecem os tijolos.* [14]



Brick Making

Se os "autor (es) bíblicos" inventassem toda a história da escravidão israelita no Egito, eles teriam se baseado na prática local de fazer tijolos, **que era a construção de tijolos a partir de recortes de pedra, ou uso de barro, somente barro cozido**. Ou, eles teriam aproveitado a prática da aristocracia da Mesopotâmia, pois, de acordo com muitos historiadores, os judeus retornaram recentemente da Mesopotâmia (Babilônia) quando os chamados "autores" constituíram a história bíblica.

Em segundo lugar, o verso está nos dizendo que uma contagem dos tijolos feitos pelos escravos foi registrada. Um antigo rolo egípcio (Louvre Leather Roll 1274) nos diz que as contas de tijolos feitas por escravos foram de fato registradas. O pergaminho é crítico de "Paherypedjet filho de Paser", um dos 40 supervisores da Rameses II, que não conseguiu entregar sua cota de 2.000 tijolos. Continua a dizer que o déficit foi porque os escravos "não conseguiram reunir a quantidade necessária de palha". Como resultado, os escravos foram espancados. [15]

15. " O Senhor Deus dos hebreus se encontrou conosco (Moisés e Arão), e agora vamos, pedimos-lhe, três dias de viagem ao deserto, para que possamos sacrificar ao Senhor nosso Deus " (Êxodo 3:18)

Parece ser o auge da audácia para alguém pedir que os escravos tenham tempo livre para um feriado. No entanto, um texto antigo egípcio (Louvre Leather Roll 1274) indica que os trabalhadores receberam tempo para as ferias religiosas. Da mesma forma, um texto descoberto na vila de trabalhadores de Deir el-Medineh afirma que os trabalhadores escravos tinham ido "oferecer a seu deus". Poder-se-ia pensar que os escravos que pedissem tempo para férias religiosas ficariam fora de questão, mas esses textos mostram que esses pedidos foram de fato concedidos. [16].

16. " ... mas Deus me fez (José) pai para Faraó, e senhor de toda a sua casa, e um governante em toda a terra do Egito (Gênesis 45: 8)".

Há aqueles que argumentam que é improvável que um semita (como Joseph) tenha sido nomeado vice-rei do Egito. No entanto, Sir Alan H. Gardiner, um dos principais egiptólogos do início do século 20, ressalta que não era uma ocorrência incomum para o estrangeiro subir a uma posição de poder no antigo Egito. [17] Na verdade, em 1980, um novo túmulo foi descoberto em Saqqara, no Egito, a cerca de 18 milhas ao sul do Cairo. Era a câmara funerária de Aperel. Ele era um semita, embora não necessariamente um israelita. Ele era o visir real sob Amenhotep III e Akhenaten da Dinastia XVIII, a mesma dinastia que viu a ascensão de José ao poder. [18]

17. " E os egípcios fizeram que o povo de Israel servisse com rigor. E eles fizeram suas vidas amargas com escravidão dura, em argamassa e em tijolo, e em todos os tipos de serviço no campo, todo o seu serviço, o que eles fizeram servir, foi com rigor ". (Êxodo 1; 13-14)

Não há registro de trabalho estrangeiro sendo recrutado antes da Dinastia XVIII.

O consenso entre os estudiosos é que o período da história do Êxodo, seja real ou não, ocorre durante a Dinastia XVIII. É interessante notar que não há registro de trabalho estrangeiro sendo recrutado antes da Décima Oitava Dinastia. [19] Antes da dinastia XVIII, escravos estrangeiros eram comprados no mercado de escravos ou eram cativos de guerra. Além disso, esses escravos eram usados apenas para fins domésticos ou para servir nos templos. Ter os israelitas, que não eram prisioneiros nem comprados, servem como fabricantes de tijolos únicos para a XVIII Dinastia. [20]

Podemos facilmente ver que a Torá contém numerosas dicas da vida contemporânea no antigo Egito. As sugestões são sutis, mas estão lá. " Vire-o e vire-o, está tudo lá " (Ética dos Pais, 5:22).

ANEXO XXXIII - TEXTOS BÌBLICOS REFERENCIANDO O EGITO

Oséias 2:15

E lhe darei as suas vinhas dali, e o vale de Acor, por porta de esperança; e ali cantará, como nos dias de sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egito.

- Oséias 7:11

Porque Efraim é como uma pomba ingênua, sem entendimento; invocam o Egito, vão para a Assíria.

- Oséias 7:16

Eles voltaram, mas não para o Altíssimo. Fizeram-se como um arco enganador; caem à espada os seus príncipes, por causa do furor da sua língua; este será o seu escárnio na terra do Egito.

- Oséias 8:13

Quanto aos sacrifícios das minhas ofertas, sacrificam carne, e a comem, mas o Senhor não as aceita; agora se lembrará da sua iniqüidade, e punirá os seus pecados; eles voltarão para o Egito.

- Oséias 9:3

Na terra do Senhor não permanecerão; mas Efraim tornará ao Egito, e na Assíria comerão comida imunda.

- Oséias 9:6

Porque, eis que eles se foram por causa da destruição, mas o Egito os recolherá, Mênfis os sepultará; o desejável da sua prata as urtigas o possuirão por herança, espinhos crescerão nas suas tendas.

- Oséias 11:1

QUANDO Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho.

- Oséias 11:5

Não voltará para a terra do Egito, mas a Assíria será seu rei; porque recusam converter-se.

- Oséias 11:11

Tremendo virão como um passarinho, os do Egito, e como uma pomba os da terra da Assíria, e os farei habitar em suas casas, diz o Senhor.

- Oséias 12:1

EFRAIM se apascenta de vento, e segue o vento leste; todo o dia multiplica a mentira e a destruição; e fazem aliança com a Assíria, e o azeite se leva ao Egito.

 Oséias 12:9

Mas eu sou o Senhor teu Deus desde a terra do Egito; eu ainda te farei habitar em tendas, como nos dias da festa solene.

 Oséias 12:13

Mas o Senhor por meio de um profeta fez subir a Israel do Egito, e por um profeta foi ele guardado.

 Oséias 13:4

Todavia, eu sou o Senhor teu Deus desde a terra do Egito; portanto não reconhecerás outro deus além de mim, porque não há Salvador senão eu.

 Joel 3:19

O Egito se fará uma desolação, e Edom se fará um deserto assolado, por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá, em cuja terra derramaram sangue inocente.

 Amós 2:10

Também vos fiz subir da terra do Egito, e quarenta anos vos guiei no deserto, para que possuísseis a terra do amorreu.

 Amós 3:1

OUVI esta palavra que o Senhor fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo:

 Amós 3:9

Fazei ouvir isso nos palácios de Asdode, e nos palácios da terra do Egito, e dizei: Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria, e vede que grandes alvoroços há no meio dela, e como são oprimidos dentro dela.

 Amós 4:10

Enviei a peste contra vós, à maneira do Egito; os vossos jovens matei à espada, e os vossos cavalos deixei levar presos, e o mau cheiro dos vossos arraiais fiz subir as vossas narinas; contudo não vos convertestes a mim, disse o Senhor.

 Amós 8:8

Por causa disto não extremecerá a terra, e não chorará todo aquele que nela habita? Certamente levantar-se-á toda ela como o grande rio, e será agitada, e baixará como o rio do Egito.

 Amós 9:5

Porque o Senhor Deus dos Exércitos é o que toca a terra, e ela se derrete, e todos os que habitam nela chorarão; e ela subirá toda como um rio, e abaixará como o rio do Egito.

 Amós 9:7

Não me sois, vós, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes? diz o Senhor: Não fiz eu subir a Israel da terra do Egito, e aos filisteus de Caftor, e aos sírios de Quir?

 Miquéias 6:4

Pois te fiz subir da terra do Egito, e da casa da servidão te remi; e enviei adiante de ti a Moisés, Arão e Miriã.

 Miquéias 7:15

Eu lhes mostrarei maravilhas, como nos dias da tua saída da terra do Egito.

 Naum 3:9

Etiópia e Egito eram a sua força, e não tinha fim; Pute e Líbia foram o seu socorro.

 Ageu 2:5

Segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito, o meu Espírito permanece no meio de vós; não temais.

 Zacarias 10:10

Porque eu os farei voltar da terra do Egito, e os congregarei da Assíria; e trá-los-ei à terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar bastante para eles.

 Zacarias 10:11

E ele passará pelo mar da angústia, e ferirá as ondas no mar, e todas as profundezas do Nilo se secarão; então será derrubada a soberba da Assíria, e o cetro do Egito se retirará.

 Mateus 2:13

E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.

 Mateus 2:14

E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito.

 Mateus 2:15

E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho.

13	Loucos se tornaram os príncipes de Zoã, enganados estão os príncipes de Mênfis; fazem errar o Egito os que são a pedra de esquina das suas tribos.

Jeremias 2

16	Até os filhos de Mênfis e de Tafnes te pastaram o alto da cabeça.

Jeremias 44

1	Palavra que veio a Jeremias, acerca de todos os judeus moradores da terra do Egito, em Migdol, em Tafnes, em Mênfis e na terra de Patros, dizendo:

Jeremias 46

14	Anunciai no Egito e fazei ouvir isto em Migdol; fazei também ouvi-lo em Mênfis e em Tafnes; dizei: Apresenta-te e prepara-te; porque a espada já devorou o que está ao redor de ti.
19	Prepara a tua bagagem para o exílio, ó moradora, filha do Egito; porque Mênfis se tornará em desolação e ficará arruinada e sem moradores.

Ezequiel 30

13	Assim diz o SENHOR Deus: Também destruirei os ídolos e darei cabo das imagens em Mênfis; já não haverá príncipe na terra do Egito, onde implantarei o terror.
16	Atearei fogo no Egito; Sim terá grande angústia, Nô será destruída, e Mênfis terá adversários em pleno dia.

Oséas 9

6	Porque eis que eles se foram por causa da destruição, mas o Egito os ceifará, Mênfis os sepultará; as preciosidades da sua prata, as urtigas as possuirão; espinhos crescerão nas suas moradas.

Êxodo 2

5	Desceu a filha de **faraó** para se banhar no rio, e as suas donzelas passeavam pela beira do rio; vendo ela o cesto no carriçal, enviou a sua criada e o tomou.
7	Então, disse sua irmã à filha de **faraó**: Queres que eu vá chamar uma das hebréias que sirva de ama e te crie a criança?
8	Respondeu-lhe a filha de **faraó**: Vai. Saiu, pois, a moça e chamou a mãe do menino.
9	Então, lhe disse a filha de **faraó**: Leva este menino e cria-mo; pagar-te-ei o teu salário. A mulher tomou o menino e o criou.
10	Sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha de **faraó**, da qual passou ele a ser filho. Esta lhe chamou Moisés e disse: Porque das águas o tirei.

2 Reis 18

21	Confias no Egito, esse bordão de cana esmagada, o qual, se alguém nele apoiar-se, lhe entrará pela mão e a traspassará; assim é**faraó**, rei do Egito, para com todos os que nele confiam.

2 Reis 23

29	Nos dias de Josias, subiu **faraó**-Neco, rei do Egito, contra o rei da Assíria, ao rio Eufrates; e, tendo saído contra ele o rei Josias, Neco o matou, em Megido, no primeiro encontro.
33	Porém **faraó**-Neco o mandou prender em Ribla, na terra de Hamate, para que não reinasse em Jerusalém; e impôs à terra a pena de cem talentos de prata e um de ouro.
34	**faraó**-Neco também constituiu rei a Eliaquim, filho de Josias, em lugar de Josias, seu pai, e lhe mudou o nome para Jeoaquim; porém levou consigo para o Egito a Jeoacaz, que ali morreu.
35	Jeoaquim deu aquela prata e aquele ouro a **faraó**; porém estabeleceu imposto sobre a terra, para dar esse dinheiro segundo o mandado de Faraó; do povo da terra exigiu prata e ouro, de cada um segundo a sua avaliação, para o dar a Faraó-Neco.

1 Reis 11

20	a irmã de Tafnes, a rainha. A irmã de Tafnes deu-lhe à luz seu filho Genubate, o qual Tafnes criou na casa de **faraó**, onde Genubate ficou entre os filhos de Faraó.
21	Tendo, pois, Hadade ouvido no Egito que Davi descansara com seus pais e que Joabe, comandante do exército, era morto, disse a**faraó**: Deixa-me voltar para a minha terra.
22	Então, **faraó** lhe disse: Pois que te falta comigo, que procuras partir para a tua terra? Respondeu ele: Nada; porém deixa-me ir.

1 Reis 12

7	Eles lhe disseram: Se, hoje, te tornares servo deste povo, e o servires, e, atendendo, falares boas palavras, eles se farão teus servos para sempre.

2 Reis 11

7	Os dois grupos que saem no sábado, estes todos farão a guarda da Casa do SENHOR, junto ao rei.

2 Reis 17

7	Tal sucedeu porque os filhos de Israel pecaram contra o SENHOR, seu Deus, que os fizera subir da terra do Egito, de debaixo da mão de **faraó**, rei do Egito; e temeram a outros deuses.

2 Reis 18

21	Confias no Egito, esse bordão de cana esmagada, o qual, se alguém nele apoiar-se, lhe entrará pela mão e a traspassará; assim é**faraó**, rei do Egito, para com todos os que nele confiam.

2 Reis 23

29	Nos dias de Josias, subiu **faraó**-Neco, rei do Egito, contra o rei da Assíria, ao rio Eufrates; e, tendo saído contra ele o rei Josias, Neco o matou, em Megido, no primeiro encontro.
33	Porém **faraó**-Neco o mandou prender em Ribla, na terra de Hamate, para que não reinasse em Jerusalém; e impôs à terra a pena de cem talentos de prata e um de ouro.
34	**faraó**-Neco também constituiu rei a Eliaquim, filho de Josias, em lugar de Josias, seu pai, e lhe mudou o nome para Jeoaquim; porém levou consigo para o Egito a Jeoacaz, que ali morreu.
35	Jeoaquim deu aquela prata e aquele ouro a **faraó**; porém estabeleceu imposto sobre a terra, para dar esse dinheiro segundo o mandado de Faraó; do povo da terra exigiu prata e ouro, de cada um segundo a sua avaliação, para o dar a Faraó-Neco.

1 Crônicas 4

17	Os filhos de Ezra: Jéter, Merede, Éfer e Jalom; foram os filhos de Bitia, filha de **faraó**, que Merede tomou por mulher: Miriã, Samai e Isbá, pai de Estemoa.

Trouxeste uma vinha do Egito; lançaste fora os gentios, e a plantaste. Salmos 80:8

Então Israel entrou no Egito, e Jacó peregrinou na terra de Cão. Salmos 105:23

Esqueceram-se de Deus, seu Salvador, que fizera grandezas no Egito, Salmos 106:21

Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacó de um povo de língua estranha, Salmos 114:1

Príncipes virão do Egito; a Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos. Salmos 68:31

Maravilhas que ele fez à vista de seus pais na terra do Egito, no campo de Zoã. Salmos 78:12

Como operou os seus sinais no Egito, e as suas maravilhas no campo de Zoã; Salmos 78:43

E feriu a todo primogênito no Egito, primícias da sua força nas tendas de Cão. Salmos 78:51

O que feriu os primogênitos do Egito, desde os homens até os animais; Salmos 135:8

O que feriu o Egito nos seus primogênitos; porque a sua benignidade dura para sempre; Salmos 136:10

Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito; abre bem a tua boca, e ta encherei. Salmos 81:10

O que enviou sinais e prodígios no meio de ti, ó Egito, contra Faraó e contra os seus servos; Salmos 135:9

Ordenou-o em José por testemunho, quando saíra pela terra do Egito, onde ouvi uma língua que não entendia. Salmos 81:5

Nossos pais não entenderam as tuas maravilhas no Egito; não se lembraram da multidão das tuas misericórdias; antes o provocaram no mar, sim no Mar Vermelho. Salmos 106:7

O Egito se alegrou quando eles saíram, porque o seu temor caíra sobre eles. Salmos 105:38

E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito. Mateus 2:14

E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho. Mateus 2:15

Morto, porém, Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu num sonho a José no Egito, Mateus 2:19

E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José num sonho, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. Mateus 2:13

Peso do Egito. Eis que o SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entrará no Egito; e os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá no meio deles. Isaías 19:1

Naquele dia haverá estrada do Egito até à Assíria, e os assírios virão ao Egito, e os egípcios irão à Assíria; e os egípcios servirão com os assírios. Isaías 19:23

Que descem ao Egito, sem pedirem o meu conselho; para se fortificarem com a força de Faraó, e para confiarem na sombra do Egito. Isaías 30:2

Assim o rei da Assíria levará em cativeiro os presos do Egito, e os exilados da Etiópia, tanto moços como velhos, nus e descalços, e com as nádegas descobertas, para vergonha do Egito. Isaías 20:4

Também os rios exalarão mau cheiro e se esgotarão e secarão os canais do Egito; as canas e os juncos murcharão. Isaías 19:6

Como quando se ouviram as novas do Egito, assim haverá dores quando se ouvirem as de Tiro. Isaías 23:5

Eis que confias no Egito, aquele bordão de cana quebrada, o qual, se alguém se apoiar nele lhe entrará pela mão, e a furará; assim é Faraó, rei do Egito, para com todos os que nele confiam. Isaías 36:6

E não aproveitará ao Egito obra alguma que possa fazer a cabeça, a cauda, o ramo, ou o junco. Isaías 19:15

Porque a força de Faraó se vos tornará em vergonha, e a confiança na sombra do Egito em confusão. Isaías 30:3

Porque o Egito os ajudará em vão, e para nenhum fim; por isso clamei acerca disto: No estarem quietos será a sua força. Isaías 30:7

E haverá caminho plano para o remanescente do seu povo, que for deixado da Assíria, como sucedeu a Israel no dia em que subiu da terra do Egito. Isaías 11:16

E assombrar-se-ão, e envergonhar-se-ão, por causa dos etíopes, sua esperança, como também dos egípcios, sua glória. Isaías 20:5

Eu cavei, e bebi as águas; e com as plantas de meus pés sequei todos os rios dos lugares sitiados. Isaías 37:25

Onde estão agora os teus sábios? Notifiquem-te agora, ou informem-te sobre o que o Senhor dos Exércitos determinou contra o Egito. Isaías 19:12

Loucos tornaram-se os príncipes de Zoã, enganados estão os príncipes de Nofe; eles fizeram errar o Egito, aqueles que são a pedra de esquina das suas tribos. Isaías 19:13

O Senhor derramou no meio dele um perverso espírito; e eles fizeram errar o Egito em toda a sua obra, como o bêbado quando se revolve no seu vômito. Isaías 19:14

Naquele tempo haverá cinco cidades na terra do Egito que falarão a língua de Canaã e farão juramento ao Senhor dos Exércitos; e uma se chamará: Cidade de destruição. Isaías 19:18

Naquele tempo o Senhor terá um altar no meio da terra do Egito, e uma coluna se erigirá ao Senhor, junto da sua fronteira. Isaías 19:19

E servirá de sinal e de testemunho ao Senhor dos Exércitos na terra do Egito, porque ao Senhor clamarão por causa dos opressores, e ele lhes enviará um salvador e um protetor, que os livrará. Isaías 19:20

Porque o Senhor dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança. Isaías 19:25

Assim farei cessar em ti a tua perversidade e a tua prostituição trazida da terra do Egito; e não levantarás os teus olhos para eles, nem te lembrarás nunca mais do Egito. Ezequiel 23:27

A espada virá ao Egito, e haverá grande dor na Etiópia, quando caírem os traspassados no Egito; e tomarão a sua multidão, e serão destruídos os seus fundamentos. Ezequiel 30:4

E os tirei da terra do Egito, e os levei ao deserto. Ezequiel 20:10

Assim executarei juízos no Egito, e saberão que eu sou o Senhor. Ezequiel 30:19

Assim diz o Senhor DEUS: Também destruirei os ídolos, e farei cessar as imagens de Nofe; e não haverá mais um príncipe da terra do Egito; e porei o temor na terra do Egito. Ezequiel 30:13

Mas rebelaram-se contra mim, e não me quiseram ouvir; ninguém lançava de si as abominações dos seus olhos, nem deixava os ídolos do Egito; então eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir a minha ira contra eles no meio da terra do Egito. Ezequiel 20:8

Filho do homem, dirige o teu rosto contra Faraó, rei do Egito, e profetiza contra ele e contra todo o Egito. Ezequiel 29:2

Como entrei em juízo com vossos pais, no deserto da terra do Egito, assim entrarei em juízo convosco, diz o Senhor DEUS. Ezequiel 20:36

Todavia ela multiplicou as suas prostituições, lembrando-se dos dias da sua mocidade, em que **se prostituíra na terra do Egito**. Ezequiel 23:19

Linho fino bordado do Egito era a tua cortina, para te servir de vela; azul e púrpura das ilhas de Elisá era a tua cobertura. Ezequiel 27:7

Egito e Tiro.

Como recompensa do seu trabalho, com que serviu contra ela, lhe dei a terra do Egito; porquanto trabalharam por mim, diz o Senhor DEUS. Ezequiel 29:20

E saberão que eu sou o Senhor, quando eu puser fogo no Egito, e forem destruídos todos os que lhe davam auxílio. Ezequiel 30:8

E porei fogo no Egito; Sim terá grande dor, e **Nô será fendida, e Nofe** terá angústias cotidianas. Ezequiel 30:16

Esta é a lamentação que se fará; que as filhas das nações farão; sobre o Egito e sobre toda a sua multidão, diz o Senhor DEUS. Ezequiel 32:16

E, ouvindo falar dele as nações, foi apanhado na cova delas, e o trouxeram com cadeias à terra do Egito. Ezequiel 19:4

Filho do homem, dize a Faraó, rei do Egito, e à sua multidão: A quem és semelhante na tua grandeza? Ezequiel 31:2

Naquele dia levantei a minha mão para eles, para os tirar da terra do Egito, para uma terra que já tinha previsto para eles, a qual mana leite e mel, e é a glória de todas as terras. Ezequiel 20:6

Estas se prostituíram no Egito; prostituíram-se na sua mocidade; ali foram apertados os seus seios, e ali foram apalpados os seios da sua virgindade. Ezequiel 23:3

E as suas prostituições, que trouxe do Egito, não as deixou; porque com ela se deitaram na sua mocidade, e eles apalparam os seios da sua virgindade, e derramaram sobre ela a sua impudicícia. Ezequiel 23:8

E a terra do Egito se tornará em desolação e deserto; e saberão que eu sou o Senhor, porquanto disse: O rio é meu, e eu o fiz. Ezequiel 29:9

E estenderá a sua mão contra os países, e a terra do Egito não escapará. Daniel 11:42

E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão. Daniel 11:43

Pela fé José, próximo da morte, fez menção da saída dos filhos de Israel, e deu ordem acerca de seus ossos. Hebreus 11:22

Já cobri a minha cama com cobertas de tapeçaria, com obras lavradas, com linho fino do Egito. Provérbios 7:16

E subiu o anjo do SENHOR de Gilgal a Boquim, e disse: Do Egito vos fiz subir, e vos trouxe à terra que a vossos pais tinha jurado e disse: Nunca invalidarei a minha aliança convosco. Juízes 2:1

Enviou o Senhor um profeta aos filhos de Israel, que lhes disse: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Do Egito eu vos fiz subir, e vos tirei da casa da servidão; Juízes 6:8

"E o Faraó impôs a José o nome de Safanet-Fanec, e lhe deu como mulher ***Ase net,*** *filha de Putifar, sacerdote de On*[1] *Gn 41:45*

Asenet em hebraico אָסְנַת *'Acĕnath (pronuncia-se ase-nef)*

A filha de Potifar é filha de Ase. Ase Net.

E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o nosso Senhor também foi crucificado. Apocalipse 11:8

Pois te fiz subir da terra do Egito, e da casa da servidão te remi; e enviei adiante de ti a Moisés, Arão e Miriã. Miquéias 6:4

Etiópia e Egito eram a sua força, e não tinha fim; Pute e Líbia foram o seu socorro. Naum 3:9

Segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito, o meu Espírito permanece no meio de vós; não temais. Ageu 2:5

E, se a família dos egípcios não subir, nem vier, não virá sobre ela a chuva; virá sobre eles a praga com que o Senhor ferirá os gentios que não subirem a celebrar a festa dos tabernáculos. Zacarias 14:18

E quebrará as estátuas de Bete-Semes, que está na terra do Egito; e as casas dos deuses do Egito queimará a fogo. Jeremias 43:13

Mas o rei Jeoiaquim enviou alguns homens ao Egito, a saber: Elnatã, filho de Acbor, e outros homens com ele, ao Egito. Jeremias 26:22

Acontecerá que a espada que vós temeis vos alcançará ali na terra do Egito, e a fome que vós receais vos seguirá de perto no Egito, e ali morrereis. Jeremias 42:16

E lançarei fogo às casas dos deuses do Egito, e queimá-los-á, e levá-los-á cativos; e vestir-se-á da terra do Egito, como veste o pastor a sua roupa, e sairá dali em paz. Jeremias 43:12

E entraram na terra do Egito, porque não obedeceram à voz do Senhor; e vieram até Tafnes. Jeremias 43:7

A filha do Egito será envergonhada; será entregue na mão do povo do norte. Jeremias 46:24

E partiram, indo habitar em Gerute-Quimã, que está perto de Belém, para dali irem e entrarem no Egito, Jeremias 41:17

Porque castigarei os que habitam na terra do Egito, como castiguei Jerusalém, com a espada, com a fome e com a peste. Jeremias 44:13

Clamaram ali: Faraó rei do Egito é apenas um barulho; deixou passar o tempo assinalado. Jeremias 46:17

Bezerra mui formosa é o Egito; mas já vem a destruição, vem do norte. Jeremias 46:20

Portanto ouvi a palavra do SENHOR, todo o Judá, que habitais na terra do Egito: Eis que eu juro pelo meu grande nome, diz o SENHOR, que nunca mais será pronunciado o meu nome pela boca de nenhum homem de Judá em toda a terra do Egito dizendo: Vive o Senhor DEUS! Jeremias 44:26

E os que escaparem da espada voltarão da terra do Egito à terra de Judá, poucos em número; e todo o restante de Judá, que entrou na terra do Egito, para habitar ali, saberá se subsistirá a minha palavra ou a sua. Jeremias 44:28

Acerca do Egito, contra o exército de Faraó-Neco, rei do Egito, que estava junto ao rio Eufrates em Carquemis, ao qual feriu Nabucodonosor, rei de babilônia, no ano quarto de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá. Jeremias 46:2

E tomarei os que restam de Judá, os quais puseram os seus rostos para entrarem na terra do Egito, para lá habitar e todos eles serão consumidos na terra do Egito; cairão à espada, e de fome morrerão; consumir-se-ão, desde o menor até ao maior; à espada e de fome morrerão; e servirão de execração, e de espanto, e de maldição, e de opróbrio. Jeremias 44:12

Porque nunca falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios. Jeremias 7:22

Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que nunca mais dirão: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; Jeremias 23:7

Os quais tiraram a Urias do Egito, e o trouxeram ao rei Jeoiaquim, que o feriu à espada, e lançou o seu cadáver nas sepulturas dos filhos do povo. Jeremias 26:23

Dizendo: Não, antes iremos à terra do Egito, onde não veremos guerra, nem ouviremos som de trombeta, nem teremos fome de pão, e ali ficaremos, Jeremias 42:14

E virá, e ferirá a terra do Egito; entregando para a morte, quem é para a morte; e quem é para o cativeiro, para o cativeiro; e quem é para a espada, para a espada. Jeremias 43:11

Sobe a Gileade, e toma bálsamo, ó virgem filha do Egito; debalde multiplicas remédios, pois já não há cura para ti. Jeremias 46:11

"Dirás então em presença do Senhor, teu Deus: meu pai era um arameu prestes a morrer, que desceu ao Egito com um punhado de gente para ali viverem como

forasteiros, mas tornaram-se ali um povo grande, forte e numeroso." *Deuteronômio, 26* -

ANEXO XXXIV - PYRAMID TEXTS

Os Textos da Pirâmide de Unas, descobertos em 1881 por Gaston Maspero, são os escritos religiosos mais antigos descobertos até hoje. Por apresentarem uma síntese das crenças religiosas do Antigo Egito, eles datam de 4.500 anos ou mais, considerando que estas crenças devem ter nascido muito antes de serem transcritas na pedra.

Embora a Pirâmide de Unas seja a menor das pirâmides reais construídas no Antigo Império, ela foi a primeira a trazer em suas paredes internas este conjunto de encantamentos (fórmulas), que ajudariam a alma do faraó em sua jornada para o próximo mundo.

Os textos estão gravados nas colunas, sobre as paredes do corredor, da antecâmara e da passagem que leva à câmara funerária da pirâmide. As paredes que cercam o sarcófago não têm texto e o teto é coberto por estrelas.

Os Textos da Pirâmide de Unas estão dispostos na tumba do Oeste para o Leste, simbolizando a crença que o reino dos mortos ficava no Ocidente - a maioria das necrópoles estão dispostas na margem oeste do Nilo - e o Sol, associado à Ressurreição por reaparecer vivificado após o seu trajeto noturno, ressurge sempre no Oriente.

Estes textos foram retomados pelos soberanos seguintes e, posteriormente, pelas rainhas no fim do Antigo Império. Algumas fórmulas foram utilizadas também nos Textos dos Sarcófagos.

53. RESURRECTION, TRANSFIGURATION, AND LIFE OF THE KING IN HEAVEN, UTTERANCE 676.

007a. Para dizer: A tua água pertence a ti, a tua abundância pertence a ti, teu efluente pertence a ti,
2008b. sacode o seu pó; solte suas ataduras.
2009a. O túmulo está aberto para você; as portas duplas do caixão são desfeitas para ti;
2009b. As portas duplas do céu estão abertas para você.
2010b. sua alma está em seu corpo; o teu poder está atrás de ti; permanece chefe de (ou mestre de) seus poderes.
2011a. Levante-se, N.,
2011c. seja poderoso sobre os poderes que estão em ti.
2014b. Quando você ascende como uma estrela, como a estrela da manhã.
2016a. Deixe um fazer por ele o que fez por seu irmão, Osiris,. no dia da contagem dos ossos,

UTTERANCE 659
1861a. Seus mensageiros vão; seus corredores se apressam,
1861b. Seus enviados se apressam.
1865a. Não o reconheces, embora gaste a noite em seus braços -
1865b. se evitava a tua putrefação -

UTTERANCE 660-669

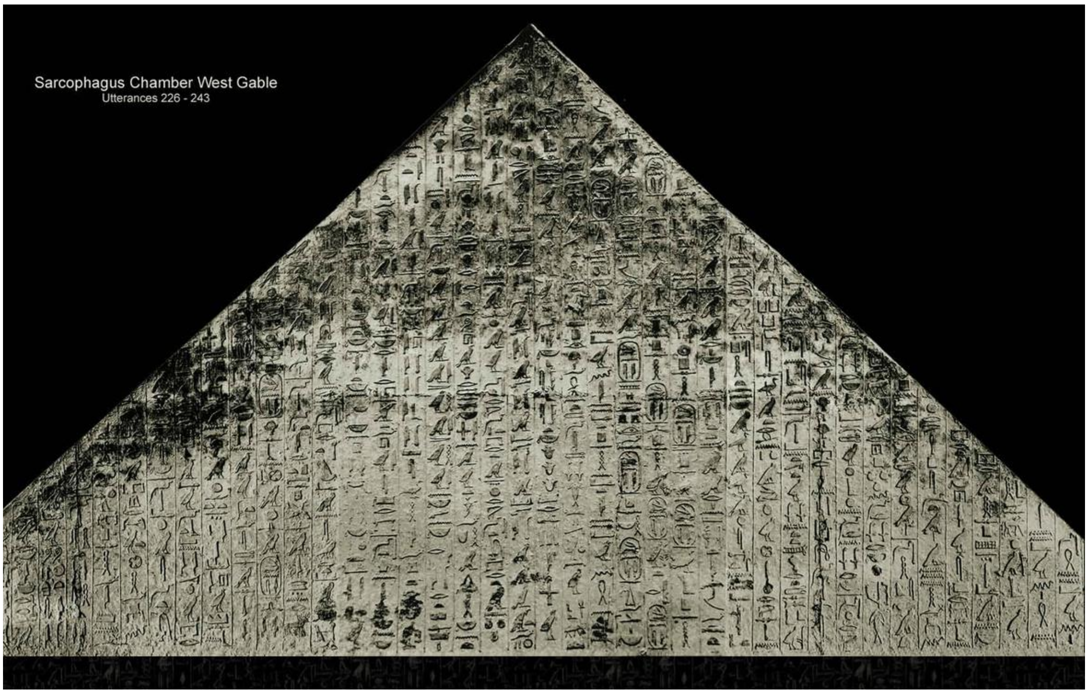
1878a. Deixem-se os que estiverem nas suas sepulturas; Deixe-os desfazer suas ataduras.

UTTERANCE 665 .

1898a. Para dizer: acordado, acordado, N., para mim, seu filho;
(Desperta tu que dormes e Cristo te esclarererá)
1909a (Nt. XXVIII 730). A tua mão mata os teus inimigos, que Anubis, chefe do templo, te deram.
1911-2 (Nt. 732). Você dá comandos (lit., "comanda palavras") aos deuses de Horus do Ocidente, também a ti, espírito grande e poderoso.
1911 (N. IX 719 + 27). Você se uniu aos mortos em todo lugar em que você deseja ser.
1916-3 (Nt. 738). Ótimo é o seu odor, agradável ao nariz, o odor de 'I'.t-wt.t .
1920a (Nt. 740). Ele dá comandos aos deuses;
1920b (N. 720). Ele dá comandos enquanto está sentado como um deus vivo.
1921-1 (Nt. 741). Você tirou o coração, como uma estrela, o único;
1921-2 (Nt. 741). Seus inimigos não são mais. Sua morte se foi (de) você,
1921 (Nt. 741). Ó N., A tua resistência diz-te: "a tua morte se foi (de) ti".
1922 + 6 (Nt. 745). Seu nome é o de uma oferta.

1955b (N. 742). Eles passam pelas paredes; eles superam as paredes;
573a. Seu rosto é o de um chacal; sua cauda é a de um leão;
573b. Você está sentado sobre este trono; Você ordena os espíritos.

http://www.pyramidtextsonline.com/SarcwestGH.htm



ⲦϤⲚⲦ (*Tafnet* or *Tafne**), daughter of *Phre* (the sun), and twin sister of *Sôou*,† with whom she represents the constellation *Gemini* in many Egyptian zodiacs. Such *homonymes*, i. e. conformities of name between cities or individuals and the divinities to whom they were sacred, were, as we know, very common in ancient times; but especially in Egypt, where names of individuals are very often names of the gods, either in their simple form, or as principal elements. This circumstance is another proof of the eminently religious spirit which characterized even the civil usages of the ancient Egyptians. The above example authorizes the conjecture that the worship of the goddess *Tafne* must have been a special usage, in the city which bears her name.

Os gorros, e os ornamentos das pernas, e os cintos e as caixinhas de perfumes, e os brincos (amuletos), Isaías 3:20

Em hierógrifos,
Uma alma condenada, amaldiçoada, um espírito vagante, era retratada por um cerco de um inimigo, a alma sendo caçada pela morte, pelo caçador.

78, 79, 80		—	enemy, death, the dead, slaughter, = *khefti* "enemy."

, a damned soul,

O alto e Baixo Egito, as duas terras são retratadas em vários tetos bíblicos

34		—	the goddesses Nekhebit and Uatchit, the tutelary goddesses of Upper and Lower Egypt respectively, *neb-ti* .

ANEXO XXXIV - O LIVRO DOS MORTOS

O Livro dos Mortos é uma coleção de fórmulas que facilitam a passagem para o além. O livro data do Novo Império e é considerado o mais importante da literatura egípcia antiga. O nome Livro dos Mortos é o título dado pelos árabes: Kitabul-maitim. O título original em egípcio era Per-em-hru, Livro da chegada à luz. Compõe-se de 180 capítulos (Barsa. 1987. 10, p.194a.) (A edição da Hemus está dividido em 190 capítulos). e era escrito em papiro ou couro, colocado numa caixa decorada com a imagem de Osíris, a qual era colocada no sarcófago. Foram encontradas centenas de exemplares, com ligeiras diferenças entre eles (www.omnix.hpg.ig.com.br), que estão em diversos museus do mundo (Barsa. 1987. 10, p.194a.).

O Livro Egípcio dos Mortos é um termo cunhado no século XIX para um corpo de textos conhecidos dos antigos egípcios como os feitiços para Indo adiante pelo dia. Após o Livro dos Mortos foi traduzido pela primeira vez por egiptólogos, ganhou um lugar no imaginário popular como a Bíblia dos antigos egípcios. A comparação é muito inapropriado. O Livro dos Mortos não era o livro sagrado central da religião egípcia. Foi apenas uma de uma série de manuais composto para ajudar os espíritos dos mortos elite para atingir e manter uma vida após a morte completa".

Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

A História

O Livro dos Mortos se originou a partir de conceitos descritos em pinturas, e em inscrições em tumbas a partir da Terceira Dinastia do Egito (c 2670 -. 2613 AC). Pela dinastia 12 (1991-1802 AC) essas magias (ou feitiços), eram acompanhadas de ilustrações, e foram escritos em papiro e colocados em túmulos e sepulturas com os mortos. Sua finalidade, como o historiador Margaret Bunson explica, "era instruir o falecido sobre como superar os perigos da vida após a morte, permitindo-lhes assumir a forma de criaturas míticas, e lhes dar as senhas necessárias para admissão a determinadas fases do submundo". Eles também serviu, no entanto, para fornecer a alma o conhecimento prévio do que seria de esperar em cada etapa. Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

Em algum momento antes de 1600 AC os diferentes períodos foram divididos em capítulos e, no momento do Novo Reino (1570-1069 AC), o livro foi extremamente popular. Escribas que eram especialistas em feitiços seriam consultados para a moda da customização de livros para um indivíduo ou uma família. Bunson observa: "Essas magias e senhas não eram parte de um ritual, mas foram formados para o falecido, para ser recitado em sua vida após a morte". Se alguém estava doente, e temia que poderia morrer, eles iriam até um escriba e pediria para escrever um livro de feitiços para a vida futura. O escriba precisa saber que tipo de vida que a pessoa viveu, a fim de supor o tipo de viagem que poderia esperar após a morte; em seguida, os feitiços apropriados seriam escritos especificamente para esse indivíduo."



Livro dos Mortos de Tayesnakht

Antes do Novo Reino, O Livro dos Mortos estava disponível apenas para a realeza e elite. A popularidade do mito Osiris no período do Novo Reino, fazia as pessoas acreditaremm que os feitiços eram indispensáveis, porque Osíris era proeminente no julgamento da alma após a morte. À medida que mais e mais pessoas desejassem seu próprio Livro dos Mortos, escribas abrigava-os e o livro tornou-se apenas mais uma mercadoria produzida para venda. Da mesma forma que os editores no presente oferecem impressões por demanda de livros ou obras auto-publicadas, os escribas ofereciam diferentes "pacotes" para os clientes escolherem. Eles poderiam ter poucos ou muitos feitiços em seus livros, dependendo de quanto e como eles poderiam pagar. Bunson escreve: "O indivíduo pode decidir o número de capítulos a serem incluídos, os tipos de ilustrações, e a qualidade dos papiros usados. O indivíduo foi limitado apenas por seus recursos financeiros".

A partir do Novo Reino através da dinastia Ptolomaica (323-30 AC) O Livro dos Mortos

foi produzido desta maneira. Ele continuou a variar na forma e tamanho até 650 AC, quando foi fixado em 190 feitiços uniformes, mas ainda assim, as pessoas podem adicionar ou subtrair o que quisessem do texto. Um Livro dos Mortos da dinastia Ptolomaica, que pertencia a uma mulher chamada Tentruty teve o Texto das Lamentações de Isis e Nephthys ligados a ele, o que nunca foi incluído como parte do Livro dos Mortos. Outros exemplares do livro continuaram a ser produzido com mais ou menos feitiços dependendo do que o comprador poderia pagar. No entanto, existe uma magia que cada cópia parece ter tido, foi Feitiço 125.

Feitiço 125

Feitiço 125 é o mais conhecido de todos os textos do Livro dos Mortos. As pessoas que estão familiarizados com o livro, mas que têm uma menor familiaridade com a mitologia egípcia, sabe o feitiço, mesmo sem perceber. Feitiço 125 descreve o julgamento do coração do falecido pelo deus Osíris, na Sala da Verdade, uma das imagens mais conhecidas do antigo Egito, embora o deus com suas escalas da verdade nunca é descrito no texto. Como era vital que a alma passasse no teste da pesagem do coração, a fim de ganhar o paraíso, saber o que dizer e como agir diante de Osíris, Thoth, Anubis, e os quarenta e dois juízes foi considerada a informação mais importante que o falecido poderia chegar com ela.



Livro dos Mortos de Tayesnakht

Quando uma pessoa morre, eles são guiados por Anubis para a Sala da Verdade (também conhecida como O Corredor de Duas Verdades), onde eles irão fazer a Confissão Negativa (também conhecida como A Declaração de Inocência). Esta foi uma lista de 42 pecados que a pessoa poderia dizer honestamente que eles nunca tinham cometido. Uma vez que a confissão negativa foi feita, Osíris, Thoth, Anubis, e os quarenta e dois juízes iriam conferir, se a confissão foi aceita, o coração do falecido foi então pesado na balança contra a pena branca de Ma'at, a pena da verdade. Se o coração foi encontrado para ser mais leve que a pena, a alma iria para o paraíso; se o coração estivesse mais pesado, ele seria jogado no chão, onde seria devorado pelo monstro deusa Ammut e a alma deixaria de existir.

O Feitiço 125 começa com uma introdução para o leitor (a alma): "O que deve ser dito quando chegar a esta Sala da Justiça, purga [nome da pessoa] _____ de todo o mal que ele fez e vendo os rostos dos deuses." A magia começa então muito claramente dizendo a alma exatamente o que dizer quando encontrar Osíris:

"Saudações a você, Grande Deus, Senhor de Justiça! Eu vim para você, meu senhor, para você pode trazer-me para que eu possa ver a sua beleza, eu sei que você e eu sabemos seu nome, e sei os nomes dos quarenta e dois deuses daqueles que estão com você neste Sala da Justiça, que viveram aqueles que apreciaram o mal e que engoliram seu sangue naquele dia do acerto de contas de pessoas na presença de Wennefer [outro nome para Osíris]. Eis o duplo filho das cantoras; Senhor da Verdade é o seu nome. Eis que eu vim a ti, eu trouxe-lhe a verdade, eu tenho repelido a mentira para você. Eu não fiz a falsidade contra os homens, eu não empobreci meus companheiros, não tenho feito nada de errado no Lugar da Verdade, eu não aprendi o que não é..."

Após este prólogo, a alma em seguida fala a Confissão Negativa, e é questionada pelos deuses e os quarenta e dois juízes. Neste ponto, foi necessária certa informação muito específica, a fim de ser justificada pelos deuses. Uma, se precisava saber nomes diferentes dos deuses e ao que eles foram responsáveis, mas também se precisava saber detalhes como os nomes das portas do quarto e o piso que era preciso atravessar; e era precisava saber os nomes dos próprios pés. Como a alma respondeu a cada divindade com a resposta correta, eles iriam ouvir a resposta, "Você nos conhece; passe por nós" e poderia continuar. Em um ponto, a alma deve responder ao chão sobre os pés da alma:

"Eu não vou deixar que você pise em mim", diz o piso da Sala da Justiça.

"Por que não? Eu sou puro."

"Porque eu não sei os nomes de seus pés com os quais você pisa em mim. Diga seus nomes para mim."

"Imagem secreta de Rá é o nome do meu pé direito; 'Flor de Hathor' é o nome do meu pé esquerdo."

"Você nos conhece; entre por nós."

O feitiço conclui com o que a alma deve estar vestida quando atende o julgamento e como se deve recitar o feitiço:

O procedimento correto nesta Sala da Justiça: Um deve proferir este feitiço puro e limpo, e vestido com roupas brancas e sandálias, com o olho pintado de tinta preta e ungido com mirra. Não será oferecido a ele carne e aves, incenso, pão, cerveja e ervas, quando você colocar este procedimento escrito em um chão limpo de ocre, coberto com terra sobre o qual nenhum suíno ou pequenos gados pisaram.

Após isso, o escriba que escreveu o feitiço felicita-se por um trabalho bem feito e garante o leitor que ele, o escrivão, irá florescer assim como seus filhos para sua parte por fornecer o feitiço. Ele vai fazer o bem, diz ele, quando ele próprio trata do julgamento e serão "se assegurara com os reis do Alto Egito e os reis de Baixo Egito, e ele estará na suíte de Osíris. Um milhão de vezes na verdade." Para fornecer o feitiço, o escriba precisa ser considerado parte do funcionamento interno da vida após a morte, e assim terá com certeza uma recepção favorável no submundo e passagem para o paraíso.



Livro dos Mortos de Aaneru

Para a pessoa média, até mesmo o rei, toda a experiência foi muito menos certa. Se um deles respondeu a todas estas perguntas corretamente, e tinha um coração mais leve que a pena da verdade, e se um conseguiu ser gentil com o grosseiro Divino Ferryman, que iria remar com as almas através do Lago Lily, iria encontrar a si mesmo no paraíso. O Campo Egípcio de Palhetas (às vezes chamado de Campo de Ofertas) foi exatamente o que se tinha deixado para trás na vida. Uma vez lá, a alma se reunia com entes queridos e até mesmo com animais de estimação. A alma veria uma imagem da casa que sempre conheceu com exatamente o mesmo quintal, mesmas árvores, mesmos pássaros cantando na noite ou de manhã, e isso iria ser apreciado por toda a eternidade na presença dos deuses.

Outros Feitiços e Equívocos

Havia um grande número de deslizes que a alma poderia cometer, no entanto, entre a chegada a Sala da Verdade e o percurso de barco para o paraíso. O Livro dos Mortos inclui feitiços para qualquer tipo de circunstância, mas não parece que um foi garantido para sobreviver a estas voltas e reviravoltas. O Egito tem uma longa história e, como em qualquer cultura, as crenças mudaram com o tempo, mudou de volta, e mudou novamente. E cada detalhe descrito acima foi incluído na visão de todas as épocas da história egípcia. Em alguns períodos, as modificações são menores, enquanto, em outros, a vida após a morte é vista como uma perigosa jornada em direção a um paraíso que é apenas temporário. Em alguns pontos na cultura o caminho para o paraíso era muito simples, após a alma ser justificada por Osíris, enquanto em outros, os crocodilos podem frustrar a alma, ou curvas na estrada revelam-se perigosas, ou demônios parecem enganar ou até mesmo atacar.

Nestes casos, a alma precisava de feitiços para sobreviver e alcançar o paraíso. Feitiços incluídos no livro incluem títulos como "Para Repelir Um Crocococodilo Que Vem Para Devorar", "Para Conduzir Uma Cobra", "Para Não Ser Comido Por Uma Cobra No Reino da Morte", "Para Não Morrer Outra Vez No Reino Dos Mortos","Para Ser Transformado Em Um Falcão Divino","Para Ser Transformado Numa Lotus", "Para Ser Transformado Em Uma Fênix", e assim por diante. Os períodos de transformação tornaram-se conhecidos através de alusões populares para o livro, em produções de televisão e cinema que resultaram na compreensão equivocada de que O Livro dos Mortos é uma espécie de livro mágico do tipo de Harry Potter, e do tipo de trabalho que antigos egípcios utilizavam para rituais místicos. O Livro dos Mortos, como se referiu, nunca foi usado para transformações mágicas na terra; as magias só trabalhavam na vida após a morte. A alegação de que o Livro dos Mortos era algum tipo de texto de feiticeiro é tão errado e sem fundamento como a comparação com a Bíblia.


Livro dos Mortos de Tayesnakht

O Livro Egípcio dos Mortos também não é como o Livro Tibetano dos Mortos, embora essas duas obras são muitas vezes bem equiparadas. O Livro Tibetano dos Mortos (nome real, Bardo Thodol, em tradução livre "Grande Liberação Através da Audição"), é uma coleção de textos a serem lidos a uma pessoa que está morrendo ou morreu recentemente, e permite que a alma saiba o que está acontecendo passo passo. A semelhança partilhada com o trabalho egípcio, é que ele se destina a confortar a alma e conduzi-la para fora do corpo, e para a vida após a morte. O Livro Tibetano dos Mortos, é claro, lida com um sistema de cosmologia e crença completamente diferente, mas a diferença mais significativa é que ele é projetado para ser lido pelos vivos com os mortos; não é um manual para os mortos a ser recitado. Ambas as obras têm sofrido com os rótulos "Livro dos Mortos", que tanto atrai a atenção de quem acredita serem chaves para o conhecimento ou obras do diabo que devem ser evitadas; eles realmente não são. Ambos os livros são construções culturais concebidas para tornar a morte uma experiência mais gerenciável.

Os feitiços em todo o Livro dos Mortos, não importam o que era, os textos foram escritos ou coletados, onde se prometeu uma continuação de sua existência após a morte. Assim como na vida, houve ensaios e havia voltas inesperadas no caminho, áreas e experiências que devem ser evitadas, amigos e aliados para cultivar, mas eventualmente, a alma poderia esperar ser recompensada por viver uma vida boa e virtuosa. Para aqueles deixados para trás na vida, os feitiços teriam sido interpretados como as pessoas nos dias de hoje que lêem horóscopos. Horóscopos não são escritos para enfatizar pontos ruins de uma pessoa, nem são lidos para se sentir mal sobre si mesmo. Da mesma forma, os feitiços foram construídos de forma que alguém ainda vivo poderia lê-los, pensar em seu amado em vida após a morte, e se sentir seguro de que eles tinham feito o seu caminho com segurança até o Campo de Junco.

Por Joshua J. Mark - Artigo original publicado @
http://www.ancient.eu/Egyptian_Book_of_the_Dead/

O faraó depois de mumificado só poderia ser enterrado por outro governante, fato sucessório que mostra que quando um faraó morre e está sofrendo o processo de mumificação, o próximo governante era escolhido. Ao enterrar o faraó morto faz o mesmo ritual que Hórus ao sepultar Osíris, garantindo assim a legitimidade do trono.

CAPITULO XXXV- A DIVINIZAÇÃO DO RIO NILO

o fácil compreender os motivos de sua divinização, chamando-se-lhe de Hâpi e celebrando-se, continuamente, sua ação benéfica. Antiga oração dizia mesmo:

"Salve Nilo, ó tu que te mostraste nesta terra, e que vens em paz para dar a vida ao Egito! Deus oculto! Tu dessedentas a terra por tôda a parte, caminho do céu que desce", para assim terminar após denominá-lo de "amigo dos pães", "senhor dos peixes", "produtor da cevada": "Ele bebe as lágrimas de todos os olhos, e prodigaliza perante os servidores do norte a abundância de seus bens".

A fertilidade ensejada pelo Nilo, ligada ao acentuado espírito religioso dos egípcios, limitava o horizonte geográfico desses últimos. "Preocupavam-se mais com assuntos e problemas internos, dispõe AROLDO DE AZEVEDO (O Mundo Antigo, São Paulo, 1965, p. 13), sem levar muito em conta o que se passava para além de suas fronteiras naturais".

Ano após ano a morte e a ressurreição de Osíris foram relembradas em diversos rituais; no Egito preserva-se uma festa denominada a Noite da Lágrima. Ela ocorre em junho, portanto é conhecida como Festival Junino de Lelat-al-Nuktah.

Nesta tradição, mantida pelo povo árabe, revive-se o enlace de Geb e Nut, ou seja, da Terra e do Firmamento, e o surgimento de sua descendência, que inclui Ísis e Osíris, além de seus irmãos, que assim totalizam nove deuses, a famosa Enéada, que teve seu princípio com a Divindade criadora originária.

Ela é a primogênita do deus da Terra, Geb, e da divindade que rege o Cosmos, Nut. Seu irmão Osíris se torna seu marido, com o qual ela concebe Hórus, deus do firmamento, inebriado de energia solar. O outro irmão, Seth, responsável pelos desertos, se transforma no principal inimigo do casal.

Seth invejava profundamente a sorte de Osíris, que tinha como missão governar a terra, mais especificamente o Egito, e assim teve a oportunidade de transmitir aos homens conhecimentos preciosos sobre agricultura e o trato com os animais. Segundo a mitologia egípcia, Osíris é traído por Seth, morto e esquartejado por esta divindade que é associada à essência do mal.

Ísis, desesperada, consegue reunir todos os membros do marido, com exceção do genital masculino, trocado por um órgão de ouro. Ela o ressuscita graças aos seus dotes mágicos e ao seu poder da cura. Logo depois eles concebem Hórus, que vai à revanche matando Seth.

Ísis é exatamente assim, zelosa com todos, sejam escravos ou nobres, pecadores ou santos, governantes ou governados, homens ou mulheres. Ela olha por todos com o mesmo empenho protetor, a mesma solicitude, exercitando assim sua natureza radicalmente maternal e fértil.

Por muito tempo esta deusa foi venerada como a representação maior da essência materna e da esposa perfeita, além de velar também pelo reino natural, portanto, por todas as dimensões da existência. Ela era vista igualmente como um símbolo do que há de mais singelo, dos que morrem e daqueles que nascem. **Uma mitologia tardia atribui às cheias do Rio Nilo, que ocorriam uma vez por ano, as lágrimas derramadas por Ísis pela perda de seu amado.**

Ano após ano a morte e a ressurreição de Osíris foram relembradas em diversos

rituais; no Egito preserva-se uma festa denominada a Noite da Lágrima. Ela ocorre em junho, portanto é conhecida como Festival Junino de Lelat-al-Nuktah.

Nesta tradição, mantida pelo povo árabe, revive-se o enlace de Geb e Nut, ou seja, da Terra e do Firmamento, e o surgimento de sua descendência, que inclui Ísis e Osíris, além de seus irmãos, que assim totalizam nove deuses, a famosa Enéada, que teve seu princípio com a Divindade criadora originária.

Juntos, Ísis e Osíris simbolizavam a realeza do Egito. Ela representava o trono no qual despontava o poder real do marido. O culto desta deusa foi de grande importância na Antiguidade, especialmente no Império Romano, no qual ela obteve muitos discípulos. Hoje a arqueologia comprova este fato, e é possível encontrar vestígios de templos e monumentos piramidais em todas as partes de Roma.

Na Grécia este ritual atingiu antigos espaços sagrados em Delos, Delfos e Elêusis, e se desenvolveu particularmente em Atenas. Seus discípulos se espalharam também pelos territórios gauleses, na Espanha, na Arábia Saudita, em Portugal, na Irlanda e na própria Grã-Bretanha.

CAPITULO XXXVI - UMA VISÃO RESUMIDA DO EGITO ANTIGO

Egito era uma terra ultra-religiosa, prenhe de politeísmo. Cada cidade, grande ou pequena, tinha sua própria deidade local, que levava o título de "Senhor da Cidade". Uma lista encontrada no túmulo de Tutmés III contém os nomes de cerca de 740 deuses. (Êx 12:12) Freqüentemente, o deus era representado como casado com uma deusa que lhe dera um filho, "formando assim uma divina tríade ou trindade, em que o pai, ademais, nem sempre era o chefe, contentando-se, vez por outra, com o papel de príncipe consorte, ao passo que a deidade principal da localidade permanecia sendo a deusa". (New Larousse Encyclopedia of Mythology [Nova Enciclopédia Larousse de Mitologia], 1968, p. 10) Cada um dos deuses principais morava num templo não franqueado ao público. O deus era adorado pelos sacerdotes que o despertavam toda manhã com um hino, banhavam-no, vestiam-no e "alimentavam-no", e prestavam-lhe outros serviços. (Contraste isso com o Sal 121:3, 4; Is 40:28.) Nisso, os sacerdotes eram, pelo que parece, considerados como atuando quais representantes do Faraó, que se cria ser ele mesmo um deus vivo, o filho do deus Rá. Esta situação certamente enfatiza a coragem demonstrada por Moisés e Arão ao comparecerem perante Faraó, a fim de lhe apresentar o decreto do verdadeiro Deus, e aumenta o significado da resposta desdenhosa de Faraó: "Quem é Jeová, que eu deva obedecer à sua voz?" — Êx 5:2.

Apesar da grande quantidade de material arqueológico desenterrada no Egito na forma de templos, estátuas, pinturas religiosas e escritos, conhecem-se relativamente poucos fatos sobre as reais crenças religiosas dos egípcios. Os textos religiosos apresentam um quadro muito incompleto e fragmentário, em geral omitindo tanto ou mais do que incluem. Grande parte do entendimento da natureza dos seus deuses e das suas práticas baseia-se em dedução ou em dados providos por escritores gregos, tais como Heródoto e Plutarco.

No entanto, a falta de unidade de crença é evidente, uma vez que as diferenças regionais continuaram por toda a história egípcia, e resultaram num emaranhado de lendas e mitos, freqüentemente contraditórios. Para exemplificar, o deus Rá era conhecido por 75 nomes e formas diferentes. Apenas umas poucas, falando-se em sentido relativo, dentre as centenas de deidades parecem ter recebido adoração numa base realmente nacional. A mais popular dentre elas era a trindade ou tríade composta de Osíris, Ísis (sua esposa) e Hórus (seu filho). Daí, havia os deuses "cósmicos", liderados por Rá, o deus-sol, e incluindo deuses da lua, do céu, do ar, da terra, do rio Nilo, e assim por diante. Em Tebas (a Nô bíblica), o deus Amom era bem destacado, e, com o tempo, foi-lhe concedido o título de "rei dos deuses", sob o nome de Amom-Rá. (Je 46:25).

Nas épocas festivas (Je 46:17), os deuses eram levados em desfiles pelas ruas das cidades. Por exemplo, quando a imagem-ídolo de Rá era carregada pelos seus sacerdotes numa procissão religiosa, o povo fazia questão de estar presente, esperando obter assim algum mérito. Julgando que sua simples presença era um

cumprimento de suas obrigações religiosas, os egípcios achavam que Rá, por sua vez, tinha a obrigação de continuar a fazê-los prosperar. Voltavam-se para ele apenas em busca de bênçãos e prosperidade materiais, jamais solicitando algo de natureza espiritual. Há numerosas correspondências entre os deuses principais do Egito e os de Babilônia, a evidência favorecendo Babilônia como a fonte e o Egito como o seu recebedor ou perpetuador.

Esta adoração politeísta não exerceu nenhum efeito benéfico ou edificante sobre os egípcios. Conforme observado pela Encyclopædia Britannica (Enciclopédia Britânica, 1959, Vol. 8, p. 53): "Maravilhosos mistérios, abrigando ocultamente profundas verdades, lhes são atribuídos pela imaginação clássica e moderna. Dispunham, naturalmente, de mistérios, como os achantis ou os ibos [tribos africanas]. É um erro, porém, imaginar que tais mistérios abrigassem a verdade, e que houvesse uma 'fé' oculta por trás deles." Na realidade, a evidência disponível mostra que a mágica e a superstição primitiva eram elementos básicos da adoração egípcia. (Gên 41:8) A mágica religiosa era empregada para prevenir doenças; o espiritismo era destacado, havendo muitos "encantadores", "médiuns espíritas" e "prognosticadores profissionais de eventos". (Is 19:3) Usavam-se contas, amuletos e talismãs de "boa sorte", e escreviam-se encantamentos mágicos em pedaços de papiro amarrados no pescoço. (Veja De 18:10, 11.) Quando Moisés e Arão realizaram atos miraculosos pelo poder divino, os mágicos e feiticeiros sacerdotais das cortes de Faraó se exibiram em reproduzir tais atos por meio das artes mágicas, até que se viram obrigados a admitir seu fracasso. — Êx 7:11, 22; 8:7, 18, 19.

Adoração de animais. Muitos dos deuses mais destacados eram regularmente representados com corpo humano e cabeça de animal ou de ave. Assim, o deus Hórus era representado com cabeça de falcão; Tot, com cabeça de íbis, ou de macaco. Em alguns casos, considerava-se que o deus estava realmente encarnado no corpo do animal, como no caso dos touros Ápis. O touro Ápis vivo, considerado como a encarnação do deus Osíris, era mantido num templo, e, ao morrer, recebia um requintado funeral e sepultamento. A crença de que alguns animais, tais como o gato, o babuíno, o crocodilo, o chacal e diversas aves eram sagrados em virtude de sua associação com certos deuses, resultou em os egípcios mumificarem literalmente centenas de milhares desses animais, enterrando-os em cemitérios especiais.

Sem dúvida, foi o fato de tantos animais diferentes serem venerados numa ou noutra parte do Egito que deu força e persuasão à insistência de Moisés em que se permitisse a Israel ir ao ermo para oferecer seus sacrifícios, dizendo ele a Faraó: "Suponhamos que sacrificássemos algo detestável para os egípcios, diante dos seus olhos; não nos apedrejariam?" (Êx 8:26, 27). Parece que a maioria dos sacrifícios mais tarde realmente ofertados por Israel teriam sido altamente ofensivos para os egípcios. (No Egito, o deus-sol Rá era às vezes representado por um bezerro nascido da vaca celestial.) Por outro lado, conforme mostrado sob DEUSES E DEUSAS, Jeová, com as Dez Pragas sobre o Egito, executou

julgamentos em "todos os deuses do Egito", causando-lhes grande humilhação, ao passo que tornava Seu próprio nome conhecido em todo o país. — Êx 12:12.

Crenças a respeito dos mortos. De notável destaque, na religião egípcia, era a preocupação com os mortos, e a solicitude em assegurar o bem-estar e a felicidade da pessoa depois da "mudança" da morte. A crença na reencarnação ou na transmigração da alma era uma doutrina que permeava tudo. Cria-se que a alma era imortal; todavia, cria-se que o corpo humano também tinha de ser preservado, a fim de que a alma pudesse retornar e usá-lo ocasionalmente. Por causa desta crença, os egípcios embalsamavam seus mortos. O túmulo em que se colocava o corpo mumificado era considerado como o "lar" do falecido. As pirâmides eram colossais residências dos mortos da realeza. As necessidades e os luxos da vida, inclusive jóias, roupa, mobília e suprimentos de alimento, eram estocados nos túmulos para serem usados no futuro pelo falecido, junto com feitiços e encantamentos escritos (tais como o "Livro dos Mortos"), para dar aos falecidos proteção contra os espíritos maus. (FOTO, Vol. 1, p. 437) No entanto, tais encantamentos nem sequer os protegiam dos ladrões humanos de túmulos que, com o tempo, saquearam virtualmente todo túmulo principal.

As mais conhecidas realizações da arquitetura egípcia são as pirâmides construídas em Gizé, pelos faraós Cufu (Quéops), Khafre e Menkure, do que é classificado como a "Dinastia IV". A maior delas, a de Cufu, tem uma base que abrange cerca de 5,3 ha, com o topo a uns 137 m de altura (o equivalente de um moderno edifício de 40 andares). Calcula-se que se usaram 2.300.000 blocos de pedra, pesando em média 2,3 toneladas métricas cada um. Os blocos foram talhados com tanto cuidado, que se ajustavam entre si com uma margem de milímetros. Construíram-se também templos colossais; um deles, em Carnac, em Tebas (a bíblica Nô; Je 46:25; Ez 30:14-16), era a maior estrutura colunar já construída pelo homem.

A *circuncisão* era uma prática regular entre os egípcios, desde tempos antigos, e a Bíblia os alista junto com outros povos circuncidados. — Je 9:25, 26.

A *educação* parece ter consistido primariamente de escolas para escribas, administradas pelos sacerdotes. Além de os escribas reais serem peritos na escrita egípcia, eles estavam também cabalmente familiarizados com o cuneiforme aramaico; já em meados do segundo milênio AEC, governantes vassalos, na Síria e na Palestina, comunicavam-se regularmente em aramaico com a capital egípcia. A matemática egípcia achava-se suficientemente desenvolvida para permitir as estupendas façanhas de construção já mencionadas, e algum conhecimento de geometria e dos princípios algébricos é evidente. Pode-se notar que "Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios". (At 7:22) Embora houvesse muita sabedoria falsa no Egito, também havia disponível conhecimento de valor prático.

Governo e lei giravam em torno do rei ou faraó, considerado como deus em forma humana. Ele governava o país por meio de subordinados, ou ministros, e mediante chefes feudais, cujo poder, em tempos de fraqueza régia, rivalizava com o do rei. É possível que esses últimos maiorais fossem deveras encarados pelos

sob o seu domínio como virtuais reis, explicando assim a menção bíblica de "os reis [plural] do Egito", nas referências a tempos específicos. (2Rs 7:6; Je 46:25) Após a conquista egípcia da Núbia-Etiópia, ao S, a região foi governada por um vice-rei chamado "o filho do rei de Cus", e há também evidência dum vice-rei egípcio na Fenícia.

Não se conhece propriamente nenhum código de lei do Egito; leis existiam, mas, pelo visto, eram apenas decretos reais, como aqueles de Faraó a respeito do trabalho dos israelitas de fabricar tijolos e a ordem de afogar todos os recém-nascidos meninos israelitas. (Êx 1:8-22; 5:6-18; compare isso com Gên 41:44.) Impunham-se impostos a todas as safras de proprietários de terra, e isto parece ter tido início nos dias de José, quando todas as terras, exceto as dos sacerdotes, tornaram-se propriedade de Faraó. (Gên 47:20-26) Os impostos não só incluíam parte dos produtos ou do gado, mas também trabalho nos projetos governamentais e serviço militar. A punição por crimes incluíam o decepamento do nariz, o exílio para trabalho em minas, espancamentos com varas, encarceramento e morte, freqüentemente por decapitação. — Gên 39:20; 40:1-3, 16-22.

Os costumes de *casamento* permitiam a poligamia e casamentos entre irmão e irmã, sabendo-se desta última prática em alguns lugares do Egito até o segundo século EC. Sabe-se de certos faraós que se casaram com sua irmã, evidentemente porque nenhuma outra mulher era considerada suficientemente sagrada para as núpcias com tal "deus vivente". A Lei dada aos israelitas, depois de terem saído do Egito, proibia casamentos incestuosos, declarando: "Não deveis fazer assim como faz a terra do Egito . . . [nem] como faz a terra de Canaã." — Le 18:3, 6-16.

O antigo conhecimento de *medicina,* dos egípcios, tem sido muitas vezes apresentado como bastante científico e avançado. Embora haja evidência de certo conhecimento de anatomia, e se tenham desenvolvido e catalogado certos métodos de cirurgia simples, também se revela muita ignorância. Assim, ao passo que um texto de papiro, egípcio, fala do coração como ligado por vasos com todas as partes do corpo, o mesmo texto apresenta os vasos, não como transportando sangue, mas ar, água, sêmen e muco. Não havia somente um mal-entendido fundamental sobre a função do corpo vivo, mas os textos de medicina são muito dosados com magia e superstição; feitiços e encantamentos mágicos constituem a maior parte desta informação. Os remédios não somente incluíam ervas e plantas benéficas, mas também prescreviam ingredientes tais como sangue de camundongo, urina, ou excremento de moscas, os quais, junto com os feitiços, "destinavam-se a expulsar pela pura repugnância o demônio que possuía o corpo do homem". (*History of Mankind* [História da Humanidade], por J. Hawkes e Sir Leonard Woolley, 1963, Vol. I, p. 695) Esta falta de entendimento pode ter contribuído para algumas das "moléstias malignas do Egito", que provavelmente incluíam elefantíase, disenteria, varíola, peste bubônica, oftalmia e outros padecimentos; Israel podia obter proteção contra estes pela fiel obediência. (De 7:15; compare isso com De 28:27, 58-60; Am 4:10.) As medidas higiênicas

impostas aos israelitas após o Êxodo estão em dramático contraste com muitas das práticas descritas nos textos egípcios. — Le 11:32-40;.

Os *ofícios* egípcios abrangiam as coisas costumeiras: cerâmica, tecelagem, metalurgia, a fabricação de jóias e de amuletos religiosos, bem como muitas outras habilidades. (Is 19:1, 9, 10) Já por volta de meados do segundo milênio AEC, o Egito era centro da fabricação de vidro. — Veja Jó 28:17.

Os *transportes* no país giravam em torno do rio Nilo. Os ventos prevalecentes vindos do N ajudavam os barcos a vela a subir o rio, ao passo que os barcos procedentes do S eram levados pela correnteza. Além desta principal "via", havia canais e umas poucas estradas, levando, por exemplo, para cima a Canaã.

O comércio internacional com outros países africanos era realizado por caravanas e por navios no mar Vermelho, ao passo que grandes galeras egípcias levavam cargas e passageiros a muitos portos do mar Mediterrâneo oriental.

A *vestimenta* egípcia era simples. Os homens, durante grande parte da primitiva história, usavam apenas uma espécie de avental, com pregas na frente; mais tarde, apenas os das classes mais humildes deixavam a parte superior do corpo despida. As mulheres usavam uma longa camisola bem ajustada, com alças, sendo a vestimenta freqüentemente de linho fino. Era costumeiro andar descalço, um dos possíveis fatores da prevalência de certas doenças.

Pinturas egípcias mostram os homens de cabelo curto ou rapado, e bem barbeados. (Gên 41:14) O uso de cosméticos era comum entre as mulheres.

Os *lares* egípcios variavam desde as simples cabanas dos pobres até as espaçosas vilas dos ricos, cercadas de jardins, pomares e lagoinhas. Visto que Potifar serviu como oficial de Faraó, seu lar provavelmente era uma bela vila. (Gên 39:1, 4-6) A *mobília* variava desde banquinhos simples até elaboradas cadeiras e leitos. As casas de tamanho maior em geral eram construídas em volta dum pátio aberto. (Veja Êx 8:3, 13.) Sovar a massa de farinha e cozinhar costumavam ser feitos no pátio. O *alimento* da maioria dos egípcios provavelmente era pão de cevada, hortaliças, peixes (abundantes e baratos; Núm 11:5) e cerveja, a bebida comum. Aqueles que se podiam dar ao luxo disso acrescentavam diversos tipos de carne à sua alimentação. — Êx 16:3.

Os *militares* egípcios manejavam as armas costumeiras daquele tempo: arco e flecha, lança ou dardo, maça, acha e adaga. Carros puxados a cavalo desempenhavam um grande papel nas suas guerras. Embora a armadura para proteger o corpo parece ter tido pouco uso nos tempos primitivos, mais tarde passou a ser usado também o capacete, com freqüência com plumas. De modo que a profecia de Jeremias (46:2-4) fornece uma descrição exata dos militares egípcios no sétimo século AEC. Grande parte do exército parece ter sido formada de recrutas dentre o povo; em tempos posteriores, empregavam-se regularmente tropas mercenárias de outras nações. — Je 46:7-9.

Para os Antigos egípcios a terra negra simbolizava o local onde habitavam. Kemi significava terra negra, pois era assim denominavam a terra que ficava, enegrecida depois das cheias do rio Nilo. E assim também era a cor das múmias após serem preparadas com natrão.

Por isso eles denominavam sua terra de Kemi, que Ocidente o batizou de Egito antigo.

Como se sabe foram os gregos que iniciaram as primeiras narrativas sobre a história do Egito Antigo. Ficaram maravilhados com os costumes e as tradições desta sociedade. Por isso muitos termos e conceitos que sabemos da sociedade egípcia, vêm da visão que os gregos tinham do Egito. Por exemplo, a palavra hieróglifo, que vem do grego "hiero", sagrado e "glifos", a escrita. Tentar utilizava vários conceitos empregados pela sociedade que se ira estudar, é preciso, pois ela amplia o nível de compreensão da civilização que se deseja analisar. Sabendo que nem uma tradução das escritas antigas é perfeita, caberá a este trabalho uma cautela especial nas analises dos textos religiosos como aos textos considerados profanos à sociedade do Egito Antigo.

Na concepção mítica dos antigos egípcios, o homem é apresentado como um microcosmo, isto é, um determinado organismo vivo, cuja imagem estaria localizada no frmamento, o espaço ocupado por uma divindade que representa o macrocosmo, isto é, o universo concebido como um organismo vivo. Cada um dos membros humanos se encontraria no céu empíreo acima do Zodíaco, em áreas alocadas a outros 36, ou 12 deuses. Isto se interpreta literalmente no sentido de cada membro do corpo humano possuir uma peça sobressalente no macrocosmo, situado no frmamento. Assim cada membro do corpo existiria separadamente no frmamento antes de ser constituído como parte integrante do corpo terrestre de um indivíduo, isto é, a preexistência do corpo. Após a morte, cada uma das partes do corpo juntamente com a alma retornaria para o frmamento.

A MORADA DOS DEMONIOS PARA OS EGÍPCIOS

O grande rio era, para os egípcios, **a imagem do bem** que contrastava com o mal, **representado pelos desertos**, onde os hebreus colocavam a morada dos demônios,

A MANUTENÇÃO DA EXISTENCIA

Os egípcios antigos precisavam viver de acordo com Maat— equilíbrio, harmonia, justiça, respeito e verdade— caso isso não acontecesse haveria o estabelecimento do caos. Com isso, a manutenção da ordem do estado egípcio se dava por conta da manutenção do divino. O caos aqui era a não ordem, o domínio do deus Seth. Para Jan Assman (2006, p.34) esse conceito é chamado de religião invisível, onde o princípio da harmonia universal que se manifesta nos cosmos como

ordem e na vida dos seres humanos como justiça. Esses conceitos servem para expressar o significado total da ordem no maior plano de abstração. O rei é responsável por manter as regras de Maat na vida terrena, ou seja, sem ele haveria o caos. Cada centro religioso importante localizado ao longo do território egípcio possuía a sua cosmogonia, com seu deus criador e seus mitos. Em alguns casos, essas eram conflitantes. Muitos de seus deuses estão relacionados a fatores ambientais, tanto palpáveis como abstratos. No caso, deuses como Rê, Shu, Tefnut, Geb, Nut e Kuk e Kauket (escuridão). Contudo, antes de ocorrer a criação, foi preciso a presença de três poderes, que eram a energia necessária para essa concepção: Hu (palavra divina), Heka (magia ou energia divina) Sai (conhecimento divino) (SHAFER,2002).

ENÉADE E FETICHISMO

Os egípcios antigos agrupavam seus deuses em enéades, nove deuses; ogdóade, oito deuses e trindades, geralmente pai, mãe e filho. Esse agrupamento, assim como o ato dos deuses casarem, servia para formar a essência mitológica da religião. Essa divisão seria uma maneira de segmentar o imaginário e conceber uma organização mais próxima de sua lógica palpável.

A enéade Heliopolitana era formada pelos seguintes deuses que fazem parte do mitode criação do Mundo de Heliópolis: Atum, Shu, Tefnut, Geb, Nut, Osíris, Isis, Seth e Néftis. De acordo com diversos textos até hoje encontrados há várias versões de como o Mundo foi criado. Pode-se dizer que a mais comum é aquela em que o Grande deus Atum surge do Nun, o Oceano Primordial, e, após um ato de masturbação, ejacula e nesse momento nascem Shu (que representa o ar) e Tefnut (a umidade). Shu e Tefnut geram Geb (a terra) e Nut (o céu). Os deuses Geb e Nut geram dois filhos e duas filhas Seth, Osíris, Ísis e Néftis. O céu e a terra são separados porque eles se casaram sem a aprovação do deus Rê e, por ordem desse deus, eles nunca mais se encostariam. No entanto, à noite eles se encontravam, criando assim as trevas. O deus Shu, quando Rê abandona a vida terrena, assume seu lugar frente ao governo egípcio e, após preparar a paz e estabilidade, abdica de seu cargo em favor de seu filho Geb. A deusa Nut era também considerada a mãe do Sol, aquela que todos os dias pela manhã o vomitava e depois o engolia como forma de proteção.

Características como dualidade, o hermafroditismo, a bissexualidade, a masturbação ao modelo atúnico e a cópulas, estão presentes em varias divindades do Egito (ARAÚJO, 2000, p.35-48). Vemos em fragmento de textos, que outros deuses são invocados pelos sacerdotes a fazerem ações tal como os deuses da criação. Como exemplo: “O Nilo corre como seu suor vivo e fecunda os campos. Ele agita o seu falo para inundar as duas terras com aquilo que ele criou”. Em alguns relatos da mitologia do Egito faraônico, como é notório que entre os divinos existia o incesto entre irmão, mas também a relatos de incesto de filho e mãe. OSÍRIS E ÍSIS: A RECONSTITUIÇÃO DO FALO DIVINO

Esta é a terceira geração de pares divinos, nesta etapa do mito, que acontecerá no plano terreno, serão os deuses de organização do plano divino. É o quarteto de deuses mais singulares em todo o Egito Antigo. Osíris, sua irmã e esposa Ísis, os outros dois irmãos que também formam o casal são; Seth e sua esposa e irmã Néftis, sendo esta ultima de função mais apagada se comparada a sua irmã Ísis (MYSLIWIEC, 2004, p.55-56).

Porém há relatos de que Osíris teve um envolvimento secreto com a outra deusa, a sua irmã Néftis, esposa de Seth, o estéril. E desta cópula nasceu o deus Anúbis.12 Anúbis foi abandonado por sua mãe que temia a ira de Seth, a criança acabou sendo encontrada e cuidada por Ísis. Isso fez aumentar ainda mais a rivalidade que existia entre Osíris e Seth pelo poder no Egito (NOBLECOURT, 1994, p.40).

Outra característica que se pode nos perceber entre os primeiros casais divinos são os relatos de bigamia. Mas, a partir da terceira geração de deuses, é possível ver que quanto mais aumentava o numero de divindades, as tentações do mundo terreno se atrelam aos divinos, como é o caso de Seth, divindade criada para sua esposa Néftis. Porém não foi o suficiente, Seth logo tratou de desposar outras "amantes"; eram Anat e Astarté. (MEEKS, 1996, p.105). Já Osíris e Isis formaram o casal mais emblemático de todos os contos mitológicos espalhados pelo Egito Antigo. Existem vários relatos que contam o mito destas divindades. Além dos relatos descritos pelos próprios egípcios, existem os escritos de Plutarco. Nestes relatos existe uma ordem semelhante, apenas divergindo no final da narrativa (JAMES, 1978, p.22).

Esta lenda inicia no momento da sua criação no mundo, quando já no ventre, Osíris e Isis se amavam. Ao nascer Seth casou-se com Néftis e Osíris com Ísis, porém Osíris foi eleito rei da terra. Seth, sentido inveja do irmão e tramou logo o fim da vida do irmão. Este foi colocado dentro de um caixão e jogado ao Nilo, Ísis encontrou Osíris, mas Seth despedaça o corpo de seu irmão e o espalha por varias localidades do Egito (JAMES, 1978, p. 30).

Ísis procurou as partes do corpo de seu esposo por todo o reino, auxiliada por sua irmã Néftis, a esposa de Seth. Neste ponto nos textos se contradizem, alguns relatos, a deusa Ísis havia resgatado todas as partes do corpo de Osíris, menos o seu falo, o qual foi engolido por um peixe oxirrinco. A magia desta deusa logo substituiu o falo de Osíris, o que possibilitou a cópula em que Hórus fosse concebido por Ísis e Osíris. (NOBLECOURT, 1994, p.42-43).

IDENTIFICAÇÃO DOS REIS COM OS DEUSES

O Estado Oriental, de modo geral, se caracterizava pela filiação e identificação dos reis aos deuses, razão pela qual exerciam aqueles um poder despótico e indisputável amparados na casta sacerdotal, embora, com elas, por vêzes, disputassem. Mesmo princípio prevalecia para principais Estados, como a Pérsia (em cujas satrapias se pode imaginar como um dos germes do federalismo), Assíria e Caldéia. Pelo Código de HAMURABI, pode se comprovar esse princípio de ascendência divina, ou separação/escolha real por DESÌGNIO da divindade:

"Quando o alto Anu, Rei de Anunaki e Bel, Senhor da Terra e dos Céus, determinador dos destinos do mundo, entregou o governo de toda humanidade a Marduk... quando foi pronunciado o alto nome da Babilônia; quando ele a fez famosa no mundo e nela estabeleceu um duradouro reino cujos alicerces tinham a firmeza do céu e da terra - por esse tempo de Anu e Bel me chamaram, a mim, Hamurabi, o excelso príncipe, o adorador dos deuses, para implantar a justiça na terra, para destruir os maus e o mal, para prevenir a opressão do fraco pelo forte... para iluminar o mundo e propiciar o bem-estar do povo. Hamurabi, governador

escolhido por Bel, sou eu, eu o que trouxe a abundância à terra; o que fez obra completa para Nippur e Durilu; o que deu vida à cidade de Uruk; o que supriu água com abundância aos seus habitantes; (....) O que tornou bela a cidade de Borsippa;... o que enceleirou grãos para a poderosa Urash;... o que ajudou o povo em tempo de necessidade; o que estabeleceu a segurança na Babilônia; o governador do povo, o servo cujos feitos são agradáveis a Anunit".

Era tamanho o respeito dos egípcios por seu rei, que não o designavam pelo nome.

Faraó significava palácio, residência do soberano, o qual, por uma figura de retórica, passou a ser chamado por aquele nome

Egito e china

DAWSON que, verticalmente, estudou a China antiga, deixa claro que "o Imperador, Filho do Céu, era o Senhor do calendário sagrado e todo o culto estatal era baseado na coordenação ritual entre a ordem social e a ordem cósmica, harmonia manifestada por intermédio do céu."

Também, na índia, a ordem social estava jungida à ordem cósmica que, por sua vez, dependia do sacrifício ritual. Inexistindo, também nela, a especificidade do político, compreende-se como êsse estava mesclado com diversas formas de comportamento, num impreciso sincretismo cultural

O OURO E OS EGÍPCIOS

Já entre os egípcios, a predominância do ouro é facilmente observável e seu simbolismo absolutamente coerente fez com que esse metal, acima de todos os outros, estivesse, de maneira constante, presente na arte e na joalheria desse povo. Grande parte dos objetos nessa civilização era artisticamente trabalhada no metal dourado, que representava, sobretudo, a nobreza, o sol, o deus Rá. Em decorrência disso, as técnicas de ourivesaria utilizadas atingiram um grau assaz elevado de aperfeiçoamento, com a fundição e a soldagem por fusão, como afirma Gola (2013). As pedras predominantes, entre outras, como as turquesas e lápis-lazúli, eram frequentemente esmaltadas, possibilitando assim o colorido de sua joalheria, ainda de acordo com Gola (2013, p.39), que testifica: "Para esse povo, o ouro representava o poder do sol – a divindade máxima [e, para o faraó Akhenaton, única] do mundo dos vivos. Já as pedras lápis-lazúli, turquesa e cornalina, pela cor, significavam o céu, o mar e a terra, respectivamente". Diel (1991) também ressalta o valor expressivo do metal entre os egípcios, como símbolo solar e ascensional.

CULTURAS AGRÍCOLAS

Entre as principais culturas egípcias estão as dos cereais o triticum dicoccum, espécie de trigo e cevada; as leguminosas - lentilha e grão- de-bico; cebolas, alho; frutas, especialmente as tâmaras, forragem para animais, e plantas cultivadas para extração de óleo - o sésamo. O Egito também produz e exporta o linho, mais

tardiamente, o papiro e, excepcio- nalmente, o ouro existente ao sul, a partir de Coptos

O NILO

A distribuição interna de bens no Egito é basicamente fluvial. Isso é possível ante a permanente brisa que sopra sobre o Nilo, mesmo que o ar pareça imóvel sobre as terras do vale e do deserto (BETRÔ, 1995:220). A imagem de uma vela branca enfunada pelo vento é a representação natural da idéia de vento na escrita hieroglífica. Os mercadores, informa James, sobem e descem o rio, ativos como abelhas. (JAMES, 1985: 248). É natu- ral que em um país constituído por um vale estreito e um longo rio, este torne-se a principal via de comunicação (Adolf Erman). Isso se expressa através dos termos disponíveis na escrita hieroglífica mais específicos para indicar atividades comerciais no Egito: seguir a corrente e descer contra a corrente (ERMAN, 1971:478).

Os produtos comerciados devem ser úteis ao poder real, desde mate- riais brutos - incenso, especiarias, óle os, marfim, madeiras para navios, cedro e acácia para esculturas, ébano; pedras duras, lápis-lazúli, turque- sas; manufaturas-, instrumentos musicais, lira e flautas, armas, objetos de ouro e prata, navios, carruagens; animais: touros, avestruzes, panteras, babuínos e, até mesmo, pessoas: os pigmeus

AS TERRAS DISTANTES – A IDÉIA DE TERRA DIVINA

A ligação entre o Egito e o Mar Vermelho pode ser vista, então, corno um dos aspectos mais atraentes da rota do deserto oriental. É extrema- mente importante analisar as diferentes denominações que os antigos egípcios dão a essa região: Terra Divina - Oriente - Levante. Todas elas possuem uma conotação semelhante à que possui a palavra Levante nos tempos modernos - local exótico e atraente . Punt 8 é o nome dado a uma parte dessas terras, situada em lugar não determinado e que provavelmente corresponde à posição da Eritréia ou Somália, no chamado Chifre da África, de onde provêm inúmeros artigos exóticos, de luxo , como o incen- so·e a mirra9 (BAINES,1996 :20). É provável que a denominação Terra Divina refira, na origem do uso, simplesmente a posição geográfica - o Oriente - como o local onde o deus Rá aparece diariamente. Em linguagem comercial o termo é provavelmente aplicado ao deserto montanhoso, entre o Nilo e o Mar Vermelho, a península do Sinai, e também, sem dúvida, ao norte e o centro da Arábia. Punt também significa a mais tropical das costas do Mar Vermelho, o sul da Arábia e a costa da Somália.
Não há nenhuma dúvida de que os egípcios desde tempos remotos contatem com essa Terra Divina. Lá se localizam as pedreiras de Hammamat e pela região passa o caminho que leva ao Mar Vermelho, minas do Sinai e aos países do incenso. Há referências de que no tempo de Sneferw, na IV dinastia, os tesoureiros dos deuses e seus funcionários subordinados viajem nessa via pela rota de Qosêr.
No campo político, os egípcios estiveram organizados através da formação dos nomos. Os nomos eram pequenas parcelas do território egípcio administradas por um nomarca. Tempos mais tarde, esses vários nomos estavam centralizados sob o poderio de um imperador. No ano de 3200 a.C., Menés, o governante do Alto Egito, promoveu a subordinação de 42 nomos, dando início ao Império Egípcio.

Em síntese, muito antes que os navegadores da modernidade , os Egípcios constroem um mito em tomo do oriente - lugar mágico, onde o sol nasce e onde há um número grande de coisas importantes e raras, que lhe conferem o caráter de terra divina (ERMAN, 1971: 505). Tal concepção, explica Erman, é comum em vários momentos da história. Os povos na antigi.iidade costumam imaginar que os países distantes, de onde vêm coi- sas preciosas, são habitados por criaturas extraordinárias. Eles acham di- fícil acreditar que as especiarias, por exemplo, provenham de plantas co- muns. Questionam que as preciosas e raras pedras preciosas se asseme- lhem a seixos.

UM CONTO SOBRE UMA TERRA DIVINA

Um único papiro preservado no Museu de St. Petersburgo, conheci- do como O Papiro de Leningrado, que data provavelmente do Médio Im- pério, contém um texto muito importante para esta apresentação. Trata-se de um conto que, à semelhança da literatura de cordel, contém uma série de nami.tivas (ERMAN, 1971:508).

Em síntese, o papiro nan-a um desastre que se transforma em suces- so. Há um narrador que explica o início da história a quem Erman refere como um funcionário faraônico que relata o sucedido quando ele viaja para as minas do faraó, em um navio com 20m de comprimento, equipado com 150 dos melhores marinheiros egípcios, "que sabiam do céu e da terra, e nos quais o coração era mais sábio que o de um leão ." Diz que a previsão do tempo, no momento inicial da viagem, é boa, mas, no meio do mar, levanta uma ventania e formam-se ondas muito altas. O funcionário explica que, seguro em um pedaço de madeira, ele se toma o único sobre- vivente dessa tempestade. Ele dá conta de si em uma ilha, depois de três dias boiando sozinho no mar. Deita em uma moita e vê tudo escuro até que, descansado, busca alimentos e encontra todos os tipos de plantas e frutas, figos, uvas, melões, peixes e pássaros. Nada era procurado. O funcionário se sacia, repousa e faz um buraco onde acende o fogo e faz ofe- rendas aos deuses. De repente, conta o narrador, ele ouve um barulho de trovão, que pensa ser o ressoar de uma onda; as árvores tremem, a terra sacode. Ele levanta o rosto e vê uma víbora imensa. Ela tem o corpo in- crustado de ouro e suas cores são intensas como lápis-lazúli. O funcioná- rio joga-se aos pés dela e a serpente pergunta:

"- Quem vos trouxe aqui? - Quem vos trouxe aqui? - Quem vos trouxe aqui?

E ameaça:

-Se você não me responder quem trouxe você, eu vou lhe mostrar quem você é.

Sem dar tempo para respostas, a serpente toma o egípcio na boca, carrega-o para sua toca , o coloca-o no chão delicadamente e pergunta de novo:

- Quem vos trouxe para aqui?

O funcionário, em posição de mesura, conta para a serpente tudo sobre a viagem, o naufrágio e tudo o mais. A serpente diz:

Não tenha medo, pequeno. Não.fique com a face ansiosa. Se você está aqui é por vontade de Deus que preservei sua vida. Esta é a ilha espiritual, onde não se deseja nada, e onde tem todas as coisas boas. Veja, você pode ficar aqui um mês após o outro, até que você tenha gasto quatro meses de sua vida nesta ilha. Então, um barco virá com marinheiros de.fora deste país, e você pode voltar para o seu. (...) (ERMAN , 1971:508-509).

A serpente, informa o narrador, explica que conversar é bom, ajuda a mandar longe os tempos maus, e espontaneamente conta que vive na ilha com seus irmãos e filhos, formando ao todo 75 serpentes com os filhos. Solidariza-se com o egípcio pela sua situação e avisa que, com paciência, ele pode sonhar em abraçar seus filhos, sua esposa e ver sua terra e casa novamente, com todas as coisas boas. O narrador conta que, após essa fala, ele se joga aos pés da serpente, e promete o envio de óleos sagrados pelo faraó do Egito como recompensa pelo tratamento bondoso que ela concede a um humano estrangeiro, porém a serpente ri com o discurso e responde:
"- Na verdade, vós não sois rico em mirra, nem em incenso comum. Eu, entretanto, possuo mirra. O óleo heken, que você menciona, é raro nesta ilha. Mas não se preocupe em mandá-lo. Assim que você deixar esta ilha e
partir para o seu País, não verá jamais esta ilha novamente: ela vai ser transformar em água ." (ERMAN, 1971:509).

O narrador encerra o conto com o barco que chega para buscá-lo no tempo previsto pela serpente. O funcionário finalmente parte da ilha e leva com ele presentes preciosos: mirra, incenso, óleos, madeiras, peles de pantera, presas de elefantes, galgos, macacos e outras coisas preciosas. Há, ainda, um terceiro e importante registro sobre a estada dos Egípcios nas Terras dos odores que agradam aos deuses, dessa vez do Reino Novo. Com Hatsepsut (1473-1458 a.C.), os egípcios fazem inúmeras conquistas, do Eufrates ao Nilo Azul, o que toma o Egito um ponto central entre a Ásia e a África oriental. Um dos eventos mais importantes desse reinado é a expedição que Hatsepsut manda a Punt, via Mar Vermelho. Até então, o Egito recebe quantidades mínimas de aromas, eventualmente impuros, porque misturados com outras substâncias, através de mercadores que fazem longas caravanas pelos desertos sudaneses. A expedição, organizada no 7/8º- ano de Hatsepsut, visa trazer uma grande quantidade da resina sagrada e, sobretudo, árvores de incenso vivo que permitem ao Templo de Amon o auto-abastecimento. A expedição busca expressamente o Oliban, árvore de difícil identificação atualmente, e outros produtos como o ébano, gomas, resinas, frutas e minerais: ouro, electrum e o kohol, inicialmente usado para proteção dos olhos contra os insetos, e depois como cosmético.
A expedição era composta de cinco navios, com cerca de 20 metros de comprimento, 35 remadores e gigantescas velas, que se sobressaíam como asas além das laterais dos navios. Como não diferiam das embarcações que navegam no Nilo, supõe-se que não tinham condições de enfren- tar as águas turbulentas do Mar Vermelho e que fizeram navegação de cabotagem. Cada navio levava 210 homens, 30 remadores, 8 guardas e 1 oficial. Também levava grandes jarros que contêm cerveja, vinho, carnes, frutas e pães, provisões perecíveis que não se sabe como eram conserva- das. Antes da partida dos navios são realizados sacrifícios na praia, perto das árvores, onde os barcos estavam atracados, em homenagem à deusa Hathor, A senhora de Punt, aquela que pode mandar o vento.
O aspecto de Punt, com a luxuriante vegetação tropical provavel- mente produz com suas palmeiras, as tamareiras e coqueiros um efeito extraordinário nos egípcios. A fauna é típica da África: gado com cornos longos, girafas, rinocerontes, símios, panteras e leopardos. Os grandes de Punt vêm ao encontro da expedição - Parakhon e sua mulher Aty, seus filhos, uma menina e um rapaz. A figura da rainha fica legendária pela sua obesidade. Eles oferecem presentes de origem animal aos egípcios: gado africano com os cornos longos, ovos e plumas de avestruzes, cachorros semelhantes a galgos, babuínos ou pequenos símios, panteras e leopardos, e peles de leopardo. Os egípcios, em troca, ofertam colares

vistosos de ouro, contas de cerâmica, braceletes, machado, adaga e coldre (MARTINEZ, 1993: 85).
Todas as coisas são empilhadas no navio. Os macacos podem brincar em liberdade. Os barcos voltam vergados com os tesouros de Punt, belas plantas da Terra Div ina, com pilhas de incenso, árvores de mirra, ébano e puro marfim; ouro; madeiras perfumadas; vários tipos de incenso e pig- mentos; babuínos, macacos e galgos; peles de pantera do sul, além de escravos e seus filhos.
Tebas recebe o espólio em triunfo. O que causa maior admiração são as três árvores de incenso ainda em crescimento. Isso é novidade no Egito e quando Tutmés III sobe ao poder, ele também recebe uma árvore de incenso, em crescimento. Ramsés III manda seus grandes navios aos paí- ses do "grande mar de águas revoltas" - o sul da Arábia. E as árvores de incenso são novamente consideradas as melhores coisas do espólio que a expedição traz da Terra Divina e de Punt (ERMAN, 1971:514).
Em conclusão, o comércio do Egito com os países do incenso deixa poucas influências de grande efeito a longo prazo. Entretanto, a busca de coisas especiais para suas rotinas e cerimoniais leva os egípcios a empreitadas grandiosas, através de desertos e mares, confere-lhe um lugar especial na história e situa-o entre os que, na mode rnidade, chegam a novos continentes. Ao contrário do que normalmente se afirma sobre os antigos egípcios, eles são, com toda a certeza, elementos efetivos e ativos na bus- ca milenar da humanidade pelo raro. (Margaret Marchiori Bakos)

Os quarenta Nomos, aproximadamente, existentes no primitivo Egito e oriundos da união de gens, e que tinham denominações tiradas dos animais (Chacal, Monte das Serpentes, etc.) foram, unidos por MENÉS que se tornou, ainda, Rei do Alto e do Baixo Egito. Esses Nomos, governados por um Nomarca, tinham vida própria e independente, guerreavam-se mutuamente e adoravam deuses locais, cujo culto era, muitas vêzes, exportado pelas guerras vencidas. As lutas armadas eram, no fundo, batalhas em que os deuses pelejavam através de seus crentes. Sendo assim, é fácil deduzir como a importância dos deuses dependia do sucesso político que, por sua vez, nêles se apoiava. O Egito, mesmo unificado, jamais se apartaria de um federalismo religioso, representado, então, pelo papel de suas grandes cidades, oscilando a sua história, entre a união e a desunião políticas.
Os deuses não eram, indistintamente, adorados em tôda a nação. "Cada Nomo, assim como tinha a sua dinastia, lembra CANTU (op. cit. vol. 1.0 , p. 281), tinha a sua divindade regional, que era uma das formas e possuía um dos nomes do Deus único". A observação final provém do fato de transparecer certa unidade de Deus no politeísmo egípcio, através do culto da Deusa-Mãe, divindade primordial, relacionada com a fôrça fecundante, de onde tudo emanava, e com a própria vida. Deus-terra e Deusa-celeste representavam-nos, respectivamen-te, a serpente e o pássaro. Divindade agrícola, acompanhavam-na animais e era adorada, em forma vegetal, na "Arvore da Vida". Como tal, era, em conseqüência, a deusa do amor, da morte (pelo re- tôrno do homem à terra) e da guerra. Como diz MEDEIROS FALCÃO, "estamos diante de variados aspectos da Deusa-Mãe, sem que isso implique qualquer alteração de sua figura una". Essa deusa é quem irá informar e fornecer atributo às divindades femininas e masculinas, exportando-se inclusive para outros países. Nekhbet, Hathor, tsis, Osíris etc. têm indiscutíveis qualidades da Deusa-Mãe que, permanecendo como um resíduo mágico, associou-se às demais divin- dades. O monoteísmo, às vêzes, nada mais é que um -politeísmo hie- rarquizado, como se percebe.

Os novos deuses que vossos pais não conheceram – Serápis.

“Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus; a seres que não têm o poder de Deus, a deuses desconhecidos, divindades que surgiram recentemente, às quais jamais vossos antepassados prestaram adoração.”

Sob Ptolomeu Sóter diversos esforços foram feitos para integrar a religião egípcia com a de seus soberanos helênicos. A política de Ptolomeu consistiu em encontrar uma divindade que conquistasse a reverência dos dois grupos étnicos do país, a despeito das maldições imprecadas pelos sacerdotes egípcios contra os deuses dos antigos soberanos estrangeiros (como o deus Seth, que foi louvado pelos hicsos). Alexandre, o Grande havia tentado usar Amon para este propósito, porém este deus era mais cultuado no Alto Egito, e não tinha tanta popularidade entre os habitantes do Baixo Egito, onde havia maior influência grega.

Os gregos tinham pouco respeito por figuras com cabeças de animais, e portanto uma estátua antropomórfica, no estilo grego, foi escolhida como ídolo, e proclamada oficialmente como equivalente o deus egípcio Ápis, extremamente popular.[3] Foi chamado inicialmente, em egípcio, de Aser-hapi (ou seja, Osíris-Ápis), que se tornou Serápis; era tido como sendo o deus Osíris em sua totalidade, e não apenas a sua Ka (força vital).

OS MISTÉRIOS DE OSIRIS

Os Mistérios de Osíris foi o evento religioso mais importante do ano no antigo Egito. Foi celebrado em todas as grandes cidades, incluindo Thonis-Heracleion e Canopus , onde até os gregos que viviam nessas cidades participaram.

Ele reencenou o assassinato e renascimento de Osíris, deus egípcio do submundo. Osiris era um dos deuses mais importantes e populares do antigo Egito. Acreditava-se que todos os faraós descendem dele, como encarnações vivas do filho de Osíris, Horus. Osiris presidiu o tribunal do submundo, oferecendo a promessa de vida após a morte para os falecidos que eram "justificados" aos olhos dos deuses. Ele também foi associado com a fertilidade e a regeneração anual da natureza.

Osiris, sua irmã-esposa Isis, e seu filho Hórus formaram uma família sagrada, adorada em todo o Egito e além. Eles se tornaram cada vez mais populares durante o primeiro milênio aC. Anualmente, em todas as cidades-templos do Egito, o deus era celebrado neste importante festival religioso.

Os Mistérios de Osíris ocorreram entre os dias 12 e 30 do mês de *Khoiak* (meados de outubro a meados de novembro), quando o Nilo recuou, depositando solo fértil pronto para ser semeado. Todos os anos, duas figuras de Osíris eram preparadas pelos sacerdotes no segredo do templo. Uma era feita de grãos de terra e cevada, e a outra era feita de ingredientes caros, incluindo pedras semipreciosas moídas. Estas figuras sagradas foram levadas em procissão até o seu lugar de descanso final no final das celebrações rituais.

CAPITULO XXXVII – SEUS CAVALOS SÃO CARNE E NÃO ESPÍRITO

Isaías 19: 3. Os egípcios perderão a coragem; eu lhes destruirei a estratégia. Consultarão os seus ídolos, encantadores, necromantes e feiticeiros.

As Escrituras dividem em quatro áreas principais a religião mágica do Egito.

Isaías 19: 8. E os pescadores gemerão, todos os que lançam anzol ao Nilo lamentarão, e os que estendem rede sobre as águas desfalecerão. - Almeida Século 21

Esse texto auxilia a reconhecer migrações egípcias e sua presença na etnografia dos povos

Isaías 19: 11. Na verdade, os príncipes de Zoã são tolos; os mais sábios conselheiros do faraó dão conselhos insensatos. Como direis ao faraó: Sou filho de sábios, filho de reis antigos?

Duas coisas legitimavam as tradições mágicas e sacerdotais do Egito, a descendência de antigos sábios ou magos, que já eram conselheiros dos soberanos e faraós da antiguidade e pelo que parece, alguns desses conselheiros forma filhos de faraós que não assumiram a posição de reis, tornando-se, no entanto, um grupo da nobreza, que perpetuou uma tradição. O texto reflete que os magos egípcios ostentavam uma tradição de descenderem de antigos faraós. Invocavam DIGNIDADE real para seus cargos de conselheiros.

12. Onde estão agora os teus sábios? Anunciem-te agora e te façam saber o que o SENHOR dos Exércitos determinou contra o Egito.

Os magos conheciam as profecias que foram emitidas pelos profetas. Eram hábeis linguistas e traduziam do hebraico para o egípcio os vaticínios proféticos. Não havia uma escola profética ou profetas no Egito. Aquilo era uma classe "nova" de gente mágica. O uso de uma "palavra capaz de mudar reinos" era como entendiam o mistério da "palavra criadora" de sua divindade primordial. Os magos sabiam "maldizer" e lançar maldições, fazer encantamentos para evitar a má sorte, aos espíritos malignos, as pragas, rezas de proteção, mas a arte de "abençoar" e de "profetizar" era uso da "palavra criadora" isso era coisa de divindades. Como os povos da antiguidade os egípcios tentavam ler sinais celestiais para se orientarem politicamente, socialmente, religiosamente. Eclipses, meteoros, movimento dos astros. No mais, se algum necromante trouxesse uma mensagem que contivesse uma profecia, ou tentar prever eventos futuros através de SONHOS. Essa questão de "palavra profética" era muito delicada para eles. Os egípcios tinham mais medo das profecias de um profeta hebreu em atuação, reconhecido pelos seus contemporâneos com portador da palavra divina, do que das maldições e feitiços contidos nas pirâmides. O "assim diz o Senhor" era algo que lhes causava espanto e admiração. E se a profecia falasse mal de faraó? E se vaticinasse o FIM DO EGITO?

13. Os príncipes de Zoã tornaram-se tolos, os príncipes de Mênfis estão enganados; os chefes de tribos fizeram o Egito errar.

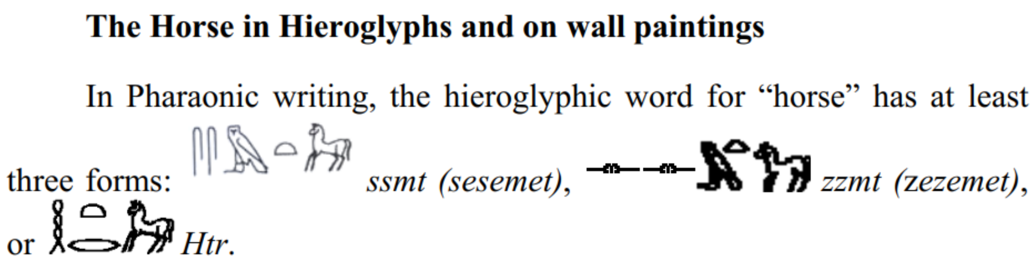
A teologia egípcia dependia dos astros. O zodíaco é criação egípcia ou babilonica. Porém eles usavam a "astronomia mágica" dependendo espiritualmente dela para decisões do estado do mesmo modo que necessitavam da astronomia para previsão dos meses de plantio, colheita, cheias do Nilo. E o zodíaco não lhes avisou que suas estratégias politicas e de guerra lhes conduziriam a um trágico desfecho.

14. O SENHOR derramou no meio deles um espírito de confusão; e eles fizeram o Egito errar em todas as suas obras, como o bêbado vai cambaleando no seu vômito. 15. Nada há que o Egito possa fazer, seja com a cabeça, seja com a cauda, quer com o ramo, quer com o junco.

A festa da cauda era um cerimonial que acontecia aos 30 anos de faraó e a partir daí de 4 em quatro anos com procissões nas quais ele representava o deus osíris, sua morte, ressurreição e rejuvenescimento. Era um dos rituais mágicos mais importantes do Egito que garantia a ele o direito ao trono, renovava o direito sucessório e unificava as crenças egípcias. Era seu ritual mais poderoso. Esse texto refere-se a 4 cerimoniais difentes dos egípcios. A coroação, a cabeça, com uma coroa múltipla que representava a autoridade sobre o alto e o baixo Egito, a festa da cauda, uma festa desconhecida que usava ramos, e a outra onde os juncos eram usados de forma mágica.

18. Naquele dia, cinco cidades do Egito falarão a língua de Canaã e farão juramento ao SENHOR dos Exércitos. Uma delas se chamará Cidade da Destruição. 19. Naquele dia, haverá um altar dedicado ao SENHOR no meio da terra do Egito e uma coluna ao SENHOR na sua fronteira. 20. Estes serão como sinal e testemunho ao SENHOR dos Exércitos na terra do Egito. Quando clamarem ao SENHOR por causa dos opressores, ele lhes enviará um salvador, que os defenderá e os livrará. 21. O SENHOR se fará conhecido no Egito; naquele dia, os egípcios conhecerão o SENHOR, o adorarão com sacrifícios e ofertas, farão votos ao SENHOR e os cumprirão. 22. O SENHOR ferirá os egípcios; ele os ferirá, mas também os curará. Eles se voltarão para o SENHOR, que ouvirá as suas súplicas e os curará. 23. Naquele dia, haverá uma estrada do Egito até a Assíria; os assírios virão ao Egito, e os egípcios irão à Assíria. Os egípcios adorarão com os assírios. 24. Naquele dia, Israel será o terceiro, junto com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra; 25. porque o SENHOR dos Exércitos os tem abençoado, dizendo: Feliz seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança.

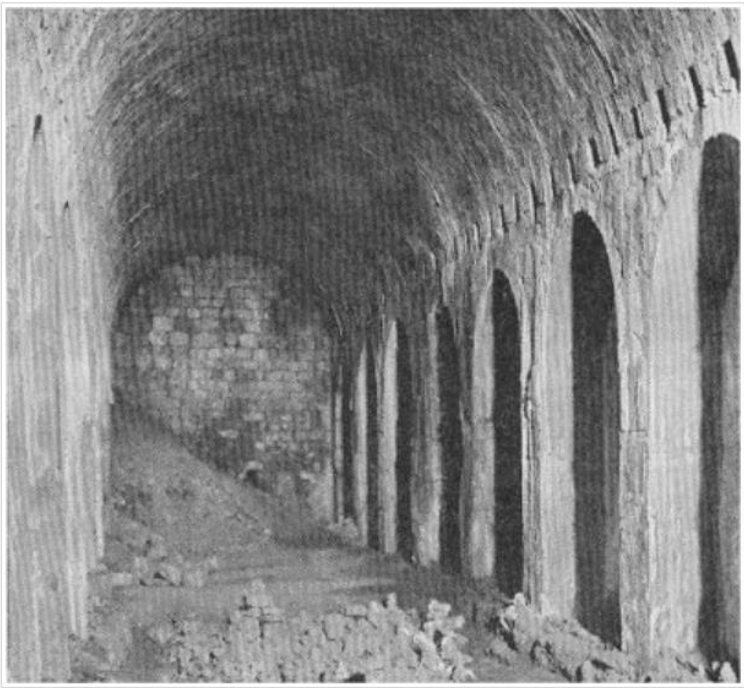
Isaías 31: 3. Os egípcios são homens, e não Deus; os seus cavalos são carne, e não espírito; e, quando o SENHOR estender a mão, tanto quem ajuda quanto quem busca ajuda tropeçará; ambos serão exterminados. - Almeida Século 21


The Horse in Hieroglyphs and on wall paintings

In Pharaonic writing, the hieroglyphic word for "horse" has at least three forms: *ssmt (sesemet)*, *zzmt (zezemet)*, or *Htr*.

O Cavalo em hieróglifos. Na escrita faraônica as palavras para "cavalo" possui basicamente três formas .

Uando Salomão constrói para si gigantescas cavalariças, ou estábulos demonstrando a "glória" de seu reino tem uma intenção clara. Suplantar a riqueza, a pompa, a glória egípcia. I Reis 4.26 Salomão possuía quatro mil baias para os cavalos dos seus carros de guerra e doze mil cavalos de cavalaria.



ESTÁBULOS DE SALOMÃO EM MEGIDDO 1890

A importancia do cavalo para o Egito: Um exemplo vem da antiga capital de Ramsés II. Durante uma campanha arqueológica, os estudiosos cavaram um estábulo para cavalos. Em 1999, uma equipe arqueológica egípcia, enquanto localizava a capital de Ramsés II, descobriram um impressionante estábulo para cavalos, foi encontrado na cidade de Piramesse (Per Ramses ou House of Ramses) de idade 3.300 anos, a 115 kms a nordeste do Cairo, em Qantir, uma aldeia agrícola na província de Sharqiya, no Delta do Nilo. O estábulo cobria quase dois hectares de terra e era subdividido em seis áreas rectangulares, cada uma com seu próprio portão, conectada a um vasto pátio. Cada área tinha 12 compartimentos para cavalos, 12 metros longo. O estábulo foi construído por Ramsés II para abrigar até 460 cavalos.

Os egípcios adoravam em ao deus semítico dos cavalos, no Novo Reino, Resheph. Ele era um deus da guerra e da tempestade, originalmente do sírio. Ele foi adorado no Egito na época da 18ª dinastia do Novo Reino. Seu nome Resheph também era escrito como Rahshaf, Resep, Rasap, Rashap, Reshef ou Reshpu cujo nome significa 'iluminação' ou 'chamas' em hebraico clássico. A sua aparência era retratada como um homem que usava a Coroa Branca do Alto Egito com uma cabeça de gazela na frente e fitas longas fumegantes na parte de trás da coroa.

Ele segura uma lança, ou machado, a foice e o cetro ou o ankh na mão. Às vezes, ele era representado por um homem com uma barba de estilo sírio. Ele frequentemente aparecia junto com Qetesh e Min. Resheph é o marido de Qadesh, a deusa semítica da natureza (da Síria) e pai de Min, deus da fertilidade. Ele também foi considerado como o marido de Itum em relação à sua capacidade ou poder para controlar doenças. Resheph tornou-se muito popular sob Amenhotep II durante a 18ª dinastia, onde era adorado como o deus dos cavalos e o protetor de realeza. No entanto, sua força para a destruição dos inimigos reais na batalha, se estendeu além dos círculos reais por seu poder de curar a doença das pessoas comuns.

Ele foi pensado para poder repelir o demonio 'akha' que causava dores abdominais. Resheph estava intimamente associado ao deus nativo da guerra egípcia, Monthu e com muitas outras divindades. Ele também era conhecido como "Senhor do céu", "Senhor da Eternidade", "Senhor dos Céus" ou "Governador de todos os deuses" e uma área do vale do Nilo foi renomeada como "Vale da Reshep"

Ezequiel 29: 14**. E restaurarei os egípcios do cativeiro,** e **os farei voltar à terra de Patros, à sua terra natal; e ali serão um reino humilde**; - Almeida Século 21

Ezequiel 30: 23. Espalharei os egípcios entre as nações e os dispersarei pelas terras. - Almeida Século 21

Ezequiel 16: 24. Ainda edificaste um prostíbulo e fizeste altares em todas as praças. 25. Edificaste o teu altar em cada canto do caminho e fizeste abominável a tua beleza; e te oferecias a todo que passava, e multiplicaste as tuas prostituições. 26. Também te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos, muito carnais; e multiplicaste a tua prostituição para me provocar à ira.

Ezequiel 16:
28. Também te prostituíste com os assírios, pois eras insaciável; mas mesmo prostituindo-te com eles, nem assim ficaste satisfeita. 29. Multiplicaste demais as tuas prostituições na terra do comércio, isto é, até na Babilônia, e nem com isso ficaste satisfeita. 30. Diz o SENHOR Deus: Como é fraca a tua vontade, fazendo todas essas coisas, agindo como uma prostituta desenfreada, 31. edificando o teu prostíbulo na esquina de cada caminho e fazendo o teu altar em cada rua! Não foste nem sequer como a prostituta, pois desprezaste o pagamento; 32. és como a mulher adúltera que, em lugar de seu marido, recebe os estranhos. 33. A todas as prostitutas se dá o pagamento, mas tu dás presentes a todos os teus amantes; tu os subornas para que venham a ti de todas as partes pelas tuas prostituições. 34. Nas tuas prostituições, és diferente de outras mulheres, pois ninguém te procura para prostituição; pelo contrário, dás o pagamento e não recebes nada. Tu fazes o contrário.

ANEXO CARPIDEIRAS

AS CARPIDEIRAS

Assim como a carpideira de Tecoa, contratada por Joabe, existiam muitas outras em Israel cujo ofício era hereditário, conforme Jeremias 9.20:

Ouvi, pois, vós, mulheres, a palavra do SENHOR, e os vossos ouvidos recebam a palavra da sua boca; ensinai o pranto a vossas filhas; e, cada uma à sua companheira, a lamentação.

As pranteadoras contratadas são chamadas de "mulheres hábeis" (*'iššâ hᵃkāmôt*):

Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Considerai e chamai carpideiras, para que venham; mandai procurar mulheres hábeis ('iššâ hᵃkāmôt), para que venham (Jr 9.17).

O termo *hᵃkāmôt* que é o plural feminino de *hᵃkāmâ* (sabedoria), significa "sábia", entretanto, à luz do contexto, não se trata de "mulheres sábias", tal qual traduzido pela Septuaginta (LXX) e seguido pela ARC, mas de "mulheres habilidosas". A TEB traduz por "melhores" (9.16), isto é, "melhores em sua arte", "em sua profissão", "hábeis na lamentação fúnebre". Brenner, comentando sobre a expressão em apreço afirma:

Uma carpideira profissional, portanto, tinha de aprender e ser versada na poesia peculiar à sua ocupação. A "sabedoria" das mulheres carpideira consistia em sua habilidade vocacional (isso surge da estrutura poética do versículo 16 [17]: "mulheres carpideiras" na primeira coluna do verso, comparadas com hᵃkāmôt, na segunda coluna). Portanto, o termo hᵃkāmôt, aqui deveria ser traduzido por "mulheres habilidosas", e não "mulheres sábias". [1]

As celebrações fúnebres costumavam durar cerca de sete dias (Gn 50.10). Essas profissionais permaneciam durante todo o tempo em que durasse o luto, a elegia. A habilidade das carpideiras não se circunscrevia apenas a chorar, mas eram também exímias endechadoras, especialistas em compor e cantar cânticos fúnebres. Atualmente, os cânticos fúnebres entoados pelas carpideiras são chamados de incelenças. Muitas endechas (canções fúnebres) se popularizaram tornando-se parlendas infantis, pelas quais as crianças brincavam nas praças (Mt 11. 16,17):

Mas a quem compararei esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: 'Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes.

As habilidades das carpideiras iam além do pranto e das endechas. Essas profissionais se aperfeiçoaram tanto em sua arte que aliavam a técnica do choro e do cântico fúnebre às artes cênicas. Eram especialistas em representar, encenar situações que visavam entre outras coisas ludibriar a outrem. As qualidades cênicas de algumas dessas mulheres são facilmente perceptíveis em 2 Samuel 14.1-24.

As carpideiras rituais egípcias: Entre a expressão de emoções e a encenação pública. A importância das lamentações fúnebres

Independentemente do tipo de interpretações que se possam produzir, mais antropológicas, mais metafísicas ou mais escatológicas, a morte era, no antigo Egipto como praticamente em todas as sociedades humanas, um momento de significativa disfuncionalidade existencial, tanto em sentido individual como em sentido comunitário, que provocava angústia, tristeza, desgosto e dor naqueles que sobreviviam ao defunto.
«Estar triste» (*nxrxr*, *nekherkher*) ou «fazer o luto» (*irj.Akb*, *iri-akeb*) foram estados e experiências que atingiram praticamente todos os Egípcios, de todas as camadas sociais, em todas as épocas.

A forma mais comum e mais natural de experienciar a morte de um familiar ou amigo para aqueles que lhe sobrevivem é o enorme sentimento de trágica perda provocado pela separação[1]. Heródoto, já numa época relativamente avançada da história egípcia (século VI a.C.), no *Livro II* da sua *História*, onde são feitas alusões, descrições e comentários sobre a organização religiosa, a religiosidade e os costumes rituais dos antigos Egípcios, alude aos costumes fúnebres egípcios, escrevendo: «*Com relação aos funerais e ao luto, os Egípcios procedem da seguinte forma: quando morre um alto funcionário, os elementos femininos da família cobrem-se de pó da cabeça aos pés, descobrem os seios, prendem as vestes com um cinto e, deixando o morto em casa, põem-se a percorrer a cidade, batendo no peito, acompanhadas dos demais parentes. Por sua vez, os homens desnudam também o peito e põem-se a bater nele. Terminada essa cerimónia, levam o corpo para embalsamar*» (II, 85).

Mesmo com as devidas reservas que algumas informações de Heródoto nos merecem, esta passagem deixa perceber claramente que os familiares, do sexo feminino e do sexo masculino, demonstravam publicamente no dia do funeral o seu desconforto pela perda do ente querido, através de algumas práticas codificadas, que a sociedade da altura entendia como manifestações de pesar e de tristeza. Muitas cenas pintadas e esculpidas em paredes tumulares egípcias ou pintadas em ilustrações de papiros, de épocas anteriores ao comentário de Heródoto, nomeadamente do Império Novo, mostram-nos que à participação directa dos familiares (nomeadamente viúvas, irmãs e filhas do defunto) se associavam amigos, conhecidos e serviçais[2].

Os seus gestos de dor e lamento são sugeridos pelas poses em que são representados. Entre lamentos, mais ou menos lancinantes, e orações fúnebres, a viúva, a irmã e/ ou a filha do defunto surgem habitualmente descalças, ajoelhadas, de cócoras, prostradas, de mãos sobre as cabeças ou erguidas em direcção ao céu, seios desnudados, com abundantes lágrimas escorrendo pelas faces. As vestes de linho que envergam estão frequentemente amarrotadas, vendo-se nesta expressão exterior um sinal claro das convulsões emocionais internas que percorria o círculo próximo do defunto. Em sinal de luto, atiram poeira sobre as suas cabeças. É um momento de profundo abatimento, de desalento contido e de comiseração. Expressam-se, assim, em público, as emoções íntimas dos familiares do morto.

Sem sermos exaustivos, servem-nos de referência para este quadro de encenação pública das emoções figurações e cenas do túmulo dos escultores Nebamon e Ipuki (TT 181), da XVIII Dinastia, em El-Khokha[3] e do túmulo de Roy (TT

255), em Dra Abu el- Naga[4], da mesma dinastia (reinado de Tutmés III)[5]. Cenas similares aparecem também retratadas em papiros funerários (ex. Papiro de Hunefer, EA9901,4 e 5; Papiro de Ani, BM EA 10470.6, ambos da XIX Dinastia). A morte é o momento privilegiado para expressões emocionais em público.

---

[1] Cf. Assmann, 2003, 214; Volokhine, 2008, 176.

[2] Cf. Taylor, 2001, 188; Volokhine, 2008, 183.

[3] Cf. PM, 1960, 287, 288.

[4] Cf. PM, 1960, 339.

[5] O quadro que apresentamos no final deste texto, organizado por ordem alfabética das necrópoles, agrupa todos os casos registados por Porter e Moss (PM, 1960) nos túmulos das necrópoles tebanas onde surgem representações de carpideiras. Excluímos, porém, desta síntese os casos referentes aos carpideiros masculinos.



Figs. 1 e 2. Lamentação da viúva, acocorada e de mão sobre a cabeça.

Túmulo dos escultores Nebamon e Ipuki (TT 181), El-Khokha, XVIII Dinastia (Fig. 1) e Túmulo de Roy (TT 255), Dra Abu el-Naga, XIX Dinastia (Fig. 2).

Nos funerais participavam também homens encarregados de puxar o sarcófago do defunto até junto do túmulo e de entoar cânticos e orações apropriadas ao momento. Eram chamados os «Nove Amigos», podendo tratar-se efectivamente de «amigos» (*semeru*) do morto ou tão só de seus serviçais[6]. Esta cena dos «Nove Amigos» nos cerimoniais funerários está patente em numerosos túmulos tebanos – em Cheikh Ab el-Gurna, nos túmulos de Huy/ Kenro (TT 54), de Ramose (TT 55), de Khaemhat (TT 57), de Menna (TT 69), de Horemheb (TT 78), de Amenemhat (TT 82), de Suemmut (TT 92), de Rekhmiré (TT 100), de Paser (TT 106), de Ahmose (TT 121) e de Merimaet (C4)[7]; em Dra Abu el-Naga, nos túmulos de Tituky (TT 15), de Amenmose (TT 19), de Mentuherkhepechef (TT 20), de Nakht (TT 161), de Roy (TT 255), de Siuser (A4) e de um desconhecido[8]; em Assasif, no túmulo de Ibi (TT 36)[9]; em El-Khokha, nos túmulos de Neferronpet (TT 178) e de dois Nebamon (TT 179 e TT 181)[10].

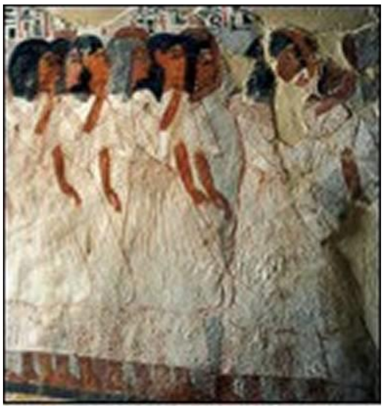


Fig. 3. Os «Nove Amigos» do defunto.

Túmulo de Roy (TT 255). Dra Abu el-Naga. XIX Dinastia.

Se, em termos simbólicos, o número «9» representa uma totalidade (neste caso, dos amigos do defunto), é interessante notar que, em certos casos, o número de elementos representados nas cenas é inferior: no caso dos túmulos de Puimré (TT 39), de Neferhotep

---

6 Cf. Teeter, 2011, 141, 145.

7 Cf. PM, 1960, 104, 108, 117, 138, 154, 165, 189, 212, 219, 235 e 448, respectivamente.

8 Cf. PM, 1960, 27, 33, 35, 274, 339, 448 e 259, respectivamente.

9 Cf. PM, 1960, 67

10 Cf. PM, 1960, 284, 285 e 287, respectivamente.

(TT 49), ambos em El-Khokha, surgem apenas quatro dos «Nove Amigos»[11]; no túmulo de Amenmopet (TT 276), em Gurnet Murai, só três arrastam o sarcófago do morto[12]. Ainda assim, os «amigos» representados cumprem as funções práticas, litúrgicas e simbólicas estipuladas para os rituais e recitações de transição para o Além[13].

Na procissão funerária não participavam só os familiares, os amigos e os conhecidos do defunto. Os cortejos e as cerimónias rituais públicas tinham também a participação empenhada, activa e insubstituível dos sacerdotes, seja os sacerdotes do *ka*, os sacerdotes-*sem* ou sacerdotes-*setem* (com vestes de peles de leopardo), seja os sacerdotes-leitores (*khery-hebet*), seja os sacerdotes purificadores-*uabu*, que com gestos e utensílios canónicos (ex.: *uer-hekau, pesech-kef,* vasos de libações, incensórios, etc.) se encarregavam de preparar e realizar as condições necessárias para a sobrevivência e vida eterna do morto no Além (cerimónia da abertura da boca, oferendas de alimentos, bebidas e flores)[14].

Muitas destas cerimónias eram efectuadas durante o próprio cortejo fúnebre ou junto às «moradas da eternidade» (*hut neheh* ou *per-djet*) ou «casa do *ka*» (*hut-ka*), o túmulo de cada defunto. São incontáveis as cenas tumulares e os papiros que representam estas figuras oficiais do culto funerário no exercício das suas mágicas funções[15]. A morte proporciona um momento organizado de execução pública dos ritos fixados pela tradição. No túmulo de Khonsu (TT 31), da XIX Dinastia, em Cheikh el-Gurna, vemos dois sacerdotes-*sem*, carecas, de sandálias e compridas vestes de linho branco encimadas com a pele de leopardo, manuseando a *uer-hekau*, ao mesmo tempo que fazem libações e fumigações em honra do defunto[16]. São seguidos por outro sacerdote-leitor (*khery-hebet*) que, pelo papiro desenrolado que segura, acompanha as cerimónias recitando ou entoando hinos de louvor. Competia-lhe recitar as fórmulas adequadas aos momentos específicos do ritual.

Cenas similares podem ser encontradas em praticamente todas as necrópoles de Tebas ocidental, por exemplo nos túmulos de Neferhotep (TT 216), em Deir el-Medina[17], de Userhat (TT 51), em Cheikh Abd el-Gurna[18], de Sennefer (TT 96), também em Cheikh Abd el-Gurna[19], de Neferronpet (TT 133), igualmente em Cheikh Abd el-Gurna[20], de Naktamun (TT 202), em El-Khokha[21], ou de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga[22]. Entre os papiros, cite-se apenas o *Livro dos Mortos* do escriba Nebqed, da XVIII dinastia, datado de c. 1400 a.C. (reinado de Amenhotep III). Trata-se de um papiro pintado, com um comprimento total de 6,30 m. e 31 cm de altura, hoje no Museu do Louvre (N 3068), em que na vinheta da cena do funeral vemos um sacerdote-*sem* realizando cerimónia da abertura do nariz, perante um sarcófago de pé, diante de uma fachada de um túmulo
ornamentada com cones funerários incisos na parede e com uma porta[23].

Além das figuras familiares e dos «oficiais do culto», há outras figuras imprescindíveis nas cerimónias associadas à morte: as carpideiras, *iAkbywt*, *iakebiut.* Verdadeiras «profissionais do lamento e do choro», as carpideiras estavam encarregues de

[11] Cf. PM, 1960, 73 e 91, respectivamente.

[12] Cf. PM, 1960, 353. Ainda assim, nesse caso, o «três» simboliza uma pluralidade (Cf. Hartwig, 2013, 72).

[13] Cf. Assmann, 2005, 328, 329.

[14] Cf. Teeter, 2011, 140-142

[15] Cf. Taylor, 2001, 189.

[16] Cf. PM, 1960, 48.

[17] Cf. PM, 1960, 314.

[18] Cf. PM, 1960, 98.

[19] Cf. PM, 1960, 199.

[20] Cf. PM, 1960, 249.

[21] Cf. PM, 1960, 305.

[22] Cf. PM, 1960, 339.

[23] Cf. http://cartelfr.louvre.fr/pub/fr/image/30201_e0023820.002.jpg.

marcar e enfatizar o lamento, a tristeza, a dor, o desespero, o choro, no fundo, a convulsão das emoções desencadeadas pela morte. Como figura incontornável do luto e da tristeza aparecem cedo nas representações fúnebres egípcias[24], mas o tema ganha particular desenvolvimento nos túmulos das necrópoles tebanas a partir da XVII Dinastia[25]. Embora tenham ganho preponderância socio-profissional, não havia apenas carpideiras no Egipto: há testemunhos claros, igualmente, da existência de grupos de homens «especialistas do choro», ou seja, carpideiros[26].

Cenas funerárias na mastaba de Idu (G 7102), da VI Dinastia (reinado de Pepi I), em Guiza, representam carpideiros em poses dramáticas, desesperados, contorcendo-se, ajoelhados, puxando os cabelos ou levando as mãos à cabeça[27]. Carpideiros masculinos estão também representados nos túmulos de Ankhmahor, da VI Dinastia, em Sakara[28], de Khabekhenet (TT 2), em Deir el-Medina[29] ou de

Sayemiotef (TT 273), em Gurnet Murai[30], da XIX Dinastia e do Período Raméssida respectivamente. Também no túmulo do vizir Nesipakachuty (reinado de Psamético I, Época Saíta) é possível encontrar, a par das especialistas femininas das lamentações, carpideiros-homens em acção[31]. Do mesmo reinado, em Assasif, há também carpideiros representados no túmulo de Ibi (TT 36). Em El-Khokha, há igualmente dois túmulos com homens chorando e lamentando-se na procissão fúnebre: o túmulo de Neferhotep (TT 49)[32] e o túmulo B 4 (Império Novo)[33]. Em Dra Abu el-Naga, nos túmulos de Amenemopet (TT 148) e de Hety (TT 151), as figuras de carpideiros integram-se também na procissão até ao túmulo do proprietário[34]. A necrópole de Cheik Abd el-Gurna, por sua vez, comtempla a cena de homens carpindo nos túmulos de Huy (TT 54), de Ramose (TT 55) e de Khaemhat (TT57)[35]. Também uma vinheta do *Livro dos Mortos* do escriba Ani (BM EA 10470.5) nos mostra, a par da ajoelhada Tutu, a chorosa esposa que, sobre o trenó de deslocação, acompanha o sarcófago deitado do seu marido, oito carpideiros masculinos que a acompanham, um deles com uma distintiva cabeleira branca, sugerindo a sua avançada idade[36].

---

[24] Citem-se, a título de exemplo, cenas nos túmulos de Sakara de Ankhmahor (sala 6) e de Mereruka (sala

13), da VI Dinastia, reinado de Teti I (Cf. PM, 1981, 514 e 532, respectivamente).

[25] Cf. Volokhine, 2008, 183.

[26] Cf. Taylor, 2001, 188, 189. Há, no entanto, quem defenda que a gestão da morte no que implica de lamentação e de choro é universalmente uma tarefa especialmente feminina, invocando os exemplos de cortejos de carpideiras femininas, da Antiguidade aos nossos dias (Cf. Volokhine, 2008, 184).

[27] Cf. Simpson, 1976, pl. XVIII-XIX; PM, 1974, 186.

[28] Cf. PM, 1981, 514.

[29] Cf. PM, 1960, 6.

[30] Cf. PM, 1960, 351

[31] Cf. PM, 1960, 388.

[32] Cf. PM, 1960, 92; Caillaud, 1831, pl. 58.

[33] Cf. PM, 1960, 456.

[34] Cf. PM, 1960, 260 e 261, respectivamente.

[35] Cf. PM, 1960, 194, 108 e 117, respectivamente.

[36] Cf. Budge, 1913, 243 e Plate 5.





Fig. 4. Cenas com carpideiros (dois registos superiores) e carpideiras (dois registos inferiores) na mastaba de Idu (G 7102), em Guiza, VI Dinastia (reinado de Pepi I).Fig. 5. Vinheta do Livro dos Mortos do escriba Ani (BM EA 10470.5): Tutu, a esposa de Ani, ajoelhada e chorosa sobre o trenó de deslocação e oito carpideiros masculinos integrados no cortejo fúnebre, um deles com uma distintiva cabeleira branca, sugerindo a sua avançada idade.

Desde logo, a nossa compreensão e interpretação da importância funcional e ritual das lamentações públicas das carpideiras e dos carpideiros egípcios é sublinhada pelo arquétipo simbólico-mitológico da lenda osiriana, em que as irmãs divinas Ísis e Néftis passam pela experiência da separação de Osíris, induzindo uma demanda pelo ser amado e lamentando-se, por fim, sobre o seu corpo recuperado. Ísis («a grande carpideira») e Néftis («a carpideira menor»), sempre representadas nas extremidades do sarcófago de Osíris, lugares canónicos que a iconografia respeitou (Ísis aos pés do defunto e Néftis à cabeceira), demonstraram arquetipicamente a eficácia performativa dos seus gestos e da sua mágica energia ao conseguirem um milagroso renascimento de Osíris no mundo do Além.

A morte de Osíris marcou ideologicamente a irrupção da morte no mundo e instituiu-se como modelo para o lamento fúnebre[37]. A morte de Osíris implicou um grave desequilíbrio cósmico, constituindo uma ruptura na ordenada marcha do universo que se tornava necessário solucionar. A sua morte lançou o mundo na tristeza, numa dor que atingiu deuses, homens e animais. O ritual dos seus funerais irá assumir e consumir essa tristeza, reservando para a dupla Ísis-Néftis um lugar insubstituível. A evolução religiosa egípcia fez do morto vulgar um Osíris divino, necessitando, por isso, do mesmo zelo e cuidado das lamentações fúnebres, neste caso de grupos de organizadas carpideiras.

[37] É impossível de dissociar a ideologia da morte no Egipto do mito de Osíris (Cf. Assmann, 2003; Volokhine, 2008, 176).

O papel e a eficácia performativa destas «profissionais do lamento», que, ao contrário das deusas Ísis e Néftis (sempre representadas as duas), surgem sempre agrupadas nos cortejos fúnebres, de pé e/ou ajoelhadas, não se restringiam à simples expressão da dor, da tristeza e das aflições dos sentimentos íntimos através de abundantes lágrimas e lancinantes gritos, capazes de comover familiares, amigos e conhecidos do defunto e demonstrar como este era estimado pela sua comunidade próxima. Esta era, digamos assim, a dimensão de superfície, visível nas numerosas cenas que nos chegaram de grupos de carpideiras, bastando destacar para o efeito as cenas patentes nos túmulos de Ramose (TT 55), em Cheikh Ab el-Gurna[38], de Userhat (TT 56), também em Cheikh Abd el-Gurna, e de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga[39], os dois primeiros da XVIII Dinastia e o último da XIX Dinastia. Igual conclusão pode retirar-se de uma outra vinheta do *Livro dos Mortos* de Ani (BM EA 10470.6)[40] e de outras figurações noutros suportes (sarcófagos, estelas, etc.)[41].



Fig. 6. Um dos grupos de carpideiras do túmulo de Ramose (TT 55), da XVIII Dinastia, em Cheikh Abd el-Gurna: lágrimas abundantes, mãos erguidas para o céu, cabelo solto, peito descoberto, descalças.



Fig. 7. Mais carpideiras do túmulo de Ramose (TT 55): umas acocoradas e outras de pé, mas a mesma demonstração pública de afecto e sentimento pelo morto.

[38] No caso da cena pintada dos funerais do túmulo de Ramose, há dois grupos de carpideiras, relativamente afastadas, que parecem «competir» na morte do proprietário do túmulo. O primeiro grupo, com 21 mulheres, entre a juventude e a idade madura, de vestes desalinhadas, choram abundantes lágrimas e gritam, aparentemente desesperadas, pelo vizir morto: «*O grande pastor partiu e passa por nós. Vem, regressa para nós!*». No segundo grupo (20 carpideiras), nove são representadas acocoradas em dois registos (quatro em cima e cinco em baixo), lançando poeira do solo sobre as suas cabeleiras e chorando também abundantemente, e as restantes estão de pé, parecendo bater-se a si próprias, nos antebraços, no ventre e nas coxas. A «competição» é uma forma de mostrar muitas e profundas emoções, o mesmo é dizer a alta estima social pelo morto (Cf. Davies, 1941, Pls. XXIV – B, 1 e 2).Vide Figuras 6 e 7.

[39] Cf. PM, 1960, 339, 340. Neste túmulo há também uma interessante cena em que as carpideiras surgem numa embarcação, eventualmente aludindo à travessia do Nilo, da margem oriental para a margem ocidental. Cena similar, com carpideiras numa embarcação, surge patente no túmulo de Ramose (TT 55), em Cheikh Abd el-Gurna, no de Amenuserhat (TT 176), em El-Khokha, no de Nebamon (TT 181), igualmente em El- Khokha, e no de Nakht (TT 397), em Assasif (Cf. PM, 1960, 138, 283, 287 e 443, respectivamente). Nos túmulos de Mentuenhat (TT 34), em Assasif, de Pabasa

(TT 279), também em Assasif, de Neferhotep (TT 49), em El-Khokha, e de Menna (TT 69), em Cheikh Abd el-Gurna, as carpideiras aparecem em mais do que uma embarcação (Cf. PM, 1960, 58, 357, 92 e 138, respectivamente).

[40] Cf. Budge, 1913, 244 e Plate 6.

[41] Fragmentos de sarcófago com representações de carpideiras encontrados no túmulo de Iny (TT 285), em Dra Abu el-Naga (Cf. PM, 1960, 367), estelas com carpideiras, no túmulo de Irzanen (TT 306), também em Dra Abu el-Naga (PM, 1960, 385), e de Khemsmose (TT 30), em Cheikh Abd el-Gurna (Cf. PM, 1960, 47) ou de Horemheb (TT 78), no Museu de Florença (Cf. PM, 1960, 156).



Fig. 8. Outro grupo de carpideiras: mãos sobre a cabeça, desalinho das vestes, pés descalçados, seios nus, cabelos atados, lágrimas abundantes.

Vinheta do Papiro de Ani (BM EA 10470.6), XIX Dinastia.

Simultaneamente, a demonstração pública de afecto e sentimento pelo morto pretendia evitar que este regressasse à terra para inquietar ou maltratar os seus familiares. A lamentação fúnebre das carpideiras, com base num repertório de textos e cânticos fúnebres mais ou menos estereotipado, cumpria, assim, um desígnio superior, destinado a acalmar o espírito do defunto. Mas a sua acção não se ficava por aqui: dirigia-se também, ainda, às divindades, apelando à sua piedade, com o objectivo de conseguir que estas premiassem o defunto com uma aprazível vida extraterrena.

A função das carpideiras cumpria, pois, vários objectivos e tinha diferentes destinatários: a sociedade (na expressão pública e encenada de tristeza e lamento), o morto (agradando-lhe de forma a aplacar o seu espírito) e as divindades (procurando o seu favor para com o defunto).

A iconografia disponível (em baixos-relevos e pinturas parietais e tumulares, em pinturas em papiros, em estatuetas, em estelas, em caixas do equipamento fúnebre, etc.) recorre a um conjunto de posturas e gestos-tipo, codificados, para apresentar as carpideiras. Trata-se, na essência, do leque ou paleta de atitudes corporais que as mesmas deviam denotar nos seus rituais para garantirem a plena obtenção dos seus intentos[42].

De facto, a análise dessas representações permite identificar esses «gestos obrigatórios» das profissionais do lamento e do choro. É possível, assim, estabelecer-se uma dramaturgia codificada do luto, assente no catálogo de atitudes das carpideiras[43]. Desde logo, gestos bruscos, contorcidos, pouco habituais no dia-a-dia, para expressar a dor e o desregramento dos sentidos. Cabeças rápida e violentamente projectadas para trás, desmaios simulados, joelhos no chão, de cócoras ou deitadas com a cabeça em terra, de tudo um pouco se encontra nas cenas de carpideiras para transmitir a noção da profunda perturbação emocional de que estão dotadas no momento em que exercem publicamente as suas funções. A expressão obrigatória dos sentimentos colectivos passa por essas atitudes. São essas atitudes que (melhor) expressam esses sentimentos.

Artisticamente, as linhas quebradas com que se elaboram estas representações (braços, cabeças, mãos…), em completa ruptura com as representações ordenadas e alinhadas que caracterizam o «estilo egípcio», são processos visuais e intelectuais de traduzir o transtorno extremo dos sentimentos, da alteração da ordem[44]. Estamos no campo do «radicalmente utilitário» da arte egípcia[45]. As vestes desalinhadas ou amarrotadas concorrem para o mesmo efeito[46].

[42] Cf. Volokhine, 2008, 183, 188.

[43] Cf. Volokhine, 2008, 185, 186.

[44] Cf. Lalouette, 1981, 94, 95.

[45] Cf. Bonhême, 1992, 7.

[46] Na arte egípcia, as viúvas, as filhas, as irmãs dos defuntos e as carpideiras vestem sempre de branco, sem adornos.

O momento inusitado de perturbação da ordem que a morte ocasiona repercute-se na apresentação das mulheres: descalças, seios de fora, nus, expostos[47], como Heródoto mencionou, com abundantes lágrimas escorrendo pelas faces[48], de braços erguidos em direcção ao céu e mãos em pose, contorcidas, rígidas[49]. Na verdade, o comportamento das carpideiras é assumidamente a-social e atípico, pois enfatiza os aspectos da desordem, do desgosto e da aflição, desejavelmente ausentes do quotidiano egípcio. A excepcionalidade dos comportamentos é uma expressão simbólica do conflito e da disfunção trazidos pela morte.

Nesta gramática dos gestos fúnebres é de realçar o papel desempenhado pelas mãos, pela cabeça e pelos cabelos. É muito comum como símbolo do desespero causado pela morte, além dos braços e mãos erguidos em direcção ao céu, os dois braços ou a duas mãos cobrirem a cabeça. O gesto de mãos sobre a cabeça (*awy Hr tp*, *aui her tep*) ilustra uma certa incredulidade e recusa em aceitar o facto consumado da morte física e terrestre do individuo. De igual modo, colocar a cabeça sobre os joelhos (*tp Hr mAst ou DADA Hr mAst*
= *djadja tep her maset*[50]) é um gesto de angústia, de prostração perante a morte, de quase desistência[51]. Pelos seus gestos, as carpideiras são os agentes humanos que lutam contra a morte, desafiando a sua inexorabilidade, não se conformando ao desenlace atingido. Como as divinas carpideiras Ísis e Néftis, as carpideiras humanas usam a sua dor como força motriz das suas lamentações, no fundo da sua resiliência e recusa da morte. Esta recusa ocorre no campo das emoções e as carpideiras dão-lhe literalmente corpo, com as suas posturas, com os seus gestos, com o seu choro. As carpideiras rituais egípcias são uma forte manifestação da crença na imortalidade que existiu no antigo Egipto.

Os cabelos das carpideiras estão ao serviço de uma situação de intensa aflição emocional. Não é por acaso que a mecha de cabelos  (Gardiner D3) é o signo determinativo para termos ligados à dor e às lamentações, bem como da própria designação «carpideira»[52]. As representações com carpideiras mostram que, muitas vezes, são figuradas a puxar os cabelos (*nwn m smAw, nun em semau*) – ex.: túmulo de Renni (EK 7), em El-Kab[53] –, embora também possam surgir com os cabelos soltos (em alguns casos, tratadas cabeleiras) ou com os cabelos atados atrás da nuca. No caso dos cabelos atados, citem-se as cenas nos túmulos de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga[54], de Paheri (EK 3), em El-Kab[55], e de Sobekmose, em el-Rizeikat (hoje no Museum of Fine Arts de Boston[56]), todos da XVIII Dinastia.

---

[47] A apresentação dos seios nus ao defunto, quer pela viúva como pelas carpideiras, inscreve-se numa lógica simbólica: é um incitamento explícito à excitação, à virilização, à vida, à ressurreição. Ao expor os seios como a mulher que amamenta, a carpideira é também uma mãe em potência, preparada para fazer do morto um novo ser, sustentando-o com o seu leite (Cf. Volokhine, 2008, 179). Também neste aspecto, Ísis e Néftis funcionam como protótipos da actuação da carpideira, pois também elas expuseram os seus seios como incitação à ressurreição de Osíris estéril e agiram com ele, como novo-nascido, como verdadeiras mães. O cerimonial das lamentações recupera e comporta, pois, este duplo aspecto vivificante.

[48] As lágrimas eram a «factura» que as carpideiras apresentavam aos encomendadores da tristeza e da lamúria ritual: elas eram pagas pela quantidade de líquido lacrimal vertido.

[49] Os braços erguidos para o céu é um gesto ambivalente, pois tanto pode expressar tristeza como alegria.

A conotação é sempre, porém, a de um sentimento intenso e íntimo (Cf. Volokhine, 2008, 188).

[50] Sinuhé (R7-9, R9-11), acerca da morte do faraó Amenemhat I (atitude de luto): «*La cour étant dans le silence, les coeurs dans la tristesse, la double porte fermée, les courtisans avec la tête sur les genoux et le peuple en lamentation*». Vide Volokhine, 2008, 173.

[51] Cf. Drioton 1953, 15.

[52] Cf. Volokhine, 2008, 188; Gardiner, 1982, 450.

[53] Cf. PM, 1937, 183.

[54] Cf. PM, 1960, 339.

[55] Cf. PM, 1937, 180.

[56] http://www.mfa.org/collections/object/reliefs-from-burial-chamber-of-sobekmose-4459.

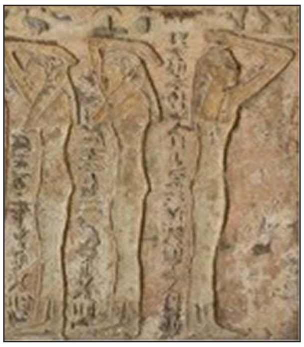


Fig. 9. Carpideiras de pé, de cabelos soltos,

aparentemente puxando os cabelos.Túmulo de Renni (EK 7), em El-Kab, XVIII Dinastia (reinado de Amenhotep I).



Fig. 10. Carpideira ajoelhada, de seios

pendentes, mãos na cabeça e cabelos atados.Túmulo de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga, XVIII Dinastia.

A cabeleira (sm3) recebia, realmente, no cerimonial funerário um tratamento especial, permitindo exprimir simultaneamente a dimensão mais simples da dor e da lamúria, mas também a mais profunda, a dimensão simbólica. Neste sentido, há um gesto especial de profundo significado metafísico desempenhado pelas carpideiras: o chamado gesto nwn ou gesto nwn m. Trata-se de um movimento intencional de projectar os cabelos para a frente, tapando o rosto e os olhos da carpideira, gerando obscuridade, ainda que momentaneamente. Este gesto surge patente em certas cenas no túmulo de Amenemhat (TT 82)[57]; no túmulo de Minnakht (TT87)[58]; no túmulo de Rekhmiré (TT 100)[59], todos em Cheikh el-Gurna; na vinheta do capítulo 168 do Livro dos Mortos[60].

Figs. 11 e 12. Gestos nwn: carpideiras com cabelo intencionalmente projectado para o rosto.

Fig. 11: Túmulo de Rekhmiré (TT 100); Fig. 12: Túmulo de Minnakht (TT87), ambos em Cheikh el-Gurna e da XVIII Dinastia.

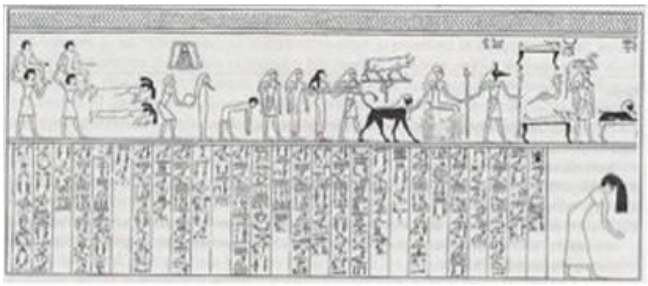


Fig. 13. Vinheta do capítulo 168 do Livro dos Mortos.Duas carpideiras deitadas no chão, de rosto para baixo (em cima, à esquerda), e mulher de pé (em baixo, à direita). Todas têm o cabelo projectado para a frente, praticando o gesto nwn.

---

[57] Cf. PM, 1960, 165.

[58] Cf. PM, 1960, 179.

[59] Cf. PM, 1960, 214.

[60] Cf. Budge, 1898, 297; Faulkner, 1990, 168, 169; Valdesogo Martin, 2002, 548.

Estamos perante um gesto ritual de lamento e de desespero que faz alusão ao caos/ às trevas provocados pela morte. Cobrir o rosto com os cabelos e esconder os dois olhos era uma forma simbólica de mergulharem no mesmo estado de obscuridade do defunto. Não vendo, não percebendo, não conhecendo nada do mundo em seu redor nesse momento do ritual, as carpideiras estavam como o defunto: estavam mortas. A morte ocorre pela/ na cabeça. «Ausência» de cabeça é sinónima de ausência de vida, tal como a impossibilidade de ver e de respirar significa morte. Morte e obscuridade são dois conceitos que se associam no gesto *nwn*. O

gesto é, pois, um poderoso signo de luto, em que a carpideira mimeticamente assume o mesmo estado do defunto.

Quando, no final do ritual, as carpideiras afastam/ recolhem os cabelos e descobrem os seus olhos, isso significa que o defunto recuperou a sua faculdade de ver o acesso à luz da ressurreição. A carpideira, qual *medium*, agiu pelo defunto para lhe garantir o acesso ao mundo da luz. Aquilo que o gesto ritual pretende é a regeneração do cadáver para a sua consequente entrada no mundo do Além[61].

Nos *Textos dos Sarcófagos*, a cabeleira/ os cabelos são associados do ponto de vista simbólico à água, à vegetação e ao sopro de vida. Sendo o gesto *nwn* e a lamentação signos de desordem, os cabelos podem ser associados à água de um momento caótico e desordenado: a água do momento da criação, a água primordial do caos primordial. As águas do caos são água de morte, que contém em si os princípios criadores que estão na origem de todas as coisas e que, no contexto funerário, podem fazer começar a nova vida do defunto (da mesma forma que o ano egípcio começava com a água da inundação). As águas são também, por isso, símbolos de vida/ de nova vida. Os cabelos são ainda assimilados à água através das lágrimas de Ísis. São identificadas, dessa forma, às águas da inundação.

Os cabelos são associados à vegetação, na medida em que crescem como as plantas, aspecto que é relacionado também com o começo da vida. As abundantes lágrimas vertidas pelas carpideiras são simbólicas das águas da inundação e os seus cabelos das duas margens do Nilo e da sua vegetação. São uma metáfora para a paisagem nilótica: as lágrimas eram o rio; as mechas de cabelo caídas, para os dois lados do rosto, as suas duas margens.

O TS 228 e o LM 172 mostram que o defunto pode respirar o vento dos quatro pontos cardeais através dos elementos capilares:

> «(...). N. que voici baise le grand vent d'est sur des tresses, N. que voici saisit le vent du nord par ses mèches, N. que voici empoigne le vent du sud par ses cils, N. que voici saisit le vent d'ouest par ses boucles. N. que voici fait le tour de ce ciel sur ces quatre côtés et il donne les vents aux *imakhous* en présence de son père Osiris.»[62];

> «Thy head, my lord, is (as) deep, as thou goest downstream, as the tress(es) of an Asiatic woman. Thy face shines more than the house of the Moon. Thy upper (part) is lapis lazuli. Blacker are thy locks, than the portals of the nether world. (O) lord of day and darkness, thy locks contrasting with lapis lazuli on thy face. Re's rays (shine) on thy countenance (as) veils of gold; Horus has striped them with lapis lazuli. (Thy) eyebrows are the (Two) Sisters united, for Horus has striped them with lapis lazuli. Thy nose is (provided) with breath; the air in thy nostrils is like the winds in the sky»[63].

O cabelo e o luto são dois aspectos inseparáveis e o agitar dos cabelos pelas carpideiras no ritual da lamentação fúnebre seria uma forma de dar ao morto o sopro vital. Na lenda osiriana, Ísis, sob a forma de um falcão, bateu as asas sobre o marido para lhe dar o sopro vital. Os cabelos das carpideiras são assimilados às asas de Ísis para indicar que o gesto *nwn* (agitar os cabelos) era uma forma de produzir o ar de que o defunto precisava para respirar e ressuscitar.

[61] Esta ideia parece estar subjacente a um excerto das *Lamentações de Ísis e de Néftis* onde, pela boca da deusa Ísis, se diz: «*Não te verei, não te verei/ bom rei, eu não te verei?/ É bom ver-te, é bom ver-te,/ tu de Iunu, é bom ver-te!*» (Araújo, 2005, 135).

[62] Barguet, 1986, 184. Cf. Faulkner, 1973, 181.

[63] Allen, 1974, 179.

Muitas vezes, as carpideiras que fazem o gesto *nwn* são duas, recuperando, assim, o protótipo mítico de Ísis e Néftis. Nestes casos, desempenham o papel de «mães do defunto», sendo este, assimilado a Osíris, um «recém-nascido» no Além[64]. Os seios expostos reforçavam esta sua característica «materna». Em consequência, podemos afirmar que a finalidade primordial do gesto *nwn* era a ressurreição do morto e que só as duas carpideiras podiam chorar e garantir o seu renascimento[65].

Para esta conclusão concorre também o momento exacto da cerimónia ritual fúnebre em que as duas carpideiras encarregues do gesto *nwn* o praticavam. Se as deusas Ísis e Néftis são canonicamente representadas aos pés e à cabeceira do sarcófago, contribuindo sobretudo para a ressurreição do morto e para a restituição das suas formas vitais, as duas carpideiras que desempenhavam simbolicamente o papel das deusas participavam na cerimónia da abertura da boca, o mais importante dos ritos funerários[66]. Ainda assim, o momento exacto do rito é de difícil determinação. Segundo a iconografia, seria realizado:
1) durante a procissão fúnebre, enquanto o sarcófago era transportado, ou 2) na necrópole, quando o séquito funerário já estava perto do túmulo, ou 3) em ambas as situações.

Uma estela do Museu do Louvre (estela C15: estela de Abkau, XI Dinastia; c. 2000 a.C.), proveniente de Abidos, sugere que o gesto *nwn* seria realizado sobre o próprio cadáver: as carpideiras lançavam os cabelos para a frente, agitando-os, cobrindo o rosto e os olhos, sobre o cadáver no momento da cerimónia da abertura da boca para restituir ao defunto as funções vitais de que necessitava para a sua vida no Além[67]. A «desordem capilar» tinha um duplo sentido: por um lado, negativo, pela assimilação do cabelo à obscuridade, ao caos, ao desespero e, em definitivo, à morte, por outro, positivo, pela relação que a cabeleira estabelecia com os elementos vitais (água, vegetação, sopro vital, cópula, maternidade) e, logo, com a regeneração do cadáver[68].

Este importante rito fúnebre da antiga tradição religiosa faraónica, que não é prescrito pela religião muçulmana, sobreviveu no Egipto: ainda hoje, certas famílias de aldeias do Alto Egipto pagam a carpideiras (*badaya*) para, vestidas de preto, acompanharem os seus mortos atrás do cortejo fúnebre e fazerem os mesmos gestos das suas longínquas antepassadas, com o mesmo objectivo: a vida eterna do morto[69]. É um testemunho etnográfico da eficácia de uma representação teatralizada em torno da morte.

Conclusão

No antigo Egipto, depois de preparado o corpo para a imortalidade, organizavam-se os funerais que conduziriam a múmia para o seu túmulo. No cortejo fúnebre participavam familiares, amigos, servos e dependentes, sacerdotes e pessoal que colaborara no processo de embalsamamento e carpideiras, em regra do sexo feminino, representando os papéis de Ísis e Néftis no funeral arquetípico de Osíris. Estas mulheres acorriam às procissões fúnebres para expressar a sua solidariedade e tristeza à família enlutada e também para participarem num evento público. A sua acção, porém, ultrapassa o domínio dos sentimentos.

[64] Magicamente, o defunto torna-se também «filho de Nut», como o arquetípico Osíris.

[65] Cf. Assmann, 2003, 218.

[66] Cf. Taylor, 2001, 190.

[67] Cf. http://art.rmngp.fr/fr/library/artworks/stele-de-abkaou_relief-sculpture_calcaire e https://www.

flickr.com/photos/manna4u/9612955701.

[68] No templo de Abidos, há uma representação em que surgem quarto divinas carpideiras com a madeixa dianteira de cabelo caindo sobre o rosto. São encaradas como as deusas Ísis, Néftis, Neit e Serket relacionadas com o restauro corporal e protecção do morto. São as mesmas deusas que surgem como guardiãs dos vasos de vísceras que guardam os órgãos do defunto.

[69] Cf. Volokhine, 2008, 184, 185; Harrington, 2013, 110.

[70] Indicam-se nestas colunas as páginas de PM, 1960, onde surgem anotadas referências à existência de cenas com carpideiras.

A presença e actuação das carpideiras rituais egípcias, quer situando-se mais do lado da expressão de emoções, mais pura e autêntica, quer situando-se do lado da encenação pública, mais artificial e teatral, demonstra a importância das lamentações fúnebres, da mensagem que lhe estava associada de acordo com os seus diferentes destinatários e dos seus objectivos: a regeneração do cadáver e a sua consequente entrada no mundo do Além, para uma existência eterna feliz e prazenteira.

Há, portanto, uma dimensão simbólica mais profunda subjacente à existência e à actuação das carpideiras rituais egípcias que tornam as lamentações fúnebres actos vivificantes de reanimação e regeneração do defunto. A teatralização da dor pelas carpideiras foi uma solução ritual, pública, colectiva e organizada que permitiu enfrentar e ultrapassar a dor da separação física do defunto.

A ideologia da morte no Egipto antigo, impossível de dissociar do mito de Osíris, recorreu às carpideiras presentes nos funerais para expressar, com comportamentos cenográficos e prescritivos, menos espontâneos portanto, as emoções agitadas, expansivas e ostentatórias da tristeza e do desgosto. Se o desequilíbrio introduzido pela morte constitui uma ruptura na ordem cósmica, a recomposição só é possível pela reanimação do morto no Além e nessa tarefa as carpideiras desempenharam um papel central.

Túmulos das necrópoles tebanas onde surgem representações de carpideiras.

necrópole	tt	proprietário	pm, 1960[70]
Assasif	34	Mentuemhat	58
Assasif	36	Ibi	67
Assasif	189	Nakhtdjehuti	295
Assasif	193	Ptahemhab	300
Assasif	279	Pabasa	357
Assasif	366	Djar	429
Assasif	409	Simut, chamado Kyky	462
Cheikh Abd el-Gurna	23	Tjay, chamado To	40
Cheikh Abd el-Gurna	30	Desconhecido/ Khonsumose	47
Cheikh Abd el-Gurna	31	Khonsu	48
Cheikh Abd el-Gurna	41	Amenemopet	79
Cheikh Abd el-Gurna	44	Amenemheb	84
Cheikh Abd el-Gurna	45	Djehuti/ Tutemheb	85
Cheikh Abd el-Gurna	50	Neferhotep	95
Cheikh Abd el-Gurna	51	Userhat, chamado Neferhabef	97, 98
Cheikh Abd el-Gurna	53	Amenemhat	104
Cheikh Abd el-Gurna	54	Huy/ Kenro	104
Cheikh Abd el-Gurna	55	Ramose	108
Cheikh Abd el-Gurna	56	Userhat	113
Cheikh Abd el-Gurna	57	Khaemhat	117, 118
Cheikh Abd el-Gurna	69	Menna	138
Cheikh Abd el-Gurna	75	Amenhotep-si-se	149
Cheikh Abd el-Gurna	78	Horemheb	154
Cheikh Abd el-Gurna	80	Djehutinefer	159

Cheikh Abd el-Gurna	81	Ineni	162
Cheikh Abd el-Gurna	82	Amenemhat	165
Cheikh Abd el-Gurna	85	Amenemheb, chamado Mahu	174
Cheikh Abd el-Gurna	87	Minnakht	179
Cheikh Abd el-Gurna	89	Amenmose	182
Cheikh Abd el-Gurna	100	Rekhmiré	214
Cheikh Abd el-Gurna	112	Menkheperreseneb/ Achefitemusaet	230
Cheikh Abd el-Gurna	113	Kynebu	231
Cheikh Abd el-Gurna	130	May	245
Cheikh Abd el-Gurna	134	Thauenany, chamado Any	250
Cheikh Abd el-Gurna	138	Nedjemger	252
Cheikh Abd el-Gurna	249	Neferronpet	335
Cheikh Abd el-Gurna	259	Hori	343
Cheikh Abd el-Gurna	263	Piay	344
Cheikh Abd el-Gurna	341	Nakhtamon	408
Cheikh Abd el-Gurna	342	Djehutimés	410
Cheikh Abd el-Gurna	347	Hori	415
Deir el-Bahari	312	Nesipakachuty	388
Deir el-Medina	2	Khabekhenet	6
Deir el-Medina	216	Neferhotep	314

Deir el-Medina	217	Ipuy	315
Deir el-Medina	218	Amennakht e Iymuay	317
Deir el-Medina	219	Nebenmaet	321
Deir el-Medina	250	Ramose	336
Deir el-Medina	268	Nebnakht	349
Deir el-Medina	291	Nu e Nakhtmin	374
Deir el-Medina	338	May	406
Deir el-Medina	354	Amenemhat	419
Dra Abu el-Naga	12	Hery	24
Dra Abu el-Naga	13	Shuroy	25
Dra Abu el-Naga	14	Huy	26
Dra Abu el-Naga	19	Amenmose	33
Dra Abu el-Naga	140	Neferronpet	254
Dra Abu el-Naga	141	Bakenkhonsu	255
Dra Abu el-Naga	151	Hety	261, 262
Dra Abu el-Naga	152	Desconhecido	262
Dra Abu el-Naga	158	Thonefer	269
Dra Abu el-Naga	159	Raya	271, 273
Dra Abu el-Naga	161	Nakht	274, 275
Dra Abu el-Naga	162	Kenamon	276
Dra Abu el-Naga	233	Saroy	329
Dra Abu el-Naga	255	Roy	339, 340
Dra Abu el-Naga	269	User	343
Dra Abu el-Naga	284	Pahemnetjer	366
Dra Abu el-Naga	275	Iny	367
Dra Abu el-Naga	306	Irdjanen	384, 385
Dra Abu el-Naga	333	Desconhecido	401
Dra Abu el-Naga	394	Desconhecido	442
Dra Abu el-Naga	397	Nakht	443
Dra Abu el-Naga	C4	Merimaet	458
El-Khokha	49	Neferhotep	91, 92, 93, 94
El-Khokha	175	Desconhecido	281
El-Khokha	176	Amenuserhat	283
El-Khokha	178	Neferronpet, chamado Kenro	284
El-Khokha	181	Nebamon e Ipuky	287, 288
El-Khokha	247	Simut	333
El-Khokha	254	Mose (Amenmose)	338, 339
El-Khokha	296	Nefersekheru	378
El-Khokha	392	Desconhecido	442
El-Khokha	B4	Desconhecido	456
Gurnet Murai	222	Hermaetré-nakht	323, 324
Gurnet Murai	273	Sayemiotef	351
Gurnet Murai	277	Amenemonet	354

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, T. G.

1974 *The book of dead or going forth by day. Ideas of the Ancient Egyptians concerning the hereafter as expressed in their own terms,* Chicago, The University of Chicago Press.

ARAÚJO, L. M.

2005 *Mitos e lendas do antigo Egipto*, Lisboa,
Centralivros. ASSMANN, J.

1989 "Death and Initiation in the Funerary Religion of Ancient Egypt", in S. W. Kelly (ed.), *Religion and Philosophy in Ancient Egypt,* New Haven, Yale Egyptological Studies 3, pp. 135-159.

1990 "Egyptian mortuary liturgies" in S. Israelit-Groll (ed.), *Studies in Egyptology presented to Miriam Lichteim, Vol. I,* Jérusalem, pp. 1-45.

2003 *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*, Mónaco, Éditions du Rocher.

2005 *Death and Salvation in Ancien Egypt*, Ithaca/ London, Cornell University Press.

BAINES, J.; LACOVARA, P.

2002 "Burial and the dead in ancient Egyptian society", *Journal of Social Archaeology, Vol 2 (1)*, pp. 5-36.

BARGUET, P.

1986 *Les Textes des Sarcophages égyptiens du Moyen Empire*, Paris, Les éditions du Cerf.
BOMMAS, M.

2011 "The mechanics of social connections between the living and the dead in ancient Egypt", in

M. Carroll J. Rempel (eds.), *Living through the Dead. Burial and Commemoration in the Classical World*, Oxford, pp. 159-182.

BONHÊME, M.-A.

1992 *L'art égyptien*, Paris, PUF.

BUDGE, E. A. W.

1898 *The Book of the Dead. The chapters of coming forth by day. The Egyptian text according to the theban recension in hieroglyphic edited from numerous papyri, with a translation, vocabulary*, etc., London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd.

1913 *The papyrus of Ani: a reproduction in facsimile*, 2ª ed., London/ New York, The Medici Society, Ltd./ G. P. Putnam's Sons.

CAILLIAUD, F.

1831 *Recherches sur les arts et métiers, les usages de la vie civile et domestique des anciens peuples de l'Égypte, de la Nubie et de l'Éthiopie, suivies de détails sur les mœurs et coutumes des peuples modernes des mêmes contrées*, Paris.

CARRIER, C.

2010 *Le Papyrus d'Any (BM EA 10470)*, Serie Des Papyrus Du Livre Des Morts de L'Egypte Ancienne – Volume II, Paris, Librairie Cybele.

COHEN, M.

2005 "New Stanzas of the *Lamentations of Isis and Nephtys", Orientalia Lovaniensia Periodica 31*

(2000-2005), Leuven, pp. 5-
23

DAVIES, N. de G.

1941 *The tomb of the vizir Ramose*, London, The Egyptian Exploration Society. DESROCHES-NOBLECOURT, Ch.

1953 "«Concubines du mort» et mères de famille au Moyen Empire. À propos d'une supplique pour

une naissance*", BIFAO 53,* pp. 7-47.

1986 *La femme au temps des pharaons*.
Paris. DRIOTON, É.

1953 "Un document sur la vie chère à Thèbes au début de la XVIIIe dynastie", *BSFE 12*, pp. 11-25. FAULKNER, R.O.

1961 "The Lamentations of Isis and Nephtys", *MIFAO* 66, pp.337-348.

1973 *The Ancient Egyptian Coffin Texts, Volume I, Spells 1-354*, Warminster, Aris & Phillips Ltd. 1990 *The Ancient Egyptian Book of Dead*, London.

GARDINER, A.

1982 *Egyptian grammar being an introduction to the study of hieroglyphs*, 3ª ed., Oxford, Griffith

Institute.

HARRINGTON, N.

2013 *Living with the Dead: Ancestor Worship and Mortuary Ritual in Ancient Egypt*, Oxford,

Oxbow Books.

HARTWIG, M.

2013 *The tomb chapel of Menna (TT 69). The Art, Culture, and Science of Painting in an Egyptian Tomb*, Cairo, The American University in Cairo Press.

HÉRODOTE

L'Ênquete — Livres I à IV, Paris, Gallimard.
HERÓDOTO

1987/1992 *História. Obra completa,* Madrid, Editorial Gredos.

JACQ, Christian

2002 *As Egípcias*, Porto, Edições Asa.
LALOUETTE, C.

1981 *L'art égyptien*, Paris, PUF.
LECLANT, J.

1985 "Mort sur le Nil: les conceptions funéraires de l'Égypte pharaonique", *Bulletin de la Société et Thanatologie, Études sur la mort,* nº 62 et 63, 19e année, pp. 10-12.

LUDDECKENS, E.

1943 "Totenklagen", *MDAIAK 11*, pp. 109-11

MORENZ, S.

1977 *La religion égyptienne. Essai d'interprétation*, Paris, Payot.

O'CONNOR, D.

2009 *Abydos. Egypt's first pharaohs and the cult of Osiris*, London, Thames & Hudson.
PERNIGOTTI, S.

1992 "Le prêtre", in S. Donadoni (dir.), *L'homme égyptien*, Paris, pp. 151-187.

PORTER, B.; MOSS, R.

1937 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings,* V.*Upper Egypt. Sites (Deir Rîfa to Aswân, excluding Thebes and the Temples of Abydos, Dendera, Esna, Edfu, Kôm Ombo and Philae),* Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1ª ed.

1960 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings, I. Theban Necropolis. Part I. Private Tombs,* Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 2ª ed.

1974 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings,* III.

Memphis. Part 1. *Abû Rawâsh to Abûṣîr*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 2ª ed.

1981 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings,* III.

Memphis. Part 2. *Ṣaqqâra to Dahshûr,* Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 2ª ed.

QUIRKE, S.

1993 *Owners of funerary papyri in the British Museum*, 92, London, British Museum Press. SALES, J. C.

2015 "Corpo e tempo – as imagens idealizadas da arte egípcia", *digitAR – Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Arte*s, nº 2, pp. 168-185.

SARR, M. N.

1999/ 2000 "La représentation du deuil dans les tombes de l'Ancien Empire égyptien", *Ankh*, nºs 8/9, pp. 72-85.

SERRANO DELGADO, J. M.

2009 "El ritual de la Apertura de la Boca en la tumba de Djehuty ((TT 11)", *Trabajos de Egiptología.*

Papers on Ancient Egypt, número 5/2, pp. 243-257.

2012 "Nuevas perspectivas en torno a los rituales funerarios a partir de la tumba de Djehuty (TT

11) : las escenas de la capilla", in L. M. de Araújo, J. C. Sales (eds,), *Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica, Vol. II,* Lisboa, pp. 1077-1087

SILVANA CATANIA, M.; LORENA YOMAHA, S.

2009 "Los rituals de ofrenda y la solarización del culto funerario en la tumba de Neferhotep (TT

49)", *Trabajos de Egiptología. Papers on Ancient Egypt*, número 5/1, pp. 151-165.

SIMPSON, K.

1976 *The Mastabas of Qar and Idu,* Giza Mastabas, vol. 2, Boston, 1976.

SNAPE, S.

2011 *Ancient Egyptian Tombs. The Culture of Life and Death,* Chichester, John Wiley & Sons Ltd.

SPENCER, A. J.

1982 *Death in Ancient Egypt*, Harmondsworth,Penguin Books. TAYLOR, J. H.

2001 *Death & the afterlife in Ancient Egypt*, London, The Trustees of the British Museum. SWEENEY, D.

2001 "Walking alone forever, following you: gender and mourners' laments from ancient Egypt",

NIN: Journal of Gender Studies in Antiquity 2. 27–48.

TEETER, E.

2011 *Religion and Ritual in Ancient Egypt,* New York, Cambridge University Press.
VALDESOGO MARTIN, M. R.

2002 "Les cheveux des pleureuses dans le rituel funéraire égyptien. Le geste *nwn",* in Z. A. Hawass,

L. P. Brock, *Egyptology at the Dawn of the 21st Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists*, *Cairo, 2000*, Vol. 2, *History and Religion*, Cairo, pp. 548-555.

2005 *El cabello en el ritual funerario del antiguo Egipto a partir de los Textos de los Sarcófagos y*

de la evidencia iconográfica, Barcelona, Aula Aegyptiaca Fundación Privada.

VINCENT, A.

1940 "Marcelle Werbrouck, les pleureuses dans l'Égypte ancienne. Dessins de Marcelle Baud,

1939", *Revue des Sciences Religieuses*, tome 20, fascicule 1-2, pp, 218, 219.

VOLOKHINE, Y.

2008 "Tristesse rituelle et lamentations funéraires en Égypte ancienne", *Revue de l'histoire des religions*, 2, pp. 163-197.

WERBROUCK, M.

1938 *Les pleureuses dans l'Egypte ancienne*, Bruxelles, Éditions de la Fondation Égyptologique

Reine Elisabeth.

(Footnotes)

1 Indicam-se nestas colunas as páginas de PM, 1960, onde surgem anotadas referências à existência de cenas com carpideiras.

بعييددةة أأخرر ىى وو أأقاليييمم مصرر عنن



تأبيينن كووييبا سبييا كووباددوونغا

بوورريغوو .لل .ف ف ثييررووو،، ددييلل .كك كوورردووبا،، .مم .خخ

)االناشرروونن(

ANEXO - O ZODÍACO DE DENDARA

Dendera (em árabe: دندرة) ou Dandara (também chamada em fontes antigas de Belzoni e, na Antiguidade, conhecida como de Tentyra) é uma pequena cidade do Egito, localizada na margem ocidental do Nilo, a cerca de cinco quilômetros a sul de Qena, na margem oposta do rio.



Entrada do templo em Dendera.

Num local relativamente isolado, à beira do deserto e a 2,5 quilômetros da cidade atual, está um complexo de templos greco-romanos pelo qual Dendera se celebrizou, conhecido no Egito Antigo como Iunet ou Tantere. A cidade árabe atual foi construída sobre o sítio da antiga Ta-ynt-netert, que significa "Aquela do Pilar Divino". Tentyra é a forma grega de seu nome. Foi capital do sexto nomo (nome dado às províncias faraônicas) do Alto Egito, e também era conhecida como Nikentori ou Nitentori, que significa "madeira de salgueiro" ou "terra de salgueiro". Outras teorias sobre o nome sugerem que ele teria sido derivado do nome da deusa do céu e da fertilidade, Hátor, também associada com a deusa grega Afrodite, que tinha um culto especial ali. O crocodilo, considerado uma divindade local na cidade, também era cultuado como tal em outras cidades egípcias, o que deu origem a diversos conflitos, especialmente com Ombos.

"O Zodíaco de Dendera representa uma carta do Céu, tendo como base as constelações do Zodíaco."
in, Le Zodiaque d'Osiris, S. Cauville

O Zodíaco de Dendera,peça mais importante do departamento das antiguidades egiptologias do museu do Louvre, entusiasma o espírito humano desde décadas.

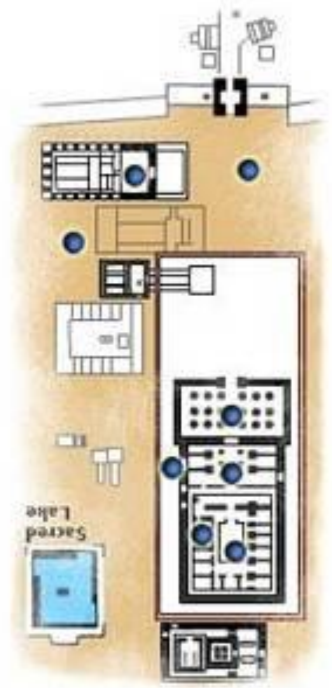
Descoberto em 1799 pelo general Desaix, tendo sido Vivant Denon o primeiro a estudar o Zodíaco com exactidão, dele obteve desenhos e figuras. No entanto teria que esperar alguns anos para que pudesse decifrar o significado dos seus hieróglifos, pois Jean-François Champollion ainda não tinha descoberto a chave para a leitura dessa escrita tão característica. A peça foi levada para França por Le Lorain com autorização de Méhémet-Ali, chegando ao porto de Marselha em 1821 e por fim a Paris em 1822. Vendido a Louis XVIII foi inicialmente exposto no Louvre, passando para a Biblioteca nacional entre 1823 e 1919, data a qual regressa ao Louvre.

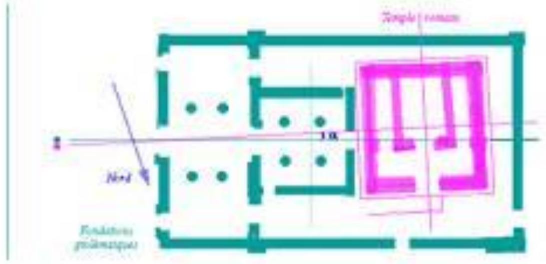
O santuário de Dendera foi concebido para o culto da deusa Hathor, deusa que falaremos mais tarde.

Uma cópia foi posta no lugar original no sítio de Dendera em 1920… uma cópia!

Diversas campanhas de escavações realizadas no sítio de Dendera (Figura 4.1), em particular a realizada por Fliders Pétrie no final do século XIX, demonstram a existência de diversas sepulturas, datadas para algumas da época arcaica. Dendera fica perto dos locais pré-dinasticos de Nagada e Maghara o que ajuda a suster a teoria da existência de actividade desde a época pré-dinastica. Foram encontradas provas de varias passagens da historia do antigo Egipto, como uma estatueta do faraó Pepi I (2270 a.C) e construções feitas no reinado de Tutmósis III (1450 a. C). Desde da sua descoberta, diferentes estudiosos especularam sobre a datação do templo e do seu Zodíaco, para alguns datava de 15 000 a.C. para outros 12 000, hipóteses que levantaram guerras com o clero, pois consoante a tradição bíblica o mundo existia desde 4 000 a.C. É evidente que esta euforia inicial deixou lugar a um estudo mais aprofundado e científico sobre a datação do mesmo. O templo do nascimento de Isis (Figura 4.2) construído no reinado de Augusto (30 a.C) está construído sobre as fundações de um templo da época ptolemaica do reinado de Nectanébo I (381 a. C) e acabado por Ptolomeu X Alexandre I (107 a. C.), este ultimo apresenta uma orientação Oriente-Ocidente, por sua vez o templo da época de Augusto tem orientação Norte-Sul idêntica a

orientação do grande templo de Hathor. No entanto entre um e outro existe uma ligeira inclinação de cerca de 2º30'. Doze séculos depois de Ramsés II, Ptolomeu Aulete manda construir um novo templo em Dendera o 16 de Julho 54 a.C. no entanto este morre em 51 a.C. Depois da morte do pai Cleópatra segue César para Roma e volta depois do assassinato deste ultimo, associando como co-regente do trono o seu filho Cesarião, nascido a 27 Junho 47 a.C. durante esta co-regencia e desde 51 a.C, os cartuchos reais não foram preenchidos com o nome do faraó. No templo onde foi encontrado o Zodíaco, também não existem cartuchos reais escritos. Era portanto, lógico o Zodíaco datar dessa altura.





Figuras 4.1 e 4.2 – Sítio de Dendera e templo do nascimento de Isis.

É. Aubourg procurou neste lapso de tempo, 51 a 43 a.C, o lugar dos planetas no ceio das constelações do zodíaco, é de relembrar que os planetas circulam numa zona chamada de eclíptica, por vezes alguns planetas ultrapassam a nossa terra, outros são ultrapassados durante o período de translação a volta do sol.

Colocar a data de 54 a.C num software de astronomia, permite-nos ter uma listagem de algumas estrelas no seu nascimento nocturno ou helíaco.

A lista de estrelas da qual possivelmente se basearam os antigos egípcios para orientação do templo de Hathor e do templo de Augusto, é a seguinte:

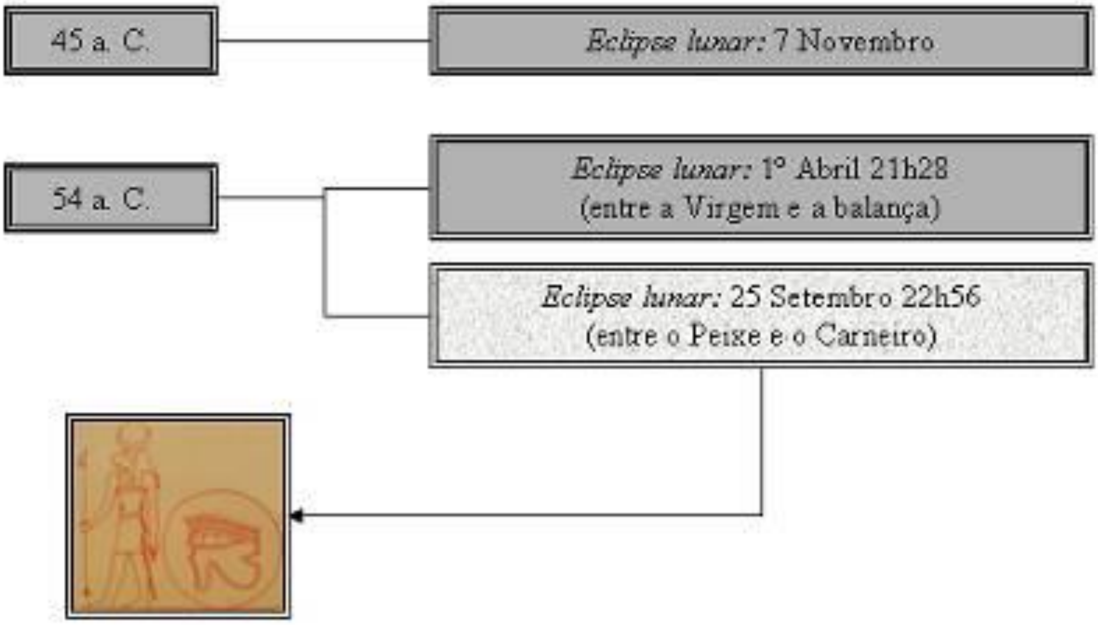
Alpha Canis Majoris (m=-1,44) - Sirius : Céu nocturno
Beta Orionis (m=0,18) - Rigel: Aparecimento heliaco
Kappa Orionis (m=2,07) - Saiph: Aparecimento heliaco
Delta Scorpii (m=2,29): Céu nocturno
Beta Corvi (m=2,65): Aparecimento heliaco
Beta Aquarii (m=2,90): Aparecimento heliaco
Epcilon Aquarii(m=3,78): Céu nocturno

Devido a grande magnitude visual de Sirius e Rigel, é muito provável que seja esta a orientação de construção do templo.

Por sua vez, a parte ptolemaica do templo do nascimento de Isis em Dendera, com orientação Este-Oeste, está direccionada para o nascer helíaco de Sirius naquela época, isso acontecia no dia 15 de Julho em 54 a. C. a esta orientação é dado o nome de orientação ramesida, devido a Ramsés II e ao Ramaseum. Cientistas encontraram blocos do tempo do Império Novo nos blocos da parte ptolemaica e nas suas fundações. Estas fundações levam a querer que o templo de orientação ptolemaica foi portanto construído por cima de ruínas do período do Império Novo.

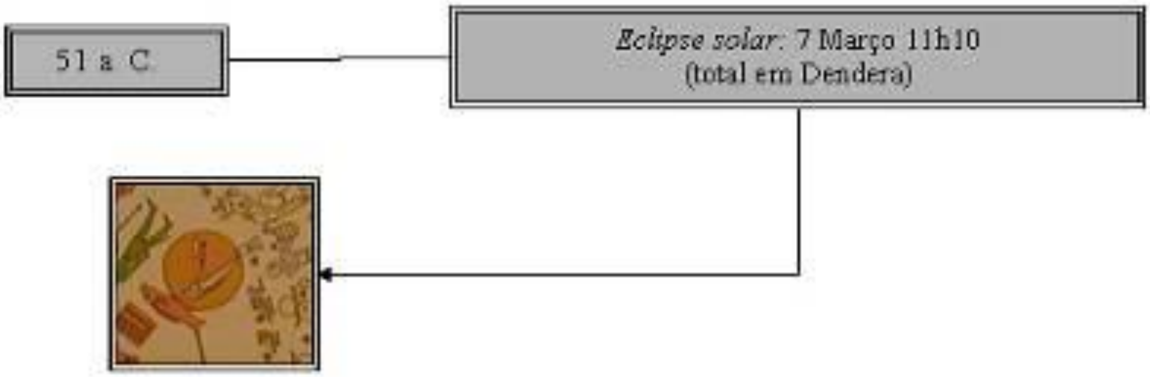
Mais dados para a datação do Zodíaco

Através dos fenómenos astronómicos a datação pode surgir em diferentes fases:



No Zodíaco de Dendera vemos a representação de um eclipse lunar ao lado da constelação do Peixe, é por isso normal acreditar que a sua datação é dessa época.

Existe também um eclipse do Sol:



Portanto, é evidente que o Zodíaco representa os acontecimentos celestes desse determinado período na história Egípcia a contar do período Ptolemaico.

A Deusa Hathor:

A Deusa Hathor "moradia celeste de Horus", deusa do céu, é frequentemente representada como divindade com orelhas de bovino, símbolo da fecundidade. É ela a regedora do amor divino, humano e da alegria. O seu local de maior culto era em Dendera.

O céu escrito:

O circulo celeste, representado pelo Zodíaco, é suportado por doze deuses, quatro femininos e oito de joelhos (Figura 4,3). Os deuses com cabeça de falcão simbolizam a eternidade, dando assim um princípio intemporal a cena celeste. As deusas dão o quadro espacial, cada uma indica um ponto cardinal perfeitamente orientado. Ao lado de cada deusa está escrita em hieróglifo o seguinte ritual:

"Suporto o céu sobre o cimo da minha cabeça, sem me deslocar cada dia que passa, o Horizonte do meu mestre, este circula enquanto Sah (Orion) na sua mãe Nut "

Outro texto, trás ainda mais precisão acerca do significado de tal monumento:

"O céu de ouro, o céu de ouro, é Isis a grande, mãe de Deus, mestre do monte primogénita onde nasceu a deusa que toma lugar em Dendera, é o céu de ouro.

Os grandes deuses são suas estrelas:
Harsiesis, seu deus da manha (Vénus)
Sokar, a sua via láctea
O Jovem Osíris, a sua estrela visível (Canope)
Osíris, a Lua
Orion, seu deus
Sothis, sua deusa (Sirius)
Entram e saíam para os mortos no vale infernal. "

Paradoxalmente, embora este monumento seja sobejamente conhecido, nenhum estudo desta tradução foi feito ao longo dos tempos, ficando desta forma diferentes figuras hipoteticamente mencionadas, é o caso de Sokar e de Canope. É.Aubourg (Astrofísico) e S. Cauville (Arqueóloga)

deslocaram-se até o local e observaram as estrelas no céu de Outubro, pouco antes do nascimento do sol depois do "afundamento" da ursa maior identificaram a via láctea, Vénus, Orion, Sirius e Canope. Todos esses elementos estão desenhados no Zodíaco.

Mas antes de passar a visualização "tintin-por-tintin" do zodíaco, convêm referir mais alguns dados:

Características:



2,55 x 2,55 m

Orientação cardinal

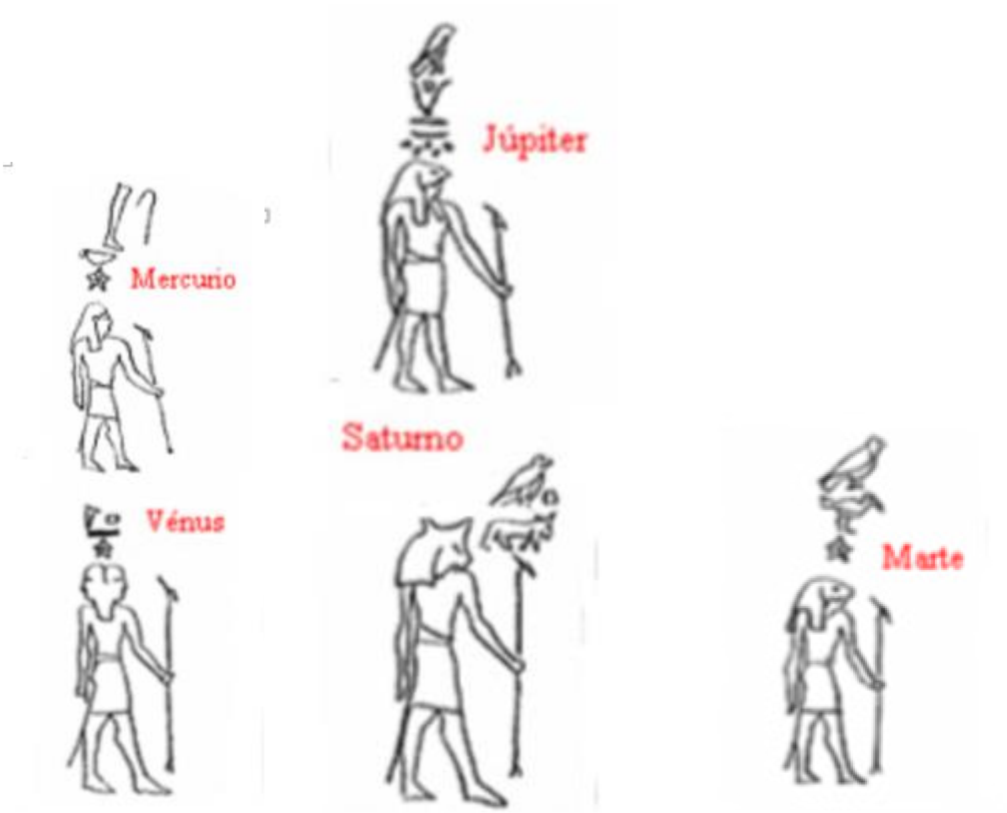
Existência das 12 constelações do zodíaco.

Existência dos 5 planetas conhecidos.

A Divisão do Zodíaco:



Os Planetas:



O nome planeta vem do grego, que significa "astro que se move", entre os mais antigos (conhecidas: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno) e os três (ou dois) restantes (Urano, Neptuno e Plutão) três milénios os separam.

Mercúrio: O deslocamento de Mercúrio aparece rapidamente e algo difícil de observar ao olho nu. Mercúrio surge tanto no Oeste depois do por do sol, como a Este antes do nascer e sempre próximo do horizonte. Um dos nomes Egípcios de Mercúrio era "O Inerte", como se os antigos astrónomos egípcios quisessem demonstrar a sua preguiça em viajar mais acima na abobada celeste.

Vénus: Vénus é o astro mais brilhante do céu, depois do Sol e da Lua. O seu brilho pode atingir até 12 vezes o de Sirius. A semelhança de Mercúrio, Vénus parece viajar muito próximo do Sol. Na iconografia Egípcia, Vénus tem duas caras, talvez se referem aqui a uma visão diurna e outra nocturna.

Para os Egípcios Vénus era o filho de Osíris – Harsiesis, mas também em alguns casos personificava Isis.

Marte: A Ideia de Marte deus da guerra foi concebida um milénio antes dos gregos pelos Egípcios, para eles era Horus o Vermelho, o guerreiro, vingador de seu pai (lenda de Osíris).

Júpiter: Júpiter foi assimilado pelos Egípcios como deus Osíris, isto é, o Deus mais querido dos Egípcios. Para eles Osíris representava o poder supremo, e era depositado nele toda a lei do Maat e a regência dos deuses.

Saturno: Horus, o touro.

Em suma, temos a representação dos cinco planetas conhecidos na época, com as suas apelações e atributos divinos. Para os antigos Egípcios a visualização destes planetas nos céus nocturnos e a sua representação no zodíaco de Dendera permitia um determinado domínio sobre os seus inimigos, pois a ciência era algo dado apenas a quem tinha domínio sobre os outros.



Figura 4.3 – Zodíaco de Dendera

As Constelações:

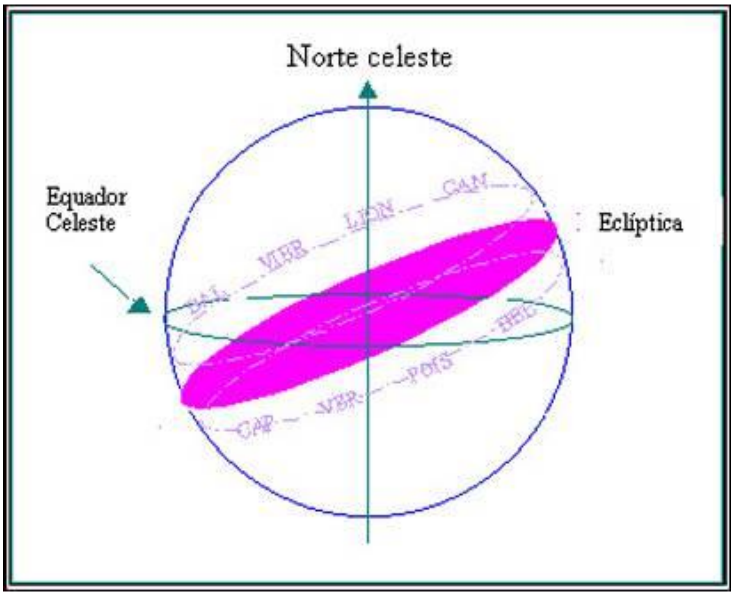


Figura 4.4 – representação da eclíptica

No Zodíaco de Dendera, encontramos a representação pictográfica das doze constelações do zodíaco, como as conhecemos hoje. Ao longo do ano

o Sol vai aparentemente "circular" numa faixa que se estende de 8,5º acima e abaixo da linha da eclíptica. (linha imaginaria que liga todas as constelações do zodíaco). Para alem do Sol, a Lua e os planetas também passam por essa zona do céu. Por esse motivo não é surpreendente ver planetas no meio de duas constelações zodiacais no zodíaco de Dendera. Esta delimitação, pensada pelos homens, inicia o seu percurso no equinócio de primavera – 21 de Março (Figura 4.4). No Egipto, as primeiras representações do zodíaco datam da época ptolemaica, época de domínio grego. Até então, os Egípcios fechados ao mundo (só algumas trocas comerciais se efectuavam) não tinham esse tipo de representações, embora se encontram algumas influências vindas de fora e algumas características egípcias influenciaram o exterior. Outro templo em que a figuração das constelações do zodíaco é por demais evidente, é o templo de Khnoum a Esna.



Figura 4.5 – representação das constelações do zodíaco do Zodíaco de Dendera

As outras constelações:

É aqui que se encontra a maior ligação entre a astronomia do tempo de Ramsés e Seti I e a época Ptolemaica, a figuração, apesar de ter sofrido alguma evolução, permanece no seu geral idêntica a figuração antiga. Aqui voltamos a ver o hipopótamo a representar a constelação actual do Dragão, a pata do bovino a representar Mesketiu (a ursa maior). No entanto, é em relação a ursa menor que houve uma maior evolução na concepção do

universo para os antigos Egípcios. Pois, como vimos no artigo anterior, na época das pirâmides a ursa menor não representava o pólo Norte, e era uma constelação de menor importância... agora, na época Ptolemaica, ela apodera-se da posição mais importante no zodíaco - a posição central, o que lhe dá o titulo de "indicadora do pólo Norte" (Figura 4.6).

A Cassiopeia é aqui representada na região Norte (como deveria ser) com a figura de babuíno. O Cisne, a Lira e o Boieiro também constam nesse novo mapa estelar.

Na região Equatorial, temos Oficus, que é considerada como a 13ª constelação do zodíaco, normalmente ela representa um homem com uma serpente, mas neste caso representa o deus Rá sentado num trono com a serpente a servir de barca.

Orion, é aqui representado como sempre o foi, desde o texto das pirâmides (cerca de 2300 a. C.) Orion é o condutor das estrelas no céu do Sul e é considerado a alma de Osíris.

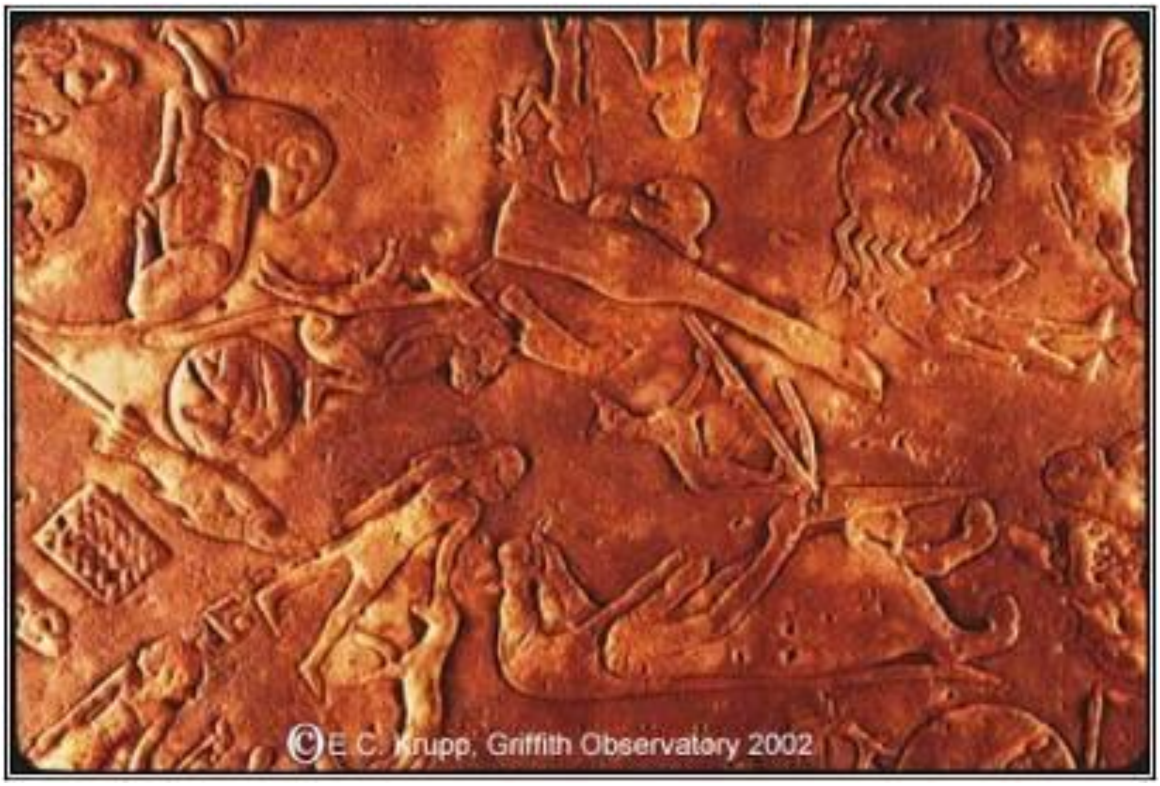


Figura 4.6 – As constelações Norte no Zodíaco de Dendera.

Sirius esta colocado ao lado da constelação de Orion, assimilada a Sothis –

imagem de Isis, na região de Assouão. Esta estrela importantíssima para os egípcios em relação ao calendário, era também ponto de partida para o posicionamento e orientação dos templos egípcios, assim sendo, em 54 a.C. o eixo sagrado do templo de Hathor em Dendera é dado pela orientação de Sirius depois do azimute do nascer a 108º40'.

No Zodíaco também estão representadas constelações do hemisfério Sul, entre as quais: Canope e a coroa astral.

Conclusão:

Em suma, o Zodíaco situado em Dendera, é a representação mais fiel dos céus datada da época Ptolemaica, dele podemos reter algumas conclusões acerca da vivência e modos de encarar os céus dos antigos egípcios. Existem ainda muitas perguntas acerca da astronomia dos antigos egípcios, da sua concepção do cosmo, e da sua relação perante ela.

É de facto importante estudar-mos o nosso passado, pois através dele entendemos melhor o nosso presente e prepara-mos melhor o nosso futuro.

Bibliografia

Amer,I. & Morardet, B. "Les dates de la construction du temple majeur d'Hathor à Dendara à l'époque gréco-romaine", ASAE 69, 1983.

Antoniadi, E. "L'Astronomie Égiptienne depuis les temps les plus reculés jusqua la fim de l'époque alexandrine",Gauthier-Villard, Paris 1934.

Winter, H. "A Reconsideration of the newly Discovered Building Inscription on the temple of Denderah",GM 108, 1989.

Bibé, C. "Les soixante-quatre Génie du Ciel", Les Khent, pp.19-28

Cauville-Colin, S. "Les inscriptions dédicatoires du temple d'Hathor à Dendera", in "BIFAO", 88 (1988), pp.7-23.

Cauville-Colin, S. "Le temple d'Isis à Dendera", in "BSFE", 123 (1992), pp. 31-48.

Cauville-Colin, S. "Le Zodiaque de Osiris",Peeters, 1999.

Clagett, M. "Ancient Egipcian science", AFS, 1995

Krupp. E.C. "In search of ancient Astronomy" Doubleday, Garden City 1978.

Neugebauer, O. "Some fundamental concepts in Ancient Astronomy", in "BAMS", 54, 1941, pp.13-29.

ANEXO REINO DE KUCH

Os faraós negros: No Sudão, o mistério da civilização kush



Império de Kuch

Uma civilização africana que rivalizou com os antigos egípcios e, por um século, chegou a dominá-los: eis o império kush, localizado na região da Núbia, atual Sudão



Ruinas da antiga cidade de Meroe, capital do Império de Kush

As pirâmides de Meroe, a última capital do império Kush (a antiga Núbia), a 200 quilômetros a nordeste de Cartum.



Pirâmides em Meroe

Uma das mais antigas civilizações do vale do Nilo, Kush tinha seu núcleo principal na confluência dos rios Nilo Azul, Nilo Branco e Atbara, mas se estendia por 1.200 quilômetros às margens do maior curso d'água da África. Inicialmente, a região era dominada pelos egípcios. Os kushitas conseguiram a independência e, no auge de seu poderio, conquistaram o Egito no século 8 a.C. Durante um século eles imperaram em todo o vale do Nilo, até serem obrigados a retroceder às terras do atual Sudão. A dinastia de Meroe foi a última numa linhagem de "faraós negros" que governou Kush por mais de um milênio, até 350 d.C., quando o império, já enfraquecido pelas guerras contra o Egito, então sob domínio romano, foi invadido e subjugado pelas tropas de Ezana, rei de Axum (a atual Etiópia).



Diferentes das egípcias, as pirâmides de Kush são menos altas e de ângulos mais agudos

Uma cultura de pirâmides

As pirâmides núbias são mais baixas que as egípcias – a maior possui 30 metros de altura – e mais pontudas, com ângulos de aproximadamente 70 graus de inclinação. Em Meroe foram encontrados três cemitérios, com mais de 100 pirâmides. Embora essas edificações tivessem sido cuidadosamente escavadas, revelando diversos objetos que expandem o conhecimento sobre a cultura kushita, muitos aspectos dessa civilização permanecem envolvidos em mistério. Até mesmo a cronologia dos fatos ainda não é precisa, diz Salah Mohammed Ahmed, diretor assistente de antiguidades do Sudão.



No amanhecer ou no entardecer, a luz solar cria cores e paisagens incríveis nas ruínas da civilização de Kush, no Sudão

Os arqueólogos também descobriram na região um grande número de pilares de pedras com inscrições, denominados estelas. Seu conteúdo ainda não foi decifrado, pois os pesquisadores conhecem o significado de apenas 50 palavras meroítas e calcula-se que esse número precisa chegar a pelo menos mil para se conseguir uma tradução adequada. Julie Anderson, arqueóloga do Museu Britânico e codiretora, com Ahmed, responsável pelas escavações em Dangeil, no norte do Sudão, afirma que: "Se conseguirmos decifrar essa linguagem, um novo mundo se abrirá para nós, como se os kushitas antigos estivessem conversando conosco." Sua equipe descobriu no início deste ano uma estátua de uma tonelada do rei Taharqa, o mais famoso dos faraós negros, que governou por volta do ano 7 a.C.



Apesar da evidente influência egípcia faraônica, a arquitetura e as artes kushitas desenvolveram personalidade e características próprias

Tumbas de governantes de Kush

Meroe é apenas o reduto mais conhecido de um império que, pouco a pouco, começa a revelar outros segredos. Um sítio arqueológico a 300 quilômetros ao norte de Cartum abriga as ruínas de cerca de 50 pequenas pirâmides, datadas desde 250 a.C até 350 d.C., que serviram de tumbas para governantes de Kush. Assentadas no topo de duas cadeias de montanhas cobertas por dunas de areia a aproximadamente cinco quilômetros a leste do Rio Nilo, essas pirâmides compõem uma das vistas mais espetaculares do território sudanês. Alguns anos atrás, uma equipe do Louvre começou a trabalhar em Al-Muweis, um local intocado por muitos anos e localizado a 200 quilômetros ao norte de Cartum. Foram encontrados ali templos, palácios gigantescos e casas.

A região pode guardar ainda muitas outras surpresas. Recentemente, o arqueólogo suíço Mattieu Honeggar descobriu em Wadi Al-Arab, um sítio no norte do Sudão, vestígios de que o local foi habitado mais ou menos 10 mil anos atrás, muitos milênios antes dos faraós negros. As escavações poderiam permitir um entendimento melhor da transição do homem para a vida sedentária.



Naquilo que foi uma alameda, leões de pedra montam

Em 2007, pesquisadores do Instituto de Estudos Orientais da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, descobriram 55 pedras que seriam usadas para moer minério com ouro, a fim de extrair o metal, na região de Hosh el-Geruf, a 350 quilômetros de Cartum, perto da quarta catarata do Nilo. As escavações mostram que Kush era um rico centro de minérios. Segundo GeoffEmberling, do Instituto de Estudos Orientais da Universidade de Chicago, a Núbia era conhecida por seus depósitos de ouro. O Egito dominou a região entre 1539 a.C e 1075 a.C. e retirou de lá muito ouro.

No entanto, boa parte das riquezas arqueológicas a serem descobertas nessa região corre o risco de permanecer em segredo por causa da construção da hidrelétrica de Meroe, que inclui um lago de mais ou menos 160 quilômetros de comprimento. Infelizmente para arqueólogos e historiadores, o progresso industrial e os conflitos armados no Sudão podem enterrar para sempre muitos tesouros do país.



A mesma alameda ornada com leões de pedra, vista de outro ângulo

Herança egípcia

Muito antes de os faraós negros governarem o Egito, os soberanos da 18ª dinastia egípcia (1539-1292 a.C.) conseguiram dominar a Núbia, que era conhecida por sua riqueza em recursos minerais. Submetida aos egípcios, a elite núbia começou a adotar seus costumes culturais e espirituais, como a veneração a deuses, a língua, os ritos de funeral e enterro e, mais tarde, as pirâmides.



Este detalhe de papiro egípcio mostra escravos kushitas carregando oferendas

Durante esse período de dominação egípcia, os núbios forneciam ao ocupante outros materiais de valor, como peles de animais, marfim, ébano, gado e cavalos. Com isso, muitos egípcios foram morar na região de Kush e muitos kushitas se mudaram para o norte. Os egípcios também construíram grandes templos e monumentos no local. Um dos centros religiosos de Kush, próximo à terceira catarata do Nilo, era dedicado à estátua do deus egípcio Amon. Outra herança cultural notável foram as pirâmides. O primeiro a querer ser enterrado em uma foi o segundo faraó núbio, Piye. Porém, as pirâmides das duas nacionalidades são diferentes. As dos kushitas são mais baixas e mais pontudas.



Ruínas de um templo kushita

Império poderoso

Estabelecido por volta de 2500 a.C., o império de Kush era reconhecido pelo antigo Egito e pelos textos bíblicos. Acredita-se que os kushitas vieram de civilizações africanas que habitavam o sul do Nilo. Os moradores de Kush desenvolveram reinos poderosos. O primeiro foi centrado em Kerma (2000-1650 a.C). As últimas capitais foram Napata (800- 270 a.C) e Meroe (270 a.C.-370 d.C).



Um outro belo ângulo das ruínas kushitas

Por quase um século, os kushitas governaram seu vizinho do norte, o Egito. Conhecidos também como "faraós negros", os soberanos da Núbia contribuíram muito para a civilização egípcia. Arqueólogos encontraram evidências de que os faraós de Kush, que representam a 25ª dinastia no poder do Egito, mandaram construir e restaurar muitos monumentos dos dois reinos. Algumas representações, principalmente as dos faraós, mostram novas formas originadas da mistura da cultura dos dois povos.

Numerosas representações faraônicas têm características faciais de kushitas, bem como alguns dos artefatos usados pelos soberanos. Os faraós kushitas conseguiram reunificar um Egito desgastado, criando um império que se estendia da fronteira sul, onde hoje é Cartum, até o Mar Mediterrâneo.



Na ilustração, um faraó kushita recebe homenagens de súditos egípcios

Os povos berberes



Conhecidos desde a Antiguidade, os bérberes são povos **autóctones** (ou seja, povos naturais da região) do norte da África. Não fosse por eles, as rotas comerciais da África sub-saariana com o Oriente Médio e até mesmo com a Europa demorariam séculos para tornar-se realidade.



Inicialmente os bérberes viviam em tribos esparsas que cobriam uma boa parte do deserto do Saara, principalmente na região que nós costumamos chamar de “Magreb”, onde hoje temos Mauritânia, Marrocos, Argélia, Mali, Líbia e até mesmo uma parte da Tunísia.

Como nômades, ao longo do tempo eles desenvolveram a capacidade de viver e cobrir grandes distâncias no deserto, acostumando-se às limitações físicas e climáticas que só um deserto pode impor a quem o desafia.

Hoje os antropólogos que estudam os bérberes não os classificam como apenas UM povo comum, mas sim **um conjunto de povos nômades que tem características sociais e linguísticas bem parecidas,** mas que não tem uma definição—até os dias de hoje—como um povo unido em torno de um Estado, apesar de uma identidade cultural bem comum entre as diversas tribos.

Permitam-me um exemplo rápido de povo que mesmo sem uma nação geograficamente definida, sempre se identificou como povo comum: os judeus, que mesmo expulsos da Palestina na Antiguidade e espalhados por diversos países, mantinham-se ligados por laços culturais e religiosos. Isto mudou com a fundação do Estado de Israel em 1948, mas acho que vocês entenderam bem o exemplo.

Cabe aqui também citar uma peculiaridade dos bérberes: após a expansão islâmica entre os séculos VIII e IX, muitos se converteram ao islã e transmitiram sua herança religiosa. Hoje podemos dizer que a característica mais comum ao povo bérbere é justamente o islamismo.

Normalmente os bérberes são classificados de acordo com os dialetos específicos de cada grupo, que também costumam ocupar uma região de forma esparsa ou não. Os três principais grupos berberes—que são também grupos linguísticos—são os **tuaregues**, os **tamazights** e os **chleuhs**. Temos também os chamados bérberes dos oásis, os **chaouias**, os **rifains** e os **kabyle**s.

Os mercadores do deserto

Com o tempo os constantes deslocamentos *credenciaram* os bérberes à tarefa de comerciantes e principais transportadores de produtos entre a parte central e sul do continente—onde nós temos savanas e florestas tropicais que ficaram isoladas por séculos por conta da proteção do deserto do Saara—com os grandes centros consumidores da Antiguidade.

Desnecessário dizer que os principais *aliados* na árdua tarefa dos berberes em viajar pelo deserto por semanas ou meses sempre foram o camelo e o dromedário, animais que suportam viver nas condições extremas da região.



“Sabe aquela piada do camelo que bebida 10 litros de água ‘bem tijolado’?”

Os berberes transportavam e comercializavam de tudo, desde peles de animais selvagens abatidos nas florestas e savanas, marfim, cerâmicas, lanças, pedras preciosas e até escravos, capturados depois de batalhas entre as tribos sub-saarianas e vendidos no Egito, na Núbia e no Oriente Médio.

Normalmente os berberes faziam a *ponte* entre as mercadorias produzidas pelos ashantis, bantos, songhais, haussas e bambaras, entre outros povos sub-saarianos e da região do sahel—aquela região logo abaixo do Saara que precede as florestas africanas—para outras regiões e vice-versa, garantindo a circulação de muitos produtos entre o continente africano e o Oriente Médio, abastecendo de especiarias as cidades litorâneas do Mediterrâneo, do Atlântico e da Península Arábica.



Mercado de especiarias em Marrocos. Há séculos abastecido pelos berberes

ANEXO - HINOS DE ADORAÇÂO A AMON RA

- Mitologia Egípcia, Amon-Rá, Hino à Rá-Aton-Horakhti
- Por Luís Manuel de Araújo
- Salve a ti Rá, que criaste os homens, / Aton-Horakhti, deus único, que vive de maat, / que fez e criou o que existe para o gado humano saído do seu olho! / Senhor do céu, senhor da terra, / criador dos seres que estão em baixo e dos que estão em cima. / Senhor universal, touro da Enéade, / rei do céu distante, senhor dos deuses, / soberano que está à cabeça da Enéade, / deus divino que vem à existência por si mesmo, / deus primordial, vindo à existência desde o começo. / Gestos de alegria para ti, criador dos deuses! / Aton que fez vir à existência os rekhit, / Senhor benfazejo, grande de amor. / Quando ele resplandece, todos os rostos vivem. Eu louvo-te ao entardecer, / eu te apaziguo quanto tu te deitas em vida. / A barca da noite tem o coração aberto / e a barca do dia, em júbilo, faz gestos de alegria / quando elas se dirigem para ti. / O Nun está em paz, a tua equipagem exulta. / A tua iaret derrotou os teus inimigos. / A marcha de Apopis foi travada. / Tu deitas-te, feliz, de coração aberto, / no horizonte de Manu.
- Tu resplandeces lá em baixo para o deus grande, / senhor da eternidade, regente de Iugueret. / Tu dás a luz aos que estão lá em baixo / e eles olham para a tua beleza. / Os habitantes das regiões subterrâneas, nas suas grutas, estendem os braços, louvando o teu ka. / Os habitantes do Ocidente ficam em alegria / Quando tu resplandeces para eles. / Os senhores da Duat têm o coração sereno.
- Quando tu iluminas o Ocidente. / Os seus olhos abrem-se à tua vista, / o seu coração rejubila quando eles te vêem / e o teu corpo dá alegria ao seu rosto.
- Tu escutas as súplicas daqueles que estão no sarcófago. / Quando tu te ergues, afastas o seu sofrimento. / E quando tu te deitas, tu acalmas os seus membros. / Eles adoram-te quando tu chegas junto deles. / Eles puxam a corda da proa da barca divina / quanto tu te deitas no horizonte de Manu.
- Tu és perfeito, ó Rá, cada dia! / Faz com que o meu ka esteja à cabeça / quando a tua claridade brilha sobre o meu peito. / Que eu veja o disco solar / quando o vêem esses akhu perfeitos da necrópole / que estão perante Uennefer / criando tudo o que é necessário para as Duas Terras.
- Notas
- O hino está gravado numa esteia conservada no Museu Egípcio de Berlim (n° 7317), em que as linhas 7 a 17 do texto correspondem ao capítulo 15 do «Livro dos Mortos», que apresenta curiosas variantes. Entre os vários egiptólogos que o estudaram podem destacar-se os já antes mencionados J.

Assmann,

- Aegypt Liche Hymnen und Gebete, n° 62, A. Barucq e E Daumas, cuja boa antologia inspirou esta versão (Hymneo et Prièrej, pp. 132-135). Para o confronto com o capítulo 15 do «Livro dos Mortos» foi consultada a versão de P. Barguet (Le Livre à ed Morto, pp. 45-53, em especial a p. 50). Foi também apreciada a versão de R. Faulkner em J. Wassermann (ed.), The Egyptian Book of the Dead.
- Trata-se, na verdade, de um belo hino à divindade sincrética Rá-Atum-Horakhti. Ele foi elaborado pelo filho do funcionário Panehesi (em português, «O Preto»), que exibe o título de escriba das bebidas do harém real, além de um outro de carácter honorífico, o de «único perfeito», uma expressão que habitual mente é reservada para o rei e para os deuses, mas que neste caso, e insolitamente, é atribuída a um funcionário.
- Entre os aspectos sublinháveis do presente hino é de mencionar o sincretismo de Rá-Atum e Horakhti, conhecidas divindades solares cuja presença se entende bem aqui com as repetidas alusões ao erguer (Horakhti) e ao pôr, ou deitar, do Sol (Atum). Note-se, uma vez mais, a designação de «deus único», neste caso atribuída ao poderoso Rá, que afinal era tão «único» como os outros grandes deuses do panteão egípcio.
- Referências
- ABNT
- ARAÚJO, Luís Manuel de. Hinos à Rá. in:__________. Mitos e Lendas: Antigo Egipto. Lisboa/PT: Livros e Livros, 2005. p.45-60.
- Hino a Rá-Horakhti
-
- Mitologia Egípcia, Amon-Rá, Hino a Rá-Horakhti
- Por Luís Manuel de Araújo

- Salve a ti, *ba* de forma sublime,
disco brilhante de luz,
senhor das aparições gloriosas,
cuja imagem é resplandecente,
(...) que se criou a si mesmo,
que vem na qualidade de deus único! Quando ele veio à existência,
todos os deuses vieram à existência, depois dele. O grande escondido,
de quem não se conhece estátua sobre a terra.
- Quando ele se ergue no céu, lança os seus raios
e ilumina a terra de ouro.
Chega pela manhã e de novo se transforma em criança,
rejuvenescido, atravessando a eternidade.
Ele brota do Nun quando a terra está nas trevas.
Ele vê-se, graças aos seus raios, porque se tornou jovem. Os deuses saíram da sua boca; os homens, do seu olho. Eles prosternam-se por causa do seu prestígio.
Ele fez o solo para nele se lixar

a primeira vez, quando veio à existência,
criando este país e dando nascimento a todas as coisas. Ele fez também tudo aquilo de que se necessita.
São feitos gestos de alegria quando tu sais do Nun
e saúda-se respeitosam ente o teu prestígio.
Os deuses do circuito celeste prosternam-se perante ti, e todos velam por ti.
Quando tu apareces no horizonte,
pela manhã, todos te adoram.
Deixa de haver abatimento
quando a tua doçura está nos corações.
Desde que povoaste a terra com o que saiu de ti,
tu aplicas as suas mãos às suas obras.
Aquilo que ordenaste existe de maneira estável
e realiza-se verdadeiramente o que tu realizaste!

- Louvor ao teu *ka* por causa do teu rosto, prosternação à medida do teu amor,
gestos de alegria correspondentes ao teu poder, saudação respeitosa para a tua doçura.
Os braços estendem-se pela grandeza do teu prestígio. Glória para exaltar (...)
Quão feliz é o teu aparecimento glorioso!
Quão resplandecente é a tua forma!
(...) é o esplendor dos teus olhos!
Belo senhor da pluma dupla, perfeito de rosto,
de peito ornamentado.
Os deuses vêm louvar o teu rosto, eles glorificam o teu nome venerável, dizendo: «Desperta em paz!» Eles prestam veneração ao teu *ka* porque tu és o venerável do céu e o poderoso da terra.
- Waset [Tebas], como um horizonte, exibe a tua imagem, Ermant está inundada com a tua beleza
como o céu quando Rá nele resplandece.
Os teus raios abrem os olhos
levando o deslumbram ento aos rostos
cada vez que tu apareces glorioso.
As deusas tocam o sistro
entoando os seus hinos quando tu te ergues. Eles te exaltam por causa do teu amor que é grande. Elas dão glória às tuas formas.
Elas despertam-te pelos seus hinos.
Elas dão gritos de alegria pelo teu prestígio, Elas fazem a reverência nlnl ao teu belo rosto, porque foste tu que as criaste.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, que fez o céu para o seu *ba*
para iluminar as Duas Terras.
E ele que está no céu distante como disco solar eternam ente, em paz!

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, que encobriu a Duat
para esconder o seu mistério.
Nem os deuses, nem os homens se aproximam dele por o temerem,
em paz.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, que fez isso inteiramente.
Não existe ninguém da sua espécie
desde que ele saiu do Nun sobre uma flor-de-lótus, em paz.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, falcão sublime de brilhante plumagem, cujas asas atravessam o orbe do céu superior em paz.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, escaravelho divino, que navega no horizonte, Khepri que se eleva pela manhã,
em paz.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, de raios incandescentes.
A sua tripulação está na sua barca divina,
nesta sua forma de Rá, em pleno dia,
em paz.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, navegante do entardecer. Envelhecido, é Atum que se deita na vida
em paz.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, que exibe as coroas em Karnak,
nesta sua estátua mais venerável que as de todos os deuses, em paz.

- Desperta, sê pacífico!
- Tu despertas em paz!

Amon-Rá, poder sublime, regente da Enéade,
que rejuvenesce cada dia como rei da eternidade,
em paz.

- Louvor a ti! Venerável que puseste no mundo os deuses, depois de te teres criado único,

que formaste as Duas Terras,
depois de te teres modelado a ti mesmo,
a partir da semente do teu corpo.
Ele próprio modelou o seu corpo.
Não houve nenhum pai que tivesse engendrado o seu ser, não houve nenhuma mãe que o tivesse posto no mundo, não houve nenhum sítio de onde ele saísse.

A terra existe graças aos seus raios,
a luz veio à existência depois de tu teres vindo à existência. Tu iluminaste as Duas Margens com os teus raios quando o teu disco brilhou.

- Toda a gente vê, desde que o teu olho direito apareceu glorioso pela primeira vez

e que o teu olho esquerdo afastou a sombra do crepúsculo. Por isso o céu exulta na renovação dos teus nascimentos porque a sua luz mantém-se de noite como de dia.
Sem desfalecimento tu te ergues eternamente para sempre. O Nilo corre, fluxo que vem de ti.
Ele renova-se saindo do teu corpo.
Ele engendra tudo para o teu *ka*, porque tu o criaste. Todos os homens vivem dos alimentos que tu criaste para eles. Tu és forte e tu não te fatigas fazendo viver o que tu fizeste.

- As narinas respiram pelo sopro que tu dás sem cessar. Quando no céu chega o vento do Norte,

ele respira, graças à tua palavra.
Tu corres sem conhecer o limite, não sabendo voltar as costas para o que criaste no início.
Ao mesmo tempo que os deuses primordiais
tu engendraste a totalidade da Enéade.
Tu fundaste os santuários para os seus *kau*,
eficiente naquilo que ordenaste.
Não há perturbação para aqueles a quem fixaste o destino até à consumação da eternidade.
Possas tu confirmar a duração da vida
para o teu filho, que faz o que tu amas.
Torna estáveis os seus anos sobre a terra,
pois ele está sobre o teu trono.
Que ele complete jubileus com regozijo
segundo o que ordenou o teu *ka*,
para ele, o rei do Alto e do Baixo Egipto, faraó. Possas tu dar-lhe vida e estabilidade como regente do trono. Que o orbe que tu percorres esteja submetido ao teu palácio. Ele existe para a eternidade,
sem que cesse a alegria do seu coração,
assim como o seu *ka*, para a perenidade.
O filho de Rá, faraó, é lá que ele dura e que ele existe sem desfalecer!

- Salve a ti, único, de misterioso nascimento, nobre, sublime entre os deuses primordiais, deus poderoso, de forma elegante, gracioso, senhor de amor!
  - Os homens fazem-te gestos de alegria

e glorificam a tua forma.
Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá!
Os deuses veneram a tua majestade,
eles exaltam a tua sublime doçura.
As cantoras marcam a cadência para o teu *ka*,

elas anunciam para ti a felicidade:
«Alegria e júbilo à porta do templo,
por toda a duração da eternidade!»
Quando tu és gracioso,
as Duas Terras ficam alegres pela tua perfeição. Todos os homens te adoram:
«Aclamação para o *ba* que está na serpente sagrada!» Cada vez que ele navega,
a barca da noite e a do dia ficam contentes transportando o seu senhor.
Quando ele ilumina as trevas
e os seus raios percorrem as Duas Terras que ele fez, ele é adorado para glorificar o seu *ka*.
A tua pluma dupla desperta as cabeças
e acorda todos os rostos adormecidos.
Os habitantes da Duat estão de vigília.
Tu circulas para eles depois de fazeres a proteção dos membros do deus sublime. Como isso é agradável!
Façamos aclamações para o teu *ka*, prosternemo-nos para a tua forma!

- Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá! Deus brilhante, senhor do futuro, de múltiplos aspectos, os corações não ficam fartos do teu amor!

Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá! Criança que põe no mundo o céu,
cria a terra, a água e as montanhas e faz vir à existência todos os seres! Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá!

- Tu iluminaste a terra envolta nas trevas quando tu te elevaste saindo do Nun.
- Homens e deuses vieram depois de ti. Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá!
- Poderoso de múltiplos nomes, que não é conhecido.

É um deus que está longe para ver
mas perto para escutar.
Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá!
Deus de braço forte, senhor poderoso, rico de força, pronto a irritar-se, violento, esmagando os seus adversários, mas senhor de graça, transbordando de amor, de coração terno, que escuta as preces, vindo para quem o chama.
Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá!
Que engendra todos os homens
e tudo aquilo que eles necessitam,
único, forte para fazer viver, ele não desfalece!

- Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá! Refrescador que rega os campos

e faz crescer as plantas viçosas.
Tudo o que ele toca fica inundado
por aquilo que sai do seu corpo.
Gestos de alegria para ti, sem cessar, Amon-Rá! Ele faz durar

aquele que adora o seu *ka*
e exalta o disco solar cada dia,
mas ele destrói aquele que o negligencia
e não reconhece a sua autoridade.

- Como é doce lembrar a tua bondade, senhor dos deuses!

O coração torna-se inteligente para difundir o teu prestígio.
Todos os homens ficam contentes
quando eles adoram o teu nome venerável
e te oferecem a serenidade de coração que está nas suas bocas.
Que o teu *ka* seja sem cessar bem-vindo, ó vivo, deus sem declínio, rebento de cada dia,
a quem não é imposto nenhum limite (...)
com a cabeça inclinada, com aclamações e gritos de alegria, que se liga de amizade com o que sai do lótus, que se alia (...) Novas gerações aparecem,
para inspirar o seu temor reverencial.
Assim como o céu tem o seu *ba*, também a terra tem a sua imagem.
Os rostos estão ornamentados, graças a ti, porque tu inundaste os corações. Bem-vindo! Bem-vindo ó Amon-Rá!

- Foi ele que foi concebido de noite e gerado de dia, que não cessa de aparecer como um jovem rapaz, rebento de cada dia.

Conta-se a duração de vida dos deuses, quando ele brilha no horizonte. Conhece-se o momento do homem, pelo seu erguer, e determina-se o ano, de acordo com os seus raios. Tu fizeste a totalidade de todas as coisas que estão diante da tua face.
Tu és triunfante, senhor dos deuses!

- Os deuses [dizem]:

«Aclamação! Adoremos o nosso pai!»
Os homens [dizem]:
«Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»

-
- Um contracanto!!!!
-

(...) quando tu brilhas.
As suas folhas inclinam-se para o teu rosto bem amado.

- Então respira-se o incenso transportado pela tua luz,

(...) sem cessar, em paz!
Amon-Rá, tu que formaste as Duas Terras,
que organizaste as Duas Margens,
toda a coisa começou pela ação criadora do teu coração.
Tu anunciaste o que virá no futuro em milhões de anos, porque a eternidade está diante de ti como o ontem que passou. Os nossos cânticos de glória,
és tu que os pões nos nossos corações.
Tu criaste os nossos corpos.
Prodigalizamos aclamações para o teu *ka*
quando tu resplandeces no horizonte.

Quando tu apareces, glorioso, em niaet, as Duas Terras estão contentes.
Tu acorres àquele que te invocou em tempo de graça.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!» Os homens: «Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!» Este deus, senhor de maet, de que ele se satisfaz, forma divina, senhor dos desígnios primordiais, de leis florescentes.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!»
Os homens: «Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»
O destino depende dele, os anos estão na sua mão, Renenutet e Meskhenet trazem o que ele ordenou.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!»
Os homens: «Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!» Khnum, que modela os homens e põe no mundo os deuses, que faz viver todos os rostos e tudo o que eles necessitam, segundo os desejos do seu coração.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!»
Os homens: «Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»
Deus primordial que criou a Enéade.
Tudo começou quando ele tudo fabricou.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!»
Os homens: «Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»
Toda a existência veio à existência
depois de ele ter instaurado
tudo o que existe na totalidade.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!»
Os homens: «Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»
Deus que veio em primeiro lugar
sem que houvesse alguém antes dele.
Ele engendrou os nossos corpos com as suas próprias mãos.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka!*

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!»
Os homens: «Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»
Ele que aparece, brilhante, com formas agradáveis,
de manifestações múltiplas.
A sua doçura renova-se sem que o seu coração fique insensível.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!» Os homens:
«Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»
Ele é o rei da eternidade, regente da perenidade, soberano
senhor do céu, primogénito do país.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!

Os deuses: «Aclamação! Adoremos o nosso pai!» Os homens:
«Louvemos o nosso criador
no seu nome de autor dos nossos corpos!»
Ele fez as D uas M argens e criou o território, ele construiu as
moradas dos deuses
para toda a duração da eternidade.

- Aclamação! Veneremos o teu *ka*!
- Como é agradável glorificar-te, autor dos seres!

Tu és o deus gerador dos deuses, tu criaste tudo.
Os seus braços estão estendidos para ti em gesto de
homenagem. Os pat e os rekhit veneram-te
e aplaudem quando tu te ergues no horizonte do céu,
prosternando-se perante a tua imagem sublime.
O teu amor não cessa até ao fim da eternidade.
Tebas faz ressoar o tamborim, Karnak está alegre.
A tua Enéade está na exaltação
quando é transportada a tua imagem,
quando tu navegas na barca divina,
como naquela que é puxada pelos divinos canídeos
sobre os caminhos de Nut.
Os teus raios brilham como o disco solar que se revela,
a tua luminosidade renova-se no céu e na terra.
Todo o olho vê quando tu te ergues,
todos os corações rejubilam quando te vêem.
Os teus dois olhos sagrados estão sobre a tua cabeça,
desde a eternidade e para sempre,
e o teu rosto está sereno, Amon-Rá.
De quantos milhões e milhões é feito o teu ser!
Tu que apareces glorioso em Waset [Tebas]
e te deitas em Heliopolis,
onde a morada do benben foi consagrada para esconder o teu
corpo.

- Quando tu cumpriste inteiramente o teu período [cósmico] a tua duração de vida não está terminada,

pois que vem a ti (...) trazendo o bem.
Veneração a ti, senhor dos senhores,
até aos limites do teu amor!
Glória a ti, regente de tudo o que existe para seu prestígio! Júbilo
para o teu *ka*, autor dos seres,
tão venerável é o teu poder!
Gestos de alegria para ti, cuja forma é poderosa,
em razão da tua ternura!

Saudação respeitosa para ti, senhor de temor reverencial!
Testemunhamos respeito perante o teu rosto.
Gritos de alegria para ti, que vens rejuvenescido.
A tua duração de vida é a eternidade quotidiana! Louvor a ti,
regente dos henememet!
Tudo o que tu organizaste te adora. Prosternação para ti,
único que permanece na sua unicidade,
que deu nascimento aos deuses e aos homens.
Tudo o que saiu de ti [curva-se] para ti.
(...) tudo para os teus dois olhos sagrados.
(...) naquilo que tu fizeste.
Não tem fim a obra das tuas mãos.
A tua existência é a eternidade,
sem que os teus anos sejam jamais cumpridos.
O teu filho Hórus multiplica as oferendas solenes, eternamente.

- Notas
- O hino, dedicado a Rá-Horakhti, consta no Papiro de Berlim 50L9, que data da XXII dinastia (Terceiro Período Intermediário, se bem que no início apareça o nome do faraó Ramsés IX, da XX dinastia), e foi traduzido a partir de A. Barucq e F. Daumas, Hymneo et Prièreo, pp. 262-278. Ele consta igualmente da recolha antológica feita por J. Assmann, AegyptLiche Hymnen und Gebete, n° 127. Outros egiptólogos interessaram-se por este sugestivo hino, e o interesse começou logo em 1905, data em que ele foi publicado emfac-oímile pelo Museu de Berlim.
- Uma vez mais se alude à unicidade do deus «único» que é Rá, o deus solar de Heliopolis, aqui de novo em sincretismo com Horakhti e com Amon (Rá-Horakhti e Amon-Rá). Como este hino afirma logo no início, o disco solar éoba de Rá-Horakhti, tal como as constelações e a Lua podem ser os bau de várias divindades.
- A alusão a Rá como sendo o Escondido (imen) procura, de uma forma evidente, assimilá-lo a Amon, se bem que o disco solar apareça bem visível no céu, como se tosse de ouro — e de ouro era a carne dos deuses. A evocação de Amon-Rá como escaravelho divino abre caminho para a referência a Khepri, o Sol que se ergue na alvorada, depois caminhando, «envelhecido», para o ocaso como Atum. Por vezes, em lugar de Khepri aparece Horakhti, também uma divindade solar, especialmente venerada na região de Mênfis e Heliopolis.
- A alusão a diversas divindades criadoras, como Khnum (devido ao ato de Rá se modelar a si próprio no torno de oleiro), e protetoras, como Renenutet e Meskhenet, procura robustecer a imagem do deus solar. Note-se que Rá afirma também o seu poder durante a noite, pois o seu olho esquerdo é a luminosidade da Lua.
- Este hino, a exemplo de outros, faz referência aos pat, rekbit e heneineinet. Trata-se de designações para várias categorias de homens cuja atribuição ainda se mantém obscura (em todo o

caso não parecem ser classes sociais). O hino refere a região de Iugueret, que era um dos nomes da necrópole tebana (embora ele pudesse ser generalizado a outras necrópoles). A sua tradução é o Lugar do Silêncio, onde reinavam Anúbis, Osíris, Hathor e outras divindades. Quanto a Manu, era o nome da montanha ocidental onde diariamente o Sol se punha, como manifestação de Atum, no final do dia.

- Referências
- ABNT
- ARAÚJO, Luís Manuel de. Hinos à Rá. in:_________. Mitos e Lendas: Antigo Egipto. Lisboa/PT: Livros e Livros, 2005. p.45-60.
- Adoração matinal de Rá
-
- Mitologia Egípcia, Amon-Rá, Adoração matinal de Rá
- Por Luís Manuel de Araújo
  - Salve a ti Rá, na altura do teu levantar, Atum na altura do teu deitar!

Tu ergues-te cada dia, tu brilhas cada dia, quando apareces glorioso, rei dos deuses.
Tu és o senhor do céu e o senhor da terra, que fizeste os seres de cima e os seres de baixo. Deus único que veio a ser a primeira vez, que fizeste a terra e criaste os rekhit,
que fizeste o Nun e criaste o Nilo, que fizeste as águas e fazes viver tudo o que lá se encontra, que elevaste as montanhas
e dás existência aos homens e aos rebanhos.

- O céu e a terra fazem a reverência *nini* ao teu rosto e Maet abraça-te dia a noite.

Tu percorres, com o coração aberto, o céu distante e o lago das Duas Facas está acalmado,
o monstro Nik foi abatido e os seus dois braços cortados. A barca da noite recebe o vento bom.
Aquele que está no seu santuário tem o coração sereno. Ele aparece como o poderoso do céu,
único, ornado, saindo do Nun.
Rá, justificado, jovem rapaz divino,
herdeiro da eternidade,
que se engendrou e criou a si mesmo,
muito único, de numerosas formas,
rei dos países, regente de Heliopolis,
senhor da eternidade, conhecedor da perenidade.

- A Enéade faz gestos de alegria no teu levantar,

os que estão no horizonte remam para ti,
os que estão na barca da noite exaltam-te.
Salve a ti, Amon-Rá!
Tu te comprazes na maet!
Quando atravessas o céu distante,
todos os rostos olham para ti.
Tu és firme, a tua majestade avança,
os teus raios caem sobre os rostos

e no entanto eles não são conhecidos.
Não há certamente língua
capaz de se apropriar de um igual a ti.
Tu és único como um que (...)
Faz-se reverência ao teu nome.
Jura-se por ti, porque os rostos pertencem-te.
Tu escutas com as tuas orelhas
e o teu olho vê milhões de terras.
Não há ninguém que distinga entre ti e eles.
O teu coração vai ter um dia feliz no teu nome de corredor.

- Tu percorres os lugares por milhões e milhares.

Tu os atravessas em paz
e tu governas sobre o lago Aku para o lugar que tu amas. Tu fazes isso num curto momento
e depois deitas-te após teres cumprido as horas.

- Notas
- O hino, uma «adoração matinal de Rá», coloca em evidência a unicidade de Rá e o seu poder criador e dispensador de vida à terra e aos homens. Este hino consta de um papiro funerário feito para o funcionário Hunefer (XIX dinastia), o qual se conserva no British Museum (n°9901), traduzido e publicado, entre outros, por J. Assmann, Aegyptiiche Hyninen und Gebete, n° 42, e A. Barucq e F. Daumas, Hymnej et Prière-J, pp. 174-177, a partir dos quais se apresentou a versão acima traduzida. Trata-se de um dos mais belos papiros da XIX dinastia.
- No hino, Rá aparece como criador dos deuses (os seres de cima) e dos homens (os seres de baixo, aqui se incluindo os animais), além de ter feito o Nun (elemento anterior à própria criação) e o Nilo. O lago das Duas Facas aqui referido alude a uma região mítica do Além.
- Quanto à reverência *nine*, que é mencionada em vários hinos de timbre solar, também neste aparece, aqui feita gestualmente pelo céu e pela terra. A reverência nuu consiste em gestos de veneração, os quais incluem o derrame de água com as mãos diante da entidade divina que se pretende venerar, neste caso Rá (mas costuma também ser Amon).
- Hunefer apresenta-se no papiro como intendente do senhor das Duas Terras e escriba do palácio de Menmaetré (quarto nome do rei Seti I) e remata o texto com as frases seguintes: «Ah, meu senhor, que percorres a eternidade! A tua existência é eterna! Ah, é Aton, o senhor dos raios luminosos! Tu ergues-te e todo o mundo vive, tu fazes com que se veja a manhã de cada dia.» Note-se aqui a alusão a Aton, não tanto como divindade «única» que exacerbadamente foi venerada por Akhenaton na sua reclusão amarniana, mas como disco solar onde habita Rá. Depois de Amarna, o disco solar continuou a ser venerado e invocado, mas sem qualquer conotação henoteísta.
- Referências
- ABNT

- ARAÚJO, Luís Manuel de. Hinos à Rá. in:_________. Mitos e Lendas: Antigo Egipto. Lisboa/PT: Livros e Livros, 2005. p.45-60.
- Grande hino a Amon do Cairo
-
- Mitologia Egípcia, Amon, Rá, Ré, Amon-Rá
- Por Luís Manuel de Araújo
  - Adorar Amon-Rá, o touro que está ern Heliopolis, que está à cabeça de todos os deuses, \ deus perfeito, bem amado, \ que dá vida a todo o ser vivo e a todo o gado. / Salve a ti, Amon-Rá, senhor dos tronos das Duas Terras, que reside em Karnak, / Kamutef, que reside diante das suas pastagens, / deus de grandes passadas, que reside no país do Sul, / senhor dos Medjai, regente de Punt,
venerável do céu, primogénito da terra, / senhor de tudo o que é, por quem toda a coisa é estável, / único na sua espécie entre os deuses, / touro perfeito da Enéade, que está à cabeça de todos os deuses, / senhor de maet, pai dos deuses, / que fez os homens, que criou o rebanho, / senhor de tudo o que existe, que criou as árvores de fruto, que fez a forragem para alimentar o gado, / poder benfazejo que fez Ptah, / jovem rapaz, belo de amor, / que os deuses não cessam de louvar, / que fez o que está no alto e no baixo / quando ele iluminou as Duas Terras!
    - Ele atravessa o céu distante em paz,
rei do Alto e do Baixo Egipto, Rá, justificado,
à cabeça das Duas Terras,
cujo valor é grande, senhor prestigiado, dominador que fez toda a terra,
mais sublime nos seus desejos que todos os deuses.
Os deuses exultam com a sua perfeição,
não se cessa de fazer gestos de alegria para ele no Per-uer,
e procissões no Per-neser.
Os deuses amam o seu perfume quando ele regressa do Punt,
rico de aromas quando ele volta dos Medjai,
deus de belo rosto que regressa do país do deus.
Os deuses arrastam-se a seus pés,
porque sabem que sua majestade é o seu senhor, senhor do temor, muito temido,
rico em prodígios, poderoso em aparições gloriosas,
que faz prosperar as oferendas e os alimentos.
Gestos de alegria para ti, criador dos deuses,
que elevas o céu, afastando-o da terra.
    - Eleva-te florescente, Min-Amon,
senhor da eternidade, criador da perenidade,
senhor dos louvores, que reside em Karnak,
cujos dois cornos são firmes, de belo rosto,
senhor da iaret, que eleva a dupla pluma,
que embeleza o diadema, que ergue a coroa branca!
As serpentes sagradas, as duas Uadjit, estão sobre o teu rosto. Os seus ornamentos são os do palácio: pa-dekhcmtinanejit e

kheprech.
O seu rosto é perfeito quando ele recebe a coroa atef,
ele que ama o diadema do Sul e o diadema do Norte, senhor da coroa dupla, ele recebe o ceptro aniés, senhor do estojo nieké), ele usa o ceptro nekbakha. Regente perfeito, que aparece glorioso com a coroa branca, senhor dos raios, que faz a luz,
os deuses não cessam de o glorificar.
Ele estende sempre os seus braços àquele que ele ama, mas o seu inimigo é queimado pela chama.
E o seu Olho que vence os rebeldes,
que espeta a sua lança em quem tenta absorver o Nun,
e faz regurgitar ao monstro Nik aquilo que ele engoliu.

- Salve a ti, Ré, senhor de maet,

cuja capela está escondida, senhor dos deuses! Khepri na sua travessia celeste,
por cuja ordem os deuses vieram à existência. Atum, criador dos rekhit,
que distingue as suas raças e os faz viver, que diferencia as suas peles umas das outras, que escuta a suplica de quem vive na opressão, cujo coração é benevolente quando se lhe apela, que protege o tímido do violento,
que corta entre o poderoso e o sofredor, senhor de dia, em que bu é a palavra.
O Nilo vem de acordo com o seu desejo, senhor da ternura, grande de amor.

- Ele veio fazer viver os rekhit, fazendo sem cessar abrir todos os olhos. Os seus dois olhos estão no Nun.

A sua benevolência fez existir a luz. Os deuses exultam com a sua perfeição, os seus corações vivem quando o vêem.

- Ó Ré, que se venera em Karnak,

de aparições prodigiosas na morada do benben, heliopolitano, senhor da festa do primeiro dia do mês lunar, para quem se celebra a festa do sexto dia do denit! Soberano, vida, força e saúde, senhor de todos os deuses, falcão que habita no horizonte e à cabeça dos nobres, mas o seu nome está escondido às suas crianças
no seu nome de Amon.

- Salve a ti, que vives em paz,

senhor de coração amplo, de poderosas aparições, senhor de iaret que eleva a dupla pluma,
que embeleza o diadema, que ergue a coroa branca! Os deuses comprazem-se em olhar-te, quando a coroa dupla repousa sobre a tua cabeça, quando o teu amor se estende sobre as Duas Terras, quando os teus raios brilham nos olhos.
Os pat ficam felizes quando tu te elevas,
o teu rebanho desfalece [de calor] quando tu brilhas.

- O teu amor está no céu do Sul,

e a tua ternura, no céu do Norte.
A tua beleza cativa os corações,

o teu amor enlanguesce os braços,
a tua aparência perfeita torna as mãos inertes, os corações ficam esquecidos por te terem olbado. Forma única que criou tudo o que existe. Um que continua único, criando os seres.
Os homens saíram dos seus olhos,
os deuses vieram à existência pela sua boca. Ele faz a erva para que o gado viva
e as árvores de fruto para os henemermt.
Ele faz aquilo de que vivem os peixes do rio
e os pássaros que povoam o céu.
Ele dá o sopro a quem está no ovo, vivifica o filhote do lagarto,
faz aquilo de que vivem as moscas,
tal como os vermes e as pulgas,
faz aquilo de que vivem os ratos nos seus buracos, e vivifica a passarada em todas as árvores.

- Salve a ti, que criaste tudo na totalidade, um que continua único, de braços numerosos,

que passa a noite a vigiar a humanidade adormecida, procurando aquilo que é útil para o seu rebanho, Amon que estabeleceu todas as coisas,
Atum, Horakhti!
Louvor a ti, diz-se universalmente,
fazemos-te gestos de alegria, porque tu afadigas-te para nós,
prosternamo-nos perante ti, porque tu nos criaste!

- Salve a ti, diz todo o rebanho!
- Gestos de alegria para ti em todos os países estrangeiros, até ao alto do céu, sobre toda a extensão da terra

e até às profundezas do mar.
Os deuses inclinam-se para a tua majestade,
e exaltam o poder que os criou,
exultando à aproximação daquele que os engendrou. Eles dizem-te: Bem-vindo em paz!

- Pai dos pais de todos os deuses, que eleva o céu e afasta a terra, formando o que é, formando os seres.
- Soberano, vida, força e saúde, à cabeça dos deuses. Nós adoramos o teu poder, porque tu nos fizeste, nós o fazemos para ti, porque tu nos criaste, nós glorificamos-te, porque tu te afadigas para nós.
- Salve a ti, que fizeste tudo o que existe!
- Senhor de maet, pai dos deuses,

que fez os homens, formou os rebanhos, senhor das colheitas,
que faz viver os animais do deserto.
Amon, touro de belo rosto, bem amado em Karnak, de aparições gloriosas na morada do benben,
que renova o diadema em Heliopolis,
que separa os dois adversários na grande sala, chefe da grande Enéade.

- Um que continua único, sem ter igual, que preside em Karnak, heliopolitano à cabeça da sua Enéade,

que vive de maat cada dia, Horakhti, Hórus do Oriente, para
quem o deserto formou prata, ouro
e lápis-lazúli verdadeiro, de acordo com o seu desejo,
mirra e incenso variado no país dos Medjai,
olíbano fresco para o teu nariz,
deus de belo rosto quando ele regressa dos Medjai, Amon-Ré,
senhor dos tronos das Duas Terras, presidindo em Karnak,
heliopolitano presidindo ao seu harém.

- Rei único entre os deuses,

de numerosos nomes, cujo número não se conhece, que se eleva
no horizonte oriental
e se deita no horizonte ocidental,
que derruba os adversários
na manhã do seu nascimento, cada dia,
como sua tarefa quotidiana.
Tot exalta os seus dois olhos,
ele o satisfaz pelos seus encantos mágicos.

- Os deuses exultam com a sua perfeição, os seus babuínos adoradores exaltam-no. Senhor das barças da noite e do dia, elas percorrem para ti o Nun em paz.
- A tua equipagem está em exaltação quando ele vê os rebeldes derrubados.

O corpo do rebelde é consumido pela faca, a chama devora-o e
o seu ba é punido mais que o seu cadáver,
o imundo monstro Nik, a sua marcha é detida.
Os deuses estão em exaltação, a equipagem de Rá está em paz.
Heliopolis está em exaltação, os inimigos de Atum tombaram.
Karnak está em paz, Heliopolis está em exaltação.
A dama da vida, iaret, tem o coração sereno,
porque o inimigo do seu senhor foi derrubado.
Os deuses de Kheraha fazem gestos de alegria,
os que estão no santuário prosternam-se
quando eles o vêem forte no seu poder,
justiceiro, senhor de Karnak,
no seu nom e daquele que exerce a justiça.
Senhor dos alimentos, que engendra as oferendas,
no seu nome de Amon-Kamutef, autor da humanidade, fazendo
vir à existência tudo o que existe,
no seu nome de Atum-Khepri.
Grande falcão, de peito ornamentado,
deus de belo rosto, de olhos decorados.
As duas serpentes sagradas estão na sua fronte.
Os corações dos pat reúnem-se todos em torno dele,
para ele os benememet vão e vêm,
quando ele põe em festa as Duas Terras nas suas procissões.
Salve a ti, Amon-Rá, senhor dos tronos das Duas Terras, amado
da sua cidade, quando ele se levanta!

- Notas
- O grande hino a Amon do Cairo, também conhecido pela antiga

designação de «Papiro 17 do Museu de Bulak», começou por ser editado por A. Mariette, Led Papyriu Égyptiend duMudéede Boulaq, t. 2, pl. 11-13, Paris, 1872-1877, depois traduzido e comentado por E. Grébaut, HymneàAmon-RêàejPapyriuÉgyptiendde Boulaq, em BÊBÉ, t. 21, Paris, 1874. Em seguida foi publicado por vários autores, sendo os mais recentes J . Assmann, Aegyptiicbe Hymnen und Gebete, n° 87, e A. Barucq e F. Daumas, Hymned etPrièrej, pp. 191-201, que serviu de base para a pre sente versão.

- Aparentemente, o hino data da XVIII dinastia e é anterior ao reinado de Amen-hotep IV-Akhenaton, tendo inspirado várias passagens do conhecido hino a Aton (ver mais abaixo). A expressão criadora de Amon será depois usada, com uma fraseologia muito semelhante, por Aton, também ele capaz de diferenciar a cor da pele das raças.
- A negro encontram-se as passagens escritas com tinta vermelha no original, e alguns destaques feitos por este processo não se compreendem à primeira vista, são até um tanto enigmáticos.
- O texto alude aos Medjai, população da Núbia, e à rica região do Punt, situada mais a sul, de onde vinham os aromas mencionados e que tinham grande uso no culto divino feito nos templos. Os nomes de Per-uer e Per-neser referem-se a dois santuários arcaicos situados no Delta (Buto). Como se observa, o texto menciona várias coroas reais: a coroa dupla {pa-dekhemti), o toucado listado (nemedlt) e a coroa azul (kheprech). Além disso estão presentes diversos ceptros que habitualmente aparecem na iconografia faraónica: améd, mebéd e nekhakba (o ceptro em forma de chicote do Baixo Egipto). Também aqui se alude à serpente sagrada que irrompe da fronte real, a iaret (que por vezes é indicada pela sua forma grega de uraeud).
- Como bem se percebe, há neste hino amoniano uma nítida intenção de associar o poderoso Amon com outras divindades: Min, Maet, Ptah, Chu, Ré e Khepri, entre outros. E clara a ideia de impor Amon como criador dos deuses e dos homens (rekhit, pat e henermmet), e por isso ele possui dia (o pensamento) e bu (a palavra criadora).

- A associação de Amon a Rá, viajando pelo céu noturno da Duat, permite ao rei dos deuses apresentar-se como o grande vencedor do monstro Nik (um outro nome da maligna serpente Apopis, que tenta, todas as noites, deter o curso da barca solar quando ela navega no céu nocturno).

- Note-se finalmente a insistência no carácter «único» de Amon, detectável neste hino e em outros da mesma época.

- Referências
- ABNT
- ARAÚJO, Luís Manuel de. Hinos à Rá. in:_________. Mitos e Lendas: Antigo Egipto. Lisboa/PT: Livros e Livros, 2005. p.45-60.
- Hino de Leiden 1-350

-
- Mitologia Egípcia, Amon, Rá, Ré, Amon-Rá, Hino de Leiden 1-350
- Por Luís Manuel de Araújo
- (Capítulo 5)
- Tu pertences ao céu, tu pertences à Duat quando entras na tua múmia no sarcófago.
- A terra ilumina-se quando regressas ao teu lugar de ontem, então os seres louvam-te, unindo-se em tua adoração.
- (Capítulo 6)
- Todos os países vivem sob o teu temor,

os seus habitantes curvam-se diante do teu prestígio, porque o teu nome é exaltado, poderoso, forte.
Os oceanos Pekher-uer e Chen-uer estão sob o teu temor. A tua força tem forte peso quando ela atinge
o país e as ilhas que estão no meio do Grande Verde.
Os países estrangeiros e as montanhas descem para ti.
O s países estão sob o teu temor.
Os habitantes de Punt dirigem-se para ti.

-

A terra do deus verdeja para ti devido ao teu amor. Para ti navegam as gentes do Sul,
trazendo resina perfum ada
para pôr em festa o teu templo com um perfume festivo. Os terebintos queimam o incenso.
O odor do perfume que exalas penetra nas tuas narinas. As abelhas trabalham, produzindo mel.
Como é agradável a sua doçura!
O óleo de cedro e o benjoim m isturam-se com o bdélio para fazer o óleo destinado aos teus membros.

-
- A estátua de Amon- Rá era UNGIDA!!!
-

O incenso e o láudano são para a tua festa.
O cedro cresceu para ti nas montanhas do Líbano
para ser utilizado na tua divina barca tuerbat.

As montanhas fazem brotar para ti as pedras
para engrandecer as portas do teu templo.
Navios de transporte estão sobre o mar e barcos sobre o rio,
navegando carregados para a tua face.
A corrente fá-los descer, o vento do Norte fá-los subir
e eles levam ao teu ka tudo o que existe.
Nenhum deus o partilha contigo.
Os teus súbditos servem-te, todos eles, nas suas terras.

- (Capítulo 7)
- O criminoso foi repelido de Tebas. Rait, senhora da cidade, segurou-a, o espírito eficaz do senhor universal,
o Olho divino de Atum e o Olho de Rá.
Tebas é mais forte que qualquer outra cidade. Ela dá o país ao único senhor pelas suas vitórias, ela que segura o arco e empunha a flecha.
Não se pode combater perto dela,
tal o seu poder é respeitado.
Todas as cidades se exaltam pelo seu nome, porque ela é a sua regente,
mais poderosa do que elas.
Chama-se o grande Rá que está nela,
o deus primordial, desde que ele começou a criação. «Eis que Tebas segura as duas extremidades
da eternidade e da perenidade!» —assim diz ele dela.

- (Capítulo 8)
- O teu ka vive, é o ba de Ré, seu deus sublime. Leva-se-lhe uma oferenda,
as suas imagens são transportadas
nas suas epifanias de ba prestigioso.
Ele sobe a corrente em direcção a Tebas
para levar as oferendas.
Ê oferecida a Amon a realeza das Duas Terras
tal como foi feito para Rá a primeira vez.
«Maat é Amon!»—diz-se no palácio.
O senhor das Duas Terras
recebe alimento da sua propriedade.
A grande sala está em júbilo, porque é Ré quem a acalma. Deus com os bau mais poderosos que os dos deuses, porque ele é o uno que se mantém único,
divino, cujo nome está escondido entre a Ogdóade.

- (Capítulo 9)
- A Enéade saída do Nun reúne-se à tua vista,
ó muito respeitado!
Senhor dos senhores, que se fez a si mesmo, senhor das Duas Senhoras: ele é o senhor.
Ele brilha para os que estão a dormir, os defuntos, para iluminar os seus rostos sob uma outra forma.
- Os olhos brilham, as orelhas estão abertas. Todos os corpos se vestem, assim que ele brilha.

O céu é de ouro; o Nun, de lápis-lazúli.
A terra resplandece sob a turquesa
quando ele se ergue.
Os deuses vêem os seus templos abertos.
Os homens começam a ver quando ele aparece. Todas as árvores se movem em direcção à sua face. Elas voltam-se para a sua pupila
e as suas folhas abrem-se.
Os peixes saltam na água e agitam-se de amor por ele nas suas poças.
Todo o gado miúdo cabriola na sua face.
Os pássaros batem as asas, porque o reconhecem quando ele atinge o seu momento de plenitude. Eles vivem, porque o vêem todos os dias.
Eles estão na sua mão, selados pelo seu selo,
e nenhum deus a pode abrir, senão sua majestade. Nenhum deus foi criado sem o seu conhecimento,
o deus grande, vida da Enéade.

- (Capítulo 10)
- Tebas é a norma para todas as cidades.

A água e a terra estavam nela desde a primeira vez. Quando a areia apareceu
para formar os terrenos e os campos,
para fazer vir à existência o seu solo sobre a colina, então a terra veio à existência
e os homens vieram à existência em Tebas,
para fundar todas as cidades no seu nome autêntico. Elas foram chamadas Cidade de seu nome, colocadas que estavam
sob a autoridade de Tebas, Olho de Rá.
Sua majestade [Tebas] veio então como udjat glorioso, para que o Egipto fosse organizado por ela com o seu *ka* enquanto ela repousa e permanece no Acheru
na sua forma de Sekhmet, senhora das Duas Terras. Dizem dela: «Como ela é poderosa, no seu nome de Uaset, a cidade que deve ser próspera no seu nome de *udjat!*», o olho direito que está no seu disco,
a que está diante do seu senhor,
quando ela aparece, gloriosa, e é designada no seu lugar, no seu nome de Karnak, que não tem igual.
Todas as cidades estão à sua sombra
para se exaltarem em Tebas, que é a sua norma.

- (Capítulo 20)
- Como é belo o teu percurso Horakhti!

Quando tu cumpres o teu programa de ontem
como tarefa de hoje,
fazendo os anos, organizando os meses.
Os dias, as noites, as horas ordenam-se com a tua marcha. Tu és mais novo hoje que ontem!
Penetras na noite, se bem que tu sejas para o dia, vigilante único

que abom ina o sono.
Enquanto todos os homens dormem, os seus olhos vigiam, ele
que julga milhões [de homens] com a sua face perfeita. Nenhum
caminho sobre a terra está sem ele.
Astro de passos rápidos que brilha,
que dá a volta à terra num instante
sem encontrar oposição,
atravessando o céu distante, passando através da Duat, luz sobre
todos os caminhos,
circulando diante de todos os rostos.
Todos os homens se viram para ele,
homens e deuses dizem: «Que sejas bem-vindo!»

- (Capítulo 30)

Amon-Rá representa perfeitamente a evolução da religião egípcia ao longo de sua história; Amon, deus de Tebas e libertador do Egito quando o pais fora invadido pelos povos asiáticos chamados e hycsos, fundiu-se com o deus criador do universo, Rá, cultuado na cidade de Heliópolis desde o surgimento desta civilização. Assim, após a vitória de Tebas contra os invasores no período que é convencionalmente conhecido como Segundo Período Intermediário egípcio, ocorreu a fusão dos dois mais importantes deuses da religião egípcia.

Amon-rá, era visto como rei dos deuses e como força criadora de vida. É marido de Mut e pai de Khonsu. O seu nome significa "O Oculto". O seu principal centro de culto era a cidade de Iunu, no Norte do País (depois chamada Iunu-Ré, em sua honra), à qual os Gregos deram mais tarde ainda o nome de Heliópolis ("cidade do sol"), e que a Bíblia chama de On

- A lança está espetada em Nik, que tomba sob o seu dardo. Os
rebeldes são entregues ao gládio e são massacrados. Os dois
braços (...) no coração dos seus inimigos,
a sua lamentação está entre os revoltados, para sempre. De facto,
ele fez com que a sua ferida fosse durável, para castigar os que
se revoltam contra ele,
e o seu coração está aberto.
O divino santuário está em perfeita ordem,
e Sekhmet está em festa.

- Rá está vitorioso, não há mais inimigos.

A barca de milhões [de anos] segue no bom rumo.
A sua tripulação faz grandes gestos de alegria,
com o coração sereno.
Os inimigos do senhor universal caíram.
Já não há adversário, nem no céu nem na terra.
O céu, Tebas, Heliopolis, a Duat,

os seus habitantes rejubilam por causa do seu senhor, quando eles o vêem poderoso nas suas aparições gloriosas, revestido de vigor e de força, poderoso nas suas acções. Tu és vitorioso, Amon-Rá!

Os rebeldes tombaram, derrubados pela lança.

- (Capítulo 40)
- Aquele que se formou a si mesmo

e cujo aspecto não é conhecido,
aparência perfeita que veio à existência como imagem sagrada,
que fabricou as suas estátuas e se criou a si mesmo. Potência perfeita que dá vida ao seu coração.
Ele junta a sua semente ao seu corpo
para fazer vir à existência o seu ovo no mistério.
E o existente veio à existência,
esplêndido no seu nascimento, aperfeiçoando-se a si mesmo, o verdadeiro [artista] que criou a obra de arte.

- (Capítulo 50)
- Adoram-te e veneram o teu prestígio,

disco do céu cujos raios emanam do teu rosto.
O Nilo sai da sua caverna para ti, deus primordial.
A terra foi fundada para a tua estátua de culto.
A ti, o único, pertence aquilo que Geb fez crescer.
O teu nome é forte, o teu vigor imponente.
As montanhas de ferro não podem resistir ao teu vigor. Falcão divino, com asas abertas,
que se lança, capturando o que assalta, num instante, leão misterioso de enorme rugido.
Ele segura o que tomba sob as suas garras. Touro para a sua cidade, leão para os seus habitantes, que agita a cauda no ar contra o que ataca.

- A terra treme quando ele lança o seu grito. Todos os seres temem o seu prestígio.

O seu poder é formidável, ninguém se lhe compara, poderoso cujo nascimento é perfeito para a Enéade.

- (Capítulo 60)
- Seu é o País do Sul como o País do Norte,

ele segura-os, o único, pela sua força.
A sua fronteira é forte enquanto ele está sobre a terra. Ela estende-se sobre a largura de todo o país
e até à altura do céu.
Os deuses estendem a mão para pedir,
e é ele quem, dos seus bens, não cessa de lhes dar alimento, o senhor dos campos, das margens e dos terrenos novos. Seu, é tudo o que está medido, é o seu cadastro,
desde o início da corda de medição até à sua extremidade, ele partilha a terra inteira com as duas serpentes sagradas. Para ele é executada a medição da província.

- Seu é o cúbito real que mede as pedras.

E ele quem estende a corda sobre as fundações no solo, quem estabelece as Duas Terras no bom sítio
assim como os muros que envolvem os templos.
Todas as cidades estão colocadas à sua sombra
para que o coração possa aí caminhar
segundo o seu desejo.
Canta-se-lhe em todos os santuários,
todas as oficinas [do templo] se estabeleceram pelo seu amor.
Faz-se a cerveja em sua honra nos dias de festa.
A noite é passada a velar diante do esplendor nocturno.
O seu nome circula nos terraços dos templos.
Seu é o cântico na noite, quando ela é escura.
Os deuses recebem oferendas alimentares para o seu ka, deus poderoso que proteje o que é seu.

- (Capítulo 70)
- Aquele que solta os males, que combate as doenças, médico que cura o olho sem remédio,

que abre os olhos, que cura o estrabismo (...).

- É ele, Amon, quem salva quem o ama,

mesmo estando na Duat,
libertando-o, do destino [fatal], a seu bel-prazer.
Ele possui olhos e orelhas.
Ele vem de longe num instante para aquele que grita por ele. Ele prolonga a duração da vida e abrevia-a.
Ele aumenta a duração fixada pelo destino
para aquele que ele ama.
Amenrenef é um encantamento sobre o Nun.
O monstro é impotente, quando o seu nome é pronunciado. O vento vira, a tem pestade afasta-se
e compraz-se em terminar, assim que nos lembramos dele. Deus, cuja palavra é útil no momento do pavor,
vento suave para aquele que o invoca, que salva o náufrago,
deus complacente, benfazejo nos seus desejos.
A ele pertence o homem submisso, dócil à sua inspiração. Ele é mais útil que milhões a quem o colocou no seu coração. Um só homem tem mais força, graças ao seu nome, que centenas de milhares.
Bom defensor do que é justo,
deus benfazejo que aproveita todas as ocasiões para agir sem ser repelido.

- (Capítulo 80)
- A Ogdóade foi a tua primeira forma,

até que tu tivesses conseguido a criação, ficando só.
Misterioso era o teu corpo entre os grandes deuses.
Tu mesmo estavas escondido como Amon,
que está à cabeça dos deuses.
Tu criaste as tuas formas em Tatjenen,
para fazer nascer os deuses primordiais no teu tempo primordial.
A tua beleza foi erguida na qualidade de Kamutef. Afastaste-te

como habitante do céu, tu que permaneces Rá. Não cessas de vir nos pais que criam os seus filhos, criando um herdeiro benfazejo para os teus filhos.
Tu começaste a vir à existência na primeira vez
quando ainda não havia ser,
mas a terra não estava vazia de ti,
porque todos os deuses vieram à existência depois de ti.

- (Capítulo 90)
- A Enéade reunida é o teu corpo.

Cada deus unido ao teu corpo é a tua imagem.
Foste o primeiro a revelar-te, tu inauguraste o começo. Amon, cujo nome está escondido para os deuses.
Velho mais antigo que eles,
Tatjenen, que a si próprio se formou enquanto Ptah.
Os seus dedos dos pés são a Ogdóade.
Ele aparece glorioso como Ré fora do Nun
quando renova a sua juventude.
O que ele cospe (...) Chu e Tefnut unidos aos seus bau. Ele aparece sobre o seu trono,
de acordo com o desejo do seu coração,
ele rege pelo seu poder tudo o que existe,
ele organiza uma realeza para sempre, até à eternidade,
estabelecido que está como único senhor.
Quando as suas formas resplandeceram pela primeira vez, todos os seres ficaram estupefactos diante do seu prestígio. Ele fez ressoar o seu grito, ele o gritador venerável,
que veio para um terreno que ele criou, estando só.
Ele articulou as suas palavras [criadoras] no meio do silêncio. Ele abriu todos os olhos e fez de maneira que eles vissem. Ele começou a gritar quando a terra estava ainda em silêncio. O seu rugido repercutiu-se
quando não estava ninguém com ele.
Aquilo que ele criou fez viver.
Ele fez que cada um conhecesse a estrada
por onde devia caminhar.
Os corações vivem quando o vêem.
A ele pertencem os nobres akhu.

- (Capítulo 100)
- Aquele que começou a existência, a primeira vez, Amon, que veio à existência no começo,

sem que o seu aparecim ento seja conhecido!
Não existe um deus que tenha vindo à existência antes dele. Não existia qualquer outro deus com ele
para exprimir as suas formas.

- Não existia mãe que lhe tivesse feito o seu nome.

Não existia pai que o tivesse engendrado e que tivesse dito: «Sou eu!»
Foi ele que fez o seu próprio ovo,
o poderoso cujo nascimento é misterioso,

que criou a sua beleza,
o deus divino que veio à existência por si mesmo. Todos os deuses vieram à existência,
assim que ele ordenou o começo.

- (Capítulo 200)
- Misterioso de existência, resplandecente de formas,
deus maravilhoso com múltiplas existências.
Cada dia se glorifica nele,
para se magnificar com a sua perfeição, porque ele é divino.
O próprio Rá uniu-se ao seu corpo.
Ele é o grande em Heliopolis.
Chamam-lhe Tatjenen, Amon, saído do Nun, guia dos humanos.
Uma outra das suas formas é a Ogdóade,
-

(**Ogdóade** era na mitologia egípcia um agrupamento de oito divindades. *Ogdóade* é um termo com origem grega; na língua egípcia dizia-se *Hemenu*.

A Ogdóade de Hermópolis tornou-se a ogdóade mais importante do Antigo Egipto. Esta ogdóade reunia quatro divindades masculinas e quatro divindades femininas. Os deuses eram quatro casais: Nun e Naunet, Huh e Hauet, Kuk e Kauket e, finalmente, Amon e Amaunet. O último casal variou em alguns períodos, podendo ser substituído por Tenemu e Tenemuit, Niau e Niaut ou Gereh e Gerhet.

Note-se que o nome das deusas era apenas a versão feminina do nome do deus. "Nun" significa água, Huh, o espaço infinito, "Kuk", trevas e Ámon, o oculto ou o ar. A partir destes quatro elementos primordiais tudo se tinha originado.

Na iconografia estas divindades eram representadas com cabeça de rã (deuses) e com cabeça de serpente (deusas).





-)

que engendra os deuses primordiais que fazem nascer Rá. Ele completa-se em Atum, formando com ele um só corpo. Ele é o senhor universal, o começo dos seres.
Diz-se que é o seu ba. que está no céu distante.
Ele mesmo está na Duat e é o primeiro do Oriente.
O seu ba está no céu, o seu corpo no Ocidente.
A sua estátua está em Ermant
e exalta as suas aparições gloriosas.
Único é Amon que se esconde deles,
que se subtrai aos deuses, sem que se conheça o seu aspecto. Ele está mais distante que o céu longínquo,
ele é mais profundo que a Duat.
Nenhum deus conhece a sua verdadeira natureza.
A sua imagem não está fixada nos textos.
Não há testemunho perfeito a seu respeito.
Ele é demasiado misterioso

para que seja descoberta a sua prestigiosa majestade.
Ele é demasiado grande para ser interrogado, demasiado poderoso para ser conhecido.

- Tombará num instante, morto de pavor, quem pronunciar o seu nome secreto, intencionalmente ou não.

Nenhum deus o sabe chamar pelo nome.
Ba escondido é o seu nome, tal é ele misterioso.

- (Capítulo 300)
- Três são todos os deuses,

Amon, Rá, Ptah, que não têm semelhante.
O seu nome está escondido enquanto Amon,
ele é Ré pelo rosto, o seu corpo é Ptah.
As suas cidades na terra estão estabelecidas para a eternidade,
Tebas, Heliopolis, Mênfis estão destinadas à perenidade. Quando uma mensagem é enviada do céu
é escutada em Heliopolis,
é repetida em Mênfis para o deus de belo rosto,
é registada nas escrituras de Tot para a cidade de Amon, sendo isso de sua competência.
Os desejos [divinos] são dados em resposta em Tebas.
A palavra divina sai, e ela é a Enéade.
Tudo o que sai da sua boca é Amon.
Os deuses são estabelecidos por ele, segundo as suas ordens.

- A mensagem divina é para matar ou para dar a vida. Vida e morte dependem dele para todos os homens.
- (Capítulo 400)
- Quatro foram as deusas da primeira vez exultando (...) na sua forma de Kamutef, o touro negro

(...) para completar a Enéade.
Fazendo de vulva, trazendo o falo à existência,
ele inaugurou o acasalamento com as jovens. Comportou-se como macho com o que tinha empunhado quando ainda não havia vulva,
ele que aparece como Ré fora do Nun
e dá ao mundo o que é e o que não é.
Pai dos pais e mãe das mães,
touro dessas quatro jovens.

- (Capítulo 500)
- Os seus inimigos são derrubados sobre as suas faces.

Não há ninguém que o ataque.
(...) no meio dos seus inimigos.
Não se encontram diante dele os que o combatem.
Leão furioso de garras temíveis,
ele engole num instante o vigor e o sangue de quem o ataca.
Touro de dorso vigoroso, de cascos sólidos, pousados sobre a nuca dos seus adversários,
ele rasga as suas barrigas.
Crocodilo que surge de rompante e agarra aquele que o ataca,
ele sabe triturar os membros e os ossos,

ele empenha-se no combate com a sua força.
As montanhas tremem debaixo dele no momento do seu furor. A terra vacila quando ele se põe a rugir.
Todos os seres estão aterrorizados,
devido ao medo que ele inspira.
Ai de quem choca com a sua fronte!
Ele experim entará os seus cornos,
ele será espetado pelos seus dois cornos.

- (Capítulo 600)
- Pensamento criador é o seu coração,

palavra criadora, os seus lábios!
O seu ka é tudo o que existe pela sua língua.
Ele abriu as Duas Cavernas sob os seus pés,
e o Nilo sai da sua caverna sob as suas sandálias.
O seu ba é Chu, o seu coração é Tefnut.
Ele é Horakhti que está no céu longínquo.
O seu olho direito é o dia, e o seu olho esquerdo, a noite. E ele quem guia os homens sobre todos os caminhos.
O seu corpo é o Nun, o que está nele é o Nilo,
para criar todos os seres e fazer viver o que existe.
O seu sopro ardente é o vento para todos os narizes. Chai e Renenutet dependem dele para todos os homens. A sua mulher é o campo que ele fecunda.
A sua semente é a árvore de fruto, a sua emanação é o grão. (...)
o deus venerável que engendrou os deuses primordiais.

- (...) diante dele, cada dia.

Todas as cabeças têm o rosto virado para ele, homens e deuses.
E ele o pensam ento criador.

- (Capítulo 700)
- A deusa dos cornos separados

é escriba de toda a grande Enéade
para estabelecer um título de propriedade
em favor do Olho de Rá:
o céu, Tebas e os que a habitam.
Atum fala com a sua boca e com o coração cheios de amor. Os deuses (...) os seus corações estão abertos,
eles exultam milhões de vezes e rejubilam.
O que está no coração (...) que tu ordenaste.
O teu *ka* conhece (...) confirmando
o que sai da boca de Rá, totalmente e perfeitamente.
Os seus escritos (...) como uma maravilha
entre os escritos do senhor de Hermópolis.
(...) eternamente para sempre,
em presença de todos os deuses,
como um inventário de tudo o que existe.
Aquele que transgredir essa ordem escrita
é um rebelde contra Rá, ele será reduzido a cinzas.
A Tebas foram dados o País do Sul e o País do Norte.
O céu, a terra, a Duat, estão todos sob as suas ordens. Para ela, a

água, as montanhas, o Nun e as suas criaturas, o Nilo e os seus produtos e tudo o que se faz crescer sobre a terra,
para ela, tudo sobre o qual brilha a luz,
é para o seu *ka*, em paz, como oferenda.
Todas as terras são dela tributárias como suas súbditas porque ela é o Olho de Rá que não se rejeita.

- (Capítulo 800)
- Depois chega-se como um «bendito» a Tebas,

a província de Maet, o território do silêncio.
O pecador não entra nela, este Lugar de Verdade.

- (...) uma barca deixa atravessar aquele cujo coração é recto, mas o barqueiro não faz a travessia para os pecadores. Como é feliz aquele que a ela chega!

Ele será então feito um ba divino como a Enéade. Aquela que está diante do seu senhor é exaltada desde que Ré se levanta diante dela para se deitar nela.
A Duat misteriosa que esconde o seu senhor, Djebati está na sua vizinhança,
aquele cujo ba está no céu e cuja morada é Tebas
(...) a sua múmia que está na Duat.
O céu, Tebas, Heliopolis (...)

- Notas
- O segundo hino apresentado consta do Papiro de Leiden 1-350, tendo sido estudado por A. Gardiner, em ZAS, 42, 1906, pp. 12-60, em seguida por J. Zandee, De Hymnen aan Amon van Papyriu Leiden 1-350, Leiden, 1948. Depois outros egiptólogos se debruçaram sobre o hino, merecendo destaque os mais recentes, J. Assmann, AegyptiocheHymnen unà Gebete, n.05132-142, e A. Barucq e F. Daumas, Hymned et Prièred, pp. 206-229 onde se colheu inspiração para a presente versão. O hino foitambém publicado por L. Araújo, Estudo sobre o Erotismo no Antigo Egipto, pp. 251-269.
- O hino é da XIX dinastia, provavelmente do reinado do famoso Ramsés II, e seria mais uma série de cânticos em louvor de Amon e da sua cidade, Tebas (Uaset). O texto divide-se em capítulos (em egípcio, «moradas»), com a particularidade de virem numerados em unidades, depois em dezenas e centenas. Faltam os quatro primeiros e os dois últimos capítulos, tendo igualmente desa parecido outros fragmentos.
- O capítulo 6 alude a Pekher-uer e a Chen-uer, respectivamente o Grande Circuito e o Grande Meandro, os oceanos que rodeavam o mundo como restos das águas primordiais. Quanto ao Grande Verde, ou Uadj-uer, era o nome do mar Mediterrâneo, podendo também ser associado ao mar Vermelho e ao rio Nilo. A barca uderhat era o nome da grande e espectacular barca de Amon, que navegava no rio Nilo, sendo feita de madeira de cedro vinda do Líbano.
- No capítulo 7 refere-se o «criminoso» que é, sem dúvida, Akhenaton, cujas ideias foram depois apagadas pelos sacerdotes

de Amon e pelos faraós que se seguiram à heresia. A deusa Rait é uma divindade pouco conhecida, sendo a forma feminina de Ré, protectora de Tebas, com o auxílio dos Olhos de Atum e de Ré.

- O capítulo 8 sublinha, tal como noutros hinos da época, a unicidade de Amon, escondido (imen) na Ogdóade, os oito deuses criadores de Hermópolis, onde se venerava Tot. Sem dúvida que a referência à Ogdóade tem a ver com o número do capítulo.
- A Enéade, os nove deuses de Heliopolis, surge no capítulo 9, o que reforça a relação entre o tema e os números dos capítulos. As Duas Senhoras referidas são as deusas Uadjit, do Baixo Egipto, e Nekhbet, do Alto Egipto. Compare-se entretanto este capítulo com o Hino a Aton (gravado em túmulos de Amarna- - Akhetaton), tratado mais à frente.
- O capítulo 10 exalta Tebas (Uaset) e o lago sagrado de Acheru, que circun dava o templo de Mut, onde foram encontradas dezenas de estátuas da deusa Sekhmet, senhora das Duas Terras.
- Uma vez mais, o capítulo 30 faz um jogo de palavras, pois o número trinta e a palavra lança têm semelhante prosódia (/nabá). A lança é aqui espetada em Nik, um outro nome da maligna serpente Apopis, a qual tem os seus seguidores que no texto são massacrados.
- No capítulo 40, mais um jogo de palavras: a palavra hemu significa quarenta e também formar, fabricar. A referência que aqui se faz à criação de estátuas traz à ideia o trabalho de formação dos seres feito por Khnum, e a referência ao ovo remete para a Ogdóade.
- Há uma lacuna no início do capítulo 50, pelo que o verso inicial é uma con- jectura a partir das semelhanças entre o número do capítulo Qiu = 50) e o verbo adorar Qua). Note-se que o poder de Amon é enfatizado com a associação a Geb (deus da terra) e com a comparação com animais potentes: o falcão, o leão e o touro.
- As duas serpentes sagradas referidas no capítulo 60 são formas de iaret (uraeuj na versão grega), protectoras da coroa real, a evocar o Alto e o Baixo Egipto. Repare-se na alusão aos cultos nocturnos feitos nos terraços dos templos, bem atestados em Edfu e Dendera, mas certamente também praticados em Karnak, o grande templo amoniano de Tebas (Uaset).
- No capítulo 70 há uma lacuna no texto original em que o deus é apresentado como médico dos olhos. Quanto ao nome de Amenrenef, ele tem duas interpretações: pode ser traduzido pela expressão «o seu nome está escondido» ou «o seu nome é Amon». A primeira hipótese encontra-se já nos velhos «Textos das Pirâmides» (Pir. 399 e 1778). A importância mágica do nome e da nomeação fica demonstrada no verso que se segue, quando se afirma que o monstro Nik pode ser vencido só por escutar o poderoso nome de Amon.

- No capítulo 80 há um jogo prosódico entre khemniu (80) e Khemunu (os oito deuses primordiais de Hermópolis, a Ogdóade). Nestes versos, Amon é evocado como Tatenen, deus ctónico primordial, e Kamutef (epíteto geralmente associado a Min e a Amon como divindades copuladoras propícias à fecundação).
- Eis um novo jogo prosódico entre o número do capítulo (90 =pejedjiu) e a Enéade, os nove deuses de Heliópolis (Pesedjet). O início deste capítulo exalta Amon (Itnn) como sendo o escondido (unn). No final mantivemos o plural egípcio em u para a formação de akhu, isto é, os espíritos transfigurados e glorificados no outro mundo.
- No capítulo 100 enfatiza-se o aparecimento de Amon, que veio à existência por ele próprio (kheper), sem necessidade de ter um pai (it) ou uma mãe (/ruã). Pelo contrário, Amon é que é o pai dos pais e a mãe das mães.
- O capítulo 200 procede a associações já conhecidas: Amon é Rá e Tatenen, saído do Nun, e além disso completa-se (tm) em Atum. Por outro lado, como amiúde sucede na hinografia amoniana, ele é único, e o seu verdadeiro nome é desconhecido.
- No capítulo 300 surge uma das mais expressivas manifestações de sincretismo da religião egípcia, procurando harmonizar a unidade do divino com a pluralidade das suas formas: «Três são todos os deuses, Amon, Rá e Ptah.» Este último é também referido num dos versos como sendo o «deus de belo rosto».
- O curto capítulo 400 alude de novo a Kamutef, manifestação de potência divina que acima foi tratada. A mensagem erótica é aqui bem clara, com Amon (repetindo o gesto de Atum) a empunhar o seu falo tumente «quando ainda não havia vulva», masturbando-se para iniciar a criação.
- Como já antes se viu, também o capítulo 500 sublima a potência de Amon com as imagens de animais poderosos e típicos do Egipto: o leão, o touro e o crocodilo.
- O capítulo 600 põe Amon a criar como Ptah, com o pensamento criador (oia) e a palavra criadora (hu). As Duas Cavernas (Kereti) aqui referidas serão uma alusão a um mítico sítio do mundo subterrâneo ou às nascentes do Nilo (que na verdade os Egípcios desconheciam). Chai e Renenutet são duas divin dades benfazejas, a primeira ligada ao destino, a segunda, às colheitas.
- No capítulo 700, a deusa dos cornos separados é Sechat, considerada como a secretaria dos deuses, que aqui redige o «título de propriedade» (imit-per) para o Olho de Rá.
- Finalmente, o incompleto capítulo 800 alude ao Lugar de Verdade (Set-Maet), ou seja, a necrópole, e «aquela que está diante do seu senhor» é Tebas (Uaset). Quanto ao nome de Djebati, ele é aplicado a várias divindades funerárias da necrópole tebana, mas na circunstância alude a Osiris. A este capítulo seguiam- -se mais outros dois, até atingir os mil, mas desapareceram.

- Referências
- ABNT
- ARAÚJO, Luís Manuel de. Hinos à Rá. in:__________. Mitos e Lendas: Antigo Egipto. Lisboa/PT: Livros e Livros, 2005. p.45-60.
- Hino do Papiro de Berlim 3055
-
- Mitologia Egípcia, Amon, Rá, Ré, Amon-Rá, Hino do Papiro de Berlim 3055
- Por Luís Manuel de Araújo

- *Hino para a primeira abertura do santuário*
- *Capítulo para adorar Amon. Recitar as palavras:*
- O faraó dirige-se a ti, ó deus, macho dos deuses,
deus primordial das Duas Terras,
de braço estendido!
Amon-Rá, senhor das duas plumas,
que torna venerável o fio ureret que está sobre a sua cabeça, rei dos deuses que reside em Karnak.
Tu és Amon, estável em todas as coisas
no teu nome de Amon,
mais poderoso que todos os deuses
que não te viram as costas
no seu nome de Enéade.
- *Outra adoração de Amon. Recitar as palavras:*
- Salve Amon-Rá, senhor de Tebas, jovem ornamento dos deuses! Todos os rostos exultam quando o vêem, senhor prestigioso, que faz calar a arrogância, soberano de todos os deuses, deus grande, vivo, bem-amado,
por cuja palavra se apaziguam os deuses, rei do céu, criador das suas estrelas, electrum dos deuses, que faz o céu e abre o horizonte,
que faz vir os deuses à existência pela sua palavra. Amon-Rá, senhor do trono das Duas Terras em Karnak, Amon-Rá, touro de sua mãe,
que está sobre o seu grande trono,
senhor dos raios, criador das multidões,
cujas duas plumas são elevadas,
rei dos deuses,
grande falcão de peito ornado.
Todos os rekhit te adoram, e eles vivem.
- *Hino para a segunda abertura do santuário*
- Adoração de Amon. Recitar as palavras:
O faraó dirige-se a ti, Amon!
Tu és Amon, estável em todas as coisas,
no teu nome de Amon.
Tu és o Filho venerável, primogénito da Terra, em nome de teu pai, Geb, e de tua mãe, Nut, que engendra o seu herdeiro e aparece glorioso na qualidade de rei do Alto e do Baixo Egipto, mais poderoso que todos os deuses.
- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, Amon-

Rá, senhor do trono das Duas Terras, em paz!

- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, Amon-Rá, venerável em Heliopolis, grande em Tebas, em paz
- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, venerável das Duas Terras, em paz!
- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, criador de ti próprio, em paz!
- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, tu que criaste o céu
e tornas misterioso o duplo horizonte,
em paz!
- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, tu para quem os deuses se dirigem inclmando-se. Senhor que todos temem, cujo prestígio é grande
no coração de todos os rekhit, em paz!
- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, senhor de paz,
desta paz perfeita [em que tu] te satisfazes em paz!
- Amon-Rá, senhor do trono das Duas Terras, senhor do mês, para quem se celebra cada décimo dia, Min-Amon, que se uniu à sua mãe!
- Salve!

Foi Ré quem te apresentou o que tu amas. Como é bom fazer a oferenda para Amon!

- Sua mãe, Nut, apresentou-a.

Ergue-te sem cessar,
tu, que te elevas no duplo horizonte!
Ré deu-te bu e dia, ternura e amor.
Tu recebeste todas as oferendas e alimentos que te saciam no Campo das Oferendas.
Os habitantes do céu vêm a ti, exultando. Eles vêem-te como seu pai.
Eles reconhecem em ti o seu senhor,
[tu] que te tornaste o seu chefe,
no teu nome de Khepri!
Eles sobem para ti, no teu nome de Ré. Eles não se afastam de ti, no teu nome de Atum.

- Ergue-te!Maet está perante ti.

Ela coloca os braços em teu redor, e o teu ka permanece nela. Ela fez-te, a filha que tu fizeste.
T ornaste-a kau de todos os deuses.
Tu alimentaste-os, tu flzeste-os viver,
tu és o criador dos seus kau.
Tu reuniste a Enéade nas tuas duas mãos,
deus que cria com os seus dedos,

-

- Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;

-

- Salmos 8:3
-
-
-

deus que cria com os seus pés.

Filho do homem, levanta uma lamentação sobre Faraó, rei do Egito, e dize-lhe: Eras semelhante a um filho do leão entre as nações, mas tu és como uma baleia nos mares, e rompias os teus rios, e turbavas as águas com os teus pés, e pisavas os teus rios.

Ezequiel 32:2

Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente.

Salmos 91:1

- Tu reuniste todos os deuses,
enquanto aparecias, glorioso, como senhor de ureret, depois de teres tomado todas as terras.
Tu és poderoso no Sul,
tu és poderoso no Norte,
depois de teres reunido as coroas meh e afi.
Tu és aquele que põe no mundo todos os deuses.
- Tu és o pai de todas as coisas.
Os teus dois olhos aparecem sobre a cabeça, como grande mágica do Sul
e como grande mágica do Norte. Assim estão elas sólidas sobre a tua cabeça, graças a todos os seus ritos (?)
graças a todos os seus encantos.
- Tu és Amon, tu és Atum, tu és Khepri.
Tu juntaste todos os deuses
e os seus kau e os seus akhu
e os seus alimentos e todos os seus bens.
O faraó veio a ti, Amon-Ré, senhor do trono das Duas Terras. Faz com que ele fique à cabeça dos vivos.
- Contenta-o Amon-Rá, Kamutef,
que está sobre o seu grande assento em Karnak.
Ele diz em tua presença que tu lhe concedes todo o bem, que tu o salvas de todo o mal e de todos os danos
e que eles não te aconteçam, eternamente.
- *Outra [adoração de Amon]:*
- Tu, que despertas tranquilo, desperta em paz! Desperta, Amon-Rá, senhor do trono das Duas Terras, em paz!
- Tu és o filho venerável, o amado, [herdeiro] da terra
em nome de teu pai Geb e de tua mãe Nut.
Tu és o deus que veio à existência pela primeira vez, quando nenhum deus tinha ainda vindo à existência, quando não tinha

ainda sido inventado o nome de coisa alguma. Tu abres os teus dois olhos e não cessas de ver através deles,
e a luz vem à existência para todos os homens.

- Quando a penumbra é agradável para os teus dois olhos, o dia não vem à existência.

Tu abres a boca e, através dela, falas.
Tu sustentas o céu com o teu braço direito
no teu nome de Amon.
Tu és o ka de todos os deuses.

- Tu és Amon, tu és Atum, tu és Khepri.

Tu és o senhor da terra inteira.
Tu és o senhor que aparece, glorioso, como rei do Sul e do Norte. Tu és aquele que põe os deuses no mundo,
que põe os homens no mundo,
que põe no mundo tudo aquilo que vive.
Tu és vivo, tu és mais poderoso que todos os deuses.
Tu tomaste posse de toda a Enéade,
tu alimentaste-a e tu a fazes viver.
Tu és o criador dos seus kau.
Tu fizeste com que Hórus fosse provido da tua Enéade.
Tu és um deus que cria com os seus dedos,
um deus que cria com os seus pés,
tu, que te tornaste senhor de todas as coisas,
Atum, vindo à existência pela primeira vez;
tu, que elevas a tua dupla pluma,
gerador que criou mais que todos os deuses!

- *Outra [adoração de Amon]:*
- Desperta, sê pacífico, desperta em paz!

Desperta, Amon-Rá, senhor do trono das Duas Terras, em paz!

- Tu, que recebes novamente o diadema, rei dos deuses, que ergues o braço, senhor de ureret,

touro de sua mãe,
que está diante das suas pradarias,
que estende os seus passos na região do Sul.
Os deuses do Ocidente fazem-te oferendas,
os deuses do Oriente veneram-te,
a Enéade dos deuses do horizonte adora-te.
A totalidade é-lhe dada sem cessar.

- Ele é formidável no massacre, impressionante no terror, no seu poder entre os deuses;

[o deus] de braço levantado,
para quem resplandece a dupla pluma.

- Tu uniste as coroas medeh e afnet.

Tu estendes os braços, e os deuses aí repousam. Atum, faustoso, dia e noite,
cujo nome está escondido mais do que as suas origens, chefe supremo que brilha pelos seus dois olhos, poder venerável,
erguido sobre o seu trono.
Os deuses e os habitantes do horizonte

vivem [da] água que vem à existência sobre ele.

- Quando ele sai do interior do seu ovo,

os que estão na Duat prestam-lhe homenagem.
[E] Rá, à cabeça dos vivos,
aquele que abre perfeitamente a boca para os que estão no céu,
o guia perfeito dos habitantes da Duat.
A Enéade vive quando ela te vê.
O faraó veio a ti, seu senhor.
Ele faz-te oferendas.
Ele diz-te aquilo que tu gostas.
Sê benéfico para ele neste dia!

- Outra adoração de Amon. Recitar as palavras:
- Salve, Amon-Rá, poder divino,

vindo à existência pela primeira vez, senhor da eternidade! Unico,
que pôs no mundo os deuses,
que pôs no mundo os homens,
que pôs no mundo todas as coisas vivas.
Tu sais, só e único, do Nun,
junto do teu pai Geb e tua mãe Nut.

- Tu és o Hórus que ilumina as Duas Terras com os seus dois olhos.

Ainda o disco solar não se encontrava no céu
e já a tua cabeça tinha alcançado o céu longínquo na tua forma de [deus] com plumas elevadas que saem da água.
O seu lápis-lazúli está em volta
tendo o nome daquele que repele o mal.

- Possas tu afastar do faraó todas as influências malignas! Assim como tu lhe ordenas que cumpra as suas funções, da mesma forma salva-o das influências malignas! Ele está dotado com as coroas iabed e mit.

Ele conhece os teus belos nomes que tu criaste (?) enquanto tu estavas só no N un,
no teu nome de criador, cujo coração não se cansa. Aclamações para [vós], todos os deuses
que louvais o vosso senhor,
este único que se esconde de seus filhos.
Ele tem governado esta terra desde que saiu da água. Ele envolveu-se em chama,
e ninguém a elevou no seu nome de Gaf.

- Tu não entregarás o faraó a esse malvado

que está à cabeça de (...)
nem ao vermelho [nem] aos filhos do prostrado. Defende-o, tu o defensor,
protege-o, tu o protector.
Tu és aquele que fizeste os deuses.
A tua forma está sobre ele, vida e prosperidade (?). Ele jamais morrerá, eternamente.

- *Outra adoração de Amon pela alvorada. Recitar as palavras:*
- Tu despertas perfeito, Amon-Rá-Horakhti-Atum-Khepri, Hórus que atravessa o céu,

grande falcão de peito ornado,
de belo rosto sob a dupla pluma, venerável.
Tu despertas perfeito pela manhã, e toda a Enéade [te diz]:
«Aclamação, gestos de alegria para ti!»
Ao entardecer, Khnumit venera-te e passa a noite, grávida.
Depois, a terra ilumina-se, para que tu sejas parido. Tua mãe alimenta-te, cada dia.

- Rá vive, Nik está morto!

Enquanto tu és estável, os teus adversários estão tombados! Tu atravessas o céu longínquo em vida,
perm anência e santidade.
Tu pões o céu em festa na barca do dia.
Tu passas o dia na tua barca divina
enquanto o teu coração está sereno
e M aet aparece gloriosa diante de ti.

- Rá ergue-se, Horakhti brilha.

Quando Khnemti brilha nas suas formas,
a equipagem de Ré rompe em aclamação.
O céu e a terra estão perm anentem ente em alegria. A Grande Enéade [diz-te]:
«Nós fazemos gestos de alegria, Amon-Ré-Horakhti que sai justificado!» (quatro vezes).

- Notas
- O hino do Papiro deBerlim3055, que se conserva no Museu Egípcio de Berlim, foi traduzido e publicado nos tempos mais recentes por J. Assmann, Aegyptuche Hytnnen uni) Gebete, n.os 119-124, e por A. Barucq e F. Daumas, Hymnej et Prièrej, pp. 287-297, onde se baseou a presente versão em português, seguindo a que já fora antes publicada em L. Araújo, O Clero do Deiu Anwn, pp. 279-291.
- Este hino amoniano poderá ser dividido em duas partes fundamentais, uma parte para ser entoada no cerimonial da primeira abertura do santuário e outra para a segunda abertura, contendo ainda mais outras adorações. Tal como outros hinos, também este apresenta várias frases a negro, as quais correspondem a passagens escritas com tinta vermelha.
- Há neste texto expressões já conhecidas de outros hinos, como a apresentação de Amon com o epíteto de «macho dos deuses», que jogam com outros versos de timbre mínico, tal como a pose de «braço estendido». Nota-se, também, a presença de elementos típicos da iconografia amoniana como as duas altas plumas (kachuti), enquanto a coroa ureret está mais relacionada com Osíris. Por outro lado, vê-se a ênfase dada ao rei dos deuses como jovem e como touro, sublinhando a sua capacidade de divindade copuladora. Quanto à atitude de Amon em «calar a arrogância» pode ser uma alusão ao facto de o malvado deus Set ter sido calado por sentença do tribunal divino, numa situação bem conhecida do mito osírico (veja-se mais à frente). Na verdade, a sentença é proferida pelo deus Ré, mas aqui o que

conta é o sincretismo de Amon-Ré, «senhor dos tronos das Duas Terras em Karnak».

- Tal como noutros textos semelhantes, aqui vemos a associação a Ptah (criação pela palavra) e a referência a uma das classes de seres humanos criados pelo deus, os rekhil.
- A referência a «outra adoração» permite deduzir que o oficiante do culto poderia escolher entre as várias fórmulas, subordinando-se ao tipo de solenidade ritual.
- O texto que apresenta os hinos cantados na segunda abertura do santuário é mais longo, surgindo aqui situações já antes focadas: jogos de palavras entre Amon escondido (imn) e estável (/zz/z), evocações da Enéade, associações a Ptah, Ré, Atum, Khepri, Khnum e outras divindades, sendo de salientar uma expressão de alto valor teológico acerca das ligações entre Amon e a preponderante deusa Maet: «Ela fez-te, a filha que tu fizeste». E assim se apreende que Maet é ao mesmo tempo mãe e filha de Amon!
- Também aqui aparecem elementos da iconografia amoniana, as coroas e os ceptros, além de enfatizações mínicas relacionadas com as capacidades copula- dores de Amon (daí o epíteto de Kamutef, já antes surgido).
- Quanto à «grande mágica», é a deusa Isis, sendo também aqui de referir as alusões à terra (Geb) e ao céu (Nut), e a Set, visto como sendo o malvado, o vermelho ou o prostrado. Note-se, por fim, que Amon é venerado por Khnumit, que é uma estrela.
- Referências
- ABNT
- ARAÚJO, Luís Manuel de. Hinos à Rá. in:__________. Mitos e Lendas: Antigo Egipto. Lisboa/PT: Livros e Livros, 2005. p.45-60.
- Louvor da Nesikhonsu a Amon
-
- Mitologia Egípcia, Amon, Rá, Ré, Amon-Rá, Louvor da Nesikhonsu a Amon
- Por Luís Manuel de Araújo
    - É o deus majestoso, o senhor de todos os deuses, Amon-Rá, senhor do trono das Duas Terras, que preside em Karnak, ba
venerável que no começo veio à existência,
deus grande, que vive de maet,
primeiro [deus] primordial
que fez vir ao mundo os [deuses] primordiais, através do qual todos os deuses vieram à existência,
o uno que perm anece único, que fez o que existe, [quando] a terra começou pela primeira vez. Misterioso de nascimento, de formas inumeráveis, de quem se ignora a origem. Poder majestoso, bem-amado, prestigioso, imponente nas suas aparições gloriosas, senhor majestoso, poderoso no seu ser.
Todos os seres vieram à existência
quando o seu ser começou a existir.
Não existe nada que não esteja nele.

Ele iluminou a terra pela primeira vez,
grande disco de raios brilhantes.
Quando ele aparece [no céu], todos os homens vivem.

- Ele atravessa o céu longínquo sem se fatigar,

e cada manhã o seu percurso está fixado. Envelhecido, de manhã,
eleva-se como um jovem. Atingindo as fronteiras da eternidade,
ele circula no céu longínquo e percorre a Duat
para iluminar as Duas Terras que ele criou.
Deus divino que se fez a si próprio,
que fez o céu e a terra, segundo o seu desejo,
antigo dos antigos, grande dos grandes,
venerável, ele é mais venerável que os [outros] deuses, jovem
touro de cornos afiados.
As Duas Terras tremem quando ouvem o seu nome venerável, A
eternidade vem colocar-se sob o seu poder,
ele apodera-se dos limites da perenidade.
Deus venerável desde que começou a vir à existência,
que segura as Duas Terras pela sua força,
deus com dupla cabeça de carneiro,
cuja forma é distinta, mais agradável que a de todos os deuses.
Leão feroz, cujos olhos divinos queimam,
senhor da chama contra os seus inimigos.
Nun venerável, que se revela na sua hora
para fazer viver o que sai do seu torno.
Ele percorre o céu longínquo, ele circula na Duat,
ele ilumina a terra no seu lugar de ontem.
Senhor de força, de sagrado prestígio,
que pelos seus raios torna misterioso o seu corpo.
O seu olho direito e o seu olho esquerdo
são o disco solar e a Lua.
O céu e a terra são penetrados pela sua perfeição luminosa, rei
beneficente, infatigável, pontual, no nascer como no deitar. Os
homens saíram dos seus olhos divinos;
os deuses, das palavras da sua boca.
Criador dos alimentos, começo da alimentação,
que criou tudo o que existe.
Senhor da duração,
que atravessa os anos, sem que seja limitada
a duração da sua vida;
envelhecido rejuvenesce,
que não cessa de percorrer a eternidade,
pessoa idosa que refaz a sua adolescência, [deus] com
numerosos olhos, rico em orelhas,
que guia milhões quando reluz.
Senhor de vida, pródigo no seu amor.
O círculo da terra depende dele,
que, sem qualquer problema, ordena o que deve ser feito
e nada do que ele fez pode ser destruído.
[O seu] nome é doce, e agradável o seu amor.

Ao amanhecer, todos os homens o imploram,
[tão] grande é a sua força, imenso o seu poder.
Todos os deuses o respeitam e o reverenciam,
jovem touro que repele os seus adversários,
[deus] de braço poderoso que combate os seus inimigos, esse mesmo deus que fez recomeçar a terra
segundo os seus desejos;
ba que brilha através dos seus dois olhos divinos,
que se manifesta (?), ele mesmo, quando ele vem à existência.
Ente sagrado, que ninguém conhece.
E o rei que faz os reis,
que organizou os países segundo [uma] ordem que ele emitiu.
Deuses e deusas curvam-se ante o seu poder,
devido ao seu prestígio.
Vindo no princípio, ele realizou o fim.
Ele fez começar os países segundo o seu desejo. Misterioso de formas, ninguém o conhece,
[ele] que se esconde mais que qualquer outro deus.
Manifestando-se (?) como disco solar,
ele não é [no entanto] conhecido,
[porque] esconde-se de quem saiu dele.
Lucerna brilhante, de abundante claridade,
ninguém pode olhar senão através do interior do seu olhar.
Passamos o tempo a olhar, sem no entanto ficarmos saciados.

- Ao amanhecer, todos o veneram,

[deus] brilhante nas suas aparições gloriosas entre a Enéade. A sua forma é a forma de cada deus.
O Nun que vem do Sul e o vento do Norte
estão no interior desse deus misterioso.
Ele faz decretos para milhões e milhões.
As suas decisões não são titubeantes,
estáveis são as suas palavras, eficientes, as suas ordens,
e sem desfalecimento a sua ação.

- Ele não cessa de marcar a duração da vida

e duplica os anos daqueles que merecem o seu favor. Bom protector para aquele que o guarda no seu coração, fundador da eternidade e da perenidade,
rei do Alto e do Baixo Egipto, Aunon-Ré, rei dos deuses, senhor do céu, da terra, das águas, das duas montanhas. A terra começou quando ele veio à existência.
Ele é venerável, ele é distinto,
mais que todos os deuses do primeiro tempo primordial.

- (Variante)
- [É] o deus majestoso, senhor de todos os deuses, Amon-Rá,

senhor do trono das Duas Terras,
que preside em Karnak,
ba venerável que veio à existência no começo,
[deus] primordial que pôs no mundo os [deuses] primordiais.
Deus único que se fez em milhões [de formas]

e por quem todos os deuses vieram à existência,
que fez a luz para ver aquilo que tinha criado.
Desde que existem os seus raios, todos podem ver.
Ele abriu as Duas Cavernas,
ele despertou os dois bai divinos
satisfeitos pela luz do seu disco.
Aqueles que estão estendidos erguem-se para o ver;
os seus gritos de alegria circulam de boca em boca.
Como o Nilo, ele esforça-se por fazer viver aquilo que ele criou.
Os olhares glorificam-se com a sua perfeição.
Os alimentos são dados a todos os deuses pelo seu *ka*,
as oferendas são estipuladas para os seus bcu.
Ele vem com o vento, mas ninguém o vê.
A noite está cheia da sua presença.
O que se encontra em cima e o que se encontra em baixo foram feitos por ele.
Ele é aquele que se produz para além de si mesmo.
O seu oráculo é firme, as suas ordens são sublimes,
os seus planos nunca falham.
Ele é o rei do Alto e do Baixo Egito, Amon-Rá, rei dos deuses,
senhor do céu, da terra, da água e da montanha. A terra começou quando ele veio à existência. Ele é venerável, ele é eminente,
mais que todos os deuses dos tempos primordiais.

- Notas
- O louvor a Amon consta na introdução ao decreto feito para a sacerdotisa Nesikhonsu. Trata-se mais de um elogio ao deus que de um hino, mas ele está cheio de alusões mitológicas e tem um grande interesse teológico. Deste texto existem duas versões: um papiro que está no Museu Egípcio do Cairo (Papiro do Cairo58032) e uma tabuinha com inscrição em hierático, também no mesmo museu (56891). Estes dois documentos foram estudados e publicados por vários egiptó- logos desde a primeira iniciativa de G. Maspero, em 1884, e mais recentemente foram publicados por J. Assmann, Aegypt Lfche Hymnen und Gebete, n.° 131, e por A. Barucq e F. Daumas, Hynrnej et Prièreo, pp. 255-261, que serviu de inspiração para a presente versão em português, seguindo a que já fora antes publicada em L. Araújo, 0 Clero do Bead Amon, pp. 291-295.
- O texto apresenta Amon nas suas diferentes e bem conhecidas valências, com as habituais aliterações e jogos de palavras, com enfatizações hóricas, mínicas, outras, e associações a Ré, Khnum, e outras divindades. Em todo o caso, também neste texto se pode detectar o esforço dos letrados e hinógrafos amonianos em proclamar a sua divindade como única, sendo as manifestações dos outros deuses nada mais do que manifestações de Amon, o rei dos deuses (neju-netjeru). Refira-se, ainda, que a evocação das duas montanhas alude às cadeias líbica e arábica que limitam a oeste e a leste o vale do Nilo.

- A variante apresentada consta também na introdução ao decreto para a sacerdotisa Nesikhonsu e consta na antologia de A. Barucq e F. Daumas, Hymned et Prièreo, pp. 261-262. A presente versão em português, segue a que já fora antes publicada em L. Araújo, 0 ClerodoDeujAmon, pp. 296-297.
- Embora de forma mais contida, também neste texto se enfatiza o grande poder de Amon, senhor do trono das Duas Terras, com associações a Chu (deus luminoso) e a afirmação da sua unicidade. Vê-se até Amon a intrometer-se no mundo próprio de Osíris, pois «aqueles que estão estendidos», isto é, os defuntos, erguem-se para o ver. Após esta introdução elogiosa, é que começa o decreto para a divinização de Nesikhonsu.

ANEXO -HUMAN SACRIFICE IN ANCIENT EGYPT

Offerings to the Gods

One form of human sacrifices to the gods may have been in the form of slaying criminals and prisoners of war. Some early dynastic depictions of sacrifices have been found, showing a man holding a bowl, possibly using it to catch the blood of a victim who is seated in front of him. The man and the victim are normally before either gods or men of power, making it seem as if these scenes are of human sacrifices. Despite the pictures, there is not enough information as to why it was done, what happened with the blood in the bowl, or for whom it was done. Other than the human sacrifice theory, there is another theory as to what is happening in the scenes:



Two slabs were discovered dating to the beginning of the 1st Dynasty, one in Abydos concerning King Aha and the other in Saqqara, concerning King Djer. Each slab depicts a seated person directing a pointed instrument to the throat or chest of another person who is kneeling backwards with his arms tied behind his back. Petrie, Emery and Zaki Saaed believed that this denotes human sacrifice whereas Vikentiesf and Hussain believe it to be a tracheostomy being performed. The latter view is more appropriate as the lancet is used as a determinative "to breath" rather than the habitual signs of the nose or the sail. In Aha's slab the sign Ankh is present; the way the scalpel is handled is more appropriately directed to the trachea than the neck vessels as obviously the best way for slaughtering was known even at prehistoric times!

-- Medicine and Surgery in Ancient Egypt, Ahmes L. Pahor

Later in Egypt's history, Amenhotep II of the 18th dynasty claimed to have executed seven Syrian princes at the temple of Amen in Karnak, then displayed six of the bodies on the temple walls. Although he did not claim

that it was a sacrifice to the gods, it shows that there is enough evidence that prisoners were killed at temples, making the depiction of Predynastic killings in front of deities likely to have actually happened.

The Cannibal Hymn

Not strictly an offering to the gods, the Cannibal Hymn of Unas and Teti talk of cannibalism to gain power from the gods in ancient Egypt. The Pyramid Texts have a section that seems to hint that in Predynastic times, the ruler could gain the magical powers of the gods through human sacrifice.

Utterances 273 - 274 of the Pyramid Texts, known as the Cannibal Hymn, describe the pharaoh as a god who cannibalises the gods - 'A god who lives on his fathers and feeds on his mothers ... who lives on the being of every god, who eats their entrails ... Pharaoh is he who eats men and lives on gods.'

It is a blood-thirsty text of the power of the pharaoh, talking of death and killing and devouring of body parts. This seems to combine ritual cannibalism with sacrifices to the gods, but there is no direct evidence that cannibalism was normally practiced in ancient Egypt.



There is, though, a suggestion that cannibalism may have occurred during times of great famine and drought. During the First Intermediate Period, there was a great famine, dust storms, plague, and political strife that affected the country for decades. Ankhtifi (Ankhtify), Nomarch (governor) of the 3rd Nome of Upper Egypt during this time, left on his tomb this

message: "...the sky was clouded and the earth [...] of hunger on this sandbank of Apep... All of Upper Egypt was dying of hunger and people were eating their children, but I did not allow anyone to die of hunger in this nome."

Despite his boasting, Ankhtifi may not have be lying about people being reduced to eating their children to survive. Abdel-Latif Al-Baghdadi, a physician/scholar from Baghdad who was in Egypt between 1194 to 1200 AD, tells of people who habitually ate human flesh; parents even ate their own children. Graves were ransacked for food, assassinations and robbery reigned unchecked and noblewomen implored to be bought as slaves. These horrific scenes had been caused by a low Nile flood, two years running.

Human Heads in the Book of the Amduat

In the depiction of Seventh Hour from 'The Book of the Amduat' (Imydwat), are four rectangular shaped frames with a bed or a mound of sand inside, surmounted with two human heads, one at each end. E. A. Wallis Budge calls them the 'Four Tombs of Osiris', saying that the heads were supposed to come forth when they heard the voice of Re as he traveled through that particular area of the underworld.



It was, no doubt, a custom in Predynastic times to slay slaves at the graves of kings and nobles in order that the souls of the slaughtered might protect them and keep away evil spirits. The human heads on the tombs of Osiris probably represent a tradition that, when Osiris was buried, human sacrifices were offered at his tomb for this or for some similar purpose.

-- The Gods of the Egyptians, E. A. Wallis Budge

This may or may not relate to any human sacrifice. E. Hornung has a different description than Budge: "... we once again observe the [four] burial place[s] of the sun's [Ra's] corpse..." There are no references in the text to the killing of humans for the protection of Ra as he travelld.

n the case of the former-- sacrifice of prisoners. The earliest evidence we have for this is non other than the Narmer Palette.



What is interesting is that the exact ritual shown on the palette was practiced in other African societies such as those in West Africa as pointed out by Diop in his *Origins of African Civilization*. The African king has given his sandals to his servant behind him, going barefoot to mark the site of the sacrifice as sacred ground. The mace was long noted by Egyptologists as the sacrificial weapon. The African king's servant also holds a kettle of water used for ablutions to purify the king after the act. above the smiting/sacrifice seen are totems. The hawk representing Narmer and his people as it stands on top of a segment of land with reeds and a man's head representing the Delta.

he Nubian temples also show queens involved in executing enemies. I'm not entiely sure who the enemies are in these cases, (they look like Asiatics). Only on a few occasions were queens thus depicted in Egypt. One such was Nefertiti,who was shown smiting a female captive.



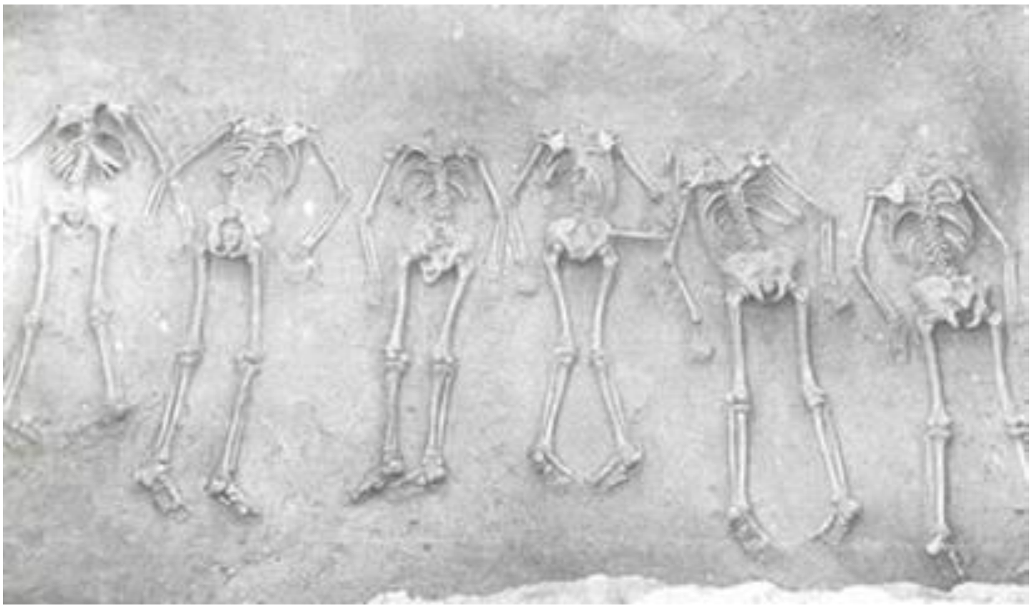
Not all sweetness and light, then!

nother form of human sacrifice in Ancient Egypt may have been the ritualized killing of prisoners of war. All the temples were adorned with images of the pharaohs smiting captives from their campaigns in Syria, Nubia and Libya, and some think that such scenes were actually enacted.



The Romans (who somewhat hypocritically condemned the human sacrifices performed by other cultures) also used to ritually execute captive enemies at the culmination of their triumphal precessions. Cleopatra's sister Arsinoe was lucky to escape this fate after being paraded in Caesar's triumph (celebrating his victory over both the Gauls and the Alexandrian rebels). The Celtic chieftain Vercingetorix won no such reprieve.

ANEXO HUMAN SACRIFICE IN ANCIENT Chinese LAND



The practice of human sacrifice was very common in ancient China, particularly during the Shang Dynasty—the first Chinese dynasty with written records. In fact, archaeological evidence suggests that human sacrifice was practiced on a grand scale during the Shang dynasty. The purpose was twofold: political control and religious communication.

Experts believe that there were three types of human sacrifice practiced by the Shang. In pit sacrifices, young men were sacrificed. Their bodies were dismembered and they were buried without their personal possessions. In foundation sacrifices, children and babies were used. Archaeological evidences show that these human sacrifices experienced violent deaths, and they too were buried without possessions. Finally, in internment sacrifices, young girls were sacrificed. Unlike the first two, they were buried in the standard burial position and their bodies were kept intact.